



**A**

3 9015 00364 450 0

University of Michigan - BUHR

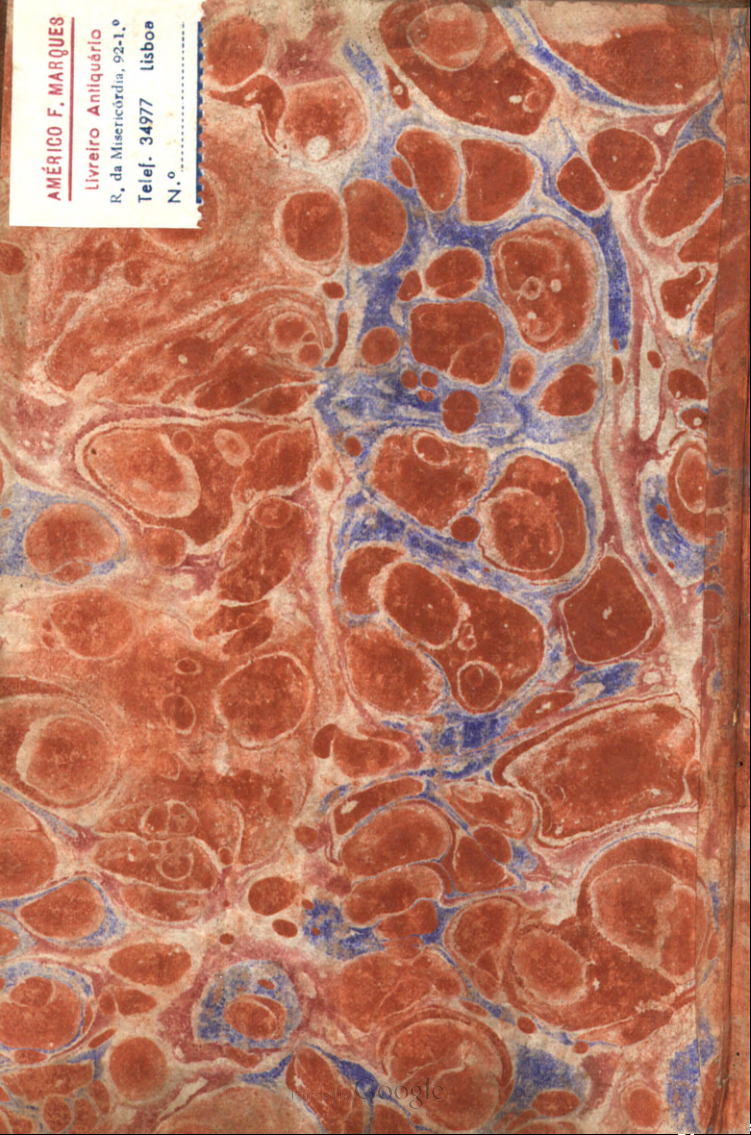
**AMÉRICO F. MARQUES**

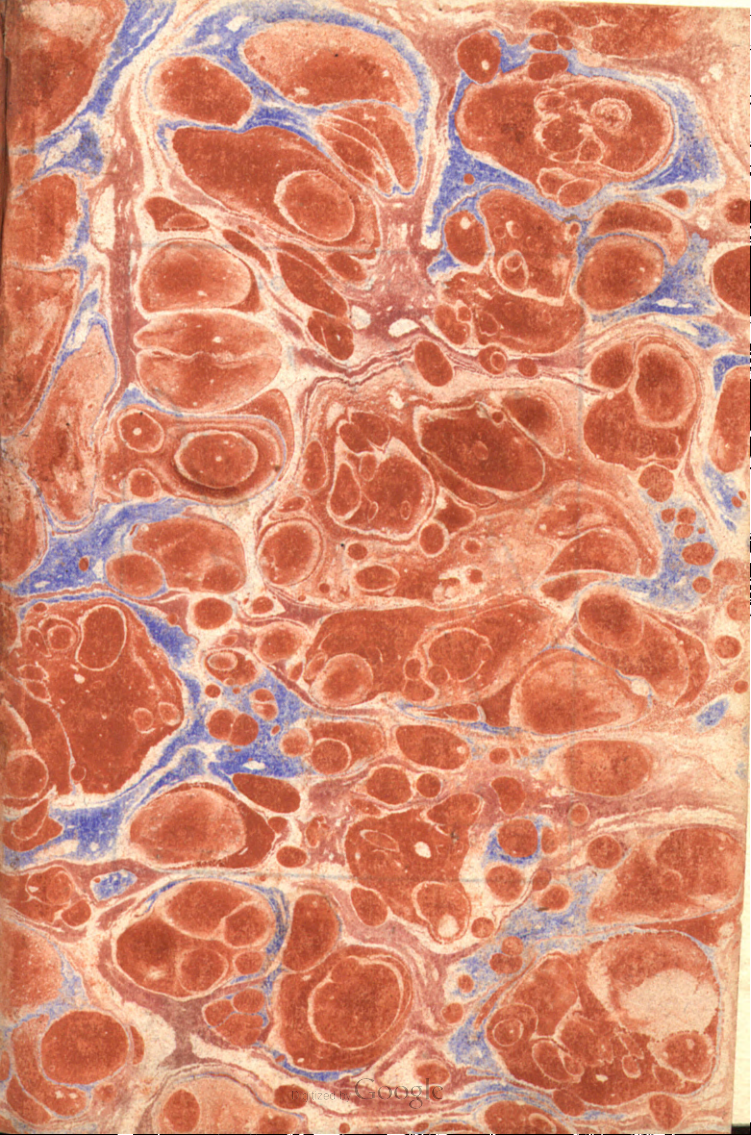
**Livreiro Antiquário**

R. da Misericórdia, 92-1.º

Telef. 34977 Lisboa

N.º





PROPERTY OF

The  
University of  
Michigan  
Library

1817

---

ARTES SCIENTIA VERITAS

---





PRIMEIRA PARTE  
DA  
HISTORIA DO IMPERADOR  
CARLOS MAGNO,  
E DOS DOZE  
PARES DE FRANÇA,

TRADUZIDA DO CASTELHANO EM PORTUGUEZ,  
COM MAIS ELEGANCIA PARA A NOSBA LINGUA,  
POR JERONIMO MOREIRA DE CARVALHO,  
MEDICO DO PARTIDO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,  
DOS EXERCITOS DA PROVINCIA DO ALEM-TEJO,  
E FYSICO-MÓR DA GENTE DE GUERRA DO REINO  
DO ALGARVE.

DIVIDIDA EM CINCO LIVROS.

NOVA EDIÇÃO.

*R. M. S. Lermont.*

L I S B O A ,  
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

—  
1863.

PN  
687  
05  
HG7



## DEDICATORIA

### A CHRISTO CRUCIFICADO.

*A* quem, senão a Vós, Senhor, hei de dedicar huma Obra, que só em vosso louvor foi feita? Peleijou Carlos Magno, e seus Cavalleiros contra os Infieis, só por augmentar a vossa Lei santissima, e restaurar as vossas Sacrosantas Reliquias, que indecentemente estavaõ em poder dos Turcos cativas.

He certo, Senhor, que o valor Vós lho déstes, porque sem elle não podia taõ pequeno braço vencer quasi todo o poder do mundo. Vós o fizestes segundo David contra Saul. E bem parece que o comparastes ao vosso coração, pelas muitas vezes, que lhe revelastes occultos mysterios; porque assim costumais pagar a quem vos serve com elle limpo.

Bem o experimentámos nós os Portuguezes muitas vezes nas vossas Conquistas, quando fomos em vosso Nome semear a vossa santa Doutrina, e o fizestes ao nosso primeiro Rei D. Affonso, quando pela vossa Fé peleijou no campo de Ourique com tanta multidaõ de Mouros.

**E assim, Senhor, vos peço muito hu-  
mildemente queirais plantar o mesmo nos  
corações dos Monarcas Catholicos, para  
que imitem a Carlos Magno, e a seus vas-  
sallos, para que sigão a seus Cavalleiros:  
e aos Turcos, e Infieis, para que se focão  
Catholicos, e morramos todos no vosso san-  
to serviço.**

## PROEMIO

Lemos nas Historias Troianas, que depois da destruição de Troia houve hum Rei muito nobre, e valeroso, chamado Franco, o qual foi companheiro de Eneas em muitas batalhas, e grandes feitos em Cavallerias.

Partindo-se Franco de Troia, veio aportar na Região de França, que então se chamava de outra maneira, e pelas suas crescidas proezas foi muito bem recebido de toda a gente, e levantado por seu Senhor.

1. Tanto que se vio pacifico, e dominante de tudo, mandou edificar huma Cidade, e por honra de seu nome foi chamada França; e depois foi levantado por Rei della.

2. Depois de Franco succedeo Priamo, e reinou quinze annos.

3. Depois de Priamo succedeo Deronio, e reinou trinta e tres annos.

4. Depois de Deronio succedeo Feramundo, e reinou onze annos.

5. Depois de Feramundo succedeo Clovis, e reinou dezoito annos.

6. Depois de Clovis succedeo Meronio, e reinou dez annos.

7. Depois de Meronio succedeo Hilderico, e reinou dezasete annos.

8. Depois de Hilderico succedeo Clovis, o primeiro Rei Christão de França, o que foi no anno quatrocentos e oitenta e quatro do Nascimento de Christo. Deste Clovis faremos alguma menção, como a diante se verá.

## NO PRIMEIRO LIVRO

Se trata do primeiro Rei Catholico de França, e de ElRei Pipino, Pai do Imperador Carlos Magno, e como este foi eleito Imperador dos Romanos, ganhou Jerusalem, e Reliquias, que trouxe, e milagres que houve, e outras circumstancias.

## NO SEGUNDO LIVRO

Se trata dos doze Pares de França, e da batalha do Gigante Ferabraz, Rei de Alexandria, com Oliveiros; e como este o venceo, e fez baptizar; e cativo de Oliveiros com quatro companheiros, e da formosa Floripes, filha do Almirante Balaõ, e da prizaõ de todos os doze Pares, e das proezas, que estes fizeraõ contra o Almirante, e do soccorro de Carlos Magno, e da morte do dito Almirante; e dos Gigantes da ponte de Mantible, e outros prodigiosos successos.

## NO TERCEIRO LIVRO

Se trata como o Apostolo Sant-Iago Maior appareceo a Carlos Magno, e Templos, que lhe fez: trata-se de hum estupendo idolo, e batalhas, que deo Carlos Magno: trata-se do vencimento do grande Gigante Ferragús, e outras cousas milagrosas, e prodigiosas.

## NO QUARTO LIVRO

Se trata da Consagração da Igreja de Sant-Iago de Galliza; da traição de Galalaõ, e como elle foi morto; e da morte de Roldaõ, e dos do-

ze Pares, e visãõ do Arcebispo Turpim sobre a  
morte de Roldão; da morte de Carlos Magno, e  
outras cousas milagrosas.

**NO QUINTO LIVRO**

**Trata-se do nascimento, e morte de Roldão.**

# LIVRO PRIMEIRO.

## CAPITULO I.

*Como ElRei Clovis, sendo Pagaõ, e Infiel, teve por mulher a Clotildes Christã, neta delRei Guido, e sobrinha delRei Agabundo de Borgonha.*

**N**o qual tempo, sendo já os Borgonhezes Christãos, tinhaõ por Rei, e Senhor ao nobre Guido, o qual tinha quatro filhos: Ao primeiro chamáraõ Agabundo, que succedeo no Reino, e depois fez matar a hum seu irmão, chamado Hisperico, e fez deitar em hum rio a sua mulher; e a duas filhas, que eraõ suas sobrinhas, mandou desterrar huma de todas as suas terras, e senhorios, e deixou ficar consigo a outra, chamada Clotildes, e a teve consigo, pela sua grande virtude, e formosura. Neste tempo ElRei de França, chamado Clovis, que era grande Pagaõ, e Infiel, ordenou a enviar Embaixadores a ElRei Agabundo, que era Christão, para com elle tratar certos negocios, os quaes foraõ com effeito com a Embaixada, e dilatando-se alguns dias para receberem a resposta, tiveraõ lugar entre tanto para observarem os costumes do Reino, e verem repetidas vezes a grande formosura de Clotildes, sobrinha delRei Agabundo.

Recebida a resposta, voltáraõ os Embaixadores para França; e depois de darem a ElRei Clovis a resposta da Embaixada, lhe contáraõ muitas cousas, que tinhaõ visto em Borgonha, e principalmente no Palacio delRei Agabundo, que naõ eraõ costumadas entre os Francezes; fazendo-lhe o modo de viver dos Christãos abominavel, e feio.

Mas entre as mais cousas, que lhe disseraõ, foi gabar-lhe muito a grande formosura de Clotildes; af-

firmando todos não haver visto outra tão perfeita em virtudes, e formosura: as quaes cousas geráráo, e radicáráo hum muito grande, e crescido amor no coração de Clovis, e huma grande pena de não poder ver esta tão formosa Senhora.

Despedidos os Embaixadores se pôz Clovis a imaginar, e discorrer o modo, como poderia haver tão formosa donzella para sua Esposa; principalmente tendo o effeito por impossivel, por ella ser Christá, e elle Pagaõ, e Infiel.

Estando alguns dias nesta contemplaçaõ, se resolveo a descobrir o seu segredo a seu confidente Aureliano, que era mui astuto, e sagaz Cavalheiro, assim para alliviar a sua pena, como para dar remedio, e conselho á sua paixãõ.

Ouvindo Aureliano as dolorosas palavras delRei, ficou muito admirado, e o queria reprehender; mas como o vio tão afflicto, receou, que a reprehensãõ fosse causadora de maior pena, e tambem porque em tal caso, poucas, ou nenhuma vez aproveita este remedio.

Querendo pois Aureliano consultar a ElRei, lhe disse: — Que não se entristecesse, e que se divertisse; porque lhe promettia de o fazer ver a formosa donzella Clotildes, por qualquer modo, ou maneira, que fosse, e que se obrigava a perder a vida, se não fizesse o que promettia. — Tomando entãõ ElRei algum alento, lhe disse: — Que o puzesse logo por obra, e que pedisse tudo o que fosse necessario, que logo lho daria. — Foi Aureliano beijar-lhe a mãõ, e se despedio, dizendo: — Que brevemente o livraria daquella grande pena. —

Voltando Aureliano para sua casa, se pôz a imaginar, e discorrer no modo que havia de ter para se effectuar a promessa, e contrato, que com ElRei tinha feito; e depois de haver cuidado bem em todas



as cousas, que mais proveitosas lhe pareciaõ para o tal fim, lhe veio á memoria como dahi a quinze dias celebravaõ os Christãos a Pascoa do Nascimento de Christo Nosso Salvador, e que a formosa donzella Clotildes tinha por devoçaõ ir aquella noite a Matinas, que levava grande copia de dinheiro para dispender com os pobres, que estavaõ á porta da Igreja, dando com a sua propria maõ a cada hum certa moeda de esmola por honra da festa.

Tendo Aureliano assentado neste modo, se foi muito contente a Palacio, e disse a ElRei: — Senhor, já tenho achado modo, com que possa ver, e fallar á formosa Clotildes, e he, que me hei de vestir em trajo de pobre, e ir juntamente com os mais á porta da Igreja, a noite, que os Christãos celebraõ a festa da Natividade, e tomar da maõ de Clotildes esmola, como os mais pobres, e ahi lhe posso fallar. —

Quando ElRei ouviu o modo, ficou muito contente, e satisfeito; e o teve por bom, admiravel, e sólido; e lhe disse Aureliano, que mandasse Sua Magestade fazer sómente hum anel de ouro muito rico, em que estivesse esculpido o seu rosto: e logo ElRei o mandou fazer.

Preparado Aureliano, se partio em trajo de pobre para a Côrte de Clotildes, e logo se pôz á porta da Igreja com os mais pobres, e vindo a formosa Clotildes acompanhada das suas Damas, começou a dar esmola, e Aureliano se chegou a ella para receber a sua, e como ella estendeo o braço para lhe dar huma moeda, lhe pegou Aureliano na maõ, e a beijou; e ella olhou para elle muito admirada, e conheceo, que ainda que os seus vestidos eraõ pobres, que devia ser homem de authoridade; e tendo vontade de lhe fallar, por ser a gente muita, o não pôde fazer.

Acabadas as Matinas, sahindo Clotildes da Igreja com as suas Damas, vio sómente a Aureliano á por-

ta, o qual depois de a haver visto lhe fez grande corteza, e reverencia, como homem de Palacio; e acabou de conhecer Clotildes ser homem bem nascido.

Tanto que Clotildes chegou a Palacio, se pôz a imaginar naquelle caso, admirando-se do seu atrevimento, e desejando saber quem era, o mandou logo chamar, por entender que seria algum pobre Fidalgo. Aureliano, que não tinha cousa alguma de lerdo (porque era muito entendido) considerando que seria chamado, não se afastou da porta da Igreja, até que o chamou o Mensageiro; e Aureliano fingindo turbacão, e medo, se foi com elle ao Palacio; e chegando diante de Clotildes lhe fez tres reverencias, e sem turbacão alguma se pôz de joelhos para lhe beijar a mão, porém ella o não quiz consentir; mas mostrando algum enojo, lhe disse: — Porque finges ser pobre? — Aureliano lhe respondeo: — Senhora: he verdade, que eu não sou pobre, mas sim Mensageiro del-Rei Clovis de França, o qual te roga, que queiras ser sua Esposa, e serás Rainha de França: e te manda este anel em signal de fé, e promettimento de Matrimonio. — Ella lhe tomou o anel, e lhe disse: — Que não pertencia a Pagaõ, e Infel casar com mulher Christã, e que além disso, não estava este negocio na sua mão, senão na del-Rei seu tio. — E assim se despedio Aureliano, e conheceo, que não pezeria a Clotildes do tal casamento, e se foi para França com muita alegria; e assim o disse a El-Rei Clovis, seu amo.

Parecendo-lhe a Clovis, pelo dito de Aureliano, que Clotildes seria contente do casamento, mandou logo Embaixador a El-Rei Agabundo, pedindo-lhe a sua sobrinha por esposa. Dada a Embaixada, respondeo Agabundo, que em tal cousa não consentia. Porém, visto pelo Conselho de Estado o bem, que procedia da amizade com El-Rei Clovis, aconselharaõ, e rogaraõ, a El-Rei Agabundo, que fizesse o casamento; porém Agabundo o recusava muito.

Neste tempo veio o Thesoureiro de Agabundo com o anel, que Clovis tinha mandado a Clotildes, que o tinha achado no Thesouro, aonde ella o tinha deitado, e disseraõ todos, que era o rosto delRei Clovis. Visto isto, consentio entaõ Agabundo no casamento, e Clotildes foi levada com grande pompa, e triunfo para França, e se desposou com ElRei Clovis com condiçaõ de não deixar Clotildes a Fé de Christo.

## CAPITULO II.

*Como ElRei Clovis foi rogado de Clotildes, que deixasse os seus falsos Idolos, e abraçasse a Fé de Jesu Christo.*

Chegada a noite das vodas, encostando-se ElRei, e a Rainha no seu leito, ella toda inflammada no amor Divino, lhe disse: — Amado, e querido Esposo, e Senhor meu; peço-te, que me concedas huma mercê, antes que chegues a mim. — ElRei lhe respondeu: — Querida Esposa, pede o que quizeres, que tudo te será concedido. — Disse ella entaõ: — O primeiro, que te peço, he, que crêas em Deos todo poderoso, que fez o Ceo, e a terra, e em Jesu Christo hum só seu Filho, que te remio com a sua sacrosanta Paixaõ, e precioso Sangue; e no Espirito Santo consolador, e illuminador de todas as boas operações, e procedente do Pai, e do Filho, Santissima Trindade em huma só Essencia. Cré na Santa Igreja Catholica, e deixa os teus falsos Idolos, feitos por mãos de homens: e te peço, queiras pedir a Agabundo meu tio a parte dos bens, que me tocaõ de meu Pai, e Mãi; pois os fez matar sem razãõ alguma. —

ElRei lhe respondeu: — Tu me pedes huma cousa muito difficultosa, que he o deixar os meus Deoses, que tantas mercês me tem feito; e assiim pede outra cousa, que eu de boa vontade ta concederei. — Respondeo Clotildes: — Eu não tenho outra cousa, que te peça, senaõ que adores a Deos, Creador de todas

as cousas. — ElRei não lhe respondeu, nem ella lhe disse mais cousa alguma, só pelo não desgostar.

Ao outro dia mandou Clovis Embaixador a Agabundo pedir-lhe as terras, que pertenciaõ a Clotildes sua sobrinha; porém não lhas quiz dar; mas por conselho dos seus lhe mandou grandes Theouros pelo Embaixador, só por evitar discordias.

Passado conveniente tempo, pario Clotildes hum filho, e o fez baptizar contra vontade delRei seu Pai; e passados tres dias, morreo o menino; e Clovis disse a Clotildes: — Se tu o não baptizáras, e o offercêras aos meus Deoses, elle não morrerá. — A Rainha lhe respondeu: — Querido Esposo, disto não tenho pena alguma, mas antes estou muito contente, e dou graças ao Omnipotente Deos, que quiz receber no seu santo Reino o primeiro fruto do meu ventre. —

No anno seguinte pario a Rainha outro filho, e foi baptizado, e esteve muito enfermo, e de sorte, que imaginavaõ todos que morria; e assim disse ElRei á Rainha: — Bem te disse eu, que o não baptizasses, e logo não morreria; mas já não tem remedio; porque os meus Deoses estaõ por essa causa irados contra mim. — A Rainha com temor delRei, rogou a Deos com grande fé pela saude do menino, e logo sarou, e teve saude perfeita.

### C A P I T U L O III.

*Como ElRei Clovis não alcançando victoria contra seus inimigos, se fez Christão.*

— Neste tempo fez ElRei Clovis guerra aos Christãos vizinhos de França; e estando em campo com todo o seu poder, mandou alistar os que eraõ capazes para pelejar, e se acháraõ cento e trinta mil homens; e assim procurou saber por alguns Christãos cativos, quantos seriaõ os Christãos, que se achavaõ alistados no Exercito; e lhe disseraõ, que seriaõ até sessenta mil homens.

Sabendo isto, teve a victoria por certa, por ter dobrado número de gente: e assim começou logo a mandar marchar o Exército, e ir buscar os inimigos, que estavaõ perto. Como os Christãos souberão a vinda dos Infiéis, se puzerão em boa fôrma, e ordenança, e com magnanimo coração, confiados, principalmente na ajuda de Deos os esperáraõ.

Chegáraõ os Infiéis, e sem ordem alguma começaram a batalha, a qual foi demasiadamente cruenta, e quiz Deos Nosso Senhor Jesu Christo, que em pouco tempo foraõ os Infiéis desbaratados de tal sorte, que foi forçoso a ElRei Clovis fugir para hum monte, que estava perto, e d'elle estava vendo como a sua gente sem resistencia morria ás mãos dos Catholicos, que os seguiraõ com grande violencia.

Estando Clovis em tão grande aperto, começou a amaldiçoar os seus Deoses; e neste tempo chegáraõ a elle alguns Cavalheiros, que pela industria da Rainha eraõ Catholicos, e criaõ na Fé de Christo, e lhe disseraõ: — Senhor, he sem dúvida, que isto procede do infinito poder dos Christãos; e assim convém muito para a tua salvaçaõ, crêr no verdadeiro Deos, que a Rainha continuamente louva, e te admoesta. — Neste tempo vio Clovis como a sua gente, largando as armas, tratavaõ sómente de fugir para o monte, onde elle estava.

Vendo isto Clovis, banhado em lagrimas se pôz de joelhos, e em grandes, e altas vozes começou a lamentar dizendo: — O' Jesu Christo, Filho do verdadeiro Deos, no qual minha mulher crê, e confessa ser aquelle, que ajudais nas tribulações, e dais remedio aos que em vós esperaõ! Eu contrito do coração vos peço favor, e ajuda, para que a minha gente se livre das cruéis mãos dos Christãos, que com grande crueldade os mataõ: que eu vos prometto de todo o coração receber com toda a minha gente o San-

to Baptismo; pois confessô, e creio, que só vós sois o verdadeiro Deos, e Senhor Omnipotente; e os Deoses, a quem até agora adorava, são huns Idolos falsos, caducos, e impotentes. —

Acabado de dizer isto (caso raro!) vio que os Christãos se retirárao logo para o seu arraial sem mandado dos Capitães, e não seguirao mais os Infieis. Tanto que Clovis vio este prodigio, mandou logo tanger os Anafis para recolher a gente, que ficou, e com ella foi para França; e contou á Rainha tudo o que lhe tinha succedido com os Christãos; de que ella teve grande contentamento.

#### CAPITULO IV.

*Como ElRei Clovis recebeu o Santo Baptismo pela mão de S. Remigio, e como nelle milagrosamente foi trazida huma Redoma do Ceo, da qual até o dia de hoje são ungidos os Reis de França, e está na Cidade de Rheims.*

Tanto que a Rainha ouvio dizer a ElRei Clovis, que tinha promettido baptizar-se, ficou muito contente, e mandou logo chamar hum homem santo, que se chamava Remigio, para o instruir na Santa Fé, e o Santo o fez assim, e lhe ensinou tudo o que havia de crér; e foraõ edificadas em França as Igrejas, e Pias de baptizar.

Estando o Santo Remigio baptizando a ElRei, e querendo-o ungir com os Santos Oleos, como manda a Santa Madre Igreja, milagrosamente viraõ todos os que estavaõ presentes, huma Pomba, que descendo do Ceo com huma Redoma no bico com o Oleo Santo, a deixou cahir á vista de todos, e o Santo Remigio a tomou, e della foi ungido ElRei Clovis, e depois todos os Reis de França até o dia de hoje; a qual Redoma está sempre na Igreja de Rheims; e depois de baptizado ElRei, se baptizáraõ todos os da sua Côte, e Reino.

## CAPITULO V.

*Trata-se delRei Pepino, e do Imperador Carlos Magno, seu filho.*

Faz menção este Capitulo da geração delRei Clovis, primeiro Rei Christão de França, e durou a sua linha até ElRei Hilderico, o qual foi muito virtuoso, contemplativo das cousas Divinas, e deixando as cousas mundanas, e governo do Reino, se metteo em huma Religião, onde viveo santamente. E assim deixamos agora de tratar da sua ascendencia, e só trataremos delRei Pepino, vigesimo quarto Rei de França, e Pai do Imperador Carlos Magno, de cujas proezas, e prodigios toma o nome esta Historia, e Tratado.

Trata-se no Espelho Historial, que mettido ElRei Hilderico na Religião, foi acclamado, e levantado por Principe Pepino, por ser grande Senhor, e de alto sangue; o qual foi taõ sagaz, e admiravel, assim nas cousas da paz, justiça, e da guerra, que adquirio os animos de todo o Povo, e assim o amavaõ tanto, que intentaraõ levanta-lo por Rei, ainda que era vivo Hilderico: E fazendo sobre isto conselho, resolveraõ mandar hum Embaixador sobre esta materia ao Santo Papa Zacharias,

Mandada a Embaixada, continha esta a seguinte proposta: — Qual era mais digno da Corõa, se o que vicia, e trabalha pela tranquillidade do Reino, ou aquelle, que sómente trata da sua alma, e retirado na Religião, faz nella vida solitaria? — Dada a Embaixada, respondeo o Pontifice: — Que aquelle, que governava bem o Reino, e o conservava em justiça, e amava a paz, e naõ aborrecia a guerra justa, que esse era mais digno da Corõa. — E com esta resposta se retirou o Embaixador.

Ouvida pelos Grandes do Reino a resposta da Embaixada, e attendendo a hum dito de Salomão, que

10 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
diz: — Que o Principe negligente faz o Povo pre-  
guiçoso; e que he bemaventurada a terra, que tem  
Principe nobre, e advertido: — levantáraõ logo por  
Rei a Pepino, e foi ungido com authoridade Aposto-  
lica pela mão de Santo Estevaõ, e ordenou, que os  
Reis de França succedessem no Reino por geraçãõ mas-  
culina, e que não succedessem mulheres, porque ne-  
nhum Estrangeiro senhoreasse o Reino.

Foi ElRei Pepino casado com a Rainha Berta, fi-  
lha do grande Hachin-Cesar, donde descende a linha-  
gem dos Gregos, Germanos, e Romanos, pelo qual  
direito foi eleito Imperador Carlos Magno. Reinou Pe-  
pino dezoito annos, e o enterráraõ na Igreja de S.  
Diniz em Paris, e ficou o governo do Reino em seu  
filho Carlos Magno.

## CAPITULO VI.

*Como Carlos Magno, feitas muitas Constituições com o Papa  
Adriano, foi levantado por Imperador dos Romanos.*

Carlos Magno depois da morte de hum seu Irmão  
foi Rei, e Senhor de toda a Provincia de França; e  
foi chamado Carlos Magno, assim pelas suas gran-  
des virtudes, e prodigios, como pela grandeza do seu  
corpo. Naquelle tempo fazia o Papa Adriano conti-  
nuamente guerra aos Infieis, augmentando a Fé de Chris-  
to, e destruindo as heresias, constituindo Igrejas, e  
mandando fazer Imagens á representaçãõ dos Santos  
bemaventurados; e tudo para corroborar, e augmen-  
tar a Fé de Christo. E tambem não cessava de fazer  
guerra aos Infieis, que com elle confinavaõ, fazendo-  
lhes muitas destruições; e tudo, dirigido ao mesmo in-  
tento de exaltar a Fé Catholica.

Chegando pois á noticia do Papa Adriano ás gran-  
des virtudes, e proezas de Carlos Magno, lhe man-  
dou pedir, que quizesse chegar a Roma; o que logo  
Carlos Magno fez, e partio com a gente de guerra,



que tinha, e entrou na Italia, e chegando a Roma, foi recebido pelo Pontifice com grande alegria, e com as honras, que eraõ devidas a taõ Soberano Monarca.

Dahi a pouco tempo mandou o Papa juntar a sua gente de guerra, discorteo com Carlos Magno toda a Lombardia, e as mais Provincias da Italia, tomando Cidades, Villas, e Fortalezas, que estavaõ em poder dos Infieis, e tomáraõ a Cidade de Pavia, e elegeraõ para Bispo della hum Varão Santo, e fizeraõ cento e cincoenta e tres Bispos, Arcebispos, e Abbades, e foraõ repartidos por todas as Provincias, e instituiraõ muitos, e grandes privilegios, isenções, e liberdades em favor da Igreja Romana.

Teve Carlos Magno dous filhos, hum chamado Pepino, e outro Luiz, com os quaes, e com os doze Pares, que estavaõ juramentados, e haviaõ promettido fidelidade huns aos outros em favor da Fé Catholica, fez grandes guerras aos Infieis; e depois que destruíraõ, e desarraigaraõ todas as heresias da Italia, se voltáraõ para Roma.

Naquelle tempo tinhaõ os Romanos morto o seu Imperador, e entre elles havia discordias sobre quem haviaõ de eleger; porque huns queriaõ a Constantino, filho do Imperador defunto, e outros queriaõ outros; porém, vendo o Papa estas discordias, fallou com ambas as parcialidades, propondo-lhes os prodigios de Carlos Magno, e que só nelle concorriaõ todas as virtudes; que constituem hum perfeito Imperador. O que ouvido pelas parcialidades, votáraõ todos uniformemente nelle. Passados alguns dias, faleceo o Pontifice Adriano, e lhe succedeo o Papa Leaõ, homem de mui santa vida, o qual de consentimento de todos os Romanos, coroou a Carlos Magno com a Corõa Imperial.

*Da estatura de Carlos Magno, e do seu modo de viver.*

Sendo já Carlos Magno Imperador, fez muitas cousas admiraveis, e governou o Imperio treze annos, tendo já governado trinta e tres. Nas terras de Roma edificou muitas Cidades, e restaurou outras, como tambem Villas, Fortalezas, e Lugares, que ficáraõ destruidos pelas grandes guerras, e fez outras maravilhas, que deixamos de contar, por não fazer a Historia dilatada.

Escreve Turpim, homem santo, e Arcebispo de Roma, que andou muito tempo em companhia de Carlos Magno, e diz, que era homem de grande corpo, e bem fornido, e forte, e proporcionado de membros, muito ligeiro, e feroz no olhar, e tinha a cara larga, e trazia continuamente a barba do comprimento de hum palmo; os cabellos negros, o nariz rombo, e chato, a presença era muito respectiva, os olhos como de leão, e algum tanto vermelhos, e reluzentes, as pestanas, e sobrancelhas declinantes a roxas: se estava enfadado, só com olhar espantava; o cinto, com que se cingia, tinha oito palmos de comprido; era largo das costas, grosso das pernas, e grandes pés.

O seu comer era duas vezes no dia, e pouco paõ: porém comia ao jantar hum quarto de carneiro, ou duas gallinhas: á cêa, era caça assada; bebia tres vezes no dia; porém pouca agoa. Tinha muito grandes forças, que muitas vezes lhe viraõ partir capacetes de ferro, e cabeças até os dentes, e isto de hum só golpe, e estando a cavallo, levantava com hum só braço hum homem armado até o igualar com a sua cabeça. Tinha tres condições virtuosas: A primeira era, premiar bem a quem o merecia: A segunda era, fazer a todos igual justiça, sem que ninguem se queixasse: A terceira ouvir, e responder a todos com paciência, manso, e pacifico no falar, e reprehender.

## CAPITULO VIII.

*Como Carlos Magno doutrinava seus filhos.*

Mandava Carlos Magno ensinar a seus filhos todas as Artes liberaes; e em sendo de idade capaz, os mandava ensinar a andar a cavallo com todos os manejos da cavallaria, e os mandava armar de todas as armas, jogar a espada, archas de armas, lanças, e justas, para que fossem destros nas armas, e guerra, e finalmente os fazia exercitar em todo o genero de armas, e peleija, assim a pé como a cavallo; e os mandava caçar aos porcos Javalis, Veados, Ussos, Tigres, Leões, e outros animaes ferozes, e os retirava sempre de toda a ociosidade. A's filhas femeas, mandava fiar, tecer, lavar ouro, e seda, e fazer outros exercicios de mulheres, porque o ocio as não fizesse cahir em desordenados pensamentos, e torpes vicios.

Quando Carlos Magno estava desoccupado dos seus negocios, se occupava em ler, e escrever alguma coisa nova, tomando o exemplo, que nos deixou S. Paulo nas suas Epistolas admoestando-nos a fazer sempre alguma obra boa, e meritoria, porque o demonio nosso inimigo nos não ache ociosos, e nós faça cahir em torpes vicios. Em Aquisgram de Allemanha mandou fazer no seu Palacio huma Igreja muito sumptuosa, e magnifica, á honra da Virgem nossa Senhora, e a dotou de muitas rendas.

## CAPITULO IX.

*Do estudo, e obras caritativas de Carlos Magno.*

Sendo o Imperador Carlos Magno instruido nas Artes liberaes, e outras sciencias moraes, e espirituaes, passava muitas vezes o tempo em ler semelhantes livros; visitava a Igreja tres vezes cada dia de manhã, meio dia, e á noite: nas festas solemnes mandava ornar as Igrejas á sua custa, gastando nisto muita fa-

zenda; era muito caritativo, e esmoler, e não somente com os seus vassallos pobres, senão também mandava repartir grandes thesouros cada anno com as pessoas necessitadas da Syria, Egypto, e Jerusalem.

Todas as vezes que comia, mandava ler livros espirituaes, e tocantes á observancia das cousas de Deos Nosso Senhor, para fatar também a sua alma de manjares espirituaes, e conservar a saude do corpo, dando ao mesmo tempo graças ao seu Creador; e entre todos os livros se deleitava muito de hum de Santo Agostinho, que trata da Cidade de Deos.

Tinha por uso, e costume acordar tres vezes na noite, e passear pela sala. Mandava occultamente duas vezes cada anno a homens, que erão de boa consciencia, e virtuosos, visitar todas as terras do seu Reino, para saber se erão bem governados os seus vassallos, e se se executava rectamente a justiça, porque não fossem os pequenos maltratados dos grandes.

Tendo Auram, Rei da Persia, noticia da magnificencia, e grandeza de Carlos Magno, lhe mandou hum Elefante, e os corpos de S. Cypriano, e S. Esperato, e a cabeça de S. Pantaleão, Martyres.

## CAPITULO X.

*Como o Patriarca de Jerusalem mandou Embaixada a Carlos Magno, para que lhe desse soccorro.*

No tempo que Carlos Magno foi coroado Imperador de Roma, foi o Patriarca de Jerusalem mui perseguido, e combatido com continuas guerras, que os Turcos lhe fazião; e de tal sorte se vio perseguido, que depois de haver perdido a maior parte da sua gente, se vio precisado a chamar a Conselho os mais velhos, e sabios, e experimentados Conselheiros, para lhes propôr, e resolver o que se devia fazer em tão grande conflicto; porém alguns delles temendo mais a morte do que a honra, aconselháião ao Patriarca,

que fizesse algum partido com os Turcos, porque não perdessem as vidas: e o partido, que os Turcos que-rião fazer, era, que deixassem a Cidade com todos os bens, e armas, que nella havia. Outros aconselhavaõ, que se pedissem treguas aos Turcos por algum tempo: porém elles as não quizerão conceder.

E vendo-se o Patriarca em tanta perplexidade, e aperto, e sem remedio algum, que resultasse do conselho, nem sabendo o modo, que havia de ter para se defender do grande furor, e poder dos Turcos, inspirado da graça de Deos Nosso Senhor, lhe veio á memoria as grandes virtudes, e proezas de Carlos Magno; e determinou valer-se do seu patrocínio.

Nesta consideração se partio o Patriarca para Constantinopla, e levou consigo Joaõ de Napoles, e a David, pessoas muito nobres, e principaes, e deo parte de tudo ao Imperador Constantino, e a seu filho Leaõ. O que visto pelo Imperador, mandou ao dito Joaõ de Napoles, e David, com mais dous Hebreos, chamados, hum Isaac, e outro Samuel, com huma Carta feita da sua mão ao Imperador Carlos Magno; e o Patriarca lhe mandou as chaves do Santo Sepulcro, e as da Cidade de Jerusalem, que era a que estava em sitio, e lhe mandou tambem o Estandarte, e insignia do Nosso Redemptor, como firme Pilar de toda a Christandade, e defensor da Fé de Christo.

### COPIA DA CARTA.

*Pareceo-me huma noite, que via diante da minha cama huma mulher admiravelmente formosa, a qual me dizia: Constantino, muitas vezes tens rogado a Deos, que te desse ajuda contra os Turcos, que possuem a Terra Santa: pois que tanto o desejas, faze isto, que te digo: Procura ter da tua parte a Carlos Magno. E mostrou-me hum Cavalheiro armado de luzidas armas, com huma espada na cinta, e huma grossa lança na mão di-*

reita, de cujo ferro sahiaõ muitos raios de fogo, e em o seu rosto muito bello, e formoso, e bem disposto do corpo; a barba crescida, os olhos reluzentes, e os seus cabellos começavaõ a enbranquecer. O Augusto, que nunca te apartaste dos Mandamentos de Deos! Alegra-te em Jesu Christo, e lhe dá graças de todo o coração; ama tanto a justiça, como tens sido nomeado na honra, porque Deos te dê perseverança no bem.

Quando Carlos Magno leo a Carta, chorou amargamente, porque estava o Santo Sepulcro em poder de Infieis, e mandou ao Arcebispo Turpim, que pregasse por todo o Reino taõ lastimosas noticias. E por esta causa se resolvêraõ muitos Christaõs a acompanhar a Carlos Magno para a guerra, e restauraçãõ da Cidade Santa.

## CAPITULO XI.

*Como Carlos Magno se partio com hum grande Exercito para Jerusalem.*

Mandou Carlos Magno apregoar por todo o seu Reino, — que quem o quizesse seguir, e ganhar soldo para terra de Turcos, que viesse a Paris, onde determinava juntar a gente, e partir. — Tanto que se ouviu o pregaõ, e se soube que a sua pessoa era o Capitaõ do Exercito, muitos principaes Cavalheiros, e Senhores grandes se resolvêraõ a acompanhá-lo, deixando as suas casas, mulheres, filhos, e familia, e se ajuntáraõ em pouco tempo mais de trinta mil homens de peleija; e vendo-se Carlos Magno acompanhado de taõ luzida gente, zelosa pela Fé de Jesu Christo, partio de Paris para Jerusalem com grande esperança de alcançar victoria, e restaurar as cousas santas.

Chegados ao porto, se embarcáraõ, e tiveraõ taõ feliz vento, que em poucos dias chegáraõ á Turquia; e por conselho dos Adaizes, ou Capitães de Guia en-

tráraõ em hum aspero monte, que tinha quinze legoas de comprido, e dez de largo; e imaginando os Capitães que o passariaõ em hum dia, nem em dous o pudéraõ fazer; encontrando nelle immensidade de Leões, Tigres, Ussos, Grifos, e outros ferozes animaes, que faziaõ grande ruina no Exercito, e principalmente de noite; e com a fadiga, e sobresalto dos ditos animaes perdéraõ os Guias o caminho, e naõ sabiaõ o que haviaõ de fazer; e andando desta sorte buscando a estrada direita, chegou a noite, e se acháraõ todos cansados, turbados, e sem mantimento.

Vendo isto Carlos Magno, mandou que em huma planicie, que alli estava, se ajuntasse todo o Exercito, e pôz nas entradas os soldados, que lhe pareceo que estavaõ mais descansados, para se defender dos animaes; que com grande furor os accõmettiaõ para faltar a fome; e retirado Carlos Magno junto a huma arvore, se encommendou a Deos, e lhe pedio que tivesse piedade da sua gente; e começando a rezar o Psalterio, tanto que chegou ao verso: *Deduc me, Domine, in semitam mandatorum tuorum*; que quer dizer: — Senhor, guiai-me pelo câminho dos vossos Mandamentos, — ouviu todo o Exercito huma Ave, que a grandes vozes, e clarissimas palavras disse: — Carlos Magno, a tua petiçaõ he ouvida pelo Omnipotente Deos. — Ficáraõ todos admirados de taõ grande prodigio. Sem embargo de taõ grande annuncio, nem por isso deixou Carlos Magno de continuar com a sua devoçaõ, e quando chegou ao verso: *Educ de custodia animam meam*; que quer dizer: — Senhor, tirai a minha alma da prizaõ, — disse outra vez a Ave: — Carlos Magno, a tua oraçaõ he ouvida. —

Visto, e ouvido este taõ admiravel prodigio, mandou Carlos Magno formar o Exercito, e posto na vanguarda, e dianteira, começou a marchar, seguindo a Ave, que o guiou até o metter no caminho direito.

E he fama, que ainda agora se conserva a geraçãõ das aquellas Aves sómente naquelle sitio, em signal de taõ soberano caso.

Sahindo o Exercito do monte, se avistou o Exercito dos Turcos, que constava de cem mil homens postos em tres linhas; e assim mandou Carlos Magno pôr o Exercito em boa fórma, e ordenança para entrarem á batalha, a qual foi taõ disputada, cruel, e rigorosa, que pondo Deos os olhos da sua Divina Misericordia nos Catholicos, os alentou de sorte, que fizeram fugir os Turcos até Jerusalem, onde determinavaõ resistir, e fazer-se fortes: porém os Christãos os seguirãõ de sorte, e com hum valor taõ grande, que entrãõ na Cidade juntamente com elles, e passãõ á espada todos q̃antos Turcos lá se achãõ. E desta sorte ganhãõ os Lugares Santos, que estavaõ perdidos dos Catholicos, e em poder dos Turcos; e ahi descansou Carlos Magno alguns dias com a sua gente, dando graças ao Omnipotente Deos de o haver ajudado em taõ grande conflicto.

## C A P I T U L O XII.

*Das Reliquias, que o Imperador Carlos Magno trouxe da Terra Santa, e dos milagres, que fez Christo Nosso Senhor.*

Querendo Carlos Magno voltar com o seu Exercito para França, lhe offerceo Constantino, Imperador de Constantinopla, e o Patriarca de Jerusalem, grandes riquezas de ouro, prata, pedras preciosas, Elefantes, Dromedarios, Camelos, e outros diversos animaes em gratificaçãõ de taõ grande soccorro; porém Carlos Magno lhe não quiz acceitar, dizendo: — Que não tinha ido áquella empreza por riquezas, senãõ só por serviço de Deos, exaltaçãõ da Santa Fé Catholica, e restauraçãõ dos Lugares Santos; porque não era justo, que estivessem possuidos pelos Turcos; — e assim mandou a toda a sua gente, que não



da acceitassem, sob pena de morte: o qual mandamento acceitáraõ todos os seus soldados com muito gosto, e contentamento; pois que tambem o seu zelo naõ era o adquirir riquezas, senaõ sómente o serviço de Deos Nosso Senhor.

Vendo o Patriarca, que Carlos Magno, nem os seus soldados quizeráõ acceitar riquezas algumas, disse a Carlos Magno: — Senhor, já que destas riquezas naõ fazeis conta, nem estimaçaõ, vos mostrarei, e darei outras, que naõ tem preço. — Ao que respondeo Carlos Magno: — Que teria muito gosto, e contentamento de as ver, e acceitar; — e assim lhe disse o Patriarca, que jejuasse Sua Magestade tres dias; e assim o fez Carlos Magno com toda o seu Exercito, e ao quarto dia trouxeraõ doze homens de boa vida as Santas Reliquias.

Antes de Carlos Magno ver as Santas Reliquias, se confessou com o Arcebispo Ebrom, e recebeu o Santissimo Sacramento, e logo os doze homens começaram a cantar as Ladainhas, e alguns Psalmos do Psalterio, e Daniel, Prelado de Napoles, abriu hum cofre, onde estava a preciosa Corõa de Christo Senhor Nosso, da qual sahio taõ admiravel, e suavissimo cheiro, que todos os que estavaõ presentes imaginavaõ que estavaõ na Gloria.

Vendo Carlos Magno a Sacrosanta Corõa, se encheo tanto de Fé, que com rios de lagrimas se prostrou em terra, e pedio a Deos com grande, e efficaç devogaõ: — Que pela gloria do seu Nome Santissimo quizesse renovar alguns milagres da sua Santa Paixaõ, — e logo em continente viráõ todos os que estavaõ presentes, sahir da Sacrosanta Corõa immensidade de flores, e com taõ suave cheiro que todos ficáraõ admirados.

Daniel tomou entaõ huma faca muito limpa, e cortou pelo meio a Santa Corõa, e ao mesmo tempo,

que hia cortando a Corôa, hiaõ da cortadura sahindo novas, e muito mais cheirosas flores. E offerecendo-se a Carlos Magno huma parte da Corôa com alguns espinhos, a mandou metter em hum cofre de marfim; e tomando Carlos Magno o cofre para o offerecer ao Arcebispo Ebrom, antes que o Arcebispo o tomasse, o tinha Carlos Magno posto em hum lugar muito decente, e logo a pouco tempo viraõ todos estar o cofre suspenso no ar, e vendo-se ao depois a Santa Corôa, acharaõ as flores convertidas em manná, da mesma maneira, que Deos o deo aos Israelitas no deserto; e em quanto se tratava com as Santas Reliquias, fez Deos muitos, e grandes milagres, sarando coxos, tolhidos, mancos, e leprosos.

Dizia o Exercito todo em altas vozes: — Verdadeiramente, que este he o dia da saude, e resurreiçaõ; — porque pela suavidade do cheiro das admiraveis flores estava a Cidade purificada, e cheia de graça; porque trezentos e quinze enfermos, que havia nella, se acháraõ com saude, entre os quaes foi hum, que havia dezoito annos, que estava cego, surdo, e mudo, e ao tempo, que se abriu o cofre, cobrou a vista, e ao tempo, que se começou a cortar a Santa Corôa, cobrou o ouvir, e tanto que começou a florescer, cobrou o fallar.

Depois tomou Daniel hum cravo dos que craváraõ a Jesu Christo na Cruz, e com muita reverencia o metteo em hum Relicario, e o offereceu a Carlos Magno; e logo sarou hum mancebo, que desde o seu nascimento tinha toda a parte esquerda secca, e impotente, o qual, tanto que se vio com saude, veio com muita brevidade á Igreja, dando muitas graças a Nosso Senhor Jesu Christo.

Além das sobreditas Reliquias, levou mais huma parte da Cruz de Christo, e o Santo Sudario, e huma camisa de Nossa Senhora, e hum panno, em que

envolvia o Menino Jesus nos braços de S. Simeão.

Depois de receber Carlos Magno as Santas Reliquias, se despedio do Imperador Constantino, e do Patriarca, e dos mais Senhores, e partio para Allemanha; e passando junto a hum Castello, vio levar hum menino morto a enterrar, e mandou que o tocassem com as Santas Reliquias, e logo se levantou vivo; e chegando a Aquisgram em Allemanha, acudio muita gente a visitar as Reliquias Santas, e por ellas fez Deos os milagres seguintes:

Cobráraõ vista os cegos, e saude os enfermos sem número, doze endemoninhados, oito leprosos, quinze paralyticos, quatorze coxos, setenta e cinco de gotta coral, gottosos, sem número; e saráraõ finalmente todos, assim naturaes da terra, como estrangeiros.

Foraõ postas as Santas Reliquias em huma prodigiosa Igreja, que mandou fazer Carlos Magno na mesma Cidade de Aquisgram á honra da Virgem Santa Maria, e ordenou, e estabeleceo huma festa cada anno no mez de Junho, e nella se mostraõ as Santas Reliquias, e se ganhaõ muitas Indulgencias; foraõ presentes ao estabelecimento desta solemnidade, o Papa Leão III, o Arcebispo Turpim, Aquilles, Bispo de Alexandria, Theofilo, Bispo de Antioquia, e outros muitos.

## LIVRO SEGUNDO.

### PROEMIO.

No Livro primeiro fallámos do primeiro Rei de França Catholico, descendo, segundo o nosso proposito, e historia até Carlos Magno, cujas façanhas, e proezas não se pôdem inteiramente contar todas, nem taõ pouco as dos doze Pares, cujos prodigios se diráõ em seu lugar, segundo se tem achado nas Chronicas Fran-

cezas. E o que até agora temos dito se tirou de hum Livro chamado *Espelho Historico*, e sem discrepancia se traduzio de Latim em Castelhaño; e nós agora o traduzimos com melhor elegancia na nossa Portugueza, e vai ordenado por Capitulos, em que disputaremos o seguinte:

Que Ferabraz era hum maravilhoso Gigante, e foi vencido por Oliveiros, e se baptizou. E depois da cruel batalha de Oliveiros fallaremos das Santas Reliquias, que restauraó os Christãos, que estavaó em poder do Almirante Balaó.

Neste Livro se achará, que a sua applicaçó he pela maior parte dirigida á honra de Oliveiros; ainda que tambem se trata de outros muitos casos, e proezas dos outros doze Pares, que eraó Capitães do Exercito, e muito valerosos, e grandes Senhores, segundo contaó as Chronicas Francezas.

Primeiramente de Roldaó, Conde de Cenobia, filho do Duque Milaó, e de Berta, irmã de Carlos Magno; Oliveiros, Marquez, filho do Duque Regner de Hens; Richarte, Duque de Normandia; Guarim, Duque de Lorena; Josre, Senhor de Burdeos; Hoel, Conde de Nantes; Urgel de Danó, Rei de Daria; Lamberto, Principe de Brucelas; Tietri, Duque de Dardania; Bosim, de Genova; Gui de Borgonha; Astolfo, Rei de Inglaterra; Guadeboas, Rei de Friza; Galalaó, que fez depois a traiaó; Sansaó, Duque de Borgonha; Reol de Nantes; Guilhelme Crescor; Nemé, Duque de Baviera; e outros muitos, que ainda que não andavaó continuamente com Carlos Magno, eraó seus vassallos, e subditos, e faziaó o que lhe mandava; porém a maior parte dos nomeados andavaó continuamente com Carlos Magno.

## CAPITULO I.

*Como Ferabraz veio ao Exercito' de Carlos Magao buscar com quem pelejar.*

O Almirante Balaõ, senhor muito poderoso, tinha hum filho chamado Ferabraz, homem agigantado, de grandissimas forças, e magnanimo coração, e era muito destro em todas as armas, e Rei de Alexandria, e senhor de toda a Provincia de Babilonia até o Mar Vermelho; e Jerusalem. Este Ferabraz entrou huma vez em Roma com grande número de Turcos, e levou a Corôa de Nosso Redemptor Jesu Christo, e os santos Cravos, com que foi cravado na Cruz, e outras muitas Reliquias, as quaes, como dissemos no Livro I, Capitulo XII, tornou a restaurar Carlos Magno em Jerusalem com grande trabalho.

Chama-se (como temos dito) este Gigante Ferabraz de Alexandria, o qual sabendo das suas espias, que o Imperador Carlos Magno, e os doze Pares estavam em Mormionda com hum grande Exercito, se encheo de soberba, e arrogancia, confiado nas suas grandes forças, e destreza, cavalgou em hum soberbo, e arrogante cavallo, e vestindo-se de armas, tomou huma grossa lança, e partio só, e sem companhia para Mormionda, e não achando pessoa alguma, com quem pudesse fallar, começou com huma espantavel voz a dizer da maneira seguinte:

— Oh Imperador Carlos Magno! homem cobarde, e sem valor! manda dous, ou tres, ou quatro dos mais valentes, e melhores dos doze Pares contra mim sómente, que espero vencer a batalha: e venhaõ, ainda que sejaõ Roldaõ, Oliveiros, Tietri, e Urgel de Danôa; que te juro pelos meus Deoses, que não lhe hei de voltar a cara, ainda que sejaõ seis. E adverte, que estou só no campo, e muito longe do meu Exercito, e se isto não fazes, publicarei por todo o Mun-

do a tua grande cobardia, e dos teus Cavalheiros, e direi que são indignos de se chamarem valerosos. E já que tiveste ousadia, e atrevimento, e valor para acommetter toda a Mauritania, e de ganhar Reinos, e Provincias, tem esforço para dar batalha a hum só Cavalheiro. —

Dito isto, atou o seu cavallo a huma arvore, tirou o elmo, ou capacete, e se deitou no chão: e levantando dahi a pouco a cabeça, olhou para todas as partes para ver se vinha algum Cavalheiro, e tanto que o não vio, começou a dizer com mais altas vozes: — Oh Carlos, indigno da Corôa, que possues, com hum só Cavalheiro Turco perdes a honra, que em grande multidão delles muitas vezes tens ganhado! Oh Roldaõ, e Oliveiros, e tu Urgel de Darnôa, e os que vos chamais doze Pares, de quem tantas façauhas, e proezas tenho ouvido, como não ousais apparecer diante de hum só Cavalheiro? Tendes já por ventura esquecido o peleijar, ou vos mette medo a minha forte lança? Vinde, vinde todos os doze Pares juntos; pois que hum a hum vos não atreveis. —

## C A P I T U L O II.

*Como Carlos Magno perguntou a Richarte de Normandia, quem era o que tanto o ameaçava.*

Ouvindo Carlos Magno as arrogantes palavras de Ferabraz, e admirado do seu grande atrevimento, perguntou a Richarte de Normandia, quem era o Turco, que tão atrevidamente o ameaçava? Respondeo Richarte, e disse: — Senhor, este he filho do Almirante Balaõ, Rei de Alexandria, e Senhor de muitas Provincias, e riquezas; e he o que foi a Roma, e matou o Apostolado, e outros muitos, e a saqueou, e roubou as Santas Reliquias, pelas quaes tens padecido tantos trabalhos; he homem de grandes forcas, muito destro em todas as armas. — Respondeo Carlos

Carlos Magno : — Pois espero em Deos, Richarte, que a sua soberba ha de ser humilhada, e abatida. —

Vendo Carlos Magno que nenhum dos doze Pares se movia para a batalha, teve algum enfado entre si, e sem o dar a conhecer, chamou a seu sobrinho Roldaõ, e lhe disse : — Sobrinho, eu vos mando que vos armeis para ir peleijar com Ferabraz : que eu espero em Deos, que haveis de sahir victorioso. —

### C A P I T U L O III.

*Da resposta de Roldaõ a Carlos Magno.*

— Senhor, respondeo Roldaõ : Eu não hei de ir á batalha, sem que outros vão primeiro : e a razão he, porque na ultima batalha, que demos aos Infieis, ficamos todos os Cavalheiros moços cercados de cincoenta mil Turcos, e peleijámos de tal maneira, e com tanto valor, que matámos a maior parte delles, ainda que com grande trabalho, e feridas dos nossos corpos, como se vê em Oliveiros, que dellas está em perigo de morrer. E quando chegámos á tua presença estando ceando, disseste publicamente, que os Cavalheiros velhos haviaõ obrado muito melhor na batalha, do que os Cavalheiros moços ; e como assim he, manda os teus Cavalheiros velhos, e verás como se haõ com Ferabraz ; e em mim não tenhas esperança alguma, nem em algum dos meus companheiros. —

Quando Carlos Magno ouviu taes palavras a Roldaõ, se encheo tanto de cólera, e ira, que lhe atirou com huma manopla de ferro, e lhe deo pela cara. Vendo Roldaõ o seu sangue, lançou mão á espada com grande furor, e provavel era, que maltrataria ao Imperador, se não se mettessem outros Cavalheiros de permeio.

Vendo Carlos Magno taõ grande desatençaõ, mandou que o prendessem, e sentenciassem á morte, e vendo Roldaõ tal resoluçaõ, tirou a espada de todo,

e disse: — Nenhum seja tão atrevido, que me pegue; porque o que chegar a mim, depressa o tirarei deste Mundo. — Era Roldaõ tão amado de todos, que nenhum, por mais que o Imperador o mandasse, o quiz prender.

Apartado Roldaõ da vista do Imperador, se chegou a elle Urgel de Danõa, e lhe disse: — Senhor Roldaõ, muito erraste no que fizeste; porque a ti tocava obedecer ao Imperador mais, que a outro algum nosso companheiro, assim pelo parentesco, como porque sempre te honra mais que aos outros. — E como Roldaõ tivese já perdido a cólera, disse: — Dizes bem, Senhor Urgel; e he verdade, que tive tanta ira, que certamente o matára, se tu, e os outros não estivessem no meio; mas já estou arrependido, e me peza de o ter enfadado. —

#### C A P I T U L O IV.

*De huma reprehensãõ do Author a Carlos Magno, e a Roldaõ, pela questãõ passada.*

— Quero primeiro, oh mui alto, e poderoso Imperador, fallar contigo sobre as differenças, e questões, que com teu sobrinho Roldaõ tiveste; pois assim pela tua idade, como pelas sciencias, de que na tua infancia foste instruido, devias de conhecer a perseverança dos velhos, e a subita mudança dos Cavalheiros moços: porque louvavas tão publicamente os velhos, mais que os moços, pois sabias que Oliveiros estava morrendo das feridas, que naquelle dia recebeo? pois o teu sobrinho Roldaõ, quem jámais o vio fugir de levar a dianteira nas grandes, e perigosas batalhas? Ou quem se achou de mais valeroso coração, e ousadia, que nenhuma multidão de inimigos jámais o atemorizou, nem menos lhe fez voltar a cara? Devias lembrar-te das grandes honras, que tinhas recebido pelas suas admiraveis Cavallerias.



Advertiras, muito honrado, e discreto velho, que os primeiros movimentos não estão nas mãos dos homens. Repararas no dito do Filosofo que diz: *Vindictam differes, donec pertranseat furor tuus*. Que he: Que não deve nenhuma pessoa vingar-se, até que lhe passe a ira, e paixão. E senão, olhâras o dito do Ecclesiastico, Cap: 10, que diz: *Nihil agas in operibus injuriæ*. Que he: Que não se deve injuriar a nenhuma pessoa. Considerâras, que todos os ouvintes desejão a glória, e louvor das suas boas operações; e por isso se expõem, assim os Reis, e grandes Senhores, como os menores, a grandes affrontas, e perigos. E os Cavalheiros desprezando o viver, por deixar louvavel, e eterna fama, expõem as suas vidas pelos seus Reis, e Senhores; e que muitas vezes fez teu leal sobrinho Roldão; e em lugar de hum grande louvor, e galardaõ, te ouviu louvar a outros, que como elle o não mereciaõ. —

— E tu, Roldão, que sendo hum Cavalheiro tão nobre, em quem nunca houve temor, nem faltou valentia; de donde te procedeo responder com tanta soberba ao Imperadór, homem de tanta honra, e valor, e a quem a maior parte do Mundo teme, e venera? A teu Tio, de quem tantas honras tens recebido, mais razão era que soffrêras, e que com tanta descortezia não fallâras; e se tudo isto não te movia a ter paciencia, olhâras, que todos os moços são obrigados a tratar com honra, e paciencia aos velhos. Repára no exemplo, que nos deixou Isaac da obediencia, que teve a seu Pai, e o Apostolo S. Paulo nos diz em huma sua Epistola, que devemos honrar muito aos velhos, e os devemos soffrer, como a Pais. E se o Imperadór louvou aos velhos, nem por isso desdourou as proezas dos moços. — Mas nunca tem o homem nenhuma injúria por pequena; que esta he a fragilidade da natureza humana.

## CAPITULO V.

*Como Oliveiros estando enfermo com muitas feridas, pediu licença a Carlos Magno para sahir á batalha com Ferabraz.*

Estando Carlos Magno muito triste, e enfadado assim de Roldão, como porque nenhum dos seus Cavalheiros se offerencia para responder á demanda de Ferabraz, se resolveo a querer armar-se para sahir á batalha; porém os seus Cavalheiros o não consentirão. Vindo isto á noticia de Oliveiros, que estava na cama perigosamente ferido, teve disso grande sentimento, assim pela discordia de Roldão com Carlos Magno, como por se não achar capaz de ir contender com Ferabraz.

Mas quando soube que o Imperador se queria armar, e que nenhum Cavalheiro se offerencia para ir, móvido do menospreço, e ameaças, que o Turco fazia a Carlos Magno, e a seus Cavalheiros, com muita magnanimidade, e desejo de servir a seu Senhor, e com o coração muito leal, e vontade, que sempre teve de empregar as suas forças contra os Infieis, pela Fé de Jesu Christo, saltou fóra da cama, e estirou os membros para experimentar se poderia soffrer o trabalho das armas, e em quanto se vestio, mandou ao seu escudeiro Guarim que lhe aparelhasse brevemente as armas. Guarim lhe disse: — Senhor, peço-te pelo amor de Deos, que não faças tal excesso, e trates da tua saude, e não queiras com tal temeridade, que fazes, acabar os dias da tua vida, porque não estás capaz desta empresa. — Oliveiros lhe respondeo: — Faze brevemente, Guarim, o que te mando; pois não se deve estimar a vida, quando se espera ganhar grande honra. Grande fraqueza seria a minha, se o Turco se fosse sem batalha, e não he justo deixar ao Imperador em tanto aperto, e injúria. —

Preparou logo Guarim todas as armas, e depois de armado Oliveiros, saltou vinte e cinco pés de altura, pelo qual excesso se lhe abrião todas as feridas, e dellas sahio sangue em abundancia; mas nem por isso, nem por rogos do escudeiro se quiz desarmar, nem deixar de ir á batalha. E logo cingio a espada chamada Altaclara, e preparado o cavallo, se montou de hum salto, e ficou mui direito na sella, sem que puzesse o pé no estribo; e posto o escudo no braço, lhe deo Guarim huma grossa lança, e fazendo o signal da Cruz, se encommendou a Deos, pedindo-lhe, que pela sua infinita piedade o quizesse favorecer naquella tão cruel batalha, que esperava ter com o mais feroz Infiel, que naquelle tempo havia: e assim partio para onde estava Carlos Magno acompanhado de muitos Cavalheiros, entre os quaes estava Roldão, o qual teve grande sentimento quando vio a Oliveiros armado, pois sabia que estava muito mal ferido; e de boa vontade tomaria a empreza da batalha, se não fôra o juramento, que tinha feito.

Chegou Oliveiros á presença do Imperador, e fazendo as devidas cortezias lhe disse: — Mui nobre, e esclarecido Senhor: Peço-te, que queiras ouvir as minhas deprecações. Já sabes, Senhor, como ha nove annos, que te sirvo como posso, e não segundo o teu merecimento; peço-te, que em remuneração deste serviço me concedas huma só cousa. — Carlos Magno lhe respondeo: — Oliveiros, meu amigo, e nobre Conde, pede o que quizeres, que não to negarei. — Senhor, disse então Oliveiros: peço-te, que me dês licença para responder a Ferabraz, que tantas vezes me tem chamado; e só com isto serão os meus serviços bem satisfeitos. — Carlos Magno, e os mais Cavalheiros se admirarão do peditorio de Oliveiros, e lhe respondeo, que tal licença lhe não dava; pois pedia batalha com o mais feroz homem do

30 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
mundo, estando taõ perigosamente enfermo, e ferido.

Levantou-se entaõ Galalaõ, e disse: — Senhor, está ordenado na tua Córte, que nenhuma cousa, que mandasses, se revogasse; por onde he justo, que Oliveiros alcance a mercê, que lhe mandaste pedir. — Carlos Magno lhe disse: — Galalaõ, tu tens muito más entranhas, como te tenho dito outras vezes; e pelo que me dizes, deixarei ir Oliveiros á batalha; porém se morrer nella, tu, e toda a tua parentella o haõ de pagar com a vida. —

Quando Carlos Magno vio, que naõ podia negar a licença a Oliveiros, lhe disse: — Oliveiros, amigo, roga a Deos que pela sua infinita Misericordia te dê graça para sahir com victoria, e te deixe voltar com saude diante dos meus olhos. — E lhe deu huma luva, que Oliveiros recebeu com grande alegria; e se despedio do Imperador, e dos mais Cavalheiros, e se foi para a batalha.

## CAPITULO VI.

*Como o Duque Regner rogou a Carlos Magno, que naõ deixasse sahir seu filho Oliveiros á batalha.*

Quando o Duque Regner soube que seu filho Oliveiros queria ir á batalha, temendo a sua morte, porque estava ferido, e doente, se pôz diante do Imperador, e com abundancia de lagrimas lhe disse: — Senhor, peço-te pelo amor de Deos, que tenhas piedade de meu filho, e de mim; pois naõ tenho outro, com quem nesta minha velhice me console, e se morrer na batalha, tambem eu naõ terei mais vida. E se isto, Senhor, naõ te move a piedade, movaõ-te as muitas feridas que tem, pelas quaes está incapaz de peleijar, nem ainda para sustentar as proprias armas. E assim, Senhor, nem serás vingado do feroz Gigante, nem meu filho evitará a morte, nem eu ficarei com vida. —

Carlos Magno lhe respondeo: — Duque amigo: eu já não posso revogar a mercê, que teu filho Oliveiros me pedio, e eu lha concedi, e lhe dei já a minha luva em signal de licença; mas espero no Omnipotente Deos, que o veremos voltar victorioso.

Vista a resolução do Imperador, se vòltou Regner para seu filho, e misturando algumas titubiantes palavras com muitas lagrimas, lhe deo a sua benção. E assim se partio Oliveiros em busca do Gigante Ferabraz; sahindo todos a vê-lo admirados, tanto porque estava muito ferido, quanto porque gostavaõ de o ver armado por ser muito airoso Cavalheiro.

## C A P I T U L O VII.

*Como Oliveiros fallou a Ferabraz, e como este o desprezou.*

Chegando Oliveiros ao lugar, aonde estava Ferabraz, o achou deitado á sombra de huma arvore, e dormindo; e depois de o ver muito bem, o chamou dizendo-lhe: — Levanta-te, Turco Infiel, e toma as tuas armas, e monta a cavallo, e vem peleijar; e pois que tanto tens fallado, e blasfemado, quero ver se és taõ grande nos teus feitos, e valentias, como és na fama, e corpulencia. —

Ferabraz levantou a cabeça, e vendo hum só Cavalheiro, não fez caso d'elle, e se tornou a deitar. Tornou Oliveiros a chama-lo, e Ferabraz lhe perguntou quem era, pois taõ simplesmente vinha morrer. Oliveiros lhe disse: — Turco, levanta-te, e toma as tuas armas, e monta a cavallo, e vem peleijar, porque já não he acção de Cavalheiro estar estendido no chaõ, vendo diante o seu inimigo. Dizes, que venho buscar a morte? O certo he, que será a tua, como brevemente experimentarás. —

Assentou-se entaõ Ferabraz, e disse. Ainda que és muito pequendo do corpo, fallas muito ousado, e

atrevido. Porém se queres tomar o meu conselho, e viver mais dilatada vida, vai-te embora: porém se porfias a peleijar comigo, he necessario primeiro que digas quem és, e o sangue de donde procedes. —

Respondeo Oliveiros: — Tu não podes saber meu nome, em quanto eu não souber o teu, e não me pareces nas tuas acções tal, qual mostravas ser nos teus ameaços contra o nobre Imperador Carlos Magno, o qual me mandou aqui, para que dêsse o fim a teus dias, ou deixasses os teus falsos Idolos, feitos por mãos de homens, sem entendimento, nem virtude, e crêsses na Santissima Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo, tres Pessoas, e hum só Deos verdadeiro, e Poderoso; e que he Creador do Ceo e da terra, e que seu Filho Jesu Christo por salvar, e remir o Genero Humano, nasceo da Virgem Nossa Senhora; e quando isto crêas firmemente, mediante o Santo Baptismo, poderás alcançar a gloria eterna. —

Ferabraz lhe disse: — Quem quer que tu sejas, fallas com muita liberdade, e presumpção: e porque conheças a tua loucura, e atrevimento, te quero dizer quem sou. Eu sou Ferabraz, Rei de Alexandria, filho do Almirante Balaõ; e sou aquelle, que destrui Roma, matei o Apostolado, e levei todas as Reliquias, pelas quaes vós outros os Christaõs tendes recebido grandes trabalhos: e possuo a Jerusalem, e o Sepulcro, onde foi posto o vosso Deos. —

Oliveiros lhe respondeo: — Ferabraz, tenho tido grande contentamento de saber quem és, e assim te digo que agora tenho maior desejo da batalha; porque tenho já por certo ganhar a victoria. Levanta-te, e vem depressa para a peleija, que pelas armas se ha de acabar o nosso pleito, e não por palavras. —

Disse entaõ Ferabraz: — Christaõ, rogo-te, que me digas, que homens são Carlos Magno, Roldaõ, e Oliveiros; porque os tenho ouvido nomear muitas

vezes nas partes da Turquia. — Respondeo Oliveiros: — Turco, sabe, que Carlos Magno he poderoso Senhor, e muito valente pela sua Pessoa, e homem de grande conselho, sagacidade, e prudencia, assim nos regimentos do governo do Reino, como das facturas da guerra. E levanta-te, se não queres que te offenda assim deitado como estás, e arrepende-te-has quando já não tiveres remedio. — Ferabraz lhe disse: — Dize-me, Cavalheiro; como não mandou Carlos Magno a esta batalha a Roldaõ, ou Oliveiros, de quem tantas proezas tenho ouvido? Ou porque não manda tres, ou quatro dos doze Pares, senão a ti só? — Oliveiros lhe respondeo: — Roldaõ nunca fez conta de hum só Turco, por mais nomeado que fosse, e sómente por te desprezar não quiz vir á batalha; porém se tu vieras acompanhado, ainda que fôra com todo o teu Exercito, elle só te viera receber, e então verias quem era. —

Disse Ferabraz: — E tu, em que offendeste a Carlos Magno? Pois assim te enviou aqui, como quem manda hum cordeiro ao carniceiro. Eu te juro pelos Deoses, em que creio, que pelo teu bom modo tenho lastima da tua mocidade. E assim toma o meu conselho; vai-te outra vez para Carlos Magno, e dize-lhe que me mande seis dos doze Pares, que juro pelo poder dos meus Deoses de os esperar, e dar a batalha. — Oliveiros lhe disse: — Turco, não te canses, nem gastes o tempo com tanta pratica; porque se não te levantas para pelejar, faço juramento á Ordem de Cavalheiro, que ainda que seja feio, que te hei de ferir, e fazer levantar por força, ainda que não queiras. —

Disse o Turco: — Dize-me o teu nome, antes que me levante. — Respondeo Oliveiros: — Eu me chamo Guarim, pobre Fidalgo, e novamente armado Cavalheiro: Esta he a primeira vez, que sirvo a meu

Senhor Carlos Magno. — E pondo a lança no recto, e direita, ferio o cavallo com as esporas, e fingindo querer ferir o Gigante, do salto do cavallo se lhe abriu huma ferida, que tinha na perna, e sahio tanta cópia de sangue, que o vio Ferabraz rebentar entre as armas; e lhe perguntou: — Donde estava ferido, pois lançava tanto sangue? — Oliveiros lhe disse: — Que não estava ferido, e que o sangue procedia do cavallo, que era duro de esporas. — E vendo Ferabraz que o sangue corria pelas juntas das armas, lhe disse: — Guarim, tu não me dizes a verdade; e não podes negar que o teu corpo está ferido; chega-te ao meu cavallo, e acharás no arçãõ da sella dous vasos atados, que estão com balsamo, que por força das armas ganhei em Jerusalem, e deste balsamo foi o teu Deos unguido, e embalsamado, quando o descêraõ da Cruz, e foi posto no Sepulcro: bebe delle, que logo sararás de todas as feridas, e ficarás com as tuas forças dobradas. —

Oliveiros lhe disse: — Turco, mais abundante de palavras, que de obras: Não me importa a tua bebida, nem me he necessaria; e se não te levantas logo, como a villaõ estendido no chaõ te tirarei tanto falar, com dar-te a morte. — Ferabraz respondeo: — Isso, Guarim, não he cordura, nem valentia: mas eu creio que te atrependerás de entrares comigo em batalha. —

### CAPITULO VIII.

*Como Oliveiros ajudou a armãr a Ferabraz, e das nove espadas maravilhosas, e como Oliveiros disse quem era.*

Como Ferabraz tinha rogado a Oliveiros, que deixasse a sua porfia, e não quizesse entrar com elle em batalha; e vendo que Oliveiros porfiava, lhe disse: — Guarim, tu não queres senãõ continuar na tua porfia; mas creio que quando me vires levantado, que só da minha vista ficarás temeroso. —



Oliveiros já enfadado das suas razões, abaixou a lança, e fez ameaça para lhe dar, dizendo: — Levanta-te, villaõ. — Entaõ se levantou Ferabraz com grande furor, e disse. — Por tua vida, Guarim, te peço que me digas, que homens são Roldaõ, e Oliveiros, e a estatura de seus corpos? — Oliveiros lhe respondeo: — Oliveiros he da minha grandeza, nem mais, nem menos. Roldaõ, quanto ao corpo, he algum tanto menor; mas em coração, e valor da sua pessoa não tem igual em todo o mundo. —

Disse entaõ Ferabraz: — Pela fé, que devo a Apollim, e Tavalgante, meus muitos amados, e veneraveis Deoses, que me admiro do que dizes; porque se tivera diante de mim dez mil Cavalheiros como tu, não tinha por grande façanha o passa-los ao fio da minha espada. — Muito fallas, disse Oliveiros: porém creio que só de mim tens medo, e por isso dilatas a batalha. Arma-te, e sahe logo a campo, que nem a tua grandeza me espanta, nem os teus louvores te acreditãõ, antes com elles ficas mais desprezado. —

Entaõ disse Ferabraz: — Guarim, eu te røgo que te queiras apear, e ajudar-me a armar. — Oliveiros lhe disse: — Não crças que tal faça, pois não me hei de confiar de ti. — Ferabraz respondeo: — Com muita segurança te pòdes confiar de mim, que nunca já mais coube no meu coração vileza, nem traiçaõ alguma. — Saltou entaõ Oliveiros fóra do cavallo para ajudar a armar a seu inimigo. Entaõ lhe disse Ferabraz: — Guarim, eu te peço que sejas Fidalgo no teu peleijar. — Nesta accaõ se pòde considerar estar já tocado Ferabraz do Divino auxilio, e que Deos o queria para seu servo. E Oliveiros lhe disse: — Eu te prometto que o setei sem dúvida alguma. — E assim o ajudou a armar.

Primeiramente vestio hum couro cozido, por cima huma muito formosa, e boa saia de malha, e lo-

go hum peito de aço; e em cima de tudo isto hum arnez muito resplandecente, guarnecido de muitas pedras preciosas de grande valor. Vista a cortezia de Oliveiros, lhe rogou novamente Ferabraz, que deixasse a batalha, e que elle lhe offerencia toda a honra della. Porém Oliveiros lhe disse: — Turco, não me tornes a fallar mais nisso; porque te hei de levar, ou morto, ou vivo a Carlos Magno. —

Então Ferabraz cingio a espada chamada Plotança, e tinha outras duas no arção da sella, huma chamada Baptizo, e outra chamada Braba; as quaes eraõ taõ bem temperadas, que nenhum arnez, por mais fino que fosse, lhe fez móssa. Estas tres espadas fizeraõ tres irmãos, e cada hum fez tres. Chamava-se hum dos ditos tres irmãos Gallus, outro Munificas, e outro Aufiax. Este fez as espadas chamadas Baptizo, Plotança, e Braba; e todas estas tres tinha Ferabraz. Munificas fez a espada chamada Durindana, que tinha Roldaõ, e outra chamada Salvagina, e outra chamada Corante, as quaes duas tinha Urgel de Danõa. Gallus fez a espadas chamadas Flambergue, e Altaclara, as quaes tinha Oliveiros; e a outra se chamava Joioza, e a tinha Carlos Magno. Estes tres irmãos parece que milagrosamente fizeraõ estas nove espadas; pois nem antes, nem depois fizeraõ outras taõ boas, e perfeitas.

E cingindo a espada, disse Oliveiros a Ferabraz que montasse a cavallo; porém elle o não quiz fazer até que não vio a Oliveiros montado; e então Ferabraz sem pôr pé no estribo, assim armado como estava, saltou muito ligeiramente no cavallo, e era cousa espantavel de ver a grandeza daquelle Gigante, que posto a cavallo, e armado, parecia hum grande monte, pois tinha quinze pés de comprido, e bem fornido, e forte, segundo a sua grandeza; e pôz hum escudo de aço pendurado ao pescoço, onde tinha esculpida a imagem do seu idolo Apollo: e encommen-

dando-se a elle, tomou huma grossa lança, que tinha arrimada a huma arvore; e voltando para Oliveiros com hum terrivel semblante, e meneando a lança, como se fôra huma palha, lhe rogou novamente que se fosse embora, e deixasse a batalha, dizendo que era impossivel escapar com vida.

Oliveiros então disse: — Turco, cuida este dia em ser bom Cavalleiro; porque tenho esperanza naquelle, que pelo Genero Humano padeceo Paixaõ, e Morte, de te levar morto, ou vivo a Carlos Magno. — E dito isto, voltou Oliveiros o seu cavallo, e tomou á sua vontade campo; e posta a lança no recto, lhe disse que se defendesse. E vendo Ferabraz que não se escusava a batalha, fincou a lança no chaõ, foi para Oliveiros, e lhe pedio que lhe quizesse ouvir duas palavras, e lhe disse: — Tu és Christaõ, e tens grande confiança na ajuda do teu Deos, pelo qual te peço, e pelo Baptismo, que recebeste, pela reverencia, que deves á Cruz, onde o teu Deos foi encravado; e assim tambem pela fidelidade, que deves a Carlos Magno, teu Senhor, que me digas se és Roldaõ, ou Oliveiros, ou algum dos doze Pares? Porque a tua grande ousadia, e valor me faz crêr que és algum, ou o mais principal delles: e que me digas na verdade o teu nome, e linhagem, donde procedes. —

Oliveiros lhe disse: — Não sei, Turco, quem te ensinou a conjurar hum Christaõ; pois mais fortemente me não podias obrigar a dizer-te a verdade. E assim sabe que eu sou Oliveiros, filho do Duque Regner, e hum dos doze Pares de França. — Disse então Ferabraz: — Por certo que bem conheci do teu modo, e bizzarria, que eras outro, e não o que me dizias. E pois assim he, Senhor Oliveiros, sejas muito bem vindo, que se antes te conhecêra, logo fizera o teu mandãdo; e porque vejo as tuas armas tin-

gidas em sangue, que do teu corpo sahe, has de fazer huma das duas cousas, ou retirar-te a curar das tuas feridas, ou beber do balsamo, que comigo trago, e já te tenho offerecido, porque, se beberes delle, logo sararás: e assim poderás peleijar, e defender a tua vida, e eu terei por cobardia o matar-te, estando tu ferido de outros Cavalleiros. —

— Senhor Ferabraz de Alexandria, (disse Oliveiros) agradeço-te a mercê, que me fazes; mas tem por certo que não tenho necessidade, nem de me curar, nem de beber o teu balsamo, e deixemos as práticas, e vamos á batalha; porque essa não se escusa, salvo com condição, que deixes os teus Deoses, e te baptizes, e crêas na Lei de Christo. E se isto fizeres, alcançarás a vida eterna, e terás por bom amigo ao Imperador Carlos Magno; e eu te prometto de nunca deixar a tua companhia. — Ferabraz respondeu a Oliveiros: — Não te canses; porque de nenhum modo hei de fazer o que dizes. —

## C A P I T U L O IX.

*Como Oliveiros, e Ferabraz começáraõ a batalha, e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros.*

Apercebidos, e postos em ordem os dous Cavalleiros, rogou outra vez Ferabraz a Oliveiros, que bebesse do balsamo: porém Oliveiros disse: — Ferabraz, não te quero vencer por virtude do balsamo, senão com a espada, e armas, como Cavalleiro. — Dito isto, tomáraõ ambos campo á sua vontade, e com tanta força se combatéraõ hum com outro, que do primeiro encontro ficáraõ as lanças em pedaços, e logo puxáraõ as espadas, e peleijaraõ de tal sorte, que entre elles se não conhecia vantagem, do que Ferabraz ficou muito admirado: ainda que estavaõ apartados grande distancia do exercito, com tudo Carlos Magno, e os mais Cavalleiros os viaõ peleijar.

Vendo o Imperador o perigo, em que estava Oliveiros, entrou no seu Oratorio, onde tinha hum devoto Christo crucificado, e posto de joelhos com muita devoção, lhe disse: — Meu Deos, e meu Senhor, cuja Imagem tenho diante dos meus olhos: Eu te rogo humildemente, ainda que indigno, que queiras ajudar a Oliveiros, que, por augmentar a tua Santa Fé, está em grande perigo. — Nesse tempo estavam os dous Cavalleiros muito ferozes na batalha, de tal sorte, que sahiaõ das armas centelhas de fogo: e estando já cansados, se retiráraõ para descansar hum pouco.

E tornando outra vez á sua batalha, deo Oliveiros tal golpe em Ferabraz, que toda a pedraria preciosa lhe fez cahir por terra, e ficou taõ aturdido da pancada que perdeu as estribeiras, e redea do cavallo, e quasi esteve a cahir por terra. Vendo Carlos Magno, e os seus Cavalleiros este golpe, tiveraõ grande contentamento; e entaõ lhe disse Roldaõ: — Oh Oliveiros, meu especial amigo, e companheiro! Provea a Deos que estivesse eu agora em teu lugar, para dar brevemente fim á batalha, naõ porque tu naõ sejas sufficiente para maiores empresas, se estivessem sem essas graves feridas; mas receio que a falta de forças te abbrevie mais depressa a morte, pois o Gigante he muito valente. — Estas palavras ouvia Carlos Magno, e lhe disse: — Roldaõ, melhor fóra que tu fosses á batalha, porque estavas com saude perfeita, e naõ Oliveiros, pois está taõ perigosamente ferido: e se elle morrer na batalha, nunca jámais me ha de esquecer a tua inobediencia; pois que mandando-te ir, naõ quizeste. —

A isto naõ respondeo Roldaõ cousa alguma. Ferabraz, tornando em si, e cobrando os estribos, e redeas do cavallo, deitando escuma pela boca, e sangue pelos olhos, tirada a viseira, e chamando pelos

seus Deoses, que o ajudassem, se foi para Oliveiros com a espada chamada Baptizo, e lhe deu tal golpe, que cortando-lhe os laços do elmo lho fez cahir em terra, e com o mesmo golpe lhe ferio o cavallo perigosamente, e resvalando a espada ferio em huma perna a Oliveiros, o qual ficou deste golpe tão atordoado, que certamente cahira do cavallo, se não se abraçara com o arçao da sella; e entre si entao disse: — Oh meu Deos, que cruel golpe foi este! O' Virgem Santissima, a ti me encomendo; roga, Senhora, a teu amado Filho Jesu Christo, que não permita que morra este seu Cavalleiro as mãos deste Turco. —

E para descansar algum pouco tirou a viseira, e quando Ferabraz o vio tão demudado, lhe disse: — Oliveiros, nobre Cavalleiro, já sabes como corta a minha espada, e assim toma o meu conselho, vai-te para a tua casa, e cura-te das tuas feridas; porque se porfias nesta batalha, não viverás huma hora, pois te vejo já desmaiado pelo muito sangue que tens perdido, e derramado; e assim manda-me a Roldão, ou a outro qualquer dos doze Pares, que eu aqui esperarei a pé firme; e isto has de fazer, antes que mais experimentes as minhas forças. —

Quando Oliveiros ouviu isto, todo cheio de cólera, e apertada a espada na mão, lhe disse: — O' Turco, todavia tu me ameaças de dar-me a morte? Eu espero naquelle justo Deos que ta darei eu a ti. — E dizendo isto, foraõ logo avançando hum para o outro: e peleijáraõ tão fortissimamente, que subiaõ pelo ar as faiscas de fogo, que sahiaõ das suas fortes armas; sem descansar hum minuto, não se distinguiaõ huns golpes dos outros; e faziaõ tal estrondo, que pareciaõ ferreiros malhando ferro.

Estava o Imperador Carlos Magno, e os seus Cavalleiros espantados de tão cruelissima pendencia; e

entrando Carlos Magno no seu Oratorio com perfeita fé, começou a dizer: — O' Poderoso Deos, que por nós outros padeceste Paixão, e Morte: serve-te pela tua Divina Misericordia de ajudar a Oliveiros, para que não acabe a vida nas mãos de teu, e seu inimigo. — Neste tempo não cessavaõ de peleijar continuamente, de tal maneira, que Ferabraz cortou hum arco de aço dourado, que tinha Oliveiros ao redor do elmo, e lhe cahio sobre os olhos, e o golpe lhe abriu as armas, e o ferio no peito.

## CAPITULO X.

*Como Oliveiros fez oração a Deos, que o guardasse, e favorecesse contra o Turco.*

Estando Oliveiros mal ferido, e só com a esperança no socorro de Deos, começou a exclamar desta maneira: — O' meu Deos, e Senhor, Principio, Meio, e Fim de todas as cousas, que estão sobre o Firmamento; e que com a tua propria Mão formaste nosso primeiro Pai Adão; e por companhia lhe deste a Eva formada da sua costa, e os collocaste no Paraiso Terreal, e hum só fructo lhes prohibiste, e d'elle, enganados do demonio, comêraõ, e por elle perdêraõ o Paraiso.

E tu, Senhor, doendo-te da perdição do Genero Humano, baixaste ao mundo, e tomaste humana carne no Ventre Virginal da Santissima Virgem Maria Senhora Nossa; e os tres Reis vierã de longas terras a adorar-te, e te offerecêraõ as suas dadas de Ouro, Incenso, e Mirra; e logo ElRei Herodes imaginando matar-te, fez morrer muitos meninos innocentes, e depois prégaste neste mundo a tua Santa Doutrina: e os Judeos invejosos te craváraõ na Cruz, e estando nella te abriu Longuinho com huma lança o teu Santo Peito, e d'elle sahio sangue, e agua, (que he figura do Sacramento) e cabindo nos olhos do ce-

go Longuinho, recuperou a vista, que tinha perdida, e crendo em ti, se salvou, e o teu Santo Corpo foi sepultado em hum monumento de pedra; e ao terceiro dia resuscitaste, tiraste as almas dos Santos Padres, que estavaõ no Limbo, e no dia da tua Ascensãõ, á vista dos teus Discipulos, subiste ao Ceo. Assim Senhor, como firmemente creio isto, sem dúvida, nem contradicção alguma de incredulidade, te peço queiras ser em minha ajuda contra este Turco, porque vencido se converta, e crêa em ti, e entre no verdadeiro caminho da sua salvaçãõ. —

Dito isto, com firme esperança em Deos, beijou a Cruz da espada, e se moveo para Ferabraz, o qual tinha ouvido com muita attenção tudo o que Oliveiros tinha dito; e rindo-se disse: — Por tua vida, Oliveiros, te peço que me declares a oraçãõ, que agora disste com tanta devoçãõ. — Oliveiros lhe disse: — Prouvera a Deos, Ferabraz, que cresses tu em o que eu disse, como eu creio, e que deixasses os abusos dos teus falsos Idolos, conhecesses o teu verdadeiro Creador, e Redemptor, e recebesses, o Santo baptismo, e guardasses os seus Santos Mandamentos. —

— Nisso não falles, (disse o Turco) porque os meus Deoses saõ piedosos para quem os chama, e vejo que o teu Deos não te quer ajudar em tão grande necessidade; por onde te dou de conselho, que deixes o teu Deos, e te faças Mouro. — Oliveiros lhe disse: — Turco, simplesmente fallas em dizer-me que deixe ao Creador do Ceo, e da terra, por adorar hum falso Idolo de ouro, ou prata, feito por mãos de homens. Isso só fazem os cegos do entendimento, aos quaes traz o demonio enganados, como te traz a ti, e aos teus; e deixemos razões, vamos á batalha. —

Ferabraz lhe disse: — Todavia, tu porfias em querer morrer ás minhas mãos: pois procura defenderte; porque não terei de ti nenhuma piedade. — Oli-



veiros lhe respondeo: — Nem eu a terei de ti, nem descansarei até dar-te a morte, ou levar-te preso a Carlos Magno. — E logo arremettêraõ hum com o outro, com tanta ferocidade, que pareciaõ dous bravissimos leões; e Ferabraz deo a Oliveiros hum tão grande, e cruel golpe, que não podendo suspender a espada, lhe ferio o cavallo na cabeça, o qual espantado da pancada, largou a correr com tal furia pelo campo, que fez as redeas em pedaços, sem que Oliveiros o pudesse fazer parar. E vendo Ferabraz que Oliveiros não podia suspender o cavallo, deo de esporas ao seu, e pondo-se diante o fez socegar.

Quando Oliveiros vio a Ferabraz junto a si, entendeo que o queria segurar para o ferir, e saltando mui ligeiramente em terra, lhe disse: — Turco, faze o que puderes, que nenhuma vantagem te conheço, ainda que estás a cavallo, e eu a pé, porque sempre te hei de matar, ou ferir, e render. — Ferabraz lhe disse: — Não crêas, Oliveiros, que levante a minha espada para ferir-te, em quanto estiveres a pé, porque tu não tens culpa da falta do teu cavallo: e assim concerta as redeas, e monta nelle, e tornaremos á batalha, se quizeres; e se a queres deixar para outro dia, nesse campo te esperarei sem dúvida. — Oliveiros lhe respondeo: — Ferabraz, nobre Cavalleiro, não ha de cessar a batalha sem a morte, ou vencimento de hum, ou de outro. —

Concertadas, e dados nós nas redeas do cavallo, montou Oliveiros de salto nelle com tanta ligeireza, que parecia que voava, e voltou para a batalha: e depois que jogaraõ muita pancada, começáraõ huma escaramuça, rodeando-se hum ao outro para melhor se ferirem. Tropeçou nesta escaramuça o cavallo de Ferabraz, e cahio em huma cova, ficando Ferabraz debaixo de tal sorte, que não podia sahir para fóra de nenhuma maneira; o que vendo Oliveiros, saltou

muito ligeiramente em terra, e tomando o cavallo de Ferabraz pelas redeas, lho desviou pelo não molestar, e vendo que Ferabraz se não podia levantar, o tomou pelos braços, e o ajudou a erguer, e lhe disse que cavalgasse, e tornasse para a batalha.

Então cavalgou Ferabraz muito ligeiramente no seu cavallo, e disse a Oliveiros: — A tua bizzarria, e nobreza me faz, Oliveiros, perder o desejo desta batalha; e assim te peço por mercê que a deixes, e leves a honra della. — Oliveiros respondeo: — De nenhuma maneira a deixarei, salvo se quizeres ir prisioneiro a Carlos Magno. — E como Ferabraz não quiz, tornárao outra vez a continuar na peleija, e deo Ferabraz tão grande pancada em Oliveiros, que lhe fez rebentar o sangue pelos narizes.

## C A P I T U L O X I.

*Como Oliveiros á força de armas ganhou o Balsamo a Ferabraz.*

Quando Ferabraz vio voltar a Oliveiros com tão magnanimo coração para a batalha, lhe disse: — Oliveiros, por certo que estou admirado do teu grande valor, e esforço do teu coração. Com o teu sangue tenho regado todo o campo, e vejo o teu elmo, e arnez despedaçados, e desguarnecidos, e a minha cortante espada toda tinta, e o teu cavallo muito cansado pelos grandes golpes, e pancadas, que hoje tem recebido, e eu enfadado já de te ferir, e o teu forte coração nunca enfadado, nem perturbado, antes está muito mais feroz, e atrevido, que no principio da batalha. Muito quizera que gozasses a tua nobre mocidade; e por isso te tenho pedido muitas vezes que deixasses a batalha, e de novo te rogaria, só por não encurtar os teus dias, se te visse com proposito de tomar o meu conselho; mas como vejo as tuas forças muito diminutas, e os teus braços, e membros mui-

to cansados, e por outra parte vejo o teu enganado coração arder no desejo de pelejar, desprezando os golpes da minha forte espada, e aborrecendo as minhas razões, e práticas, attribuindo a cobardia o que he generosidade de minha pessoa, ou nobreza do meu Real sangue, que me obriga a dizer-te a verdade. E assim, já que tanto foges do que todos os viventes desejão, que he o viver, encommenda a tua alma ao teu Deus; porque o teu cansado corpo já não terá esforço para livrar-se do furor do meu forte braço. —

Ainda não erão bem acabadas estas tão soberbas, e arrogantes palavras, quando Oliveiros apertando a espada na mão, e coberto com o seu escudo, se foi para Ferabraz; e levantados ambos os dous valerosos Cavalleiros sobre os estribos, e desprezando o morrer, se deraõ tão terriveis golpes, que nem a fineza dos escudos, nem a força de tão valentes braços puderão fazer que as suas cortantes espadas não chegassem aos elmos, ou capacetes de ambos, e foraõ tão duros os golpes, e com tanta força, que ambos cahirão, perdido o sentido, sobre os arções das sellas, e da grande força fincáraõ os cavalloos os joelhos no chão, e duas partes dos escudos cahirão em terra; e foi o golpe, que deo Ferabraz, de tal sorte, que resvalando a espada do elmo de Oliveiros, lhe desceo aos peitos, e lhe partio o arnez, e todas as mais armas, e ferio Oliveiros na teta esquerda.

Vendo Oliveiros sahir do seu peito tanta abundancia de sangue, disse da maneira seguinte: — O verdadeiro Deus Todo-Poderoso, ouve esta tua alma, já que o corpo não mereceo ser ouvido: vejaõ os teus clementissimos olhos este indigno servo teu, que te chama na sua ultima hora. Não peço, Senhor, o vencimento da batalha, sómente te peço que esta peccadora alma, resgatada com o teu precioso Sangue, não perca a gloria, que prometteste ás tuas fieis crea-

turas. O' Virgem bemdita, Mãi de Misericordia, roga pelo teu Cavalleiro, que te chama em tão grande necessidade, e ancia. —

Disse isto, e se cobrio com a parte do escudo, que lhe tinha ficado, e se foi para Ferabraz, dizendo: — Eia, Cavalleiro, dêmos já fim a esta dilatada batalha, e procura defender-te, que se fico no campo morto, farei que te não vás gabar a povoado. — Quando Ferabraz o vio tão demudado, assim na falla, como na côr do rosto, lhe disse: — Oliveiros, nobre Cavalleiro, muito me peza do teu mal; chega-te depressa para mim, beberás do meu balsamo; e cobrarás saude, e toda a força, que tens perdido. — Oliveiros lhe disse: — O' generoso Turco, quaó grande he a tua cortezia, e nobreza! Bem parecem as tuas acções com o nobilissimo sangue, donde descendes; mas adverte que não hei de beber do teu balsamo, se com a minha espada o não ganhar. —

Logo como leões ferozes se foi hum para o outro, e os golpes foraó taes, que lançaó as armas taes faiscas, que do exercito de Carlos Magno se vio o fogo, que sahia dellas: e Oliveiros acertou em huma perna de Ferabraz, da qual ferida lhe sahio immensidade de sangue. Vendo-se o Turco com tão grande ferida, se desviou de Oliveiros hum pedaço, e bebeo muito depressa do balsamo, e ficou sanissimo; de que Oliveiros ficou muito triste, e desconsolado; e com grande furia deo hum grande golpe em Ferabraz, e cobrindo-se este com o escudo, resvalou a espada, e desceo o golpe até o arçao da sella, e cortou as cadêas, em que estavaó presos os barris do balsamo, e cahiraó ambos no chaó; e da grandeza do golpe se espantou o cavallo de Ferabraz, e fugindo se desviou hum grande pedaço de Oliveiros, tanto, que teve lugar de apear-se, e beber do balsamo á sua vontade, e logo se achou com saude, como se nunca houvesse

estado ferido, nem doente. Disto deo Oliveiros infinitas graças a Deos, e disse entre si: — Nenhum bom Cavalleiro deve peleijar com esperanças de taes bebidas. — E tomou os barris, e os lançou em hum caudaloso rio, que estava perto. (E se lê em hum livro da lingua Toscana, que falla deste Ferabraz, que nos dias de S. Jdaõ apparecem os barris em cima da agna.)

Quando Ferabraz vio os seus barris perdidos, com grande raiva disse a Oliveiros: — Oh homem simples, e sem juizo! Porque deitaste a perder o que com todos os thesouros do mundo se não pôde comprar? Apparelha-te pois, que entendo que bem os haveras mister antes que de mim te apartes. — É dizendo isto se foi para elle com grande ferocidade; mas Oliveiros, que estava já bem disposto, o esperou com o seu coração magnanimo, e se deraõ mui grandes golpes; e hum que deo Ferabraz, foi com tanto impeto, que resvalando a espada do escudo de Oliveiros, lhe acertou no pescoço do cavallo, e lho cortou cêrceo, e ficou Oliveiros apeado, e Ferabraz admirado de que o seu cavallo não arremettesse a Oliveiros, porque tinha este costume, e a muitos tinha desta maneira dado a morte.

## C A P I T U L O XII.

*Como os dous Cavalleiros deraõ batalha a pé; e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros.*

Como Oliveiros se vio sem cavallo, ficou muito triste, e disse a Ferabraz: — O' Rei de Alexandria, e valente Cavalleiro, valerosamente te has havido hoje contra mim. Tu te gabaste que a cinco Cavalleiros juntos, taes como eu, darias batalha, e me mataste o cavallo, sabendo que na ordem da Cavalleria está instituido, que o Cavalleiro, que em desafio mata o cavallo ao outro: deve perder o seu. — Ferabraz lhe

disse: — Dizes verdade, porém bem viste que eu não atirava ao teu cavallo; mas não ficarás queixoso de mim; espera, que eu te dou o meu; e sabe que he o melhor que ha no mundo; e estou admirado como te não despedaçou, tanto que te vio a pé, que assim o tem feito a outros muitos Cavalleiros. — E logo se apeou para lho dar, porém Oliveiros lhe disse: — Não crêas, Ferabraz, que hei de receber de ti cousa alguma, salvo o ganhar por força de armas. —

E apeados os dous Cavalleiros, começáraõ huma mui cruel batalha: e parecia Ferabraz huma torre junto a Oliveiros, que era muito menor de corpo, ainda que o não era nos golpes, nem na destreza do peleijar; e continuando na batalha, tirou Ferabraz com toda a sua força hum golpe imaginando acertar na cabeça de Oliveiros; porém elle se desviou para hum lado, e não se apartando do seu inimigo, deo este o golpe no chaõ; e antes que Ferabraz levantasse o braço, lhe deo Oliveiros hum grande golpe, de que ficou atordoado, e sem sentidos, e com a grande força, que Oliveiros poz em ferir a Ferabraz, se lhe adormeceu o braço, e mão, e lhe saltou a espada fóra; e coberto bem com a parte do escudo, que lhe tinha ficado, se abaixou para a tomar; porém o Turco, que estava perto, e já alliviado, lhe deo a seu salvo tal golpe, que a pequena parte do escudo, que tinha, lho fez em pedaços, e ficou Oliveiros sem escudo, e sem espada, e o braço atormentado do golpe.

Tudo isto vio Guarim seu escudeiro, que estava em huma alta torre vendo a batalha, e tanto que vio seu Senhor sem armas, com muito grande choro, e lagrimas entrou aonde estava Carlos Magno, e com grandes vozes disse: — Que via a Oliveiros, seu amo, sem armas, e o Turco bem armado procurando dar-lhe a morte. — E ouvindo isto Carlos Magno, e Regner, Pai de Oliveiros, e os mais Cavalleiros,

que estavaõ todos juntos, ficaraõ com muito sentimento, e logo Roldañ tomando o seu escudo, e espada, e posto de joelhos diante de Carlos Magno lhe pediu licença para ir socorrer a Oliveiros: porém o Imperador o não quiz consentir, dizendo: — Que seria estranhado entre os Cavalleiros; porque só por hum sóia desafiado. —

Entrou logo o Imperador no seu Otatorio, e posto de joelhos diante de Jesu Christo Crucificado, e derramando infinitas lagrimas rogo a Deos pelo seu Cavalleiro, dizendo: — Senhor, pela tua infinita Misericordia te peço que ajudes, e favoreças a Oliveiros, que pela tua Santa Fé está em grande perigo. — E fez grandes votos, e promessas a Deos. Acabada a cração, ouviu huma suavissima voz, que disse: — Carlos Magno, não te afflijas pelo teu Cavalleiro, que ainda que seja tarde ha de ganhar a victoria. — Ouvindo o Imperador taõ soberano annuncio, deo a Deos louvores infinitos, e com grande alegria sahio para fóra, e contou tudo a Regner, Pai de Oliveiros, que estava com grande tristeza, e sentimento por seu filho.

Quando Ferabraz vio a Oliveiros sem espada, e sem escudo, e que não ousava baixar-se a tomar a sua espada, lhe disse: — O' nobre Oliveiros, Cavalleiro de grande honra, por certo que tenho alcançado alguma cousa do que desejava sobre ti, e tu não imaginavas; e assim bem te podes já dar por vencido, porque estás sem espada, e não te atreves a tomá-la. E pela tua grande nobreza, e bizatria, quero fazer hum partido contigo, para que possas lograr-te da tua mocidade. E he, que promettas deixar a tua Lei, e adores os meus Deoses, e lhes peças perdão dos inuitos damnos, que tens feito ao Turcos; e desta maneira poderás evitar a morte, e casar-te-hei com minha irmã Floripex, que he a mais formosa Dama, que há em toda a Turquia: se isto fixe-

res, antes de hum anno voltaremos com hum grande exercito, e ganharemos todo o Reino de França, e te farei coroar Rei della; e depois entraremos por toda a Allemanha, e tudo o que ganharmos será teu; e das terras que eu possuo te darei hum grande parte. —

Oliveiros lhe respondeo: — Turco, de balde fallas, pois ainda que me desses todos os Reinos, e thesouros do mundo, não faria cousa alguma do que me dizes; antes consentira que me despedaçassem todo o corpo, membro por membro, pedaço por pedaço, do que discrepar, nem fugir hum só ponto da Lei do meu Deos, e meu Senhor Jesu Christo. — Ferabraz lhe disse: — Juro pelo poder dos meus Deoses, que és o mais obstinado homem do mundo, pois que nenhum perigo, nem trabalho te haõ feito mudar o proposito, nem afrouxar o coração, e assim te podes gabar que nunca homem algum durou tanto tempo diante de mim, nem em alguma batalha fui taõ combatido, e cansado, como nesta tenho sido; e pelo teu grande valor quero usar desta cortezia contigo. E he, que tomes a tua espada, e com ella tornes á batalha, que eu deixarei o escudo, para que fiquemos ambos iguaes nas armas. —

Oliveiros respondeo: — Nobre Turco, não posso negar a tua cortezia, e grande nobreza, mas por tudo quanto ha no mundo nunca tal farei, porque o meu proposito he acabar a batalha, e esta não terá fim sem a morte de hum de nós outros, ou de ambos juntos; se por cortezia eu tomasse a minha espada, e com ella alcançasse victoria, ou poder sobre ti; como te poderia negar a paz, ou tregoa, se me pedi ses? E assim faze tudo o que puderes contra mim, porque a minha vida, ou morte deixo nas mãos de meu Redemptor, e Deos Omnipotente, por cuja graça espero resgatar a minha espada. —



Por certo, Oliveiros, (disse Ferabraz) que és demasiadamente teimoso; porém depressa verás a tua destruição, e que o teu Deus te não poderá livrar das minhas mãos, e assim verás frustrado o teu pensamento. —

### CAPITULO XIII.

*Como Oliveiros ganhou huma das espadas de Ferabraz, e com ella o venceo.*

Quando Ferabraz vio que Oliveiros não quiz tomar a sua espada, o teve por grande loucura, e coberto do seu escudo, se foy para elle com grande furor: tinha Oliveiros sómente para se defender hum pedaço do escudo na mão sem outra arma alguma, e como vio que Ferabraz levantou o braço para o fazer, atirou-lhe com o pedaço do escudo á cara, quebrando-lhe a viseira, de cuja pancada deo Ferabraz hum grande grito, do qual se espantou o seu cavallo, e deo hum salto para junto de Oliveiros, e voltando este para o cavallo, vio que tinha duas espadas penduradas no arçãõ da sella, e lançou a mão a huma, que se chamava Baptizo, e voltando para o Turco, lhe disse: — Ferabraz de Alexandria, guarda-te agora de mim, que estou provido de boa espada. —

Quando Ferabraz lhe vio a sua espada na mão, lhe disse: — O' minha boa, e admiravel espada, muito tempo ha que te possuo, e estimo; e agora me peza muito de te perder; e disse a Oliveiros: Cavalleiro, toma a tua espada, e deixa-me a minha, e prosigamos a nossa batalha. — Oliveiros lhe respondeo: — Por certo, Cavalleiro, que não deixarei a tua espada, até que veja se he tão boa como tu dizes, e por isso te apparelha, e vem para a batalha, porque já desejo ver a bondade della. —

Dizendo isto, se foy hum para o outro com hum coraçãõ intrepido, e Oliveiros deo tal golpe a Fera-

braz, que lhe fez fincar os joelhos no chão, e conheceu Oliveiros que aquella espada era muito melhor que a sua; e abençoou o Mestre, que a tinha feito. E levantando-se Ferabraz, e tornando para Oliveiros foraõ os seus golpes taes, que em pouco tempo se acharaõ quasi desarmados.

Tiradas as viseiras para descansar, teve Oliveiros lugar de ver a cara a Ferabraz, e vendo-o algum tanto demudado, disse: — Oh Todo Poderoso Deus, que grande bem lograria a Christandade, se este Infiel se fizesse Christaõ; porque elle, e Roldaõ, e eu fariamos tremer toda a Turquia! O' Virgem Mãi de Deus, pede a teu bento Filho, que inspire no coração deste Turco, que deixados os seus Idolos, venha a conhecer o seu Creador, e siga o verdadeiro caminho da sua salvação. — Ferabraz lhe disse: — Oliveiros, deixa já estas razões, vê se queres dar já fim a esta batalha, ou se a queres deixar. — Oliveiros lhe respondeo: — Agora o verás. — E como ferozes leões se começaraõ de novo a combater, e Oliveiros deo tal golpe a Ferabraz, que lhe desarmou todo o hombro esquerdo até o cotovelo: e Ferabraz lhe metteo a espada pelo elmo até a carne, e lhes foi forçoso desviar-se hum do outro.

Conhecendo Oliveiros que Ferabraz estava já temeroso, e receava entrar a batalha, por ter as armas destruidas do grande golpe, com dobrado coração se chegou a elle, e levantando o braço, e espada lhe disse. — Nobre Turco, chega para mim, e daremos fim á nossa contenda, e verás que já não teraõ os teus Deoses poder para te livrar dos meus golpes. — Ferabraz lhe respondeo: Agora verás se o teu Deus tem poder: — e deraõ-se mui grandes golpes; e andando-se pelejando, vio Oliveiros que Ferabraz sempre levantava o braço esquerdo, porque não o ferisse no hombro desarmado; e vio que jun-

to da ilharga lhe faltava huma peça do arnez, e levantando a espada, fez apparencia de lhe tirar hum talho ao hombro, e como o Turco levantou o braço, lhe tirou Oliveiros hum revez, e voltando o corpo o ferio na ilharga desarmada.

#### CAPITULO XIV.

*Como Ferabraz foi vencido, e se converteo, e como Oliveiros teve huma grande batalhã com os Turcos.*

Ferabraz como se vio com taõ cruel, e quasi mortal ferida, e que não podia resistir contra Oliveiros, illuminado da graça do Espirito Santo, conheceo o erro dos Turcos; e posta a mão esquerda sobre a ferida, disse a Oliveiros: — O' nobre Cavalleiro, e de mui grande valor, por honra do teu Deos, o qual confesso ser verdadeiro, e Omnipotente, te rogo que não me deixes morrer, sem que primeiro receba o Santo Baptismo, e depois faze de mim quanto quizeres, pois me venceste em muito leal batalha; e se pela tua falta, ou negligencia morrer Pagaõ, ser-te-ha pedida estreita conta diante de Deos: e pois que tanto mostravas o grande desejo de ver-me Christaõ, cuida muito na minha vida, e cura-me esta ferida, que bem vês que me estou esgotando em sangue: e se não, morrei diante de teus olhos, e será minha alma perdida. —

Teve Oliveiros tanto pesar, como contentamento de ver a Ferabraz convertido, que com o grande gosto lhe rebentáraõ as lagrimas pelos olhos, e com grande amor lhe curou a ferida o melhor que pôde. Entaõ disse Ferabraz: — Oliveiros, convém muito, para que a minha alma se salve, que montes no meu eavallo, e me ajudes a subir nas ancas, ou atravessado sobre o pescoço, e me leves para terra de Christãos, para que receba o Santo Baptismo: e assim he necessario que seja logo, e com brevidade, porque se te detiveres algum tempo, temo que não tenhas poder

para valer-te a ti, nem menos para levar-me aonde tanto desejo ir; porque esta manhã deixei dez mil Turcos emboscados detraz desse monte, e vendo-me vencido, sahirão todos contra ti para eu ser resgatado; o que já não quero, senão viver na Fé de Jesu Christo.

Quando Oliveiros ouviu isto, teve grande pena, tanto pelo desejo de ver Christão a Ferabraz, quanto pelo perigo da sua vida. E logo saltou mui depressa no cavallo, e pôz a Ferabraz no pescoço do cavallo, junto do arçãõ da sella. Ferabraz lhe disse: — Oliveiros, agora tens quatro espadas, que valem quatro Cidades. — E assim se puzeraõ a caminho.

Olhando Oliveiros para o monte, onde Ferabraz tinha deixado a sua gente, vio huma espia, que hia á redea solta avisar a gente, que estava emboscada. E logo sahio hum Cavalleiro armado com todas as armas, e huma grossa lança na mão direita; e o vinhaõ seguindo os soldados, dando grandes vozes, e alaridos. Vendo Oliveiros taõ grande tumulto, teve grande sentimento por não ter tempo para poder pôr a Ferabraz em salvo; e não menos pezava a Ferabraz porque queria ser Catholico; e nesta confusaõ, e labyrintho, disse Oliveiros: — Senhor Ferabraz, perdoa-me: mas bem vês que he preciso que te apees do cavallo, porque não se escusa haver batalha com os Turcos, que ahi vem á redea solta contra mim, talvez imaginando que te levo por força, e violentado. —

Respondeo Ferabraz: — Oh nobre Oliveiros, e mais valente Cavalleiro, que jámais vestio armas! Tu me ganhastes em justa batalha com a força do teu animoso coraçãõ, e agora me queres deixar? Advertete que a hora se ganha em acabar bem as cousas; e se me deixas agora, nenhum louvor mereces do teu passado trabalho. — Respondeo Oliveiros: — Fera-

braz, dizes bem, e fallas como grande Cavalleiro; por isso te prometto de te não deixar, em quanto puder menear a espada. —

Ferabraz lhe disse: — Senhor Oliveiros, as tuas armas estão muito despedaçadas, e por isso apartemo-nos do caminho hum pedaço, e tomarás destas ninhias o que te faltar para ficares bem armado. — E desviando-se da estrada, pôz Oliveiros a Ferabraz junto a huma arvore; e tomou o seu elmo, e outras armas, que o acabáraõ de armar, e se despedio d'elle com muitas lagrimas.

Voltando para o caminho, por onde os Turcos vinhaõ, vio vir hum muito dianteiro, que foi o primeiro que tinha sahido do monte, e estando Oliveiros sem lança, esperou a seu inimigo, que com huma grande lança vinha para elle; e chegando hum para o outro, imaginou o Turco feri-lo a seu salvo; porém Oliveiros, desviando o corpo, se chegou a elle, e lhe deo tal golpe, que ficou o Turco sem sentidos, e quasi cahindo do cavallo abaixo; e pegando-lhe Oliveiros por hum braço, lhe tirou o elmo, ou capacete da cabeça, e lhe deo tal pancada com a maõ da espada, que lhe fez saltar os miolos fóra; e lhe tomou a lança, e se foi para os mais Turcos, e nelles fez tal estrago, que parecia hum raio do Ceo; e os Turcos perdêraõ de tal sorte o animo, que fugiraõ para o Almirante Balaõ, e lhe contaõ, não só o succedido a elles, mas tambem como seu filho Ferabraz estava cativo em poder dos Christãos.

Ouvindo o Almirante Balaõ taõ triste nova, logo em continente mandou cincoenta mil Turcos de cavallo contra Oliveiros, os quaes em breve tempo o cercáraõ, porém foi tanta a mortandade, que nelles fez, que se não lhe matassem o cavallo, e despedaçassem as armas, he certo que nenhum ficava vi-

CAPITULO XV.

*Como Oliveiros foi preso, e tapados os olhos foi levado á  
 presença do Almirante Balaão.*

Achando-se só Oliveiros, e a pé entre tanta quantidade de Turcos, e sem esperança de viver, nem de soccorro de Carlos Magno, por não ser sabedor de tal successo: andava entre elles como lobo raivoso, matando derrubando, cortando pernas, e braços, abrindo cabeças, despedaçando elmos, e desguarnecendo arniezes, de sorte, que todos os Turcos estavaõ admirados dos seus fortes golpes: porém acudio tanta quantidade de Turcos; que estando já cansado, e a maior parte do seu corpo ferido, o derrubáraõ no chaõ, e lhe atáraõ as mãos atraz, e tapande-lhe os olhos o montáraõ em huma azemola, e o leváraõ ao Almirante com toda a pressa.

Vendo-se Oliveiros taõ maltratado, e sem esperança alguma de soccorro, disse: — O' Carlos Magno, muito nobre Imperador, onde estás agora? O certo he, que não sabes a grande necessidade, e aperte, em que está o teu leal Cavalleiro Oliveiros. O' nobre Roldaõ, desperta, se acaso dormes, cheguem aos teus ouvidos os meus infortunios, e se acaso tem já chegado á tua noticia, porque tardas tanto com o soccorro? Adverte que me levaõ, aonde sem temor do teu auxilio, me pôdem dar vituperiosa morte.

O' Pares de França, porque vos esqueceis do vosso leal companheiro? Não sejais preguiçosos em ajudar a quem nas mais cruéis guerras, e maiores affrontas, nunca foi preguiçoso em ajudar-vos. O' Christãos, os que nas perigosas, e tyrannas batalhas muitas vezes tivestes o soccorro de Oliveiros; apressai os vossos pés, e vinde soccorrer-me, se já não he

que a ingratição vos detem. O' muito amado, e estimado Pai, quanto melhor fora não me ter gerado, pois em galardão do ser, e criação, que te devo, te darei com o pezar, e sentimento do meu miseravel, e funesto fim, mais apressada morte. O' lastimosa velhice! bem creio que não terás mais vida, que em quanto chega a teus ouvidos a noticia da minha desasturada morte. e só, meu Pai, te fica huma consolação, e he, que com a minha morte te livrarás de muitos sobresaltos, que te podia dar com a minha vida.

Sempre amado, e querido Pai dos meus olhos, allivio da minha vida, e objecto unico do meu coração, cada vez que me vias armado, te tremião as carnes com o temor da minha morte: e principalmente quando sahi á batalha com o nobre Ferabraz, pelo muito amor que me tinhas. Mais consolação terias, se eu acabasse a vida na batalha de tão nobilissimo Cavalleiro, do que nas mãos de tão vil canalha; porque atados os pés, e as mãos, e tapados os olhos, me levaõ ao degolladouro.

O' muito justo, e misericordioso Deos: serve-te de consolar a meu velho Pai, que hoje perde hum só filho, que tinha, e guardar a teu servo, e convertido Ferabraz: e a mim dar-me paciencia nesta morte tão affrontosa, porque a minha alma vá lograr da eterna Gloria, que para os teus fieis tens apparelhado. —

Era o ruido da gente tão grande, e estrondoso, que o sentião os Christãos; e Carlos Magno, receando o perigo de Oliveiros, sahio com mui pouca gente, e não muito bem armada; e chegando ao campo, onde se ouvio o ruido, começaraõ a pelear, e deraõ tão cruel batalha, que em breve tempo morrerãõ tres mil Turcos; porém acudio tão grande número delles, que chegando a noite se achãõ os Christãos cercados, e muitos mortos, e foraõ presos, e maltratados quatro dos doze Pares.

Quando Roldaõ vio que a sua pouca gente estava sem fórma, nem ordem alguma, e mettida entre taõ grande número de infieis, começou a junta-la, naõ sabendo da prisaõ dos quatro Cavalleiros; mas quando vio que lhe faltavaõ, pôz em boa ordem os Christãos, e elle diante, e foraõ em seguimento dos Turcos, que já hiaõ fugindo á redea solta com a preza dos cinco Cavalleiros dos doze Pares, que levavaõ; e foi tal a matança, que fizeraõ nos Turcos, que corriaõ regatos de sangue pelo campo, e os Christãos, que seguiaõ a Roldaõ, naõ podiaõ passar adiante por lho impedir a grande quantidade de corpos mortos, e de tal sorte, que lhes impedio o poder alcançar os Cavalleiros prisioneiros, que os levavaõ os Turcos diante com toda a pressa, e á redea estendida. Recolhida a gente por Roldaõ, se tornáraõ para o campo, onde tinhaõ começado a batalha; e assim, naõ menos cansados, do que tristes pela falta dos seus Cavalleiros, estiveraõ até amanhecer.

### C A P I T U L O XVI.

*Como Ferabraz foi achado no campo, e como o Imperador Carlos Magno o fez baptizar, e curar as suas feridas.*

Chegada a manhã, mandou Carlos Magno que fossem buscar todos os Christãos, que se achassem mortos no campo, e que fossem enterrados com toda a honra devida aos que crêm na Fé de Christo; e quando vio o número dos mortos, chorou amargosamente, como tambem pelos seus Cavalleiros, que estavaõ presos em poder do Almirante, e mandou que todos os feridos fossem curados. Feito isto, mandou a Roldaõ que passasse mostra a toda a gente, e mandasse armar a todos de tudo o necessario, e que o seguissem; e assim andavaõ os Christãos pelo campo desarmando os mortos para armar os vivos, e tomando os cavallos, que andavaõ soltos.



Andando nessa diligencia, achárao a Ferabraz junto de huma arvore, onde o tinha deixado Oliveiros, o qual, pelo muito sangue, que tinha derramado, estava quasi morto; e alentando-se quanto pôde, dizia: — O' Jesus, e consolação dos affictos, não permittas que assim acabe este convertido Turco. — E os Christãos com muito grande piedade o levárao aonde estava Carlos Magno, o qual logo mandou que lhe curassem as feridas; e depois que tomou algum alento, lhe disse Carlos Magno: — O' nobre Ferabraz, quanto me tem custado a tua vinda! Por ti tenho perdido cinco nobres Cavalleiros, que cada hum delles he melhor que tu. — Ferabraz lhe respondeu: — Senhor, em quanto são Christãos conheço que são melhores que eu; porém no mais não, e em nenhuma cousa lhes devo a primazia, senão ao nobre Oliveiros, de quem sou prisioneiro. Eu sou filho do Almirante Balaõ, e sou coroado Rei de Alexandria, e de outras muitas Provincias; e tudo hei por bem deixar, só por ser Christão, e servir o verdadeiro Deus. —

Disto tiveraõ todos grande contentamento, e Carlos Magno lhe disse: — Ferabraz amigo, eu tenho muita alegria com essa tua resolução de queres com tanto affecto, e de todo o coração, como mostras, abraçar a Lei de Nosso Senhor Jesu Christo; e assim eu, e meu sobrinho Roldaõ, e Regner pai de Oliveiros seremos teus padrinhos: e pois que já estás livre, e sem perigo das tuas feridas, vai para Mormionda, onde nos esperarás, que eu quero ir seguindo a batalha, e buscar os meus Cavalleiros. — Ferabraz então pondo-se de joelhos lhe quiz beijar a mão, e Carlos Magno o não consentio, antes o abraçou, e levantou nos seus braços; e estiveraõ hum grande espaço de tempo fallando do que havia passado com Oliveiros, e louvando-lhe o seu valor, e nobreza.

Querendo pois Carlos Magno proseguir a batalha, lhe disse Ferabraz: — Senhor, agora não he tempo para esta empreza, pois tens pouca gente, e está muito cansada; e meu Pai tem a esta hora avisado toda a Turquia para vir á campanha, e por isto melhor te será tornar para terra de Christãos, e fazer provimento de gente, e então poderás fazer o que intentas. — A todos os Cavalleiros pareceo bem este conselho, e tambem a Carlos Magno; e assim se voltaraõ para Mormionda, onde foi baptizado Ferabraz pelo Arcebispo Turpim, e foraõ padrinhos Carlos Magno, D. Roldão, e o Duque Regner.

### C A P I T U L O XVII.

*Como Oliveiros com seus companheiros foraõ levados á presença do Almirante Balaõ.*

Foraõ levados os cinco Cavalleiros com as mãos atadas, e Oliveiros tambem com os olhos tapados, diante do Almirante Balaõ, o qual perguntou a Burlantes, seu Capitaõ, que os trazia presos, qual daquelles era o que tinha vencido a seu filho Ferabraz? Burlantes lhe respondeo: — Senhor, he este, que traz os olhos tapados, e he entre os Cavalleiros Christãos muito estimado; e sabe que elle só, antes que o prendessem, matou mais de tres mil Turcos. As suas forças, e animo não as ha em todo o mundo; e se acaso se soltasse, era capaz de destruir ametade do teu exercito. —

Perguntou o Almirante a Oliveiros quem era, e como se chamava? Respondeo Oliveiros: — Senhor, eu me chamo Eginõ, pobre Cavalleiro aventureiro, e somos todos cinco da Provincia de Lorena, e viemos servir ao Imperador Carlos Magno só pelo soldo: e he a primeira vez, que entramos em batalha. — Oh Mafoma! (disse o Almirante) que cuidei que tinha cinco Cavalleiros dos principaes de França, e que teria por elles huma chave do Reino! — E lo-

ge chamou a seu Camarista Barbaças, e lhe disse: — Faze que estes presos sejaõ levados ao campo despidos, e nús em carne, e seja atado cada hum a seu páo, e se lhes dê cruel morte. — Disse entaõ o seu Capitão Burlantes: — Senhor, já he tarde para fazer esta justiça, e os teus Varões, e Cavalleiros não estaõ na Côrte; amanhã estaraõ todos presentes, que gostarãõ de ver a sua vil morte: e além disto, Senhor, devemos tomar primeiro conselho, se será melhor enviar embaixada ao Imperador Carlos Magno, para ver se quer dar teu filho Ferabraz em troco destes cinco Cavalleiros. — Teve o conselho por bom, e mandou chamar a Brutamonte seu Carcereiro, e lhe entregou os Cavalleiros, para que os tivesse presos a bom recado, pena de morte.

### C A P I T U L O XVIII.

*Como os cinco Cavalleiros forãõ presos em hum escuro carcere, e como forãõ visitados por Floripes, filha do Almirante Balaõ, e de sua grande formosura.*

Tanto que o Carcereiro teve os presos na sua maõ, temendo que lhe fugissem, os não quiz metter onde tinha os outros presos, e assim os metteo em huma horrenda, e escura torre, onde havia immensidade de bichos peçonhentos, e os deitou abaixo por huma escada de maõ, e depois tirada a escada, os fechou com hum alçapaõ de ferro com tres cadeados mui grossos. Estava a torre junto a hum braço do mar, e quando enchia a maré lhe entrava agua dentro pelos canos desaguadouros: e esta mesma noite fiãrãõ cheios de agua até os peitos, e assim padecêrãõ grande prejuizo nas suas pessoas, e Oliveiros muito mais que os outros, porque tinha muitas feridas no seu corpo, e com a agua salgada padecia gravissimas dores; e vendo-se em taõ grande afflicçaõ, começou a dizer: — O' homem mal afortunado, sujeito a contrárias for-

tunas, mais te valêra não ter nascido, que ver-te agora miseravelmente acabar a vida nesta masmorra com tantos tormentos, e sem remedio. — Isto dizia, e outras palavras de grande sentimento.

Disse então Geraldo de Mondifer: — Senhor Oliveiros, não te affijas, nem entristeças; consola-te com Deos, que nunca desamparou aos seus Fieis; tenho nelle confiança, que ainda me hei de vingar desta vil canalha. — Oliveiros lhe disse: — Se eu pudera daqui sair com armas, assim ferido como estou, eu poria ao Almirante, e a sua gente em tal aperto, que lhe havia de pezar de me ter no seu Reino. —

Estando os Cavalheiros nestas razões, os estava escutando Floripes, filha do Almirante Balaõ, e irmã de Ferabraz, a qual era a mais formosa Dama, que naquella terra se achava, de idade de dezoito annos, muito perspicaz, advertida, e sábia; branca como a neve, as faces côr de rosa fina; as sobranceiras, e pestanas negras, os olhos grandes, o nariz afilado, a boca pequena, os beiços delgados de côr de rubim, os dentes brancos, e miudos, a barba quasi redonda com huma cova no meio, o rosto moderadamente largo, os cabellos como madeixas de ouro fino, os hombros direitos, e muito iguaes, os peitos sem senão; a cintura estreita, larga de cadeiras, segundo a boa proporção do seu corpo,

Trazia vestido hum brial de purpura bordado com letras Mouriscas de ouro, o qual lhe tinha feito huma fada, ou feiticeira; e tinha tal virtude, que na casa onde estava não podia haver peçonha de qualidade alguma, e se a havia perdia logo a sua virtude venenosa; e trazia hum habito á Turquesca aberto pelos lados, todo bordado de riquissimo ouro, e coberto de riquissima pedraria, feito na Ilha de Colcos; e tinha tão suavissimo cheiro, que só com elle podia quem o cheirasse estar tres dias sem comer, nem beber,

Tendo esta nobilissima Senhora ouvido as lastimosas queixas dos Cavalleiros presos, e movida de compaixão, e não menos ferida do amor do nobre Gui de Borgonha, (como adiante diremos) determinou fallar com elles, para o que mandou chamar o Carcereiro, e lhe disse: — Dize, Brutamonte, que homens são aquelles que em tão estreitas prisões encerraste? — Respondeo Brutamonte: — Senhora, são Cavalleiros de Carlos Magno, os quaes nunca cessão de destruir a nossa lei, e gente, e desprezar os nossos Deoses, e entre elles está hum, que venceu a teu irmão Feabroz. —

Disse então a formosa Floripes: — Brutamonte; abre a porta, que quero fallar com elles. — Respondeo Brutamonte: — Senhora, não he conveniente por duas causas, que lá vás fallar-lhes: a primeira, porque o lugar he muito mal cheiroso, e abominavel: a segunda, porque teu Pai me tem mandado, pena de morte, que não deixe fallar alguém com elles. — Disse ella: — Não me repliques, abre logo a porta, que quero em todas as maneiras fallar com elles. — Brutamonte disse: — Perdoa-me, Senhora, que não hei de consentir que lhes falles, salvo for diante de mim, porque muita gente boa se destruiu, e ainda morreo, por se confiar de mulheres. —

Incendida Floripes em grande ira, disse: — Villão atrevido, abre logo a porta, e ouvirás se quizeres, o que eu lhes disser. — Foi-se o Carcereiro todo temeroso abrir a porta, e Floripes tomou hum bom bastão, e o metteo debaixo do habito, e chamou hum escudeiro, de quem se confiava muito, e com elle se foi para a torre: e estando Brutamonte esperando-a, tanto que chegou, foi para abrir os cadeados do alçapão, e neste tempo lhe deo Floripes com o bastão na cabeça tal pancada, que deo com elle morto em terra; e tomando-lhe as chaves, abriu o alçapão, e man-

dou ao escudeiro que lançasse o morto dalli a baixo, o que elle logo fez, do que ficáraõ os Cavalleiros admirados.

Morto o Carcereiro, e aberto o alçapaõ da torre, mandou Floripes ao seu escudeiro que trouxesse huma tocha accesa; e tanto que os vio muito bem, os saudou, e lhes disse: — Cavalleiros, eu vos rogo, pelo amor que tendes ao vosso Deos, que me digais a verdade, do que vos quero perguntar. — Oliveiros lhe respondeo: — Senhora, pelos favores, que só da tua vista temos recebido, te promettemos dizer a verdade do que nos perguntares, e soubermos, ainda que nos custe o perder as vidas. — Disse Floripes: — Que favor he o que de minha vista tendes recebido, naõ sabendo se venho para remediar a vossa prisãõ, ou para sentenciar-vos á morte? — Respondeo Oliveiros: — Senhora, grande consolaçaõ recebe huma preso sómente em ser visitado, e muito mais de huma pessoa taõ soberana, que pôde dar bastante allivio á sua pena, como tu pôdes: e como na presença se mostra o que está encerrado nas entranhas, esperamos que terás piedade da nossa miseria. —

— Muitas vezes se enganaõ os que nas apparencias se confiaõ, (disse Floripes) porque a rosa, por formosa que seja, sempre nasce cercada de espinhos; pois se a minha vinda se soubesse, he certo que vos causaria maior castigo do que tendes, e assim naõ me quero dilatar mais nestas práticas: Mas tu, que taõ ousadamente tens fallado, dize-me quem és, e a lhnagem donde procedes, e tambem dos outros, que comtigo estaõ, sem que faltes á verdade. —

Oliveiros respondeo: — Senhora, eu me chamo Oliveiros, filho do Duque Régner, vassallo do Imperador Carlos Magno. — Ella disse: — Tu vences-te a meu irmaõ Ferabraz? — E elle lhe respondeo: — Sim, Senhora, porém foi em muito leal batalha,

e fiz delle o que elle queria fazer de mim, e de sua propria vontade se fez Christão; e estes Cavalleiros saõ todos de mui nobre sangue, e nos chamaõ os doze Pares de França. — Ella perguntou: — Se estava alli Guí de Borgonha? — Elle disse: — Senhora, não está aqui; ficou com o Imperador Carlos Magno. —

Entaõ disse a formosa Floripes: — Cavalleiros, dais-me todos cinco a fé de fazer o que vos disser, e ajudar-me para huma empreza, que me he necessaria? — Respondeo Oliveiros: — Senhora, por mim, e por todos estes Cavalleiros, que comigo estaõ, te dou a fé como Cavalleiros de te favorecer em quanto a nós for possivel, em tudo quanto nos mandares, com tanto, que não seja contra a nossa Lei; e se for cousa em que seja necessario ir com as nossas pessoas, manda-nos prover de armas, que para levantar-te com o Reino, e lançar fóra delle os teus parentes, não has mister mais gente, que nós outros. —

Floripes lhe disse: — Como fallas assim, Cavalleiro, ameaçando os que estaõ soltos, estando tu, e os teus companheiros presos, que não sabeis quando sereis soltos? Assim que, mais vale calar, do que loucamente fallar. — Geraldo de Mondifer lhe disse: — Senhora, he tanto, e taõ grande o desejo, que Oliveiros tem de servir-te, que não o deixa calar. — Floripes lhe respondeo: — Muito bem sabes desculpar o teu companheiro; ficai-vos, Senhores, em boa hora, e não vos entristeçais, que esta noite vos tirarei desta masmorra. — E se despedio.

## C A P I T U L O XIX.

*Como os cinco Cavalleiros Christãos forã tirados da torre por mandado de Floripes, e levados à sua Camara.*

Chegando a noite, se foi Floripes só com o seu escudeiro para a torre, e leváraõ huma corda grossa, e hum pão mui bem atado nella, e aberto o alça-

paõ, lançáraõ a corda abaixo, ficando o paõ atravessado na boca do alçapaõ, para sustentar a corda, e logo, a rogo de todos, subio Oliveiros primeiro, e depois de estar em cima, se pôz de joelhos diante de Floripes, e lhe beijou a maõ, e ella o abraçou: e levantou do chaõ com muita cordura, e lhe disse, — E's tu o que estando preso em poder dos teus inimigos os ameaças? — Respondeo Oliveiros: — Senhora, eu sou o que, com a esperança de servir-te, tenho por grande fortuna o ter vindo a ser teu prisioneiro. —

Ella entaõ lhe deo a corda, e lhe disse: Que subisse a seus companheiros, e subidos, os abraçou hum, e hum, com tanto amor, como se houvesse muito tempo que os conhecia; e tomou a Oliveiros pela maõ, e o escudeiro diante, e se foraõ para a sua camara, cuja entrada era mui rica maravilha, e tinha tres escadas de ouro fino, e as portas eraõ de marfim com prégos de finissimo ouro, e lavradas á Mourisca, engastadas com pedras preciosas, e todas em admiravel correspondencia: o tecto da camara tinha pintado o Ceo com todos os Planetas, e no meio d'elle estava pendurada a figura de Mafoma da grandeza de hum homem, e toda de massiço ouro, e debaixo dos pés tinha o Sol, e a Lua, e na maõ direita dous dardos fazendo figura de atirar com estes aos Christãos. As paredes eraõ todas lavradas de fino ouro, e azul, e nellas estavaõ pintados todos os Reis, e Rainhas dos Mouros, e Turcos passados, e tudo feito com o melhor primor da arte daquelle tempo, por ser pelos mais insignes mestres, que entaõ havia.

Tanto que os Cavalleiros entráraõ na camara, ficáraõ todos admirados de tanta variedade de pinturas, riquezas, e cousas preciosas, e assim naõ se saciavaõ, e fartavaõ de empregar-lhe a vista, excepto Oliveiros, que só a empregava na formosura, e gostosa ale-



gria de Floripes, e ella lhe perguntou: O que lhe parecia da camara? Oliveiros lhe respondeo: Que a não havia visto, dando-lhe a entender que só olhava para ella, e não para o lavor da camara: porém ella disfarçou, e mostrou que o não entendia.

E logo foi posta huma muito rica, e ostentosa mesa, e trazidas as iguarias, comêraõ os Cavalleiros, e foraõ servidos a mesa de cinco formosas Damas, ricamente vestidas, e admiravelmente adornadas; e Floripes esteve ceando com elles, e repartindo dos seus pratos, sentada na cabeceira da mesa em huma rica cadeira de marfim, toda marchetada de ouro fino, e engastada de muitas, e finissimas pedras preciosas.

Depois de cearem, deraõ os Cavalleiros infinitas graças a Deos; e Floripes lhes perguntou, que era o que diziaõ? Oliveiros lhe declarou a benção, dizendo que davaõ graças a Deos pelos bens, e mercês, que cada dia lhes fazia. Ella respondeo, que era bem feito. Levantada a mesa, mandou Floripes trazer hum cofresinho de unicornio de grande valor, e de dentro tirou huma caixinha de ouro fino, maravilhosamente lavrada, cheia do Manna, que Deos mandou aos Israelitas no deserto, e tirou hum pouco com huma colher de ouro, e o deo a Oliveiros, que estava ferido da batalha, dizendo: — Oliveiros, come disto, que não te he necessario mais medicinas para sarar das feridas, e tomar forças. — Oliveiros tomou o Manná com muito grande reverencia; e desde que o comeo, não só ficou sanissimo das feridas, mas sentio taõ grandes forças, como se nunca estivesse enfermo, e disto deo infinitas graças a Deos.

Logo vieraõ os cinco Damas com cinco tochas accezas, e leváraõ os Cavalleiros para a camara, aonde haviaõ de dormir, e descansar; e Floripes se despedio delles, dizendo-lhes: — Senhores, perdoai,

que por agora não tenho outros criados, que vos sirvaõ. — E Oliveiros lhe disse : — Senhora, Deos te ha de pagar este beneficio , que de ti recebemos , e nós em te servirmos. —

Chegada a manhã , leváraõ as cinco Damas cinco vestidos muito ricos para os Cavalleiros, feitos á Mourisca, e Floripes mandou a Oliveiros huma roupa de ouro, e seda forrada de purpura, e tinha toda a roda, e boca das mangas, e pescoço bordadas com humas letras Mouriscas, tiradas do Alcoraõ, em que se encerrava toda a seita de Mafoma. Vestidos todos os Cavalleiros, entráraõ no aposento de Floripes, que estava esperando para os ver vestidos á Mourisca, e a saudáraõ com grande reverencia, e ella os recebeo com grande alegria, e lhes disse : — Vós outros, Senhores Cavalleiros, pareceis mui bem vestidos á Mourisca. — Oliveiros respondeo : — Senhora, melhor te pareceriamos armados. — Ella lhe disse : — Cada cousa, Oliveiros, he para seu tempo, de modo, que se vós outros estivesseis com inimigos, entaõ parecerieis melhor com armas ; porém agora não, porque estais com amigos, e entre Damas, que nunca vestiraõ armas, nem cingiraõ espada. — Respondeo Oliveiros : — Senhora, pela tua grande virtude temos paz contigo, e com as tuas Damas ; mas não a temos com teu Pai, nem com a sua gente, nem tu a tiveras, se chegasse á sua noticia o que por nós outros tens obrado ; pela qual razaõ te peço que nos mandes prover de boas armas, assim como nos provestes de bons vestidos. — Floripes respondeo : — Senhor Oliveiros, descansa ; porque já tenho aparelhadas as armas, que são necessarias. —

E logo com huma risonha alegria lhe perguntou Floripes se sabia leír aquellas letras Mouriscas, que estavaõ na roupá. Oliveiros, lhe disse que não ; e Floripes lhe disse : — Nestas letras está encerrada toda a

seita, e lei de Mafomá; por isso não sei se te chame Christão, ou Mouro. — Oliveiros respondeo: — Senhora, o habito não faz o Monge, Deos sómente olha a vontade, com que se fazem as cousas. — Floripes se agradou muito da resposta de Oliveiros, e depois de fallarem em varias materias, tomou Floripes a Oliveiros pela mão, e as Damas aos outros Cavalleiros, e entráão em huma formosa sala, que era de Ferabraz, e de huma parte estavaõ cem arnezes muito luzidos, e riquissimamente feitos, e adornados, e da outra parte estavaõ outros cem arnezes preparados para Gigantes, e havia tambem duzentas espadas, e mais duzentos punhaes muito ricos, e de grande valor.

Disse-lhes entãõ Floripes: — Eia, Cavalleiros, escolha cada hum as armas, que melhor o armarem, e as tenhaõ no seu aposento para quando lhes forem necessarias. — Deixáão entãõ os vestidos Mouriscos, e com muita diligencia se armou hum ao outro; e depois de armados foraõ todos beijar a mão a Floripes, e ella os abraçou hum por hum, com muito amor.

Vio Oliveiros hum altar naquella sala taõ alto, que mal o podia alcançar hum homem com a mão, o qual tinha hum idolo, ou para melhor dizer, diabo, a quem todos se encomendavaõ quando se armavaõ Cavalleiros: e tomando huma lança na mão, saltou assim armado muito ligeiramente de hum salto sobre o altar; e depois descendo, deo huma pequena carreira para huma parte da sala, e nella fincou a lança com tal força, que a quebrou em muitos pedaços. Vendo Floripes esta ligeireza, e força, voltou para as Damas, e lhes disse: — Por certo que estes Cavalleiros saõ capazes para mui grandes proezas, e já me não admiro do muito medo, que meu Pai tem delles. —

Dando Floripes parte do seu grande contentamento de ter tão valerosos Cavalleiros Christãos á sua ordem, a huma aia sua, já velha, e que tinha estado já presa em terra de Christãos, e por isto conhecia muito bem aos Cavalleiros, e os nomeava pelos seus nomes; depois que a velha ouviu o que Floripes lhe disse, lhe respondeu: — Senhora, trata de ordenar algum modo, com que os tornes a metter na prisão, e se não adverte que não hei de calar tão grande traição; porque estes são muito inimigos de teu Pai, e dos nossos Deoses, e perseguidores da nossa Lei. —

Teve Floripes tão grande pezar do maldito conselho da velha, que logo desejou despedaçá-la; porém para o fazer mias a seu salvo, e sem estrondo, dissimulou a sua cólera com muita prudencia, e chamando-a como quem queria em segredo tomar conselho com ella, se foraõ para huma torre mui alta, e estando ambas sós, fez chegar a velha junto a huma janella, e tanto que a viu descuidada, a deitou della abaixo, e disse: — Vai-te, maldita velha. — E logo desceo para baixo, e veio para onde estavaõ os Cavalleiros, e as Damas, as quaes lhe disseraõ que a sua aia tinha cahido na rua, e ficára morta. E Floripes por dissimular chorou muito, e juntamente as Damas, e mandou que a enterrassem com grande pompa.

Chegada a hora de comer, foi posta a mesa, e nella manjares em grande abundancia, e assentada Floripes na sua cadeira, e os Cavalleiros nos seus lugares, comêraõ, e conversáraõ em varias materias, assim tocantes aos Mouros, como aos Christãos: e levantada a mesa, e dadas as graças a Deos pelos Cavalleiros, começou a dizer-lhes Floripes desta maneira:

Mui nobres Cavalleiros, bem lembrados estareis que me promettestes na torre, onde estaveis presos, que me havieis de ajudar em tudo, em que vos houvesse mister; e para isso me dèstes vossa fé. Sabei

pois, Senhores, que haverá dez annos, que estando o Almirante meu pai; e Ferabraz meu irmão em Roma, tive a fortuna de ver o grande Gui de Borgonha em humas justas; e foraõ taes as suas proezas, que semeáraõ, e radicáraõ em mim hum taõ firme amor, que nem o tempo, nem as affrontas, nem os damnos que delle tem recebido meu Pai, tiveraõ já-mais poder para mo desarraigar do coração, nem fazer-mo esquecer. E pela dita causa tenho desprezado muitos Reis da Turquia, que me pediaõ para mulher, e Rainha. E he tanto assim, que quando meu Pai, ou irmão, vinhaõ das batalhas dos Christãos, e contavaõ o que com elles tinhaõ passado; se acaso nomeavaõ os doze Pares, me alegrava, e se ouvia nomear a meu Senhor Gui de Borgonha, me turbava, e mudava a côr do rosto, de tal sorte que temia que pelo semblante me conhecessem o meu secreto, e occulto amor. E quando meu Pai, e a sua gente choravaõ a grande perda, que lhes tinhaõ feito os Christãos; entaõ me alegrava eu, e folgava o meu cativo coração, o qual preso de amor de hum só Christaõ, desejava a victoria de toda a Christandade, desprezando o amor de Pai, e dos naturaes, e da patria.

E porque sei, Senhores, que nreū Senhor Gui de Borgonha o ha de estimar muito, por isso tenho feito por vós outros o que tendes visto, e experimentado, e daqui em diante farei muito mais, e darei modo com que volteis para a vossa terra a vosso salvo, porque leveis minhas recommendações ao Cavalleiro, que está bem innocente da minha pena; e lhe direis que estou aparelhada para me fazer Christã, e que lhe darei muitas Reliquias, que os Christãos perdêraõ, e lhe darei mais thesouros, que nenhum Christaõ lhe poderá dar. E tudo isto haveis de fazer por mim, certificando-lhe que mais sou sua, do que minha; e assim lhe rogai da vossa parte que me queira receber por esposa. —

Tiverão os Cavalleiros muito grande contentamento do que lhes disse Floripes, e Oliveiros lhe respondeo: — Na verdade, Senhora, que não podias achar melhores mensageiros, do que nós outros; e assim descansava, e dá allivio ao teu coração, pois achaste hum admiravel modo para alliviar a tua pena; porque Gui de Borgonha ha de fazer tudo o que lhe pedirmos, quanto mais isto, de donde tanta honra lhe resulta. — Deixemos agora de fallar dos cinco Cavalleiros, e Floripes, e fallemos do Imperador Carlos Magno.

## CAPITULO XX.

*Como Carlos Magno mandou ao Almirante Balaõ os outros sete Pares por Embaixadores..*

Estando Carlos Magno muito triste pelos seus Cavalleiros, e tambem Regner por seu filho Oliveiros, e temendo que o Almirante os mandasse matar, não ousava fazer-lhe guerra. E assim determinou mandar-lhe huma Embaixada; e para isso chamou logo a Roldaõ, e lhe disse: — Roldaõ, eu quero que vás a Aguas-Mortas, e digas ao Almirante Balaõ, que me mande os meus Cavalleiros, e as Santas Reliquias, que lá tem, se não, que não descansarei, nem cessarei até deita-lo fóra do Reino, e dar-lhe vituperiosa morte. — Roldaõ lhe disse: — Senhor, o teu conselho não he bom, pois sem dúvida alguma procurará dar-me a morte. — Carlos Magno lhe disse: — Não trates de te desculpar, e escusar; porque não has de deixar de ir levar a Embaixada. —

Então disse Gui de Borgonha: — Senhor, advertte bem no que fazes, porque não me parece acertado que Roldaõ vá dessa maneira ao Almirante. — E o Imperador lhe disse: — Tu tambem has de ir com elle. — Gui de Borgonha lhe respondeo: — Senhor, sim, irei, ainda que o perigo seja maior. — Disse então Ricarte: — Bom será, Senhor, que mandes a

Embaixada, mas manda outra gente, e não os Cavalleiros dos doze Pares, que queres mandar, porque se acaso te succeder algum infortunio, não falte quem te sirva, e te possa defender com respeito.

Disse então Carlos Magno muito agastado: — Todos fugis de ir, pois agora faço juramento a Deos de mandar todos os sete dos doze Pares que cá ficaraõ. — Disse então o Duque de Nemé: — Não crêas, Senhor, que algum de nós outros se negue, nem fuja de levar a Embaixada: porém dizemos o nosso parecer; e assim vê não te arrependas, quando já não tiveres remedio. — Carlos Magno lhes disse: — Duque de Nemé, apparelha-te, que também has de ir com elles. — Urgel de Danõa lhe disse: — Senhor, faz as tuas cousas com maduro conselho, e não serás arrependido. — Carlos Magno lhe disse: — Apparelhai-vos todos os sete Pares, porque todos haveis de ir. — E como todos o viraõ tão enojado, e teimoso, nenhum se atreveo a dizer-lhe mais cousa alguma.

Chegada a manhã, perguntou Roldaõ ao Imperador, de que modo os mandava ir, se havia de ser armados, ou não? Respondeo o Imperador, que pois hiaõ como Embaixadores, que fossem sem armas. Roldaõ lhe disse: — Senhor, adverte que bom he que levemos as nossas armas para o que puder acontecer, porque me parece que as haveremos mister. — Carlos Magno lhe respondeo: — Ide todos, e ide como quizerdes, com tanto, que deixeis a Embaixada como vos mando. —

Voltando os Cavalleiros para os seus aposentos se armaraõ de todas as armas, e montados a cavallo, tornaraõ a vir a presença de Carlos Magno, e lhe disse o Duque de Nemé: — Muito poderoso Imperador, aqui estamos todos os teus sete Cavalleiros para dar cumprimento ao que nos mandas. E te pedimos que nos digas o que havemos de dizer ao Almirante nesta

Embaixada, que sem discrepar hum ponto o faremos. —

Respondeo Carlos Magno: — Meus muito amados, e estimados Cavalleiros: a Deos encominando muito, e lhe peço de todo o coração, que pelos merecimentos de sua Sacratissima Paixão vos livre de todos os perigos, e tormentos, assim como livrou o Profeta Jonas no ventre da Balea. Direis, meus Cavalleiros, ao Almirante Balaõ, que logo me mande os meus Cavalleiros, e as Santas Reliquias, que tem em seu poder, e tomou aos Christãos, e que se baptize; e que se isto fizer, que lhe prometto que possua, e logre todos os seus Reinos em boa paz, e quietação, e me terá por amigo, e sempre prompto para o defender, e ajudar contra todos seus inimigos; e que não querendo fazer o que digo, que tenho feito juramento de o lançar fóra dos seus Reinos, e dar-lhe vituperiosa morte. — Disse Gui de Borgonha: — Poderoso Imperador, nós outros levaremos a Embaixada ao Almirante, e lhe diremos tudo quanto nos mandas dizer, ainda que por essa causa soubessemos que haviamos de perder as nossas vidas. — E pondo-se todos de joelhos, lhe beijáraõ a mão, e se despediraõ.

Despedidos todos, voltáraõ para o exercito, que estava no campo, e se despediraõ de todos os Cavalleiros, que os estavaõ vendo: e fallando por todos o Duque de Nemé, lhes disse: — Muito nobilissimos Cavalleiros, já sabeis que o Imperador Carlos Magno nos manda ir com Embaixada ao Almirante Balaõ, e como temos a nossa vida por duvidosa, e não sabemos o que será de nós outros, vos pedimos geralmente perdaõ de alguns agravos, que vos tenhamos feito; e assim tambem vos perdoamos os que nos tiverdes feito, e tudo para que Deos nos perdoe a todos pela sua infinita misericordia. — E assim se despediraõ huns dos outros, encommendando-se a Nosso Senhor Jesu Christo.



## CAPITULO XXI.

Como o Almirante Balaõ mandou quinze Reis a Carlos Magno por Embaixadores, para que lhe desse a seu filho Ferabraz, e como os sete Cavalleiros os encontráraõ no caminho, e matáraõ quatorze.

Grande sentimento tinha o Almirante Balaõ pelo cativo de seu filho Ferabraz, e entendendo que Carlos Magno lho mandaria em troco dos cinco Cavalleiros, que tinha presos, com tudo não se determinava mandar-lho pedir: porém como vio a dilação, e considerou que o Imperador tal não faria, tanto pelo seu capricho, como porque Ferabraz era hum Rei, e os Cavalleiros não seriaõ dos doze Pares, se resolveo mandar-lhe Embaixada: e para isso mandou vir quinze Reis Turcos, seus feudatarios, e lhes disse: — Que fossem a Mormionda, onde estava o Imperador Carlos Magno, e que lhe dissessem da sua parte, que sem dilação alguma lhe mandasse seu filho Ferabraz, e que em troco lhe mandaria os cinco Cavalleiros, que lá tinha cativos, e presos; e que entre elles estava o que vencera a seu filho Ferabraz: e que não lho mandando, que muito brevemente o iria buscar com duzentos mil homens de guerra; e que não descansaria até o não deitar fóra do seu Reino vergonhosamente, e dar-lhe cruel, e vergonhosa morte. —

Muradas, hum dos quinze Reis, lhe disse: — Mui poderoso Senhor, a nós não nos convém ameaçar a Carlos Magno diante dos seus Cavalleiros, porque são homens muito valentes, e não haõ de soffrer os nossos ameaços; mas sómente lhe diremos que te envie a teu filho Ferabraz, que tu lhe darás os cinco Cavalleiros. — O Almirante disse: — O' cobarde, porque não has de dizer o que te mando? — Respondeo outro Rei: — Senhor, não só o que mandas, senão ainda muito mais diremos; e se acaso acharmos

alguns Christãos pelo caminho nós lhe faremos tal serviço, que os outros nos tenham medo. —

Armados os quinze Reis com muitas, e riquissimas armas, todas cobertas de fino ouro, e ricas pedras preciosas, e montados em poderosos, e soberbos cavallos, se partirão para onde estava o Imperador Carlos Magno. Passada a ponte de Mantible, espaço de huma legoa, vinhão tratando entre si o modo como havião de dar a Embaixada; e chegando a hum alto, virão vir os sete Cavalleiros Christãos, Embaixadores de Carlos Magno; e disserão entre si: — Estes Christãos buscão, sem duvida, alguns Turcos para cativos. — Disse hum dos Reis Turcos: — Veremos se são Christãos, e se o forem, os havemos de levar presos ao nosso Almirante. —

Os sete Cavalleiros Christãos, tanto que virão os quinze Reis Turcos, ficãrão muito receosos de que atraz delles viria algum poderoso exercito, ou houvesse alguma grande emboscada; e assim disse Roldaõ: — Senhores, esperai aqui hum pouco, que quero ver que gente he esta, porque me parecem homens muito principaes, e se pudermos passar sem peleijar, será melhor, para assim fazermos com mais brevidade a nossa embaixada. —

Ficãrão os seis Cavalleiros quietos naquelle lugar, e Roldaõ se adiantou, e como o Rei Muradas o viu, pôz a lança no recto, e se foi para Roldaõ, fazendo signaes de querer peleijar. Roldaõ como o viu fazer semelhante acção, levantou a mão como que queria fallar com elles; e deixando-o chegar, lhe perguntãrão os quinze Reis: — Quem erão os sete, e que buscavaõ em terra de Turquia? — Roldaõ lhes respondeu: — Somos Embaixadores de Carlos Magno, e levamos Embaixada ao Almirante Balaõ. — Disse entãõ Muradas: — Vós outros sois ladrões, e vindes espiando os caminhos, e roubando, e agora dizeis

que sois Embaixadores de Carlos Magno, e que levais Embaixada ao Almirante Balaõ; e assim he necessario que logo deixeis as armas, e atadas as mãos nas sellas dos vossos cavallos, vos levemos ao Almirante; e se acaso trazeis Embaixada, elle vos ouvirá. —

Disse Roldaõ: — Senhor, eu vos daria as minhas armas de boa vontade, mas os outros Senhores meus companheiros não quererão dar as suas, porque são homens muito caprichosos, e de muito valor, e estimação. — Muradas disse: — Ainda que vós outros fosseis os doze Pares, haviéis de largar as armas, ou morrer de má morte. — Roldaõ lhe respondeo: — Se vos damos as armas, não podereis segurar as nossas vidas. — E hum dos Reis Turcos disse: — As vidas vos asseguramos nós por agora, mas sempre haveis de ir, da maneira que vos dissemos, presos, á presença do Almirante Balaõ, o qual vos mandará metter em huma escura torre, onde tem outros cinco Cavalleiros de Carlos Magno, e depois fará de vós outros o que lhe parecer. —

Roldaõ lhe disse: — Quem sois vós outros, que tão ricas, e luzidas armas trazeis? — Respondêraõ elles: — Somos vassallos do poderoso Almirante Balaõ, e somos Reis coroados. — Disse entaõ Roldaõ: — Se vos outros tivesseis juizo, irieis pedir perdão ao grande, e poderoso Imperador Carlos Magno, e prestar-lhe homenagem; porque elle vos faria grandes mercês, pois he mais nobre, e mais poderoso, que o vosso Balaõ, e deixai os vossos idolos, que vos trazem enganados: e se não quizerdes ir por vontade, eu vos levarei por força; e preparai-vos logo para peitejar, porque não vos haõ aproveitar as vossas luzidas armas, nem dourados elmos.

Dito isto, logo Roldaõ se cobrio com o seu escudo, e pôz a lança no recto, e investio com Muradas, que era o mais soberbo, e encontrando-se am-

bos, com a furia da batalha quebrou Muradas a sua lança no escudo de Roldaõ, e este lhe metteo a lança pela viseira, e deo com elle morto em terra, e ficando-lhe a lança inteira, se foi para outro, e lhe metteo a lança pelos peitos, e o matou: e metten-do a maõ á espada peleijou com tanto valor, que antes de chegarem os seus companheiros a soccorre-lo, matou seis Reis Turcos.

Chegados que foraõ os seis companheiros de Roldaõ, começáraõ huma taõ cruel batalha, que parecia que se acabava o mundo; e Gui de Borgonha disse: — Senhor Roldaõ, naõ passes adiante, que eu quero rodear, e cercar estes Turcos de sorte, que nenhum delles nos escape. — Ouvindo isto hum dos Reis Turcos, deixou logo os mais Reis, seus companheiros na peleija, e começou a fugir á redea solta pelo caminho por onde tinha vindo; e vendo-o fugir Ricarte de Normandia, foi em seu seguimento, e vendo o Turco, que o seguiaõ, se desviou do caminho por onde tinha vindo, e se metteo por humas montanhas, e perdendo-o Ricarte de vista, se voltou para os seus companheiros, os quaes já tinhaõ matado os quatorze Reis, e disse Roldaõ: — Estes já nos naõ haõ de fazer mal; mas só me receio de quelle, que fugio, que poderá ser causa, de que nós outros naõ tornemos a ver Carlos Magno, nem a nossos amigos, e parentes; pois que naõ podemos deixar de ir dar a Embaixada, que Carlos Magno nos manda. — Disse entaõ Gui de Borgonha: — Senhores, retiremo-nos do caminho, e descansaremos, e tambem os nossos cavallos: lá determinaremos o que haremos de fazer. —

Apartados do caminho, foraõ repousar em hum verde, e ameno prado, onde deitáraõ os cavallos a pastar, e assentados para descansar, disse o Duque de Nemé, que era mais velho: — Senhores, a mim me

parece que volteemos para a nossa Pátria, e presença do Imperador ; porque elle não nos ha de culpar, contando-lhe nós o que tem succedido : e para maior certeza levaremos todas as cabeças dos mortos. — Disse Roldaõ : — Senhor Duque, se não queremos perder a honra, que com tantos trabalhos temos ganhado, convém muito que levemos a Embaixada ; porque ainda que Carlos Magno com a nossa retirada tenha grande contentamento do que temos feito, com tudo não ficará satisfeito da sua Embaixada, e ainda que o ficasse, e nós outros para com elle sem culpa, poderemos ser culpados dos outros, que dirão que nos mandáraõ fazer huma cousa, e nós fizemos outra : e quem pôde evitar que digão que nos mettemos em hum perigo pequeno, por evitarmos, e fugirmos de outro maior, dizendo que não sabem se os mortos são muitos, ou poucos, e se os matámos nós outros, ou os achámos mortos. E deixando estes inconvenientes, e reparando em sermos quem somos, me parece que vamos dar a Embaixada. —

A todos parecêraõ bem estas razões, e lhe disseraõ : — Que se fizesse tudo na fórma, que dizia. — E Roldaõ respondeo : — Para que os nossos feitos sejam heroicos, e mereçaõ ser louvados, he necessario fazer o que nos mandaõ ; e assim queria que levassemos todas as quatorze cabeças destes Turcos ao Almirante, e lhe diremos que eraõ salteadores, e ladrões, que nos queriaõ roubar. — E todos uniformemente disseraõ : — Que assim se fizesse. — E desta sorte continuáraõ o seu caminho para dar a Embaixada ao Almirante.

## CAPITULO XXII.

*Da ponte de Mantible, e tributo, que nella se pagava, e como os Cavalleiros Christãos passarão sem pagar, e do que nella aconteceu.*

Tendo já os sete Cavalleiros chegado á ponte de Mantible, disse Urgel de Danõa: — Senhores, este he o peor passo, que ha em toda esta terra, porque o rio he muito caudaloso, e não se pôde vadear; e por força se ha de passar pela ponte, e esta he muito forte, e grande, que tem trinta arcos de pedra marmore, e duas torres da mesina pedra muito bem lavradas, e cada huma tem sua ponte levadiça com quatro cadêas de ferro muito grossas; e he Governador della hum espantavel Gigante, que continuamente está armado de todas as armas, e tem tres mil Turcos de guarnição. Porém do que toca ao tributo, não fallo; pois não tenho tenção de lho pagar. Mas digo isto, para que nos resolvamos ao modo, que havemos de ter para sahirmos bem desta empreza, e continuarmos na nossa jornada. —

Disse Roldaõ: — Senhores, parece-me que ganharemos a ponte desta sorte: e he, que eu irei diante, e direi que somos Embaixadores, e levamos Embaixada ao Almirante Balaõ. E se o Gigante disser que não podemos passar, ou pelo tributo, ou por outra qualquer causa; entãõ lhe direi que abra a porta para que eu lhe diga a Embaixada, e elle a mande ao Almirante, seu Senhor. E se abrir a porta, e eu puzer só hum pé dentro, eu vos prometto, Senhores, que abra caminho por onde entremos. —

Respondeo o Duque de Nemé: — Senhor Roldaõ, não he conveniente dar hum golpe para receber outro, porque as cousas, para serem perfectas, não haõ de ser perigosas: e assim eu tomarei por minha conta esta empreza, e farei que todos passemos sem

batalha. — Roldaão lhe disse: que fizesse o que entendesse. Então rogou o Duque a todos, que estivessem socegados, e não se movessem; e assim lhe prometterão todos fazer.

Chegou logo o Duque á porta da ponte, e batendo, chamou pelo Gigante; e acudindo, lhe abriu a porta, e lhe perguntou quem era, e que buscava naquelle Paiz? Respondeo o Duque: — Somos mensageiros do Imperador Carlos Magno, e levamos presentes, que ahi vem atraz, ao Almirante Balaão. — Respondeo o Gigante: — Vós outros haveis de pagar o tributo, que se costuma nesta ponte, ou haveis de perder as vidas. — Disse o Duque: — Pois dize o que te havemos de dar, porque não temos dvida dar-to logo. — Respondeo o Gigante: — Pelo poder dos meus Deoses que não he pouco o que has de pagar; porque has de dar trinta pares de cães de caça, e cem falcões, e cem cavallos ajaezados, e por cada pé de cavallo hum marco de ouro fino, e este he o tributo, que ha de pagar cada hum Christão, que quizer passar por esta ponte. E quando não tenha com que pagar, lhe ha de ser cortada a cabeça, e ficar pendurada nas suas amêas. — O Duque lhe disse: — Tudo isso trazemos, sem faltar cousa alguma, e trazemos mais os presentes, que levamos ao Almirante, que tudo ahi vem atraz, e brevemente chegará: porque nós viemos diante para fazermos promptas as pousadas. — O Gigante, cuidando que assim era, lhes abriu todas as portas da ponte, e os deixou passar livremente.

E Roldaão, que tinha ouvido a astucia do Duque, não podia soster o riso; e indo passando a ponte, estava hum Turco todo admirado de vêr os Cavalheiros; e Roldaão se apeou, e chegou a elle, e lhe pegou pela cintura, e o lançou da ponte abaixo. Então lhe disse o Duque: — Senhor Roldaão, Deos nos

quer fazer mercê de passarmos esta ponte sem batalha, e tu, Senhor, a não queres acceitar, antes nos queres pôr em precipicio de nos perdermos. — Roldão lhe disse: — Senhor Duque, entende que se eu imaginára que o Gigante me havia de abrir a porta, como a abriu a ti, nunca eu havia de buscar modo para passar, antes havia de peleijar com elle, e ver se era feroz nos feitos, como na grandeza do corpo; porque então, ganhando nós a ponte, tiveramos a retirada mais segura; mas se Deos for servido que voltemos para a nossa Patria, prometto que com Durindana lhe hei de pagar o tributo, que nos pede, ou a cabeça para pendurar nas améas, com lhe cortar a sua. —

### C A P I T U L O XXIII.

*Como os sete Cavalleiros chegáraõ diante do Almirante Balaõ, e como lhe deraõ a Embaixada.*

Chegados os sete Cavalleiros a Aguas-Mortas, onde estava o Almirante Balaõ, se puzeraõ em boa ordem, e assim formados chegáraõ ao palacio, e disseraõ aos porteiros, que dissessem ao Almirante que lhe queriaõ fallar da parte do muito Soberano Imperador Carlos Magno. Tanto que o Almirante soube que Carlos Magno lhe mandava Embaixada, ficou muito alegre, entendendo que lhe mandaria pedir os cinco Cavalleiros em troco de seu filho Ferabraz. E porque era já tarde, mandou ao seu Mestre-Sala que lhes dêsse boa pousada, e os provesse de todo o necessario, e pela manhã os trouxesse a palacio para dar a sua Embaixada: o Mestre-Sala assim o fez; e depois de cearem deo a cada hum sua camara, com huma cama ricamente adornada.

Sendo pela meia noite, chegou o Rei, que tinha escapado, e fugido das mãos dos Cavalleiros, e entrando no palacio, não parou senão na camara do Almirante, o qual estava deitado, e quando vio que



dos quinze Reis, que tinha mandado, não voltou mais que só hum, ficou admirado, e confuso, e lhe perguntou pelos quatorze companheiros. E o Rei lhe disse:

— Muito poderoso Senhor, tu mandaste quinze Reis por Embaixadores a Carlos Magno, e no caminho encontrámos sete Cavalleiros, e nos disserão que traziaõ Embaixada da parte do Imperador seu amo. E parecendo-nos que seriaõ salteadores, que roubavaõ nas estradas a teus vassallos, os quizemos trazer presos á tua presença; mas elles foraõ taõ valerosos, que matáraõ em bem pouco tempo os quatorze Reis teus vassallos, sem que nenhum dos Christãos mórresse, nem fosse ferido, nem ainda cahisse do cavallo. E eu com a ligeireza do meu escapei, tomando differentes veredas, e caminhos, porque me seguiraõ; porém não me alcançaraõ; e assim livre de me fazerem o mesmo, que fizeraõ aos meus companheiros: os quaes Cavalleiros saõ os que esta noite chegaraõ á tua Corte; e assim se te quizeres vingar delles, tens agora boa occasiaõ, e muito legitima causa para os fazeres morrer morte affrontosa. —

Quando o Almirante ouviu taõ tristes, e lamentaveis novas, ficou com a pena taõ enojado, e melancolico, que lhe rebentava o coraçãõ no corpo: e desta sorte começou a amaldiçoar-se, e aos seus Deoses com grandes alaridos, e vozes. Ouvindo o estrondo, que o Almirante fazia, entrou acudindo o Mestre-Sala, e lhe disse: — Senhor, não te affijas, nem te queixes taõ demasiadamente dos teus Deoses; porque ainda que permittissem que pelos teus grandes peccados morressem os teus Reis Cavalleiros, com tudo saõ taõ favoraveis, e amigos teus, que trouxeraõ a teu poder os matadores para te vingares delles, e assim debes dar-lhe repetidas graças por taõ grande beneficio, e alegra-te, e descansa, que amanhã os trarei a todos presos, e seguros, para delles fazeres o que quizeres. —

Então disse o Rei, que tinha escapado: — Senhores, já que estão em teu poder, faze que não sejam senhores das suas armas; porque se o forem, e virem que os querem prender; não poderá com elles todo o teu exercito. E quizera que não te pezara a ti tanto da sua vinda, como a mim de os ter encontrado na jornada. — Disse então o Mestre-Sala: — Senhores, não vos dê isso cuidado; deixai-me essa diligencia, e cargo; que eu os trarei amanhã seguros; ainda que fossem hum cento. —

Despedidos o Rei, e o Mestre-Sala do Almirante, se foraõ ambos para casa do Fidalgo, onde estavaõ os sete Cavalleiros Christãos aposentados; e lhe contáraõ tudo quanto tinha acontecido; e assim determináraõ, e resolvéraõ tomar-lhes as armas; como fizeraõ, porque como estavaõ dominados, e apantados huns dos outros, por estar cada hum em seu aposento, lhes ficou facil a empreza, e os fecháraõ á chave.

Chegada a manhã, foi o Mestre-Sala, e o Rei com tres mil Turcos armados de todas as armas, e prendéraõ a hum por hum, e lhes atáraõ as mãos atraz muito fortemente, e os leváraõ ao Almirante Balaõ, o qual depois de lhes dizer muitas palavras injuriosas com varios ameaços, lhes perguntou: — Porque tinhaõ matado aos Reis seus Embaixadores? — Roldaõ lhe respondeo: — Os que matámos não eraõ Reis nos seus feitos, por quanto dizendo-lhes nós que vinhamos trazer-te Embaixada, não obstante isto; determináraõ matar-nos, ou prender-nos. E por isso fizemos o mesmo, que elles nos queriaõ fazer. E assim ficáraõ quatorze mortos no campo, e lhe trazemos as cabeças, para que, certificando-te de tudo o que passou, segues o caminho aos Embaixadores. —

Disse o Almirante: — Que demonio vos trouxe ou mandou entrar nos meus Reinos? — E Roldaõ

lhe disse: — Aquelle mesmo, que te ha de lançar fóra delles, he o que nos mandou; e principalmente, se não fizeres o que te manda dizer: e este he o muito poderoso Imperador Carlos Magno: e te manda que te baptizes, e lhe mandes os seus Cavalleiros, e as Santas Reliquias, que estão em teu poder. E que se isto fizeres, sempre o terás por amigo, e te ajudará contra todos os que te quizerem offender, e se o não fizeres, jura expulsar-te fóra dos teus Reinos, e dominios, e fazer-te morrer vituperiosamente: e esta he a Embaixada, que te trazemos, agora dá-nos a resposta. —

Respondeo o Almirante: — Atravidamente tens feito a tua Embaixada, mas te prometto que não has de voltar com a resposta; porque, antes que hoje jante, vos hei de ver a todos feitos em quartos, e tambem os outros cinco, que cá tenho atégora guardado, por me parecer que por meu filho Ferabraz faria algum troco. — Ricarte de Normandia lhe disse: — Teu filho tem mais entendimento do que tu, pois se baptizou, do que está muito contente, e satisfeito; e cre em Deos Todo-Poderoso, e nas tres Pessoas da Santissima Trindade, e deixou de todo o coração os abusos, e parvoices dos teus Idolos: e por todas as riquezas do mundo não ha de para cá tornar, nem deixar ao Grande Carlos Magno, seu Senhor. —

O Almirante conhecendo a Ricarte, lhe disse: — Muito fólgo, e estimo, que estejas aqui, para que pagues a morte, que déste ao nobre Cavalleiro Corubel, meu irmão. — E Gui de Borgonha lhe disse: — Muitos Cavalleiros teus temos morto nós outros os que aqui estamos, ainda que poucos; mas não estavam presos, nem desarmados, nem com as mãos atadas, como nós aqui estamos, senão em muito leal batalha, porque estares tu ameaçando-nos, da sorte que aqui estamos, mais he fraqueza, e vileza do teu ani-

mo, do que valor. E se o queres experimentar, manda-nos soltar, e dar as nossas armas, e cavallos, e verás que depressa destruimos todo o teu exercito, ainda que seja muito poderoso: e então tomarás de nós a vingança, que desejas. —

O Almirante lhe perguntou como se chamava? Elle disse: — Eu sou Gui de Borgonha. — Respondeo o Almirante: — Tambem tu pagarás o que contra mim fizeste em Roma, e será a tua morte escarmento, para que outros não sejam tão atrevidos como tu foste. — E logo mandou chamar dous Conselheiros, hum chamado Brulante, e outro Sortibaõ, e lhes perguntou o que havia de fazer daquelles Christãos.

Respondéraõ os Conselheiros: — Que fossem arrastados por cavallos, e depois feitos em quartos, e postos pelos caminhos, e as cabeças nas portas da Cidade; e depois ir cercar a Carlos Magno, porque sem muito trabalho o havia de prender: por quanto aquelles Cavalleiros eraõ os doze Pares, e os que o defendiaõ, e atemorizavaõ toda a Turquia, e assim ganharemos, Senhor, todo o Reino de França. Este he o nosso parecer. — Respondeo então o Almirante: — Que lhe parecia bem o seu conselho, e assim se puzesse em execuçaõ. — Mandou logo o Almirante buscar os cinco Cavalleiros, que tinha na torre, para em todos juntos se fazer justiça na fórma que tinhaõ votado os Conselheiros.

#### CAPITULO XXIV.

*Como por conselho de Floripes, foraõ os sete Cavalleiros postos com os cinco, e como lhes mostrou as Santas Reliquias.*

Estava Floripes escutando toda a contenda, que seu Pai tinha com os sete Cavalleiros Christãos; e quando ouvio que mandava vir os cinco, foi com toda a pressa á sua camara, e mandou que se arma-

sem com todas as armas, e deo a cada hum huma archa, dizendo que com ellas poderiaõ fazer maior damno no palacio, do que com as lanças, e lhes disse desta maneira:

— Muito nobres Cavalleiros, agora se offerece o tempo, em que pagueis os beneficios, que de mim tendes recebido; e fazendo o que vos digo, guarda-reis as vossas vidas, e de vossos sete companheiros, Pares de França, os quaes estaõ com as mãos atadas, e os pés presos com grossas cadéas, no palacio de meu Pai, sentenciados á morte, e vós outros com elles, para o que vos quer mandar buscar; porém eu vou agora estar com o Almirante, meu Pai, e fazer diligencia para ver se os posso trazer para a vossa companhia, e quando não possa, e ouvirdes as minhas vozes, não sejais preguiçosos em acudir, e não useis piedade, e misericordia com algum Turco. —

Feita a dita prática, se foi logo Floripes para onde estava seu Pai com dissimulada alegria, fingindo que tinha grande desejo de ver a morte dos Cavalleiros Christãos; e posta diante delle, lhe perguntou: — Senhor, dizei-me, que homens são estes, que aqui estão atados, e presos com cadéas? — O Pai lhe respondeo: — Amada, e querida filha, estes são vassallos do Imperador Carlos Magno, e são aquelles, de quem tanto damno temos recebido, e a muitos parentes, e amigos nossos, e Cavalleiros de grande valor tem dado a morte; e assim mando, que assim estes, como os outros cinco, que estão na torre, sejam arrastados, e feitos em quartos. — Floripes lhe disse: — Senhor, não só isso merecem, senão ainda muito mais, e assim bom he que lhes mandes dar outra mais penosa morte, porque seja escarmento para outros: E isto, Senhor, melhor he que se faça depois que tiveres comido, porque, se se fizer antes, não poderás comer á tua hora costumada; e assim te

póde fazer muito damno, porque isto he já tarde: e assim rogo-te que mos entregues para eu os guardar, que eu te darei conta delles, e tos entregarei quando os mandares buscar para o supplicio; porque assim em todos elles quero vingar as injurias de meu irmão Ferabraz. —

O Almirante lhe disse: — Minha filha, muito bem me parece o vosso conselho, e ahi vo-los entrego. — Logo Floripes disse ao seu escudeiro que os levasse aonde estavaõ os outros cinco; e elle assim o fez. Sortibaõ, que estava presente, não lhe pareceo bem o conselho de Floripes, e assim disse ao Almirante: — Senhor, adverte, e traze á memoria as grandes desgraças, que tens ouvido, e visto que tem succedido a homens muito especiaes, por ter confiança em mulheres, e os grandes damnos, que pela sua pouca firmeza se haõ causado. Vê, e adverte, que o seu maior saber, quando he necessario, sempre lhes falta: e de sua natureza são mudaveis, e faceis em crêr, e ligeiras em se vingar. E assim não te cegue o amor de filha, não seja causa de alguma grande desgraça, que quando a quizeres remediar, não possas. —

Quando a formosa, e constante Floripes ouviu as razões de Sortibaõ, toda abrazada em cólera, e titubiante a lingua, que mal lhe deixava formar as palavras, por causa da crescida ira, lhe disse: — Sortibaõ, tu és muito atrevido, e fallas como desleal, e traidor, e intrinsecamente maligno, e por tal te julgo, e assim cuidas que são os outros, e bem o mostras pelas indignas, e infames palavras, porque nenhum traidor imagina, que ha leal em todo o mundo; e pelas tuas damnadas entranhas julgas as alheas, como agora fazes. Porém te prometto que esse teu atrevimento não fique sem castigo. —

Dito isto, se foi atraz do escudeiro, e dos presos, que já estavaõ junto da torre: porque o escu-

deiro não ousou leva-los á camara, onde os outros estavam, por causa da muita gente, que o estava vendo: E Floripes chamou o escudeiro, e lhe disse que trouxesse os presos para a sua camara, que ella queria ser a carcereira. E ainda que muitos a viraõ, e ouviraõ, não suspeitaraõ mal, entendendo que era pela mã vontade, que tinha a Sortibaõ.

Tanto que entraraõ os Cavalleiros na camara de Floripes, e acharaõ os cinco Cavalleiros seus amigos bem armados de todas as armas, ficaraõ admirados; e Oliveiros teve grande lástima de Roldaõ, quando o vio com humã grossa cadêa atada nos pés, e outra na cintura, e as mãos fortemente prezas: e assim tambem dos mais companheiros: e logo fõraõ todos brevemente soltos, e se abraçaraõ com grande amor huns aos outros: E Floripes os andava vendo a hum, e hum, com muito sentido, para ver se conhecia a Gui de Borgonha, a quem ella muito amava.

Reconhecendo Oliveiros a causa da diligencia de Floripes, desejando dar-lhe a conhecer quem ella buscava, disse: — Senhor Gui de Borgonha, que te parece do nosso carcere, e do nosso Carcereiro? — Gui de Borgonha lhe respondeo: — Senhor Oliveiros, digo-te que ainda que o carcere fõra o peor de todo o mundo, não tivera pena alguma de estar nelle toda a minha vida preso, só por lograr a graça, e perfeição de tão soberano Carcereiro; porque entaõ só me julgaria ditoso. — Entaõ lhe disse Oliveiros: — Pois a ti, e á Senhora Floripes damos as graças, porque conhecendo que nisto te agradava, nos tirou a todos do mais terrivel carcere do mundo, e nos pôz neste lugar, onde temos recebido immensos beneficios. —

Floripes toda abrazada em incendios de hum heroico, e licito amor, todo dirigido para fazer a Deos hum grande serviço, e coberta de doces lagrimas, nascidas do grande prazer, que no seu coração sen-

tia, toda amante, e vergonhosa, (propriedade de honnestas Donzellas) fluctuando em huma, e outra cousa, venceo o amor a vergonha; e com huma soberana modestia abraçou a Gui de Borgonha, e lhe deu hum doce beijo no hombro, como era costume entre os Turcos. Gui de Borgonha, reconhecendo a soberania de Floripes, se pôz de joelhos com muita reverencia para lhe beijar a mão, o que ella não quiz consentir, antes lançando-lhe huma mão ao pescoço, e outra á barba, o fez levantar da terra: E assim ficou Gui de Borgonha admirado de tanto amor, quanto experimentou na formosa Donzella.

Roldaõ, que tambem estava suspenso, lhe disse: — Bem creio, Senhor Gui de Borgonha, que não receberias castigo algum, se neste carcere toda a vida estivesse preso, antes nelle lograrias toda a liberdade, e descanso. — Gui de Borgonha lhe respondeo: — Senhor Roldaõ, mais receio eu a sahida deste carcere, do que temi a entrada, se me houver de apartar do Carcereiro. — Floripes, que estava com muita attençaõ ouvindo os amorosos colloquios de seu querido amante Gui de Borgonha, lhe disse com hum riso muito alegre: — Senhores, deixemos essa prática para quando tivermos melhor, e mais opportuna occasiaõ: e agora tratemos do que a todos nós outros muito nos convém. —

Tomou logo Floripes a Gui de Borgonha pela mão, e disse aos mais Cavalleiros, que estavaõ desarmados, que a seguissem, e que os cinco que estavaõ armados se ficassem. E assim levou a todos sete á camara das armas, e lhes disse que se armassem com brevidade, e ella armou a Gui de Borgonha; e depois de muito bem armados, os tornou a trazer para onde estavaõ os cinco Cavalleiros, e os mandou sentar a todos, e ella tambem se sentou chegada a Gui de Borgonha, e lhes disse da maneira seguinte:



— Muito nobres, e esclarecidos Cavalleiros: já que a vossa fortuna, e a minha dita vos trouxe a tempo que tivesséis necessidade das minhas pequenas, e mulheris forças; E porque tenho feito proposito firme, esquecendo-me dos meus Deoses, e do amor de meu Pai, de salvar vossas vidas, ainda que por essa causa eu perdesse a minha, me atrevo pedir-vos a todos huma mercê, e ao Senhor Roldão primeiramente: E he pedir-vos a fé de me ajudar, e favorecer em o que vos houver mister. — Roldão lhe disse: — Muito virtuosa, e nobre Senhora, nunca fui ingrato a nenhuma pessoa do mundo, e menos o serei a ti, de quem temos recebido todos nós outros tão grandes mercês, e beneficios. E assim manda-nos o que quizeres no teu serviço, com tanto, que não seja contra a nossa Santa Fé, e Lei de Christo; e então experimentarás o grande affecto com que te servimos, e o grande amor com que te tratamos. —

Floripes se levantou em pé, e lhe rendeo as graças, e voltando para Gui de Borgonha, lhe disse: — E tu que dizes, Senhor Gui de Borgonha? — E elle lhe respondeo: — Senhora, eu, com todos estes Senhores, dizemos o mesmo, que o Senhor D. Roldão diz. — Ella lhe disse: — Pois, Senhor, o que o meu coração mais deseja; sobre todas as cousas do mundo, he servir como legitima mulher ao Senhor Gui de Borgonha: E estas são as mercês, que a elle, e a vós, Senhores, peço: E de muito boa vontade me farei Christã, e vos darei as Santas Reliquias, que com tanto trabalho tendes buscado, e vos darei todo o thesouro do Almirante meu Pai, e outras joias de grande valor.

Respondeo Gui de Borgonha: — Por certo, minha Senhora, que não tinha tenção de casar senão pela mão de meu tio o Imperador Carlos Magne, co-

mo tem feito todos os outros Pares de França; mas porque tal Senhora em todo o mundo se não acha, e tambem pelas grandes mercês, que da tua grandeza tenho recebido, como principalmente me dizes que serás Christã, eu de boa vontade te acceito por minha legitima mulher, e esposa, na fôrma, que manda a Santa Igreja Catholica. —

D. Roldão se levantou, e lhes fez dar as mãos, e abraçar, e lhes disse que a consummação do matrimonio seria quando ella se fizesse Christã. E logo mandou Floripes ás suas Damas que puzessem a mesa, e trouxessem de comer, e disse para os Cavalleiros: — Senhores, sabei que o Almirante meu Pai, e Sortibaõ tem ordenado dar-vos a morte, depois que tiver comido; e porque não se effectuem os seus mãos pensamentos, vos sentai a comer assim armados, para estardes promptos para o que succeder. — Elles assim o fizeraõ, e a formosa Floripes se sentou junto a seu esposo Gui de Borgonha.

## CAPITULO XXV.

*Como Lucafré, sobrinho do Almirante, entrou na camera de Floripes, e o Duque de Nemé o matou.*

Foraõ os Cavalleiros muito bem servidos a mesa pelas Damas, e depois de comer deraõ graças a Deos, e se levantou a mesa, e logo disse Floripes: — Senhores, meu Pai ha de querer comer, e espera por mim, para que eu o vá acompanhar; e assim porque não venha alguem chamar-me, e vos ache aqui, quero ir logo, e direi que estou indisposta, e que não quero comer; e desta sorte tomarei melhor as medidas para o que devemos fazer: mas antes que vá, quero primeiro mostrar-vos as Santas Reliquias; porque, vendo-as, tendes os corações mais contritos, e com maior devoção possais pedir soccorro ao vosso Deos, por quanto hoje o haveis bem mister. — Dito isto, ti-

rou hum cofre dourado, e lavrado maravilhosamente, no qual estava huma parte da Corda de Nosso Salvador, e hum dos Cravos, com que foi encravado na Cruz, e hum Panno, em que foi envolto o Menino Jesus, e hum sapato de Nossa Senhora, e huns poucos dos seus Cabellos.

Tanto que os Cavalleiros virão as Sagradas Reliquias, se puzerão logo com muita veneração de joelhos, e com muitas lagrimas pedirão perdaõ a Deos, e de todo o coração lhe rogaraõ fosse servido deixalos voltar outra vez á presença de Carlos Magno, e que pudessem levar a Floripes, para que doutrinada na Santa Fé Catholica, mediante o Sacramento do Santo Baptismo, entrasse no número dos escolhidos, e que tambem pudessem levar as Santas Reliquias para terra de Christãos. E se admirou muito Floripes das devotas lagrimas, que os Cavalleiros derramavaõ.

Feita a oração, disse Floripes a Gui de Borgonha que mettesse as Santas Reliquias no cofre; porque lhe era mais licito do que a ella, por quanto naõ era Christã. E Gui de Borgonha pediu a Roldaõ que as mettesse. E Roldaõ o pediu ao Duque de Nemé, porque era mais velho, e de muito ajustada vida. E depois de mettidas as Reliquias no cofre, se tornou Floripes para o seu lugar.

Estando os Cavalleiros, e a formosa Floripes nesta occupação, chegou ao palacio do Almirante hum Cavalleiro seu sobrinho, chamado Lucafré, o qual veio por ver morrer os Cavalleiros Christãos, e perguntando por elles; disse o Almirante: Que sua filha os tinha em guarda, até que elle jantasse. Lucafré lhe disse, que os queria ver, por conhecer o Cavalleiro, que venceo a Ferabraz. O Almirantè lhe disse, que fosse, e que trouxesse consigo a Floripes para comer, e depois mandaria vir os Cavalleiros para os mandar justicar.

Chegado Lucafré á porta da camara de Floripes, e achando-a fechada, deo hum empuxão com toda a força, e lhe quebrou a fechadura; e abriu a porta de par em par; porém tanto que vio os Cavalleiros Christãos armados, teve grande pezar de ter aberto a porta, e de ter entrado na camara, e da sua entrada pezo muito a Floripes; e reconhecendo isto o Duque de Nemé, entrou com o Turco em razões; e lhe perguntou muitas cousas, ao que elle respondia com muito medo: e querendo-se retirar, levantou o Duque a mão, e com o punho fechado lhe deo taõ grande pancada na cabeça, que deo com elle morto em terra, do que Floripes gostou muito, e lhe disse: — Por certo, Senhor Duque, que essa pancada não he de homem velho. — O Duque lhe respondeo: — Senhora, outras maiores verás, se nos deixares sahir daqui. — Ella lhe disse: — Brevemente o veremos, pois assim he necessario: porém quero ir primeiro fallar a meu Pai, que ha de estar esperando este Cavalleiro, porque lhe quer muito, e tinha ordenado casa-lo comigo. E vós outros, Senhores, guardai a camara. —

Chegada Floripes diante de seu Pai, lhe disse: que comesse, que ella se achava molestada, por causa do atrevimiento de Sortibaõ. F. o Almirante lhe perguntou por Lucafré. Ella lhe disse: que ficava fallando com os presos, e que não esperasse por elle para comer, porque assim lho dissera. Disse entãõ o Almirante que lhe trouxessem o comer, para fazer logo a justiça porque já tinha a gente junta, e aparelhada. E Floripes chegou a huma janella, e vio grande número de Turcos armados, assim de cavallo, como de pé, do que lhe pezo muito, por lhe parecer, que os Cavalleiros lhes não poderião resistir, e que finalmente virião a morrer, e ella ficaria só, e castigada com asperza.

Despedida a constante Floripes de seu Pai, e chegada á sua camara, disse aos Cavalleiros: — Senhores, vêde se vos falta alguma cousa, porque logo volla darei. — E Gui de Borgonha respondeo: que não. Ella disse: — Pois agora he tempo opportuno para sahir a pelejar. —

Ouvido isto sahiraõ logo em continente os Cavalleiros da camara, e Roldaõ diante, e entrando no palacio do Almirante encontrou hum Rei, que se chamava Corsubel, e lhe abriu a cabeça até o pescoço, e Oliveiros matou a Sortibaõ; e Gui de Borgonha matou sete Cavalleiros, que estavaõ nos corredores, e outros fez saltar dos corredores abaixo, e das quédas morreraõ: finalmente foi a batalha de tal sorte, que não ficou homem algum com vida de quantos estavaõ no palacio, senaõ o Almirante, que saltou por huma janella, e certamente arrebentára, se não o tomassem os Turcos nos braços. E querendo os Cavalleiros sahir do palacio para pelejar com todo o exercito, que ahi estava junto, Floripes o não quiz consentir, porque era grande a multidaõ dos Turcos. E assim leváraõ todo o provimento, que havia em palacio, para a torre, e nella se fizeraõ fortes.

Vendo o Almirante taõ impensado, e repentino progresso, mandou logo cercar a torre, e fez juramento aos seus Deoses de não se apartar dalli sem primeiro fazer queimar aos Cavalleiros, e a Floripes. E dizia a seus Conselheiros, e amigos: — Deixa-los, que ainda que o seu Deos não queira, elles viráõ a acabar nas minhas mãos, porque não tem mantimento mais que para tres dias: e além disto, Carlos Magno não sabe o estado, em que estaõ para os soccorrer; e dado caso que o soubesse, não poderá passar a minha forte ponte de Mantible, e não tem outro caminho; e assim duraráõ na torre bem pouco tempo. — Foraõ alistados os soldados, que cercavaõ a

torre, e se acharão cento e cincoenta mil, e lhe de-  
rao fortissimos combates, mas não a puderão render.

Passados os tres dias, e vendo o Almirante que se  
não rendião, lhe lembrou que Floripes tinha hum cin-  
to: e logo mandou chamar hum Nigromantico, cha-  
mado Morpim, e lhe disse: — Morpim, agora con-  
vém que mostres o teu saber, e se fizeres o que te di-  
rei, serás bem premiado. — E Morpim disse: — Se-  
nhor, se isso he cousa possível a hum homem do mun-  
do, não duvides que eu o faça. — O Almirante lhe  
disse: — Sabe que minha filha Floripes tem hum cin-  
to de grandissima virtude, que em quanto o tiver,  
nem ella, nem pessoa alguma, que estiver na sua  
companhia ha de ter fome: e queria que lho furtas-  
ses, e se o fizeres, eu te pagarei muito bem. — Mor-  
pim lhe disse: — Senhor, isso não he cousa de gran-  
de difficuldade, descansa, e não te affijas, que ama-  
nhã te trarei o cinto. —

Chegada a noite, chamou Morpim hum demonio,  
e lhe disse que o levasse acima da torre; e o demonio  
assim o fez: depois de lá estar fez certos encan-  
tamentos todos ordenados para que Floripes, e todos  
os que estavao em sua companhia dormissem; e aquel-  
la noite vigiavao a torre Gui de Borgonha, Ricarte de  
Normandia, e Urgel de Dauda; porém sobre elles não  
teve poder o encantamento; mas os mais dormião for-  
temente.

Entrando Morpim na camara, vio a huma parte a  
Floripes, e as suas Damas, e a outra parte os Ca-  
valleiros dormindo; e buscando o cinto com diligen-  
cia, o achou, e o cingio ao redor da sua cintura;  
chegou a Floripes, que estava nua da sua cama, e a  
descobriu; e vendo-a tão formosa, não pôde estar sem  
beija-la muitas vezes: e estando nesta contenda, so-  
nhava a honesta Floripes que hum atrevido Turco a  
queria descompor, e deshonestar, pelo que dava gran-

dos vozes, chamando a Gui de Borgonha que lhe acudisse; e estava em tão grande aperto, que dormindo dava com os braços para huma, e outra parte, como que se defendia: e por isso não ousou Morspim chegar mais a ella, temendo que despertasse.

Sahio Morspim da camara, acordou Floripes dando vozes, e a ellas acudiraõ os que vigiavaõ, e encontráraõ a Morspim, que hia fugindo para o telhado da torre, e Gui de Borgonha lhe cortou a cabeça, e tomou o corpo, e o lançou por huma janella na cova da torre, que estava chã de agua: e assim se perdeu o cinto, o que Floripes sentio muito, e tambem os Cavalleiros, depois que souberaõ a sua virtude.

## CAPITULO XXVI.

*Como os Cavalleiros, Floripes, e as suas Damas padecêraõ grandes fomes, e como os Idolos do Almirante joraõ derrubados, e feitos em pedaços.*

Vendo o Almirante que Morspim não vinha, ficou muito triste, e sentido, tanto por causa do cinto, como pelo seu mimoso feiticeiro. E logo chamou aos seus Conselheiros, e lhes perguntou o que devia fazer neste caso? E elles lhes responderaõ: — Senhor, Morspim certamente he morto, e por isso não vem; e assim convém que mandes ajuntar toda a tua gente, e daremos hum forte combate á torre, e brevemente serás senhor de teus inimigos, e lhes darás o castigo, que merecem. —

Mandou logo o Almirante juntar duzentos mil homens de guerra, e que combatessem a torre com toda a violencia com trabucos, e os mais instrumentos de guerra: o que elles logo fizeraõ, e durou o combate todo o dia inteiro, sem cessar nem hum só instante, que parecia que se acabava o mundo: porém não a puderãõ ganhar, porque os Cavalleiros Christãos, que a guarneciaõ da parte de dentro, derrubãõ

rao huma parede do palacio do Almirante, e com as pedras se defendeão de maneira, que não se atreviaõ os Turcos chegar a ella; e chegando a noite, mandou o Almirante que não cessasse o combate; e animados os Turcos pelos seus Officiaes, e Cabos, intentáraõ subir, e assim experimentáraõ se o podiaõ fazer, arrimando-se a parede; porẽm os doze Pares continuáraõ valerosamente na defenza com lhes atirar com pedras, e assim os não deixáraõ chegar: e pela manhã se acháraõ mais de dous mil Turcos mortos, e muitos mais feridos, e com pernas, e braços quebrados.

Quando o Almirante soube de taõ grande montanada, e destruiçao dos seus soldados, e vio a fortaleza, com que os Christãos se defendiaõ, começou a raivar-se, e embravecer-se de sorte, que lançando escuma pela boca, e faixas de fogo pelos olhos, com exorbitantes susurros, e vozes, começou a amaldiçoar os seus Deoses. E hum dos seus Conselheiros lhe disse: — Senhor, não te apaixones tanto, nem enojes aos teus Deoses, que nenhuma culpa tem, e poderãõ castigar-te gravemente: e assim manda fazer escadas, que cheguem as janellas da torre, e manda aparelhar a gente com armas, que os cubra: e assim subiremos sem que nos offendaõ as pedras: entraremos pelas janellas, e os prenderemos a todos, e os traremos a tua presença atados. —

Pareceo ao Almirante bom conselho, e logo mandou fazer cincoenta escadas, e coberturas para os que subissem não serem offendidos das pedras; e arrimados a torre começaraõ huma cruelissima batalha, subindo os Turcos pelas escadas: e vendo Floripes que seis Cavalleiros Turcos subiaõ por huma só escada, os deixou subir até chegar a janella, e com huma archa de armas deo tal pancada na cabeça de hum, que hia dianteiro, que logo cahio morto, e juntamente cahí



raõ os outros cinco todos no chaõ, de que alguns ficaram mortos, e outros quasi para morrer. E vendo isto o Almirante seu Pai, começou a arrancar as barbas, e amaldiçoar a hora, em que a tinha gerado; e por outra escada subiaõ a outra janella outros seis Cavalleiros Turcos, e Ricarte de Normandia tomou hum, cunhal de pedra mui grande, e o deitou pela escada abaixo, e derrubou todos os que subiaõ, e matou muitos, que estavaõ debaixo: e vendo os outros isto, tomaraõ tal medo, que nenhum se atreveo a subir; e nisto passaraõ alguns dias, de maneira, que faltou o provimento, e dous dias estiveraõ os Cavalleiros Christãos, Floripes, e suas Damas sem comer.

Vendo isto Roldaõ, disse aos outros Cavalleiros: — Senhores, parece-me, que a necessidade nos ha de agora obrigar a fazer o que antes haviamos de ter feito, por quanto nenhuma gloria ganhamos em morrer á fome encerrados nesta torre: e assim me parece que nos preparemos para ir buscá-la, porque maior louvor teremos em morrer pelejando no campo com os nossos inimigos, do que morrer de fome nesta torre encerrados. — Pareceo a todos bem este conselho, e resolvéraõ de o fazer.

Vista esta resoluçaõ, começou a formosa Floripes, e suas Damas a derramar correntes de lagrimas, temendo a morte dos Cavalleiros, por ser grande a multidãõ dos Turcos, e assim chorãdo, lhes disse: — Por certo, Senhores, que mui pouco faz o vosso Deos por vós outros, tendo-vos em taõ grande necessidade. E assim se vós outros crêsses nos meus Deoses, sem dũvida já tiveraõ usado de misericordia, e vos deraõ provimento de todo o necessario. — E Roldaõ lhe disse: — Senhora, mostra-nos os teus Deoses, que quero ver se nos provém de mantimento, ou nos trazem soccorro de França. — Ella respondeo: que sim. E muito alegre, imaginando que haviaõ de crer nel-

les, os levou por huma cova debaixo da terra, e no fim della acháraõ hum sala maravilhosamente lavrada, e no meio della estava hum grande theatro mui rico, no qual estavaõ quatro Idolos da grandeza de hum homem, feitos de ouro fino, e mociço; hum se chamava Apolim, outro Tavalgante, outro Magor, outro Jupini; a sala cheirava taõ suavemente, que ficáraõ os Cavalleiros admirados.

Vendo isto Gui de Borgonha, perguntou a Floripes quem tinha feito aquelles Deoses. Respondeo Floripes, que dous ourives, que eraõ os melhores mestres que se puderaõ achar. E Gui de Borgonha lhe disse: — Senhora, dize-me, quem deo a este ouro o poder, que tu dizes que tem? — E ella esteve dudando, sem responder. E Gui de Borgonha lhe disse: — Os homens, que os fizeraõ, não eraõ, Senhora, mortaes como nós? — Ella respondeo que sim. E Gui de Borgonha lhe disse: — E se nós, Senhora, quizessemos agora fazer outra cousa deste ouro, não poderiamos? — Disse Floripes, que sim poderiaõ. E elle lhe disse: — Logo mais poder tem os homens, que os teus Deoses. E queres ver, como não tem poder algum? — Tirou pela espada, e deo com ella a hum delles pela cabeça, e o derrubou na chaõ, e Roldaõ com hum archa de armas deo com os outros em terra, e disse a Floripes: — Olha, Senhora, o poder dos teus Deoses. —

O que visto por Floripes, conheceo a verdade, pois vio que os seus Deoses nada faziaõ, e disse: — Agora confesso que uão ha outro Deos, senão o dos Christãos. Ao qual peço humildemente, que me queira dar lugar para receber o Santo Baptismo, porque a minha alma vá gozar da eterna gloria; e lhe rogo humildemente, e de todo o meu coraçãõ, que queira tirar a vós outros de taõ grande affrouta. — Do qual arrependimento tiveraõ muita consolaçaõ os Cavalleiros.

## CAPITULO XXVI.

*Como os Cavalleiros Christãos sahiraõ da Torre, e deraõ batalha aos Turcos, que os tinhaõ cercado, e lhes tomáraõ a bagagem, e provimento, que lia para o seu exercito.*

Estando os Cavalleiros, e Floripes nestas razões, cahio huma Dama desmaiada com fome; e naõ se achou na torre, nem no palacio cousa alguma que comer, para lho poderem dar, do que tiveraõ grande lástima Floripes, e os Cavalleiros: e assim determináraõ sair logo a dar batalha ao exercito do Almirante Balaõ; e Oliveiros pedio ao Duque de Nemé que ficasse na torre em guarda, e companhia de Floripes, e das Damas, e para lhes abrir a porta quando voltassem. E o Duque lhe disse: — Senhor Oliveiros, ainda que sou mais velho que nenhum de vós outros, com tudo naõ deixarei de fazer o que devo contra os nossos inimigos: e assim quero tambem ir convosco, e vo-lo peço por mercê. — O que visto, pediraõ ao Duque de Tietri que quizesse ficar, o que elle acceitou: e assim ficou em guarda, e companhia de Floripes, e das Damas.

Foraõ logo á camara de Ferabraz, e tomou cada hum sua lança, e se montáraõ nos cavallo, que tinhaõ ficado do Almirante; e quando entendéraõ que elle, e a sua gente estavaõ mais descuidados, sahiraõ de repente da torre, e acomnettéraõ com tanto impeto aos seus inimigos, que foraõ parar em bem pouco tempo á tenda do Almirante, matando, ferindo, e derrubando Cavalleiros, de cavallo, e de pé, que naõ se puderáõ contar. E quando o Almirante vio tal destroço, logo se armou com muita brevidade, e tambem seu sobrinho El-Rei Clarim, que era muito valeroso, e os mais Cavalleiros, com quinze mil homens de peleija. Quando Roldaõ os vio, voltou para

os seus companheiros; e lhês disse: — Senhores, e amigos, agora se nos offerecé boa occasião de alcançarmos honra. E assim vos encomendo a boa fortuna, e que não nos demaudemos, e observemos a ordem, que atégora temos tido, para que hum possa soccorrer o outro, e não fique atraz algum, senão assim juntos, como estamos, sigamos a nossa batalha; e Oliveiros, e eu levaremos a dianteira, e não se espante nenhum da grande multidão dos Turcos, porque nos grandes apertos ha que se conhecem os valerosos, e bons soldados; e se vencermos estes dianteiros, logo seremos senhores de todos os outros; pois estes são os mais valerosos de todos os que tem o Almirante, e desta sorte levaremos mantimentos para Floripes, e Damas, e os mais que estamos na torre. —

Estando nesta prática, chegáraõ os Turcos com grandes alaridos, e vozes, e levava a dianteira hum Rei Mouro muito valeroso, que tinha vindo de distante terra em soccorro do Almirante, e se chamava Rapim; e vendo-o Oliveiros vir, lhe sahio ao encontro, e deo com o Rei morto em terra, e sahindo alguns Cavalleiros seus a vingar a sua morte, quebrou Oliveiros a lança no escudo de hum, e logo puxou a espada, e foraõ taes os golpes, que logo matou hum, e os outros não se atrevêraõ a esperar a Oliveiros, e assim fugiraõ todos: e Roldaõ derrubou em breve tempo dezoito Cavalleiros a vista do Almirante, de que elle cobrou tanto medo, que logo fugio.

Vendo isto Gui de Borgonha, deo de esporas ao cavallo, e derrubando a huma, e outra parte muitos Turcos, os seguiu até á tenda do Almirante, e peleijou com hum grande número delles, que lhe defendiaõ a entrada, e os outros Cavalleiros Christãos fizeraõ grande destruição, e mortandade na gente del-Rei Clariaõ. Vendo Urgel de Danõa que vinhaõ por

hum caminho vinte azemolas carregadas de mantimento, o disse a Roldão, o qual chamou a Oliveiros, e sem advertir na falta de Gui de Borgonha, se fóraõ ambos aonde vinhaõ as azemolas, as quaes traziaõ duzentos homens de pé, e trinta de cavallo na sua guarda; e querendo defende-las, em pouco tempo foi a maior parte delles desbaratados, e mortos, e ficáraõ os Cavalleiros Christãos senhores das azemolas, e as leváraõ para a torre pelo meião do exercito do Almirante.

### C A P I T U L O XXVIII.

*Como Gui de Borgonha foi preso.*

Ficando Gui de Borgonha só no campo, e rodeado da gente del-Rei Clariaõ, peleijou a maior parte da noite, e derrubou a tenda do Almirante em terra: e depois que lhe matáraõ o cavallo, se achou entre tantos corpos mortos, que não podia, sem tropeçar, dar hum só passo, e estando com bastantes feridas, chegou a cair quando queria amanhecer, e como o virãõ cahido o prendêraõ, e atadas as mãos o leváraõ á presença do Almirante.

Vendo-se em poder de seus inimigos, e entendendo que seria já a ultima hora da sua vida, começou com esta exclamação: — Jesu Christo, verdadeiro Deus, e Homem, não desampares a tua convertida Floripes; porque consolada de ti, não se desvie do seu bom proposito. Ó nobres Cavalleiros Christãos, Deus por sua infinita piedade vos livre da desgraça, que a mim hoje ha succedido. — El-Rei Clariaõ lhe disse: — Não trates, Christão, de te queixar, vamos ao Almirante, e elle te mandará logo enforcar. — Gui de Borgonha lhe perguntou quem era, pois que tanto o ameaçava? E elle lhe respondeo que era El-Rei Clariaõ. Gui de Borgonha lhe disse: — Clariaõ, muito me ameaças agora, que não tenho mãos, porque quando as tinha, nem me fallavas, nem me

querias ouvir: o certo he que só para os presos tens valor. —

Chegou Gui de Borgonha á presença do Almirante, indo descórado, tanto por haver dous dias que não tinha comido, como pelo grande trabalho da batalha; logo mandou o Almirante que lhe tirassem as armas: e como para o desarmar era necessario desatar-lhe as mãos, foi primeiro desarmado das pernas, e lhe puzerao em cada huma grossas cadêas, e o atárao a huma columna de pedra com as mesmas cadêas, e depois lhe desatárao as mãos, e o despiráo de todas as armas, e estava tal, que o Almirante o não conhecia, ainda que o tinha já visto muitas vezes, e lhe perguntou quem era. Elle respondeo: — Não te pareça que hei de negar a verdade: eu sou Gui de Borgonha, sobrinho do Imperador Carlos Magno, e primo do nobre Cavalleiro Roldao. —

O Almirante lhe disse: — Muito tempo ha que te conheço, e grandes males me tens feito, e por teus amores entregou minha filha Floripes a minha torre a meus inimigos: e a mim me entregaria em teu poder, se os meus Deuses me não guardassem, os quaes te trouxerao ás minhas mãos, para que me visgue de ti. E dize-me: quem são os companheiros, que ficáo na torre, que taõ grande guerra me tem feito? — Gui de Borgonha lhe respondeo: — Os que estão na torre são homens muito principaes, e nobilissimos Cavalleiros, e muito amados, e estimados vassallos do Imperador Carlos Magno: pelo que não duvides que has de pagar os agravos, que lhes fazes. —

Ouvindo isto hum Turco, e vendo que o Almirante se enojava, levantou a mão, e quiz dar huma pnhada na cara de Gui de Borgonha, e reparando-a com o braço esquerdo, lhe pegou com a mão direita nos cabellos, e o deitou no chão, e lhe pôz hum pé no pescoço, e antes que lhe acudissem o

afogou. Vendo o Almirante esta acção, disse: — Eu creio que toda esta gente de Carlos Magno he endiabrada. Vêde todos o que fez, estando preso, e na minha presença. —

Gui de Borgonha lhe respondeo: — Se aqui ha havido alguma desatenção, e erro, o teu vassallo o causou; pois não he licito dar-me sem teu mando na tua presença: porém parece-me que já não ha de fazer outra descortezia, e que bastantemente ficou castigado. — E assim atado á columna o tiverão sem comer até o outro dia.

Agora fallemos de Roldaõ, e seus companheiros, os quaes estavaõ na torre muito tristes, e não menos a formosa Floripes, e suas Damas, pela falta de Gui de Borgonha. Não conhecêraõ Roldaõ, e seus companheiros a sua falta até que entráaõ com o mantimento na torre, e quando o não viráõ, esquecendo-se da fome, sahiraõ todos outra vez huns atraz dos outros, como desesperados, e entráaõ pelo exercito dos Turcos, e em breve tempo matáaõ mais de tres mil: e alli morreo Bosim de Genova, especial Cavalleiro, e da sua morte pezou a todos,

E vendo que pela grande obscuridade da noite se poderiaõ perder, lhes foi preciso voltar para a torre, ondè com lastimosos choros, e enternecidas lagrimas, e gritos, que subiaõ aos Ceos, da triste Floripes foraõ recebidos; a qual puxando cruelmente pelos seus dourados cabellos, e rasgando a formosura do seu rosto, prostrada aos pés de Roldaõ, beijando-lhos muitas vezes, dizia: — Ó nobre Cavalleiro, doe-te do teu leal companheiro, e parente Gui de Borgonha, meu amado, e querido esposo. — E Roldaõ, com hum nó na garganta, e muda a lingua pelo sentimento da formosa, e lastimosa donzella, não pôde articular palavra, e só lhe pegou pelos braços, e a levantou da terra.

— E voltando-se Floripes para Oliveiros, lhe disse: — Quanto melhor me fôra, Senhor Oliveiros, quando matei o Carcereiro para te tirar da prisão, e aos teus companheiros, que então meu pai me matasse, por não me ver agora tão afflicta! Porém só huma pena tivera, e levára a minha alma ao apartar-se do corpo, e era não ter conhecido a Gui de Borgonha. Agora estou de mil penas cercada, e de mil pensamentos combatida, vendo que, por dar-me a vida, foi o meu esposo buscar a morte: morrera eu antes de fome diante dos seus olhos, e não me vira sem elle.

— Ó meu Pai, se sabes que cousa he amor, não me culpes do que fiz contra ti. Advertê que este coração; que geraste, he do Cavalleiro, que tens preso, desde o dia que o vi em Roma, e pois que era seu não lho podia negar: nem imagines que me arrependo de o ter amado, antes teria em pouco perder a vida, e de boa vontade a dera, só pelo livrar de toda a pena: e se algum paternal amor te ficou, tem compaixão desta triste, e amante filha. E se por ventura te queres vingar da injúria recebida, vinga-te justamente, e não queiras que pague Gui de Borgonha o que eu fiz; porque não he razão que pague o innocente pelo peccador; porque eu fui a que matei o carcereiro só por livrar os Cavalleiros; e eu matei a Aia velha, só por não o dizer. Eu fui a que os armei, porque se pudessem livrar do teu furor. Eu finalmente lhes dei a torre, e os teus thesouros: logo conhecido está, que elles não tem culpa; nem errarão em aceitar os favores, que eu lhes fiz. E o mesmo fizeras tu, se te viras no seu lugar, e te acontecera o mesmo. Logo, meu Pai, se em mim só se achão excessos, he certo que elles estão innocentes, e não culpados; e assim te rogo que o não pague o innocente Cavalleiro.



O Soberana Senhora, e Bemdita Mãi de Deos, em quem meu senhor, e esposo Gui de Borgonha tem grande devoção: Peço-te que ponhas no coração do Almirante meu Pai a crença, que no meu coração, e entranhas tenho já introduzida; porque, convertido a teu Bemditissimo Filho Jesu Christo, Deos, e Homem verdadeiro, não maltrate ao teu Cavalleiro. —

Feita esta exclamação com muitas lagrimas, soluços, e suspiros, que se lhe arrancava com a dôr, e sentimento, o coração do peito, cahio quasi morta em terra, e privada dos sentidos, a que logo acudirão os Cavalleiros, e Roldaõ com mui sentidas lagrimas a tomou em braços, e depois de varios remedios voltou em si, e com mais lagrimas que palavras a começou Roldaõ a consolar, dizendo-lhe: — Senhora, pelo amor de Deos te peço, que tenhas paciencia, porque o teu esposo não he falecido; e está certa que antes que amanhã anoiteça to havemos de trazer á tua vista, ou havemos de perder a vida. —

E logo mandou trazer o mantimento, que tinhaõ tomado aos Turcos, e acháraõ muitas viandas cozidas, e assadas, e outros guizados ao uso da Turquia; e pediraõ com grande amor a Floripes que comesse, e ella o fez pelos agradar, e assim comeraõ todos, ainda que com pouco gosto por causa do succedido.

## CAPITULO XXIX.

*Como os Turcos quizerão enforcar a Gui de Borgonha, e como os Cavalleiros Christãos o restaurarão.*

Chegada a manhã mandou o Almirante Balaõ chamar a todos os seus Conselheiros, e lhes perguntou o que havia de fazer de Gui de Borgonha? E elles responderão: — Senhor, para que os outros escarmentem, e lhes sirva de temor para se emendarem, convém que mandes fazer huma forca alta em lugar, que os da torre o possaõ vêr, e nella mandá-lo enfor-

car, e ficarás vingado das injúrias, que delle tens recebido: e mandarás emboscar dez mil homêns de guerra, porque he de crêr que seus companheiros o haão de querer restaurar, e assim os cercaremos a todos, e lhes daremos a morte, ou ficarão prisioneiros, para tu delles fazer o que quizeres. —

Approvado o conselho pelo Almirante, mandou logo levantar huma forza em hum alto outeiro, que estava perto da sua tenda, e mandou emboscar dez mil Turcos, e que ElRei Clariaõ os governasse, e estivesse prompto para sahir, quando fosse necessario; e mandou atar as mãos a Gui de Borgonha, e tapar-lhe os olhos, por não vêr para onde o levavaõ, e mandou que o acompanhassem tres mil homêns de peleija, e o enforcassem: e quando o tiveraõ os soldados em seu poder, lhe deraõ muitas pancadas com páos, e punhadas, imaginando que em lhe fazer estes desprezos, ficavaõ bem vingados.

Vendo-se o nobre Cavalleiro taõ cruelmente tratado, e esperando já a ultima hora da sua vida, começou a exclamar desta maneira: — Meu Deos, e meu Senhor, por cujo nome vou receber huma deshonrada morte: Peço-te pelos merecimentos de tua Paixaõ, e Morte, que recebas a minha alma na tua Gloria: pois o corpo brevemente acaba, e me dá paciencia, como sabes que hei mister, para que esta morte seja em remissaõ dos meus peccados.

Ó nobres Cavalleiros de França, nunca jámais me vereis, ainda que bem sei que se isto vier á vossa noticia, que me haveis de soccorrer sem demora, e com toda a diligencia. Ó nobre primo Roldaõ, que más novas levarás a nosso tio Carlos Magno! Ó nobres companheiros, encommendo-vos a triste, e desconsolada Floripes, minha esposa, que não terá já desejo de viver, sabendo as tristes novas da minha desgraçada tragedia, nem haverá quem a console, se vós a desamparais. —

Neste tempo estava a formosa, e desconsolada Floripes com os Cavalleiros nas janellas da torre; quando virão levantar huma força, e não sabendo para quem era, virão vir os tres mil Turcos, que trazião a Gui de Borgonha; e supposto que os Cavalleiros o não conhecêrao, o conhecero muito bem. Floripes e voltando para os Cavalleiros, se pôz de joelhos, e com enternecidas lagrimas lhe disse: — Ó nobres Cavalleiros, não sejaõ os vossos corações tão duros, e tyrannos, que consintais que á vista dos vossos olhos seja enforcado vosso leal companheiro. Acudi, acudi, Senhores. Apressai, apressai o soccorro. Ó nobre Roldaõ, cujas grandes façanhas por todo o mundo são conhecidas, e cuja lança, e espada he horror de toda a Turquia; por aquelle Deos, em quem crês, e adoras, te peço que não desampares esta triste donzella, que a ti de todo o coração se encomenda; não te esqueças de teu primo Gui de Borgonha, e meu esposo, que em tanta affronta está mettido. —

Roldaõ lhe respondeo: — Senhora, tem esperança naquella Bemdita Virgem Mãi de Deos, e Senhora nossa, e lhe roga de todo o teu coração que queira ser em nossa ajuda, e favor, para que o tragemos com saude á tua vista, e mediante a sua graça possamos voltar a terra de Christãos; e em quanto achahirmos em seu favor, não duvides, Senhora, que empreguemos todas as nossas forças, e façamos todas as diligencias para o tirar do perigo, ainda que seja contra nós todo o mundo. — Floripes abraçou a todos, hum por hum, e lhes disse: que em quanto se punhaõ as sellas nos cavallos, que fossem á costa mara de Ferabraz, e se armassem das armas, que lhes fossem necessarias.

Depois de armados, e cada hum com sua grossa lança, montáraõ nos seus bizarros cavallos, e antes

que sahisses da torre, fallou Roldão desta maneira: — Senhores, e amigos, este he o dia, em que convém muito ganharmos honra, e credito: que se conheça em todo o mundo o nosso valor, e capricho em restaurar a Gui de Borgonha, nosso parente, amigo, e companheiro, de tão ignominiosa morte, qual os Turcos nossos inimigos lhe querem dar em huma forca por instantes, como se fosse ladrao, e malfeitor; e assim convém muito que vamos todos bem ordenados, e unidos, porque se nos desmandarmos; he difficultoso sahirnos bem de tão grande multidão de Turcos. Por tanto vos rogo que não vos engañem os vossos valentes corações, que por cobiça de matar vinte, ou trinta se tire algum da ordem da uniaõ, que muito nos convém: Pois bem sabeis que; por se desunir, se perdeu o nosso companheiro Gui de Borgonha, a quem agora vamos com muito perigo restaurar: e com a uniaõ, ainda que sejamos poucos no número, seremos muitos no esforço. —

Antes que sahisses da torre, trouxe Floripes o cofre, onde estavaõ as Sagradas Reliquias, e se humilháraõ todos com grande devoçaõ, e puzersõ o cofre em cima das suas cabeças, e encommendandõ-se a Santissima Trindade, sahirão da torre, e logo virão os soldados, que traziaõ a Gui de Borgonha para a forca, e logo disse Oliveiros: — Senhores, véde que he muito necessario que vamos tomar a dianteira, e pelejar com todos; porque em quanto pelejamos, não o haõ de enforcar: e neste conflicto fazemos toda a diligencia porque Gui de Borgonha seja por qualquer de nós, que primeiro chegar, restaurado, e solto. — Approváraõ todos o conselho, e se partiraõ a toda a pressa a pelejar com o inimigo.

Quando os Turcos viraõ vir os Cavalleiros contra elles com tanta furia, que pareciaõ raios despedidos das nuvens ao som dos trovões mais estrondo-

soz, começaram com grandes alaridos a desinquieta-se: e logo o seu General Cornifer pôz o exercito em boa ordem, e mandou destacar dez mil homens para se ajuntarem com os tres mil, que acompanhavam a Gui de Borgonha, para os ajudar a defender dos Cavalleiros, e logo se pôz diante do exercito, e foi como bom Capitão, e soldado, receber os Cavalleiros Christãos, não só para pelejar, mas tambem para os deter a que não tivessem tempo de chegar antes que Gui de Borgonha chegasse a morrer.

Quando Oliveiros vio Cornifer, disse: — Senhor Roldaõ, perdoa-me, que eu quero ir receber aquelle Turco, pois que vem tão soberbo. — E assim se foi para elle, e o recebeu de sorte, que lhe metteo a lança, e deo com elle do cavallo em terra, e mettendo mão á espada, se metteo por meio dos Turcos como lobo carniceiro entre o gado: e assim se travou huma tão cruel batalha, que não puderão os Cavalleiros por hum bom espaço de tempo passar adiante, para ir restaurar o padecente.

Vendo Roldaõ esta demora, se levantou sobre os estribos, e vio que já subiaõ a Gui de Borgonha pela escada, que estava arimada á força, e disse: — Senhores, não nos detenhamos muito, e cada hum de vós outros procure seguir-me, porque já Gui de Borgonha está na escada da força. — E então todos os Cavalleiros, desprezando o temor de morrer, e postos em boa ordem, entráõ pelo meio dos inimigos, e Roldaõ diante, o qual era já tão conhecido, e temido dos Turcos, que nenhum se atrevia pôr-se-lhe diante a embarçar-lhe o passo, e a seu lado levava Ricarte de Normandia, derrubando immensidade de Cavalleiros, e peães; e ao outro lado hia Oliveiros desguarnecendo arnezes, e cortando braços, e cabeças, sem dar golpe que não aproveitasse; e Uffel de Dacnõa trazia as armas ensopadas em sangue dos Turcos,

112 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
que tinha morto; e o mesmo trazia os mais Caval-  
leiros.

Chegarão em fim, ainda a tempo que Gui de Bor-  
gonha estava vivo, de que tiveram tanto prazer, có-  
mo pezar, pois estava com huma corda ao pescoco;  
e em quanto os outros pelejaram, se apôu Ricarte  
de Normandia, e lhe tirou a corda, soltou as mãos,  
e o abraçou.

Neste tempo sahirão os dez mil Turcos, que es-  
tavão na emboscada, e tanto que Oliveiros os vio,  
saiu pela redea hum poderoso cavallo, que andava  
pela campanha solto, e o levou com toda a pressa  
a Ricarte de Normandia, e lhe disse: — Prato, Se-  
nhor Ricarte, de armar logo a Gui de Borgonha com  
as armas, que ahí tens dos Turcos mortos, e caval-  
gue depressa neste cavallo, e venha sem demora para  
a batalha; porque vem dez mil Turcos de refresco,  
que estavam em huma emboscada de reserva. —

Dito isto voltou para os seus companheiros, e vio  
a Gerardo de Mondifer a pé cercado de mais de du-  
zantos Turcos, que trabalhavao quanto podiao pelo  
matar; e arrometteo com elles com tanto esforço,  
dando-lhes taes golpes, que brevemente se pôz dian-  
ta de Gerardo, e ambos pelejaram com grande vá-  
lor: neste tempo vio Gerardo fugir hum Cavalleiro  
Turco, o qual se retirava de Oliveiros quanto po-  
dia, e ficando-lhe a geito, deo hum salto, e se pôz  
nas ancas do cavallo, e deitou o Turco em terra; e  
assim forão ambos pelejando, até que se ajuntaram  
com os mais companheiros, e disse Oliveiros: — Se-  
nhores, detenhamo-nos aqui hum pouco: e espere-  
mos a Ricarte, e Gui de Borgonha; porque estejamos  
todos juntos para pelejarmos com os Turcos, que vem  
de refresco. — Porém não puderao esperar tanto, que  
não chegassem os dez mil Turcos, que estavam em-  
boscados; e como os Cavalleiros Christãos estavao sem

lance, e os primeiros encontros. Roldão, e Oliveiros hiaõ diante como amparo dos outros, com os escudos nos braços, e as espadas nas mãos, e nos primeiros encontros mataraõ o cavallo a Roldão, e hum Turco lhe deu hum grande golpe no elmo, ou capacete, porém vendo que Roldão levantara a espada para o ferir, quiz fugir o Turco, mas Roldão não lhe deu lugar; porque alcançando-o pelo hombro esquerdo o partio até os peitos; e deste golpe ficaraõ os Turcos muito atemorizados, e cobraraõ grande medo. E assim a pé derrabou Roldão em pouco tempo quinze Turcos. E vendo hum Turco a grande destruição que Roldão fazia, quiz tomar delie vingança, e querendo-o ferir a seu salvo, lhe atirou de longe com a lança, e Roldão, desviando o corpo, se foi para elle com muita ligeireza, e pegando-lhe por hum braço no deitou em terra, e logo saltou sobre o cavallo do Turco, e tomandolhe a lança, começou a discorrer pelo campo, pelejando com tanta furia, que desbaratava tudo quanto lhe sahia ao encontro, sem ter, nem guardar ordem alguma; porém encommendou a seus companheiros que não sahisses della, e que esperassem a Gui de Borgonha, e a Ricarte de Normandia, em quanto elle andava pelo campo vendo onde estavaõ os Capitães, e os mais principaes do exercito do Almirante; e foraõ os seus golpes tão fortissimos, que todos lhe fugiraõ do mesmo modo que foge o gado do voraz, e carniceiro lobo.

Tanto que Gui de Borgonha foi armado, cavalgou em hum poderoso, e soberbo cavallo, e disse a Ricarte de Normandia: — Ólha, Senhor Ricarte, o estrago que faz Roldão: E o que elle só faz he mais do que fazem cem Cavalteiros. Não vês como fogem delle os Turcos? Vamos nós outros por aqui sahir ao encontro aos que vaõ fugindo, e vingar-me-hei del-

114 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
les. — E tomando-lhe a dianteira, fez Gui de Borgonha tão grande matança, que Roldaõ estava admirado, e muitas vezes se esquecia de peleijar só por ver quaõ bem jogava as armas, de maneira, que os Turcos, que fugiaõ de Roldaõ, vinhaõ acabar a vida nas mãos de Gui de Borgonha, e Ricarte de Normandia; e os que destes se escapavaõ, vinhaõ morrer nas mãos de Roldaõ.

Chegando Roldaõ aonde estava Gui de Borgonha, o abraçou, e lhe disse: — Muito estimo, meu primo, que te vingasses dos teus inimigos. — Melhor vingança fizeste tu, disse Gui de Borgonha. — E estando nesta prática, chegáraõ os mais Cavalleiros de fazer huma innumeravel destruiçaõ nos inimigos, e Gui de Borgonha os abraçou a todos, dando-lhes muitos agradecimentos do muito, que por elle tinhaõ obra-do, e trabalho, que tinhaõ padecido.

Vendo-se os Cavalleiros Christãos livres dos seus inimigos, deraõ infinitas graças a Deos, e olhando para o campo, ficáraõ muito admirados da grande mortandade, que nos Turcos tinhaõ feito, e disse Roldaõ: — Louvado seja o Omnipotente Deos, que teve piedade de nós outros. — E disse Oliveiros: — Senhores, vamos consolar a formosa Floripes, e suas Damas, que estaõ com grande sentimento deste successo. — E Gui de Borgonha lhe disse: — Senhor, que havemos de fazer na torre sem mantimento? Melhor he morrer no campo peleijando: e assim sigamos a nossos inimigos, e lhes tomaremos o mantimento, que tem. — E todos foraõ deste parecer.

Vendo a formosa Floripes de huma janella da torre, que os Cavalleiros hiaõ continuando em seguir o inimigo, começou com grandes vozes a chamar a Gui de Borgonha; e o nobre Cavalleiro com os seus companheiros se chegou á torre, e fallou a Floripes, que estava muito alegre, e lhe disse que era forçoso se-



guir o inimigo, para lhe tomar o mantimento, e assim se despedirão.

### CAPITULO XXX.

*Como os Cavalleiros Christãos tomárao o mantimento, que achárao no exercito do Almirante, e como a Torre foi com grande industria combatida.*

Puzerao-se os Cavalleiros em ordem, e forao buscar a seus inimigos, os quaes, entendendo que haviaõ de descansar, tinhaõ deixado as armas. E vendo o Almirante os Cavalleiros Christãos, chamou com grandes vozes os seus soldados, e lhes disse que se armassem com brevidade, e defendessem o mantimento; E se chegárao todos os Turcos armados ás tendas, onde estava o provimento Real.

Conhecendo isto os Cavalleiros, lhes derao huma tremenda, e cruel batalha, matando, e ferindo Turcos, e durou até á noite; e quando os Turcos cuidárao que se retirariao os Christãos, entao começárao estes de novo; e como os Turcos naõ ousavao fugir por medo do Almirante, que os estava vendo de longe, morrérao tantos, que os Christãos andavao já cansados, e cobertos de sangue: E assim entráao nas tendas do exercito, e acháao doze azemolas carregadas de mantimento, e voltando com ellas para a torre, acháao o corpo de Bosim de Genova seu companheiro, e o leváao consigo.

Chegados que forao á torre, forao nella recebidos com grande alegria, e principalmente Gui de Borgonha de sua amada esposa Floripes, a qual tendo-o nos seus braços, lhe naõ dava credito, tendo tanto prazer de o ver, que naõ se saciava de olhar; e deixando-o, se prostrou aos pés do nobre Roldaõ, querendo-lhos beijar, o que elle naõ quiz consentir, e lhe pegou nos braços para a levantar: E aos mais Cavalleiros abraçou hum por hum, dando-lhes repetidos

agradecimentos pelo que haviaõ obrado por seu amado, e querido esposo. E posta a mesa, ceáraõ com grande contentamento, e deraõ graças a Deos por serem tão felizmente succedidos.

Não convém deixar de dizer a pena, e sentimento, que o Almirante recebeu quando soube que os Christãos estavaõ providos de mantimento; porque sempre entendeu rende-los por fome: e arrenegando dos seus Deoses, e amaldiçoando a hora do seu nascimento, e a sua má fortuna, dizia: — Ó desgraçado, e malaventurado velho esquecido dos seus Deoses, e de toda a sua gente! Não posso crêr que os meus soldados não ousem, nem se atrevaõ a peleijar com os Christãos. Ou os Christãos estaõ encantados, ou os meus soldados estaõ dos meus Deoses desfavorecidos; pois tanto destroço tem deixado fazer ao meu exercito, sendo este tão poderoso, que passa de duzentos mil homens bem armados, e os Christãos tão poucos, que não saõ mais que dez em número. Ó ingrato Carlos Magno, como te esqueces de soccorrer estes nobres, e valerosos Cavalleiros! Por certo, que nenhuma razaõ tens em não te lembrar delles. Advertete que o teu Reino he pelas suas grandes proezas respeitado, e temido: e só com estes podes fazer guerra a todo o mundo. E eu com mais de duzentos mil não ousa sahir com elles a campo; porque sempre fico destroçado, e vencido. Ó quanta mercê me fariaõ os meus Deoses, se estes Cavalleiros quizessem viver comigo! Eu lhes perdoaria o mal, que me tem feito, e lhes faria muito maiores honras, e mercês, do que Carlos Magno lhes tem feito. — E estava tão enojado, que nenhum dos seus se atrevia apparecer-lhe diante: e esteve toda a noite nestas, e outras queixas, passeando pela sua tenda.

Chegada a manhã, mandou chamar a seus Conselheiros, e lhes perguntou que se devia fazer: E el-

les lhe disserão que fizesse aperceber toda a sua gente, e se dêsse hum combate á torre; porque não era possível que os Christãos tivessem com que se defender. E logo se fez assim; porém os Christãos se defendêraõ valerosamente, atirando-lhes com pedras, tijolos, e telhas: Floripes, e suas Damas estavaõ das janellas atirando valerosamente a seus inimigos com pedras, e disto tinha grande raiva o Almirante.

Tanto que o Almirante vio que o combate lhe não aproveitava, antes havia perdido muita gente, e estavaõ a maior parte dos vivos perigosamente escallavrados, e feridos, tornou de novo a amaldiçoar os seus Deoses, e a sua fortuna: e hum Cavalleiro lhe disse: — Senhor, creio que quando os Christãos entráraõ na tua torre, perdêraõ os teus Deoses todo o seu poder; pois em nenhuma cousa te ajudaõ, antes vás para peor. — O Almirante lhe disse: — Calla-te, e não digas taes palavras, que eu creio que os meus Deoses ainda haõ de trazer os Christãos, e Floripes a meu poder. —

### CAPITULO XXXI.

*Como a Torre foi minada pelos Turcos, e cahio huma parte della, e os Cavalleiros quizeraõ sahir á batalha.*

Estava o Almirante taõ raivoso contra os Christãos, e sua filha, que buscava todos os modos, que podia, para vingar-se: e assim mandou chamar hum Nigromantico, e Feiticeiro, e lhe disse: Se sabia algum modo para ganhar a torre? Elle respondeo que sim: e que ao outro dia pela manhã mandasse preparar a gente para peleijar com os Cavalleiros, que forçosamente haviaõ de sahir da torre, por quanto elle a havia de fazer arder.

Chegada a manhã, fez o encantador, o qual se chamava Mabraõ, subitamente arder os quatro cantos da torre, e quando os Christãos a víraõ arder, se ar-

máraõ muito depressa para sahir; porém Floripes lhes disse que socegassem, que ella bem sabia como aquelle fogo se apagava. E dizendo certas palavras logo o fogo se extinguiu.

Vendo o Almirante o fogo apagado, bem conheceo que era por industria de Floripes, e jurou aos seus Deoses de a fazer queimar: e mandou ao seu encantador, e outros homens engenhosos, que buscassem outros modos para combater a torre: E logo se fizeram bons, e grandes reparos com rodas, e assim fôrão rodando debaixo delles, e se arrimáraõ á torre, e lhe deraõ desta sorte os Turcos hum grande combate.

Como os Cavalleiros não tinhaõ pedras, com que lhes atirar, determináraõ sahir a campo, e Floripes lhes disse que esperassem, e foi aonde estava o thesouro de seu Pai, e lhes trouxe muito grandes peças de ouro, e prata, e disse aos Cavalleiros que tirassem com ellas, que tambem matariaõ em quem dessem, como faziaõ as pedras. E depois lhes trouxe todos os Idolos, e Deoses, e outros instrumentos de guerra, que tudo era de ouro fino, e os Cavalleiros fizeram tudo em pedaços, e com elles atiravaõ aos Turcos.

Vendo os inimigos tantas riquezas de ouro, e prata, deixáraõ o combate, só por apanhar os pedaços: e desta sorte se matavaõ huns aos outros. Vendo o Almirante taõ grande estrago, assim de gente, como dos seus thesouros, mandou recolher a gente, curar os feridos, e descansar o exercito aquella noite, e que pela manhã tornariaõ com os mesmos engenhos ao combate, para que a torre fosse minada.

Chegada a manhã, se pôz logo o combate por obra, e abríraõ os Turcos na torre hum grande brecha, de sorte que cahio hum esquina della. Vendo isto Floripes, tomou outros muitos thesouros, e os trouxe, e com elles atiravaõ das janellas aos Turcos, e so-

bre o apanha-los houve entre elles huma grande batalha, e muitos mortos. A este tumulto acudio o Almirante em hum poderoso cavallo, e os aplacou a todos, e mandou apregoar, com pena de morte, que nenhum Turco se abaixasse a tomar do ouro, ou prata, com que lhe atiravaõ, e lhes mandou, secretamente, que descansassem todo o dia, e que de noite minassem a outra esquina da torre.

Chegada a noite, estando Floripes á janella, vio trazer certos manjares ao Mestre-Sala, e considerou que o Almirante seu Pai estava ceando, e o disse a Gui de Borgonha, e elle disse a Roldaõ: — Senhor Roldaõ, toda a gente está socegada, e o Almirante está ceando, a bom tempo chegaremos a dar-lhe má cêa em satisfação de mandar derrubar a torre. — Resolvêraõ todos sahir contra seus inimigos: e como foraõ armados, entráraõ por entre elles, que estavaõ descuidados do tal assalto, e depois de matarem, e ferirem muitos, se puzeraõ os outros em fugida cada hum para sua parte, sem acertar caminho, e os mais delles foraõ para onde estava o Almirante ceando com seu sobrinho ElRei Espolante, que tinha vindo em seu soccorro com muita gente.

Querendo ElRei Espolante mostrar o seu valor se armou com toda a brevidade com hum rico, e dourado arnez, e montou em hum poderoso cavallo, e tomou huma grossa lança, e com muito orgulho sahio diante da sua gente á batalha, e topando-se primeiro com Roldaõ, e quebrando este a lança no seu escudo, metteo maõ á espada, e lhe deo tal golpe na cabeça, que lhe partio o elmo até á carne, e o derrubou do cavallo: e hum dos Turcos começou com grandes vozes, e alaridos a gritar, dizemho: — Acudí, acudí, Cavalleiros, que ElRei Espolante foi derrubado do cavallo. — Ouvindo isto Roldaõ, lhe pegou por hum braço, e o levou arrastando até á torre.

## CAPITULO XXXII.

*Como os Cavalleiros Christãos determináraõ mandar hum delles a Carlos Magno, a fazer-lhe saber o perigo em que estavaõ.*

Havendo estado os Cavalleiros tanto tempo na torre, sem soccorro, e desconfiados da tardança de Carlos Magno, estavaõ muito tristes, e assim disse o Duque de Nemé: — Senhores, o Imperador Carlos Magno não deve saber onde estamos: e não duvidando que tenha tanta pena por nós outros, quanta nós temos nesta torre: e creio que se de hum de nós não for informado, nunca jámais saberá de nós; pois estamos muito longe, e em lugar onde nunca houve Christãos, que o informem: e de mais disto, terá o Almirante mandado guardar todos os passos, porque niõguem leve a noticia aos Christãos. Pelo que me parecia que hum de nós partisse secretamente para Carlos Magno; porque em sabendo onde estamos, he certo, e sem dúvida, que logo ha de vir soccorrer-nos. —

Gui de Borgonha lhe respondeo: — Senhor Duque, bem escusado he fallar nisso: por onde ha de passar hum só homem, salvo for voando? Bem vêes toda a terra coberta de Turcos: e de mais, que niõguem pôde passar, senão pela ponte de Mantible, e sabes as fortes guarnições, que nella ha: vê pois como passará hum homem só, nem ainda muitos, sem grande perigo. —

Vendo Floripes que os Cavalleiros estavaõ nesta prática, e muito tristes, lhes disse: — Senhores, estai certos que Carlos Magno bem sabe onde estais, ainda que não saiba da necessidade que tendes; pois bem soube que os cinco Cavalleiros foraõ presos, quando o senhor Oliveiros venceu a meu irmão Ferabraz: e que os mais vieraõ por seu mandado com Embaj-

xada ao Almirante meu Pai, e por falta de gente não terá podido vir soccorrer-vos; mas não he de crêr que vos tem esquecidos. E assim não vos entristeçais, e esperai mais alguns dias, e se não vier soccorro, eu sei que qualquer partido fará convosco meu Pai, por resgatar este Rei, que temos preso; porque he seu sobrinho, filho de sua irmã, e senhor de muitas rendas. —

Pareceu muito bem a todos o que Floripes disse, e esperáraõ alguns dias; e vendo que não chegava o soccorro, e que o mantimento se hia acabando, disse Roldaõ que queria ir a Carlos Magno, e com ajuda de Deos lhes traria brevemente o soccorro. Disse entaõ o Duque de Nemé: — Senhor Roldaõ, mais conveniente he que hum de nós vá, que não tu, que és nosso guia, e Capitaõ; porque se os Turcos souberem, que não estás em nossa companhia, nos faraõ muito maior guerra do que nos tem feito; e assim fica tu, que eu irei de boa vontade. — Ouvindo os outros isso, se offereceo cada hum com grande animo, sem reparar no perigo, só por trazer a seus companheiros o soccorro; dizendo todos que de nenhums manêira fosse Roldaõ. E não se sabendo de terminadamente a quem haviaõ de mandar, disse Ricarte de Normandia: — Senhores, bem sabeis que tenho hum filho; e como parece, segundo os seus principios, será grande Cavalleiro, e se acaso eu morrer, ou for preso no caminho, tenho quem me virgue: pela qual razaõ he mais conveniente que eu vá, do que algum de vós outros: e se vos parecer, logo me porei a caminho, para que antes que se acabe o mantimento, possa vir o soccorro. —

O que ouvido, e ponderado, concluíraõ todos de commum consentimento que fosse Ricarte: ainda que a todos causava hum grande sentimento, pelo evidente perigo, a que se expunha; e assim disse Ricar-

te: — Senhores, parece-me que para poder passar sem ser sentido, e evitar desta sorte algum perigo, que marche eu esta noite: porque entãõ está tudo soccagado. — Roldaõ lhe disse: — Senhor Ricarte, naõ te pareça que os Turcos estaõ descuidados, e sem vigias: pelo que antes de amanhecer sahiremõs todos á campanha, e os accometteremos, e depois que vires a batalha embaraçada, desvia-te, e toma o caminho, que has de seguir, que eu te prometto que lhes dê tanto que fazer, que ainda que te vejaõ naõ terãõ lugar de te seguir. —

O que supposto, levantãraõ-se duas horas antes de amanhecer, e depois de bem armados, abraçãraõ todos a Ricarte, e com grande amor o encommendãraõ a Deos, que o guardasse de todos os perigos; e indo-se despedir de Floripes, ella o abraçou muitas vezes com abundancia de lagrimas, e trouxe o cofre das Santas Reliquias, e lhas mostrou, e elle as venerou com muita reverencia, prostrando-se de joelhos em terra, humilhando-se muito devotamente; e derramando infinitas lagrimas se encommendou ao seu Creador, e se despedio de Floripes, e das Damas.

Chegando Ricarte onde estavaõ esperando os outros Cavalleiros, se montãraõ todos nos seus cavallos, e sahiraõ da torre bem unidos, e formados; e achãraõ toda a gente delRei Espolante guarnecendo, e guardando a sahida da torre, e logo se começou huma muito cruel batalha; e os Christãos peleijãraõ com tanto valor, que fizeraõ fugir os Turcos até ás tendas do Almirante; e Ricarte de Normandia se metteo de tal sorte na batalha, que quando quiz sahir della para se metter no caminho para onde hia, naõ pôde, e naõ cessando de matar, e ferir Turcos, deo hum grande grito, porque soubessem os seus companheiros onde estava; e ouvindo-o Oliveiros, se metteo como leão bravo, e feroz entre os Turcos, e em



breve tempo lhe fez caminho por onde passasse, e vendo Ricarte que já queria amanhecer, e achando tempo, e lugar opportuno, se pôz no caminho para ir a Carlos Magnô.

### C A P I T U L O XXXIII.

*Como ElRei Clariaõ seguio a Ricarte de Normandia, e como Ricarte o matou, e lhe tomou o cavallo.*

Posto Ricarte de Normandia no caminho, se meteo por hum monte, desviando-se das estradas, e veredas, por não se encontrar com a grande multidão dos Turcos, que de todas as partes vinhaõ soccorrer o Almirante; e indo sabindo para hum alto monte, sendo já dia claro, foi visto dos Turcos; e sabendo-o ElRei Clariaõ, mandou aperceber toda a sua gente para o seguir: e estando Ricarte já em cima do monte, se apeou para descansar, e não sabendo que hiaõ em seu seguimento, tirou o freio ao cavallo para pastar, e se arrimou a huma arvore, onde estava muito triste, assim pelo perigo de passar a ponte de Mantible, como pelo cuidado, que tinha de seus companheiros estarem na torre cercados.

Estando o nobre Cavalleiro desta sorte, vio vir ElRei Clariaõ em hum poderoso, e soberbo cavallo, e sentindo o cavallo de Ricarte, que andava pastando, as pizadas do cavallo do Turco, deixou o comer, e largou a fugir para junto de seu senhor, para que se montasse, e Ricarte lhe pôz o freio, e se montou. Quando Clariaõ vio a Ricarte lhe disse: — Christaõ, juro aos meus Deoses de te levar preso ao Almirante, e não teraõ os teus companheiros poder para defender-te, como fizeraõ ao outro, que levavamos a enforcar. — Ricarte lhe disse: — Tu com toda a tua gente não me pudeste prender; e agora tu só me queres levar preso? — Clariaõ lhe disse: — Junto áquelle porto deixo quatro mil homens de peleija,

que depressa chegarão aqui: e assim trata de largar as armas, e render-te, que algum partido te fará o Almirante, pois he impossivel que escapes das nossas mãos. —

Ricarte lhe disse: — Pois em quanto não chegam os teus soldados, trata de ser bom cavalleiro. — E apontadas as lanças, se foi hum para o outro, e se encontraram com tanta força, que a dous arremessou cahio o cavallo de Ricarte; e levantando-se este com muita ligeireza, puxou da espada, e deu tal golpe no escudo de Clariao, que o partio em dous pedaços, e sentindo as pizadas dos soldados, antes que chegassem, lhe repetio segundo golpe no braço direito, e foi tão forte, que fez saltar a espada fóra da mão de Clariao, e pegando-lhe logo pelo braço o deitou em terra, e lhe cortou a cabeça, e logo montou no cavallo do Turco, que estava mais descansado que o seu.

Era o cavallo de Clariao admiravelmente bom, e desde a cabeça até o meio do corpo era mui branco com humas pintas vermelhas, e desde o meio para trás era baio com humas pintas negras, tinha o cabello de hum dedo, a cabeça pequena, os olhos grandes, as orelhas mui pequenas, e redondas, os narizes rombos, as ventas mui abertas, e da parte de dentro muito córadas; o pescoço curto, e largo, a cóla comprida, e as sedas grossas, a cauda grande, e bem coberta, que quando corria, fazia hum grande ala: era muito ligeiro, e forte, de tal maneira, que correndo dez legoas á redea solta, nunca jámais o viraõ suado, nem cansado.

Quando Ricarte se vio montado em tão formoso, e galante cavallo, determinou matar o seu, porque não ficas e em poder de Turcos: porém arrependido, disse: — Bem me tens servido, e não he razão dar-te má paga: Deos te leve a poder de Christãos,

e muito me pezará se cavalgar em si algum Turco; porque poucos cavallos ha no mundo melhores do que tu. —

E sentindo o ruido, que faziaõ os soldados de Clariaõ, e que já vinhaõ chegando, sem embargo de não lhes ter medo, com tudo, por não dilatar a jornada, se pôz a caminho direito á ponte de Mantible; e o cavallo que tinha deixado, voltou pelo mesmo caminho por onde tinha vindo: e quando os soldados de Clariaõ o viraõ, imagináraõ que Ricarte era morto, e querendo apanha-lo, não puderaõ, e passou pelo exercito do Almirante, sem que o pudessem tomar, nem ousavaõ chegar a elle.

Quando o Almirante vio o cavallo, disse: — Ó muito nobre, e valente Rei Clariaõ, meu amado sobrinho, muito te agradeço o que hoje tens obrado por meu serviço; pois mataste o mensageiro dos Christãos, do qual nos podia vir grande prejuizo, se chegasse ao Imperador Carlos Magno, e lhe dissesse o miseravel estado, em que estavaõ os seus Cavalleiros. — Não parou o cavallo senaõ á porta da torre, e quando os Christãos o viraõ, lhe abríraõ a porta com muitas, e sentidas lagrimas, e disse o Duque de Nemé com grande sentimento: — O' nobre Ricarte, muito leal amigo, muito me peza da tua partida, e muito mais das más novas, que o teu cavallo nos traz! Deos pela sua piedade infinita queira receber a tua alma na sua santa Gloria. — E Roldaõ disse: — O' mui leal amigo, muita culpa tenho eu da tua infeliz morte, por consentir na tua partida, havendo tanto perigo na jornada! Muito melhor nos fora esperar socorro de Deos, pois não chegava o de Carlos Magno: mas eu te asseguro que a tua morte será bem vingada, e não tornarei jámais a entrar na torre, nem a espada metterei na bainha, em quanto ao Almirante não cortar a cabeça. —

*Como os soldados delRei Clariaõ acháraõ a seu Soberano morto, e o leváraõ ao Almirante.*

Segundo a gente de Clariaõ a Ricarte, acháraõ a Clariaõ morto no campo, e deixando o seguimento de Ricarte, leváraõ o defunto com grande choro ao Almirante; e acudindo este, lhes perguntou por seu sobrinho ElRei Clariaõ. Respondeo hum Cavalleiro: — Senhor, em má hora viemos em teu soccorro. Tu perdeste a teu Capitaõ, e nós perdemos o nosso Rei. — Antes que o Turco acabasse de falar, cahio o Almirante com hum grande accidente, e esteve bastante tempo mais morto do que vivo, pela qual causa se fez hum doloroso, e sentido pranto por todo o exercito.

Ouvindo os Cavalleiros Christãos taõ grande alarido, e tumulto no exercito dos Turcos, chegáraõ ás janellas da torre para saber o que era, e Floripes entendeu logo que ElRei Clariaõ era morto, e com muita alegria o contou a Gui de Borgonha, e aos outros companheiros, de que todos deraõ graças a Deos, e ficáraõ muito alegres, e com esperanças de ser soccorridos.

Tornando o Almirante em si, e livre do accidente, começou com muita braveza a puxar das barbas, arrancando algumas dellas, como tambem puxando, e arrancando os cabellos da cabeça, e amaldiçoando os seus Deoses, e ameaçando os Christãos. E logo mandou chamar hum Turco caminheiro, chamado Orangel, e lhe disse: — Já sabes como o que matou ElRei Clariaõ foi por mensageiro ao Imperador Carlos Magno para o informar da necessidade, em que estão os Cavalleiros; e segundo o poder de Carlos Magno, nos póde vir hum grande prejuizo; e para evitar este, convém que com toda a pressa, e brevi-

dade leves esta carta a Galafre, Governador da ponte de Mantible, e dizer-lhe que estou muito mal com elle, porque deixou passar os sete Cavalleiros, que nos tem destruido: e assim que tenha cuidado não passe o mensageiro, sob pena de o mandar enforcar na janella da torre. —

Orangel lhe respondeo: — Senhor, descansa, que eu ainda que vou a pé, chegarei mais depressa que o mensageiro, ainda que vai a cavallo. — Partio logo Orangel, e chegando á porta da ponte, disse a Galafre: — Eu sou mensageiro do mui poderoso Almirante Balaõ, e te trago esta carta; e tambem por mim te manda dizer que sob pena de morte não deixes passar a hum Christaõ, que hoje partio, e ha de vir por aqui, que leva cartas ao Imperador Carlos Magno de huns Cavalleiros, que na torre estaõ cercados: e além disto, está mal contente de ti, porque deixaste passar a huns Christãos, que tem destruido toda a Turquia. —

Quando Galafre ouviu o mensageiro, e leo a carta do Almirante, subio logo em continente em cima da torre, e tocou huma grande buzina, para ajuntar a soldadesca; e logo em hum instante se ajuntáraõ tres mil de cavallo, e infantes, muito bem armados, e sahio o Governador Galafre com elles a correr todo o campo, para ver se achava o mensageiro de Carlos Magno.

## C A P I T U L O XXXV.

*Como Ricarte de Normandia passou o rio Fragar milagrosamente, mediante hum Veado branco, que o guiou.*

Muito desejoso estava Ricarte de Normandia de levar soccorro a seus companheiros, que ficáraõ na torre cercados; porém temia muito a passagem da ponte. E assim estando combatido de muitos, e diversos pensamentos, andando sempre para diante, e ou-

vindo hum grande tumulto, e alarido, e pizadas de cavallos, e de gente, olhou para huma, e outra parte, e vio a Galafre com grande número de gente, e com grande tristeza se desviou delles, dizendo: — O' Jesus, Rei da Gloria, rogo-te que sejas em minha guarda, e ajuda, para que mediante a tua Divina graça, possa trazer soccorro aos teus Cavalleiros, que de tantas angustias ficão cercados. O rio, meu Deos, he muito dilatado, e fundo, e as guardas da ponte muitas. Por onde conheço, Senhor, que sem a tua ajuda, nem a meus companheiros levarei soccorro, nem poderei evitar o ultimo fim da minha vida. —

Dizendo isto, vio diante de si dez Cavalleiros Turcos, que com grandes vozes o ameaçavaõ para dar-lhe a morte, dizendo que não lhe aproveitaria o ligeiro cavallo de Clariaõ. E querendo Ricarte escusar a batalha, intentou fugir, confiado na ligeireza do cavallo; mas considerando que pela ponte não podia passar, e menos pelo rio, se resolveo com maguanimo coração a accomette-los; e coberto do seu escudo, e a espada na mão, arremetteo com todos os dez, e lhe sahio ao encontro hum Turco soberbo com huma grossa lança, a qual logo quebrou no seu escudo, sem que Ricarte fizesse na sella a mais minima mudança: e hiaõ os cavallos com tal velocidade, que se ajuntou hum com o outro, e o Turco com o seu cavallo cahiraõ em terra. E voltando Ricarte para os outros, deo a hum tal cutilada na cabeça, que lha abrio até os dentes: e deste golpe ficáraõ todos os outros muito admirados, e medrosos, e não ousavaõ a accomette-lo; o que vendo Ricarte, guiou para a ponte, e vendo de longe que a entrada estava muito guardada, se retirou sem ser visto, e se metteo em huma Ilha, que estava junto do rio, e alli esteve imaginando o modo, que teria para passar.

Mas Deos, nesse Senhor, que de todos he o verdadeiro remedio, nunca se esquece dos seus servos: e assim lhe mandou hum Cervo branco, que diante de Ricarte se metteo no rio, e passou para a outra parte, e depois de passar, tolhou para Ricarte, e vendo que a vida não se atrevia a passar, voltou o Cervo; e atravessou o rio, e chegou junto a Ricarte, e tornou a voltar passo a passo, e lentamente; e olhando para Ricarte; o qual, vendo este prodigio, se emcommendou de todo o coração a Deos; e metteo o cavallo ao rio; e foi seguindo o Cervo; e a pouco espaço se vio da outra parte sem perigo; e desapareceu o Cervo, do que deo infinitas graças a Deos, ficando daquelle prodigio todo admirado.

Quando os Turcos, que estavaõ na torre da ponte, o viraõ passar á outra parte, chamáraõ com grandes vozes a Galafre; e quando este o vio da outra parte do rio, ficou mui triste, e arrenegado, e logo mandou abrir as portas, e mandou que os soldados de cavallo o seguissem, e prendessem, ou matassem; porque não o fazendo assim, se chegasse a Carlos Magno, que nunca jámais appareceria diante de seu senhor o Almanirante; e assim o fizeraõ, mas não o conseguiraõ.

Tanto que Ricarte se vio da outra parte do rio, além de dar infinitas graças a Deos, caminhou para Carlos Magno, e terra de Christãos; sem temor algum dos Turcos. Agora deixemos de fallar em Ricarte, e seus companheiros, e fallemos de Carlos Magno.

### CAPITULO XXXVI.

*Como Carlos Magno quiz voltar para França por conselho de Galalaõ, e seus parentes.*

Estando o Imperador em Mormionda com grande tristeza, porque dos seus Cavalleiros não tinha noticias, mandou chamar a Galalaõ, e Geofre de Altoja, e Alberto de Macaire, e outros muitos, e entre elles

veio tambem o Duque Regner, pai de Oliveiros, aos quaes disse: — Amigos, eu estou com huma grande tristeza, e a causa he, porque não sei dos meus Cavalleiros; e assim determino deixar a Corôa, e todo o governo, por quanto quem taõ desgraçadamente perdeu taes Cavalleiros, não merece reinar. E assim vos rogo que cada hum de vós me dê o seu parecer, e a fórma, com que saberemos dos nossos Cavalleiros. —

Disto teve grande contentamento Galalaõ, por ser grande traidor; e ainda que na apparencia mostrava ter sentimento, com tudo gostava muito da perda dos Cavalleiros, e desgosto de Carlos Magno; e assim lhe disse: — Senhor, se me dás licença, direi o meu parecer. — Carlos Magno lhe disse que sim. Galalaõ entaõ disse: — Senhor, o meu parecer he que não passes mais adiante, antes mandas levar todas as tendas, e nos iremos pouco a pouco para França, e lá mandarás dizer Missas, e suffragios pelas almas de teus Cavalleiros; porque não crêas que estejaõ vivos: e tornando para as nossas terras, ajuntarás mais gente, e depois viremos vingar a sua morte: e has de crêr que o Almirante ha de ter junta a maior parte da Turquia para se vingar de ti, pelo vencimento de Ferabraz, seu filho. Esta he a minha opiniaõ, e creio que te dou bom conselho. —

Quando o Imperador ouviu o que dizia Galalaõ, pôz a mão na face, e se arrimou ao braço da cadeira, onde estava assentado, e assim esteve hum grande espaço de tempo sem dizer palavra, e entre si disse: — Oh desgraçado Rei, que ha de ser de ti, se te voltas sem vingar as mortes de teus Cavalleiros! Serás para sempre deshornado, e dirá a gente que melhor soubeste manda-los aonde perdessem as vidas, que vingar as suas mortes. Se me volto para terra de Christãos sem me vingar do Almirante, qual ha de



ser o Cavalleiro, que queira servir-me? Quem que-  
rerá metter-se em perigo algum por amor de mim;  
pois os que não tiverão em nada perder a vida no meu  
serviço, foraõ de mim esquecidos, e tão mal galar-  
doados? Nem eu terei razão para lhes mandar fazer al-  
guma empreza perigosa; nem se a não fizerem, os po-  
derei culpar. Com que cara hei de fallar com os pa-  
rentes dos mortos?

Oh velho sem ventura! Como não quiz a fortu-  
na que acabasses a vida, por não viver com tal des-  
honra! Oh meus leaes Cavalleiros, quanta razão ten-  
ho de chorar-vos; pois além do muito que perco em  
perder-vos, cada hum de vós outros era mais digno  
da Corõa do que eu! Por vós outros tinha honra, e  
Corõa, e era temido de Christãos, Judeos, e Tur-  
cos, e de todas as Nações do mundo. Vós outros ereis  
os firmes pilares, e columnas, em que se sustentáva  
todo o meu Imperio, e Monarquia: as vossas espa-  
das, e valerosos braços eraõ os que sustentavaõ to-  
das as minhas Fortalezas: em perder-vos, perdi todo  
o meu conselho, e allivio. Não sei com quem com-  
munique tanta pena, e tanta mágoa. Já não tenho quem  
me dê alegria, e só me ficou a tristeza, a quem pe-  
ço que brevemente córte os dias da minha triste vida.

Oh Turcos, se acaso soubereis o quanto ganhas-  
tes na morte dos meus amados, e nunca esquecidos  
Cavalleiros! No dia da sua morte se acabáraõ todos os  
vossos temores, e medos. Aquelles, cujos nomes vos  
fazião voltar as caras, e fugir á redea solta no maior  
conflicto da batalha, já vos não lançarão fora das vos-  
sas fortalezas. Da perda dos meus Cavalleiros já re-  
sultáraõ a toda a Turquia os maiores descansos. Já os  
infieis estaraõ livres de sobresaltos; pois só de esta-  
rem os meus Cavalleiros vivos, e na minha compa-  
nhia, soavaõ os golpes das suas cortantes espadas no  
coraçõ de toda a Turquia. —

Depois que Carlos Magno esteve entre si razoando estas, e outras semelhantes cousas, esforçando-se quanto pôde, levantou a cabeça, e disse aos circunstantes, que presentes estavaõ: — Já vós outros, que presentes estais, tendes ouvido o conselho, que me deo Galalaõ, e não me parece digno de receber: por quanto além de ser contra a vossa, he tambem contra a minha honra. E assim quero que vós outros digais o vosso parecer, para vermos qual havemos de seguir. — Entaõ respondêraõ huns Cavalleiros da linhagem de Galalaõ, chamados hum Macaire, outro Auberim, e outros mais: — Senhor, adverte que Galalaõ ha fallado admiravelmente, e te dá muito bom conselho. E não faças conta de passar adiante: pois na tua companhia estaõ mais de dez mil homens, que depois que souberaõ da morte de Roldaõ, que era seu Capitaõ, e guia nas grandes empresas, tem feito juramento de não passar daqui para diante, ainda que tu os mandes. —

Ouvindo isto Carlos Magno, deo hum grande suspiro, e disse: — O' verdadeiro Deos, não desampares a este triste velho de tantas angustias cercado. E como, meu Senhor, sempre achei em ti nas minhas tribulações o allivio, te rogo me alumies em tanta confusão, para que saiba escolher o meio, que hei de seguir, para melhor acertar: porque o conselho destes Cavalleiros não me parece bom. —

O Duque Regner, pai do grande Oliveiros, vasallo muito leal, lhe disse: — Senhor, os que te derãõ esse conselho, não te querem bem, nem estimaõ a tua reputaçãõ, e nem taõ pouco estimaõ a tua honra: e se alguns te não quizerem seguir, serãõ aquelles, que são da sua linhagem, e parcialidade: porém os que desejaõ o augmento da tua Imperial Corõa, nem te darãõ tal conselho, nem deixarãõ de seguir-te. —

Auberim, parente mui chegado de Galalaõ, disse: — Regner, se não estivessemos diante do Imperador, eu fizera que te custasse caro o que dizes, porque mentes. — E Regner lhe deo huma grande punhada, de sorte, que o derrubou em terra: e havia de haver entre elles huma grande ruina, se o Imperador os não aplacára: e a este motim se acháraõ da parte de Galalaõ mais de mil e seiscentos homens armados contra Regner; e Ferabraz, que se achava presente, puxou a espada, e disse: — Juramento faço ao Santo Baptismo, que tenho recebido, que se algum se mover para molestar o Duque Regner, que lhe hei de mostrar como sabe cortar a minha espada. — O Imperador mandou que se aquietassem, pena de morte, e lhes disse: — Já sinto a falta dos meus Cavalleiros, que como vós outros me vedes sem elles, me estimais em pouco, nem me guardais respeito, e vos atreveis a fazer demazias diante da minha presença. —

Ferabraz lhe disse; — Senhor, peço-te que isto, que até agora tem passado, o perdoes; porém daqui por diante castiga tua gente com justiça, e ao que errar, e se te atrever, não lhe perdoes. E a mim me terás, em quanto viver, por firme columna do teu Reino, e honra. — Carlos Magno lhe perguntou: — Qual lhe parecia melhor, se ir para diante, ou voltar para traz? — Ferabraz lhe respondéo: — Senhor, o voltar para traz he bom para o descanso da tua pessoa, mas não para accrescentar a tua honra. — Entaõ deo Carlos Magno hum grande suspiro, e disse: — Ao Todo-Poderoso, e Alto Deos encommendo os meus feitos: ao qual prometto de não tornar para terra de Christãos até que saiba noticias certas dos meus nobres, e amados Cavalleiros. — E logo ordenou ao Duque Regner que escolhesse algumas pessoas, que fossem com elle ao Reino de França reconduzir mais gente para accrescentar o exercito, o que logo o Duque pôz em execução para partir.

## CAPITULO XXXVII.

*Como Ricarte de Normandia chegou ao Exercito do Imperador Carlos Magno.*

Querendo o Imperador Carlos Magno mandar a França buscar mais gente, e estando já Regner para partir, chegou hum Cavalleiro, e lhe disse: — Senhor, ahi vem hum Cavalleiro apressadamente de terra de Turcos; e pelo modo me parece que traz Embaixada do Almirante. — Carlos Magno sahio logo da tenda, e tambem o Duque Regner, que alli se achava, e virão vir ainda de longe a Ricarte, e Regner disse: — Aquelle, que para cá vem, parece que he Christão; porque os Turcos não cavalgaõ daquella maneira. — E chegando-se o Cavalleiro mais para perto, disse Carlos Magno: — Este parece no seu modo a Ricarte. —

Chegando Ricarte ao Imperador, saltou mui depressa fóra do cavallo, e se pôz de joelhos, e lhe fez huma grande reverencia, e Carlos Magno lhe disse: — Meu amado, e querido Cavalleiro, sejam bem vindo: que noticias me dás de Roldão, Oliveiros, e dos mais companheiros? Como vens só? Dize-me: são mortos, ou vivos? — Respondeo Ricarte: — Senhor, dá graças ao Omnipotente Deus, que os ha livrado de muitos, e innumeraveis perigos. E assim, Senhor, todos estão vivos, e com saude. E não estão longe de Aguas-Mortas, e estão cercados em huma torre com mais de cem mil Turcos, e com elles está a virtuosa Floripes, filha do Almirante, e irmã de Ferabraz, mediante a qual conservamos todos a vida, e he necessario muito tempo para te contar os prodigios, que por nós outros tem feito: e te dá as Santas Reliquias, que ha tanto tempo que buscas. E assim te manda pedir, e tambem os teus Cavalleiros, que te dignes de lhes dar soccorro. E a formo-

sa Floripes está com grande desejo de ser Christã. Se tu, Senhor, ganhares a Aguas-Mortas, e aquella torre, eu te affirmo que em breve tempo serás senhor da maior parte da Turquia. —

Com estas noticias recebeu Carlos Magno huma grande alegria, e disse que Galalaõ, e seus parentes eraõ traidores; pois para que os seus Cavalleiros morressem sem soccorro, o queriaõ fazer voltar para traz. E disse: — Dize-me, Ricarte, tem os meus Cavalleiros algum mantimento na torre? Poderão passar cinco, ou seis dias? — Respondeo Ricarte: — Senhor, poderão ter mantimento para seis dias, e naõ mais; e este tomámos por força, com grande perigo, junto ás tendas do Almirante, a pezar de todo o seu exercito. — Carlos Magno lhe perguntou: — Dize-me, que homem he o Almirante? — Elle respondeu: — Senhor, o Almirante he muito feroz nos feitos, e no gesto, e muito valente pela sua pessoa, mas muito inimigo dos Christãos. He muito temido dos seus vassallos, tem muita gente, mas pouco destreza nas armas.

Porém, Senhor, para passar a Aguas-Mortas ha hum passo muito perigoso, que he a ponte de Mantible, e naõ ha outro, por ser todo o rio de Flagor muito fundo, arrebatado, e caudaloso; e a ponte he muito forte com duas torres de marmore com pontes levadiças, e a guarda he hum Gigante muito forte, e espantavel, e tem em sua companhia tres mil soldados para a guardar: de sorte, que por força a naõ passará, nem renderá todo o poder do mundo. Porém usaremos de industria, e subtileza. — Carlos Magno lhe perguntou que industria poderja haver para a passar.

Respondeo Ricarte: — Senhor, iremos cincoenta de nós outros bem armados, e cada hum com sua capa bem grande, que cubra bem as armas, de modo que pareça que saõ mercadores, e levaremos quaren-

ta azemolas carregadas de fardos, que pareçaõ mercadorias; e tu estarás com o exercito detraz de hum outeirinho, que está perto da ponte; e imaginando os guardas que levamos mercadorias, haõ de abrir a porta, e pedir os seus direitos. E entaõ deixaremos cahir as capas, e lhes daremos batalha, e com hum signal, que faremos, acudirás com o exercito, e com ajuda e Deos ganharemos a ponte, e daremos soccorro aos te s Cavalleiros, que o estaõ esperando. —

Este conselho pareceo bem a Carlos Magno, e a todos os seus confidentes, e o Duque Regner deo hum grande abraço a Ricarte; este com muito amor o recebeu, e lhe contou tudo o que seu filho Oliveiros tinha passado na torre, e os muitos, e grandes beneficios, que tinha recebido da formosa Floripes.

Tratou logo o Imperador Carlos Magno de mandar aos seus soldados, que apparelhassem as armas, e os Cavalleiros as dessem a quem as naõ tinha, e mandou preparar todo o exercito para a partida: e Ricarte, que preparasse todo o necessario para a industria. Logo Ricarte mandou fazer muitos fardos de couzas do exercito em fórma que parecessem mercadorias, e carregou quarenta azemolas, e pedio ao Duque Regner, e a Hoel Conde de Nantes, que escolhessem cincoenta Cavalleiros dos melhores, e os guiassem, de que o Duque, e o Conde ficáraõ muito contentes: e armados os cincoenta Cavalleiros, lhes mandou dar o Imperador cincoenta capas grandes, e cada hum se cobrio com a sua, e se puzeraõ a caminho, e diante hiaõ Ricarte, e o Duque, e Nantes, e com as azemolas hiaõ alguns homens de pé, e depois hia todo o exercito com as bandeiras levantadas, e os soldados formados; e assim continuáraõ a sua marcha para a ponte de Mantible.

## CAPITULO XXXVIII.

*Como por industria de Ricarte de Normandia foi a ponte de Mantible ganhada ao Gigante Galafre, que a guardava.*

Teve o Imperador Carlos Magno modo com que chegou de noite a acampar-se detraz do outeirinho, que estava perto da ponte, sem ser sentido das guardas della; e Ricarte, Regner, e Nantes forão caminhando para a ponte com as azemolas carregadas, e com cincoenta Cavalleiros: e quando estes virão a fortaleza da ponte, e a grandeza do rio, ficãrão admirados, e conhecêrão ser certo o que Ricarte tinha dito a Carlos Magno, que a não poderia render todo o poder do mundo; e Ricarte disse: — Deos nos queira ajudar: porque hoje havemos de ter batalha com o mais feroz Gigante do mundo, e com tres mil Turcos, que não se apartão do seu lado. — Regner lhe perguntou: — Senhor Ricarte, como passaste quando vinhas com teus companheiros trazer a embaixada? — Ricarte lhe contou toda a industria, e manha, que o Duque de Nemé tinha ordido.

Chegados já á ponte, disse Ricarte: — Senhores, com vossa licença eu quero ir diante, e ser o primeiro: e em abrindo o guarda a porta, entrareis vós outros, e quando me virdes lancar fóra a capa, lançai vós tambem as vossas, e procurai todos de ser bons Cavalleiros, porque assim nos he muito necessario, pois nisto está o nosso bom successo: e assim não convém perder esta occasião. — Elles lhe respondêrão: — Senhor Ricarte, não tenhas receio de que saltemos, nem tão pouco de que se puzermos os pés dentro na ponte, que não sejamos senhores della. —

Batendo Ricarte á porta da ponte, chegou o Gigante Galafre, e abriu hum postigo mui pequeno, e tinha na mão direita huma archa de armas muito grossa, e aguda; o corpo era demaziadamente alto;

os olhos grandes, sahidos para fóra, e ensanguentados; os narizes largos, e rombos; a boca muito grande; os beiços grossos, e era muito negro, e mais parecia fantasma, que creatura humana; tinha as pernas demaziadamente grossas; os pés tortos, e grandes: era muito valente, e forçoso, e continuamente estava armado, para se fazer mais temido. Era muito estimado do Almirante, e d'elle se confiava muito; era Condestavel de toda aquella terra, e era muito cruel, e principalmente com os Christãos.

Aberto o postigo, disse o Gigante a Ricarte: — Dize-me, homem, que buscas por esta terra, e que mercadoria he a que ahí trazes? — Ricarte, mudando a lingua, porque não soubessem que era Francez, lhe disse: — Senhor, somos mercadores, que vimos de Tarrascona, e trazemos muitos pannos de todas as sortes, e queremos ir vende-los a Aguas-Mortas, trazemos muitas joias para offerecer ao Almirante. E se tu nos deixares passar, e ensinares o caminho, te daremos das nossas mercadorias; porque não sabemos por onde havemos de guiar, nem tão pouco os passos desta terra, e nenhum de nós outros tem ainda passado por aqui. — Galafre respondeo: — Sabei que eu tenho a cargo de guardar esta ponte, e toda esta terra, e não ha muito tempo que sete traidores, vassallos do Imperador Carlos Magno, me enganárao falsamente, dizendo que levavao Embaixada ao Almirante Balaó; e me disseraó que traziaó o tributo, que se havia de pagar, e os deixei passar, e tem feito grande damno, e prejuizo ao Almirante.

Porém elles estaó em parte, onde pagaráo o que tem feito; porque estaó cercados em huma torre de mais de cem mil Turcos. E antes de hontem se escapou hum, que creio que tinha o demonio no corpo, o qual matou a ElRei Clariaó meu sobrinho, que o seguia com tres mil Turcos, e lhe tomou o seu



cavallo, que he o melhor do mundo. E como vio as guardas desta ponte, se metteo ao rio, e passou a nado, que nunca o fez outro homem do mundo; e foi, levar as novas a Carlos Magno dos Christãos que na torre estão sitiados, para que lhes dêsse soccorro; e por esta causa me ha mandado o Almirante, com pena de morte, não deixe passar pessoa alguma, sem primeiro saber quem he, e para onde vai, e assim quero ver as mercadorias, e saber se sois mercadores. —

Ricarte lhe disse: — Bem me parece que vejas as nossas mercadorias, e saibas que somos mercadores. — E dizendo isto, entrou logo Ricarte pela porta, e logo atraz d'elle Regner, e Nantes; e quando Galafre vio tantos dentro, não ficou muito contente, e logo fechou o postigo por não entrarem mais, e lhes disse que tirassem as capas, porque queria ver o que levavaõ. Ricarte se desviou hum pouco, e deixando cahir a capa, metteo mão à espada, e o mesmo fizeraõ os outros, e Ricarte lhe deo hum grande golpe na cabeça; mas como nella tinha huma caveira de serpente, resvalou a espada, e lhe cortou huma orelha; e os outros tambem procuravaõ de o ferir fortemente, mas não aproveitava, pois o dar nelle era o mesmo que dar em huma penha dura: porque sobre as armas trazia huma pelle de serpente, que era mais dura que hum diamante.

Galafre levantou a archa de armas para ferir a Ricarte, mas vendo este vir o golpe, desviou o corpo, e deo a pancada em huma pedra marmore, que entrou por ella mais de hum palmo; e dando o golpe em vão, deo hum grito taõ grande, que o ouvirãõ os Turcos, que estavaõ da outra parte; e os Christãos fizeraõ o signal ao Imperador Carlos Magno, o qual com toda a sua gente chegou com muita brevidade á porta, e Ricarte abriu a porta, e tambem chegaraõ os Turcos, e houve entre elles huma grande

mortandade; e Galalaõ fez aquelle dia cousas muito assignaladas, querendo-se, sendo traidor, congraçar com Carlos Magno, porém a sua lealdade durou pouco tempo.

### CAPITULO XXXIX.

*Como Carlos Magno ganhou a ponte de Mantilbe, com morte do Gigante Galafre; e como Alorino, parente de Galalaõ, lhe quiz fazer traição.*

A multidão dos Turcos, que vinha em favor de Galafre para soccorrer a ponte, era tanta, que cobria duas leguas de terra; e vendo Carlos Magno que os Christãos se retiravaõ, se cobrio com o seu escudo, e se pôz diante, e começou a derrubar Turcos para huma, e outra parte, e Galalaõ a seu lado peleijando valerosamente: e seguindo a batalha vio Carlos Magno a Galafre com huma archa de armas na mão, fazendo grande damno nos Christãos; e vendo que não aproveitava nada o feri-lo com a espada, pela grande fortaleza das armas: que trazia, pediu huma lança, e com ella lhe deo tantos encontros, que o derubou em terra, e Ricarte lhe cortou a cabeça; e quando se vio no chaõ, deo hum grande, e formidavel grito, que foi ouvido na distancia de tres leguas, e acudio muita gente para defender a ponte.

Entre a gente, que acudio, veio hum Gigante chamado Amphiam, e o seguia sua mulher tambem Giganta, chamada Amiota, com dous meninos seus filhos nos braços de idade de quatro mezes, e eraõ de cinco pés de largo, e bem fornidos, segundo a grandeza dos seus corpos. E este Gigante se pôz á porta da ponte por onde haviaõ de sahir os Christãos, com huma grande barra de ferro nas mãos, e começou a dizer com horriveis vozes: — Onde está o velho louco de Carlos Magno? Se quer levar as Santas Reliquias, ou passar a soccorrer os seus Cavalleiros, ve-

na, porque a porta está aberta. — Ouvindo isto Carlos Magno, se cobrio com o seu escudo, e foi para accommette-lo; porém Ferabraz lhe rogou que o deixasse a elle com aquella batalha, que conhecia aquella gente, e o seu modo de pelejar, porque eraõ de grandissimas forças; porém que não tinhaõ manha, nem destreza nas armas. E Carlos Magno assim lho concedeo.

Cobrio-se Ferabraz com o seu escudo, e chegou-se ao Gigante o espaço que lhe pareceo que o podia alcançar com a barra, e o Gigante a levantou com ambas as mãos, e fingindo Ferabraz, que esperava a pancada, desviou o corpo quando vio vir a barra, e assim descarregou o golpe na terra, e foi taõ forte, que fez estremer toda a ponte; e antes que levantasse a barra outra vez, lhe cortou Ferabraz ambos os braços de hum golpe, e lhe deo outro na cabeça, que lhe cortou o elmo, e o abrio até os dentes; entaõ ganháraõ os Christãos a ponte; porém era tanta a multidão dos Turcos, que os não deixavaõ sahir, e os fizeraõ retroceder até o meio da ponte, morreraõ muitos de huma, e outra parte. E estavaõ sempre ao lado de Carlos Magno, Ferabraz, Regner, Ricarte, e Nantes, guardando mais a sua pessoa, do que as suas mesmas vidas.

Vendo Carlos Magno que não podiaõ passar adiante, antes lhe era forçoso retirar-se com perda de muita gente, começou a suspirar dizendo que já perdia a esperança de ver aos seus Cavalleiros, pois que não podiaõ ganhar aquelle passo: Ferabraz lhe disse: — Senhor, não nos convém agora chorar os que estaõ ausentes, senaõ a nós mesmos; porque se não ganharmos esta ponte, será impossivel escaparmos das mãos dos nossos inimigos, pela grande multidão, que continuamente vem vindo. —

Esforçando-se entaõ Carlos Magno, disse com grandes vozes: — Segui-me, Cavalleiros, que agora he

tempo de empenhar as vossas forças. E logo se pôz na dianteira, e começou a fazer taes proezas, que todos estavaõ espantados, assim os seus Cavalleiros, como os inimigos; e postos a seu lado Ferabraz, Ricarte, Regner, e Nantes, deraõ tanta pancada nos Turcos, e fizeraõ nelles tal matança, que se víraõ obrigados a fugir para a Villa; e querendo levantar huma ponte levadiça, para que os Christãos não passassem á outra banda, teve Ferabraz maõ nella de tal sorte, que lhes não foi possível levanta-la; e disse aos outros Cavalleiros que passassem com todo o exercito, e que fossem armados, e em boa ordem tomar a Villa, e que não perdoassem a nenhum dos seus inimigos.

Mettidos os Turcos na Villa, se quizerãõ fazer fortes nella, mas Carlos Magno, como hia no seu seguimento, entrou, e alguns soldados juntamente com elle; porém na entrada houve muito grande mortandade nos Christãos, que com pedras lhes faziaõ os Turcos das janellas, e torres da praça: e vendo-se Carlos Magno em taõ grande aperto, deo huma voz dizendo: *Soccorro, Cavalleiros*. Entãõ chegou Galalaõ, e seus parentes com mil e setecentos homens mui bem armados, e fez alli grandes proezas: (ainda que ao depois foi traidor) e durou o combate da entrada da praça quatro horas, até que a rendêraõ, e entrou Carlos Magno na praça com mui pouca gente, e Galalaõ se retirou com a sua comitiva para o campo. Porém os Turcos se tornãraõ a rebellar contra Carlos Magno.

Depois de estar Carlos Magno dentro da Villa com taõ pouca gente, e retirado o partido de Galalaõ, chegou Alorino, seu parente, e lhe disse: — Senhor Galalaõ, Carlos Magno está na Villa com muito pouca gente, e será maravilha se jámais sahir della; porque os Turcos, que lá estaõ, são muitos, e bem armados. Eu sou de parecer que nenhum do nosso parti-

do o soccorra. E agora temos boa occasião para nos vingarmos delle, e dos outros nossos inimigos. E se tu quizeres que nos voltemos para França, levantarmos-nos-hemos com as fortalezas, e pouco a pouco seremos senhores de todo o Reino; pois que lá não ha pessoa alguma, que nos possa contradizer. —

Galalaõ lhe respondeo; — Senhor Alorino, parente, e amigo; he verdade que eu tenho má vontade ao Duque Regner pela injúria, que ha pouco nos fez a todos os parentes na presença do Imperador; e não menos a este, por se lhe mostrar muito agradável: porém não me parece que nos podemos vingar da maneira que dizes, sem detrimento das nossas honras, deixando-o em tão grande necessidade em poder dos Turcos. E além disso, pôde ser que não nos succeda conforme a nossa intenção; porque bem poderão os parentes, que lá estão, dos que cá ficáraõ, fazer-nos grande damno, porque pôdem conhecer brevemente a traição. — Alorino lhe respondeo: — Senhor Galalaõ, não sejas cobarde em cousas que tanto te convém; porque se agora não tomas vingança de nossos inimigos, pois para isso tens tempo, quando o quizeres fazer não terás lugar, e te arrependerás de o não ter feito, quando já não tiveres remedio. —

Estando nesta contenda, chegou Ferabraz, e perguntando por Carlos Magno, lhe respondeo Alorino; — Creio que já o não verás vivo, porque está na Villa com pouca gente, entre grande número de Turcos. — E Ferabraz lhe disse: — E vós outros que fazeis aqui, que não lhe dais soccorro? Certo, que bem podeis ser accusados de traidores, pois que em tão grande affronta vos esqueceis de vosso Soberano. — E dizendo isto, tomou huma grande archa de armas, e se foi para a Villa dando grandes vozes, dizendo; — Cavalleiros, soccorrei ao vosso Rei. — E chegando á porta da Villa, achou Galalaõ a seu lado com alguma gente.

Vendo que Carlos Magno, com a pouca gente que tinha, se vinha retirando para a porta peleijando quanto podia, se metteo Ferabraz por entre os Christãos, e pouco a pouco foi passando até tomar a dianteira, e juntamente com elle hia Galalaõ, e fizeram os dous tão grande matança nos Turcos, que corriaõ pelas ruas rios de sangue, e não tiveraõ os Turcos outro remedio, senaõ fugir com grandes alaridos, e sahiraõ alguns por huma porta falsa e foraõ contar a sua desgraça, e tomada da ponte ao Almirante, e os Christãos ficaraõ senhores da ponte, e da Villa, onde acháraõ muitas riquezas.

## CAPITULO XL.

*Como Amiota, a Giganta, de quem acima fallámos, matou muitos Christãos; e como o Almirante soube da tomada da ponte.*

Com muito grande trabalho, e perdição de gente, ganhou Carlos Magno a ponte de Mantible; e chegada a noite, tomaraõ os Christãos as suas pousadas, e se aquarteláraõ pacificamente, e se desarmaraõ, para descansar da grande fadiga da batalha. E huma Giganta, chamada Amiota, que era mulher do Gigante Amphiam, que Ferabraz matou, sentindo que os Christãos estavaõ descuidados, toda raivosa pela morte do marido, tomou huma bisarma a modo de roçadoura, e sahindo da cova, onde habitava, deixando nella os filhos, entrou na Villa com tão grande furia, que matava a todos os Christãos que pelas ruas encontrava, e quando por ellas não achava gente, entrava nas casas, e como os achava desarmados, matou muitos sem grande trabalho, e foi a mortandade de tal sorte, que se amotinou toda a gente, e se armaraõ contra ella.

Quando Carlos Magno sentio o alboroto da gente, entendeu que seriaõ Turcos, que vinhaõ em soc-

corro da ponte, e se armou com toda a brevidade; e Ferabraz, e os outros Cavalleiros fizeraõ o mesmo, e sahiraõ todos armados: e perguntando o Imperador que era o que tão grande ruina, e motim causava; lhe disseraõ que era Amiota, e que só huma mulher fazia tal alboroto, e estrago, e que tinha dado morte a muitos. Carlos Magno disse que a queria ver; e assim caminhou com os mais Cavalleiros para onde ella estava, e ficou admirado de ver mulher de tal grandeza, pois chegava com a cabeça até os telhados, e reluziaõ os seus olhos como fachos accezos; e a escuma, que lhe sahia pela boca, lhe corria pelos peitos até os pés: dava de quando em quando hum gemido, que se ouvia a distancia de meia legoa; só o pezo da bisarma, ou roçadoura, que trazia, era bastante para derrubar huma forte torre, e a sua horrenda vista bastava para atemorizar a todos os homens.

Vendo Carlos Magno tão terrivel, e abominavel monstro, se cobrio com o seu escudo, e com a espada na mão quiz ir accommette-la, e Ferabraz lhe disse: — Senhor, não he honra que sujes a tua espada em huma mulher, nem será cordura que esperes os seus golpes. Porém eu te direi o modo que com ella havemos de ter. — E chamando a huns homens, que traziaõ fundas feitas ao modo da Turquia, mandou que lhe atirassem às pedradas, e dando-lhe muitas, nunca a feriraõ, nem derrubaraõ, e era o mesmo que dar em hum duro pebbasco,

Vendo Ferabraz que as pedras não faziaõ effeito, tomou huma funda com huma pedra, e disse: — Feio me parece matar huma mulher, mas não posso vêr diante de mim este demonio, — e lhe atirou com a pedra com tanta força, que dando-lhe no pulso, ou munheca da mão direita, lhe lançou a mão fóra do braço, e lhe cahio com a bisarma em terra; e deo tal grito, que estremeceo todo o povo, e logo os sol-

dados a acabárao de matar com muitas pedradas, e pancadas. E logo mandou Ferabraz que se puzessem vigias, e sentinellas na ponte, e na Villa, e os mais se recolhêrao a seus quartéis.

Chegada a manhã, mandou o Imperador Carlos Magno repartir pelos soldados o saque, que era muito rico, por constar da maior parte dos thesouros do Almirante, que os tinha alli seguros, por ser a praça muito forte; e assim ficárao todos muito contentes, e satisfeitos, suavizando com este premio o seu grande trabalho, e o Imperador não tomou para si cousa alguma; e indo vendo as fortalezas, e muralhas da praça da parte de fóra, vio estar huma grande cova, e nella estavao chorando dous meninos filhos da Giganta Amiota, e os tinha parido de hum parto, e sendo de quatro mezes erao taó grandes como hum homem ordinario, e bem fornidos, e fortes, e logo os fez baptizar, e foi seu padrinho; e a hum mandou que se chamasse Roldaó, e a outro Oliveiros; mas não vivêrao mais de tres dias, de que Carlos Magno teve grande sentimento.

Querendo pois o Imperador passar adiante, por não retardar o soccorro, mandou enterrar todos os mortos, e curar os feridos, e chamando a Ricarte, e a Regner, lhes perguntou que gente poderia deixar alli de guarniçaó? E lhe disseraó que a gente, que havia de ficar, era necessario que fosse leal: porque era muito preciso ter aquelle passo seguro para o que pudesse succeder; porque nem todos os que vinhaó no exercito erao capazes, por serem traidores. E assim determinárao que ficassem os dous nobres Cavalleiros Hoel de Nantes, e Riol de Nantes com dez mil Christãos.

Posta a guarniçaó, sahio da praça o Imperador com toda a mais gente em quatro batalhões repartida; hum governava Ferabraz, outro Regner, outro Ricarte, e outro tomou Carlos Magno para sua guarda: e deo a



Ferabraz a dianteira, porque sabia melhor os passos da terra; e a retaguarda deo a Ricarte de Normandia. Postos assim em boa ordenança, se puzerão em caminho; e depois de terem subido hum grande alto de hum outeiro, se parou Carlos Magno para ver o seu exercito, e vendo-o tão luzido, e tão bem preparado, teve hum grande gosto, e contentamento: e tambem porque conheceo que todos vinhão muito desejosos, e com grande vontade de pelejar: e disto deo infinitas graças a Deos.

Neste tempo teve noticia o Almirante da tomada da ponte, e da praça, da morte dos seus Gigantes, e da perda dos seus thesouros: e logo cahio no chão amortecido, e quando tornou em si do desmaio, disse deste modo: — Ó Mafoma, e como te tem já faltado as tuas forças! Agora conheço o teu pouco poder. Já tenho por louco o que em ti confia. Nunca homem algum te honrou tanto como eu: nem em parte alguma do mundo são as tuas Mesquitas tão ricas, nem tão servidas como as que estão nas minhas terras; e muito grande parte dos meus thesouros tenho gastado em fazer muitas imagens de ouro, e de prata a tua semelhança, porque fosses adorado do povo, como Deos; e tu és tão ingrato, e desconhecido que em tanta necessidade, e aperto te esqueces dos meus beneficios, e serviços. A ti só tinha encommendado a minha torre, e os thesouros, que nella estavaõ. A ti só tinha encommendado que guardasses a minha ponte de Mantible; e descansado na tua guarda, não puz tanto recato nella, quanto era necessário, pois me confiava em ti. Nas cousas de pouca importancia me mostraste os teus afagos, para que nas mais precisas, e necessarias me pudesses facilmente derrubar; e assim sempre me enganaste. — Dito isto, tomou huma archa de armas, e com ella despedaçou todos os seus Deoses, e Idolos.

Sortibaõ de Coimbres, que vio o Almirante taõ desesperado, tratou quanto pôde pelo socegar, reprehendendo-o da injúria, que tinha feito ao seu Deos Mafoma, dizendo-lhe que lhe pedisse perdaõ, porque o naõ castigasse com rigor. O Almirante lhe respondeo: — Naõ o quero, nem lhe quero obedecer; porque tem sido muito ingrato, e desconhecido aos meus favores, pois tem deixado tomar todas as minhas fortalezas pelos Christãos. — Sortibaõ lhe disse: — Naõ digas, Senhor, taes palavras: pede perdaõ ao teu Deos Mafoma, pois agora nesta occasiaõ o has de mister mais que nunca. Trata de mandar espias, para saber se he certa a vinda de Carlos Magno, e que gente traz, e assim lhe daremos batalha campal: e se cahir nas nossas mãos, o faremos queimar, e a teu filho Ferabraz, que vem em seu favor. — Disse o Almirante: — Já que tanto me rogas, farei o que me dizes; mas bem vejo que Mafoma he meu inimigo sem razaõ alguma: porém eu nada confio já do seu poder.

### C A P I T U L O X L I.

*Como os Cavalleiros, que estavaõ na Torre com Floripes, foraõ grandemente combatidos pelos Turcos, e a Torre foi quasi derrubada.*

Rogou Sortibaõ taõ fortemente ao Almirante que se congraçasse, e pedisse perdaõ a Mafoma, que movido dos seus teimosos rogos o fez diante de alguns dos seus Cavalleiros; e por melhor satisfacõõ lhe prometteo mandar de novo fazer a sua imagem accrescentando-lhe cem arrates de ouro fino, e adorna-la com muitas pedras preciosas, porque lhe dêsse victoria contra Carlos Magno; e enviou secretamente espias para saber do seu exercito, e brevemente voltaõ as espias, e disseraõ que Carlos Magno tinha partido de Mantible, e que vinha apressadamente para

dar soccorro aos seus Cavalleiros, que estavaõ na torre, e que trazia pouca gente, mas bem armada.

Sabida a noticia, mandou logo o Almirante preparar a sua gente, e combater fortemente a torre, antes que o soccorro chegasse. Em quanto se ordenava o combate, mandou por todos os seus dominios buscar gente; e começado o combate, lhe deraõ tal pressa, que derrubáraõ brevemente a outra esquina da torre, e ainda que morriaõ muitos, não ousavaõ apartar-se do conflicto com medo do Almirante, que lhes dava grandes vozes, que trabalhassem, a peleijassem. Tinhaõ os Turcos feito hum bastante buraco para entrarem dentro, mas não se atreviaõ com medo, ainda que o Almirante bem instava, e mandava que entrassem.

Quando os Cavalleiros viraõ a esquina derrubada, e o buraco aberto, tiveraõ algum temor dos seus inimigos, mais por causa de Floripes, e das Damas, do que por elles; pois por amor dellas não ousavaõ sahír á batalha, nem apartar-se da torre, dizendo ellas que em quanto elles peleijavaõ no campo poderia a torre ser arruinada, e perdida.

Roldaõ, vendo o caso mal parado, disse aos mais companheiros: — Senhores, convém muito que vamos peleijar com os nossos inimigos, porque não acabem de derrubar a torre: porém não nos havemos de apartar della, senaõ sómente tanto, que tenhamos lugar de reparar o buraco. E agora convém sermos bons Cavalleiros, porque a gente he muita, e o furor do Almirante excessivo. E assim vos rogo que tenhamos boa ordem no peleijar, que não ños apartemos huns dos outros: porque se algum cahir tenha prompto quem o ajude a levantar. E estai certos que em mim tereis grande favor, que se a minha espada Durindana me não faltar, eu farei que ao Almirante, e á sua gente lhes peze grayemente do combate, que hoje nos deraõ. —

A todos pareceo bem o conselho de Roldão, e assim determinárao ir á batalha, e Floripes teve dis- to grande sentimento; porém vendo que o sahir era preciso, e não se podia escusar, chorando lhes disse: — Senhores, antes que vades, vos quero mostrar as Santas Reliquias; porque com mais constricto cora- ção rogueis a nosso Deos Jesu Christo, que por sua piedade infinita nos livre de tanta affronta. — E pros- trados todos de joelhos em terra, e com innumera- veis lagrimas rogarao de todo o seu coração, que pe- la sua bondade infinita os livrasse dos seus inimigos.

Estando neste colloquio, disseraõ as Damas de Flo- ripes com grandes vozes que os Turcos subiaõ pela torre até ás janellas: e como Floripes tinha o cofre nas mãos, chegou a huma janella, e o mostrou aos Turcos, e foi Deos servido fazer alli hum grande mi- lagre; pois, tanto que o viraõ, cahiraõ todos subita- mente, e de repente em terra, e os que estavaõ ain- da no chaõ para subir, se desviaraõ da torre para hu- ma bem distante parte. E vendo os Cavalleiros este prodigio deraõ infinitas graças a Nosso Senhor Jesu Christo, e Floripes lhe deo muitos louvores: e tor- nou a levar o cofre para o seu lugar, e voltou pa- ra as janellas, onde estavaõ os Cavalleiros.

Vendo o Almirante a Floripes junta com os Ca- valleiros, lhe disse: — Oh Floripes, grande foi a tua ousadia, e luxuria; pois por ella deixaste os teus De- ses, e vendeste a teu Pai, e a todos os meus vas- sallos, e parentes! Mas estou certo que brevemente te farei deixar o amor dos Christãos, que taõ forte- mente amas, e queres: porque a elles, e a ti farei que neste dia sejaõ queimados. — Ella lhe disse: — Por certo, meu Pai, que não dizes a verdade; porque nun- ca fui luxoriosa, nem tenho conhecido varaõ: mas sim encaminhou-me o verdadeiro Deos Nosso Senhor Jesu Christo para o caminho da verdade, como tam-

bem a meu amado, e querido irmão Ferabraz. Este caminho queria eu que tu tambem seguisses, porque a tua alma se não perdesse. E sabe que por esta causa tenho rogado aos Cavalleiros Christãos que não te matem: porém se os perseguires mais, não terás, nem toda a tua gente, poder para lhes resistir, e livrar das suás mãos; porque Deos Omnipotente está com elles, como o podes ver na destruição, que na tua gente tem feito, não sendo mais que dez Cavalleiros. —

Teve o Almirante tanta raiva do que Floripes lhe disse, que cahio com hum accidente, e Sortibaó, e outros Cavalleiros Turcos trabalhárao muito pelo consolar, e tornando em si, disse: — Oh maldito, e traidor Mafoma, que pouco he o teu poder, e o meu; pois só a dez Cavalleiros não podemos com tao grande número de gente resistir! O certo he que não sabes governar, nem o que has de fazer. Maldito seja aquelle, que em ti se confia, e cré. — Sortibaó lhe disse: — Senhor, mui simplesmente tens fallado contra o teu Deos Mafoma. Tu não vês com quanta abundancia nos dá dos bens temporaes? Porém isto, que agora padeces, o permite pelos teus grandes peccados. Mas pede-lhe perdao para que te favoreça contra Carlos Magno, —

Logo lhe trouxerao huma imagem de ouro fino á semelhança do maldito Mafoma, em cuja cabeça tinha hum demonio mettido, que fallava, e respondia a tudo o que se lhe perguntava, tres dias na semana, e lhe disserao: — Senhor, pede perdao a Mafoma, teu Deos, que tens diante, e elle te ajudará nas grandes adversidades. — E posto o Almirante de joelhos, a rogo dos seus Cavalleiros, lhe disse: — Ó Mafoma, peço-te, quanto a mim he possivel o pedir-te, que não faças caso das torpes, e deshonestas palavras, que este atribulado velho disse contra ti.

E adverte que estou com firme proposito de me emendar dos meus passados erros, e peccados, que contra a tua grandeza tenho commettido. E assim te prometto, em satisfacão das minhas graves culpas, mandar-te fundir pelo melhor mestre dos meus Reinos, e tornar-te a fazer de novo, accrescentando para a tua grandeza, e seres maior, duzentas libras de ouro fino, para que assim sejas mais rico, e respeitado. E mandarei reparar todas as tuas Mesquitas, e te darei muitos, e grandes privilegios. Pelo que te peço me dês favor, e ajuda contra os Christãos meus inimigos, e que delles tome rigorosa vingança: e assim dá-me a tua palavra de fazer o que te peço, que eu tambem ta dou de não faltar ao que te prometto. —

O diabo, que estava mettido no idolo, ou figura, lhe respondeo: — Almirante, teus erros são perdoados, pelo grandissimo arrependimento, que delles tens, e não menos porque sei que obraste com demasiada angustia do teu coração. E assim não faltes no que promettes, que eu não te faltarei no que me pedes. E manda logo apparelhar a tua gente, e dar outra vez combate á torre, que sem dúvida serás senhor dos inimigos. E eu empenharei todo o meu poder para destruir a todos os Christãos, que te perseguem: pois te estou muito obrigado pelo grande dispendio, que comigo tens feito, e porque me queres fazer mais rico, formoso, temido, e respeitado. —

Ouvindo o Almirante o favoravel promettimento do grande Mafoma, mandou fazer grandes festas por todo o seu exercito, tangendo flautas, buzinas, e outros Turcos instrumentos em signal da victoria futura, que esperava, por lhe estar pelo seu Deos Mafoma promettida; e apparelhada a gente, deraõ combate á torre com tanto vigor, que deraõ com huma parte da principal parede della no chaõ. O que vendo Urgel de Danda disse: — Senhores, he necessario que

busquemos outra morada; e vamos logo buscá-la, já que Deos he servido que deixemos esta: e vamos já, Senhores; porque melhor resistiremos aos golpes dos nossos inimigos, do que á cahida da torre. E se Deos for servido que percamos as vidas no poder destes Turcos, tenha cada hum de nós outro modo de vingar a sua morte antes que lha dêm. Saiamos já a campo, Senhores, a peleijar com elles, já que Deos assim o quer, e não queiramos fazer cousa alguma contra a sua Divina vontade. E com a fidelidade, que sempre huns a outros tivemos; accommettamos a nossos inimigos. —

Estando já os Cavalleiros apparelhados para sahir á campanha, se pôz a formosa Floripes de joelhos diante de Gui de Borgonha, e com muitas lagrimas, e soluços lhe disse: — Senhor, por aquelle Deos, em que crês, e confessas ser Uno, e Trino, te rogo que sejaõ os teus feitos, como he a generosidade do teu sangue; e assim não me desampares. Adverte que a torre está por muitas partes aberta, e as minhas forças são muito pequenas, e a crueldade de meu Pai grande. E não crêas que tomará menor vingança de mim, do que a ti, se te acolhesse outra vez a seu poder: e com muita ração; pois por amor de ti lhe tenho feito tanto mal. —

Ouvindo Gui de Borgonha as tristes lamentações da honesta, e formosa Donzella, lhe disse: — Senhora, não imagines que he tão pouco o amor, que tenho, que não tenha maior sentimento da tua pena, que da minha mágoa: porém, Senhora, sabe que o sahir á batalha não se escusa, mas será de maneira, que nem tu, nem as tuas Damas fiquem desamparadas em quanto nós outros tivermos vida, nem nos apartaremos da torre mais, que quanto façamos desviar o inimigo; porque não acabem de derrubá-la. E se nos deres licença para que com esta condição vamos, aqui

ficárao em tua companhia dous de nós outros supposto que eu de nenhuma maneira posso ficar. —

Vendo Floripes o grande amor de Gui de Borgonha, e a sua fidelidade, lhe disse: — Senhor, tu me offerces deixar dous dos teus companheiros em minha companhia, e guarda; e disto me fica grande sentimento, por imaginar que com taõ pouca gente heis de sahir á batalha com tanta multidaõ de Turcos. Pelo que te rogo que me armes a mim, e as minhas Damas; e com tantas archas de armas iremos debaixo do amparo de vós outros guardando a tua pessoa. —

Ouvindo Roldaõ os amorosos colloquios de Floripes, se pôz a rir, e disse a Gui de Borgonha: — Amigo, e companheiro, grande he o amor, que te tem esta Senhora; porém naõ he honra nossa que ella vá á campanha. E assim, Senhora, te peço que naõ te affijas tanto. Cessa, e acaba já de chorar: e tem esperança naquelle verdadeiro Deos, e Homem; porque assim como nos tem livrado dos outros maiores perigos, tambem nos livrará deste. — E assim se despediraõ della, e das Damas.

Sahindo pois os Cavalleiros da torre, começáraõ huma cruelissima batalha com os Turcos, e fizeraõ nelles taõ grandes estragos, que em pouco tempo os lançaõ hum dilatado espaço da torre, e tornáraõ a recolher-se a seu salvo, e sem perigo: E acháraõ a Floripes, e as Damas armadas de todas as armas, cada huma com sua archa de armas na maõ, postas onde estava a torre derrubada: de que fizeraõ hum grande festejo.



## CAPITULO XLII.

*Como os Cavalleiros souberão da vinda de Carlos Magno, e tambem o Almirante, e como Galalab foi enviado com Embaixada ao Almirante.*

Passarão os Cavalleiros aquella noite com grande contentamento, e festejo, fallando nas varonis acções de Floripes, e das suas Damas, pois que com tanto valor, e resolução se armarão para defender a torre, e Gui de Borgonha disse: — Senhores, daqui por diante bem podemos sahir sem receio a pelejar com os inimigos: pois que temos tão grandes vigias para guardar a torre. — E Oliveiros disse: — Senhora, amanhã havemos de sahir á batalha, e se te parecer, sahirás com nós outros, e as tuas Damas, para que mais depressa demos fim aos nossos inimigos. E não duvido que o Senhor Gui de Borgonha obre maiores prodigios, do que costuma, por te levar em sua companhia. — Ella disse; — Senhor Oliveiros, faze tu com meu Senhor Gui de Borgonha que me deixe sahir com vós outros á batalha, que eu prometto que onde eu estiver, não farei menos do que fizera meu irmão Ferabraz. — E deste dito fizeram todos grande applauso.

Chegada a manhã, subio Urgel de Danda acima da torre para vigiar o exercito dos Turcos, e olhando mais ao longe, vio muitas bandeiras tremolando nos ares, e acompanhadas de muita gente armada; e conhecendo que eraõ Christãos, desceo muito depressa, e foi onde estavaõ os companheiros, e lhes disse: — Senhores, e amigos, peço-vos que todos deis muitas graças a Nosso Senhor, que tão piedosamente se tem havido connosco, porque hum grande exercito de Christãos vem em nosso soccorro. —

Ouvindo os Cavalleiros tal noticia, vierão todos a abraça-lo, e com grande contentamento subirão já

tôrre, e os acompanhou Floripes, e as Damas., e se lhes dobrou o prazer quando conhecêrao o Estandarte, e Armas do Imperador Carlos Magno: e postos de joelhos, e os olhos no Ceo, derao infinitas graças ao Omnipotente Deos.

O Almirante Balaõ, que estava junto ao seu exercito com ElRei Corsul, vendo vir o exercito dos Christãos, lhe pediu conselho; e Corsul lhe disse: — Senhor, convém que logo faças apparecer a tua gente, e lhes vamos dar bataiha, antes que entrem naquelle valle. — O Almirante approvou o conselho, e mandou logo alistar a gente, e se achou com cento e oitenta mil homens de peleija, e encommendados a seus Capitães, se puzerao promptos para marchar.

Entrou, porém, naquelle dia o Imperador Carlos Magno no valle, e alli, descansou a noite sem barracas, porque as tinha deixado em Mantible; e chegada a manhã, mandou alistar a sua gente, e se achárao cincoenta mil soldados, e os mandou preparar para a batalha. Vendo Ferabraz toda a gente prompta para pelear com o exercito do Almirante, que já tambem estava no mesmo valle, disse a Carlos Magno: — Muito alto, e poderoso Senhor, pelos serviços, que te hei de fazer, te peço me concedas huma mercê. — Carlos Magno lhe disse, que pedisse o que quizesse, que tudo lhe concederia. Disse então Ferabraz: — Já sabes, magnifico Senhor, as obrigações, que os filhos devem a seus Pais: E ainda que meu Pai o Almirante he Turco, e eu Christão, nem por isso lhe tenho perdido o amor, que lhe devo. E assim queria fazer com elle que deixasse os seus Deoses, e falsos idolos, e mette-lo no verdadeiro caminho da salvação. Pelo que peço, Senhor, que antes que entres em batalha, lhe mandes da tua parte, e da minha, hum Embaixador, e lhe digas, que se se fizer Christão,

lhe farás toda a honra, e cortezia. E quando não queira, que o tratarás como a capital inimigo, sem d'elle, nem dos seus vassallos ter piedade alguma. —

Carlos Magno disse: — Eu folgo muito com isto, Senhor Ferabraz, e pelo grande amor que te tenho, farei mais este partido: Que de toda a sua terra, e fazenda lhe não tomarei cousa alguma, mas só ficará pagando hum pequenó tributo. — Ferabraz lhe beijou a mão pela mercê. Perguntou logo Carlos Magno aos seus Conselheiros, quem lhes parecia que levasse a Embaixada ao Almirante. Todos uniformemente votáráo em Galalaó, porque era muito sagaz, e eloquente.

Mandou logo Carlos Magno chamar a Galalaó, e lhe disse: — Galalaó amigo, nós vos temos escolhido para levar Embaixada ao Almirante Balaó. — Galalaó respondeo: — Senhor, irei de muito boa vontade. — Disse-lhe entaó o Imperador; — Dize ao Almirante, que eu, e Ferabraz, seu filho, lhe pedimos que se faça Christaó, e me mande os meus Cavalleiros, e as Santas Reliquias; e se isto fizer, não passaremos adiante, e lhe deixarei todos os seus Reinos, e riquezas, e ficará sómente pagando hum pequeno tributo. E que se isto não fizer, sem alguma piedade o perseguirei até lançá-lo fóra dos seus Reinos, e dar-lhe vituperiosa morte. —

Galalaó armado de todas as armas, e montado em hum soberbo, e poderoso cavallo, e huma grossa lança na mão, se foi com a Embaixada para o exercito do Almirante, que estava em campo preparado para dar batalha a Carlos Magno; e chegando ás primeiras guardas, o quizeráo prender; porém como souberáo que era Embaixador, o deixáráo passar.

Chegado que foi á tenda do Almirante, disse que era Embaixador do Imperador Carlos Magno, e trazia Embaixada ao Almirante Balaó. E dando-se-lhe parte, sahio o Almirante armado de todas as armas, e com

hum a archa de armas na mão, e lhe perguntou o que hia buscar ao seu exercito? e Galalaõ arrimado á sua lança, sem lhe fazer muita reverencia, lhe disse: — O muito alto, e poderoso Senhor Imperador Carlos Magno, e o muito valeroso Cavalleiro Ferabraz, teu filho, doendo-se da perdição da tua alma, me mandaraõ para que te diga que deixes os teus Deoses Mafoma, e Tavalgante, e os outros idolos, e demonios que te trazem enganado, e que recebas o Santo Baptismo, como o recebo teu filho: e crêas em Nosso Senhor Jesu Christo, Deos, e Homem verdadeiro, Creador do Ceo, e da terra: E que lhe mandes os seus Cavalleiros, que tens cercados, e as Santas Reliquias, que estaõ em teu poder. E se fizeres isto, te promette, a rogos de teu filho Ferabraz, que te deixará os teus Reinos, e riquezas, e só lhe pagarás hum pequeno tributo. E se o não fizeres, te lançará vergonhosamente fóra de todos os teus Dominios, e te dará infame morte. —

Teve o Almirante tanta ira desta Embaixada, que por pouco não perdeu o juizo, e com muita ira disse a Galalaõ, ameaçando-o com a archa de armas, que na mão tinha: — Atrevidamente fizeste a tua Embaixada, e me ameaçaste no meu exercito. E porque és mandado, não te mando dar o castigo, que mereces. E bem podes conhecer o pouco amor, que te tem o Imperador teu Senhor em te mandar aonde licitamente se te póde dar a morte: mas vê não tornes outra vez com Embaixada semelhante, porque te ha de custar a vida. E assim vai-te embora, que semelhante Embaixada não tem resposta; porque he mais louca, que entendida. —

Galalaõ lhe replicou dizendo: — Não crêas, Almirante Balaõ, que taõ pouco amor tenhamos ao Imperador Carlos Magno, que por algum perigo deste mundo deixemos de fazer o que elle nos mandar: e

adverte que o que te disse te importa muito: e assim dá-me a resposta, que te parecer, para que se detenha a gente, que já está posta em ordem para peleijar, e todos estão muito desejosos de entrar já na batalha; e assim não venha mais brevemente dar-te fim, e a toda tua gente. —

Vendo hum Cavalleiro Turco a muita cólera, e raiva do Almirante, disse a Galalaõ: — Porque outro não se atreva a fallar demasiado, he razão que sejas castigado. — E dizendo isto levantou huma massa de ferro com ambas as mãos para lhe dar com ella: quando Galalaõ o vio, tomou a lança, e lho metteo pelo peito, e lho passou até ás costas, e cahio morto aos pés do Almirante, o qual com grandes vozes mandou que o prendessem; porém Galalaõ se pôz em fugida pelo caminho por onde tinha vindo, e o seguiraõ mais de vinte mil Turcos: porém como hia bem montado em hum ligeiro, e poderoso cavallo, o não puderaõ alcançar.

Roldaõ, e os outros companheiros, que estavaõ na torre, o viraõ sahir do exercito do Almirante á redde solta, e conhecendo pelo trajo, e modo, que era Ghristaõ, disse o Duque de Nemé: — Aquelle, tanto pelas feições das armas, como pelo modo das suas acções, parece que he Galalaõ, que terá vindo com Embaixada ao Almirante. Deos permitta livrá-lo de taõ grande perigo. — Galalaõ correo sem parar até subir a hum alto, que estava desviado do exercito, e quando se vio em cima parou, e olhou para traz, para ver os que o seguiaõ, e vio hum Turco muito grande de corpo, e armado de mui luzidas armas, e com elle vinha Tenebro, irmão delRei Sortibaõ, e vinhaõ hum bom espaço diante de todos os outros; e com magnanimo coração os esperou, e encontrou a hum com a lança de maneira, que deo com elle, e o cavallo em terra, e voltando para o outro, lhe

deontão forte golpe na cabeça com a espada, que lhe cortou o elmo, ou capacete, e a cabeça até os olhos; e vendo a grande multidão dos Turcos, que o seguião, voltou as rédeas ao cavallo, e veio para onde estavaõ os mais Christãos esperando por elle. Tendo isto virão os Cavalleiros da torre, e ficaramõ muy admirados de ver fazer taes proezas a Galalaõ. E os Turcos o seguião até que virão o exercito de Carlos Magno: e assim como o virão voltáráõ logo com muita pressa, e contáraõ ao Almirante, e a El Rei Sortibaõ o que tinha acontecido. Quando Sortibaõ soube que seu irmão era morto, chorou muito, e fez juramento de matar a Carlos Magno, e a toda a sua gente. E o Almirante teve disto algum contentamento, para que com maior esforço sabbisse Sortibaõ, e os seus soldados á batalha.

### CAPITULO XLIII.

*Como Carlos Magno fez tres batalhões de toda a sua gente. Como acommettêraõ ao exercito do Almirante, e das valentias que Carlos Magno fez.*

Chegado que foi o Conde Galalaõ ao exercito, e á presença de Carlos Magno, lhe disse: — Muito poderoso Imperador, o Almirante não quer ser Christão, nem em tal cousa quer ouvir fallar, nem se lhe dá do teu poder: e já tem aparelhado a sua gente com grande desejo de dar-te batalha, e teve grande raiva da Embaixada. E hum Cavalleiro dos seus levantou huma massa de ferro para me dar com ella, e diante do Almirante lhe metti a lança pelo peito, e dei com elle morto a seus pés, e me mandou prender, para o que me seguião mais de vinte mil Turcos, e a dous mais luzidos, que vinhaõ diante, dei a morte; e vim fugindo por me escapar dos outros que erãõ muitos. —

Ouvida a resposta, mandou logo o Imperador a

Ferabraz, e ao Duque Regner, e a Ricarte, que fizessem de todo o exercito tres batalhões: O primeiro deo a Ricarte, o segundo ao Duque, o terceiro guiáráo elle, e Ferabraz. E postos todos em boa ordem, mandou tocar as trombetas, timbales, e caixas, e os Cavalleiros, que estavaõ na torre, tiveraõ disto grande contentamento: e assim marchou o exercito dos Christãos para o exercito dos Turcos.

Quando ElRei Burlante, Sortibaõ, e Tenebro, que tinhaõ o cargo do exercito do Almirante, souberaõ que vinha o Imperador Carlos Magno, ordenáraõ tambem tres batallhões, e puzeraõ a sua gente em boa ordem; e ElRei Burlante pedio ao Almirante Balaõ que lhe dêsse o primeiro batalhaõ, e elle lho deo, e disse: — Se te encontrares com Carlos Magno, ou Ferabraz, não os mates; porque os quero fazer queimar com Floripes, e com os que estaõ na torre. —

Estando nestas razões, viraõ que o exercito de Carlos Magno se hia chegando para elles; logo Burlante o sahio a receber com cento e oitenta mil homens, e adiantando-se do exercito, começou com altas vozes a dizer: — O' Carlos Magno, onde estás? Aparta-te da tua gente, como eu estou da minha, e comecemos os dous velhos esta batalha. Bem pôdes vir seguramente contra mim; porque a minha gente não se ha de mover até que não veja o fim da nossa contenda. Não serás digno de louvor, se não fizeres caso desta affronta. Adverte que a tua gente te ha de ter em pouco, se não acceitares de hum só Rei o desafio. Vê que ambos somos velhos, e não queiras que só peleijem os moços. —

Ouvindo Carlos Magno as vozes do Turco, tomou logo huma grossa lança para sahir com elle á batalha; e vendo isto Ferabraz saltou do cavallo em terra, e se pôz de joelhos diante do Imperador, pedindo-lhe que não fosse a batalha, e que elle iria por

elle, dizendo-lhe que em sua vida se encerrava a honra de toda a sua gente; e que o Turco era valente, e muito déstro nas armas. E o mesmo lhe pediraõ Ricarte, Regner, e outros mais Cavalleiros.

Carlos Magno disse: — Amigos, muito vos agradeço essa boa vontade, mas não acho razaõ alguma para deixar essa batalha; pois ainda que hum de vós outros possa supprir pela minha pessoa, o não pôde fazer pela minha honra. E como teraõ os meus soldados vontade de pelejar, se virem que eu fũjo da peleija? Não sómente haõ de ser os que governaõ, e mandaõ, sollicitos, e cuidadosos no mandar, mas tambem haõ de ser valerosos para levar a dianteira nos maiores perigos. E assim proponho de entrar nesta batalha, para que vós outros com maior animo entreis nella; e já me parece que sou digno de reprehensaõ; porque me tenho detido muito. — E mandou a sua gente que nenhum se movesse até ver o fim em que parava.

Sahio Carlos Magno a campo com o Rei Burlante, o qual lhe perguntou se era Carlos Magno? Elle lhe respondeo que sim. Sendo o Turco certificado que elle era, e não outro, tomou campo á sua vontade, e encontrando-se com Carlos Magno, com toda a força, que os cavallos puderaõ levar, cahiraõ ambos igualmente dos cavallos, e ficáraõ prostrados em terra, sem que em algum delles se conhecesse vantagem: e levantados que foraõ metterãõ mão ás espadas, e se deraõ taes golpes, sendo ambos velhos, que os moços, que os viaõ, lhes tinhaõ inveja.

Vendo Carlos Magno que por força de armas não podia ferir o Turco, confiado na sua destreza, que tinha no jogo da luta, querendo-lhe atirar o Turço hum talho, se metteo Carlos Magno com elle, e deixando cahir a espada, se abraçou com o Turco pela cintura, e lançou com elle em terra, e com hum punhal



lhe cortou os laços do elmo, ou capacete, e a cabeça, e se voltou victorioso para o exercito, onde foi recebido com muita alegria, e se fizeram grandes festejos pela victoria. E logo se montou a cavallo, e tomando huma lança, mandou que marchassem todos para diante com boa ordem, e o mesmo fizeram os Turcos.

Chegados huns aos outros, começaram a pelejar com tal vehemencia, e foi tal a matança, que os mortos impediao o passo aos vivos, e fez Carlos Magno taes proezas, e feitos, que ficarao todos os Christãos admirados, e os Turcos atemorizados, e medrosos. Havia porém entre os Turcos hum Rei chamado Tenebro, o qual fazia hum grande prejuizo entre os Christãos, e entre elles muitos mortos: e vendo-o hum Cavalleiro Christão, chamado João de Pantoila, foi-se para elle com a sua lança, e o Turco o esperou atrevidamente; e do encontro cahio João de Pantoila morto, e metteo o Turco maõ á espada, e matou outro Cavalleiro velho, que chamavao Hugo Guarim, e chamava o Turco a grandes vozes a Carlos Magno, e a Ferabraz ameaçando-os com a morte.

Ouvindo isto Ricarte de Normandia, se foi para elle, e lhe deo taõ grande golpe com a espada, que lhe cortou o escudo em dous pedaços, e o Turco lhe deo taõ grande pancada sobre o elmo, ou capacete, que o fez cahir com os peitos sobre o arçao da sella; e querendo-lhe dar outros, lhe atirou Ricarte hum revez, e lhe cortou a maõ direita pela munheca: e querendo o Turco voltar o cavallo para fugir, lhe deo Ricarte hum golpe na cabeça, e resvalando a espada do elmo, lhe cortou a cabeça ao cavallo, e hum soldado de pé acabou de matar o Turco.

Da outra parte estava Carlos Magno, e Ferabraz fazendo grande matança nos inimigos, que pelo campo corria o sangue em regatos, e traziaõ as armasto-

164 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
das ensanguentadas; e assim foi forçoso aos Turcos fugir até onde estava o Almirante, acompanhado de seis Reis, e cem mil homens de peleija, que ainda não tinhaõ vindo á batalha. Mas quando soube que Tenebro era morto, chorando, e arrepellando as barbas, e cabellos, chamou a seu sobrinho Tempesta, e a Sortibaõ de Coimbres, seu Secretario, e lhes disse: — Senhores, bem vedes o quanto os meus Decses me são contrarios em tudo. Eu não sei se lhes falta o poder, ou se tem feito pazes com os Christãos. Eu vejo a minha morte já mui perto, e chegada. E se me pudesse sómente ver vingado no Imperador Carlos Magno, alegremente largaria a vida. Pelo que vos rogo, e encommendo, que vejais com diligencia pelo campo se o podeis ver, e dizer-mo, para que eu me possa vingar na sua pessoa. — Elles chorando amargamente de lastima, que do Almirante tinhaõ, lhe promettêraõ de assim o fazer.

#### CAPITULO XLIV.

*Como Sortibaõ de Coimbres foi morto ás mãos do Duque Regner, e dos progressos, que fez o Almirante.*

Mandou o Almirante Balaõ que a gente, que tinha ficado em huma guarda, que eraõ cem mil homens, fosse repartida em dous batalhões, e que El-Rei Tempesta junto com elle governasse o primeiro, e Sortibaõ de Coimbres governasse o segundo. E postos em boa ordem foraõ tocando flautas, e bozinas, e chegando ao exercito dos Christãos começáraõ huma muita cruel batalha: e Sortibaõ acommetteo com grande esforço a gente do Duque Regner, e matou muitos Christãos: e vendo o Duque que Sortibaõ andava muito feroz, tomou huma grossa lança, e se foi para elle; e tanto que Sortibaõ o vio, tomou outra lança, e lhe sahio ao encontro, e fizeraõ as lanças em muitas migalhas, e mettendo as mãos ás espadas,

se deraõ igualmente taõ fortes golpes, que em pouco tempo lhes cahiraõ os escudos no chaõ feitos em pedaços; e peleijando descobertos só com as espadas, o Duque Regner lhe cortou os copos, a guarda da espada, e os dedos da maõ, e lhe segundou com outro golpe na cabeça, que o deitou atordoadõ do cavallo abaixo, e os soldados infantess o matáraõ. E o Duque passou adiante matando, ferindo, e derrubando muitos inimigos.

Quando o Almirante soube que Sortibaõ era morto, como desesperado, e sem sentidos, lançando espuma pela boca, e pelos olhos abundancia de lagrimas, dizia desta maneira: — Oh Sortibaõ meu especial amigo, e leal Secretario! Porque me deixaste em tempo de taõ grande necessidade? Mas já me naõ admiro de que me deixasses, e fugisses da minha companhia; pois viste que meu filho fugio della, e em companhia dos meus inimigos me faz cruel guerra: e minha filha Floripes naõ sómente aborreceo a minha conversaçãõ, e companhia; mas, como mortal inimiga, em satisfaçãõ dos meus beneficios, entregou a minha Fortaleza, e a minha pessoa a meus inimigos. E o que mais me afflige he, que os meus Deoses, a quem tantos beneficios tenho feito, e com quem tenho gastado tantos, e taõ grandes thesouros, só pelos honrar, me naõ tem feito hum só gosto, antes me saõ contrarios, e favoraveis a meus inimigos. Porém como saõ ingratos, e inconstantes, nunca daõ bom pago a quem lhes faz grande serviço. Porém eu me esquecerei tambem delles, e os tratarei de tal modo, que nunca jámais tenhaõ respeito.

Pois como podias tu, meu Sortibaõ, ter firmeza comigo, se o meu proprio sangue me naõ teve lealdade! Mas naõ; estou certo que se tu puderas naõ me faltaras, e me foras mais leal que os meus proprios filhos. E por isso te seguirei logo, só por estar

na tua companhia. E se algum tanto me detenho, não me culpes, que não será mais a minha tardança, que em quanto vingo a tua morte. E não crças que para isso me faltaõ as forças, que ainda que a idade mas tenha enfraquecido, mas tem accrescentado a dôr da tua morte, e a ingratiadaõ dos meus filhos. —

Dizendo isto, pedio huma grossa lança, e como leaõ enbravecido entrou pelos Christãos; e encontrou com hum Cavalleiro com tanta força, que deo com elle, e o cavallo em terra, e logo encontrou com outro, e deo com elle fóra da sella; e começou com grandes vozes a dizer desta maneira: — O' Carlos Magno, onde estás? Já que na Turquia entraste a buscar-me, para que agora foges? Só por me encontrar contigo entrei nesta batalha. Grande honra seria para a tua Imperial Corõa, se com tuas proprias mãos me desses a morte. E grande consolação terá a minha alma, se, antes que eu morta, banhar em teu sangue a minha espada. Vem, pois, para este velho, que tantas vezes tens ameaçado. Não tenhas piedade de quem da tua gente a não tem, nem menos a terá de ti. —

Dizendo isto, e outras muitas cousas, se cobrio com o escudo, e apertada a espada na mão, como desesperado, se metteo pelo exercito, e em pouco tempo derrubou trinta Cavalleiros, e atropellou mais de cem infantes; e olhando para a espada, e vendo-a toda chêa de sangue, tornou de novo a chamar a Carlos Magno; e como o não achou, se metteo pelos Christãos, e fez nelles huina grande destruição, e mortandade.

Tudo isto esteve vendo Ferabraz, e admirado das grandes façanhas de seu Pai, ficou mettido em huma forte confusão. Pezava-lhe muito da morte dos Christãos, e tremiaõ-lhe as carnes em imaginar que haya de pôr as mãos em seu Pai. Tinha vergonha

porque não servia lealmente a Carlos Magno : E querendo evitar o damno, que o Almirante fazia, o amor do Pai o fazia voltar para traz : E quando via a morte dos Christãos, ficava combatido da sua propria lealdade.

Não descansava o Almirante de derrubar Cavalleiros, e infantes ; e vendo hum Cavalleiro, que se chamava o Conde Misson, armado de luzidas armas, e conhecendo o Almirante que era pessoa principal, se foi para elle, e o Conde o esperou valerosamente, e deraõ-se taõ grandes golpes, que o Conde quebrou a sua espada junto das guarnições, e o Almirante lhe deo a seu salvo taõ grande pancada, que lhe fez dobrar o corpo para traz, e juntar a cabeça com as ancas do cavallo, e o Almirante o levou prisioneiro, entendendo que com elle faria algum bom partido com Carlos Magno.

Vendo isto Ferabraz, obrigado já da grande lealdade, e amor, que aos Christãos tinha, remmetteo á redea solta para o resgatar ; mas querendo-lho estorvar ElRei Tempesta, e Rubiaõ, e outros Cavalleiros Turcos, puxou Ferabraz a espada, e logo matou a ElRei Tempesta, e seis Cavalleiros, que acompanhavaõ o Almirante, e logo chegou, e tomou o Conde prisioneiro, sem fazer mal a seu Pai.

O Almirante, desejando conhece-lo, tanto pela sua cortezia, como pela grandeza de seu corpo, lhe disse : — Por ventura, és tu meu filho Ferabraz ? — Elle disse que sim. Entaõ o Almirante desejando vingar a morte delRei Tempesta feita diante dos seus olhos, como o não pôde fazer, por ser seu filho, nem teve esforço para o ferir, nem alento para lhe fallar, cahio amortecido sobre o arçaõ da sella, e Ferabraz se abraçou com elle por não cahir do cavallo ; e neste tempo o quiz ferir hum Cavalleiro Christaõ, mas Ferabraz o não consentio, e não se apar-

rou d'elle até que se restituiu do accidente. Então lhe disse Ferabraz: — Oh quanto bem me faria Deos, meu Pai, se deixasses os falsos Idolos, e conhecesses o verdadeiro Deos, que te creou! — O Almirante lhe disse; — Mellhor mercê me fizeraõ os meus Deoses, se tu não nascêras. — E vendo Ferabraz huma grande multidão de Turcos junto ao Estandarte de Carlos Magno, deixou o Pai, e se foi para elles com tal esforço, que em pouco tempo desbaratou todos.

### C A P I T U L O X L V .

*Como os Cavalleiros sahirão da Torre, e entraraõ na batalha, e como o Almirante Balaõ foi preso.*

Era tanta a multidão dos Turcos, que não se podia dar fim á batalha pela grande quantidade, que de novo vinha de varias partes; e vendo isto os Cavalleiros, que estavaõ na torre, e que os Turcos, que a guarneciaõ, eraõ idos para a batalha, montaraõ muito bem armados nos seus cavallo, e com as espadas nas mãos se mettêraõ na batalha: e sabendo isto o Almirante, recolheo grande parte da gente para lhes estorvar o caminho, porque não se ajuntassem com os outros; e alli houve huma cruelissima batalha, e foi tanta a mortandade dos Turcos, que todo o campo estava coberto de sangue, e dos corpos mortos, e se vieraõ todos encorporar com o exercito de Carlos Magno.

Sabendo o Almirante que estavaõ já encorporados com o exercito de Carlos Magno, disse: — Agora he certa a minha perdição. — E apartado algum tanto dos seus, disse; — O' Mafoma falso enganador, e embusteiro! Em que te desmereci, pois tanta inimizade tens comigo? Dize-me, porque me disseste que havia de ganhar a torre, e me prometteste o vencimento da batalha? E bastava, trapasseiro, que me enganasses huma só vez, e não tantas, quantas me

tens enganado. E se de mim tens algum agravo, porque consentiste que o pagassem os meus Cavalleiros! Volta pois a tua ira só contra mim, se acaso tens algum poder, o que duvido, e não queiras que pague tanta gente o erro, que eu commetti. —

Dizendo o Almirante estas, e outras razões de grande sentimento, forão os Turcos desbaratados, de sorte que o que mais fugia, imaginava que melhor obra-va; mas nem por isso quiz o Almirante voltar as costas aos Christãos, antes os esperou com magnanimo coração, e imaginando dar em hum Cavalleiro com a espada na cabeça, lhe cortou o pescoco ao cavallo, e vendo-se o Cavalleiro a pé, matou logo alli mesmo o cavallo do Almirante: E logo foi o Almirante de todos conhecido, e a rogos de Ferabraz o não matárao: porém foi prisioneiro diante de Carlos Magno, o qual estava muito contente com os seus Cavalleiros, e elles lhe estavao contando tudo quanto lhes tinha acontecido, o que passárao na torre, e os muitos beneficios, que da formosa Floripes tinhao recebido.

## C A P I T U L O XLVI.

*Como o Almirante Balaõ, nem por rogos, nem por ameaças do Imperador Carlos Magno, quiz ser Christão: e como Floripes foi baptizada, e casou com Gui de Borgonha.*

Levado o Almirante Balaõ prisioneiro a Carlos Magno, foi delle muito bem recebido, e lhe mostrou muito amor, e agrado, entendendo que se tornaria Christão, e foi com os seus Cavalleiros á torre aonde estavao Floripes, e as Damas: e como Floripes soube da sua vinda, se vestio com os melhores vestidos, que tinha, e se adornou com muitas joias de grandissimo valor, e o mesmo fizerao as suas Damas, e o sahírao a receber á porta da torre, e lhe beijárao a mão; e Carlos Magno beijou a Floripes na face,

e ficou grandemente admirado, assim da sua grande formosura, como da grande riqueza, e ornato dos vestidos, e estiveraõ alli com grande contentamento até o outro dia.

Chegada a manhã, mandou Carlos Magno chamar a Ferabraz, e lhe disse: — Queria, Senhor Ferabraz, que fallemos com o Almirante teu Pai, para que, querendo ser Christaõ, se lhe fizesse por amor de ti toda a honra. — E Ferabraz lhe pedio que o fizesse elle mesmo. Mandou logo Carlos Magno vir á sua presença ao Almirante, e lhe disse desta maneira: — Senhor Almirante, todas as creaturas racionaes devem dar singular honra, e louvor áquelle, que lhes deo o ser, conhecimento, e vida: e he justa cousa que se dê toda a honra, e reverencia ao que fez o Ceo, e terra, e todas as creaturas, que nelles existem; pois que he superior a todas as cousas creadas: e cahem em grande simplicidade os que põem as suas esperanças nas cousas, que elles fazem pelas suas mãos, feitas de materia insensivel: assim te rogo que, para a salvaçãõ da tua alma, queiras deixar os teus enganosos Deoses, e Idolos, e crêas na Santissima Trindade, Deos Padre, Deos Filho, e Deos Espirito Santo, tres Pessoas, e hum só Deos verdadeiro: e que recebas o Santo Baptismo, como tem feito teu filho Ferabraz: e se isto fizeres, além de salvar a tua alma, livrarás tambem o teu corpo da morte, e não perderás as tuas terras, nem fazendas, que por amor de teu filho Ferabraz te faço mercê de todas ellas. —

Respondeo o Almirante que em nenhuma maneira tal cousa faria. Ouvindo isto Carlos Magno, tirou a espada, e lhe disse: — Se não fôra por amor de teu filho Ferabraz, brevemente se acabava a tua resposta, e os teus dias: mas se não te baptizas, eu te mandarei matar. — O Almirante lhe disse: — Carlos Magno, não manda isso a Lei de Jesu Christo;



pois a verdadeira crença não ha de ser por força, senão do coração; e assim não ateimes em que eu crea o que não quero. — O que vendo Ferabraz, se pôz de joelhos com as mãos levantadas, e lhe pediu que fizesse o que lhe dizia o Imperador Carlos Magno, e o Almirante, com o medo da morte, disse que se queria baptizar.

Com esta resolução do Almirante em querer receber o Santo Baptismo, teve Carlos Magno, e todos os mais, grande contentamento; e logo mandou preparar todas as cousas necessarias com toda a magnificencia: e estando já o Almirante junto da pia para se baptizar, lhe disse o Arcebispo Turpim; — Senhor Almirante, negas com puro coração todos os teus Idolos, que tantos tempos te tem trazido enganado? Crês em Nosso Senhor Jesu Christo, o qual nasceo da Virgem Maria Nossa Senhora, sendo Virgem antes do parto, no parto, e depois do parto? Crês na Santissima Trindade, Deos Padre, Deos Filho, e Deos Espirito Santo, tres Pessoas, e hum só Deos verdadeiro? —

Então o Almirante, tremendo como azogado, e incendiado em chammas vivas o seu rosto, com grande ira, e desesperado disse que não; e cuspio na pia por desprezo do Santo Baptismo, e levantando a mão, deu huma tão grande bofetada no Arcebispo, que lhe fez saltar sangue pela boca, e narizes, e lhe pegou pelos cabellos, e o havia de afogar na pia, se não lho tirassem das mãos, e disto ficáraõ todos admirados, e se não fôra por respeito de Ferabraz, o haviaõ de deixar alli morto.

Vendo isto Carlos Magno, mandou chamar Ferabraz, e lhe disse: — Senhor Ferabraz, bem vês o que fez o Almirante, teu Pai: não foi tão pequeno o seu erro, que por elle não merecesse a morte por castigo, mas pelo teu amor se lhe tem perdoado. E assim

dize o que queres que se faça delle, porque não hei de consentir tal homem entre nós outros. — Ferabraz lhe disse: — Senhor, peço-te que tenhas paciencia até amanhã, e se então não se quizer baptizar, faze delle o que melhor te parecer. — E Carlos Magno assim lho concedeo: e esteve Ferabraz todo aquelle dia, e noite rogando a seu Pai que se baptizasse; porém elle nunca o quiz consentir.

Chegada a manhã, tornou Carlos Magno a pedir ao Almirante que quizesse ser Christão: mas nenhuma cousa lhe aproveitou. Vendo Floripes a grande contumacia de seu Pai, disse a Carlos Magno: — Senhor, para que gastas tanto tempo com o Almirante; porque nunca jámais ha de ser bom Christão; manda matá-lo: porque assim o livrarás da pena, que padece, e a ti te livrarás do sentimento. —

Ferabraz lhe respondeo: — No que dizes vejo, minha irmã, a pouca virtude das mulheres, que por fazer o que desejaõ, em nada repáraõ. E tu por amor de Gui de Borgonha vendeste a teu Pai, e a toda a tua linhagem, e descendencia, e foste causa da morte de mais de cem mil homens: e não contente com isto, depois de vencido o corpo de nosso Pai, queres que se lhe perca a alma, dizendo que o matem sem receber o Santo Baptismo. —

Respondeo Floripes; — Amado irmão, não crêas que não me peza grandemente da morte de nosso Pai, e da perdição da sua alma; mas sei certamente, que ainda que por nossos rogos receba o Santo Baptismo, nunca jámais será bom Christão. — E voltando Ferabraz para seu Pai, lhe disse: — Rogo-te, Pai do meu coração, que crêas em Deos Todo-Poderoso, que fez o Ceo, e a terra, e te fez á sua semelhança. E tambem crêas em Jesu Christo, seu Filho, que morreo em huma Cruz por salvar as nossas almas, que pelo peccado de Adão estavaõ cativas do demonio. —

O Almirante lhe disse que de nenhuma sorte o faria, e que não lhe falassem mais nisso, e que queria antes morrer, do que baptizar-se. Vendo Ferabraz a grande resistencia de seu Pai em não querer receber o Santo Baptismo, disse ao Imperador Carlos Magno que fizesse delle o que lhe parecesse. E logo o Imperador mandou que o tirassem de diante delle; e os soldados infantos o levaram para o campo, e o mataram.

Morto o Almirante, mandou logo Floripes chamar os Cavalleiros, que tinham estado com ella na torre, e lhes disse: — Senhores, já he chegado o tempo de cumprir a vossa palavra, e dar satisfação do que promettestes. — Roldão lhe disse: — Senhora, todos nós outros estamos promptos para cumprir o que te promettemos. — E disse a Gui de Borgonha; — Senhor Gui de Borgonha, he necessario que a Senhora Floripes receba primeiro o Santo Baptismo, e logo trates de teu desposorio. — Gui de Borgonha lhe disse: — Senhor Roldão, eu estou muito contente com essa resolução. — E assim fallaram a Carlos Magno, e elle mandou ao Arcebispo, que fizesse preparar as cousas necessarias para o Baptismo da formosa Floripes, o qual ella recebeo de todo o coração, sem mudar o nome; forem padrinhos Carlos Magno, e o Duque Regner, e Tietri, Duque de Dardania, e logo o Arcebispo os recebeo na forma da Igreja Romana.

Recebida a formosa, e virtuosa Floripes, mandou logo o Imperador Carlos Magno a todas as Provincias do Almirante Decretos, para que todos deixassem os idolos, e cressem na Lei de Jesu Christo, e se baptizassem, prometendo-lhes fazer muitas honras, e mercês: quando não quizessem, que os faria matar. Ouvido o Decreto, todos com boa vontade se baptizaram em pouco tempo.

Depois disto repartio Carlos Magno as terras do Almirante, e deo ametade a Ferabraz, e outra a Gui de Borgonha, e os coroou Reis das ditas terras: e esteve Carlos Magno nellas até que tudo ficou em socego, e pacificado: e estavaõ todos com grande contentamento, dando graças a Deos Nosso Senhor por chegarem a ver' toda a Turquia Catholica, o que se fez em menos de dous mezes.

## C A P I T U L O XLVII.

*Como Floripes deo as Santas Reliquias a Carlos Magno, e como por meio dellas fez Deos hum grande milagre diante de todo o Povo.*

Tendo já Carlos Magno toda a terra pacifica, determinou voltar para França, e chamando a Floripes, lhe disse: — Filha, eu me resolvo ir para França, e tenho desejo de vêr as Santas Reliquias, que tens, e as quero levar para terra de Christãos, para estarem mais bem guardadas, e reverenciadas: e tu ficarás nesta terra com teu esposo Gui de Borgonha, e teu irmão Ferabraz. — Floripes lhe pedio perdaõ, porque não lhas tinha já mostrado; e logo foi buscar o cofre para lho entregar: e querendo-lho dar, ficou o cofre suspenso no ar entre as mãos do Imperador, e as de Floripes; e isto foi causa de se des-arrigar alguma incredulidade, que ella tinha no coração: e dahi por diante ficou mais firme na Fê de Christo; e o Imperador, e os mais, que presentes estavaõ, se puzeraõ de joelhos, e chorando com muita contrição os seus peccados, deraõ infinitas graças a Deos pelas mercês que lhes fazia.

Tomou o Arcebispo o cofre, e disse: — Na verdade, Senhor, que estas são as Santas Reliquias, que ha tanto tempo andamos buscando. — E as tirou todas huma a huma, e as mostrou aos que estavaõ presentes, e dellas sahio hum suavissimo, e admira-

vel cheiro, do que ficou muito admirada Floripes, porque nunca o sentio de tantas vezes que as tinha tirado, e isto causou a grande virtude do Baptismo, e ficou dahi em diante mais firme na Fé, e tambem seu irmão Ferabraz.

Estando Carlos Magno de joelhos diante das Santas Reliquias, disse: — Deos Todo-Poderoso, que me déste victoria contra os teus, e meus inimigos, e me déste graça para que achasse as tuas Santas Reliquias, e as tirasse do poder dos Infieis: a ti, Senhor, dou infinitos louvores, e te peço, que pela tua santissima piedade me ajudes, para que as possa levar para França, e me queiras ensinar o lugar, onde és servido que estejam. — O Arcebispo benzeo a todos com ellas, e querendo-as metter no cofre, vio Carlos Magno que estavañ cobertas com huma cobertura velha, e mandou envolve-las em hum rico brocado, e tomou a velha cobertura, que era de seda vermelha, e a metteo no seu peito.

Postas as Sagradas Reliquias no cofre, disse o Imperador Carlos Magno a Gui de Borgonha, e a Ferabraz: — Meus filhos, e muito nobres Cavalleiros, peço-vos que tenhais os vossos Reinos em muita paz, e serviço de Deos nosso Senhor, e que sempre façais augmentar a sua Santa Lei; e façais justiça a todos os que a merecem, assim grandes, como pequenos; e useis de piedade com os innocentes, e tenhais sempre as vossas fortalezas bem guarnecidas, e estimeis muito os soldados, e lhes façais muitas honras, e tambem aos homens letrados: porque, estes saõ as columnas da Fé, e aquelles, dos vossos Reinos. Naõ atropelleis aos vossos vassallos, antes sempre fazei por ser bemquistos dëlles. Mandai fazer Igrejas, onde se celebrem os Divinos Officios, e se louve aquelle Deos, e Senhor verdadeiro, Creador do Ceo, e da terra, que taõ grandes mercès nos tem feito. E man-

dai guardar as vossas Fronteiras, porque se os vossos vizinhos vos quizerem desinquietar vos achem apercebidos para guardar as vossas terras.

Mandai ensinar aos vossos vassallos todas as sciencias, e a Doutrina Christã, para o que tereis bons, e virtuosos Mestres, Prégadores, Confessores, e homens de boa vida, para que os ensinem. Fazei extinguir toda a heresia, e castigai com justiça aos que errarem. E porque os vossos vassallos vos temão, vos quero deixar quinze mil soldados, e encomendo muito que sejaõ bem tratados. —

Feita esta admoestaçaõ, e prática, se despedio delles, e lhe beijáraõ a maõ, e o mesmo fez Floripes com as suas Damas; e Floripes chorou taõ grandemente quando se despedio de Roldaõ, e Oliveiros, e dos mais, que tinhaõ estado na torre, que naõ podia Carlos Magno, nem seu esposo Gui de Borgonha consola-la, e banhada em lagrimas, e soluços disse ao Imperador, que naõ tinha sentido tanta pena quando estava na torre cercada, quanta sentia naquella despedida. Porém vendo que naõ se podia escusar a partida, os abraçou hum a hum com infinitos suspiros, e lagrimas.

Querendo-se despedir Roldaõ de seu primo Gui de Borgonha, se lhe pôz hum nó na garganta, e naõ pôde articular palavra: Gui de Borgonha, com mais lagrimas, que palavras, lhe dissê: — Meu primo, e Senhor Roldaõ, eu teria grande fortuna, que as honras, que me faz Carlos Magno, as fizesse a outro Cavalleiro, só porque eu me naõ apartasse da tua companhia. — E Roldaõ, esforçando-se quanto pôde, lhe disse: — Senhor, e primo meu muito amado, desta ausencia tenho grande sentimento; porém naõ se pôde escusar, porque o manda assim o Imperador. —

Da despedida de Oliveiros, e Ferabraz naõ fallo, por naõ causar mais pena a quem ler, e ouvir; po-

rém teve Ferabraz tanto sentimento, que posto de joelhos diante do Imperador lhe pediu que não o apartasse da sua companhia, porque a estimava mais do que ser senhor de toda a Turquia. Porém Carlos Magno o não consentio; e logo se ausentou mandando tanger os Timbales, Flautas, Caixas, e Trombetas, para se pôr em ordem a gente para a partida.

Indo já Carlos Magno em marcha, lhe cahio do peito a cobertura velha, com que tinhaõ estado cobertas as Sagradas Reliquias, e os seus vassallos a virão estar suspensa no ar, e o disserão a Carlos Magno, que logo foi com o Arcebispo Turpim, e este a tomou, e tornou a metter no cofre com muita reverencias, que parece que não quiz Deos Nosso Senhor que daquelle lugar se tirasse, nem que pessoa alguma a trouxesse.

## LIVRO TERCEIRO.

### CAPITULO I.

*Como o Apostolo Sant-Iago apparecco a Carlos Magno, e foi guiado de certas Estrellas até Galliza.*

Depois de Carlos Magno passar tantos, e tão grandes trabalhos por augmentar a Fé de Christo, determinou deixar as guerras, e recolher-se para fazer huma vida contemplativa no serviço de Deos. Estando huma noite olhando para o Ceo, que estava muito estrellado, vio humas novas Estrellas, e bem concertadas, que de si mostravaõ fazer algum caminho, e mysterio; começaraõ estas desde o lugar de Frisa, e passaraõ por Allemanha a Italia, e entre França, e Aquitania, e lraõ por Gascunha, e Navarra, e acaba-vaõ em Galliza; as quaes Provincias, e outras muie-

tas tinha já Carlos Magno reduzido á Fé de Jesu Christo com grande trabalho, e todas as noites via aquellas Estrellas, e ficava admirado, por não saber o que significavaõ: porém bem lhe parecia que incluiaõ em si algum mysterio.

Depois de ter visto muitas vezes aquelle concerto de Estrellas, e desejoso de saber o para que eraõ, se pôz em oração, e pediu a Deos que pela sua santa piedade lho fizesse saber. Estando huma noite neste pensamento, vio fóra de horas junto da sua cama a hum homem muito gentil, e de formosa presença, e querendo Carlos Magno levantar-se para lhe fazer cortezia, lhe disse; — Carlos Magno, socega, não te levantes. Dize-me, que he o que desejas saber? — Carlos Magno lhe respondeo: — Que desejava saber o que significava aquelle concerto de novas Estrellas, que appareciaõ no Ceo. — Elle lhe disse: — Sabe que sou Sant-Iago, Apostolo de Christo Nosso Senhor, filho de Zebedeo, e irmaõ de S. João Evangelista: e me manda Deos para te dizer que aquellas Estrellas concertadas, novamente no Ceo apparecidas, te servirão de guia para ires a Galliza, onde está o meu corpo em poder de Turcos, e he vontade do mesmo Senhor, que ganhes aquella terra, e a convertas á sua Santa Fé: e depois de ganhada, mandarás fazer hum Templo em meu nome, aonde irão muitas pessoas de todas as partes da Christandade ganhar muitas Indulgencias, e remissaõ de todos seus peccados, indo com devoção, e bem confessados, e commungados: e isto durará até o fim do mundo. — E desta maneira appareceo Sant-Iago tres vezes a Carlos Magno.

Vendo o Imperador tal mensageiro mandado pelo Imperador dos Imperadores, começou com muitas, e infinitas lagrimas, nascidas do seu coração, a louvar a Deos por taõ grandes beneficios, dizendo: — See



nhor, a huma vil creatura, como eu sou, fazes tantas honras, e encommendas taes emprezas, quando, Senhor, pôdes vencer tudo com huma só palayra tua! Guiai-me, Senhor dos Exercitos, que eu mando logo pôr prompto este teu exercito para partir. — E logo em continente mandou preparar cincoenta mil homens de peleija, e se pôz em marcha pela estrada, que lhe guiavaõ as Estrellas, que de dia, e de noite o acompanhavaõ, e passou toda a França, e Gascunha.

O primeiro lugar, que se lhe revellou, e resistio com toda a fortaleza, foi a Cidade de Pamplona, que era muito forte, e bem abastecida de todos os petrechos de guerra, e boca, e estava nella hum grande número de Turcos, que sahiaõ muitas vezes a escaramuçar com os soldados de Carlos Magno, e lhe faziaõ grande desinquietação, e assim durou o sitio tres mezes.

Vendo Carlos Magno a grande fortaleza da Cidade, que estava bem murada, e a naõ podia render, senaõ por hum dilatado curso de tempo, se pôz em oração, e disse: — Senhor Deos meu, Creador do Ceo, e da terra, e Redemptor do genero humano; pois que por teu mandado vim a esta terra, para que a tua Santa Fé fosse exaltada: e tu, Senhor Sant-Iago, que foste medianeiro para que me fosse dado este cargo, te rogo humildemente que me seja dada graça, e poder para sujeitar esta Cidade; e que possa trazer este Povo ao verdadeiro caminho da salvação, e livra-los dos seus grandes erros. — E dizendo isto Carlos Magno diante de hum Crucifixo, que continuamente comsigo trazia, antes que se levantasse da oração, ( caso raro ! ) lhe vieraõ dizer que tinha cahido parte da muralha da Cidade em terra, sem violencia de pessoa alguma. E conhecendo Carlos Magno que isto tinha sido por alta providencia de Deos, lhe

180 HISTORIA DE CARLOS MAGNO ,  
deo infinitas graças , e mandou marchar o exercito ,  
e entrou na Cidade.

Vendo os Turcos que a muralha tinha cahido , fi-  
cáraõ muito espantados , e muitos delles sahíraõ por  
humia porta falsa , e assim desampararaõ a Cidade : e  
entrando Carlos Magno nella , mandou que aos que  
quizessem ser Christãos , naõ lhes fizessem mal algum ,  
e que aos que naõ quizessem , os passassem á espa-  
da. E vendo os Turcos o grande milagre , que Deos  
fez na cahida da muralha , a maior parte delles se con-  
verteo a Deos , e pedio o Santo Baptismo ; e o mes-  
mo fizeraõ os moradores das terras circumvizinhas , e  
sujeitas á dita Cidade. E Carlos Magno mandou edi-  
ficar Igrejas , e Mosteiros , e lhes consignou grandes ,  
e sobradas rendas para se sustentarem , e para que Deos  
fosse louvado , adorado , e servido.

Depois continuou Carlos Magno o seu caminho até  
que entrou em Galliza , e em muito pouco tempo a  
senhoreou toda , honrando sempre muito aos que se  
faziaõ Christãos , e matando aos que o repugnavaõ ser.  
Levava sempre em sua companhia o Arcebispo Tur-  
pim , e era o que baptizava , e doutrinava a todos  
os que pediaõ o Santo Baptismo. Chegou Carlos Ma-  
gno até o fim da terra , e postó de joelhos , deo in-  
finitas graças a Deos Nosso Senhor , e ao Bemaven-  
turado Sant-Iago por taõ grandes mercês , como tinha  
recebido em lhe dar poder para sujeitar taõ fortes Po-  
vos em taõ pouco tempo.

Conquistou Carlos Magno em Galliza , e em to-  
das as suas Comarcas dezasseis Cidades , e Villas , to-  
das fortissimas , entre ellas a Cidade de Accitania ,  
onde se achou o corpo de S. Torquato , que foi Dis-  
cipulo de Sant-Iago , em cuja sepultura estava hum  
formosa oliveira , que todos os annos , em hum dia  
do mez de Maio , produzia flores , e fructo em gran-  
de abundancia.

Reduzio tambem muitos Povos de Portugal á Fé de Christo, huns por força de armas; e outros, pelo grande amor, que tinhaõ a Carlos Magno, nascido de ouvirem fallar nas suas grandes virtudes, voluntariamente se lhe entregavaõ. Põz o seu exercito sobre huma Cidade, que se chamava Lucena, a qual estava em hum mui fructifero valle, que se chamava Valverde; e esteve sobre ella quatro mezes, e vendo que a naõ podia ganhar, antes sempre hia perdendo muita da sua gente, e que em toda aquella Provincia naõ havia outra Cidade, nem Fortaleza, que lhe pudesse resistir, se pôz em oração, rogando a Deos, e a sua bemdita Mãi que lhe dêsse graça para a ganhar, e reduzir à sua Santissima Lei, porque naõ maltratassem os Povos Christãos, que com ella confinavaõ.

Deos Nosso Senhor, pela sua Divina Misericordia, e piedade, foi servido ouvir a sua oração: e logo em continente lhe cahio huma grande parte da muralha, e investindo Carlos Magno a Cidade pela brécha, que o mesmo Deos lhe tinha feito, houve muitas mortes, assim de huma parte, como da outra: porém Carlos Magno ficou senhor della, e naõ achou em toda a Cidade huma só pessoa, que quizesse ser Christã: E vendo a sua contumacia, e tenacidade, os mandou passar todos á espada, excepto aos meninos innocentes, os quaes mandou logo tirar da Cidade, e levá-los para terra de Christãos, para que fossem baptizados, e ensinados na Lei de Christo.

Sahindo Carlos Magno com toda a sua gente da Cidade, a amaldiçoou, e logo á vista de todos se fundio, e ficou em seu lugar feito hum grande lago, onde se achavaõ peixes negros como carvão; e amaldiçoou outros quatro lugares, onde ao depois nunca habitou pessoa alguma.

## CAPITULO II.

*Trata-se de hum grande Idolo, que foi achado em huma Cidade.*

Trabalhando Carlos Magno continuamente na destruição das heresias, e encaminhar a gente pelo verdadeiro caminho da salvação das almas, e querendo-se occupar em fazer edificar hum Templo á honra, e nome do glorioso, e Bemaventurado Apostolo Santiago, lhe disserão que nas partes de Andaluzia em huma Cidade chamada Salcadis, ou Salança em Arabigo, que na nossa lingua quer dizer o lugar do grande Deos, havia hum idolo por arte subtil, e mágica fabricado, e se dizia, que Mafoina o tinha por suas proprias mãos feito, e tinha mettido nelle para o guardar, huma legião de demonios.

E para que a gente dêsse mais credito a seus enganos, o guardavaõ os diabos com tanta deligencia, que naõ consentiaõ que Christaõ algum entrasse naquella terra para o ver, espaço de meia legoa, e se acaso alguma ave pouzava sobre elle, logo cahia morta, e quando os Turcos o hiaõ adorar, lhes fallava, e respondia a tudo quanto lhe perguntavaõ, e assim nenhum ousava furtar; nem fazer outros males, por temor de que o idolo o descobrisse, e por isso o tinha aquelle Povo por verdadeiro Deos, e sabedor de todas as cousas.

Era este idolo de crystal fino, e taõ grande como hum homem, e estava posto sobre huma columna de pedra jaspe maravilhosamente lavrada, e taõ alta, que mal se podia divisar o idolo com a vista, e era de oito quinas, e feita por grandes mestres, e muito grossa pelo pé, e delgada por cima; e estava o idolo com a cara para o Meio-Dia, e tinha na sua maõ direita huma chave, e na esquerda hum dardo.

E sabendo os Turcos, já por tradição antiga, que quando o idolo deixasse cahir a chave, haviaõ de ser destruidos, e lancados fóra das suas terras: andavaõ sempre muito medrosos, e fazendo todos os gostos ao idolo, para que não deixasse cahir a chave. E assim como souberaõ que o Imperador Carlos Magno lhes vinha dar batalha, ajuntáraõ grande multidãõ de gente, e hem aparelhados, e postos em ordem lhe foraõ sahir ao encontro, e espera-lo valerosamente no campo. E nesta occasiaõ deixou o idolo cahir a chave; e quando elles o viraõ, ficáraõ muito atemorizados, tendo já a sua perdiçaõ por certa: E assim enterráraõ todos os seus thesouros, e riquezas, e se foraõ fugindo, desamparando a Cidade, e deixando o idolo: E assim entrou o Imperador nella sem resistencia alguma, e mandou derrubar o idolo, e columna, e fazer tudo em pedaços, e povoar a terra de Catholicos.

### C A P I T U L O III.

*Como Carlos Magno mandou edificar a Igreja de Sant-Iago de Galliza.*

Depois que o Imperador Carlos Magno teve ganhado aquella Cidade, e destruido toda a heresia, e derrubado o idolo, que a tantos Povos trazia enganados; se voltou para Galliza, e alli fez fundar hum formosissimo Templo em honra, e louvor do Bemaventurado Apostolo Sant-Iago, e distribuio grande parte das suas riquezas com os pobres, fazendo tambem grandes mercês aos novamente convertidos á Fé de Christo, e esteve naquelle Reino tres annos: e vendo que a terra estava já pacifica, e as heresias de todo destruidas, se voltou para França.

Chegando a Tolosa, mandou edificar outra Igreja tambem em louvor do Apostolo Sant-Iago, e lhe mandou fazer huns grandes sinos, e calices de ouro, e

prata, e riquissimas vestimentas, e ornamentos, e lhe deu grandes rendimentos para sustentação de todo o necessario. Fez tambem hum grande Hospital, e outros muitos Conventos, que tudo fundou das suas proprias rendas. Fundou tambem as Igrejas seguintes:

Primeiramente em Aquisgraõ de Allemanha mandou fazer huma admiravel Igreja de Nossa Senhora. Em Viterbo, terra de Roma, mandou fundar huma prodigiosa Igreja em nome de Sant-Iago. Em Gascunha mandou fazer outra Igreja ao Senhor Sant-Iago. Em Paris mandou fazer outra Igreja a Sant-Iago, e a todas as sobreditas Igrejas enriqueceo com grandes rendas. Naõ fallamos aqui das muitas Igrejas pobres, que reparou, nem dos muitos Mosteiros, e Hospitales, que a tudo das suas proprias rendas enriqueceo para sempre.

#### C A P I T U L O   I V .

*Como hum Rei da Turquia passou o mar com grande poder, e tomou certos lugares dos Christãos, e Carlos Magno os tornou a ganhar.*

Tornando Carlos Magno para França, esteve alguns annos sem guerra, mas nem por isso estava ocioso nem huma hora; antes mandava visitar mui a miudo as Cidades, e terras dos seus Reinos, para saber se eraõ governadas com justiça, e se os Grandes agravavaõ os pequenos; e assim tambem mandava visitar todas as Igrejas, Conventos, e Hospitales, e lhes mandava dar todo o necessario, trazendo sempre tudo muito bem reparado.

Estando neste exercicio, hum Rei Turco, chamado Aygolante, veio com cem mil homens, entrou nas terras dos Christãos, e matando a muitos, tomou algumas terras, e lugares. Vindo isto á noticia de Carlos Magno, teve grande sentimento, e assim mandou logo preparar cincoenta mil homens de peleija, e depois de bem armados, e preparados, se pôz

a caminho, e marchou com o seu exercito em busca de Aygolante, e chegando duas leguas de distancia, onde elle estava, e certificado Aygolante da sua vinda, lhe mandou por hum Embaixador dizer que elle tinha cuidado muito no modo, que havia, para que não morresse muita gente na batalha: e era que mandasse Sua Magestade certo numero de soldados, e que elle mandaria outros tantos, e que não se movesse algum dos dous exercitos até que daquelle número sómente, ou huns, ou outros fossem vencidos.

Carlos Magno de nenhum modo queria accetar o partido, e só queria que pelejassem todos juntos: mas os seus Conselheiros lhe pedirão com grande instancia que o accitasse; e Carlos Magno por lhes fazer o gosto mandou cem Cavalleiros, e se formou o campo entre o seu exercito, e o dos Turcos.

Chegados os cem Christãos, vieraõ tambem cem Turcos, e começáraõ a pelejar pela manhã, e durou a batalha até á tarde, e dos Turcos ficou só hum vivo, sem algum dos Christãos ter perigo. Ao outro dia pela manhã mandou Aygolante duzentos Cavalleiros muito bem preparados, e Carlos Magno mandou outros duzentos, e foi Deos servido, que a maior parte dos Turcos morreraõ, e os outros fugiraõ, e os Christãos ficáraõ illesos, e sem perigo. Ao outro dia mandou Aygolante mil soldados, e Carlos Magno outros mil, e morrêraõ a maior parte dos Turcos, e os outros fugiraõ para o seu exercito, e os Christãos os seguiraõ até entrar no exercito dos Turcos, e logo todo o exercito de Aygolante se moveo contra os mil Christãos: porém Aygolante os mandou logo suspender, e assim se retiráraõ os Christãos para o seu exercito, sem algum ter perigo, e estiveraõ tres dias sem pelejar.

Nestes tres dias, que não pelejáraõ, consultou Aygolante os seus Magicos, e Feiticeiros, e lhes dis-

serão que se pelejassem os exercitos com toda a gente, que certamente ficaria Carlos Magno vencido. Ouvindo Aygolante o prognostico, e vaticinio dos Magicos, ficou muito contente, e ufano pelo grande desejo, que tinha de vencer a Carlos Magno, e mostrar ao mundo o poder dos seus Deoses falsos. Mandou logo em continente desafiar a Carlos Magno para entrar á batalha com todo o exercito, o que Carlos Magno festejou muito, e logo mandou preparar a sua gente: e o dia antes da batalha, estando os Christãos em hum campo plano, fincárao as suas lanças no chaõ, e chegada a noite as deixárao assim ficar até o outro dia.

Chegada a manhã, mostrou Deos Nosso Senhor hum grande milagre; e foi, que as lanças de todos aquelles que haviaõ de morrer na batalha se acháraõ verdes, e floridas, e com a casca, e raizes na terra. E naquelle mesmo lugar estaõ os corpos dos Bemaventurados Martyres S. Facundo, e S. Primitivo, em huma Cidade, que o Imperador mandou edificar, e povoar de Christãos, em honra daquelles corpos, e em memoria de taõ grande milagre. — E cada hum tomou a sua lança para sahir á batalha, e os que as acháraõ verdes as cortáraõ junto da terra, ficando nella a raiz; e assim ficáraõ admirados, sem poder conhecer certamente o mysterio, ainda que bem viaõ que era milagroso, e só o soube Carlos Magno, por Deos ordenar que lhe fõsse revelado.

Postos os exercitos em boa ordenança, começáraõ huma mui cruel batalha, onde morrêraõ trezentos Cavalleiros Christãos, e entre elles o Duque Milaõ, Pai de Roldaõ; e tambem morrêraõ muitos soldados infantos, e matáraõ o cavallo a Carlos Magno, o qual peleijou a pé a maior parte do dia, e todos ficáraõ admirados das suas grandes proezas. E levando já os Turcos o melhor da batalha, (caso estupendo!) en-



tráram nella os cavallos dos Christãos mortos, e fizeram tão grande matança, e destruição nos Turcos, que, supposto que eram brutos, parecia que obravam com entendimento. Chegada a noite, deixaram a batalha.

Ao outro dia de manhã foi Deus servido que apparelhando-se huns, e outros para tornar á batalha, chegaram ao exercito de Carlos Magno quatro Marquezes das partes da Italia, cada hum com quatro mil homens bem preparados; e sabendo isto Aygolante, começou a fugir secretamente até o mar, e os Christãos o seguiram, e lhe tomaram todas as bagagens do exercito, e as riquezas que traziam: e Carlos Magno mandou dar tudo aos quatro Marquezes, que o vieram ajudar, e ao outro dia se despediram d'elle, e o Imperador se voltou para a França, e esteve sete annos sem guerra alguma, vivendo em vida santa, e contemplativa, dando continuamente graças a Deus pelos bons successos, que lhe tinha dado, para augmento da sua Santa Fé, que era todo o seu cuidado, e designio.

## C A P I T U L O V.

*Como Aygolante tornou a ir com o exercito contra os Christãos, e mandou Embaixada a Carlos Magno, dizendo que lhe queria fallar, e como Carlos Magno lhe foi fallar em traje de mensageiro.*

Visto por Aygolante o soccorro, que da Italia tinha vindo a Carlos Magno, se tornou para a sua terra; e quando soube que Carlos Magno se tinha retirado da guerra para fazer vida contemplativa, imaginando que tinha boa occasião para fazer guerra aos Christãos, e tomar-lhes as suas terras: e assim convocou nove Reis Turcos para esta empreza, e cada hum o veio soccorrer com toda aquella gente, que pode ajuntar, e se acharam em seu serviço duzentos mil homens

**HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
de peleija, ainda que havia muitos, que não eraõ des-  
tros nas armas.

Passou Aygolante com esta gente a Gascunha, e logo somou a Cidade de Ogenes, e alli fez o seu as-  
sento, e desejava muito conhecer de vista a Carlos Ma-  
gno, por ver a sua fisionomia: porque pelo valor da  
sua pessoa já o conhecia, e o seu designio era para  
tomar na batalha vingança delle, se pudesse.

Sabendo Carlos Magno que Aygolante tinha vol-  
tado sobre a Christandade com taõ grande número de  
gente, não tratando do descanso, nem fugindo do  
trabalho, ainda que a sua idade já o não permittia,  
preparou logo a sua gente, e caminhou para Gascu-  
nha a dar batalha a Aygolante.

Chegado que foi a Gascunha, e sabendo Aygolante  
que vinha com mui luzida gente, lhe mandou logo  
hum Embaixador, e hum refresco de tres Drome-  
darios carregados de ouro, prata lavrada, e pedras pre-  
ciosas de grandissimo valor: E lhe mandou pedir que  
quizesse ir a certo lugar com pouca gente, que tam-  
bem elle iria da mesma sorte; pois desejava fallar-lhe  
sobre as cousas de guerra, ou paz, para que assim  
dêsse descanso á sua velhice, e pudesse com socego  
continuar na vida contemplativa.

Recebeo o Imperador muito bem ao Embaixador,  
e sua comitiva, e lhe disse: Que dissesse a Aygo-  
lante que não tinha dúvida em ir ao lugar assignalado  
fallar-lhe. Despedido o Embaixador, mandou logo Car-  
los Magno apparellhar dous mil Cavalleiros, e com el-  
les se foi a hum monte, que não estava muito lon-  
ge da Cidade, onde estava Aygolante; e deixando  
as armas, e cavallo, deixou alli ficar a sua gente,  
e marchou em habito de correio, ou mensageiro, só-  
mente com hum Cavalleiro vestido do mesmo modo,  
para onde estava Aygolante, e chegando á porta da  
Cidade foraõ conduzidos a Aygolante como preses.

Estando Carlos Magno na presença de Aygolante, lhe disse: — O muito alto Imperador, meu Senhor, me manda, para que te diga, que no lugar, donde tu lhe mandaste dizer, te está esperando com cincoenta homens sómente, e que quando quizeres pôdes ir fallar com elle. — Aygolante lhe disse: — Que se voltasse, e dissesse ao Imperador, que brevemente iria fallar com elle. — E despedido Carlos Magno de Aygolante; se foi pela Cidade vendo muito bem a fortaleza, e fraqueza della, e por onde podia ser acommettida, e tambem a qualidade, e modo da gente, de que não fez muita conta, ainda que era em grande quantidade. E depois que vio tudo muito bem, se voltou para a sua gente, que estava no monte. El-Rei Aygolante partio da Cidade com dez mil homens muito bem armados para ir fallar a Carlos Magno; e sabendo o Imperador que vinha com tanta gente, se foi com os dous mil Cavalleiros para o seu exercito.

## C A P I T U L O VI.

*Como Carlos Magno tomou a Cidade, onde estava Aygolante.*

Depois que Carlos Magno tinha visto bem as forças da Cidade, e o exercito dos inimigos, não duvidando já na victoria, mandou preparar muito bem a sua gente; e postos em marcha, caminhou para a Cidade, onde estava Aygolante, e no monte, onde havia de fallar ambos, achou muito grande multidão de Turcos postos em duas batalhas; houve alli huma cruel guerra, em que foraõ os Turcos destroçados, e mortos a maior parte delles, e os outros fugirão entendendo que se metteriaõ na Cidade, mas os que estavaõ de dentro não lhes quizerãõ abrir as portas com medo dos Christãos; e tambem estava dentro El-Rei Aygolante com alguns Principes, e Cavalleiros, e logo mandou Carlos Magno ficar alguma gente sitian-

do a Cidade, e foi com o resto em seguimento dos Turcos, que hiaõ fugindo, o que fizeraõ, mataõdo a todos sem resistencia.

Depois de destruido todo o exercito dos Turcos, que hiaõ fugindo, voltou Carlos Magno sobre a Cidade, e assim esteve tres mezes cercada. E vendo Aygolante que já naõ podiaõ sustentar a Cidade por falta de mantimento, mandou fazer huma cova, que sahisse ao longe por baixo da terra para fugirem, e em pouco tempo caváraõ tanto, que pôde fugir toda a gente; e assim sahiraõ sem serem sentidos, e se mettéraõ em outra Cidade.

Vendo os Christãos que naõ havia gente pelas muralhas, e naõ sentiaõ reboliço dentro na Cidade, derubáraõ huma porta, e entráraõ dentro, e se admiráraõ quando viraõ a Cidade só, e achando a cova por onde tinhaõ fugido, se foraõ logo em seu seguimento, e cercáraõ a Cidade, onde estava Aygolante, e durou o cerco sessenta dias,

Vendo Aygolante o perigo, em que estava, e com taõ pouca gente, que naõ tinha mais que a guarniçaõ, porque o exercito já estava morto: querendo fazer a contenda summaria, e breve, mandou dizer a Carlos Magno, se queria que ambos só por si fossem pelejar a campo; com condiçaõ, que se Carlos Magno ficasse vencido, voltaria para França, e naõ lhe tornaria mais a fazer guerra, e que se elle ficasse vencido, que iria para o seu Reino com aquella pouca gente, que tinha, e naõ tornaria mais a fazer guerra aos Christãos.

Carlos Magno ficou muito contente, e accitou o partido; porém os seus Cavalleiros de nênhum modo o quizeráõ consentir. Entaõ disse Aygolante que fosse a batalha entre duzentos Cavalleiros Christãos, e duzentos Turcos. Escolhido o campo, e o dia da batalha, logo no principio della fugio ElRei Aygolante.

te encobertamento, e não parou até as Fronteiras de Aragaõ, e os duzentos Cavalleiros Turcos todos foram mortos, ficando os Christãos salvos.

## C A P I T U L O VII.

*Como Carlos Magno foi para França, e como voltou outra vez a dar batalha a Aygolante.*

Vendo Carlos Magno que em toda a Gascunha não ficava Turco algum, nem havia quem naquellas partes fizesse guerra aos Christãos, tornou para França, e dahi a poucos dias despedio toda a gente de guerra para seus quartéis. Não passou muito tempo que Aygolante não juntasse grande número de gente, e viesse outra vez a Gascunha, e mandasse desafiar a Carlos Magno, o qual logo mandou chamar a todos os Grandes do seu Reino, e lhes disse que era necessario ir contender com Aygolante; e que para isso preparassem a sua gente. Os quaes logo com boa vontade vierão cada hum com seu partido.

Primeiramente, veio o Arcebispo Turpim com dous mil homens; Roldaõ, e o Duque de Milaõ com quatro mil homens; Oliveiros com tres mil homens; Arrastrago, Rei de Borgonha, com cinco mil homens; Eugelio, Duque de Almirante, com sete mil homens; Gaferio, Rei de Berdoloè, com sete mil homens; Guadeboa, Rei de Frisa, com sete mil homens; Valdevinos, irmão de Roldaõ, com dous mil homens; Nemé, Duque de Baviera, com dez mil homens; Guarim, Duque de Lorena, com seis mil homens. Além dos sobreditos tinha Carlos Magno junto trinta mil homens, que por todos fazião o número de oitenta mil homens; e com esta gente partio contra Aygolante.

## CAPITULO VII.

Das treguas de Carlos Magno, e Aygolante.

Chegando Carlos Magno com a sua gente ás Fronteiras de Aragoã, lhe mandou Aygolante dizer que mandasse vinte Christãos contra vinte Turcos. E o Imperador os mandou para o lugar deputado para a peleja no dia assignalado, e os Turcos foraõ todos mortos. Depois foraõ mandados quarenta de cada parte, e da mesma sorte ficáraõ todos os Turcos mortos no campo, sem que os Christãos tivessem perigo. Vendo Aygolante o destroço dos seus soldados, e que todos os Christãos ficáraõ vivos, mandou dizer a Carlos Magno que mandasse mil Cavalleiros, que elle mandaria outros mil; com condiçaõ, que se os Turcos fossem vencidos, promettia fazer-se Christão, e deixar os seus idolos. Do qual partido ficou muito contente o Imperador Carlos Magno.

Chegados os mil Cavalleiros ao campo, começáraõ a batalha, e fizeraõ os Christãos huma grande mortandade nos Turcos; e he certo que todos haviaõ de morrer, se não botassem a fugir, e dos Christãos morrerãõ só tres, e ficáraõ seis feridos, e todos os mais salvos. Quando Aygolante vio isto, disse que a Lei dos Christãos era melhor que a dos Turcos. E fez proposito de receber o Santo Baptismo, e pediu treguas a Carlos Magno, para entrar só, e seguro no seu exercito; e Carlos Magno lhas concedeo.

No dia seguinte antes do meio dia entrou Aygolante no exercito de Carlos Magno, e sabendo que estava jantando, o quiz ver comer, por saber o modo como se servia: e vinha principalmente para receber o Santo Baptismo: estando Carlos Magno comendo, vio que o serviaõ muito honradamente, e com muita abundancia de manjares, e vio os seus Varões, e Cavalleiros sentados com elle a mesa rica.

mente vestidos, e maravilhosamente adornados; e muito bem servidos: E vio a outra parte, desviados da mesa, treze pobres assentados no chão, e lhes davaõ de comer o que sobrava da mesa. E isto mandava o Imperador fazer todos os dias em louvor de Nosso Senhor Jesu Christo, e dos doze Apostolos.

Vendo isto Aygolante, perguntou a Carlos Magno, depois que teve comido, que gente era aquella, que estava na sua barraca, e presença, comendo no chão, e taõ miseravelmente vestida? Carlos Magno lhe respondeo: — Estes saõ pobres de Christo, e lhes mando dar de comer por serviço de Deos, e memoria do Nosso Redemptor, e dos seus Apostolos. —

Aygolante lhe disse: — Como, Carlos Magno, tratas a gente do teu Deos dessa maneira, que os deixas morrer de frio por falta de vestidos, e lhes dás de comer no chão como a cães, e o que te sobra da tua mesa; e á tua gente a tens sentada contigo, e mui bem tratada, e servida? Grande injúria fazes ao teu Deos, quando tratas mal a tua gente. Dizes que a tua Lei he boa, pelas tuas obras mostras ser má. — E assim ficou Aygolante taõ escandalizado, que não quiz receber o Santo Baptismo; e se foi para o seu exercito, e mandou desafiar a Carlos Magno.

## C A P I T U L O IX.

*Da morte delRei Aygolante, e da sua gente: como morrerãõ muitos Christãos por cobiça de levar as riquezas dos Turcos, e de hum grande milagre, que Deos mostrou aos Christãos.*

Quando Carlos Magno vio no seu exercito a Aygolante, entendendo que seria Christão, ficou muito contente: e vendo que se tornou a ser escandalizado do que tinha visto, lhe pezou muito, e mandou logo buscar todos os pobres do seu exercito, e os ves-

tio, e ordenou que dalli em diante fossem os treze pobres servidos como sua propria pessoa, e assim se fez em quanto durou Carlos Magno.

O dia seguinte mandou Aygolante preparar a sua gente, e mandou desafiar a Carlos Magno; e postos os Christãos em campo, começáraõ huma taõ cruelissima batalha, que outra semelhante se naõ vio, nem tinha visto; pois eraõ os mortos tantos, e os regatos de sangue, que pelo caminho corriaõ, que impediaõ os passos aos vivos. E vendo Aygolante a grande mortandade da sua gente, desejoso já de morrer, se metteo tanto pelos Christãos, que ficou morto no campo, e os Turcos, que ficáraõ vivos, que foraõ poucos, botáraõ a fugir com tres Reis Turcos, que escapáraõ.

Quando os Christãos se víraõ senhores do campo, entráraõ na Cidade, e matáraõ quantos nella acháraõ, e estiveraõ nella todo aquelle dia; e noite, porém ao outro dia mandou Carlos Magno pôr em ordem toda a sua gente, e se pôz em marcha, levando comsigo todos os Cavalleiros diante, e deixou ficar atraz a infantaria, que foi marchado mais de vagar carregada com muitas riquezas, que acháraõ na Cidade. E sabendo os tres Reis que tinhaõ fugido, que Carlos Magno se tinha retirado com toda a cavallaria, deixando atraz, e só, a infantaria, se preparáraõ, e investíraõ com ella de sorte, que matáraõ sem muita resistencia quatro mil infantes.

Porém como as novas da morte de Aygolante chegassem a Furre, Principe de Navarra, grande Senhor, e valente pela sua pessoa, mandou dizer a Carlos Magno que o esperasse no campo. E Carlos Magno tinha tanta fé no favor de Deos, e tanto desejo de pelear pela sua Santissima Lei, que teve grande contentamento do desafio, e o aceitou com valeroso animo. Assignado o campo, e dia da batalha, se pôz o



Imperador em oração, e rogou a Deos de todo o seu coração, que lhe quizesse dar a conhecer os Cavalleiros, que naquella batalha haviaõ de morrer.

O dia seguinte, que era o da batalha, estando toda a gente preparada, e junta, vio que todos os que haviaõ de morrer, tinhaõ huma Cruz vermelha no hombro esquerdo; e tendo Carlos Magno piedade delles, os chamou a todos, e os metteo em certo lugar, e lhes ordenou que não sahissesem a pelejar.

Sahio logo Carlos Magno á campanha com a outra gente, e deo tal guerra a Furre, que em breve tempo o desbaratou, e o matou, e a maior parte da sua gente, e ficou senhor do campo, e livre dos inimigos.

Voltou logo a buscar os seus Cavalleiros, que tinha deixado encerrados, e os achou a todos mortos, e conheceo que a vontade de Deos era dar-lhes aquelle dia a sua gloria, e a corõa do martyrio, e que tinha feito huma grande simplicidade em lhes querer prolongar a vida: pois contra a vontade Divina não valem as vontades das pessoas humanas, ainda que sejam testas coroadas.

## C A P I T U L O X.

*Trata-se de Ferragús, maravilhoso Gigante, que levava os Cavalleiros debaixo do braço, e como Roldão teve batalha com elle, e o matou.*

Depois que ElRei Ayyolante, e o Principe Furre foraõ mortos, e outros muitos Reis, e Senhores da Turquia, e foraõ as noticias ao Almirante de Babilonia, o qual tinha na sua terra hum Gigante, que se chamava Ferragús; mandou logo preparar trinta mil homens de guerra, e em companhia do Gigante os mandou dar batalha a Carlos Magno: e chegando a huma Cidade, chamada Vagafre, ou Vagiere, a combatêraõ, e tomáraõ, e mais alguns lugares dos Chris-

tãos, e logo mandou o Gigante dizer a Carlos Magno se queria peleijar, hum a hum.

Carlos Magno, que nunca fugio de alguma perigosa batalha pela Santa Fé de Jesu Christo, aceitou o desafio, e determinou de ir peleijar com o Gigante, para o que se preparou, e armou de todas as armas; porém os seus Cavalleiros lhe pediraõ que de nenhuma maneira tal fizesse, offerecendo-se todos a ir peleijar por elle, dizendo que na sua vida se encerrava a honra de todo o exercito: e a rogos de todos deixou de ir á batalha, e mandou a Urgel de Danõa, que se preparasse de boas armas, e cavallo, e que ao outro dia de manhã sahisse com o Gigante á batalha; de que elle ficou muito contente.

Chegada a manhã, Urgel de Danõa, armado de todas as armas, e montado em hum formoso cavallo, sahio ao campo, onde estava assignalada a batalha, e logo sahio Ferragús olhando para todas as partes, para ver se vinha mais algum Cavalleiro, e como vio que Urgel de Danõa estava só, se foi chegando a elle sem fazer semblante de batalha, e o tomou debaixo do braço, e se foi com elle para a Cidade, sem lhe fazer mal algum, e o mandou metter em huma torre.

Era este Gigante taõ alto como dous mui grandes homens; a cara era redonda, e tinha tres palmos de comprido, e outros tantos de largo; os braços, e as pernas pareciaõ humas grandes vigas de lagar, tinha a força de quarenta homens, e trazia dous arnezes, ou peitos espaldares vestidos hum sobre outro; o elmo, ou capacete tinha tres dedos de grosso; os dedos das mãos tinhaõ hum grande palmo de comprido. Deixando a Urgel preso tornou para o campo. E sabendo-o Carlos Magno, lhe mandou Reynara de Abeiam, e Ferragús o tomou da mesma fórma, e o levou para a torre. E tornando para o campo, lhe mandou o Im-

perador a Constantino de Roma, e o Gigante o levou como aos outros. E tornando para o campo lhe mandou Carlos Magno dous Cavalleiros, e o Gigante tomou hum debaixo de hum braço, e outro debaixo do outro braço, e os levou ambos, e os metteo na torre, e voltou para o campo.

Vendo isto Carlos Magno, ficou admirado, e não sabia que fizesse, e não ousava mandar lhe outro Cavalleiro só, e como dous não bastavaõ, pareceo-lhe feio mandar mais, e nisto estava muito pensativo. Roldaõ, vendo a força do Gigante, estava tambem pouco contente; porque os que tinha levado eraõ todos bons Cavalleiros: mas, sem temer as forças do Gigante, foi pedir licença a Carlos Magno para sahir á batalha; porém não lha quiz conceder. E havendo estado o Gigante bastante tempo no campo só, e clamando contra o Imperador, que lhe mandasse com quem peleijar, ouvindo Roldaõ as soberbas exclamações do Gigante, tornou a pedir a Carlos Magno que lhe dêsse licença para sahir á batalha, porque mais honra lhe era morrer nella, que soffrer as importunas exclamações do Turco.

Vendo Carlos Magno que Roldaõ insistia, e atei-mava em querer ir á contenda, e ouvindo os ameaços de Ferragús, lhe deo licença, com condiçaõ, que havia de levar outro companheiro; porém Roldaõ lhe replicou dizendo: — Senhor, se á batalha de hum só fossem dous, a honra era do que estava só, ainda que morresse no campo. E os teus Cavalleiros, nem por fazenda, nem riquezas, nem vangloria, se expõem a grandes affrontas: senaõ só pela honra, e pelo serviço de Deos, e da tua Imperial Corõa. E assim não me mandes ir acompanhado para hum só Cavalleiro. — Carlos Magno lhe disse que bem conhecia o seu bom zelo, e assim fosse só, e que Deos quizesse ir em sua companhia: pois assim o esperava na sua Divina Misericordia, e Omnipotencia.

Concedida a licença, se despedio o famoso, e valeroso Roldão, e armado de todas as armas, e montado em hum prodigioso cavallo, e com huma grossa lança, sahio ao campo, onde estava Ferragús esperando, e estava sem lança, e tinha no braço esquerdo hum grande escudo de aço, e na direita huma espada de demasiada grandeza, conforme á corpulencia, e forças de tão monstruoso Gigante.

Chegado Roldão ao Gigante, lhe disse que tomasse a sua lança; e Ferragús não lhe respondeo cousa alguma; e se foi para elle, e Roldão não quiz ter vantajem alguma nas armas; e assim largou a lança, e metteo mão á espada, e o esperou com grande valor. Quiz chegar a elle o Gigante para o levar debaixo do braço, como aos outros; porém Roldão não o deixou chegar, e lhe deo hum grande golpe no elmo, ou capacete: mas nem por isso deixou Ferragús de se ajuntar com elle, e o tomou pelo braço direito, e o tirou da sella, e voltou com elle para o metter na torre, onde estavaõ os outros.

Vendo-se Roldão levar de tal maneira, fincou os pés nas ancas do cavallo, e com as mãos pegou no capacete do Gigante, e se deitou com elle do cavallo abaixo, cahindo ambos juntos. O que vendo Ferragús, disse a Roldão se queria que montassem a cavallo, para pelejar: Roldão lhe disse que sim.

Montados ambos, tornaraõ á batalha, e Roldão lhe deo tres golpes successivos huns atraz de outros no elmo, e do ultimo resvalou a espada, e lhe matou o cavallo: vendo-se o Gigante a pé, se encheo de raiva, e coberto do escudo, levantou a espada quanto pôde para descarregar o golpe: temendo Roldão a força do Gigante, se desviou d'elle, e lhe tirou hum revez, e lhe deo na mão direita, e lhe fez cahir a espada: como o Gigante se vio desarmado, fincou huma punhada na testa do cavallo de Roldão, e o ma-

tou; e vendo-se ambos a pé, continuáraõ a batalha, que durou até á noite, sem que se conhecesse vantagem: e assim ajustáraõ que no dia seguinte se daria fim á batalha a pé, sem lança, e nesta fórma se retiráraõ.

## CAPITULO XI.

*Como Roldaõ, e Ferragús batalháraõ a pé, e como dispa-  
táraõ da Santa Fé, e de que modo foi Ferragús morto.*

Chegada a manhã, sahíraõ Roldaõ, e Ferragús a campo, e deraõ a pé a batalha até o meio dia, sem que fosse algum ferido; e estando ambos já cansados, pedio Ferragús tregoa a Roldaõ para dormir hum pouco, e Roldaõ lhas concedeo, e logo Ferragús se estendeo no chaõ, e quando Roldaõ o vio deitado tomou huma grande pedra, e lha pôz por cabeceira para que dormisse mais descansado, e depois se assentou junto delle, e lhe esteve vendo as mãos muito a seu gosto, e ficou admirado da sua grandeza, como tambem da demasiada estatura do seu corpo; porém Roldaõ não dormio.

Tanto que Ferragús despertou, se sentou junto a Roldaõ, e este lhe disse: — Muito admirado estou, Ferragús, das tuas grandes forças: e como pódes sustentar, e soffrer o peso das tuas armas. — Ferragús lhe disse: — Sabe, Roldaõ, que tenho a força de quarenta homens; e além disso não posso morrer de ferida, senão pelo embigo. — E Roldaõ dissimulando, mostrou que o não entendia. E Ferragús lhe perguntou como se chamava, e de que familia procedia. Roldaõ lhe disse. — A mim me chamaõ Roldaõ, e sou sobrinho do Imperador Carlos Magno. — E lhe perguntou Ferragús que Fé tinha, e que Lei guardava. E Roldaõ lhe respondeo: — Eu sou Christaõ, e professo a Lei de Christo; e em defesa della desejo morrer. — E Ferragús lhe disse: — E essa Lei quem a deo? —

— **Respondeo Roldaõ :** — Depois que o Todo-Poderoso Deos fez o Ceo, e a terra, fez a nosso primeiro Pai Adão, o qual foi desobediente a seus santos Mandamentos, e por essa causa foi todo o genero humano privado da Gloria. E doendo-se o Filho de Deos verdadeiro da perdição das almas, desceo do Ceo, e tomou carne humana, e soffreo Paixão, e Morte por nos livrar do cativeiro do peccado: e conversando entre nós, nos deo Doutrina, e Lei, mediante a qual nos pudessemos livrar das penas eternas. —

Depois que Ferragús lhe perguntou mais algumas cousas tocantes á Fé Catholica, lhe disse: — Tu, Roldaõ, és Christão, e segundo vejo tens a tua Lei muito arraigada no teu coração, e por ella dizes que vieste á batalha, e desejas morrer: porém eu sou Turco, e sigo a Lei de Maoma, e venho de Turquia vingar a morte dos nobres Reis, e Cavalleiros, que Carlos Magno ha feito fazer nesta terra. Por tanto, quero que na nossa batalha haja esta condição, e he: que a Lei do vencedor seja havida por boa, e a do vencido seja falsa. — E ainda que Roldaõ conhecia que errava em fazer aquelle contrato, com tudo, confiado em Deos, disse que estava pelo ajuste.

Levantáraõ-se logo ambos, e começáraõ a sua batalha; e vendo Ferragús que não podia alcançar a Roldaõ para o ferir, e sentindo-se já cansado, intentou usar de industria, e manha; e vendo que Roldaõ lhe queria descarregar hum golpe em cima da cabeça, q esperou, confiado no elmo, atrevidamente; e quando lhe vio levantar a espada, antes que desse o golpe, deixou cahir a sua no chaõ, e abraçando-se com elle o derrubou, e queria degollar com os dentes; mas Roldaõ tirou hum punhal, que trazia, e lho metteo pelo embigo.

Quando Ferragús se sentio ferido mortalmente, deo hum grandissimo grito, e conhecendo os Turcos que

tinha necessidade de soccorro, vierão logo em seu favor: E vendo Roldão que vinhão, tocou a sua corneta, e acudirão logo os Christãos em seu favor; e entrando no campo começaram huma muito cruel batalha; e logo Roldão foi servido de cavallo, e lança: E vendo que huns Cavalleiros Turcos levavaõ o Gigante para a Cidade, foi atraz delles, e em pouco tempo matou a maior parte delles, e os outros fugirão, e deixaráõ Ferragús, e se mettéraõ na Cidade. E Roldão disse a Ferragús se queria ser Christão, pois na fôrma do contrato o devia ser. Porém como o Gigante não quiz, lhe mandou cortar a cabeça por huns soldados de pé.

Durou a batalha seis horas, e morreu muita gente de huma, e outra parte: e não podendo os Turcos soffrer os fortes golpes dos Christãos, quizerãõ acolherese na Cidade; mas não o puderãõ fazer, que não entrassem os Christãos juntamente com elles, e os matáraõ a todos, e se fizeram senhores da Cidade, e restauráraõ os seus Cavalleiros, que estavaõ presos na torre. E assim deu o Imperador infinitas graças a Deos por alcançar taõ grande victoria, em augmento da Santa Fé Catholica, e o mesmo fizeram os Cavalleiros, e todos os mais Catholicos.

## CAPITULO XII.

*Como Carlos Magno teve batalha com os Reis de Cordova, e Sevilha.*

Quando ElRei de Cordova, e ElRei de Sevilha souberãõ da morte de Ferragús, e dos outros Cavalleiros, tiverãõ grande sentimento, e por esta causa mandáraõ seus Embaixadores ao Imperador Carlos Magno, dizendo-lhe que ElRei de Cordova, e o de Sevilha tinhaõ grande desejo de saber á batalha com elle; e que se queria ir a campo, que os acharia promptos com sessenta mil homens. Carlos Magno lhes respondeo: — Dizei aos Reis, que ainda que não ter

nho tanta gente como elles, nem por isso deixarei de ir ao campo no dia que for assignalado. — E assim se despedirão os Embaixadores com esta resposta.

Feita a eleição do campo, e do dia, mandou o Imperador preparar toda a sua gente, e o mesmo fizeram os Reis Turcos, e mandarão estes fazer dez mil carantonhas, ou caratulas muito feas, humas negras, e outras vermelhas com grandes orelhas, e olhos; e mandarão aos soldados de pé, que cada hum levasse hum no rosto, e se puzessem diante do exercito, e cada soldado com hum Ronca, (instrumento medonho não só aos brutos, mas também aos racionaes) e tanto que chegasse a gente de Carlos Magno para os accommetter, tocassem todos juntos as Roncas. Tanto que chegou a gente de Carlos Magno, indo os Cavalleiros diante, e querendo entrar a pelejar, começaram os cavallos a espantar-se, e ter medo das horrendas caraças: porem tanto que ouvirão as Roncas, voltarão a fugir, sem haver quem os fizesse parar: e vendo os Turcos este desconcerto, os carregarão com a cavallaria de tal sorte, que fizeram nos Christãos muita matança.

Vendo isto Carlos Magno, mandou recolher toda a gente; e ordenou aos Cavalleiros, que cada hum cobrisse os olhos do seu cavallo com hum lenço, e lhe mettesse muito algodão pelos ouvidos; e que de manhã accommettessem aos inimigos com boa ordem: e assim o fizeram, e durou o combate até o meio dia, ficando todos os Turcos desbaratados, e só ficarão dez mil homens vivos, que estavam de guarda a dez carros, e em hum destes estava hum Estandarte, e estavam todos juramentados para por nenhum perigo, nem affronta voltarem as caras aos seus inimigos em quanto o Estandarte estivesse levantado.

Sabendo isto Carlos Magno, se metteo com grande furia, e esforço por entre elles, e lhes tomou a



bandeira, e a deitou em terra: e vendo isto os dez mil Turcos, começárao a fugir, e se metterao em huma boa Cidade, que era delRei de Cordova, e juntamente entrarao com elles os Christaos; e vendo muitos Turcos o grande poder de Carlos Magno, se baptizarao por sua livre vontade, principalmente hum Cavalleiro, e nobre velho, que governava a Cidade; e o baptizou o Arcebispo Turpim; e os mais Turcos, que naõ quizerao ser Catholicos, foraõ todos mortos. E Carlos Magno, e todos os mais Christaos ficarao dando infinitas graças a Deos Nosso Senhor por tantos beneficios em favor do augmento da sua santa Lei.

## LIVRO QUARTO.

### CAPITULO I.

*Como o Arcebispo Turpim consagrou a Igreja de Sant-Iago de Galliza.*

Depois das guerras, e batalhas sobreditas, vendo Carlos Magno que todo o seu Reino estava socegado, e pacifico, determinou ir para Allemanha; e antes que fosse, quiz passar a Sant-Iago de Galliza, e se pôz a caminho com pouca comitiva, e gente, e foi muito bem recebido de todos, e andou toda a Provincia visitando os Mosteiros, e Igrejas, e os mandou reparar, e prover de todas as cousas necessarias, e mandou fazer algumas devotas Imagens á honra, e memoria de todos os Santos, e Santas, e fez Constituições, e sujeitou todas as Igrejas daquella Provincia á Igreja de Sant-Iago de Galliza, e ordenou que todas as casas de Galliza pagassem quatro dinheiros, da moeda, que entao corria, de tributo; e que todos os Bispos da dita Provincia fossem sujeitos ao Bispo de Sant-Iago.

O Arcebispo Turpim, acompanhado de nove Bispos, por mandado de Carlos Magno, consagrou, e benzeo a dita Igreja no mez de Julho, e foi chamada Igreja de Sant-Iago Apostolo: por quanto he a segunda Igreja da Christandade, onde vaõ todos os Christãos ganhar grandes Indulgencias, e remissão dos seus peccados. Porque a primeira he de S. Pedro de Roma: por quanto S. Pedro Apostolo foi muito amigo de Nosso Senhor Jesu Christo, e prégou a sua Santa Fé em Roma, e nella foi martyrizado; e depois o Senhor Sant-Iago teve grande trabalho por exaltar a Fé de Christo na Hespanha, principalmente na Provincia de Galliza; e por isso dignamente se faz memoria dos seus milagres, e martyrio em todo o mundo.

## C A P I T U L O II.

*Como Galalaõ foi mandado com Embaixada aos Reis Turcos Marsirio, e Belando, que estavaõ na Cidade de Saragoça, e como na Embaixada foi traidor, e propoz vender a seus companheiros.*

Neste tempo estavaõ na Cidade de Saragoça dous Reis irmãos, hum se chamava Marsirio, outro se chamava Belando, os quaes havia mandado o Almirante de Babylonia a Hespanha, e estes Reis em signal de amor tinhaõ enviado grandes dadivas em outro tempo ao Imperador Carlos Magno: e desejando este que fossem Christãos, determinou mandar-lhes embaixada, e fez eleição de Galalaõ, por ser muito eloquente, e que lhes dissesse que se tornassem Christãos.

Partio Galalaõ com a Embaixada, e armado de mui luzidas armas, para Saragoça, onde foi bem recebido dos Reis Turcos: e depois que fez a sua Embaixada, lhe perguntaraõ por Carlos Magno, e pelos seus Cavalleiros, os doze Pares, e das suas condições, e modo de viver; e nas suas respostas conheçeraõ que era traidor, e não lhes queria bem, e que por qual-

quer dadiua era capaz de fazer qualquer vileza: e como tambem conhecêraõ isto pela fisionomia do seu rosto, se atreveraõ a fallar-lhe em materia de traicão, o que elle logo facilmente acceitou, e consentio; pelo que lhe deraõ vinte cavallos carregados de ouro, e prata, e outras joias de grande valor.

Vendo-se Galalaõ tão grandemente premiado, e favorecido, prometteo entregar-lhes os doze Pares, e tambem a Carlos Magno, se pudesse; e lhes disse que mandassem o seu exercito ao porto de Ronesvalhes, e que alli faria entregar-lhes os doze Pares. E assim determinaraõ entre todos, que Galalaõ levasse ao Imperador trinta cavallos carregados de ouro, e prata, seda, e brocados, e quatrocentas bestas carregadas de bom vinho, e duas mil Mouras formosas em signal de amor, e obediencia.

Oh maldito Galalaõ, e malaventurado homem, e em má constellação gerado! Nasceste de sangue nobre, e por avarento foste traidor! Sendo rico, te moves-te por dinheiro! Sendo grande, e nobre, te fizeste pequeno, baixo, e vil! Foste escolhido entre tantos, e tão grandes Cavalleiros para ir com a Embaixada, confiando-se o Imperador de ti para que a fizesses como te mandava, e com a fidelidade, que qualquer Embaixador; e a fizeste atraçoadamente, e desta sorte vendeste a teu Senhor!

Se do Imperador tinhas alguma queixa, porque vendeste aos innocentes Cavalleiros? E se dos Cavalleiros te queixavas, porque vendeste a teu natural Senhor? Eraõ os Cavalleiros de toda a Christandade tão estimados, e só de ti foraõ vendidos! Repararás que commettias contra Deos huma grande maldade em vender a sua gente. E finalmente, a todos os Christãos offendeste, pois nelles tinhaõ humas fortissimas columnas para a sua defença, e segurança contra a Turquia, e os inimigos da Fé Catholica; e os vendes-

te, sendo teus amigos, e companheiros. O certo he que sempre foste traidor, e ambicioso, pois por hum quasi nada vendeste o que valia mais que todo o mundo.

Oh perversa avareza, inimiga de toda a caridade, e inconstante de toda a boa virtude, e de quantos males és causadora! Por avareza vendeo Judas a Jesu Christo; por avareza foi Adão desobediente ao seu Creador; por avareza foi a Cidade de Troia destruida; e pela avareza vendeo Galalaó aos seus nobres, e virtuosos Cavalleiros.

Levou Galalaó os presentes já ditos a Carlos Magno, o qual deo credito ás suas enganozas razões, e sem suspeitar mal algum os recebeu; e repartio por toda a sua gente. Depois disto, por conselho de Galalaó, partio com todo o exercito para Roncesvalhes, por lhe dar a entender Galalaó que os dous Reis se querião fazer Christãos: e deo a primeira guarda a Roldão, e Oliveiros, e aos mais dos doze Pares, e leváráo só cinco mil homens, e Carlos Magno ficou atraz com o Exercito.

Estavaó os dous Reis Turcos em Roncesvalhes com noventa mil homens repartidos em dous troços: no primeiro, que estava diante, havia vinte mil homens, e no segundo, que ficava atraz escondido, estavaó setenta mil homens, e chegados os Christãos, ao primeiro troço, os deixáráo os Turcos passar, e depois que os colhêráo no meio, começáráo huma cruel, e horrenda batalha, e os Christãos estavaó já taó cansados, que se víráo obrigados a retirar.

### C A P I T U L O III.

*Da morte dos doze Pares, e delRei Marsinio, e como Roldão foi ferido com quatro lançadas.*

Estando os Christãos retirados dos seus inimigos, víráo vir outro exercito de Turcos, e logo Roldão tocou a sua corneta; mas parece que foi Deos servido

que o não ouvisse Carlos Magno, pois lhes quiz Deos dar a corôa, e gloria do martyrio, que havia muito tempo lhes tinha guardado para lhes satisfazer os seus grandes serviços, e os quiz comsigo na Bemaventurança.

Pôz logo Roldão a sua gente em boa ordem para esperar a seus inimigos, e lhes disse que sem receio de morrer entrassem na batalha, pois nisso faziao hum grande serviço a Deos, e para isso tinhao vindo das suas terras. E que maior era a gloria, que no morrer pela Santa Fé esperavao, do que a pena, que recebiao.

Vindo os Turcos acometer os Christãos, tocou segunda vez Roldão a sua corneta; e encomendando-se a Deos, entrou na batalha com tanto valor, que em pouco tempo fez nelles huma grande matança, e elle ficou ferido de quatro feridas mortaes; e entao chegarao cem Cavalleiros Christãos, que seguirao aos outros, e vinhao de donde estava Carlos Magno, sem saberem da batalha, e quando Roldão os vio, entendeu que vinha Carlos Magno com o exercito, e com esse pensamento se metteo outra vez na batalha sem fórma alguma, e o seguirao os cem Cavalleiros, e todos forao mortos, ficando só dous vivos, que hum era Valdevinos irmao de Roldão, e outro Tietri.

Vendo Roldão a todos os seus companheiros mortos, e elle tao gravemente ferido, e que Carlos Magno não vinha, conheceo que haviaõ sido vencidos, e perdia a esperanza de sahir vivo daquella batalha, e desejando vingar-se dos seus inimigos, tomou hum Turco, e lhe pôz a espada na garganta, dizendo que o matava, se não lhe mostrasse ElRei Marsirio. E o Turco com medo da morte lhe disse: — Vês aquelle Cavalleiro, que traz a divisa verde sobre as armas, e o cavallo baixo: Pois esse he ElRei Marsirio; e he o que

deo grandes riquezas a Galalaõ teu Embaixador, porque vos trouxesse ao que todos estais vendo, e tendes experimentado; promettendo-lhe entregar os doze Pares, e a Carlos Magno. —

Entaõ Roldaõ beijando a Cruz da espada, e cobrindo-se do seu escudo, começou a derrubar Cavalheiros Turcos, e infantes, até que chegou a ElRei Marsirio, e lhe deu tal golpe no hombro direito, que o abriu até á cintura, e ficou morto. Valdevinos, e Tietri com o medo da morte se mettêraõ por hum monte: e os Turcos tomáraõ tanto medo a Roldaõ pelo golpe, que lhe viráõ dar no seu Rei, que não ousavaõ apparecer-lhe diante: E assim teve Roldaõ lugar de sahir da batalha; e se deitou no chaõ ao pé de huma penha, ferido com quatro mortaes lançadas. E isto não o soube Carlos Magno até o fim; porque Galalaõ, por dar lugar aos Turcos, o tinha divertido com o jogo das taboas, e outras cousas de prazer, e o Arcebispo Turpim. ElRei Belando, vendo aos Christãos mortos, e temendo que viesse Carlos Magno com o exercito vinga-los, tomou outro differente caminho, e se foi para Saragoça.

## C A P I T U L O IV.

### *Da morte de Roldaõ.*

Estando Roldaõ ao pé de huma penha, e gravemente ferido de quatro mortaes lançadas, excepto as mais feridas, que eraõ muitas, tinha grande lastima, e sentimento da morte dos outros Cavalheiros, e de todos os Christãos, mais que da sua mesma, que já tinha por certa, e brevemente esperava: consolava-se porém por morrerem em defesa da Fé de Christo; e tinha notavel pena de se ver na sua ultima hora só em hum monte, e desamparado de todo o mundo; porém dava infinitas graças a Deus, porque o dia antes se tinha confessado, e recebido o Santissimo

Sacramento, que o tinham por costume os soldados de Carlos Magno quando haviaõ de entrar nas batalhas. Louvava muito ao seu Creador; porque lhe dava tempo, e lugar para lhe pedir perdoã dos seus peccados: E esperando a morte com muita paciencia, começou a dizer na fórma seguinte:

— Senhor Deus meu, Creador, e Redemptor, Filho da Gloriosa Mãe da consolação: Tu sabes, Senhor, muito bem o que eu tenho feito, e passado. E assim te rogo que os meus erros, e peccados sejaõ perdoados pelos merecimentos da tua Sagrada Paixaõ. E naõ repares, Senhor, nos meus peccados, senaõ no grande arrependimento, que delles tenho. E te peço, meu Deus, que me des paciencia na minha morte, e a recebas em desconto dos meus peccados. Tu, Senhor, és piedoso, e misericordioso. Por tanto te rogo que me olhes com olhos de piedade, como olhaste ao bom Ladrão; e me perdoes, como perdoaste á Magdalena. —

Depois se pôz a vér a sua espada, e disse: — O' espada de grande valor, e a melhor, que nunca foi forjada. Grande esforço me dava sempre que te via. Muitos arnezes tens despedaçado, e cortado muitos elmos; contigo tenho morto grande número de Turcos, e Infieis. Nunca jámais me faltaste. Nenhum arnez, por fino que fosse, resistio á tua violencia. Oh quanto tenor, e medo tinhaõ de ti os Turcos! Muito tremiaõ os Infieis de ver-te sómente nas minhas mãos! Com razã me peza deixar-te; pois contigo tenho derramado muito sangue de Turcos. Contigo tenho defendido a Fé de meu Creador Jesu Christo, ao qual peço humildemente que, mediante a sua Divina graça, aches algum bom Cavalleiro Christaõ, que te logre, conheça, e estime, e use da tua bondade contra os inimigos da sua Santa Lei. —

E tornando a fallar com a espada, disse: — Grande dôr, e sentimento tenho de deixar-te aqui inteira

depois da minha morte, que espero brevemente; só porque te não logre algum Turco, ou Judeo: e por tirar a minha imaginação deste cuidado, te quero fazer em pedaços. — Então se levantou com grande trabalho, e a tomou com ambas as mãos, e deo com ella na penha tantos golpes, que fazendo nella grande destroço, nunca a espada teve o mais minimo perigo: e vendo que a não podia quebrar, tomou a sua corneta para fazer signal a algum Christão, se acaso estivesse escondido no monte, e a tangeo duas vezes, e na segunda se lhe abriuão as feridas com a força, e ficou taõ prostrado, que já não podia usar de movimento algum; E chegando, a ultima vez que tocou, a voz da corneta aos ouvidos de Carlos Magno, que estava dahi duas legoas jogando as taboas com Galalaõ, conheceo que era Roldaõ o que tangia, e querendo ir acudir-lhe, lhe disse Galalaõ: — Senhor, Roldaõ sem dúvida anda caçando, e terá morto algum Urso, ou Veado, ou Javali, e de contentamento toca a sua corneta, que sempre assim o costuma fazer. — E Carlos Magno lhe deo credito, e tornou a continuar o jogo.

Estando já Roldaõ no fim da sua vida, chéguou a elle seu irmão Valdevinos, e com muitas lagrimas, sem lhe poder fallar, o abraçou, e Roldaõ lhe disse: — Irmão, primeiro me matará a sede, do que as feridas, e assim busca-me huma pouca de agua. — E logo Valdevinos foi correr todo o monte, e não achou agua alguma; e quando voltou, achou Roldaõ mais morto que vivo, e montando em hum cavallo, que pelo monte achou solto, se foi para Carlos Magno, e logo chegou Tietri, Duque de Dardania, e teve de Roldaõ grande lástima, e querendo-lhe dizer alguma cousa, nunca pôde articular palavra em fórma, que se pudesse entender, que a tanto o obrigou o sentimento pelo vcr naquelle estado.



Quando Roldão o viu junto de si, recebeu alguma consolação, e lhe disse: — A quem olhas, Tietri? Não he este Roldão, seu companheiro? Não he este o Capitão dos Christãos? Não he este o que vencia os ferozes Gigantes? Não he este o que nas cruéis batalhas defendia, e livrava os Christãos? Não he este o inimigo dos infieis? Não he este o que por defender, e augmentar a Fé de Jesu Christo Nosso Senhor, nenhum perigo temia deste mundo? Não he este o que a Carlos Magno, e a seus amigos livrava das affrontas, e perigos? Este he. Porém he hum homem sem ventura; pois foi tanta a sua desgraça, que não sómente o privou da companhia dos seus amigos, e parentes, mas na sua ultima hora o desterrou para estas asperas penhas, para acabar os seus dias entre as feras. Não são estes os braços, que quebrava as grossas lanças? Não são estas as mãos, que dava os fortes golpes, e despedaçava os finos arneses, e duros elmos. — E tomando a espada na mão disse: — O' minha boa companheira, e firme espada Durindana, não nego que és de grande esforço. — E abraçando-se com ella, juntou a boca com a Cruz, e ficou amortecido.

O Duque Tietri, que presenciava este lastimoso espectáculo, e ouvia esta lamentação tão cheia de sentimento, não podia soste as lagrimas, que de seus olhos sahião como dous caudalosos rios: começou a desarmar a Roldão, para ver se lhe dava algum allivio; porém, como viu que entre o corpo, e as armas tudo era sangue coalhado, o tornou a apertar, temendo abbreviar-lhe a vida.

Tornando em si Roldão, juntou as mãos, e olhando para o Ceo, pediu perdão a Deus do que tinha dito, e disse a Tietri que o ouvisse de confissão, e a fez muito contrito, e depois pôz as mãos na Cruz da espada, e os olhos no Ceo, dizendo como outro Job: *Et in carae meae videbo Deam Salvatorem meum.* Que

quer' dizer: E na minha propria carne verei a Deos meu Salvador. E pondo as mãos sobre os olhos, disse: *Et oculi mei conspecturi sunt*. Que quer dizer: E os meus olhos o haõ de ver. Abraçando-se com a espada disse: *In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum*. Que quer dizer: E nas tuas mãos, Senhor, entrego a minha alma. — E assim a entregou ao seu Creador aos dezasseis do mez de Julho do anno do Senhor de oitocentos e dez.

## C A P I T U L O V.

*De huma Visã que vio o Arcebispo Turpim na morte de Roldão, e do sentimento de Carlos Magno.*

Era o Arcebispo Turpim homem de Santa vida, e estando dizendo Missa, e chegando ao *Memento*, ouviu huma grande, e suave musica, e melodia de Anjos: e pedindo no mesmo *Memento* a Deos fosse servido revelar-lhe, porque estavaõ aquelles Anjos taõ alegres, e porque tinhaõ baixado ao mundo? Ouvio huma voz, que lhe disse: — Nós outros levamos a Alma de Roldão, Varaõ de Deos, para o Ceo. — Acabada a Missa, foi contar o Arcebispo a Carlos Magno o que lhe tinha acontecido, e o que tinha ouvido; e estando nesta prática, entrou Valdevinos, puxando os cabellos sem alguma piedade, todo banhado em lagrimas acompanhadas de continuos soluços, e suspiros, e com grandes vozes dizendo que Roldão estava mortalmente ferido junto a huma penha, e que os Christãos, que com elle tinhaõ ido, nenhum escapára, e ficáraõ mortos na campanha, e todos tinhaõ sido vencidos.

Quando os do exercito ouviraõ taõ triste, e lamentavel noticia, começáraõ todos a chorar de puro sentimento, e se puzeraõ todos a caminho: e Carlos Magno foi o primeiro, que chegou aonde estava Roldão, e como o vio morto, cahio sobre elle amorte-

cido. E entrando em si, começou a chorar, e dizer: — O' Roldaõ, consolação da minha velhice: O' honra dos Francezes; O' espada, que não se dobrava, semelhante a Judas Machabeo em proezas, a Sansaõ em forças: O' meu amado sobrinho, Principe das batalhas, destruidor dos Turcos, assombro do mundo, defensor dos Christãos, amparo das orfãs, e viúvas, columná da Igreja, lingua verdadeira, boca sem mentira, guia dos amigos de Nosso Senhor Jesu Christo, augmentador da Fé Catholica, amador de todos os bons.

Ai desgraçado de mim, que te trouxe a morrer em estranhas terras, e que não morri contigo! O' Roldaõ meu especial Cavalleiro, porque me deixaste só? Ai triste, que farei! Ai desconsolado velho! A Deos peço com toda a reverencia, que te queira receber na sua Santa Gloria: aos Anjos rogo que te tenhaõ na sua companhia. Aos Martyres invoco, e chamo devotamente, para que te queiraõ contar no seu número. Os dias que viver nesta miseravel vida, gastarei em contínuo chorar, e sentir a tua ausencia quanto sentio David a ausencia de Nabaõ, e Absalaõ.

O' nobre Roldaõ, meu amigo, tu estás na santa Gloria perduravel, e eterna; e me deixas em continuo sentimento cá no mundo defectivel, e caduco. Tu estás no Ceo com grande consolação; e eu fico cá na terra, que he valle de tribulaçãõ, e lagrimas. Todos os Christãos estão tristes pela tua morte; e os Anjos muito gostosos com a tua alma. — E assim estive dizendo estas, e outras razões de grande sentimento até á noite, e mandou levantar as suas tendas, e as mais barracas do exercito, e fazer grandes fógos para vigiar aquella noite o corpo de Roldaõ: e pela manhã foi o seu corpo embalsamado, e guardado com muita honra.

## CAPITULO VI.

*Como Oliveiros foi achado esfolado, e da morte dos Turcos, e de Galalaõ.*

Chegada a manhã, foi Carlos Magno com o exercito ao campo da batalha, e todos tiveram muita lastima da grande multidão de Christãos, que estavaõ mortos, ainda que havia muito maior número dos Turcos; e acháraõ ao nobre Oliveiros aspado em deus paos a modo de Cruz de Santo André; e dos dedos das mãos, até os dos pés estava esfolado, e tinha doze lanças mettidas no corpo, que passavaõ de huma a outra parte.

Entaõ se renovou o choro, e sentimento em todo o exercito, e Carlos Magno teve tanta lastima de Oliveiros, que fez juramento de nunca cessar, ainda que soubesse havia perder a vida, até achar os Turcos de Saragoça para os destruir; e logo soube que estavaõ junto do rio Ebro em huns verdes prados descansando, e curando os feridos. E assim em continente pôz o Imperador Carlos Magno a sua gente em boa ordem, e os acometteo com tal impeto, e esforço, que em pouco tempo morreraõ mais de seis mil, e muitos se afogáraõ no rio Ebro por fugirem aos duros golpes dos Christãos.

Vendo Carlos Magno que tinha mui pouca gente para os seguir, se voltou para Roncesvalhes, e fez embalsamar o corpo de Oliveiros. E logo examinou toda a sua gente, para saber de certo a traiçaõ, ainda que tinha ouvido a muitos, que Galalaõ os tinha vendido; e especialmente se soube do Duque Tietri, que o ouvira ao Turco, que o disse a Roldaõ, quando lhe mostrou El Rei Marsirio, e accusou a Galalaõ publicamente de traidor, e o desafiou sobre isto.

Sabida a verdade, mandou Carlos Magno que Galalaõ fosse atado a quatro ferozes cavallos, a cada bra-

ço hum, e a cada pé outro; e depois de bem atado, cavalgáraõ quatro homêns nos quatro cavallos, e cada hum partio para sua parte, e todos a hum mesmo tempo, e cada cavallo sahio com seu quartõ.

## C A P I T U L O VII.

*Como Carlos Magno voltou para França, e das grandes esmolâs, que fez pelas almas dos Christãos, que morrerão pela Fé de Jesu Christo.*

Depois que Carlos Magno castigou com tanta justiça a Galalaõ, foraõ os Christãos ao campo da batalha buscar õs Christãos mortos para õs sepultar, e embalsamar a alguns, e tinha Carlos Magno dous cemiterios expressamente assignalados para os que andavaõ em sua companhia, e morriaõ pela Santa Fé de Jesu Christo; hum estava na Cidade de Arles, e outro na Cidade de Bordeos, e estes dous cemiterios foraõ benzidos, e sagrados pelos bemaventurados homens, e Santos, S. Maximo de Aquisgram, S. Turpim de Arles, S. Paulo de Narbona, S. Saturnino de Tolosa, S. Faustino do Potier, S. Marçal de Limogis, Santo Eutropis de Xantes: e nestes cemiterios foraõ enterrados os mais dos Christãos, que morrerão em Roncesvalhes.

O Imperador fez levar o corpo de Roldaõ com muita honra em humas andilhas, cobertas de terciopelo negro, até Bes, ou Blaves, á Igreja de S. Romaõ, a qual elle mandou edificar; e mandou pôr em cima da sepultura a sua espada, e a seus pés a sua corneta, que era de marfim; e depois foi trasladado seu corpo a Roncesvalhes, para huma dêvota Igreja, que alli fundou Carlos Magno em serviço de Nosso Senhor Jesu Christo, e memoria daquella cruel batalha; e junto á Igreja se fez hum rico Hospital, onde continuamente se fazem grandes esmolâs por todas as almas dos Christãos; que na tal batalha morrerão.

Em Bordeos foraõ enterrados o nobre Oliveira, Gui de Boa, Rei de Frisa, Urgel de Danda, Christaõ, Rei de Borgonha, Guarim, Duque de Lorena, Godofredo, Rei de Bordeos, Egerio, Rei de Aquitania, Lamberto, Rei de Borge, Calocjo, e Reinaldos com mais cinco mil homens.

Distribuio o Imperador grandes riquezas, e thesouros pelas almas dos seus Cavalleiros, e mandou que toda a terra, que era termo daquella povoação, e cemiterios, fossem sujeitos somente áquella Igreja; e ordenou que para sempre, na Pascoa de Flores, fossem vestidos duzentos pobres, e que se dissessem trezentas Missas pelas almas dos que alli mortêraõ em defesa da Fé de Christo.

Em Arles foraõ enterrados o Conde de Langre, Samsam, Duque de Borgonha, Naymes, Duque de Baviera, Alberto de Borbom, com outros cinco Cavalleiros, e dez mil homens de pé; Constantino de Roma foi pelo mar para Roma com outros Romanos. E Carlos Magno lhe deixou grandes rendimentos perpetuos á Igreja, e cemiterio de Arles, pelas almas dos seus Cavalleiros, e soldados.

## C A P I T U L O VIII.

*Como Carlos Magno partio de França para Allemanha.*

Depois que Carlos Magno teve feito, e ordenado o sobredito, se partio de França para Allemanha, indo tambem com elle o Arcebispo Turpim; e quando chegou á Cidade de Vienna, porque já estava muito velho, se ficou alli com licença do Imperador. E Carlos Magno se foi adiante, e chegando a Paris, fez chamar todos os nobres do seu Imperio, e todos os Arcebispos, Bispos, e Prelados, e fez fazer grandes Procissões em louvor do seu Creador, e do Bemaventurado S. Diniz: e fez Constituição, e Estatuto, que os Reis, que houvessem de ser de França, fos-

sem obedientes ao Pastor, ou Prelado de S. Diniz, e que não pudessem ser coroados sem o dito Pastor, ou o seu conselho: e que o Bispo de Paris fosse recebido em Roma honradissimamente: ordenou, que todas as casas dos seus Reinos fossem tributarias á dita Igreja, e constituiu para sempre, que qualquer Christão escravo, que pagasse quatro dinheiros á Igreja de S. Diniz, ficasse forro em todos os seus Reinos.

Depois de tudo isto, fez Novenas na dita Igreja, e posto de joelhos todo hum dia, e noite, diante do corpo do Bemaventurado S. Diniz, lhe pedia com grande instancia por todos os que morrêraõ pela Fé de Jesu Christo, e lhe foi revelado, que todos os que morrêraõ na batalha de Roncesvalhes estavaõ na santa Gloria gozando da Visão Beatifica.

## CAPITULO IX.

*Como Carlos Magno chegou a Aquisgram de Allemanha, e nella morreo.*

Depois que o Imperador Carlos Magno entrou em Allemanha, foi nella muito bem recebido de toda a gente, e Communidades: e chegando á Cidade de Aquisgram, foi visitar todas as Igrejas, e Mosteiros della, e as mandou reparar, e especialmente huma Igreja de Nossa Senhora, que elle tinha mandado fundar, á qual deõ grandes thesouros, e dotou de muitas rendas; e aos setenta annos da sua idade, querendo Deos Nosso Senhor dar descanso aos seus velhos, e cansados membros, o chamou para a sua santa Gloria no mez de Fevereiro do anno de oitocentos e doze.

Da sua salvaçaõ escreveu o Arcebispo Turpim, homem de santa vida, estas mesmas palavras: — Eu Turpim, Arcebispo de Rens, estando na Cidade de Vienna no meu aposento, e rezando nas minhas horas, vi de huma janelha huma legião de diabos pelo

ar, que trazia grande ruido entre elles; conjurei hum, que me dissesse donde vinhaõ, e porque traziaõ taõ grande arruido? E elle me respondeo que vinhaõ da Cidade de Aquisgram, onde havia falecido hum grande Senhor: e porque naõ puderaõ levar a sua alma, vinhaõ muito raivosos. E lhe perguntei quem era aquelle grande Senhor, e porque naõ leváraõ a sua alma? Elle respondeo: Que era Carlos Magno, e que Sant-Iago lhes havia sido muito contrario. E eu lhe perguntei de que maneira lhes havia sido contrario Sant-Iago? E elle me respondeo: Nós outros estavamos pezando os bens, e os males, que neste mundo havia feito, e Sant-Iago trouxe tanta madeira, e tantas pedras das Igrejas, que elle havia fundado em seu nome, que pezáraõ muito mais que os males. E assim ficámos sem ter poder algum na sua alma. E o diabo subitamente desapareceo. —

Ha de se entender por esta visãõ do Arcebispo Turpim, que os que edificaõ, ou repáraõ Igrejas neste mundo, aparelhaõ estancias, e pouzadas para a Bemaventurança. Foraõ feitas suas exequias, e honras, segundo a taõ grande Senhor eraõ devidas.

## LIVRO QUINTO.

### CAPITULO I.

*Trata do nascimento de Roldaõ.*

Tendo sido Roldaõ Capitaõ dos doze Pares, e taõ assignalado, naõ só nas suas heroicas proezas, senaõ tambem na magnificencia de seu Real sangue, he justo que tratemos o modo do seu prodigioso nascimento, já que tratámos o da sua prodigiosa morte: e he o caso.



Que tendo Carlos Magno huma irmã chamada Berta, Senhora dotada de todas as Reaes perfeições assim corporaes, como espirituaes, fundamentos por que não só era estimada de todas as pessoas do seu Reino de França, senão tambem dos mais Reinos invadida, por cujo motivo se fazia de seu irmão Carlos Magno mais querida, e zelada; tendo-a sempre muito recatada, (pensaõ fatal da formosura) tendo-lhe guardas decentes a huma tão soberana Donzella, que assistia em hum dos melhores, e mais occulto quarto do seu palacio.

Amava sumamente a Berta o Duque Milão; não menos nobre no seu Real sangue, (supposto que vas-sallo) como gentil no talhe do seu corpo, e cheio das Virtudes Moraes, constitutivas de hum perfeito Principe, ao qual não menos amava Berta: assim vivião estes dous amantes em huma heroica, e reciproca correspondencia, sem que pudessem communicar hum ao outro a sua pena, pelo recato com que Berta estava.

Porém como o amor sempre arde, e não deixa criar fumo na sua lavareda, nem se lhe oppõe sombra alguma, tudo o que he occulto se lhe faz manifesto: pois ainda que he cego, sempre acerta nas suas industriosas manhas para vencer as cousas mais difficil-tosas; e tem por brio sair sempre victorioso, ainda que seja á custa de grande trabalho sem reparar no perigo, pois está cego para o discurso, e clara para o gosto; e assim vibra o arco, arma a frêcha, e faz o tiro tão certo, que logo derruba. Nem mais, nem menos succedeo a Milão, e a Berta, como logo diremos.

## C A P I T U L O II.

*Como Milão se vestio em trajo de mulher para ir fallar a Berta.*

Na soledade fabricou Cupido o amor mais constante, nella he que se curaõ os loucos deste achaque,

por ser o melhor lugar para o seu curativo. Considera hum amante ausente na cousa amada; e tanto mais considera, quanto mais o amor se accrescenta; e tanto mais se accrescenta, quanto mais se apura: que como a sua fragoa nunca cessa, quanto mais arde; tanto mais lhe consome a liga, e lhe augmenta os quilates da sua heróica natureza.

Cuidava muito Berta, na sua occulta camara, do amor, que tinha a seu querido Milaõ: cuidava muito Milaõ, na sua occulta ausencia, do amor, que tinha á sua querida Berta; e como nos verdadeiros amantes causa dobradas pensões a ausencia, determinou Milaõ alliviar-se dellas desta maneira.

Resolveo-se, com muito segredo, a vestir-se hum dia em trajo de viuva, e o podia fazer, por não ter ainda barba, e tomando o officio de adella, foi com humas guarnições de ouro a palacio, e caminhando para o quarto, e camara de Berta, o deixáraõ entrar as guardas por ser mulher, e ir vender; pois só tinhaõ prohibiçaõ de entrarem homens (como se as mulheres não fossem as mais daninhas).

Chegado Milaõ á presença de Berta, e feitas as cortezias necessarias, mostrou a sua mercadoria, e estando as Damas descuidadas, lhe declarou quem era, e que o amor lhe ensinára aquella traça, de que ficou Berta taõ admirada, como satisfeita de ver em sua presença o que mais desejava: e mandando retirar as Damas, depois de varios colloquios, ajustáraõ de casar-se de sorte que Carlos Magno o não soubesse, e assim o fizeraõ.

### C A P I T U L O III.

*Da concepção de Roldaõ, e como Berta foi presa.*

Casados os dous amantes, e facilitada a entrada de Milaõ no trajo de viuva, começáraõ a viver como casados, e passados alguns tempos se sentio Berta pe-

jada: porém sem embargo da sua grande cautela, não pôde deixar de ser a sua prenhez conhecida: e foi de tal sorte murmurada, que chegou aos ouvidos de Carlos Magno, que como era de compleição colérica, e muito amigo da honra, se indignou de tal maneira, que a mandou sentenciar pela justiça, conforme as suas rigorosas Leis, que a condemnava a morrer: para cujo effeito lhe dobrou as guardas, para que nenhuma creatura entrasse a fallar com ella.

Vendo Berta já tão público, e descoberto o seu maleficio, e que Milaó já não entrava em palacio, determinou fallar a seu irmão Carlos Magno; e assim se foi ao seu quarto, e prostrada de joelhos a seus pés, lhe disse da maneira seguinte:

— Senhor: a principal cousa, que te peço, Suprema Magestade, he que ouças as minhas sentidas palavras, sem que to impida a tua paixão colérica. Bem sei que sou indigna de apparecer deste modo na tua presença, pois hei offendido a tua honra, mas confiada na tua clemencia, venho pedir-te que te movas o meu arrependimento a ter comigo piedade, e misericordia, moderando o castigo, que a Lei dispõe; pois se modera a culpa por não haver feito cousa com Milaó, que não fosse consummação de Matrimonio, pois elle he meu esposo. E bem sabes, Senhor, que procede de Real sangue, e supposto que vassallo, he dos mais principaes do teu Reino. E assim digna-te, Senhor, de nos receberes na tua graça; pois se Deos perdoa aos contritos, e arrependidos, tu, que fazes a sua figura, debes fazer o mesmo, pois não he cordura o não usar de clemencia. Eu bem sei que mereço castigo, porém peço-te que seja moderado: repara que sou tua irmã, e sou casada, e que o fructo que tenho no meu ventre, he teu sangue, e innocente. —

Carlos Magno, com voz grave, e irado aspecto, lhe respondeo: — Grande atrevimento he o teu, Ber-

ta, em vires dessa sorte á minha presença, fazendo mais descoberta a tua culpa, como no teu ventre se manifesta; e sem embargo de que dizes que és casada, isso mesmo faz mais intensa a minha ira. E assim vai-te da minha vista, que contigo não hei de usar senão do rigor da justiça, e o mesmo hei de fazer a Milão. — E logo mandou que a levassem para o mais alto da torre de palacio, dobrando-lhe as guardas, para nella ao outro dia se executar a cruel sentença. E assim se foi afflicta Berta, e muito desconsolada, para o mais alto da torre, para onde foi conduzida pelos crueis ministros de justiça. E logo mandou Carlos Magno fazer diligencia para prender a Milão; porém não foi achado.

#### C A P I T U L O IV.

*Como Milão tirou Berta da Torre, e fugio com ella.*

Posta na prisão no mais alto da torre só, e sem companhia, a triste Berta, esperando por instantes a execução da rigorosa sentença de morte; e vendo-se naquelle desamparo, sem ter soccorro de alguma creatura do mundo, acrescentando-lhe mais a pena o ver que tambem havia de padecer a mesma crueldade a innocente creatura, que tinha no seu ventre, e não menos sentida de que Milão chegasse a experimentar semelhante sentença; recorre a Deos com actos de verdadeira contrição, e á Virgem Senhora nossa dizendo desta maneira:

— Meu Deos, o meu Senhor Jesu<sup>o</sup> Christo, summamente me peza no meu coração de ter offendido a tua Divina Magestade, e Clemencia, só por seres quem és. Peço-te, Senhor, que não desampares de tua Divina Graça esta afflicta creatura. Dá-me, Senhor, valor para soffrer o cruel golpe da morte só pelo teu amor, para o que me offereço de boa vontade, e tomara ter mil vidas para empregar no teu tanto serviço, e para as dar por amor de ti sómente.

Porém, Senhor, que crime commetteo esta innocente creatura, que tenho reclusa no meu ventre, para que padeça esta fatalidade, e fique a sua alma no Limbo de perpetuo esquecimento para toda a eternidade. Lembra-te, Senhor, della, não queiras que pague o justo pelo peccador, pois és justo Juiz, e mais justo que meu irmão.

Virgem Sacratissima, Mãe de peccadores, não me desampares, Senhora, nesta grande afflicção: Roga a teu Filho Jesu Christo que não se execute em mim tal sentença; não por amor de mim, porque muitas mais mortes, e castigos mereço pelas graves offensas, que contra a sua Divina Magestade tenho commettido; mas por amor desta innocente creatura, que tenho nas minhas entranhas, para que não perca a sua Visão Beatifica: pois bem sabes, Senhora, que teu Filho Unigenito bem sabe que não foi gerado senão por meio do Sacramento do Matrimouio santo, e justo. E já que a Magestade humana quer que fique esta alma no Limbo pasmada, não queira a sua Magestade Divina senão que receba o Santo Baptismo, para ir lograr eternamente da sua vista lá na Gloria —

Com estas, e outras semelhantes lamentações, ficando vencida do chorar, cahio em hum soproso lethargo, e entre acordada, e dormida sonhava que seu esposo Milão a libertava: e assim com voz somnolenta, e lethargica dizia desta maneira: — Ah meu querido esposo, quanta Gloria dás á minha alma, em te ver na minha presença! Cuida muito em me livrar desta masmorra, para que assim seja salva esta innocente creatura, que Deos nos deo, mediante a sua Divina Graça. —

Milão, que sabia da cruel sentença; que estava para se executar na sua querida esposa, convocou aquella noite a seus parentes, e amigos, para resgatar a Berta; e subindo á torre com toda a felicidade, ajuda-

dos da Divina Graça ( que nunca falta nas operações caritativas ) achárao a Berta na sua madorna sonhando o que temos dito , e despertando ao mesmo tempo do lethargo, viu aquella multidão de gente ; e entendendo que erao os ministros da execução, disse desta maneira :

— O' meu Senhor Jesu Christo, ó Virgem Santissima minha Senhora, bem sei que sou indigna da tua misericordia, por ser huma grande peccadora ; mas parece, Senhor, impiedade da tua Divina Clemencia, que padeça huma innocente creatura, como he a que no meu ventre está encerrada: mas faça-se em tudo a Divina vontade, pois só tu sabes o que he mais conveniente. —

Milaõ, que ouviu as enternecidas deprecações de Berta, todo cheio de lástima, lhe disse — Berta, esposa minha, socega, descansa, que não he o que cuidas. Eu sou teu esposo Milaõ, que com os meus parentes, e amigos, ajudados da Divina Omnipotencia, venho livrar-te de taõ lastimosa tragedia. Não temas, esposa minha, não temas; porque o poder da Magestade Divina he muito maior que o da Magestade humana. —

Quando Berta conheceo a seu querido esposo, foraõ tantos os alentos, que recobrou, e júbilos, com que louvou á Divina Magestade, e a sua Mãe Santissima, que he impossivel o pode-los referir. E logo Milaõ com os mais tratáraõ de livrar a Berta, e desceraõ da torre com tal fortuna, que não foi sentida de alguma das vigias.

Tinha Milaõ preparado dous formosos cavallos, e despedido dos parentes, e amigos, se foi com Berta, e caminhando toda a noite por lugares incognitos, vierão a arranhecer em hum grande bosque, e taõ intrincado pelo grave labirintho do seu arvoredo, que negando o passo ao Sol, formava huma escura, e te-

nebrosa noite, ainda no mesmo tempo que o luminoso do seu Zenith faz o mais rutilante resplendor, onde estiverão todo o dia chorando a sua miseria, consolando-se hum ao outro quanto podião.

Chegada a noite, tratáráo de caminhar, e assim forão sempre continuando a sua fugida por escabrosos, e asperos caminhos até que chegáráo a sahir dos dominios de França, padecendo sempre muitas fatalidades, e inclemencias, dormindo sobre a terra, e duros penhascos, e comendo dos frutos, e hervas cruas, que achavao pelos matos.

Ao outro dia, que se havia de executar a cruel sentença na innocente Berta, como não foi achada na prisão, mandou Carlos Magno ordens muito rigorosas para Berta, e Milão serem presos, despedindo varios soldados por todos os caminhos com promessa de avantajados premios; porém, por mais diligencia que fizeram, nunca forão achados; pois não quiz Deos que a innocencia padecesse martyrio tão rigoroso, e injusto, porque só Deos he o que bem régula a justiça, e a misericordia.

## CAPITULO V.

*Do Nascimento de Roldão, e da derivação do seu nome.*

Sahidos dos Estados de França os dous esposos, já apeados, por terem vendido os cavallos para seu sustento, para o que tambem andáráo mendigando; chegáráo á Italia, e desviando-se sempre dos lugares públicos para não serem conhecidos, chegáráo a hum deserto pertencente, e junto á Cidade de Sena, e achando entre os mais asperos penhascos huma profunda cova, se accommodáráo nella, valendo-se para seu sustento das silvestres frutas, e rusticas hervas; lamentando continuamente a sua pouca fortuna; e sempre temerosos do grande poder de Carlos Magno.

PARTE I.

P

Passados poucos dias naquella rustica habitaçaõ, começou Berta a sentir as dores do parto, que se fazia mais penoso, por não terem, nem para o sustento, nem para enfaixar o fructo nascido. E assim todo cheio de lagrimas, e suspiros, sahio Milaõ da cova, e deixando a Berta com as mesmas lagrimas acompanhadas das dores do parto repetidas, se foi por aquellos campos pedir esmolas, tanto para o sustento dellete, e da sua querida esposa, como para trazer alguns coeirinhos para envolver a creatura nascida.

Ausente Milaõ, começaraõ a crescer as dores em Berta de sorte, que a fizeraõ andar aos tombos pela cova; e como estava só, se vio taõ afflicta, que chegou ao ultimo instante da sua vida, sem poder articular palavra; tanto pela demaziada fraqueza, como pela falta de descanso; porque o seu leito, e cama era sobre hum pouco de mato estendido sobre a terra. Considere agora quem for racional, o aperto, e a miseria, em que se achou esta Princeza. Em fim, chegou a parir hum menino junto da boca da cova, o qual cahindo sobre a terra, veio rodando por ella hum grande espaço até hum plano, que estava defronte da cova, por fazer alli huma ladeira:

Parida Berta, ficou do parto taõ prostrada, que ficou sem sentidos, e amortecida; e assim esteve até que chegando Milaõ, e vendo aquelles dous espectaculos, a sua esposa como morta, e a seu filho rodando pela terra todo cheio de sangue, e lama, que era huma lástima; e não sabendo a qual primeiro acudiria, suspendeo as lagrimas, e accendeo com o seu fuzil fogo, e em quanto aqueitou agua, deitou pela boca de Berta algum mantimento do rustico, que das esmolas trazia; e logo tomou o menino, e o lavou, e aqueitando huns toscos coeirinhos, que pelo amor de Deos lhe tinhaõ dado, o envolveo nelles; e lavando tambem Berta, a apertou e logo concertou a



cama com o novo mato, e deitou a ambos nella.

Depois de deitados, começou Milaõ a confortar a sua esposa, já com mantimento, já com amorosas palavras, animando-a quanto podia, até que entrou em si, e olhando para o filho, lhe disse desta maneira: — Filho das minhas entranhas, nascido entre as fêras, Deos, e sua Mãe Santissima queiraõ tomar-te á sua conta, e dar-me valor para te poder criar para o servir; já que foi servido livrar-te da tyranna morte, que havias de padecer no meu ventre, não queira que morras por falta de sustento dos meus peitos: chega, filho, a elles, que supposto que estão murchos, a Omnipotencia Divina os fará cheios; que como sustenta os bichinhos da terra, também te ha de sustentar a ti, que és racional creatura remida com o preciosissimo Sangue da sua Paixaõ Santissima. — E olhando para Milaõ, lhe disse: — Querido esposo, he necessario que leves este nosso filho a receber o Santo Baptismo. — E chegando o menino ao peito, foi tanta a abundancia de leite, que ficou satisfeito de tal modo, que dormio nos braços de sua Mãe hum largo somno, do que ficáraõ Milaõ, e Berta muito admirados de ver taõ grande prodigio, dando infinitas graças ao Creador de todo o Universo.

Em quanto o menino dormio, esteve Milaõ contando a Berta na fórma que o tinha achado rodando sobre a terra todo ensanguentado, porque Berta o não tinha visto; pois quando o pario estava sem sentidos, por cujo respeito se póde dizer que parece que foi este parto milagroso, e que quiz Deos a Roldaõ cá no mundo para ser taõ grande defensor da sua Lei, e obrar por ella as grandes maravilhas, que temos mostrado por todo o decurso da sua vida, até morrer, e ir coroar-se na Gloria com a corõa, acompanhado dos Anjos, como affirma o Arcebispo Turpim, como já referimos no Livro IV. Cap. IV.

Como Berta tal ouviu, começou de novo a dar graças a Deos, e a sua Mãi Santissima de ter livrado aquelle innocente de morrer pagaõ, e o mesmo fazia Milaõ, e assim ajustáraõ de o baptizar, e pôr-lhe o nome de Rodando, ( pois rodando nasceo ) e hoje se chama Roldaõ, por corrupção do vocabulo. E logo ao outro dia o tomou o Pai nos braços, e o levou a huma Freguezia do campo, e disse ao Cura que lhe baptizasse aquelle menino, que era seu filho, e lhe nascêra no campo andando medigandõ, e que a Mãi estava mal do parto. Do que compadecido o Cura, naõ só o baptizou, pondo-lhe o nome de Rodando, como seu Pai lhe havia dito; mas tambem, vendo taõ grande miseria lhe deo huma esmola, e lhe tirou outra pelos freguezes, e o mandou ir na paz de Christo.

Favorecido Milaõ de taõ grande esmola, comprou mantimento mais delicado para sustentar a sua companhia, e esposa, ( porque para elle naõ queria senaõ comer cousas rusticas ) e chegando á sua cova, e silvestre pousada, o saudou Berta com muita reverencia, e alegria; dando-lhe os parabens de lhe trazer já seu filho Christaõ: Ao que lhe correspondeo Milaõ com a mesma veneraçãõ, e lhe pediu com toda a instancia quizesse comer do mantimento delicado, que lhe trazia, contando-lhe o bom successo, que tinha tido com o Cura, e a boa esmola que lhe dera, e pelos freguezes tirára, attribuindo-o a bom presagio do menino Roldaõ; de que deraõ infinitas graças a Deos pelo ver baptizado, e livre do grande perigo, em que o tinha posto a cruel sentença de Carlos Magno, privando-o da vista Beatifica por todos os seculos.

## CAPITULO VI.

*Como Milaõ foi arrebatado da corrente de hum rio levando ás costas Berta, e esta ficou parada no meio do dito rio, e seu filho Rodando ficou desamparado, e só na margem.*

Sendo já Rodando de quatro annos, se resolvêraõ Milaõ, e Berta ir com o menino pedindo esmola pelo mundo, e deixar a habitaçaõ da cova; e tomando esta resoluçaõ, tratáraõ de caminhar, e chegando a hum rio, tomou Milaõ o menino, e o passou da outra banda, e o assentou na margem: e voltando a buscar sua quefida esposa, a tomou aos hombros, e indo com ella já no meio do rio, errou o vão, e caminho, e deo consigo dentro em hum pégo, e largando a Berta, ficou esta no meio d'agua, e Milaõ foi levado da furiosa corrente de tal modo, que a pouco espaço o perdeu Berta da sua vista, ficando solitaria, e desamparada, e Rodando desfazendo-se em choro da outra banda.

Vendo-se a miseravel Berta em taõ lastimoso estado, sem poder acudir a seu marido, nem a seu filho, nem se poder mover dentro do rio, por naõ saber para onde havia de passar, porque se para onde corria o esposo, já o naõ via; se para onde estava o filho, ignorava o caminho; se para a sua cova, a embargava o deixar o filho naquelle desamparo, e miseria. Em fim, tudo nella eraõ ancias, tudo suspiros, tudo lagrimas, que eraõ tantas, que já ficavaõ a perder de vista as amorosas lagrimas de Dido pela ausencia do seu amado Eneas: as de Cleopatra pela morte do seu querido Marco Antonio, e as de Leda pelo seu doce Arimindo, porque todas estas foraõ nada para as de Berta. E assim começou a clamar lastimosamente na fórma seguinte:

— Ah meu Deos! Ah meu Senhor! Acuda-me a

tua Divina misericordia em taõ grande desamparo, como padece esta indigna serva. Bem sei, Senhor, que a grandeza das minhas culpas só merece o rigor da tua grande justiça; porém lembra-te daquella innocente creatura, que fica neste deserto desamparada; pois que já perdeu seu Pai, não queiras que tambem perca sua Mãi nestas ondas submergida.

Virgem Santissima, Mãi, e consoladora dos affictos, acode-me nesta afflicção, e não me desampares.

Ah querido, e amado esposo, que tantos trabalhos tens passado neste miseravel mundo, e com tanta paciencia os soffreste sempre, sem que algum dos elementos te perdoasse, que assim viesse a perder a vida a impulsos do mais frio, e humido delles! Quem pudera livrar-te de tantos infortunios! Mas Deos te receba a tua alma lá nessa Gloria, para que eternamente descance nella, e não importa que eu no mundo padeça a inconstante roda da fortuna, para o que peço a Deos não me desampare, e me dê paciência.

Ah filho desta alma, vivo retrato do meu bem perdido! Não chores, meu amor. Não atormentes mais a esta tua afficta Mãi. Tem paciencia até que estas furiosas, e inclementes aguas suspendaõ o seu arrebatado, e furioso curso, e dêm lugar para que eu possa vadear este rio, e tomar-te nos meus braços. —

Ouvida por Rodando a lastimosa lamentação de sua Mãi, (caso raro!) suspendeo de tal modo as suas lagrimas, que o que nelle até alli era saudoso choro, dahi por diante foi suspensivo remedio, e delectavel consêlho para dulcificar as lagrimas, que a Mãi amargamente chorava: dizendo-lhe desta maneira: — Mãi minha, não chore; encommende a Deos a alma de meu Pai, e tenha paciencia, e confiança neste Senhor, que elle abrandara as arrebatadas furias das aguas, para que possa vir tomar-me nos seus doces braços, e livrar-me deste grande perigo. — Com estas, e outras ra-

lões tão vivas, e efficazes consolava Rodando a sua Mãe; e logo neste tempo (caso estupendo!) cessarão as aguas as suas furias de tal modo que pôde Berta passar o rio sem embaraço.

Estando já Berta da outra parte, e com Rodando já nos seus braços, começou de novo a lamentar o seu sentimento, na perda de seu esposo, buscando-o pelas margens do rio, regando as suas hervas com correntes de lagrimas, e como o não achou, se tornou com seu filho para a sua oova, para alli acabar o restante da sua vida em companhia de seu filho.

## C A P I T U L O VII.

*Como Rodando foi á Cidade de Sená pedir esmola para seu sustento, e de sua Mãe Berta.*

Estando já a triste Berta na sua cova, lhe disse Rodando: — Mãe, e senhora minha, nem chore, nem se affija, que eu tômo por minha conta ir pedir esmolas para nos sustentarmos. — Ao que respondeo Berta: — Meu filho, como assim tão pequenino, e de tão tenra idade, has de ir pedir esmolas, sem saber caminho, nem carreira, para te desembarçares desas montanhas? — Respondeo Rodando: — Minha Mãe, grande he a Misericórdia Divina, que ensina aos pequenos o que esconde aos grandes. E assim, ainda que sou pequeno, Deos me ha de ensinar o caminho, pois não creou cousa alguma, que desamparasse. E assim lance-me V. M. a sua benção, e deixe-me ir, que já são horas, e não temos que comer. — Como Berta ouviu as ajustadas razões de seu filho tão pequeno, o teve por grande mysterio, e afflato Divino, e assim, dando muitas graças a Deos, lhe deitou a lenção, e o mandou na paz de Christo.

Tanto que Rodando se vio abençoado, e com a licença de sua Mãe, começou a saltar com muita alegria, e tomou hum bordão na mão, e se despedio:

e indo por entre os matos aquelle solitario innocente, chegou a huma estrada larga, que hia para a Cidade de Sena, que distava da covã huma milha, que he a terça parte de huma legua, e caminhando por ella, encontrou algumas pessoas, a quem pedio esmola com muita cortezia, e todos rendidos, e admirados da innocencia, e formosura da criança, o que riaõ levar comsigo, movidos da compaixãõ; porẽm elle o repugnou com taõ notavel prudencia, que á todos suspendia, e assim lhe deraõ suas esmolas com huma vontade muito ampla.

Chegando Rodando a Sena já com o seu saquinho muito bem provido, e entrando por huma das portas da Cidade, encontrou logo huma grande chisma de rapazes; e tanto que o viraõ, logo lhe perguntáraõ quem era, e como se chamava, e de donde, e para que vinha? Ao que respondeo com muita deliberação: Que se chamava Rodando, e vinha pedir esmola para seu sustento; porẽm que não sabia quem era, nem donde vinha. Querendo porẽm alguns zombar delle, os reprehendeo com tal modo, que logo lhe obedecéraõ, e o leváraõ pela Cidade, ajudando-lhe a pedir esmolas, e lhe deraõ do que elles tinham; e tanto que encheo o sacco, se despedio já quasi noite, e se foi só, sem errar o caminho, para a sua covã, aonde o estava esperando sua afflicta Mãe com muitas lagrimas, acompanhadas de infinitas saudades; mas tanto que o vio, ficou com tal contentamento, que se lhe renovou o espirito, que já tinha quasi acabado, e extincto.

Assim continuou Rodando no decurso de tres annos, e com tanta felicidade, que não havia menino de Sena, que não fosse seu amigo, e quizesse ter da parte do seu bando; pois já reconhecaõ nelle, pelas varias occasiões, que houve de lutas, e pedradas no decurso do dito tempo, o seu grande valor, e for-

ças, que excediaõ as de hum perfeito homem; e assim andavaõ furtando a seus pais para lhe dar, só pelo ter cada qual da sua parte quando viaõ que necessitavaõ delle.

Porém, como os rapazes de Sena andavaõ abandonados no jogo das pedradas, como sempre foi costume em todos os povos, tinhaõ ordinariamente huns com outros varias controversias sobre qual havia de ter da sua parte a Rodando, porque tinhaõ por certeza que o bando, que o tivesse, sempre havia de sahir da batalha victorioso. E como nunca falta quem idolatre a inveja, se oppoz á valentia de Rodando hum menino dos mais principaes de Sena, chamado Oldrado, cabeça de hum dos bandos, dizendo que Rodando era á sua vista muito fraco, e assim estimaria entrar com elle em batalha, para o render á sua obediencia.

Muitos, e a maior parte dos que estavaõ presentes, entendendo que seria verdade o que dizia Oldrado, abraçáraõ logo o seu partido; ficando a menor parte sem Capitãõ, esperando que viesse Rodando, para lhe contarem o succedido, e pedir-lhe quizesse ser Capitãõ do seu bando.

Neste mesmo tempo viraõ vir a Rodando, e logo o vieraõ buscar ao caminho, e lhe contáraõ o que tinha passado com Oldrado, e lhe pediraõ quizesse ser seu Capitãõ, o que elle de boa vontade aceitou: e logo mandou por hum rapaz, como Embaixador, desafiar a Oldrado, para o outro dia seguinte entrarem em batalha; o que Oldrado aceitou de boa vontade, porque se achava com maior número de rapazes: e assim se despedio Rodando com a esmola costumada para a sua cova.

## CAPITULO VIII.

*Da cruel batalha, que Rodando, ou Roldão, deo a Odrada nos campos de Sena.*

Toda a noite não pôde Rodando dormir com o sentido na batalha (presagio verdadeiro para que a natureza o destinava). E antes de amanhecer se levantou, e disse a sua Mãe que hia taõ cedo, porque havia de assistir a humas festas, que faziaõ os meninos de Sena, e tomando a benção, e o seu bordão, sahio da cova, e foi para a Cidade.

Chegando a Sena antes de amanhecer, andou passeando pelas ruas, esperando que se levantassem os rapazes; e tanto que es colheo juntos, mandou aos do seu bando, que cada hum trouxesse huma funda para atirar pedradas, e hum pão da grandeza do seu, e mantimento para comer antes de entrar a peleijar; o que todos logo fizeraõ.

Juntos todos em hum campo, que ficava fóra da Cidade, onde havia huma admiravel fonte, assentáraõ o arraial, e comêraõ o que leváraõ, e bebêraõ da fonte a seu gosto: Jogo começáraõ por mandado de Rodando a jogar as lutas; e todo o que lhe parecia mais valente, apartava para huma parte, e os mais fracos para outra,

Feita a dita diligencia, mandou fazer hum alvo, e depois mandou que cada hum de per si lhe atirasse com a funda huma pedrada, e todos os que lhe acertáraõ, apartou tambem para outra parte: E ultimamente os mandou peleijar com os páos a hum por hum, e todo o que se mostrou mais valeroso, e destro, tambem apartou.

Feito o dito exame, e tendo já Rodando, ou Roldão, reconhecido as forças dos seus soldados, tratou de formar companhias, cada huma sujeita ao seu Capitão, que para este effeito elegeo os de maior va-



lor, e capacidade, nomeando tambem os mais Officiaes, a quem os soldados obedecessem, e todos a elle como General, o que não recusáraõ, antes o acceitáraõ de boa vontade.

Acabado o sobredito, entráraõ os Capitães, e mais Officiaes em conselho, juntamente com o seu General, e resolveraõ uniformemente todos, que se mandasse desafiar a Oldrado para a batalha, e assim se mandou a hum dos mais valerosos Capitães chamado Arnaldo, o qual foi, armado com o seu bordaõ, e funda, levar a embaixada da seguinte maneira:

— O muito alto, e valeroso Rodando me manda que te diga da sua parte, que te está esperando no campo da fonte de Sena para te dar batalha; e que se a recusares, te terá pelo mais fraco rapaz desta Cidade, e que as armas, que tem, são estas, que trago, nem mais, nem menos. —

Partindo Arnaldo com a Embaixada para Sena, e achando logo a Oldrado na praça com alguns rapazes, se chegou a elle, e lhe deu a Embaixada na fórma sobredita; de que Oldrado ficou algum tanto suspenso, e temeroso: porém como era Nobre, e de coração magnanimo, acceitou o desafio, e respondeu no seguinte modo:

— Arnaldo, dize ao nobre Rodando, que de boa vontade acceito o desafio, e que me preparo logo com iguaes armas, e o vou buscar ao campo destinado. —

E logo disse aos rapazes: — E vós outros ide logo chamar todos os rapazes do vosso rancho, e que venhaõ com todo o cuidado, porque não nos tenhaõ os rapazes do rancho de Rodando por fracos. — E voltando-se para Arnaldo, lhe disse: — E tu vai logo com a resposta, e dize a Rodando tudo o mais que ouviste. —

Partio logo Arnaldo com a resposta, e no em tanto começou Oldrado a ajuntar o seu partido: e es-

tando já todos com iguaes armas, lhes fez Oldrado huma prática de valor, promettendo-lhes vencimento na batalha, e que assim ficaria desvanecido o conceito do grande valor, que diziaõ que tinha Rodando, e o seu rancho ficaria rendido, e medroso.

Animados os rapazes de Oldrado com a confiança da promessa, que este lhes fazia, sahiraõ todos em chusma com muita alegria da Cidade, e caminharaõ para o campo da fonte, onde Rodando os estava esperando, e assim que viraõ o exercito, fizeraõ alto, e ficáraõ parados.

Tanto que se avistáraõ os dous exercitos, começou logo Rodando a alistar a sua gente, e naõ achou mais que sessenta soldados; e logo os formou em tres linhas, a primeira dos rapazes mais valentes das lutas, a segunda dos mais fracos, e a terceira, que era a retaguarda, tambem dos valerosos, e os Capitães na frente da vanguarda, e Rodando diante de todos.

Tanto que Oldrado vio aquella formatura, tambem fez o mesmo, e alistando os soldados, se achou com trezentos, e assim ficava o exercito de Oldrado parecendo hum Gigante á vista de hum Pigmeo, que assim parecia o exercito de Rodando.

Formados os dous exercitos, mandou logo Rodando desafiar a Oldrado: e que mandasse vinte rapazes para jogarem as lutas, e que elle mandaria outros vinte, e que todo o que ficasse rendido, ficaria prisioneiro, e naõ tornaria a peleijar mais aquelle dia.

Levou a Embaixada Arnaldo, e logo Oldrado aceitou o partido, e mandou os vinte rapazes, que lhe pareceraõ mais valerosos; ao que correspondeo Rodando com outros vinte, tirados da primeira linha.

Chegados os rapazes huns aos outros, começaraõ a lutar com tanto valor, que por mais de huma hora naõ se conheceo vantagem entre elles; porém esforçando-se de novo, ficaraõ todos os vinte rapazes

de Oldrado vencidos, e prostrados por terra, e assim ficáraõ todos prisioneiros de guerra.

Vendo Oldrado tal destruição, mandou outros vinte rapazes, e sem embargo de estarem já os de Rodando cansados, com tudo não se quizeráo retirar; e assim peleijáráõ com tão notavel brio, que depois de batalharem grandemente, ficáraõ tambem rendidos, e prisioneiros os de Oldrado, do que ficou este muito sentido, e Rodando muito vanglorioso.

Vendo Oldrado tal destroço, e parecendo-lhe que já não podia vencer a Rodando, pela lucta, mandou dizer-lhe que queria peleijar com as fundas, e pedradas, e que para isso mandasse trinta rapazes, e que elle mandaria outros trinta. Para o que mandou por Embaixador a Jacinto, que era muito cortez, e galhardo.

Ouvindo Rodando a Embaixada, consentio logo nella, e assim mandou trinta rapazes escolhidos, e destros no jogo das pedradas; e mandando Oldrado outros tantos, começáraõ o jogo com tanta furia, que era huma tempestade desfeita, e cada pedrada parecia hum corisco; porém todos os rapazes de Oldrado ficáraõ cahidos, e feridos em terra, e assim foraõ prisioneiros, ficando os de Rodando victoriosos.

Oldrado, que já tinha no seu coração mais medo que valor, não deixou de entender que já não podia vencer a batalha; porém por não mostrar a sua fraqueza, começou a animar os seus rapazes, dizendo que só vencia a batalha, quem ficava senhor da campanha, e que Rodando havia por fim ficar vencido, por ter poucos soldados, e elle muitos. E assim entrou em conselho que peleijassem todos juntos com a luta dos páos, e que na confusão da peleija tomariãõ melhor vingança, e venceriãõ a batalha.

Feito o dito conselho, todos o approváraõ, e assim sem mandar Embaixada a Rodando deste desígnio,

sahiraõ todos sem fórma a avançar ao exercito de Rodando, o qual, vendo este insulto, mandou a todos os seus soldados que não se desunissem, nem perdessem a fórma, a qual fez em hum instante de porco espim, pondo-os costas com costas com os prisioneiros; e elle no meio, para dar as ordens, e aos soldados mais valerosos naquelle jogo, mandou que ficassem de fóra cercando o exercito.

Chegando os soldados de Oldrado armados com os seus paos, cercáraõ logo o exercito de Rodando, e foi taõ tempestuosa a pancada, que jogáraõ, que em breve tempo se puzeraõ os rapazes de Oldrado em fugida, por verem o grande estrago, que tinhaõ feito os de Rodando; pois estava já o campo cheio de feridos, e atordoados, sem que os de Rodando tivessem perigo.

Vendo Rodando a precipitada fugida de Oldrado, e desejoso de lhe dar completa batalha, e alcançar total victoria, disse aos seus soldados: — Agora, amigos, agora he tempo opportuno; sigamos todos aos nossos inimigós, que já fogem como fracos, e medrosos do nosso valor, e não lhes demos quartel, salvo ao que se mostrar rendido. Porém, amigos, vamos sempre com boa ordem, e não percamos a boa fórma, pois he dos bons soldados o peleijar com bom fundamento; porque este faz invencivel ainda ao menor número: pois não ha maior ruina para hum exercito, ainda que grande em número, do que peleijar sem fórma; porque este he o melhor fundamento da guerra. E eu irei diante, e fazei como eu fizer. —

Feita esta prática, logo Rodando se pôz na dianteira, e todos os mais com boa ordem, e foraõ seguindo o exercito de Oldrado, e dando-lhe de tal modo na garupa, que em pouco tempo lhe derrubáraõ, e cativáraõ todo o exercito, ficando todos no cam-

do, huns feridos, e outros atordoados, porém nenhum morto, e só escapáraõ vinte, que foraõ fugindo com Oldrado para a Cidade, sem que algum dos soldados de Rodando tivesse o mais minimo perigo.

Vendo-se os soldados de Oldrado vencidos, e que o seu General os desamparou, e enganou, começáraõ todos a render a obediencia aos soldados de Rodando, e fazer-se amigos, acclamando a Rodando por valeroso, e a Oldrado por fraco: e dahi por diante todos seguiraõ o partido de Rodando, e lhe faziaõ grandes esmolos do que furtavaõ a seus pais: E assim se despedio Rodando já quasi noite para a cova muito bem carregado de mantimento.

## C A P I T U L O IX.

*Como Carlos Magno, vindo coroado por Imperador de Roma, se aposentou na Cidade de Sena, e do que aconteceu com Rodando, e Berta.*

Vindo Carlos Magno de Roma coroado Imperador, entrou na Cidade de Sena, onde foi recebido com toda a magnificencia, e alegria; e logo os Cidadãos lhe preparáraõ humas sumptuosas festas, como era devido a taõ grande Senhor.

He costume entre os Principes mandar que todos os dias se dê esmola aos pobres; e assim se fazia no palacio de Carlos Magno, em Sena, aonde tambem concorria o menino Rodando, para levar a sua esmola. E acontecendo ir hum dia mais tarde, e tendo já sido dadas as esmolos, estavaõ sómente dous pobres á porta do palacio, e começando a zombar delle por ir tarde, se enfureceo de tal maneira, e deo tanta pancada em ambos, que os deixou destroncados, e lhes tirou as esmolos, que tinhaõ, e se foi para a sua cova.

Ao outro dia tornou para Sena, e chegando a palacio a tempo que o Imperador estava jantando, foi

com todo o atrevidimento, e chegando-se á mesa com huma notavel desenvoltura, pegou em hum prato de certa iguaria, e se veio retirando com tal modo, que ficou o Imperador muito gostoso, e todos os Cavalheiros admirados. Porém Carlos Magno lhes disse que gostára muito de ver a desenvoltura, e graça, com que aquelle menino tomára aquelle prato, e que o deixassem ir em paz. E assim se foi Rodando com o prato para a sua cova; o que ouvindo sua Mãe, ficou muito sentida, e temerosa de ser por aquelle meio descoberta por seu irmão Carlos Magno; e lhe pediu que não tornasse mais a palácio, sem lhe dizer a causa, e elle assim o prometter fazer.

Logo ao seguinte dia tornou Rodando a Sena; e não lhe soffreo o coração deixar de tornar a palácio: E estando Carlos Magno jantando, se chegou á mesa muito de espaço, e pegou em huma fonte de ouro, que nella estava para a recreação do Imperador, e se retirou muito airoso; e o Imperador lhe deu hum grande grito, para ver se largava a fonte com medo, porém Rodando lhes respondeo: — Os gritos dos Reis não me atormentaão, nem mettem medo. — E assim se veio com a preza, sem que alguém o estorvasse, por saberem que Carlos Magno gostava daquillo.

Vendo Carlos Magno acção tão heroica, logo prognosticou que incluia algum grande mysterio; e assim disse a quatro Cavalheiros, dos que lhe assistiaão á mesa, que seguissem aquelle menino, e soubessem quem era, porém que o não molestassem: e assim o foraão seguindo de longe, sem serem vistos de Rodando, até que o viraão entrar na cova.

Estando já Rodando mettido no seu aposento contando a sua Mãe o successo, e estando ella reprehendendo-o, chegaraão á boca da cova os quatro Cavalheiros, e entendendo que era covil de ladrões, quizeraão entrar com violencia para os prender; porém

Rodando defendeo a entrada com hum pão com tanto animo, e esforço, que ficáraõ os Cavalheiros admirados, e temerosos de tal modo, que se retiráraõ hum grande espaço, attribuindo que o menino era alguma especie de bruto em fórma humana transformado, pela braveza com que peleijava.

Vendo Berta tal successo, e temendo que lhe matassem o filho, sahlo fóra da cova, e vendo os Cavalheiros, conheceo, que tres eraõ primos de seu esposo Mihaõ: e assim, naõ podendo deixar de dizer quem era, se pôz de joelhos prostrada, e coberta de lagrimas, e lhes deo noticia dos seus desgraçados successos, rogando-lhes com grande extremo que naõ dissessem cousa alguma a seu irmaõ Carlos Magno.

Tanto que os Cavalheiros víraõ a formosa Berta taõ desconhecida, e descomposta de vestiduras, que mais se pôde dizer que estava nua, por ter só huns pobres trapinhos vestidos, ficáraõ taõ cheios de lástima, e sentimento, que naõ puderaõ suster as lagrimas nos olhos; e depois de varias perguntas, e respostas, lhe promettêraõ ser o seu patrocínio; e assim partiraõ tres a dar noticia a Carlos Magno do successo, ficando hum em companhia de Berta, e Rodando.

Chegados os tres Cavalheiros a palacio, logo o mais velho se pôz de joelhos diante de Carlos Magno, e lhe disse deste modo:

— Naõ me pôde negar Vossa Magestade que a paz he a mais excellente virtude de todas, e assim que todos os bons a desejaõ, e Christo nosso Salvador a encommendou muito: e sendo isto verdade taõ sólda, (Cesarea Magestade) humildemente te peço me des palavra de perdoar hum antigo aggravo, e receber na tua graça pacificamente a quem por este Senhor humildemente a pede. —

Ouvida pelo Imperador aquella compendiosa oração, lhe disse que se levantasse, e que lhe outorga-

va tudo quanto pedia. E logo o Cavalheiro lhe disse o que tinha succedido, e sem embargo que Carlos Magno ficou, depois de saber o que era, com pesar de ter concedido o favor; com tudo, não pôde faltar ao que tinha promettido, e assim mandou que tanto sua irmã Berta, como seu sobrinho Rodando viessem logo á sua presença, e fossem tratados como quem eraõ.

Tanto que Carlos Magno deo o perdoã a sua irmã Berta, foi taõ grande o gosto, e contentamento, que tiveraõ, que logo o communicaraõ a toda a gente da Cidade, e todos ficaraõ taõ alegres, que he impossivel o explicar-se: porém foraõ tantos os festejos, que não se viaõ por toda a Cidade mais que danças, e saraos; pois todos amavaõ com extremo a Berta, pela sua virtude, e prudencia, e tinhaõ sentido muito a sua ausencia, e muito mais não a terem conhecido na cova, para tratarem della como merecia.

Mandou logo o Imperador fazer vestidos para sua irmã, e sobrinho, e todas as Damas de palacio, que acompanhavaõ a Imperatriz, se vestiraõ de custosas gallas, e o mesmo fez a Imperatriz, que mais que todos estimou esta fortuna, e toda a nobreza da Cidade fez o mesmo, e o mais plebeo se vestio com o melhor adorno que tinha: e assim foi a Imperatriz, e Damas, e toda a Côrte, acompanhada de toda a gente da Cidade, buscar a Berta, e a Rodando.

Chegando á cova, entraraõ os Cavalheiros primos de Milaõ, e disseraõ a Berta que o Imperador lhe perdoara, e que vinha a Imperatriz com toda a Côrte, e Cidade a conduzi-la para palacio, de que Berta ficou muito contente, e lhes deo os agradecimentos pelo beneficio do seu patrocínio: e logo entraraõ tres Damas com os vestidos para compõrem a Berta, e Rodando, e depois de compostos sahiraõ da sua cova, que havia sete annos que servia de sepultura á sua soberania.



Chegou em fim aos braços da Imperatriz, aonde foi recebida com as maiores demonstrações de amor, que nunca jámais se vio, e mettendo-a na sua carroça, e seu filho Rodando, partiraõ para Sena; e entrando em palacio, a estava esperando Carlos Magno com agradavel gesto, e ella se pôz de joelhos, pedindo-lhe perdaõ, e lhe tomou a bençaõ: e logo mandou Carlos Magno fazer públicas festas em seu obsequio, e o mesmo fez a Cidade com grande custo, e duráraõ bastante tempo; e passadas as festas se partiraõ para França com grande gosto.

### C A P I T U L O X.

*Como Roldaõ foi armado Cavalleiro por seu tio Carlos Magno.*

Depois que Carlos Magno chegou a França, e estando já descansado da jornada, começou a examinar em varias materias, e tambem nas de guerra a seu sobrinho Roldaõ, e em tudo o achou taõ perito, que parecia ser soldado velho, e experimentado, e naõ faltáraõ occasiões, em que naõ só ao Imperador, mas a todos os mais da Côrte admirava. Pois dando-lhe Carlos Magno mestres para lhe ensinarem todas as Artes, elle as sabia melhor do que elles, porque em todas era insigne, principalmente na Arte de Cavallaria, Justas, e Torneios: e era taõ valente, que naõ havia quem com elle quizesse jogar as lutas, ainda que fosse o mais valente homem. E por esta causa era taõ amado de Carlos Magno, e de todo o povo, que era incrível o muito que lhe queraõ.

Vendo Carlos Magno tantos prodigios em seu sobrinho, logo tratou (ainda que naõ tinha a idade completa) de o armar Cavalleiro; para o que convocou toda a Côrte, que todos uniformemente o consentiraõ, e foi o dia, que em França se conheceo de maior applauso; e festejo, que nunca jámais houve naquelle tempo.

Armado Cavalleiro Roldaõ, sendo de nove annos, na fórma costumada, se mandáraõ apregoar as Festas, Justas, e Torneios feitas em seu applauso, para o que concorrêraõ os melhores Cavalleiros, naõ só do mesmo Reino, mas tambem dos Estrangeiros, que todos viêraõ com o grande gosto, que tinhaõ de ver o menino taõ famigerado.

Chegado o dia da festa, sahio Roldaõ acompanhado dos melhores, e mais luzidos Cavalleiros da Corte, e veio ao lugar destinado para o festejo das Justas, e Torneios, que era huma praça muito formosa, a qual estava adornada com a melhor arte, que podia formar a architectura humana, e toda cheia da melhor Fidalguia, e Nobreza.

E ahi estavaõ já os Cavalleiros Estrangeiros esperando aquella boa hora, para mostrarem os progressos da sua fortuna; e tanto que Roldaõ chegou com a sua comitiva, todos se puzeraõ em boa ordem, como pedia o estilo da Cavallaria; feitas as mais ceremonias necessarias, que foraõ as cortezias, que fizeraõ ao Imperador Carlos Magno, á Imperatriz, a Berta, e ás Damas, começáraõ a jogar as Justas desta maneira:

Sahio logo Roldaõ ao campo em hum formoso, e soberbo cavallo, vestido de luzidas, e resplandecentes armas, ao qual sahio logo hum Cavalleiro Genovez muito valente, e brioso, e ajustando-se ambos, foraõ taes os golpes que Roldaõ lhe deo, que a breve espaço o desmontou: e logo sahio outro Cavalleiro Italiano; que da mesma fórma foi por Roldaõ vencido. Sahio logo hum Cavalleiro Saboiano, que logo por Roldaõ foi desmontado: finalmente foraõ sahindo todos os mais Cavalleiros, que estavaõ na praça, cada hum por sua ordem, como he estilo na Cavallaria, e todos ficáraõ por Roldaõ vencidos; e assim foi aquelle dia o de maior gosto, que teve Car-

los Magno, e desta sorte lhe cresceo tanto o amor do sobrinho, que chegou ao maior augmento da sua estimaçãõ.

Acabadas as Justas, e Torneios, deo Carlos Magno quinze dias de banquete aos Cavalleiros, e todos publicáraõ com pública voz, que aquelle menino havia de ser o assombro de todo o mundo, e que nelle tinha Carlos Magno huma firme columna do seu Imperio, e que por elle havia de ser de todos venerado, e temido: o que não foi sem fundamento, pois o tinhaõ experimentado: e depois se fez certo com as grandes proezas, que obrou no decurso da sua vida, como atraz nos mais livros temos dito. E este foi o nascimento daquelle grande Heróe afamado:

FIM DA PARTE I.



# INDICE

## DOS CAPITULOS.

### LIVRO I.

- C**APITULO I. *Como ElRei Clovis, sendo Pagaõ, e Infiel, teve por mulher a Clotildes Christã, neta del-Rei Guido, e sobrinha del-Rei Agabundo de Borgonha.* . . . . . Pag. 1
- C**AP. II. *Como ElRei Clovis foi rogado de Clotildes, que deixasse os seus falsos Idolos, e abraçasse a Fé de Jesu Christo.* . . . . . 5
- C**AP. III. *Como ElRei Clovis não alcançando victoria contra seus inimigos, se fez Christão.* . . . . . 6
- C**AP. IV. *Como ElRei Clovis recebeu o Santo Baptismo pela mão de S. Remigio, e como nelle milagrosamente foi trazida huma Redoma do Ceo, da qual até o dia de hoje são ungidos os Reis de França, e está na Cidade de Rheims.* . . . . . 8
- C**AP. V. *Trata-se delRei Pepino, e do Imperador Carlos Magno, seu filho.* . . . . . 9
- C**AP. VI. *Como Carlos Magno, feitas muitas Constituições com o Papa Adrião, foi levantado por Imperador dos Romanos.* . . . . . 10
- C**AP. VII. *Da estatura de Carlos Magno, e do seu modo de viver.* . . . . . 12
- C**AP. VIII. *Como Carlos Magno doutrinava seus filhos.* 13
- C**AP. IX. *Do estudo, e obras caritativas de Carlos Magno.* . . . . . id.
- C**AP. X. *Como o Patriarca de Jerusalem mandou Embaixada a Carlos Magno, para que lhe desse soccorro.* 14
- Copia da Carta.* . . . . . 15
- C**AP. XI. *Como Carlos Magno se partio com hum grande Exercito para Jerusalem.* . . . . . 16

**CAP. XII.** Das Reliquias, que o Imperador Carlos Magno trouxe da Terra Santa, e dos milagres, que fez Christo Nosso Senhor. . . . . 18

## L I V R O II.

- CAP. I.** Como Ferabraz veio ao Exercito de Carlos Magno buscar com quem pelear. . . . . 23
- CAP. II.** Como Carlos Magno perguntou a Ricarte de Normandia, quem era o que tanto o ameaçava. . . . . 24
- CAP. III.** Da resposta de Roldão a Carlos Magno. . . . . 25
- CAP. IV.** De huma reprehensão do Author a Carlos Magno, e a Roldão, pela questãõ passada. . . . . 26
- CAP. V.** Como Oliveiros estando enfermo com muitas feridas, pediu licença a Carlos Magno para sahir á batalha com Ferabraz. . . . . 28
- CAP. VI.** Como o Duque Regner rogou a Carlos Magno, que não deixasse sahir seu filho Oliveiros á batalha. . . . . 30
- CAP. VII.** Como Oliveiros fallou a Ferabraz, e como este o desprezou. . . . . 31
- CAP. VIII.** Como Oliveiros ajudou a armar a Ferabraz, e das nove espadas maravilhosas, e como Oliveiros disse quem era. . . . . 34
- CAP. IX.** Como Oliveiros, e Ferabraz começaram a batalha, e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros. . . . . 38
- CAP. X.** Como Oliveiros fez oração a Deos, que o guardasse, e favorecesse contra o Turco. . . . . 41
- CAP. XI.** Como Oliveiros á força de armas ganhou o Balsamo a Ferabraz. . . . . 44
- CAP. XII.** Como os dous Cavalleiros derão batalha a pé; e Carlos Magno rogou a Deos por Oliveiros. . . . . 47
- CAP. XIII.** Como Oliveiros ganhou huma das espadas de Ferabraz, e com ella o venceu. . . . . 51
- CAP. XIV.** Como Ferabraz foi vencido, e se converteo, e como Oliveiros teve huma grande batalha com os Turcos. . . . . 53

CAP. XV. Como Oliveiros foi preso, e tapadas os olhos, foi levado á presenço do Almirante Balaõ. . . . . 56

CAP. XVI. Como Ferabraz foi achado no campo, e como o Imperador Carlos Magno o fez baptizar, e curar as suas feridas. . . . . 58

CAP. XVII. Como Oliveiros com seus companheiros foraõ levados á presença do Almirante Balaõ. . . . . 60

CAP. XVIII. Como os cinco Cavalleiros foraõ presos em hum escuro carcere, e como foraõ visitados por Floripes, filha do Almirante Balaõ, e de sua grande formosura. 61

CAP. XIX. Como os cinco Cavalleiros Christãos foraõ tirados da torre por mandado de Floripes, e levados á sua Camara. . . . . 65

CAP. XX. Como Carlos Magno mandou ao Almirante Balaõ os outros sete Pares por Embaixadores. . . . . 72

CAP. XXI. Como o Almirante Balaõ mandou quinze Reis a Carlos Magno por Embaixadores, para que lhe desse a seu filho Ferabraz, e como os sete Cavalleiros os encontráraõ no saminho, e matáraõ quatorze. . . . . 75

CAP. XXII. Da ponte de Mantible, e tributo, que nella se pagava, e como os Cavalleiros Christãos passáraõ sem pagar, e do que nella aconteceu. . . . . 80

CAP. XXIII. Como os sete Cavalleiros chegáraõ diante do Almirante Balaõ, e como lhe deraõ a Embaixada. 82

CAP. XXIV. Como por conselho de Floripes, foraõ os sete Cavalleiros postos com os cinco, e como lhes mostrou as Santas Reliquias. . . . . 86

CAP. XXV. Como Lucasfré, sobrinho do Almirante, entrou na camara de Floripes, e o Duque de Nemé o matou. 92

CAP. XXVI. Como os Cavalleiros, Floripes, e suas Damas padecêraõ grandes fomes, e como os Idolos do Almirante foraõ derrubados, e feitos em pedaços. . . . . 97

CAP. XXVII. Como os Cavalleiros Christãos sahiraõ da Torre, e deraõ batalha aos Turcos, que os tinhaõ cercado, e lhes tomáraõ a bagagem, e provimento, que hia para o seu exercito. . . . . 101

- CAP. XXVIII.** Como Gui de Borgonha foi preso. . . 103
- CAP. XXIX.** Como os Turcos quizerão enforçar a Gui de Borgonha, e como os Cavalleiros Christãos o restaurarão. 107
- CAP. XXX.** Como os Cavalleiros Christãos tomáráo o mantimento, que acháráo no exercito do Almirante, e como a Torre foi com grande industria combatida. . . 115
- CAP. XXXI.** Como a Torre foi minada pelos Turcos, e cahio huma parte della, e os Cavalleiros quizerão sahír á batalha. . . . . 117
- CAP. XXXII.** Como os Cavalleiros Christãos determináráo mandar hum delles a Carlos Magno, a fazer-lhe saber o perigo em que estava. . . . . 120
- CAP. XXXIII.** Como ElRei Clariao seguiu a Ricarte de Normandia, e como Ricarte o matou, e lhe tomou o cavallo. . . . . 123
- CAP. XXXIV.** Como os soldados delRei Clariao acháráo a seu Soberano morto, e o leváráo ao Almirante. 126
- CAP. XXXV.** Como Ricarte de Normandia passou o rio Frigor milagrosamente, mediante hum Veado branco, que o guiou. . . . . 127
- CAP. XXXVI.** Como Carlos Magno quiz voltar para França por conselho de Galalaõ, e seus parentes. . . 129
- CAP. XXXVII.** Como Ricarte de Normandia chegou ao Exercito do Imperador Carlos Magno. . . . 134
- CAP. XXXVIII.** Como por industria de Ricarte de Normandia foi a ponte de Mantible ganhada ao Gigante Galafre, que a guardava. . . . . 137
- CAP. XXXIX.** Como Carlos Magno ganhou a ponte de Mantible, com morte do Gigante Galafre; e como Alorina, parente de Galalaõ, lhe quiz fazer traição. . . 140
- CAP. XL.** Como Amiota, a Giganta, de quem acima falámos, matou muitos Christãos; e como o Almirante soube da tomada da ponte. . . . . 144
- CAP. XLI.** Como os Cavalleiros, que estavaõ na Torre com Floripes, foraõ grandemente combatidos pelos Turcos, e a Torre foi quasi derrubada. . . . . 147



- CAP. XLII. *Como os Cavalleiros souberaõ da vinda de Carlos Magno, e tambem o Almirante, e como Galalaõ foi enviado com Embaixada ao Almirante.* . . . . . 155
- CAP. XLIII. *Como Carlos Magno fez tres batalhões de toda a sua gente. Como acommettêraõ ao exercito do Almirante, e das valentias que Carlos Magno fez.* . . . . . 160
- CAP. XLIV. *Como Sortibaõ de Coimbres foi morto ás mãos do Duque Regner, e dos progressos, que fez o Almirante.* . . . . . 164
- CAP. XLV. *Como os Cavalleiros sahiraõ da Torre, e entraraõ na batalha, e como o Almirante Balaõ foi preso.* . . . . . 168
- CAP. XLVI. *Como o Almirante Balaõ, nem por rogos, nem por ameaços do Imperador Carlos Magno, quiz ser Christaõ: e como Floripes foi baptizada, e casou com Gui de Borgonha.* . . . . . 169
- CAP. XLVII. *Como Floripes deo as Santas Reliquias a Carlos Magno, e como por meio dellas fez Deos hum grande milagre diante de todo o Povo.* . . . . 174

L I V R O III.

- CAP. I. *Como o Apostolo Sant-Iago appareceo a Carlos Magno, e foi guiado de certas Estrellas até Galliza.* 177
- CAP. II. *Trata-se de hum grande Idolo, que foi achado em huma Cidade.* . . . . . 182
- CAP. III. *Como Carlos Magno mandou edificar a Igreja de Sant-Iago de Galliza.* . . . . . 183
- CAP. IV. *Como hum Rei da Turquia passou o mar com grande poder, e tomou certos lugares das Christãos, e Carlos Magno os tornou a ganhar.* . . . . 184
- CAP. V. *Como Aygolante tornou a ir com o exercito contra os Christãos, e mandou Embaixada a Carlos Magno, dizendo que lhe queria fallar, e como Carlos Magno lhe foi fallar em trajo de mensageiro.* . . . . 187
- CAP. VI. *Como Carlos Magno tomou a Cidade, onde estava Aygolante.* . . . . . 189

- CAP. VII.** Como Carlos Magno foi para França, e como voltou outra vez a dar batalha a Aygolante. . . 191
- CAP. VIII.** Das tregoa de Carlos Magno, e Aygolante. . . . . 193
- CAP. IX.** Da morte delRei Aygolante, e da sua gente: como morrerãõ muitos Christãos por cobiça de levar as riquezas dos Turcos, e de hum grande milagre, que Deos mostrou aos Christãos. . . . . 193
- CAP. X.** Trata-se de Ferragius, maravilhoso Gigante, que levava os Cavalleiros debaixo do braço, e como Roldão teve batalha com elle, e o matou. . . . 195
- CAP. XI.** Como Roldão, e Ferragius batalhãõ a pé, e como disputãõ da Santa Fé, e de que modo foi Ferragius morto . . . . . 199
- CAP. XII.** Como Carlos Magno teve batalha com os Reis de Cordova, e Sevilha. . . . . 201

## L I V R O IV.

- CAP. I.** Como o Arcebispo Turpim consagrou a Igreja de Sant-Iago de Galliza. . . . . 203
- CAP. II.** Como Galalaõ foi mandado com Embaixada aos Reis Turcos Marsirio, e Belando, que estavaõ na Cidade de Saragoça, e como na Embaixada foi traidor, e propõz vender a seus companheiros. . . . . 204
- CAP. III.** Da morte dos doze Panos, e delRei Marsirio, e como Roldão foi ferido com quatro lançadas. . . 206
- CAP. IV.** Da morte de Roldão. . . . . 208
- CAP. V.** De huma Visão que vio o Arcebispo Turpim na morte de Roldão, e do sentimento de Carlos Magno. 212
- CAP. VI.** Como Oliveiros foi achado esfolado, e da morte dos Turcos, e de Galalaõ. . . . . 214
- CAP. VII.** Como Carlos Magno voltou para França, e das grandes esmolas, que fez pelas almas dos Christãos, que morrerãõ pela Fé de Jesu Christo. . 215
- CAP. VIII.** Como Carlos Magno partiu de França para Allemanha. . . . . 216

CAP. IX. Como Carlos Magno chegou a Aquisgram de  
*Allemanha, e nella morreo.* . . . . . 217

LIVRO V.

CAP. I. Trata do nascimento de Roldaõ. . . . . 218

CAP. II. Como Milaõ se vestio em trajo de mulher pa-  
*ra ir fallar a Berta.* . . . . . 219

CAP. III. Da concepção de Roldaõ, e como Berta foi  
*presa.* . . . . . 220

CAP. IV. Como Milaõ tirou Berta da Torre, e fugio  
*com ella.* . . . . . 222

CAP. V. Do Nascimento de Roldaõ, e da derivação do  
*seu nome.* . . . . . 225

CAP. VI. Como Milaõ foi arrebatado da corrente do hum  
*rio, levando ás costas Berta, e esta ficou parada no  
 meio do dito rio, e seu filho Rodando ficou desampa-  
 rado, e só na margem.* . . . . . 229

CAP. VII. Como Rodando foi á Cidade de Sena pedir es-  
*mola para seu sustento, e de sua Mãi Berta.* . . . . 232

CAP. VIII. Da crúel batalha, que Rodando, ou Roldaõ,  
*deu a Oldrado nos campos de Sena.* . . . . . 234

CAP. IX. Como Carlos Magno, vindo coroado pdr Im-  
*perador de Roma, se aposentou na Cidade de Sena,  
 e do que aconteceu com Rodando, e Berta.* . . . . 239

CAP. X. Como Roldaõ foi armado Cavalleiro por seu tio  
*Carlos Magno.* . . . . . 242



SEGUNDA PARTE  
DA  
HISTÓRIA DO IMPERADOR  
CARLOS MAGNO,  
E DOS DOZE  
PARES DE FRANÇA,

NOVAMENTE DADA A' LUZ,  
E FIELMENTE TIRADA DAS CHRONICAS FRANCEZAS  
DAQUELLE TEMPO,

COM A NOTICIA DE FEITOS FAMOSOS, TANTO PELOS  
PARES, COMO POR OUTROS CAVALLEIROS,

E OFFERECIDA  
AO SENHOR MANOEL CORREA VASQUES,  
FIDALGO DA CASA DE SUA Magestade,

ALCAIDE-MÓR DA CIDADE DE S. SEBASTIAÕ DO RIO  
DE JANEIRO,

E NELLA JUIZ E OUVIDOR DA ALFANDEGA.

DIVIDIDA EM QUATRO LIVROS.



## P R O E M I O.

**A** vida do Imperador Carlos Magno, que na Parte primeira se divulgou com tanto applauso de todas as Nações, especialmente da Hespanhola, e Portugueza, e que com incessante trabalho foi tirada das Chronicas Francezas, que se achárao daquelle tempo, se vê agora que corria muito diminuta, e que sómente huma parte das acções daquelle Principe, e dos seus Cavalheiros he que anda impressa; o que se observou em outros Authores dos que tambem escrevêrao naquelle tempo.

E na verdade sendo os Pares de França, e o seu Imperador os homens mais afamados em feitos de armas, que houve no mundo, bem se vê que as acções, que na Parte primeira andao escritas, ainda que mui famosas, naõ são tantas, que possão desempenhar este grande nome.

Eu, que bem adverti esta verdade quando dei á luz a Parte primeira, trabalhei com incansavel trabalho por descobrir o que mais havia nesta materia, e achei depois de todo este tempo o que queria, vendo quanto sem culpa minha andava diminuida esta verdadeira, e famosissima Historia, e assim para utilidade dos curiosos me resolvi a dar esta Parte segunda ao prelo, para que assim fique menos diminuta.

E para se entender bem todo o fio da Historia, se ha de advertir que no quarto Livro da Parte primeira se faz no primeiro Capitulo menção de como o Arcebispo Turpim consagrou a Igreja de Sant-Iago de Galliza: e logo se passa no segundo, e terceiro Capitulo a contar a traição de Galalão na embaixada de Saragoça, e logo na morte dos doze Pares de França:

E assim fica claro, que não se falla nas muitas guerras, que o Imperador teve depois da consagração de Sant-Iago, e antes da dita embaixada de Saragoça; porque he certo que neste meio tempo, depois de consagrado Sant-Iago, vendo-se Carlos Magno sem guerras, partio para França, e depois teve crueis guerras com hum Rei de Cordova em ajuda de outro de Toledo; e em ajuda do Pontifice teve outras com o Soldão do Egypto; e outras muitas façanhas, de que trata a Parte segunda, que agora escrevemos, como tambem do casamento de Carlos Magno, e Roldaõ, com outras cousas dignas de eterna memoria.

O que supposto, se ha de advertir bem que a Historia desta Parte segunda começa nos successos, que houve depois da consagração de Sant-Iago, pegando no primeiro Capitulo do quarto Livro, e assentando, que tudo o que na Parte primeira se refere desde o segundo Capitulo do Livro quarto por diante foi succedido depois de passarem os feitos, que são assumpto desta Parte segunda, a qual se divide em quatro Livros.

No primeiro Livro se trata das festas de Paris, da guerra civil dos Pares, e Cavalheiros da Corte; e de como o Imperador voltou com o exercito a Hespanha em ajuda de Galafre, e batalhou com Abderraman, e o venceu. Trata-se da barca de Põntable, e da cova Tristefea, aonde entrou Roldaõ para livrar Angelica por arte de Ricarte de Normandia.

No segundo Livro se trata, de como Oliveiros veio livrar Roldaõ da cova: dos trabalhos, que nella passou Roldaõ, e Angelica até esta ser presa. Conta se a notavel mina por onde foi livre: e das batalhas, que deo Abderraman a Tristefea: e finalmente, como vindo Carlos Magno com o seu exercito, foi Abderraman vencido, e fugio para Ethiopia.

No terceiro Livro se trata da conquista de Cordova, feita por Carlos Magno, e da morte de Frede-



P R O E M I O.

gundes, e da horrivel batalha, que houveraõ os Cavalheiros com as suas serpentes. Trata-se do Gigante Barrocás, e Parrafús; e da traiçaõ, que Bradamante, e Brutamente queriaõ fazer contra Toledo; e de como os Cayalleiros a evitaõ.

No quarto Livro se trata das guerras de Aliadus por mar, e terra; da Ilha Cofornia, e sua gente barbara; das lavaredas do Etna, e da ajuda, que Carlos Magno deo a Astolfo de Inglaterra contra Olao de Dinamarca, e de como Abderraman tornou a Hespanha, e foi vencido, e morto: e finalmente do casamento de Roldaõ, e Carlos Magno com prazer de todo o mundo.



# LIVRO PRIMEIRO.

## CAPITULO I.

*Como o Imperador Carlos Magno, vencidos os Reis de Cordova, e Sevilha, e consagrada a Igreja de Sant-Iago, veio para Paris.*

Depois que o Imperador Carlos Magno venceu aos Reis de Cordova, e Sevilha, e por este modo deixou debaixo da Religiaõ Catholica toda a Hespanha, como dissemos no fim do terceiro Livro da Parte primeira, determinou passar a Allemanha a cuidar nos negocios do Imperio: mas antes que partisse, foi com o Arcebispo Turpim visitar a Igreja de Sant-Iago de Galliza, e visitou muitos Mosteiros, fez muitas Constituições, e outras cousas tocantes ao bem da Religiaõ: e depois que o Arcebispo Turpim acompanhado de nove Bispos (como dissemos no principio do quarto Livro) consagrou a Igreja de Sant-Iago, vendo o Imperador que já tudo estava feito, pôz em execução a sua jornada.

Chegado a Allemanha, andou por ella dous annos dando Leis por todas as terras do Imperio, pertencentes ao bom governo; e no fim, tendo já muitos desejos de ir ver a sua Patria França, de que havia tantos tempos andava ausente; se despedio dos Senhores de Allemanha, e partio para Paris acompanhado dos seus Paes de França, com os quaes sempre caminhava; e os que entaõ o acompanháraõ, eraõ os seguintes;

Roldaõ, Conde de Cenobia, filho de Berta, irmã de Carlos Magno, e do Duque Milaõ, como consta do quinto Livro da Parte primeira; Oliveiros, filho do Duque Regner de Hens; Guarim, Duque de

6 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
Lorena; Gui de Borgonha; Ricarte, Duque de Normandia; Tietri, Duque de Dardania; Lamberto, Principe de Bruxellas; Urgel de Danóa, Rei de Daria; Guadeboa, Rei de Frisia; Hoel, Conde de Nantes; Nemé, Duque de Baviera; Jofre, Senhor de Bordeos; Bosim de Genova; e Galalaõ, que no fim foi o traidor.

Acompañado de taõ excellentes Principes, e valerosos Cavalheiros, entrou o Nobre Carlos Magno triunfante na Côte de Paris, aonde foi recebido de todos os Cavalheiros, Cortezãos, e de todo o Povo, com aquelle amor, e gosto, que seu bom governo, e assigualadas victorias tinhaõ bem merecido. Assim passou muitos annos em Paris com todos os seus Cavalheiros, excepto Gui de Borgonha, o qual se tornou para o seu Reino com a sua esposa Floripes, ainda que passados alguns annos, tornou para Paris com toda a sua casa, dizendo, que mais queria ser vassallo de Carlos Magno em Paris, do que ser Rei nas terras, que tinha: e era tal a bondade do Imperador, que todos diziaõ o mesmo, deixando os seus Reinos, e vindo a servi-lo.

## C A P I T U L O II.

*Das festas, que fizeram os Pares em Paris por obsequia á chegada de Floripes.*

Chegado Gui de Borgonha á Côte de Paris com sua esposa a formosissima Floripes, foi grande o gosto, que Carlos Magno, e os Cavalheiros tiveraõ disso, e assim mesmo quiz o Imperador fazer-lhe hum obsequio grande, e mostrar-lhe a magnificencia da sua Côte, para o que mandou publicar por todo o Reino humas Justas, que queria se fizessem na sua Côte.

Correo a noticia por toda a Europa, e como a Côte de Paris era a melhor do mundo, todos os Cavalheiros de fóra vieraõ ao chamado das festas; tan-

to por ver as bizarras dellas, como por conhecer os Pares, de quem tão grandes façanhas tinhaõ ouvido; outros, confiados mais nas suas obras, vinhaõ tambem provar com elles as suas valentias; e a Côrte de Paris começou a encher-se de Principes, e de excellentes luzimentos: porque todos os Estrangeiros á porfia, vinhaõ riquissimos de joias, bordados, e pedrarias, como quem vinha apparecer na maior função, que entaõ havia no mundo.

Nãõ era meos o lustre dos Cavalheiros Francezes, ainda que com differença, porque os Pares todo o seu cuidado era em procurar fortes escudos, e finas armas: e os Cavalheiros Cortezãos, tudo era empenhar-se em magnificas librés, e soberbas plumas; de sorte, que huns escarneciaõ dos outros: os Pares dos Cortezãos dizendo, que como Damas, só cuidavaõ nos enfeites: os Cortezãos dos Pares dizendo, que só cuidavaõ em armas, como se fossem fêras, ou estivessem para brigar com inimigos na campanha, e naõ com amigos em huma praça; e daqui começou a haver entre elles muita emulação, e desconfiança, que ao depois fez o mais, que diremos adiante.

Entre todos os Cavalheiros, só Roldaõ naõ cuidava em preparos, e quando lhe diziaõ os outros o fizesse, respondia que estava muito doente, e debilitado de forças, e que por essa causa naõ podia entrar nas festas; e hum dia, que Ricarte de Normandia, estando só com elle, o apertou muito para que entrasse, Roldaõ, dando hum profundo suspiro do intimo do seu peito, lhe disse:

— Senhor Ricarte: em fé da grande amizade, que entre todos os Paladines tenho contigo, me resolvo a declarar-te hum segredo, que conservo no meu coração, e que he a causa de eu naõ entrar nas festas, que se fazem a Floripes: e vem a ser, que haverá hum mez entrou no meu palacio hum Turco com va-

rias preciosidades a vender, e entre ellas vinha o retrato de huma Dama, tão formosa, quanto só á vista podereis bem conhecer. Perguntei-lhe de quem era, e me respondeu que era de Angelica, filha de Abderaman de Cordova, e neta daquelle velho Rei, a quem vencemos ha tantos annos.

Comprei-lhe o retrato, e pondo-o na minha camara, onde todos os instantes o via, se me foi accendendo hum tal amor á Princeza, que representa, que passando a loucura esta vontade, estou dias, e noites pasmado a olhar para a pintura; e desesperado de que seja filha de hum infiel huma belleza tão rara, e por esta causa estejá impossibilitada para ser minha, me vejo como doudo, sem gosto, sem descanso, e sem alegria; e ao menos que não faça por ella alguma grande fineza, que possa chegar sómente á sua noticia, não serei alliviado desta pena. —

Respondeo-lhe Ricarte: — Senhor Roldão: muito te agradeço a confiança, que de mim fazes para me declarares o teu peito: mas a minha amizade, tomando motivo dessa mesma confiança, te adverte que não queiras deslustrar os triunfos do teu braço com hum affecto tão afeminado, que mais he para os Cortezãos, que para os Soldados; e assim diverte essa paixão, tão indigna do teu esforço, e não pegues a estas festas o credito de as ajudares com os teus valerosos feitos. —

Roldão ficou muito corrido desta resposta de Ricarte, mas respondeo-lhe: — Eu, Senhor Ricarte, quando te dei conta do meu amor, foi para que me ajudasses a sentir como amigo, e não para que me dissuadisses delle como conselheiro; que eu sei muito bem em que consiste o verdadeiro esforço; mas eu te-rei accordo de callar as minhas paixões comigo, para me não ver censurado. — Ricarte o satisfez muito, e promettendo-lhe o segredo, se despedirão.

Entre tanto se faziaõ todos os preparos para as festas, e chegouõ o dia, se deo principio logo pela manhã com muitos ternos de timbales, e clarins, que depois de correrem as ruas da Côrte, se foraõ para o terreiro, onde haviaõ ser as justas, o qual estava rodeado de camarotes, tendo na frontaria o palacio Real, em cuja janella toda entalhada de ouro, estava Carlos Magno com Floripes á sua maõ direita, taõ bizarra, e formosa, que bem tinhaõ os olhos de todos que se divertir em vê-la. Por todas as mais janellas, e camarotes era tanta a bizzarria de Damas, e Cavalheiros, que ainda até entãõ se naõ tinha visto cousa taõ nobre no mundo.

### CAPITULO III

*Como se fixeraõ as Justas, e de dous Cavalheiros, que entrãõ na praça desconhecidos, e da que disseraõ.*

Começãõ a entrar os Cavalheiros na praça, vestidos de preciosissimos vestidos, montados em soberbissimos cavallos, e rodeados de innumeraveis criados riquissimamente fardados. Tomãõ os seus postos, e fazendo, por ordem dos padrinhos, signal para investirem os instrumentos, se accommettẽãõ huns a outros taõ airosos, fazendo sortes taõ bizzarras, que os que viaõ se davaõ bem por contentes do que elles obraãõ.

Ricarte de Normandia investio taõ furioso, que mettendo a ponta da lança pela testa do cavallo contrario, lha passou até tocar a ponta no peito do Cavalheiro. Urgel de Danõa pôz a ponta da lança nos peitos do seu competidor com taõ violenta carreira, que naõ lhe passando as armas, por serem finissimas, o fez recuar com o mesmo impeto, que levava, até marrar cavallo, e Cavalheiro com as ancas, e costas na trincheira contraria. Lamberto de Bruxellas, quebrando-se-lhe a lança no escudo do seu competidor,

Ihe deo com a haste, que lhe ficára na mão, tal pancada no hombro direito, que as armas de toda aquella parte, e mais seu dono vierão a terra.

Gui de Borgonha luzia como quem estava á vista de sua esposa. Oliveiros, Guarim, e todos os mais se haviaõ como costumavaõ; e sendo muito grande o valor, e desembaraço dos Cortezãos, e Estrangeiros, os Pares levavaõ vantagem a todos com tanta admiração dos Estrangeiros, como inveja dos Cortezãos, os quaes naõ só os que combatiãõ, mas todos os outros se hiaõ ajuntado em corrilho, e já causava reparo este ajuntamento.

Neste tempo entrou pela porta esquerda da praça hum Cavalheiro de huma estatura quasi de Gigante, vestido de armas pretas, e no escudo pintado hum comprido acipreste com a raiz para baixo do mesmo comprimento, que a arvore tinha para cima, e esta letra:

*Se o corpo cresceo agigantado,  
As raizes do affecto, que se occulta,  
São do mesmo tamanho da estatura.*

Vinha montado em hum cavallo baio, com cabos pretos, formoso no feitio, grande no corpo, e taõ feroz no aspectõ, que verdadeiramente deitava fogo pelos olhos, e fumegava pelas ventas, que parecia huma bravissima serpenté. Chegou ao meio da praça, e firmando-se com bizarro continente sobre a sella, disse estas palavras em voz, que todos puderãõ hem ouvir:

— O' vós outros, que divertidos, e alegres estais festejando os vossos triunfos, sem terdes a quem dedicar os vossos festejos, ou pondo todos vossos festejos, no sentido nas bizzarras das armas, ou naõ tendo formosuras, a quem dedicar as vossas bizzarras: sabej, que como amigo venho assistir aos vossos festejos; mas com condiçãõ, que pois nenhum de vós



tem Deidade, que defenda, haveis de confessar todos que só merece tudo Galiana; e quem assim o não fizer, prepare a sua vida para ser sacrificio á formosura de Galiana. —

Ao tempo que hia acabando a prática, entrou pela porta direita da praça outro Cavalheiro armado de armas amarellas, de estatura proporcionada, e talhe tão airoso, que a todos levava os olhos: vinha montado em hum cavallo murzello com arreios de ouro, e pedraria, e o Cavalheiro trazia no escudo hum Girasol inclinado para huma Angelica, com esta letra:

*Nem por olhar para ti  
Deixo de ser Girasol.*

Parou defronte do outro ao tempo, que elle acanhava a prática, e firmando-se na sella, lhe respondeo assim:

— Se cuidas, barbaro Gigante, que com o exercicio da guerra temos esquecido as galantarias de amor, enganaste, porque te saberei mostrar que tambem entre os fortes ha amantes: e para que o vejas como talvez não quizeras, saberás, que a Dama, a quem se devem os trofeos destas justas, e a quem a tua Galiana ha de ceder a victoria, he a sem par Angelica: e assim confessa logo esta por mais digna, se não queres perder a vida nos fios da minha ardente espada. —

#### CAPITULO IV.

*Como os dous Cavalheiros se investirão, e batalhãrão, e da discordia que entre os Pares, e os Principes Cortezãos houve por este motivo.*

Apenas acabou de fallar o Cavalheiro, quando o da agigantada estatura metteo as esporas ao cavallo, abraçou o escudo, calou a viseira, e enristrada a lança, partio a investi-lo; pôz elle tambem a lança em ristre, e acommettendo-se ambos a todo o galo-

pe dos cavallos, pareciaõ dous raios, ou ao menos duas settas, que furiosamente se disputavaõ; quebráraõ-se as lanças nos fortissimos escudos, e os pedaços voáraõ até se perderem de vista, e foraõ cahir onde se não acháraõ.

Metteo maõ o Cavalheiro de Angelica a huma rica espada, o de Galiana a hum cortador alfange, e se começáraõ a dar desapiedados golpes: o da espada descarregou sobre o contrario huma cutilada, e lhe lançou em terra todo o escudo; acudio com outra sobre o hombro esquerdo, levou-lhe todas as armas daquela parte: deo-lhe terceira sobre o elmo, e fez-lhe marcar com a testa no pescoço do cavallo. Vendo-se o Cavalheiro de Galiana tratar desta maneira, estando já sem escudo, pegou com ambas as mãos no alfange, e descarregou ao través do elmo taõ desmedido golpe no contrario, que o deixou atordoado, e abraçado para não cahir com o pescoço do cavallo: deo-lhe segundo sobre as costas, e fez pôr ao cavallo os joelhos em terra. Tornou a si o Cavalheiro de Angelica, e daqui começáraõ de novo a ferir-se por espaço de duas horas sem se conhecer vantagem de nenhuma das partes, com pasmo de todos os que viaõ taõ desusada batalha.

Vendo o Cavalheiro Gigante que não podia á força de armas levar a melhor do seu inimigo, fiando-se nas suas desmedidas forças, e corpulencia, largou o alfange, e assim mesmo a cavallo se abraçou com elle: fez o da espada o mesmo, e começáraõ a empurrar-se assim hum a outro de tal sorte, que os cavallos se attenuavaõ com a força, que os Cavalheiros faziaõ, e depois de lutar assim muito tempo, o Cavalheiro de Angelica, pondo todo o ultimo de suas forças, fez bater o outro no chaõ com cavallo, e tudo: mas como estava abraçado com elle, veio sobre elle também a terra.

Com a violencia das quedas se desapertáraõ a ambos as viseiras; e conhecendo-se, que o de cima era Roldaõ, o de baixo começou e gritar, que lhe acudissem, porque era hum Embaixador, que trazia para Carlos Magno huma embaixada da ultima importancia; Roldaõ, por querer occulto defender a sua Angelica, se tinha fingido doente, e vendo aquelle Cavalheiro na praça por acaso, batalhou com elle; o Cavalheiro logo se dirá porque veio alli.

Estando desta sorte os dous Cavalheiros, entráraõ os Pares por parte de Roldaõ a castigar o atrevimento do outro; os Cavalheiros da Cõrte achando aquítaõ boa occasiaõ para satisfazerem a sua inveja, começaram a defender o Estrangeiro, dizendo, que como a Embaixador se lhe devia guardar a immunidadade; diziaõ os Pares, que elle fõra o primeiro que asi mesmo a tinha quebrantado; mas os Principes da Cõrte sem esperar mais tempo, mettéraõ maõ ás espadas, e começáraõ a batalhar com os Paladines: estes, que dos seus golpes faziaõ bem pouco caso, se defendiaõ, e os offendiaõ por modo, que em menos de meia hora não havia no campo quem lhes resistisse, ficando mortos oitenta, e fugindo os outros, sem embargo dos Pares serem só quatorze, e os Principes mais de trezentos.

Desceo o Imperador da sua janella, e o seu respeito impedio que os Pares seguissem os outros, e ainda que conheceo que estes foraõ os que tinhaõ provocado, quiz para exemplo castigar os Pares, e os mandou presos para huma torre. Tinha ficado no campo o Cavalheiro de Galiana, o qual, ainda que mal ferido, deitando-se aos pés do Imperador, lhe pediu licença para lhe fallar, e o Imperador lha deo.

## CAPITULO V.

*Como o Cavalheiro de Galiana deo a sua Embaixada, e entregou ao Imperador luma carta do seu Rei de Toledo; e do que o Imperador lhe disse.*

Fallou o Cavalheiro de Galiana desta maneira: — Senhor: eu sou Bradamante, vassallo de Galafre, Rei de Toledo: depois que tu te ausentaste de Hespanha, deixando vencido ElRei de Cordova, este morreo de paixão, e hum filho seu muito valente, chamado Abderraman, entrou a governar, e fazendo muitas guerras, tem conquistado muitas Provincias, e fazendo-se senhor de muitas forças, vem agora contra o meu Rei Galafre, o qual confiando só da tua protecção a sua defensa, te pede que o ajudes contra o filho daquelle, a quem já venceste; e isto o verás melhor nesta carta. — Recebeo o Imperador a carta, a qual dizia assim:

*Carta de Galafre para Carlos Magno.*

*Altissimo Senhor Imperador. Eu Galafre, Rei de Toledo, vos envio muito saudar, como aquelle, a quem muito estimo. Senhor: faço-vos saber, como meu primo ElRei de Cordova quer vingar em mim as injúrias, que vós fizestes a seu Pai; Elle tem-se feito em armas o mais poderoso de quantos seguem a Mafomia, porque sempre tem tido em seu favor a fortuna; eu só no vosso favor fio o meu amparo; espero naõ negueis o patrocínio a quem vos busca necessitado: Bradamante, meu Embaixador, vos informará de tudo, e eu espero que na brevidade tenha da vossa mão o que pretendo.*

Tanto que o Imperador leo a carta, disse para Bradamante: — Pois como, sendo tu Embaixador, vies-te deste modo ás justas? — Bradamente lhe respondeo; — Senhor, eu tive no caminho noticia de que fazias estas festas, e como na minha terra he estilo nestas occasiões defender cada hum a Dama, que ser-

ve, quiz eu encoberto defender a minha; e assim, Senhor, se isto me serve de desculpa, dá-me o perdão, e se quizeres castigar-me, aqui estou, faze de mim o que quizeres. —

Respondeo-lhe o Imperador: — Muita clemencia he necessaria para perdoar hum insulto tão grande, mas valha-te a Lei de Embaixador, para que nesta occasião não vingue em ti as mortes de todos os Príncipes, de que tens sido causa. Mas para que tenhas sempre algum castigo, vai-te logo embora da minha Côrte, e dize ao teu Rei, que eu irei ajuda-lo. — Beijou Bradamante a mão ao Imperador, e lhe disse — Senhor, a todas as mercês, que me tens feito, peço da parte do meu Rei, que ajuntes a de perdoares aos Pares; porque bem sabes, que na guerra são os principaes, e a quem se devem todas as victorias. — O Imperador lhe respondeo; — Eu lhes perdoarei, não porque mo pedes tu, mas porque as suas pessoas são necessarias a toda a Christandade. —

Foi-se Bradamante; e o Imperador informando-se de toda a causa da discordia, que houve, achou que os Pares não tinham culpa, e lhes perdoou: e querendo castigar os Cavalheiros da Côrte, achou que nas mortes dos seus parentes, que os Pares tinham feito, ficavam bem castigados; e como o negocio era de huma parte com os Paladines, e da outra com toda a Côrte, achou por melhor o Imperador não fazer demonstração nenhuma, principalmente agora que necessitava de soccorro para a nova guerra, que intentava.

E para dar a saber aos Pares o que tinha prometido ao Embaixador de Galafre, lhes disse a todos juntos: — Sabereis, que he vontade de Deos que tornemos ás armas pela sua fé; e bem mostrou a sua Divina Magestade o muito que se scandaliza de que na paz percamos o tempo, que na guerra podiamos aprovei-

tar em seu serviço , pois tão desgostoso fim teve o festejo , que fizemos. Eu prometti a Galafre de Toledo ajuda-lo contra Abderraman de Cordova ; e assim com toda a força se trate logo de fazer gente , para que sem demora executemos a empreza. — Aceitárao todos com grande vontade o que o Imperador lhes ordenava, como homens, que de peleijar faziao a sua vida. Mas Oliveiros disse : — Senhor, parece-me que para o Rei de Cordova naõ he necessario tanto esforço, pois vês a facilidade, com que nas guerras passadas lhe tirámos a Corõa. —

Carlos Magno lhe respondeo : — O Rei, que vencemos, era Pai deste, e morreo de paixão: ficou governando seu filho, que com o animo guerreiro, que tem, naõ se conhece hoje homem mais valente em toda a Turquia, e assim muito mais nos he necessario para vence-lo, do que tu imaginas. — Callou-se Oliveiros, e logo se começou a levantar gente em toda a França, e Allemanha, e em breve tempo ajuntou hum exercito de trinta mil homens de boas tropas, resolutos, e valentes.

## C A P I T U L O VI.

*Como os Cavalheiros da Côrte puzeraõ fogo ao quarto dos Pares, e estes quasi milagrosamente se livraraõ do incendio.*

Estavaõ os Cavalheiros da Côrte tão irados contra os Paladines, tanto pela sua inveja antiga, como pelas mortes, que tinhaõ feito nos seus parentes, e affronta, em que a todos elles tinhaõ posto, que nenhuma cousa mais podiaõ desejar, que ver-se vingados delles: e como para o fazerem corpo a corpo, tinhaõ respeito ás suas espadas, tudo era buscar modos, com que á traiçaõ, e em segredo os matassem; e depois de muito tempo andarem com este designio, vieraõ a ter a occasiaõ melhor, que podiaõ desejar.

Foi o caso, que o Imperador, tanto que teve junta a gente para a guerra, chamou os Pares á sua camara, e lhes disse o dia da partida; e tanto que chegou a vespera deste, os convidou a cear no seu palacio, e lhes deo nelle hum quarto, onde dormissem todos juntos: o que fizeram.

Os Cavalheiros da Corte, que sempre andavaõ com o olho na sua vingança, como viraõ que esta noite era a ultima, que para ella lhes restava; porque no dia seguinte hiaõ os Pares para a guerra, fizeram seu conselho, e assentáraõ lançar o fogo ao quarto aonde os Pares dormiaõ, visto que por estarem todos juntos era occasiaõ taõ boa: e pondo por obra o que tinhaõ imaginado, ajuntáraõ bastante pez, alcatraõ, e enxofre, e tanto que foi huma hora depois da meia noite, foraõ por quatro partes differentes, e sem reparar no damno, que podia vir ao Paço todo, puzeraõ o fogo ao quarto, e para disfarçar, e conseguir o seu intento, foraõ fazer o mesmo em outras partes da Cidade.

Começou o fogo a subir pelas janellas dos Pares, e pegando-se no tecto, em muito breve tempo estava o quarto todo, que parecia huma fogueira: os Pares, que dormiaõ bem descuidados de semelhante accidente, acordáraõ suffocados do calor, e fumo, e se viaõ em ancias de morte, sem poderem respirar. Mettêraõ-se na ultima casa, a que não tinha chegado o fogo, mas pouco lhes durou este allivio, porque logo as chammas foraõ entrando, e os Pares encomendando-se á Deos, vendo-se sem remedio humano, esperavaõ a morte por momentos.

O incendio, como era taõ arrebatado, logo foi sentido, e sabendo-se que era no Paço, acudiraõ todos: e o mesmo Imperador, tanto que soube era o quarto dos Pares o que ardia, veio assistir logo: subiraõ varios homens aos telhados a todo o risco, e

forão derrubando o tecto das casas, aonde os Pares estavaõ, e cahindo-lhes em cima telhas, traves, e calça, os maltratáraõ muito; mas este accidente, que parecia contrario foi todo o seu remedio.

Porque os homens, que tinhaõ subido, forão-se desanimados, e Roldaõ, levado de hum espirito, pegou em huma trave das que tinhaõ cahido, e disse para Orgel de Danõa: — Isto não tem remedio, Se nós haveinos morrer como ratos na ratoeira, mais virtude he morremos na diligencia de salvar a vida, ainda que a não consigamos. Atemos estas traves de ponta em ponta, como melhor pudermos, e subindo todos por ellas acima até os telhados, de lá as tomaremos em hombros, e lançando huma ponta á rua, nos guindaremos por ella abaixo. —

Respondeo Urgel: — Senhor Roldaõ, o feito he muito arriscado, porque nos he preciso caminhar por entre chammas; mas se não ha outro remedio, melhor he morrer de atrevidos, que de cobardes, e temerosos. — Os mais Cavalheiros se resolvéraõ ao mesmo, e ataraõ sete traves, de ponta em ponta, que ficou em hum comprimento, que bastava, e encostando-a ao telhado, subiraõ por ella acima; de lá a puxáraõ para cima, e a leváraõ em hombros pelo telhado adiante, até huma parte donde a puzeraõ do telhado á rua: tudo isto com indizivel trabalho, porque o fogo, o fumo, e os telhados, que hiaõ cahindo, os fazião estar no ultimo perigo.

Faltava o mais, que era guindarem-se pela trave abaixo, porque a parede estava cheia de fogo, e a mesma trave além de estar cheia de prégos quebrados, estava já tão quente, que apenas se lhe punhaõ as mãos, mal se podia supportar. Os homens, que debaixo estavaõ vendo o fogo, pasmavaõ-se de que aquelles Cavalheiros andassem tão intrepidos por cima do mesmo fogo; e o Imperador conhecendo que eraõ



os seus Pares, e vendo o perigo, de que os não podia livrar, começou a fazer muitos sentimentos, e disse para o Ceo: — Todo-Poderoso Deos; já que estes vossos Cavalheiros estão para ir brigar com vossos inimigos, não permittais que aqui morraõ queimados, fazei antes, Senhor, que morraõ em vosso serviço. —

A este tempo já Roldaõ se hia guidando pela trave abaixo por entre as lavaredas, e logo atraz delle os outros Pares; e pegando-se á trave, se lhe queimavaõ as mãos, outras vezes escorregando, se lhe rasgavaõ nos muitos prégos, que as traves tinhaõ; mas em fim chegáraõ abaixo mais mortos que vivos, com tanto gosto, como admiração de todos: o Imperador dando graças a Deos pelos ver livres, os mandou curar: apagou-se o fogo sem fazer muito mais damno, e os outros fogos das mais partes também se tinhaõ apagado, e ainda que se murmurava serem os Príncipes a causa de tudo, ninguem se atreveo a publicá-lo.

## C A P I T U L O VII.

*Como Carlos Magno partio com os Pares para Hespanha.*

Estiveraõ os Cavalheiros curando-se, e convalescendo, e como estiveraõ bem sãos, deo o Imperador principio a sua jornada, e pondo o exercito em marcha, o dividio em tres corpos, cada hum de dez mil homens, e em huma segunda feira depois de ter ouvido Missa, e todos os Cavalheiros, deixando o governo da Corte á formosa Floripes, marchou com os seus Cavalheiros para Hespanha.

Hiaõ todos taõ bizarros, e contentes, que bem se lhes conhecia o gosto, com que hiaõ para a guerra, e entre todos hia Roldaõ o mais contente, porque chegava o tempo de estar mais perto da sua Angelica, a quem tanto queria: e disse-lhe Ricarte de Normandia: — Senhor Roldaõ: dá-me licença para te dar os

parabens de iras para a terra da tua Dama, que ainda que seja como inimigo seu, sempre he melhor estar como inimigo da perto, que de longe como desconhecido. — Disse-lhe Roldão: — Senhor Ricarte, agradeço-te os parabens; ainda que quem me aconselhou largasse o meu amor, não se póde alegrar muito com as fortunas, que eu tenha nelle. —

Respondeo-lhe então Ricarte: — Sinto muito que tomes a mal o conselho, que te dei, Senhor Roldão; porque o fiz por ser amigo teu; e para que vejas não havia em mim segunda intenção, eu te dou fé, e palavra de te acompanhar em todos os casos do teu amor, até perder por ti a mesma vida, se for necessario; e isto te juro á fé de Cavalleiro. — Roldão lhe respondeo: — Já conheço, amigo Ricarte, o erro, em que cahi, julgando-te pouco leal; e para que vejas a minha emenda, eu te acceito a palavra, e te dou a minha, de que a ninguem mais que a ti hei de querer por companheiro nos casos do meu amor; — e foraõ conversando nisto todo o caminho.

Neste tempo disse Lamberto de Bruxellas para o Imperador, de quem era muito estimado: — Senhor, com licença tua, parecia-me a mim que já que vamos batalhar com infieis, fossemos em proveito, e beneficio teu, e não em ajuda de outro Mouro, que he taõ Mouro, como aquelle, contra quem vamos; porque me parece he faltar á Lei ir brigar com Mouros por amor de Mouros, podendo ir por amor da Lei de Christo; e se o Rei de Cordova, contra quem vamos, he infiel, tambem he infiel o Rei de Toledo, a quem vamos ajudar. —

Respondeo-lhe o Imperador: — Lamberto, tu discorres muito imprudente, ainda que imaginas, que discorres Catholico. Nós sim vamos ajudar hum Mouro contra outro, mas vamos ajudar hum Mouro necessitado contra hum Barbaro orgulhoso; e a maior ra-

zão he; que se deixamos que Abderraman vença a Galafre, em breve se fará senhor de toda a Hespanha; e com o muito poder que tem lhe será facil conquistar França; invadir Italia, e ainda entrar por Allemanha, e assim he necessario que ajudemos o mais fraco, para que nos não vença o mais poderoso: del mais que Galafre he muito inclinado á nossa Lei, e pôde ser que, vendo-se obrigado de mim, se venha a fazer Christão. — Calou-se Lamberto, conhecendo a santa intenção do Imperador: e assim foraõ caminhando, e todo o exercito tres dias, sem lhes succeder cousa digna de contar-se.

### C A P I T U L O VIII.

*Como os Cavalleiros se adiuntáráõ ao exercito, e foraõ ter com a Barca de Pontable.*

Hiaõ todos os Pares muito desejosos de toparem com inimigos, para exercitarem as suas forças, que tinhaõ foigadas ha tantos annos, e Roldaõ hia de mais a mais muito desejoso de chegar á vista de Timorante, aonde elle sabia que estava a cova Tristefea, que era a prisaõ da sua Angelica: e como o exercito em razão da muita gente caminhava vagaroso, todos desejavaõ adiantar-se; e Roldaõ fallou ao Imperador, e lhe disse: — Senhor, bem vês como este exercito marcha devagar: e nós estamos já muito desejosos de chegar ás mãos com os Turcos, e assim te pedimõs licença para nos adiantarmos ao exercito, e ir reconhecendo as estradas, a ver se topamos inimigos. — Carlos Magno, estimando o valor, e resolução dos Pares, lhes concedeo a licença, que pedião, e elles foraõ-se adiantando; e o exercito continuou com as suas vagarosas marchas a jornada.

Apartados assim os Paladines do exercito, andáráõ huns poucos de dias sem encontrarem cruzã alguma, que se possa contar, até que em huina manhã,

pelas nove horas, entráramos em hum valle, não muito grande, rodeado por todas as partes de altissimos montes, povoados de aciprestes, cedros, e loureiros, que fazião aquella terra a mais triste, e temerosa do mundo. Cantavaõ por todos os ramos muitas aves tristes; e o valle era cortado pelo meio de hum rio com as aguas verdes, feas, e taõ arrebatadas, que se hiaõ despenhando de cancho em cancho a fugir dos olhos.

Ficáraõ os Cavalleiros confusos de ver taõ horrendo, e temeroso sitio, que parecia na verdade toda aquella campina huma antesala do inferno; e o que mais os pasmava era ver pelos troncos das arvores gravados em letras Turcas muitos nomes de homens Christãos, e alguns que conhecéraõ; foraõ caminhando, e a poucos passos lhos impedio o rio, que de parte a parte atravessava o campo, sahindo por entre os outeiros de huma parte, e recolhendo-se por huma quebra dos da outra.

Paráraõ confusos de ver, que nem o rio tinha barca, nem havia ponte, nem deixava vadear-se, pelo arrebatado da corrente. Nesta suspensãõ determinavaõ retroceder o caminho, e querendo antes descansar, se apeáraõ dos cavalloõs, que deitáraõ aq pastõ, e elles de baixo das muitas arvores, que havia, se entregáraõ ao somno.

Não teriaõ dormido meia hora, quando despertáraõ ao som de huma buzina horrênda, e de som taõ forte, que fazia éco por todos aquelles montes. Levantáraõ-se tomando as armas, e pondo os freios nos cavalloõs, sahiraõ dos arvoredos á margem do rio a ver quem era o que tocava com tanta força em sitio taõ deserto. Depressa se desenganáraõ do que era, porque pelo rio abaixo vinha com a buzina na maõ hum deforme Gigante, que montado em hum medonho cavallo marinho de formidavel aspecto, trazia preza de huma cadeia de ferro huma barca mui grande, e de hum extraordinario feitio.

O Gigante era da especie de hunos, que ha na Perintenia, e se chamaõ Tracalezes, os quaes tem hum corno na testa, e orelhas logo por cima das pestanas, e são taõ velozes, que parece que voaõ, quando correm. Vinha armado de ferro, e trazia cingido hum cortador alfange, e para a outra mão tinha hum archa de armas. Tinha sete covados de altura, e a sua proporção era mui bem formada: o cavallo marinho, em que montava, era de tamanho capaz para sustentar semelhante corpulencia, todo de cor negra; e tanto vivia, e caminhava pela terra, como se alimentava, e andava pela agua.

Tanto que os Cavalleiros tiveraõ bem percebido as circumstancias de tudo, assentáraõ logo que tinha chegado a occasião de combater que tanto desejavaõ, e puzeraõ-se em ala na margem do rio a ver o que determinava o Gigante.

## CAPITULO IX.

*Da Barca de Pontable, e do que passáraõ os Cavalleiros com o seu Gigante.*

Vinha o Gigante da fórmula que dissemos pelo rio abaixo, montado no cavallo marinho, tocando a buzina, e com a barca arrastando, e tanto que chegou a ver os Cavalleiros, parou em distancia que elles pudessem bem ouvir, e lhes disse: — Quem sois vós, ó pequenos Cavalleiros, que, ou muito ignorantes, ou demasiadamente atrevidos, ousastes chegar a estes Paizes? Logo me dizei quem sois, porque vos tenho de fazer alimento deste cavallo, e quero saber dos vossos nomes para os escrever nessas arvores como ahi estaõ os muitos, que tereis visto e que, como vós haveis de ser, foraõ tambem sustento deste monstro. —

Ouviraõ os Pares a soberba falla do Gigante, e por todos lhe respondeo Roldaõ: — Não te pareça, barbaro, que tememos os teus ameaços; e para que

melhor o entendes, saberás que somos os Pares de França, tão costumados a vencer arrogancias, como te terá dito a fama das acções, que temos feito: Agora dize-nos tu, que Paiz he este que pizamos? — Respondeo o Gigante: — Estas terras chamaõ-se os Paizes de Corbéle; este rio he o Lentéo famoso, e esta barca se chama a barca de Pontable, da qual eu sou arraes, e ao mesmo tempo Alcaide do Castello, que fica da outra parte do rio; e estou aqui com ordem de Abderraman para defender este passo a todos os Christãos, que aqui vierem, os quaes, tanto que chegaõ os come o meu cavallo, e os seus nomes se escrevem naquellas arvores. —

Estava Roldaõ já impaciente de tanta soberba, e disse para o Gigante; — Chega-nos essa barca para passarmos; porque senaõ saberemos tirar-te a vida, que os Pares de França naõ saõ como os mais, que aqui dizes que tens morto. — Respondeo o Gigante accezo em ira: — Se sois os Pares de França, que vencestes na batalha das Carantonhas o Pai de Abderraman, dizei-me qual de vós matou a meu primo Ferragús; que nelle quero começar a resposta, que vos deõ, — e dizendo isto levantou a archa de armas, e veio-se para a prais.

Roldaõ lhe respondeo: — Eu sou o que matei a Ferragús; e quem hei de fazer o mesmo a ti: — e cego de toda a sua colera, puxou pela sua espada Durindana, e a cavallo, como estava, se metteo ao rio a investir o Gigante. Levantou este a archa de armas, e a descarregou sobre Roldaõ com potente força: mas falseando o golpe, o descarregou na agua, e levantou tal espadana, que cobrio Roldaõ, e o seu cavallo, que naõ appareceo mais. Os Pares quizeraõ acudir-lhe, mas os cavallos espantados do Gigante, e cavallo marinho, fugiraõ desenfreados pelo campo; julgou o Gigante que os Pares fugiaõ de medo, e apouan-

do-se do cavallo marinho, atou a cadeia da barca a huma arvore, e correo atraz dos Cavalleiros, com tanta ligeireza, que os hia alcançando.

Topou primeiro a Urgel de Danõa, mas o cavallo em que hia, sentindo atraz de si o Gigante, lhe deo dous couces no meio dos peitos, que o estirou no chaõ, mas levantando-se encarou com o Duque Nemé, e o deitou por hum braço do cavallo abaixo; Lamberto de Bruxellas, e Hoel de Nantes, vendo o perigo do Duque, quizeraõ acudir-lhe, mas os cavallos tinhaõ cobrado tal medo, que não havia doima-los: apeáraõ-se, e se foraõ contra o Gigante, e mais Gui de Borgonha, e Tietri de Dardania, e todos cinco entráraõ com elle em huma cruelissima batalha.

Era o Gigante além de forçoso, taõ ligeiro, que nenhum golpe dos Pares se podia empregar nelle; andava por entre todos desembaraçadõ, e a serem os Pares outros, muito ha os tivera vencido; mas tambem elle não podia empregar golpe: porque o tempo lhe era pouco para se livrar dos que lhe davaõ, mas levantando a archa de armas contra Tietri, lhe acertou bem em cima do elmo, e o deixou por morto; deo outra nos peitos ao Duque, e lhe fez o mesmo. Vendo isto Lamberto, Hoel, e Guido, empenháraõ-se com o ultimo das suas forças; mas nada valia contra a ligeireza do Gigante.

A este tempo tinhaõ acudido á praia Oliveiros, Urgel, Ricarte, e Guarim, a ver se apparecia Roldaõ: e' depois de hum espaço grande, veio acima da agua hum vulto, que com ancias de morte nadava, e se bolia, e pegando-se á cadeia da barca cahio na praia; era Roldaõ, e os companheiros virando-lhe as pernas para cima, vomitou toda a agua, e tornou a si; e vendo o perigo de todos, e que o seu cavallo era morto, tomou o freio do cavallo marinho, e montando nelle correo contra o Gigante, que andava na batalha, como disseimos.

Já a este tempo estava tambem no chaõ Gui de Borgonha, e Hoel de Nantes; só Lamberto se defendia, mas tão cansado, que a não acudirém os outros, em breve lhe succederia o mesmo. Chegou Roldaõ no cavallo marinho, e começou a batalhar com o Gigante: deo-lhe huma cutilada na mão da archa, e lha decepou quasi toda: passou a archa á mão direita, e cõ ella descarregou o Gigante tal pancada, que a acertar em Roldaõ seria a ultima da sua vida, mas elle montado no cavallo marinho se livrou della com ligeireza, e tornou a ferir o Gigante sobre o hombro esquerdo, que lhe decepou quasi todo o braço.

Ferido assim o Gigante, deo tão forte grito, que os cavallos de todos os Cavalleiros começaram de novo a espantar-se, e a fugir desenfreados: e Roldaõ, que já estava assistido de outros, fiou só no cavallo marinho contra o Gigante; o qual com a grande dôr do braço ferio a Roldaõ ao travez do escudo, e lho deitou a terra, mas Roldaõ pondo o ultimo das suas forças, descarregou com a Durindana tal cutilada sobre o elmo do Gigante, que sahirão faiscas, e veio o Gigante a terra com tanta violencia, que parecia huma montanha que cahia. Quiz Roldaõ acaba-lo de matar, mas o Gigante lhe disse: — Cavalleiro, se queres a saude de todos os teus companheiros, que ahi vês estirados, dá-me a vida que eu os curarei. —

Rèspõdeo-lhe Roldaõ: — Como te atreves tu a dar-lhes a vida? — Disse-lhe o Gigante: — Tenho hum pouco de balsamo de Ferabraz, que elle me mandou ha annos; e com elle os hei de curar. — Disse-lhe Roldaõ: — Eu te dou a vida, para que os cures, mas se isso he traça para te escapares, olha que o não has de conseguir, porque ás minhas mãos has de morrer. — Tornou o Gigante: — Para que vejas que o meu trato he verdadeiro, vamos na barca para o meu Castello, que eu nelle não só os curarei, mas



vos contarei cousas, que haveis de mister saber: e adverti que sois os primeiros Christãos, que passais a barca de Pontable. —

## CAPITULO X.

*Como os Cavalleiros passárao a barca de Pontable, e curados os feridos combatêo o Castello.*

Levantouse o Gigante, como pôde, e os Pares, que estavam sãos, tomando em braços os feridos, forão para a barca, aonde se mettêrao todos; e o Gigante, ainda que tão mal ferido, montou no cavallo marinho, e mettendo-se tambem na barca, os cavallos dos Pares, a foi o Gigante guiando pelo Lenteo abaixo. Chegáoa a praia da outra parte, e desembarcados virão o soberbo Castello de Pontable, de que era Alcaide o Gigante.

Quiz este que elles entrassem no Castello para curar-se; mas os Cavalleiros, receando alguma traição, o não quizerão fazer, e lhe disserão que trouxesse fóra o balsamo. Disse o Gigante que melhor era irem para dentro; mas Roldão desconfiando dexte mesmo empenho do Gigante, lhe pôz a espada nos peitos, e lhe disse: — Barbaro, tu queres ser traidor, manda logo buscar aqui o teu balsamo, senão ás minhas mãos has de acabar. —

Ficou o Gigante atemorizado, e tocando a sua buzina, chegando ás amêas do Castello dous mil homens de peleija, e o Gigante lhes disse trouxessem a redoma do balsamo, que estava com guardas em huma torre do Castello. Trouxerao-na logo: mas o Gigante, como fazia tudo isto para mais enganar os Pares, disse a hum soldado que passasse palavra á guarnição, para que em elle tocando outra vez a buzina, sahisse do Castello a dar batalha áquelles Cavalleiros.

E dahi, pondo a botija á boca, quiz ser o primeiro que bebesse: mas Oliveiros, e Roldão, vendo es-

ta descortezia do Gigante, e conhecendo que elle queria beber primeiro para ficar primeiro saõ, e vencer ao mesmo tempo: Roldaõ, e Oliveiros lhe mettêraõ as espadas pelos peitos, e deraõ com elle em terra: elle com ancja da morte pegou na buzina, e a tocou, para que os seus lhe acudissem, mas recebendo outras feridas, ficou morto.

Logo em continente sahio do Castello toda a soldadesca, e começou com os Cavalleiros huma muito cruel batalha. Os Pares, que estavaõ feridos, bebêraõ do balsamo, em quanto os outros pelejávaõ, e em breve foraõ todos sãos, e começáraõ todos a batalhar. Eraõ muito esforçados os soldados do Castello, mas os Pares os derrubavaõ para huma, e outra parte, muito a seu sabor: e por entre elles andavaõ muito desembaraçados dando feridas mortaes.

De cima das muralhas estavaõ muitas Turcas, mulheres dos soldados, as quaes lançavaõ breu, e pez ardente sobre os Cavalleiros; mas como os soldados eraõ mais, sobre elles cahia tudo. Entre todos os Pares, só Roldaõ estava a pé, porque quando cahio no rio se lhe tinha afogado o seu cavallo: agora, para de huma vez acabar com tudo, chegou muito depressa á margem do rio, e montando de hum salto muito ligeiramente sobre o cavallo marinho, entrou nelle por meio dos Turcos fazendo a matança mais cruel do mundo todo.

A hums decepava os braços, a outros cortava a cabeça; a outros, e estes eraõ os mais, atropellava com o mesmo cavallo, de sorte que em muito breve tempo não houve quem lhe resistisse. Vencida a batalha, entráraõ no Castello, o qual era muito espaçoso, e bem obrado; alli estiveraõ os Pares hums poucos de dias descansando, e se divertiaõ em andar pelo rio na barca; e os Turcos prisioneiros, e as Turcas pasmavaõ de que chegasse tempo, em que Chris-

tãos andassem tanto á sua vontade, por aquelles Paizes: e diziaõ que o Imperio de Mafoma se queria arruinar.

Os Pares, tanto que passáraõ estes dias, tiráraõ da cavallariga do Gigante cada hum seu cavallo, que os tinha dos melhoes do mundo com jaezes riquissimos; e montados nelles deraõ ao andar por aquelles campos fóra a encontrar mais inimigos: Roldaõ hia desejoso muito de chegar a Timorante, para ver se podia fallar á sua Angelica.

## CAPITULO XI.

*Do que aconteceo aos Cavalleiros, quando sahiraõ do Castello de Pontable.*

Sahiraõ os Pares do Castello de Pontable, e tudo era fallarem nas forças, destreza, e valentia do Gigante, o qual era o mais forte que até alli tinhaõ visto. Andáraõ dous dias por aquellas terras sem encontrarem cousa digna de contar-se, até que ao terceiro viraõ ao longe huma grande poeira; e chegando mais perto, era hum rebanho de mais de duas mil cabras, conduzidas por hum Cabreiro com varios criados, e alguns cincoenta cães de guarda: encaminháraõ-se os Pares para o Cabreiro, mas elle, assim que tal vio, deitou a fugir, e os criados a toda a pressa.

Seguiráõ-nos os Cavalleiros para se informarem delles, mas immediatamente se viraõ assaltados pelos mastins, que guardavaõ o gado, os quaes se lançaõ contra os Cavalleiros com a maior furia do mundo: o primeiro, a quem chegáraõ, foi a Gui de Borgonha, e ferrando-lhe na cauda, nas clinas, nos beiços, e nas orelhas do cavallo, o fizeraõ correr desesperado pelo campo, até dar em terra consigo, e com seu dono.

Succedia o mesmo aos mais Cavalleiros; e ainda que todos empregavaõ os seus golpes, eraõ os cães tantos, que não faziaõ falta os mortos, para deixa-

90 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
rem de os enfadar os vivos. Achavañ-se a pé todos os Cavalleiros, e quando os cães começárañ a ir sendo menos, pôde montar a cavallo Guarim de Lorena, e alcançando o Cabreiro, souberañ d'elle, como aquelle gado hia para a barca, e Castello de Pontable, e que hia sem guarda de soldados, por naõ ter sidõ jámais aquelle Paiz pizado de inimigos, em razaõ da defenſa do Castello.

A este tempo estavañ ainda a pé todos os Pares, e tinhañ acabado de matar os cães todos, os quaes pelas armas de ferro lhes naõ tinhañ feito muito damno; quando de improvisõ se virañ assaltados por hum pé de exercito de mais vinte mil Turcos, governados por hum Arabio muito valente, chamado Almendrol; e estes todos vinhañ para defenſa das margens do rio Lentéo, e da barca de Pontable, que por occasiaõ da guerra a queria Abderraman bem defendida.

Foi repentino o assalto, que naõ tiverañ os Pares tempo de buscar os cavallos, que tinhañ espalhados pelo campo; e a pé mesmo, como estavañ, se forañ defendendo. Investiañ-nos os Turcos com barbara furia; mas os fortissimos Paladines a pé se defendiañ das lançadas, e se sustentavañ firmes contra os encontros dos cavallos, que muitas vezes martavañ com elles peitos a peitos: era todo o seu ponto matar alguns cavalleiros, e aproveitar-se dos seus cavallos; mas ainda que matavañ muitos soldados, para montar nos cavallos lhes naõ dava lugar a multidaõ dos inimigos.

Pasmava-se Almendrol de ver taõ grande resistencia em huns homens, que estavañ a pé; e virando-se para Oliveirõs lhe disse: — Homem, dize-me, que és tu, e estes companheiros, que com tanto estrago dos meus soldados te defendes? Eu quero fazer tregõas convosco, e vos prometto a vida, se vos

entregades prisioneiros. — Respondeo-lhe Oliveiros: — Nós somos os Pares de França, e não só nos não havemos entregar prisioneiros, mas havemos vencer-te, e a toda a tua gente a pé, assim mesmo como estamos: — e dizendo isto, deo em Almendrol huma tão grande cutilada, que lhe fez dar com o rosto no sepilho da sella, e deitou muita quantidade de sangue pelos narizes, e pelos olhos.

Vendo-se Almendrol tratar assim, enfureceo-se grandemente, e começou a cavallo a ferir Oliveiros; mas este muito ligeiramente se defendia, e dando huma cutilada no pescoço do cavallo lho cortou cerco, e veio Almendrol a terra: acudiraõ-lhe muitos dos seus, e se continuou a batalha, tão desigual, como violenta, por mais de seis horas, sem conhecer vantajem de alguma das partes; porque ainda que os Pares matavaõ muitos, eraõ os inimigos tantos, que sempre tinhaõ gente de fresco.

Corriaõ regatos de sangue por todos aquelles campos, e os Pares traziaõ as armas tão tintas com sangue de inimigos, que pareciaõ armas vermelhas; mas não havia esperanza de vencimento, até que pelo meio da tarde, conhecendo os Turcos, que aquelles homens, além de serem tão valentes, brigavaõ como desesperados; entendendo de mais a mais que estavaõ ajudados de alguma feitiçaria, e que daquella batalha não podiaõ esperar algum fructo, deixaraõ a peleija, fugindo á redea solta, e ficando doze mil mortos no campo, que tantos acabaraõ naquelle dia ás mãos dos Cavalleiros.

Com a fugida dos Turcos puderaõ estes montar a cavallo, e seguindo-os mataõ muitos no alcance, e prenderaõ outros, e entre elles seu General Almendrol, que hia muy ferido, e os Cavalleiros o não estavaõ menos; e todos como puderaõ se curaraõ com as hervas do campo. Depois disto disseraõ os Pares

2. Almendrol que os informasse de todo o estado das cousas de Abderraman, e elle, temendo a morte, prometteo faze-lo com toda a verdade.

### CAPITULO XII.

*Como Almendrol dá conta das cousas de Abderraman, e da cova Tristefea, aonde estava Angelica.*

Disse Almendrol aos Cavalleiros: — Senhores, já sabeis como Abderraman he filho daquelle velho, Rei de Cordova, que vós vencestes, o qual morreo de paixão de se ver vencido: e entrando Abderraman a reinar, em muito breve se fez senhor de muitos Reinos, e de grandes riquezas, que hoje he o Pagaõ mais poderoso, que se conhece; e agora, para mais poderoso ser, declarou a guerra a seu Primo Galafre, Rei de Toledo, a quem vindes ajudar. —

Disse Oliveiros para Almendrol: — Isto já nós sabemos, queremos que nos informes do estado dos seus exercitos, e aonde os tem agora. — Continuou Almendrol: — De tudo vos informarei: e quanto aos seus exercitos, elle tem mais de hum milhaõ de soldados por todos os seus Reinos, com muitos Reis, seus vassallos; mas o que agora marcha contra Carlos Magno, e contra Galafre, terá trezentos mil homens, e além disso tem muitos tigres, camelos, e mastins, de que se serve na frente dos seus exercitos, mas não vos saberei dizer, aonde irá elle agora com a sua gente; porque ha oito dias que sahio de Timorante, sem dizer para onde marchava, e a mim me mandou com estes soldados: que destruistes, a guarnecer as terras de Corbéle, e barca de Pontable. —

Quando Roldão ouviu fallar em Timorante ficou muito alvoroçado; e perguntou a Almendrol: — Dize-me quanto he daqui ao Castello de Timorante, e se sabes da cova Tristefea, que está nelle? — Respondeo Almendrol: — O Castello de Timorante he

daqui quarenta legoas: He muito forte, e nelle mandou Abderraman que fosse a principal praça de Armas do seu Reino, e ali tem todas as suas riquezas, armas, e thesouros: tem huma legoa de muralha em redondo, e por ella cincoenta torres. No meio da praça ha hum terreiro, e nelle outra torre, a par da qual he a boca da cova Tristesea.

Esta cova mandou Abderraman fazer por conselho de Fredegundes, que he huma sobrinha sua; a qual por odio mortal, que tinha a huma filha unica de Abderraman, chamada Angelica, fez abrir aquella cova, e metter dentro della a triste Princeza; dizendo ao Pai, que hum Principe estrangeiro se haxia namorar della, e a havia tirar do Reino, e nella habita Angelica ha tres annos.

A cova dentro he muito espaçosa, com quartos, camaras, galerias, todas adornadas de riquissimas alfaias: está Angelica servida só de Damas, e tem pena de morte todo o homem, que se achar dentro: Brutamonte, que he o Governador de Timorante, e o soldado mais valente de Abderraman, he o que tem a chave do alçapão da cova, e de dentro a tem huma velha chamada Zalabarda; e só estes dous tem ordem, e poder de chegar á porta, ella de dentro, e elle de fóra. —

Ouvirão os Pares com muita attenção tudo o que disse Almendrol, e assentáráo consigo de se irem incorporar com o exercito de Carlos Magno, antes que Abderraman com todo o seu poder se encontrasse com elle; mas Roldão, que não estava para outra cousa, mais que para livrar da cova a sua Angelica, disse aos Cavalleiros, que fossem como dizião, para Carlos Magno, mas que elle os não podia acompanhar, porque tinha de livrar Angelica da cova, ainda que lhe custasse a vida.

Disserão todos os Pares que estranhavaõ muito houvesse nelle mais cuidado para o seu gosto, que para

o bem de todos ; e elle respondeo : — Senhores , a minha pessoa não faz falta , aonde estão as vossas : ide , que eu não posso acompanhar-vos , e parece-me que maior serviço farei a Carlos Magno em ir para onde quero , que em ir convosco. — Como Roldão teimou tanto , calárao-se os Pares , e só Ricarte de Normandia lhe disse : — Senhor Roldão , se esse he o teu intento , eu hei de acompanhar-te , porque bem te lembrarás da palavra , que te dei de não te deixar em successo algum do teu amor. —

Tudo isto fallou ás escondidas de Almendrol , a quem se deo liberdade , e Roldão se conformou com o que disse Ricarte ; e ainda que muitos Pares se offerecêrao para irem com Roldão , elle não quiz aceitar , e indo os Cavalleiros todos para a parte de Toledo , Roldão , e Ricarte de Normandia foraõ para a banda de Timorante : aquelles a juntar-se com o exercito de Carlos Magno para destruir Abderraman ; e estes para entrarem na cova , e libertarem a filha del-le , e ambas as empresas eraõ bem difficultosas.

### C A P I T U L O XIII.

*Como Roldão , e Ricarte se apartáraõ dos mais companheiros , e do que lhes succedeo , até' entrarem em Timorante.*

Apartados assim Ricarte , e Roldão dos mais Cavalleiros , foraõ tomando para a parte esquerda , para onde era o Castello de Timorante : era o caminho todo de campina , mas mui esteril , solitario , e quando se vio naquelle deserto , disse Roldão para Ricarte : — Parece-me , Senhor Ricarte , que vais agora no teu coração dizendo muitos males desta minha resolução. — Respondeo-lhe Ricarte : — Enganas-te , Senhor Roldão ; que antes te louvo o desejo de libertar huma Princeza taõ afflicta : o que só reparo he que parece temerario o nosso intento , pois vamos sós por



humã terra de inimigos, sem sabermos o caminho, e ao depois sem sabermos o modo de fazer o que queremos. —

Respondeo Roldão: — Nos perigos, Senhor Ricarte, he que se conhecem os animos, e os que nós passámos nas terras do Almirante Ealaõ tambem forão muitos, e mais quiz Deos que sahissemos livres de todos; e assim agora espero o mesmo. — Respondeo Ricarte; — Eu em qualquer fortuna hei de ajudar-te, naõ só com os braços, mas tambem com a industria, porque bem sabes que na ponte de Mantible fui eu quem deo entrada a todo o nosso exercito. —

Nestas, e semelhantes práticas hia Roldão com o seu fiel amigo Ricarte, quando ao quarto dia de jornada avistáraõ ao longe humã grande fortaleza, e ao pé dos muros da banda de fóra havia muito grande poeira, e fumaça: logo entendêraõ que alli devia ser o Castello de Timorante, e caminhando mais apressadamente, encontráraõ huns soldados Turcos, muito bem montados, os quaes conhecendo ser os Pares Christãos os investiraõ; mas os Pares matáraõ logo quatro, e fugindo os outros, corrêraõ atraz delles, e os apanháraõ vivos, e Roldão lhes perguntou que Castello era aquelle, e os ameaçou com a morte, se naõ falassem verdade.

Os Turcos puzeraõ-se a naõ querer fallar, e Roldão matou hum, e os outros, que ficavaõ, que eraõ dous, confessaraõ logo que aquelle era o Castello de Timorante; e que alli estavaõ fóra dos muros ensinando-se a investir muitos animaes ferozes, e a picar cavallos, tudo para as tropas de Abderraman. Perguntou-lhes Roldão: Se tinha muita gente a praça? E elles disseraõ que tinha trinta mil homens de guardaõ, fóra doze mil de cavallo, que serviaõ de correr o campo; e que o seu Governador Brutamonte

andava fóra dos muros, e tinha mandado fazer jantar para toda a soldadesca, e eraõ seiscentos e cincoenta caldeirões, que estavaõ em cima do lume, õs que faziaõ a fumaça toda.

Disse Roldaõ para Ricarte: — Que te parece facamos destes homens? Porque mata-los parece tyrannia, e se os deixamos vivos, pòdem descobri-los. — Disse Ricarte: — Pelo pouco não se ha de perder o muito: estes são infieis, e muito certo he que nos fação traicão, e assim parece-me que os matemos; porque se nos descobrem, he muito o que se perde. — Fizerão-no assim, e Ricarte disse para Roldaõ: — Senhor Roldaõ, estamos chegados ao lugar, que queremos, e aonde necessitamos toda a cautela, e industria: e assim mudemos os trajos com estes Turcos, e os jaezes dos nossos com os dos seus cavallos, para entrarmos, sem que nos conheçaõ. —

Fizerão-no assim; e como ambos sabião fallar a lingua Turca, foi facil introduzir-se pelas portas da praça, onde estiverão observando muito bem tudo, e virão que a cova era fechada com dous alcapões de bronze, cada hum com tres chaves, que tinha Brutamonte; e que quando da cova queriaõ alguma cousa, puxava Zalabarda por huma corda, que hia prender em hum sino, que estava em huma amêa da torre, que guardava a porta da cova: entãõ acudia Brutamonte a ver o que se lhe ordenava.

#### C A P I T U L O XIV.

*Como Ricarte de Normandia deo traças para Roldaõ entrar na cova Tristefea.*

Tendo os Pares observado muito bem tudo, disse Roldaõ para Ricarte: — Por certo, Senhor Ricarte, que entrar eu nesta cova he cousa impossivel; a mim abraza-se-me o coração de ver que ha de ficar Angelica nella presa sem eu poder liberta-la. — Res-

ponde Ricarte: — As difficuldades, Senhor Roldão, não se chamaõ impossiveis: he verdade que estando esta cova no meio de hum Castello bem guarnecido de inimigos, e tendo tantas vigias, e tantas portas, mui difficultoso he entreres nella; mas tudo vence a diligencia; deixa o negocio á minha conta, e tu te verás mui cedo com a tua Dama. —

Dito isto, começou Ricarte dissimuladamente a tomar amizade com hum Turco, ourives, de muitos cabedaes, e capacidade; e depois que com muita industria ganhou a sua vontade, lhe disse que queria lhe fizesse hum leão de ouro do tamanho de hum homem, ôco por dentro, e que todas as juntas de mãos, braços, pernas, e pescoço haviaõ ter molas, com que se pudesse bem dobrar, e bolir, e que fosse em tudo o mais feito com a maior perfeição; disse-lhe mais, que dentro lhe queria metter azougue, e fazer varias invenções, com que vender aquella peça por muito dinheiro a Abderraman.

Para se fazer o leão de ouro lhe deo muitas joias de inestimavel preço, que tinha trazido do Castello de Pontable, com que o ourives se deo por satisfeito, e Ricarte lhe disse que era mercador do Egypto, e lhe tomou juramento pelos seus Deoses de que não havia revelar cousa alguma daquelle segredo; e o ourives, depois de dar este juramento, se pôz a fazer o leão, e sahio a obra mais primorosa do mundo.

Tudo isto mandou fazer Ricarte ás escondidas de Roldão; o qual se via cada vez mais afflicto pelas difficuldades que encontrava para entrar na cova: e dizia muitas vezes a Ricarte, que se fossem para o exercito, porque alli não eraõ para cousa alguma de proveito, vistas as impossibilidades que havia para livrar aquella Dama. Mas Ricarte, que sabia muito bem o modo, por que elle havia entrar dentro, tudo era dizer-lhe que esperassem mais, para ver se o tempo

descobria algum caminho, e não lhe declarava o que tinha feito para lhe dar maior gosto, dizendo-lhe depois de tudo acabado.

Em fim feito o leão, como Ricarte queria, e preparado tudo, chamou Roldaõ, e lhe disse: — Senhor Roldaõ, que deras tu a hum amigo, a quem deveses descobrir-te modo para entrar na cova Tristefea? — Respondeo Roldaõ: — Se ma pedira, dera-lhe a propria vida. — Tornou Ricarte: — Pois aqui tendes quem sem esse preço vos ha de cumprir o vosso gosto. — E contando-lhe tudo o que tinha mandado fazer do leão, lhe disse: — Dentro deste leão te has de metter, e eu tingindo-me Mercador hei de ir com elle a Brutamonte, o qual ha de querer compra-lo para Angelica, e entrarás dentro nelle pela cova. —

Ficou Roldaõ suspenso, e depois disse: — A industria he do teu juizo, Senhor Ricarte, e o empenho he da tua amizade; mas tẽmo que seja mal succedido, porque quem nos dá a nós o seguro de que Brutamonte compre para Angelica o leão, e tudo o mais succeda a nosso gosto? — Respondeo-lhe Ricarte: — Senhor Roldaõ, tudo tenho bem cuidado: Brutamonte tem ordem de Abderraman para buscar para Angelica todos os divertimentos, que puder ter dentro da cova; e huma cousa taõ rara como hum leão de ouro, que anda por arte Magica, (como lhe hei de metter na cabeça) não he para deixar de querer-se. —

Disse Roldaõ: — Pois, Senhor, ainda que eu entre com todo o bom successo, como poderei sahir? — Respondeo Ricarte; — Tendo tu segura a vontade de Angelica, pódem fingir que vem o leão a concertar, ou de outra qualquer sorte; e eu entaõ de cá estou fóra para tudo, sempre á vigia todos os instantes, para acudir ao que for necessario. — Deitou entaõ Roldaõ os braços ao pescoço de Ricarte, e lhe disse: — Só tu no mundo foste verdadeiro amigo, aqui estou para seguir o que mandares. —

## CAPITULO XV.

*Como Roldão mettido no leão de ouro entrou na cova Tristefea por arte de Ricarte de Normandia.*

Tinha o leão huma porta na barriga, que se abria por dentro, e fóra, e tão subtil, que só quem soubesse o segredo a percebia: por ella metteo Ricarte a Roldão dentro em o leão de ouro, e ajustando os braços, e pernas pelas do leão, e a cabeça, e mais partes da mesma sorte, fechou a porta, e ficou Roldão dentro muito á sua vontade, porque para ver tinha o leão furados os olhos, e para respirar os narizes, e a boca; estava de bruços, mas sobre os do leão descansava os peitos; cabia-lhe dentro a sua espada: desta sorte com as molas, que o leão tinha nos braços, e pernas, movendo Roldão os seus, parecia era o mesmo leão o que se movia por si.

Prendeo-lhe Ricarte ao pescoço huma cadêa de ouro, e vestido em trajos de mercador sahio com elle pelas ruas de Timorante: foi logo infinito o número de gente, que pelas ruas foi acompanhando huma cousa tão nova, e chegando defronte do palacio de Brutamonte, este, que de huma janella via toda aquella gente junta, informando-se do que era, mandou que o mercador subisse acima.

Subio Ricarte, e o seu leão a pé mesmo pela escada; e chegando á presença de Brutamonte, este lhe perguntou, como era aquillo, e elle quem era? Ricarte lhe respondeo, que aquelle leão era obra de hum famoso Magico, chamado Sortibaõ, o qual fóra em serviço do Almirante Balaõ; e que o tinha comprado em Egypto, onde era mercador, para o ir vender a Abderraman.

Disse-lhe Brutamonte: — Pois eu quero-te comprar este leão para fazer d'elle presente a sua filha, e sei que Abderraman mais ha de estimar que ella o te-

na: e assim dizc por quanto o queres vender, por que da minha mão não ha de sahir. — Disse-lhe Ricarte; — Senhor, eu como o que quero he o interesse de vende-lo, tanto se me dá que o tomes tu, como que o compre Abderraman: o preço delle são dous milhões. — Brutamente lhos mandou logo dar, e mandou que conduzissem o leão para a cova Tristefea, e chegando elle a porta, tocou huma buzina com hum som mui forte, e acudindo de dentro a Porteira áquelle signal, lhe disse Brutamente: — Zalabarda, leva por essa cadêa essa leão á Senhora Angelica, para que se divirca, que sem dúvida não ha no mundo cousa de maior valia. —

Fechou a porta, e ficou o leão dentro, e desta sorte fez Ricarte que o mesmo guarda da cova fosse quem mettesse a Roldaõ dentro nella: do que lá passou, e successos que teve, fallaremos no segundo Livro, que agora, deixando a Roldaõ dentro a conquistar Angelica, e Ricarte fóra á espreita do que succedia, havemos ver o que obráraõ os mais Cavalleiros até se ajuntarem com Carlos Magno.

### CAPITULO XVI.

*Como os Cavalleiros, apartados de Roldaõ, houveraõ batalha com o exercito de Abderraman.*

Dissemos que tomando Roldaõ para a parte esquerda, caminho de Timorante, os mais Cavalleiros tomáraõ pela parte direita, caminho de Toledo, para se ajuntarem com Carlos Magno o mais breve que pudessem, e caminharáõ naquelle dia com tanta diligencia, que fizeraõ vinte e duas legoas de caminho. Hiã todos mui tristes pela falta de Roldaõ, cujo perigo consideravaõ, e sentiaõ muito

Andáraõ desta sorte muitos dias, e hum delles pelas nove horas da manhã avistáraõ ao longe muito luzir de armas, e ouviraõ muito soar de trombetas, tim-

bales, e tambores; fóraõ-se chegando mais ao pé, e pelos turbantes conhecêraõ ser Turcos; pelo grande número entendêraõ ser o exercito de Abderraman; e bem depressa se desenganáraõ desta verdade, porque era o mesmo Abderraman em pessoa com todo o seu poder, que marchava contra Galafre, e Carlos Magno.

Quando os Cavalleiros estiveraõ bem certos, houveraõ grande prazer de ser chegado o tempo que medissem as suas espadas com todo o exercito: e ainda que era este muito grande, e os Pares em outras occasiões tinhaõ evitado batalhar com outros mais pequenos, nesta se houveraõ com tão grande constancia, que firmando-se nas sellas com gentis continentes, se puzeraõ em ordem a esperar os inimigos, os quaes eraõ tantos, que tomavaõ todos aquelles montes, e campinas.

Vinha adiante Abderraman montado em hum formoso, e valente cavallo, todo ajaezado de perolas, e ouro: e elle vestia armas douradas guarnecidas de diamantes, que aos raios do Sol brilhavaõ como estrellas: trazia sobre o turbante hum cucar altissimo de plumas, e elle todo, como era de huma presença feroz, ao mesmo tempo que airosa, mettia verdadeiramente respeito com a sua vista. Friedegundes montava em hum branco palafrem ao seu lado direito, bizarramente vestida; e o exercito todo, que se compunha de trezentos mil homens, se dividia em seis corpos, cada hum governado por hum Rei, e a todos governava Abderraman.

Levava na vanguarda vinte mil animaes ferozes, como camelos, tigres, elefantes, e mastins, os quaes todos serviaõ de os lançar adiante aos inimigos, e para os destruir sem perigo dos soldados, ou ao menos para os embaraçar, e cansar muito: hiaõ ajoujados a quatro, e cinco, conduzidos por negros da

Ethiopia. Na retaguarda marchava a bagagem, que era a mais numerosa, rica, e abundante que em Hespanha se havia visto.

Chegou Abderraman defronte dos Cavalleiros, e mandou vinte homens a informar-se de quem eraõ; mas os Paladines não deixáráõ vivo quem lhe levasse a resposta. Picou-se disto Abderraman, e mandou hum corpo de cem homens, que prendessem os Pares; porém estes com pouco mais trabalho fizeraõ dos cem o que tinhaõ feito dos vinte. Quando isto vio Abderraman, ficou como tonto, de que taõ poucos homens vencessem com tanta facilidade a tantos: e disse para Fredegundes: — Estes saõ os Pares de Carlos Magno, que valor semelhante só nelles cabe; mas eu darei fim delles. —

E dizendo isto, mandou soltar-lhes quarenta mastins, e trinta tigres; mas os Paladines, que já de outra vez tinhaõ brigado com esta casta de inimigos, como acima dissemos, os desbaratáraõ logo, e o mesmo fizeraõ a mais de mil animaes, que lhes mandou deitar, até que se resolveo Abderraman a investi-los em pessoa com todo o seu exercito, não querendo já aventurar mais féras, nem mais homens divididos: mandou com os lados do exercito fazer huma meia lua, com que apanhasse os Pares no meio, e desta sorte os colhesse ás mãos, que já não se contentava com matá-los, senão com lhes dar tormento, e martyrio: tal era a raiva, que lhes tinha concebido este Rei barbaro.

## C A P I T U L O XVII.

*Como Abderraman, cercando os Pares com o seu exercito, os não pôde vencer, e por fim se retirou.*

Feito o cerco de todo o exercito, e mettidos os Cavalleiros no meio, mandou-os Abderraman ao mesmo tempo investir por todos, e tocandõ-se os timbales, clarins, tambores, e trombetas, foi tal a nu-



vem de lanças, settas, e armas de arremço, que junto ao luzir das espadas, archas de armas, e alfanges, fazia aquelle accommettimento o retrato do mesmo inferno: esperáráo-no os Pares com constante animo, e revestindo-se logo de toda a corage dos seus peitos, antes de chegarem de todos os inimigos, sa lançárao pelo meio delles com tal furia, que tendo as lanças em ristre, cada hum abrio huma estrada por onde hia, sem lhe poderem fazer os Turcos alguma resistencia.

Reformárao-se os Turcos sobre elles, e logo começou huma batalha tão cruel, com tanta ferida, e tão despiedados golpes, que por todos aquelles campos retumbavao os seus écos. Fazia aos Turcos mal a sua mesma multidao, porque huns aos outros se embaraçavao, e feriao; e os Pares, como erao só doze, e estavao espalhados para toda a parte davao seguros: era incrível o número dos Turcos, que matavao: não davao golpe, que não custasse huma vida, e erao já tantos os mortos, e o sangue, que toda a campina parecia hum charco delle: mas como os Turcos erao tantos, por muitos que matassem os Cavalleiros, muitos mais acudiao de refresco, e os Pares cada vez se viao em maior perigo.

Bramava Abderraman de braveza, e era tanta a sua colera, que deitava escuma pela viseira; e vendo que os seus soldados hiao tanto de vencida, se resolveo elle, e os seus Reis a entrar tambem na batalha; e quando hiao para o fazer; os deteve Fredegundes, e lhes disse: — Senhores, parece-me que não fazeis bem em entrardes nesta batalha em pessoa, antes me parecia outra cousa bem diversa; estes homens, ou estao encantados, ou tem no corpo os demonios, não se lhes dá das vidas, e brigaão, como desesperados: esta batalha dura ha seis horas, e ainda nenhum he morto, e dos nossos tantos; pois entaõ, como esperais vencimento? —

Disse-lhe Abderraman: — Pois então, que nos aconselhas? — Respondeo Fredegundes: — Senhor, a noite he chegada; parecia-me que ajudados della fizéssemos huma contramarcha, e buscássemos com toda a diligencia o exercito de Galafre, antes que se ajuntasse com o de Carlos Magno, e antes que estes homens nos destruão de todo: porque de outra sorte se aqui lhes não resistimos, como o faremos contra todo o poder junto? — Desesperou-se Abderraman com este conselho; mas vendo que era o mais acertado, se resolveo, tanto que foi noite, a fazer a contramarcha com seu exercito, e marchou contra Galafre, que pelas suas espias sabia estava perto.

Bem vontade tiverão os Pares de segui-lo, mas estavam mui cansados, e se contentáraõ com ter morto naquelle dia quarenta e cinco mil homens: e deraõ graças a Deos por tão bom successo, mas foraõ obrigados a ficar no campo com as armas vestidas, e as feridas abertas: porque nem para se curarem, nem para re vestirem lhes deo lugar o receio de que tornassem os inimigos; e ficando todos á vigia, então he que conhecêraõ o muito que lhes tinha custado aquella victoria.

## CAPITULO XVIII.

*Como Abderraman com todo o seu exercito encontrou o de Galafre, e o destroçou.*

Galafre, Rei de Toledo, contra o qual era a guerra toda, tendo mandado fazer a Carlos Magno a petição, que dissemos no Capitulo quinto, e sabendo em resposta que elle se determinava a ajuda-lo, sahio de Toledo com todo o seu exercito a esperar o de Carlos Magno, e se atrincheirou muito bem em hum dilatado campo chamado Floresta escura, e ficavaõ-lhe nas costas huns altissimos montes: e por diante fez huns muros de terra, com que se deo por

bem defendido, em quanto não chegava Carlos Magno: o exercito tinha setenta mil homens, e de todos era General Bradamante, aquelle que nas justas batalhou com Roldão, como vimos no Capitulo quarto.

Esteve naquelle sitio muito tempo, e d'elle fazia avisos repetidos a Carlos Magno, para que apressasse a marcha do exercito. Abderraman, tendo-se retirado dos Cavalleiros, engrossou o seu com tropas suas, que se lhe foram ajuntando no caminho, e tornou a fazer o número de trezentos mil homens, com os quaes avistou em huma madrugada as trincheiras de Galafre, e ambos mandáram partidas fóra a reconhecer-se: e sabendo Galafre que era Abderraman, pôz o seu exercito em batalha dentro das trincheiras; porque Abderraman, sabendo que era Galafre, marchou a destrui-las.

Tanto que chegou a distancia proporcionada, mandou a Galafre hum Trombeta, que lhe deo este recado: — Rei Galafre, o muito alto, e muito poderoso Abderraman, Rei, e Senhor de Cordova, de Sevilha, e de Alcantara, Senhor de toda a Mauritania, Padoje, Prepontida, Mildafar de Reslandria, e Sortibram de Mingrelia, te avisa, que logo entregues as tuas armas, os teus soldados, e os teus Reinos para fazer delles muito a seu sabor; porque assim haverá contigo misericordia: e quando não, que traz trezentos mil homens, e dezoito mil fêras de peleija, com que pôr a ferro, e sangue a tua gente, e Monarchia toda.

Muito foi o temor, que Galafre teve deste recado: porque bem vio que com setenta mil Mouros não podia resistir a trezentos mil Turcos: mas, pelo não dar a conhecer, respondeo ao Trombeta: — Tu, se não foras Embaixador, aqui havias pagar o atrevimento desse recado; mas dize ao teu Rei que Galafre de Toledo brevemente se verá com elle na campa-

HISTORIA DE CARLOS MAGNO ,  
nha, e lhe mostrará qual ha de largar as armaas, os soldados, e o Reino. — Foi o Trombeta com a resposta, e Abderraman mandou logo a hum Rei, chamado Rabecaõ, que com os seus cincoenta mil homens investisse as trincheiras, e a outro chamado Telabrel, que com os seus cincoenta mil subisse aos montes, e pelas costas investisse o exercito de Galafre, e elle se ficou com duzentos mil homens governados por outros quatro Reis, como dissemos no Capitulo dezasseis, e os animaes por amor das trincheiras não puderão investir.

Começou desta sorte a batalha, e Rabecaõ logo rompeo as trincheiras, e se batalhou com os inimigos: Telabrel gastou mais tempo em subir os montes, mas por fim ás oito horas da manhã ambos estavaõ já em batalha; Rabecaõ contra quarenta mil homens que tomou a si Galafre, e Telabrel contra trinta mil, com que ficou Bradamante. Era cruel a peleja, porque de ambas as partes se procurava com muita ancia a victoria; e o exercito de Toledo, ainda que tinha trinta mil homens menos, fazia tal resistencia, que Abderraman mandou terceiro Rei, chamado Cavernol, com outros cincoenta mil homens, os quaes entrando pelas trincheiras já rotas, puzeraõ em confusaõ todo o exercito de Galafre.

Fazia este pela sua pessoa admiraveis progressos, e animando os seus soldados com a voz, e com o exemplo, parecia hum raio entre os inimigos: Bradamante, seu General, fazia o mesmo, mas como os contrarios eraõ tantos, e tambem governados por Reis muito valerosos, foi esfriando o exercito de Galafre, e por fim de contas viráraõ de todo as costas os soldados, e o deixáraõ, e a Bradamante sós no campo. Os inimigos, parte rodeáraõ estes dous, parte seguirãõ aos soldados, em os quaes foraõ fazendo por toda aquella campina inexplicavel descroço. Bradaman-

te, e Galafre, rodeados de Turcos, procuravaõ vender caras as vidas; mas já havia muito pouca esperança: em fim Abderraman por toda a parte solemnizava já esta victoria.

## CAPITULO XIX.

*Como chegou Carlos Magno com o seu exercito, e fazendo restaurar o de Galafre, batalhou com Abderraman.*

Assim se achava Galafre na ultima desgraça, perdida a victoria, e em vespervas de perder a vida, quando começou a apparecer o exercito de Carlos Magno, descendo pelos montes, e tanto que chegou ao razo, se formou em batalha, e a apresentou a Abderraman, e aos tres Reis, que ainda estavaõ com cento e cinquenta mil homens, e hum se chamava Guarre, outro Chrysta, e outro Talaro. O exercito de Carlos Magno era de trinta mil homens, e como os Pares estavaõ ausentes, a todos governava o Imperador em pessoa.

Investio a Abderraman, tanto que se formou, sem embargo de ser o poder taõ desigual, e logo começou a mostrar aos inimigos a differença, que hia de Mouros a Francezes. Misturáraõ-se os dous exercitos, e se fez taõ cruel, e sanguinolenta batalha, qual nunca se tinha visto em Hespanha. Retumbavaõ os écos dos golpes nas concavidades dos montes, e as espadas feriaõ fogo nos elmos, e era tal a grita, confusaõ, e alarido, que estava aquelle campo o theatro mais horrendo. Topou-se Carlos Magno com Abderraman corpo a corpo, e começáraõ a batalhar sem se conhecerem, e o Imperador dava bem que entender a Abderraman: de hum golpe lhe fez em quatro partes o escudo; segundou com outro, e cortou-lhe o soberbo martinete do cavallo; deo-lhe terceiro por hum hombro, e lho desarmou todo.

Vendo-se Abderraman tratar assim por aquelle Cavalleiro, logo conheceo que era Carlos Magno, e com

meçou com a potencia sua a feri-lo; acudirão ao Imperador dous Cavalleiros Francezes chamados Mulliner, e Britenon; mas chegando por parte de Abderraman, Chrysta, e Talardo, ficáraõ os dous Cavalleiros mortos, e os tres potentissimos Turcos continuáraõ a apertar o Imperador, que ainda assim galhardamente se hia defendendo: mas vendo-se neste aperto, entaõ se lembrou dos seus Pares, e disse em voz alta: — Oh nobres Cavalleiros! Naõ me vira eu neste aperto, se vos tivera aqui comigo: muito mal fiz em vos deixar ir do meu exercito. —

Abderraman para influir no Imperador o ultimo desalento lhe disse: — Nobre Carlos Magno, o teu mal he sem remedio, já os teus Pares te naõ pòdem dar ajuda; porque eu os matei nos campos de Rostile, sendo com elles em batalha; e assim, se queres a vida entrega-te prisioneiro de guerra. — Quando Carlos Magno tal ouviu, ficou taõ suspenso, que por pouco naõ cahio do cavallo abaixo; mas cobrando-se de todo, rasgou os vestidos, arrancou as barbas, e cabellos, e começou a dar em si taõ cruelmente, que fazia espanto, e pondo os olhos no Ceo, rompeo nestas palavras: — Valha-me, Deos Omnipotente, a vossa misericordia: he possivel, Imperador desgraçado, que chegasses a tanta desventura! — Quem antes naõ nascera! Que ha de ser de mim em taõ infeliz miseria? Pobre, mal afortunado velho, que ha de ser de ti sem os teus Cavalleiros em poder dos teus inimigos? Ah, nobres Paladines! Naõ mereciaõ esse fim as muitas virtudes vossas. —

Estas razões disse o Imperador, e naõ pôde dizer mais, porque duas fontes de lagrimas, que lhe corriaõ dos olhos, misturadas com afflictissimos soluços, lhe impediraõ as vozes. Moveo-se Abderraman, e os outros Reis a tanta compaixaõ, que estiveraõ todos por muito tempo parados. Espalhou-se logo por todo

o exercito a voz de serem os Paladines mortos, e esta noticia pôz tal desmaio em todos os Francezes, que começaram a fugir sem accordo, nem ordem alguma; porque ainda que não tinhão os Cavalleiros em sua companhia, a esperança de que chegariaõ era quem os alentava.

Seguirãõ os barbaros o alcance dos Catholicos, e Abderraman, vendo em hum dia na sua mão duas victorias, disse a Carlos Magno; — Imperador Christão, bem vês como te desampara o teu Deos, mortos os teus Cavalleiros, destruidos os teus amigos, e perdido o teu exercito; nas minhas mãos estás, para fazer de ti o que quizer: mas para que vejas que tenho sangue tão Real como tu, dá-me as armas, que eu te darei a vida. —

Considere-se agora como ficaria o pobre Imperador só entre seus inimigos, mortos (ao que entendia) os seus Cavalleiros; e o seu exercito desbaratado todo, perdida, e offuscada ja aquella gloria, com que tinha feito tão respeitado o seu nome! Na verdade era o maior motivo para a maior compaixão: mas levado de hum espirito heroico, fervendo nas suas véas o valeroso sangue, disse contra Abderraman:

— Barbaro Rei, os revezes da fortuna não diminuem os quilates da valentia: eu sou Carlos Magno, aquelle, que ainda não fui vencido, e assim comajuda do meu Deos, ainda que me vejo só, espero vencer-te a ti, que para isso brigo pela sua Fé. — E dizendo estas palavras, investio com Abderraman, Chrysta, Talardo, e todos, de tal sorte, que nenhum lhe parou diante. Galafre, e Bradamante, que inda se sustentavaõ no conflicto, acudiraõ áquella parte, e unidos com Carlos Magno buscavaõ todos tres a morte, ou liberdade.

Faziaõ valentias increveis; mas como eraõ tão poucos contra tantos, aproveitavaõ pouco, ainda que ma-

táraõ muitos: os seus dous exercitos hiaõ desbaratados, elles cheios de feridas, se viaõ quasi despenhados das sellas; em fim de toda a parte estavaõ cortadas as esperanças: mas a misericordia Divina, que ao melhor tempo dá aos seus ajuda, naõ faltou ao seu Imperador nesta taõ grande miseria, em que se vio, para maior gosto, e gloria sua.

## C A P I T U L O XX.

*Como os Cavalleiros chegáraõ á Floresta escura, e batalhando com todo o exercito, o vencêraõ.*

Deixámos os Cavalleiros nos campos de Rostile cheios de feridas, os quaes, tanto que se sentiraõ melhores, montáraõ a cavallo, e foraõ a toda a pressa seguindo os passos do exercito de Abderraman; e ao tempo que o Imperador se achava entre elle acompanhado só de Galafre, e Bradamante, mas dando por instantes a vida, apparecêraõ os Paladines na Floresta escura. Viraõ de longe aquelle estrondo de armas, e tanto que se certificáraõ da perda dos Christãos, se mettêraõ taõ furiosos por entre os Turcos, que pareciaõ mais fêras que homens.

Dos primeiros encontros deitáraõ em terra mais de cincoenta Turcos, e estes, como andavaõ todos espalhados, huns seguindo os que fugiaõ, outros recolhendo os despojos, que ficavaõ, fizeraõ os Pares nelles tal matança, que os Reis seus Generaes mandáraõ fazer alto a todos, e os foraõ formando, como melhor puderaõ. Os Cavalleiros, sabendo que o desalento dos seus nascêra de os imaginarem mortos, começáraõ a bradar por elles, para que os ouvissem, e succedeo-lhes tanto á medida do seu gosto, que cobrando todos com a sua vinda novos brios, foraõ fazendo indizivel estrago nos contrarios.

Accendeo-se a batalha, como de novo, mas com mais estrago que no principió, porque havia de mais



os Cavalleiros no campo: Urgel de Danõa emparelhou-se contra ElRei Telabrel, e lhe metteo a lança por hum olho, que lhe sahio o ferro pelo toutiço, e deo com elle morto do cavallo abaixo: acudirã infinitos Turcos, e Urgel se desembarçou de todos, ferindo, e matando como desesperado, mas rodeando-o outros sobre outros se vio peado, e foi preso, sem darem tino de tal os seus companheiros: Hoel de Nantes matou a ElRei Guarre, com huma cutilada, com que o abriu até os peitos: Gui de Borgonha investio com os soldados delRei Cavernol, que todos brigavaõ com lanças, e eraõ tantas as que lhe atiravaõ, que todo o escudo trazia cravado dellas.

Os soldados não faziaõ menos; porque animados dos Cavalleiros, e envergonhados da sua fugida, ainda que com tanta desculpa, queriaõ restaurar a opiniaõ perdida, e se mettiaõ pelos inimigos, como loucos: cada hum com a ancia de matar desprezava o perigo de morrer; e assim eraõ tantas as mortes, tal o labyrintho, tal o estrago, que por todo o campo corriaõ ribeiros de sangue, em que nadavaõ corpos mortos.

Carlos Magno, que rodeado de inimigos estava já nos ultimos alentos, não sabia que tinhaõ chegado os Cavalleiros; quando de repente vio ao seu lado Guarim de Lorena, e Tietri de Dardania, cobrou novos brios, e com o alvoroço de taõ feliz successo parece se lhe augmentaraõ as forças: em fim os Catholicos se houveraõ de feiçaõ, tanto que chegaraõ os Cavalleiros, que os Turcos descorçoados de todo perdẽraõ o animo, e fugiraõ; levando porẽm consigo presos a Urgel de Danõa, e Guarim de Lorena, do que não deraõ fé os seus companheiros.

Seguiraõ os Catholicos, e Mouros de Galafre a victoria por grande espaço, e no alcance mataraõ mais soldados que em todo o dia haviaõ morto. Oliveiros matou a ElRei Chrysta, e Rabecaõ; com que dos

52 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
seis Reis, que trazia Abderraman, ficou só vivo Taldardo, com o qual, e Fredegundes fugio a todo o correr dos cavallos. E hia Abderraman taõ triste, e desesperado de perder a victõria, que por duas vezes tinha vencido, que se naõ fõra Fredegundes se matára por muitas vezes a si mesmo. Maldizia aos Deoses, e em tudo parecia hum arrenegado.

Os Cavalleiros, vendo que estavaõ no campo ajoujados os muitos animaes, que Abderraman tinha trazido, e se naõ pôde nunca servir delles, porque os exercitos sempre estiveraõ baralhados, os foraõ matar: e como estavaõ presos, o conseguiraõ, ainda que eraõ tantos: e desta sorte se segurou de todo a maior victoria, que até este tempo vio Hespanha; devida toda ao valor dos nobres Pares de França.

Carlos Magno, vendo-se passar em hum instante da maior desgraça á maior ventura, se pôz de joelhos, e todo o exercito a louvar a Deos por taõ assignalada victoria, e dahi abraçou os Paladines com tanto gosto, que o naõ podia entaõ ter maior no mundo: mas vendo que lhe faltava Roldaõ, Ricarte, Urgel, e Guarim, dos primeiros lhe deraõ conta os Pares, mas os segundos logo entendêraõ serem mortos, ou cativos; e este pezar lhes diminuiu toda a alegria do vencimento. Galafre tambem deo graças a Deos ao seu modo, mas por chegar a noite se recolhêraõ nas tendas os soldados, ficando vigias por amor dos inimigos, os quaes caminháraõ toda a noite em direitura a Timorante a refazer-se de mais gente.

Esta foi a grande victoria da Floresta escura, que durou desde as sete horas da manhã até as sete horas da tarde, e todas as sustentou com Galafre, e Bradamante: duas vezes se vio perdido, mas por fim com o favor de Deos se vio pelos Paladines restaurado. Morrêraõ de Abderraman cento e oitenta mil homens, e de Carlos Magno, e Galafre trinta e seis mil: os

dezoito mil animaes todos ficárao no campo: o despejo era grandissimo, mas estava alagado em sangue tudo, e este era tanto, que correndo em regatos faziao em muitas partes atoleiros.

## CAPITULO XXI.

*Como Carlos Magno, deixando para outro tempo o socorro de Roldaõ, entrou triunfante em Toledo.*

Amanheceo, e Carlos Magno disse aos Cavalleiros: — Amigos, bem sabeis do meu affecto, que se fôra senhor de mil mundos, todos repartira convosco: muito vos agradeço esta victoria, que me tendes dado; mas como Roldaõ se acha em taõ grande perigo, quizera que neste particular me desseis tambem o vosso conselho. — Respondêrao todos, excepto o Duque Nemé: — Senhor, já que nos fazes a honra de te aconselhares connosco, parece-me que em todo o caso se acuda a Roldaõ, e Ricarte, que estarão no ultimo aperto: — mas o Duque Nemé, que era o mais velho, e muito prudente, e experimentado, disse:

— Senhor, attende ao meu conselho, se queres não perder o teu exercito: Abderraman, ainda que foi vencido, salvou muita, parte da gente, e com esta foi direito a Timorante, que he a sua praça mais forte. Nós para livrar a Roldaõ, que está dentro nesta praça, he necessario hum exercito, com que possamos sitia-la, e para isto não basta o nosso, que, ainda que victorioso, está muito diminuto: de mais, que ou os dous Cavalleiros estão occultos, ou descobertos; se descobertos, já estão mortos, e se occultos, não tarda o nosso socorro; e assim vamos a Toledo, reforçemos o exercito, e viremos entaõ com maior seguro conseguir o nosso intento. —

Approvou Carlos Magno este conselho, ainda que contra vontade dos outros, e formando em marcha

os seus exercitos, marcháraõ elle, e Galafre em direitura a Toledo: Sahiráõ a espera-los todos os grandes da Côrte, e entráraõ pela Cidade triunfantes com geral contentamento de todos: foraõ-se direitos ao Paço, e na primeira sala delle estava a filha de Galafre, chamada Galiana, em nome da qual batalhou Bradamante nas justas de Paris.

Era formosissima esta Príncipeza, e como tal per-tendida de muitos Reis, e Principes de Hespanha, e Africa; mas entre os principaes era Bradamante o que mais a pretendia, ainda que era o que menos alcançava, porque jámais se lhe inclinou a féra condiçãõ de Galiana: estava pois esta Senhora vestida de bro-cado branco, e ouro, á moda Turca, e rodeada de cin-coenta Damas suas, todas de inexplicavel belleza.

Tanto que avistou a Carlos Magno, pôz-se de joe-lhos, e as Damas todas para beijar-lhe a mão, e foi esta acção muito vistosa: Levantou-a Carlos Magno nos braços, e Galiana o saudou com palavras tão discre-tas, e cortezes, que Carlos Magno se admirou de que em huma alma infiel, barbara, e na idade tão tenra coubesse tanta descriçãõ, e galantaria; o que tudo jun-to á sua muita formosura foi causa de que logo o Im-perador se agradasse della.

Galafre não cabia em si de contente por ter a Car-los Magno na sua Côrte, preparou-lhe mil divertimen-tos, e para os Pares, e ao mesimo tempo nenhum se descuidou de refazer o seu exercito, mandando a Fran-ça, e a toda a parte fazer levas de gente com toda a força para continuar a guerra. Tudo eraõ alegrias, e esperanças, só Bradamante vivia triste; porque ven-do que Galiana favorecia a Carlos Magno, raivava de ciumes, e estes foraõ causa de não pequenos males, o que vereinos, e todos os mais successos nos seguintes Livros.

## LIVRO SEGUNDO.

## CAPITULO I.

*Do que passou em Toledo; e como Oliveiros sahio sem licença do Imperador a soccorrer os Cavalleiros de Timorante.*

Por todo o modo se divertia o Imperador em Toledo, já com a conversa de Galiana, já com as muitas festas, que a Côrte lhe fazia: mas entre tanto não se descuidava da guerra; porque tinha mandado a França fazer soldados, e Galafre pelos seus Reinos fazia o mesmo, para sahirem o mais depressa que pudessem contra os inimigos. Na sahida de Toledo ao pé do Téjo, tinha mandado Galafre fazer para Galiana hum delicioso jardim, e soberbo palacio, de que fallaremos em outra occasião; e neste he que muitas vezes lhe fallava Carlos Magno, e a Moura estava tão cativa d'elle, que mais não podia ser.

Os Pares vivião na Côrte com indiziveis applausos, como aquelles que no mundo melhor que ninguém os mereciaõ: mas sempre cuidadosos da ausencia de Roldaõ, e de Ricarte, e não menos da perda de Guarim, e Urgel, de quem não sabiaõ se eraõ mortos, ou prisioneiros. Entre todos os Pares era Oliveiros quem menos soffria esta demora; e vendo que as levas de gente não chegavaõ ainda, e que o Imperador sem chegarem não podia sahir a campanha, nem para elles irem sós queria dar licença, se resolveo a sahir ás escondidas sem ella, a acudir, ou ao menos acompanhar aos seus amigos, que estavaõ em Timorante.

Bem via Oliveiros não fazia bem em sahir sem licença do Imperador, e o perigo a que se expunha

em ir tão só; mas vencendo o valor ao perigo, e a obediencia a amizade, preparou ás escondidas o seu cavallo com jaezes Turcos, nada ricos, e prevenio-se de vestidos tambem Turcos, e de pouco preço, com o seu turbante, que parecia propriamente hum Turco; e cingindo a sua espada Altaclara, foi huma noite á sua cavallariça, sem dizer a ninguem cousa alguma, e montando a cavallo sahio de madrugada, quando já as portas da praça estavaõ abertas, e se foi direito a Timorante.

Tanto que esteve fóra, olhando para a Cidade disse: — O' muito nobre Cidade de Toledo, fujo de ti para ir libertar os meus companheiros: não me estranhes esta fugida, que, sendo para huma tal acção, não pôde ser vergonhosa: e tu, nobre Carlos Magno, quando o souberes, não te offendas, que o ser amigo para com Roldaõ, não he ser traidor para contigo, e eu sei que se tu foras eu, havias fazer o mesmo: — dahí olhando para o Ceo disse; — Deos, e Senhor meu, eu vou só pelo meio de meus inimigos; já que o meu intenta he tão bom, fazei que elles me não conheçaõ, — e dizendo isto virou o cavallo, e foi-se caminhando.

Chegou á Floresta escura, aonde tinha sido a grande batalha, e vio ainda depois de tanto tempo a terra humida, e vermelha do sangue; mas com a multidão de corpos mortos, e corruptos, que havia por todos aquelles campos, foi tal o fedor, que deo em Oliveiros, que o não pôde soffrer, e cahio desmaiado do cavallo abaixo: (e he a unica vez que se conta de Oliveiros, que do cavallo cahisse) ficou com o pé esquerdo pegado ao estribo, e a cabeça no chaõ; de sorte que se o cavallo andasse qualquer cousa lha partia com as ferraduras: mas o muito leal cavallo esteve tão parado, tanto que sentio a seu senhor cahido, que não deo nem mais hum passo.

Tres dias durou o accidente de Oliveiros, sem que passasse pessoa alguma, que lhe acudisse, por causa do fedor dos corpos mortos, até que ao terceiro dia, já perto da noite, tornou a si, e vendo a fidelidade do cavallo, lhe deo muitos louvores, e ficou muito admirado. Tinha muita fome, e desfalecimento, e logo vio o tempo que estivera desmaiado; porque estava com aquelle mesmo quebrantamento que tinha, quando não comia tres dias; e então se pasmou mais de que o cavallo soffresse tanto tempo o somno, e foine sem deitar-se, nem comer das hervas, que alli havia, ainda que ensanguentadas.

Oliveiros então lhe tirou o freio, e logo o cavallo comeo, e se deitou: mas como o fedor era cada vez maior, tirou Oliveiros algodaõ bastante da sella do cavallo, e o metteo pelos narizes para não ter outro desmaio: depois para matar a fome ferio lume com a espada, e accendeo humas arvores, em que pôz a assar huma pouca de carne de tigre, dos que Abderraman trouxera, e que ainda não estava muito corrupta: e sendo tão má a cêa, ainda foi peor a cama; porque ficou deitado entre os mesmos corpos mortos no meio da campanha.

## C A P I T U L O II.

*Do que mais acontenceo a Oliveiros no caminho.*

Tanto que amanheceo, se levantou Oliveiros, e enfreado o cavallo, atravessou a Floresta: Passou hums montes altissimos que havia, e caminhando da outra parte, achou diante de si hum Forte feito de terra, e bem guarnecido de soldadesca: este, e outros mais dalli até Timorante, tinha mandado pôr Abderraman, para impedir, ou ao menes retardar o exercito inimigo; e eraõ tantas dalli por diante as sentinellas, e emboscadas, cortaduras, vallas, e fortalezas, que todo o caminho se podia chamar hum Castello contiguado.

Oliveiros hia bem disfarçado em trajos de Turco; pediu licença ao Governador do Forte, e lha deo, e assim mesmo os outros, até que em huma valla mui funda, guarnecida de huma forte trincheira estava hum Capitaõ, que suspeitando mal de Oliveiros o não quiz deixar passar. Disse-lhe Oliveiros em lingua Turca: — Senhor Capitaõ, eu sou hum Turco vassallo de Abderaman, levo-lhe a Timorante hum importante recado, e assim te rogo me deixes passar. —

Teimou o Capitaõ, e mandou que prendessem Oliveiros. Disse-lhe este: — Oh Capitaõ, a mim ninguém me prende; porque quando a tua cortezia se não vença das minhas razões, eu estou taõ costumado a castigar atrevimentos, que este não me fará muita difficuldade. — Mais se irritou o Capitaõ de taõ soberba resposta, e mandou a todos os soldados que prendessem a Oliveiros. Bem seguro estava este de que lhe puzessem maõ, mas como por todos aquelles campos havia soldados, não quiz fazer resistencia, com que amotinasse todos, e não pudesse depois entrar em Timorante: e assim escolheo antes fugir, que brigar, principalmente sendo a fugida de maior perigo que a batalha.

A trincheira tinha hum covado de altura, e outro de largura; e logo se seguia a valla com tres varas de fundo, e seis de largo; recuou pois Oliveiros o cavallo quatro passos, e mettendo-lhe as esporas deo hum salto, com que venceo a trincheira, e cahio dentro na valla, e desta sem perder tempo deo outro pulo com que saltou acima da outra parte; e mettendo de galope desapareceo em hum instante. Ficáraõ os Turcos attonitos de huma acçaõ, que tinhaõ por impossivel: e o Capitaõ mandou aviso a outros Fortes, para que não deixassem passar aquelle homem, mas todos chegavaõ a tempo que já tinha Oliveiros passado.



Foi este torcendo o caminho, e encontrando hum Cavalleiro Turco batalhou com elle, e o matou, e vestio os seus vestidos, e deixou o seu cavallo, montando no d'elle: e isto lhe servio de tudo, porque os soldados dos fortes, que hiaõ em seu alcance, vendo hum homem morto naquelle seu trajo, e o seu cavallo, entendendo que aquelle era o que havia fugido, deixáraõ de segui-lo; e Oliveiros avistando a fortaleza de Timorante, a rodeou por fóra toda, e para maior disfarce entrou pela porta contraria ao caminho donde via.

Tanto que se vio em parte, aonde podia ajudar, ou morrer com os companheiros, ficou o homem mais contente do mundo; informou-se logo, secreta, e disfarçadamente do como estavaõ os companheiros, e antes que digamos o que fez, he necessario dizer o que Roldaõ passou, desde que no Capitulo quinze do Livro passado nos apartámos d'elle, para entaõ se entender melhor como Oliveiros se houve.

### C A P I T U L O III.

*Como Roldaõ passou em Tristefea os primeiros dias, e das práticas que teve com Angelica.*

No Livro passado, Capitulo quinze, ficou Roldaõ dentro do leaõ de ouro, mettido já dentro da cova levando-o Zalabarda pela cadêa a apresentar a Angelica: recebeo esta com muito contentamento hum miino taõ extraordinario; e ainda que ao principio teve medo, o perdeu logo, e mandou metter o leaõ no seu quarto, para quando estivesse só se divertir em vê-lo passear.

Tanto que foi noite, e Angelica recolhida na sua camara ficou livre das suas Damas, abriu Roldaõ a porta do leaõ, e sahindo por ella, se pôz em pé no meio da casa. Tanto que Angelica tal vio, foi tal o susto, que cahio desmaiada nos braços de Roldaõ; ficou

este posto na maior consternação do mundo, porque ou Angelica morria do desmaio, ou se vivesse, era possível que gritasse, e o descobrisse: neste susto se encommendou a Deos muito do seu coração; e estando ainda Angelica desmaiada, a assentou em huma cadeira, e se pôz de joelhos ao pé della a contemplar a sua formosura, e tirando o retrato, que della tinha, da algibeira, achou que era Angelica muito mais formosa vista, que retratada.

Tornou a si a desmaiada Princeza, e antes que pudesse gritar lhe fallou Roldaõ assim: — Senhora, não te cause susto ver-me aqui por hum modo tão estranho; porque em pró da tua pessoa he que venho desta sorte: vi em hum retrato teu (que he este que aqui tens) a tua formosura, e logo me captivou tanto o coração, que determinei livrar-te deste cativoiro á custa da minha mesma vida: Eu sou Roldaõ, sobrinho do grande Carlos Magno, e hum dos Pares de França: e assim bem te podes fiar da minha nobreza, e da minha afeição, que não faça cousa alguma em offensa da tua pessoa. —

Estava Angelica com os olhos pregados em Roldaõ, e como elle era de tão boa graça, e presença, de muito boa vontade ouvia Angelica tantas expressões, que não sei que tem isto da natureza feminina, que, por mais nobreza que a anime, nunca desgosta de se ver querida, e adorada. Acabou de fallar Roldaõ, e Angelica lhe respondeo: — Pois, Senhor Cavalheiro, como te atreveste a huma cousa tão arriscada pelo meu amor? Antes a mim me parece que, tendo o teu Rei guerra declarada com meu Pai, virás tu aqui para me fazer algum mal. —

Roldaõ então lhe disse: — Senhora, eu sou Cavalheiro, e nestes não cabe em algum modo fazer cousa, em que se offenda Dama alguma, porque o nosso Instituto he defende-las: e para que vejas a mi-

nhã verdade, eu te juro pelo meu Deos, pela Ordem da minha Cavallaria, e pela Cruz desta minha espada, que não tenho outro intento, mais que livrar-te deste cativeiro, só para ter a gloria de que não viva em desgosto huma Senhora, a quem eu tanto estimo: e se disto te não fias, e suspeitas de mim alguma cousa, ou contra a tua vida, aqui te entrego a minha espada, mata-me com ella; ou eu me metto no leão, e manda-me para fóra. —

Então Angelica, saltando-lhe pelos olhos humas lagrimas de alegria, ainda nem bem certa, nem já bem duvidosa, deitou os braços ao pescoço de Roldaõ, e lhe disse: — Pois, Senhor Cavalleiro, se o vosso amor he dessa qualidade, o admitto, para que procureis tirar-me desta prisão; mas tende entendido que no mesmo instante que intentardes alguma cousa contra o meu credito, vos descubro; mettei-vos no vosso leão de ouro, e eu vos porei em huma casa fechada, aonde estejais, sem que alguem vos veja, e ahi praticaremos o que for preciso para sahirmos daqui ambos. —

Ao outro dia mandou guiar o leão para huma casa, aonde tinha o seu thesouro, e guardou a chave della: e aqui, todas as vezes que havia lugar, fallava Angelica a Roldaõ, e gastavaõ muitas horas em finezas, e requebros, accendendo-se no peito de Angelica hum casto amor a Roldaõ, e augmentando-se em Roldaõ cada vez mais o amor de sua Angelica: esta humas vezes, confiada nas promessas de Roldaõ, dava parabens á sua fortuna de ter hum tão grande Cavalleiro para sua defenza; outras vezes desconfiada se banhava em lagrimas toda, e fazia apurar em Roldaõ o affecto, e a fineza. Gostava muito de ouvir as proezas dos Pares: principalmente as que fizeraõ nas terras do Almirante Balaõ, e desejava muito ver a formosa Floripes, que servira aos Cavalleiros de tanto bem.

Vivia Roldão tão embelezado nestas cousas, que por lograr a companhia de Angelica se hia esquecendo de liberta-la: com Angelica tinha muitas vezes lugar de passear pelos jardins, e salas da cova, que todas eraõ de singular architectura: até que vendo ser já tempo de sahir de huma vida tão ociosa, e impropria ao estado que tinha, e juntamense ser preciso conseguir o intento, para que alli tinha entrado, que era livrar Angelica daquella cova, tratáraõ o modo de sahirem, que era fallar Angelica á porteira Zalabarda, a qual tinha muita industria, e fiando-se della podia-se conseguir a empreza.

#### CAPITULO IV.

*Como por industria de Zalabarda sahio Angelica de Tristefea.*

A esta velha pois se chegou hum dia Angelica, e deitada aos seus pés banhando-lhos em rios de lagrimas, lhe disse que dalli se não havia levantar, sem que lhe concedesse hum dom, que lhe queria pedir: duvidou Zalabarda conceder sem saber o que era; mas Angelica chorou, pediu, e rogou tanto, que Zalabarda vendo aos seus pés daquella fôrma huma Princeza, a quem queria muito, lhe disse que ella lhe concedia o que quizesse: prometteo-lhe Angelica todas as suas riquezas, e Zalabarda lhe disse: — Senhora, já está concedido o que queres, falta agora que mo digas. —

Contou-lhe entaõ Angelica tudo, e Zalabarda ficou tonta da tramoia do leaõ, e esteve para tornar atraz com a sua palavra, e descobrir tudo; mas Angelica entendendo isto cahio com hum desmaio, e Zalabarda entaõ de puro dó de huma tão afflicta Princeza, se resolveo de todo a fazer-lhe o que pedia, e entre ellas, e Roldão se tratou a sahida desta fôrma.

Dentro do leaõ de ouro se havia metter Angelica, e Zalabarda o havia de levar pela cadêa á porta

da cova, de onde o tirasse Brutamonte: e da mão d'elle o comprasse Ricarte de Normandia, em cuja casa estaria Angelica escondida, e se devia fiar da industria de Ricarte, que tanto que visse o leão fóra, o comprasse a todo o custo, entendendo que dentro nelle havia vir, ou Angelica, ou Roldão.

Depois de Angelica estar fóra, havia então Zalabarda em huma noite signalada pelas duas horas tocar com muita pressa o sino, e acudindo Brutamonte, ao abrir da cova sahiria Roldão fiado no escuro, porque Brutamonte pela pressa não levaria archote, e quando o levasse ou ainda sem elle quizesse a desgraça que encontrasse a Roldão, fiar então á sua espada, e á de Ricarte de Normandia, a quem Angelica havia avisar da noite, em que se determinava isto.

Tudo isto tinha infinitas contrariedades: mas como não havia outro remedio, foi preciso deixar muita cousa nas mãos da fortuna: e o amor em Angelica, e o dinheiro em Zalabarda foraõ taõ poderosos, que se arriscáraõ a huma empresa, em que qualquer infelicidade se havia pagar não menos que com a vida.

Sabio pois, como se tinha determinado, Angelica dentro no leão de ouro, e Zalabarda o entregou a Brutamonte com hum recado fingido da parte de Angelica, em que lhe dizia que vendesse aquelle leão logo; porque tinha tido muitas noites sonhos, em que se lhe prognosticavaõ infelicidades por amor d'elle, e que advertisse era seu gosto que o vendesse. Brutamonte lhe respondeo que assim o faria, pois era gosto de Sua Alteza.

Ricarte, que andava á espreita, tanto que vio sahir o leão, julgando logo, como esperto, que dentro d'elle só podia vir ou Angelica, ou Roldão, se foi ter com Brutamonte para lho comprar, dizendo que o queria levar ao Rei da Laponedia, donde havia tirar os maiores interesses: concertáraõ-se em dous mi-

64            **HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
**lhões, que Ricarte deo logo a Brutamonte, e levou**  
**o leão para a sua pousada.**

Angelica, que estava dentro nelle, via tudo isto, e além da oppressão, com que já estava, era indizível o susto que tinha de se seria aquelle homem o mesmo Ricarte de Normandia, ou por desgraça outro, em cujo poder, ou seria obrigada a morrer dentro no leão, ou a descobrir o segredo a homem desconhecido, que lhe podia ser de qualquer sorte traidor: mas Ricarte a livrou de todos estes sustos; porque tanto que a teve fechada no seu quarto, abriu a porta do leão, e a tirou para fóra; e admirando-se muito da sua rara formosura, lhe disse:

— Senhora, já sei que tu és Angelica: agora he preciso que saibas, que eu sou Ricarte de Normandia, para que vejas estás comigo segura. — Tanto que Angelica tal ouviu, banhada em hum doce pranto, nascido do seu contentamento, e não podendo conter a sua alegria no seu peito, lhe lançou os braços ao pescoço, e lhe deo os agradecimentos do muito que se tinha arriscado a seu respeito; e isto com tanto affecto, com tanto gosto, com tanta graça, e com tanto juizo, que Ricarte ficou admirado de ver ao mesmo tempo em annos tenros humas cousas tão raras. Perguntou-lhe por seu amigo Roldaõ, e ella então lhe deo conta do que estava tratado, e quando era a noite que havia á porta da cova ser necessaria sua assistencia: em fim Ricarte lhe deo o melhor commo que podia, e se pôz a esperar a tal noite, que era a que havia dar fim a huma empreza tão grande.

## CAPITULO V.

*Do que acouteceo a Ricarte, e Roldão, querendo este sahir da cova.*

Chegou a tal noite, e tanto que deo huma hora, foi Ricarte para a praça aonde estava a porta Tristefea, e pontualmente as duas se tocou o sino com muita força: foi logo a sentinella avisar a Brutamonte de que chamavaõ com muita pressa na cova: e elle assim mesmo, como estava, só com hum manto á Turca, com o seu alfange foi ver o que era, abriaõ-se os dous alçapões da cova, e ao tempo que Zabalarda começou a dar hum recado fingido de Angelica, hia sahindo Roldão pelo lado da cova, mas com taõ pouca fortuna, que o advertio Brutamonte, e pondo-lhe o alfange nos peitos lhe perguntou quem era.

Respondeo Roldão em lingua Turca, que muito bem sabia, que elle era hum soldado daquella fortaleza, e vendo a pressa, com que fôra chamado, viera acudir-lhe, por se necessitasse de alguma cousa. Disse-lhe Brutamonte: — E a ti quem te metteo com os meus perigos? Melhor soldado foras se observasses a lei de não chegar aqui, porque te livravas agora de morrer. — Respondeo Roldão: — Senhor, eu sou soldado novo, e não sabia essa lei, e assim não he razão que morra, vindo ignorante della, só por te ajudar. —

Tornou-lhe Brutamonte: — Isso em ti he fingimento, e ainda que o não fôra, as leis todos estaõ obrigados a sabe-las, e assim nunca a ignorancia te desculpa; — e dizendo isto, gritou ás sentinellas que viessem prender aquelle soldado. Quando Roldão vio isto em taes termos, deo tudo por perdido, e assim mesmo Ricarte, que estava ouvindo tudo, alguma cousa afastado: e logo se resolvêraõ fiar o seu livramento nas suas espadas, visto querer a fortuna reduzi-los a huma necessidade taõ extrema.

Chegáraõ os soldados para prender a Roldaõ, mas elle levando da cinta a Durindana, se pôz em resistencia, e das primeiras duas cutiladas deixou dous soldados sem vida. Puxou do seu alfange Brutamonte, e acudio por parte de Roldaõ Ricarte, e se começou á porta da cova hum cruel batalha. Acudiráõ mais soldados da fortaleza, mas nelles matavaõ os dous Cavalleiros muito á sua vontade; até que foraõ vindo tantos, que já pela multidãõ se fazia impossivel o vencimento.

Brutamonte brigava bravamente, e Roldaõ investio com elle para o matar, e vieraõ a braços, mas com tanta infelicidade de ambos, que escapando-lhes os pés foraõ rodando pela escada da cova abaixo, que tinha cento e quarenta degrãos, todos de marmore finissimo, e Roldaõ como hia armado, fazia por elles tal estrôndo, que parecia se abria a terra com elle, e retumbando o éco pelas abobadas da escada, se ouviraõ os baques na fortaleza toda: ficáraõ em baixo ambos amortecidos, e á porta da cova ficou Ricarte só sustentando toda a força da peleija.

Zalabarda querendo acudir ao perigo de ambos foi-se a huma parte, aonde tinha guardado hum espirito; e querendo chega-lo ao nariz de Roldaõ para que tornasse a si, e matando Brutamonte viesse dar ajuda a Ricarte, como era escuro, se equivocou, e deo a cheirar o espirito a Brutamonte: tornou este logo a si, e sem advertir em Roldaõ se foi pela escada acima a ver o que devia obrar, e achando que Roldaõ tinha ficado em baixo, se tornou lá, e metten-do-lhe o alfange pelo corpo quatro vezes o deixou por morto, e veio fazer o mesmo a Ricarte.

Andava este na boca da cova ainda brigando, e tinha ao redor de si tantos corpos mortos, que não podia mexer-se, e pelos degrãos da escada corria huma levada de sangue cousa portentosa. Era já manhã,



e Ricarte estava desfalecidissimo; e não podendo já soffrer a multidão, que carregava sobre elle, se deixou cahir pela escada abaixo, e Zalabarda fechou muito depressa a porta, e o deixou dentro: quiz Brutamente arronibar a porta para logo mata-lo, mas lho impedio outro novo successo.

## CAPITULO VI.

*Como se descobrio todo o segredo, e Angelica foi preza na torre da Lua.*

Aquelle ourives, de quem Ricarte se tinha fiado para fazer-lhe o leão, vendo o negocio em tão máos termos, e temendo que lhe viesse algum damno, tanto que soube como o que brigára não era mercador, mas sim Ricarte de Normandia, hum dos doze Pares de França, se foi ter com Brutamente, e lhe disse todo o segredo do leão de ouro: e como aquelle homem lho tinha mandado fazer oco por dentro, o que tudo era signal de alguma traicão.

Quando Brutamente tal ouviu, foi-se com toda a soldadesca á casa onde morava Ricarte; e Angelica, que estava á vigia, e já pelas vozes entendia tinha succedido alguma desgraça se metteo no leão muito depressa; mas chegando todos, o ourives traidor abriu a porta, e sahio para fóra a triste Angelica, tão envergonhada, e tão temerosa, que sem atinar no que dizia, só em chorar atinava: mas revestindo-se de hum natural soberania, que sabia usar quando queria, comendo comsigo as lagrimas, disse para Brutamente:

— Que he isto, injusto Brutamente? Como sahendo tu que eu estava nesta casa, te atreveste a profana-la com tanta soldadesca? Assim se perde o respeito a hum filha de Abderraman? He esta a tua lealdade? Dize-me, descortez, fraco, traidor: não tiveste attenção para me vir prender, como a pessoa Real? Não tiveste valor para me vir prender só? E não ti-

vesta fidelidade para me encobrir? He brio descobrir assim a falta de huma Princeza como eu? Ora aqui me tens á tua obediencia, manda-me atar as mãos por estes guardas, manda-me para huma cadêa pública, e depois manda-me pendurar em huma forca, que se chego a isto, não he muito chegue a tua grosseria a tanto. —

Brutamonte lhe respondeo: — Senhora, eu vim a esta casa examinar as traições, que neste leão se encobriaõ, mas nunca entendi fosse deste tamanho a traição que achasse: que a prevenir tal, fie-se sua Alteza de mim, que saberia vir só; mas já que não tem remedio, deixe-se sua Alteza prender, e deixe á minha conta o modo, e decencia da sua prisão. — Angelica não fallou mais palavra, e Brutamonte a conduzio para huma das torres daquella fortaleza, chamada a torre da Lua, onde ficou com todo o respeito, e attenção preza, e Brutamonte expedio logo proprios a dar conta a Abderraman ao exercito.

Ao tempo que isto succedia fóra da cova, estavaõ nella Roldaõ, e Ricarte cheios de feridas, e Roldaõ tornou a si, e vendo-se com aquellas estocadas, perguntou quem lhas tinha dado, e Zalabarda lhe respondeo que Brutamonte, porque ella tivera a equivocação do espirito que dissemos; e tirou entãõ Roldaõ o balsamo de Ferabraz, que lhe tinha dado o Gigante de Pontable, e com elle se pôz saõ, e mais Ricarte.

Mas que importava esta melhora, se elles viaõ o perigo em que estaria Angelica? Roldaõ levado do seu amor, e vendo que elle fóra causa de se ver em tal perigo a sua Angelica, pegou na sua Durindana, e acompanhado de Ricarte subio a escada da cova para morrer ao menos na defesa da Princeza; mas achando a porta tambem por fóra fechada ficou Roldaõ para se tirar a vida; maldisse a sua fortuna, e fez cou-

sas dignas de tanta pena, que Zalabarda, de pura compaixão que delle tinha, chorava como huma criança: mas estando assim parados á porta da cova ouviraõ humas vozes fóra, que diziaõ: — Vai Angelica para a torre da Lua preza. —

Quando Zalabarda entendeu que a torre da Lua era a prisão de Angelica, pegou em Roldaõ, e lhe disse: — Alviçaras, Senhor Roldaõ, que nos depara a fortuna hum modo de livrares a Princeza. — Roldaõ, naõ crendo a que ouvia, lhe perguntou se o enganava; e ella lhe disse: — Senhor Roldaõ, naõ te engano, e para te dar depressa o maior gosto, que possas ter no mundo, saberás que para a torre da Lua, para onde ouviste que vai preza a tua Angelica, ha huma mina dentro nesta cova, a qual em outro tempo mandou fazer hum Rei de Cordova para certo fim, que pretendia. Esta mina naõ está acabada; mas como tu, e Ricarte tendes taõ grandes forças, ajudadas do vosso empenho podereis romper o que falta, e fallar a Angelica por ella. —

## C A P I T U L O VII.

*Como se fez a mina para a torre da Lua, e da batalha, que deo Brutamonte aos dous Cavalleiros.*

Quando Roldaõ ouviu isto, abraçou a Zalabarda, e Jogo com Ricarte foi ao lugar, que Zalabarda lhe ensinou, e estava feito hum boqueiraõ mui grande, que seguia por baixo mesmo da terra, e todo de abobadas fortissimas, como era o resto da cova: começaraõ os dous Pares com as suas potentes forças a trabalhar na mina, e estimulado hum da amizade, outro do amor, elles sós trabalhavaõ mais que quarenta homens, e diz a Historia que arrancavaõ penhascos de cincoenta arrobas de pezo.

A este tempo Brutamonte tanto que teve Angelica preza, foi com soldadesca á porta da cova, e a

arrombou para acabar de matar a Ricarte, e ver o que havia dentro; correo os quartos todos, e não achando algum dos Paladines, pôz hum alfange ao pescoço de Zalabarda, para que lhe dissesse aonde elles estavam, e a maldita velha com o medo da morte apontou para a mina, ainda que encobrio hia dar ao quarto de Angelica, e só disse a faziaõ os Pares para fugirem por ella; o que servio de muito, como se verá adiante.

Mandou logo Brutamonte a doze soldados que investissem a mina, e os Pares, que estavaõ dentro occupados na fadiga, que dissemos, vendo aquillo, se armáraõ contra elles, e os matáraõ logo: mandou Brutamonte mais soldados, mas como pelo meio da mina adiante só cabiaõ dous emparelhados, os matavaõ os Pares logo com as espadas, com os pededos, e com instrumentos de ferro, que tinhaõ achado na mesma mina do tempo em que se começara: e em fim em duas horas matáraõ mais de mil Turcos.

Mandava Brutamonte mais soldados, mas não queria já obedecer-lhe, nem os mortos, que havia, davaõ lugar a que passassem os vivos: mas Brutamonte, vendo isto, mandou fazer hum entulho de pedra, e calça á porta da mina muito forte, para que os Pares de dentro impedidos dos mesmos Turcos, que tinhaõ morto, depois do entulho que havia feito, ficassem enterrados em vida na mesma cova, que buscáraõ para sua defenza: e deixando neste miseravel estado os pobres Cavalleiros, se sahio a cuidar no governo da fortaleza.

Quando os dous Cavalleiros se víraõ reduzidos a tão extrema miseria, foi-lhes necessario toda sua constancia, para não acabarem nas mãos da desesperaçãõ a sua vida. Viaõ de todo perdido o negocio a que viaõ. Angelica em poder de Abderraman, elles enterrados em vida sem esperança alguma de remedio; por-

que acabar a mina, ou romper pelos corpos mortos, e entulho, era impossivel, por se acharem summamente cansados, e ainda que o fizessem, por qualquer parte hiaõ dar a poder de seus inimigos; mas com tudo, consolando-se hum ao outro, se puzeraõ a esperar a morte com a maior constancia, que esta he a maior prova dos corações animosos, mostrarem-se taõ intrepidos nos ultimos trabalhos.

## CAPITULO VIII.

*Como Urgel, e Guarim entrãraõ em Timorante presos, e Abderraman vencido.*

A este tempo chegãraõ a Timorante Urgel de Danoa, e Guarim de Lorena, que, como dissemos, tinhaõ sido presos na batalha da Floresta escura: e ainda que esta chegada deo aos de Timorante esperanza de ter vencido Abderraman a batalha, e assim mandou Brutamonte os Pares para huma torre carregados de ferros; ao outro dia pelas tres horas da tarde chegou Abderraman em pessoa a desengana-los desta má suspeita.

Entrou pois o desaventurado Abderraman em hum cavallo manco, rotos os vestidos, arrelladas as barbas, o rosto ensanguentado, e elle todo taõ fatigado, e taõ afflicto, que a sua vista era o maior annuncio da sua desgraça. Entrou no seu palacio, e depois de se ter esbofeteado muito a seu sabor, e dando mais de quatro cabeçadas nos postigos das janelas, sentando-se em huma cadeira; rompeo nestas palavras:

— Oh se quizesse a fortuna que eu visse arder nos infernos a Mafoma, ainda que fosse á custa da minha mesma alma! Como eu teria por mimo qualquer chamma de fogo, só por me ver vingado deste bruto! Dize-me, Mafoma barbaro: em que te offendeo Abderraman para o castigares assim? Naõ era eu

o defensor da tua lei, não era o baluarte da tua crença? Pois então, como permittiste que fosse vencido eu, e teus inimigos vencedores? E como esperas que mais ninguem te sirva, se assim pagas?

Mas ai! que os meus grandes peccados he que tem a culpa; eu sou o máo, que tu Mafoma sempre és bom; eu fui o que escureci toda a gloria da Seita Mahometana; eu offusquei os timbres dos teus fieis sequazes: lá vão os louros dos Balões, dos Ferraguzes, dos Clariões, dos Corsubeles, e dos Sortibões de Coimbrés: todos escureceo, não a fraqueza, mas os peccados de Abderraman.

Ah pobre Abderraman! (e dizendo isto arrancou hum formoso mólho da barba esquerda) aqui será o fim de teus dias, aqui morrerás á mão do teu desgosto, e aqui vestirás hum saio de leigo, já que, pelo estrago que fizeste em ti, não podes ser barbaro. — E acabou esta prática dando em si tantas bofetadas: que atroava a sala toda, e depois começou a chorar ternissimamente, e todos os circumstantes cheios de dó faziaõ o mesmo; e era tal a lamuria com que se suspirava, que dizem graves Authores tomára daqui principio a moda das carpideiras, que ainda hoje se usa em Malta, em Creta, em a Natalia, &c.

Para alliviar de alguma sorte o seu sentimento, perguntou por Angelica; mas dando-lhe Brutamente as noticias, que estão ditas: então he que o triste Rei assentou consigo fazer algum desproposito: e vendo-se de todas as partes combatido da desgraça, se levantou da cadeira para se ir lançar por huma janella fóra.

Mas ao tempo que hia na maior furia; passando por hum espelho, para onde olhou por acaso, começou diante delle a dar tão grandes risadas, que se até alli eraõ grandes os seus prantos, maiores eraõ agora os seus risos: ficáraõ pasmados todos de ver huma mudança de affectos tão estranha, e tão repenti-

na: e indo todos a olhar para o espelho, a todos succedeo o mesmo, e começou a sala toda a retumbar com gargalhadas tão fortes, que era cousa nunca vista.

Entre toda esta risonha sociedade, só Fredegundes estava muito sisuda, e depois que o riso deo lugar a que fallassem todos, que foi passada meia hora, lhe perguntárao porque só ella não rira; e ella respondeu: — Senhores, as minhas mágicas me servirão agora mais que nunca: eu via a desesperação, em que Abderraman estava, e que a sua morte era a nossa ultima ruina; e assim fingi naquelle espelho a grãciosa figura, que nelle vistes, e por cuja vista vos ristes desta sorte; para que perdida com este intervalo de alegria a força do desgosto, que em Abderraman reinava, pudesse depois estar mais livre de paixão para acudir á Monarchia, e não perecer nas mãos da sua desventura. —

Disse então Abderraman: — Só tu puderas fazer cousa tão proveitosa: porque eu me vejo mais desafogado, e agora conheço que he melhor cuidar no remedio de tudo, que entregar ao sentimento de todo. — Disse-lhe então Salgueiraõ de Lisboaes, que era hum Capitão muito valeroso, e advertido, e era primo de Sortibaõ de quem se falla na Parte primeira; — Senhor: o primeiro que has de fazer, he aplacares a ira de Mafoma, a quem disseste tantas injúrias: — e Abderraman assim o fez, andando descalço pelas ruas em procissão, e mandou dar aos pobres doze milhões de curo, e fez outras obras de caridade, e dahi mandou ordens a todos os seus Reinos, para que logo logo lhe mandassem todas as tropas, e fizessem soldados todos os homens que houvesse; e os mesmos Reis viessem todos em pessoa com a sua gente: e por não perder tempo na expedição destes negocios, guardou para outro o castigar Angelica

## CAPITULO IX.

*Como Oliveiros soltou a Guarim de Lorena, e Urgel de Danôa.*

Nestes termos estavaõ as cousas de Timorante: Roldaõ, e Ricarte sepultados em vida: Urgel, e Guarim presos em huma torre: Angelica da mesma sorte; e Abderraman cheio de colera, mandando fazer gente por toda a parte para acabar de huma vez com toda a Christandade; quando Oliveiros entrou na praça do modo que dissemos no Capitulo segundo deste Livro.

Informou-se logo de tudo o que passava, e se resolveo a libertar primeiro Urgel, e Guarim, para com elles ser mais facil livrar Ricarte, e Roldaõ, no caso que ainda estivessem vivos: e a causa, que teve para primeiro ir acudir aos primeiros, foi, porque só não podia elle livrar os segundos. Chegou-se a noite, e foi Oliveiros para a muralha da torre, aonde estavaõ os dous amigos, a qual era altissima, e pondo a espada na boca, e o escudo nas costas, foi atrependo por ella acima de pedra em pedra, cousa que só o seu valor, e destreza podia conseguir.

Chegou a huma sentinella, e cortando-lhe a cabeça, vestio a sua farda, e se foi para a porta da prisão, e com os guardas, que alli estavaõ; armou em lingua Turca huma notavel conversa: pelo discurso della fingio ser homem de muito pouco somno; e os guardas, que estavaõ perdidos d'elle, lhe recommendáraõ que tomasse sentido nos presos, e se deitáraõ a dormir mui descansados.

Muito estranhou Oliveiros esta confiança, que fizeraõ d'elle os guardas, mas aproveitando-se della, como da maior fortuna, os matou a todos; e abrindo as portas da prisão achou os dous Cavalheiros cada hum preso a seu cepo com fortissimas cadêas, carregados



de ferros, e tão desfigurados, que apenas pôde conhece-los, Guarim principalmente estava desfalecidissimo, pallido, melancolico; e elle todo era o retrato vivo de hum defunto.

Quando os presos conhecêraõ Oliveiros não cabiaõ em si de gosto: levantáraõ-se para abraça-lo, mas com o peso das cadêas, e ferros cahiraõ em terra, fazendo tal estrondo, que se os guardas não estivessem mortos, sem dúvida os despertára. Quebrou entaõ Oliveiros as cadêas, e soltando-os dellas os abraçou com todo o gosto, que se pôde imaginar de taes amigos; mas a sabida para fóra he que lhe dava cuidado, porque os dous não estavaõ capazes de descer pelo muro; mas Oliveiros, nunca desmaiando, atou humas ás outras as cadêas das prisões, e as lançou a prumo do muro abaixo, prendendo em huma amêa a ponta de cima, e dahi pôz Guarim ás suas costas, e descendo com elle o pôz em baixo, tornou acima por Urgel, e fez o mesmo; tudo com indizível trabalho.

E dahi foraõ direitos a Tristefea, ajudados da noite, que ainda durava; e como as portas da cova estavaõ escaladas, entráraõ dentro, e correndo tudo foraõ dar com o entulho, que mandára fazer Brutamonte, e começáraõ logo a tirar as pedras; e Urgel, e Guarim, refazendo-se de comer, que acháraõ em hum quarto da cova, pudêraõ bem ajudar a Oliveiros.

## C A P I T U L O X.

*Como Roldão, e Ricarte sahiraõ da mina, e a continuáraõ até o quarto de Angelica na Torre da Lua.*

Necessitava muita pressa a diligencia de desentulhar a mina; porque chegada a manhã, haviaõ apparecer as guardas mortas, e Guarim, e Urgel não haviaõ apparecer, pelo que era mui certo se buscasse tudo, principalmente a cova; e se a obra não estivesse acabada, era certa a sua ruina: e assim sem se dar a

descanso trabalhárao de tal sorte, que antes de romper a manhã chegárao a desentulhar tudo, e aonde estavao os dous companheiros mais mortos que vivos.

Naõ se pôde encarecer a alegria, que recebêrao os de fóra de verem vivos ainda aos dous amigos: trouxerao-lhes logo do comer que havia, e refazendo-se de forças, assim como fizerao os dous presos, se derao reciprocos abraços, e parabens huns aos outros, chorando muitas lagrimas de gosto de se verem por tao estranhos caminhos alli juntos.

Mas Roldaõ, que só cuidava no perigo de Angelica, disse: — Senhores, antes que resolvamos cousa alguma, he bem que cuidemos em libertar Angelica, porque he huma Princeza, e por amor de mim está em perigo a sua vida: agora que somos cinco acabemos a mina mais depressa, ficando tres á boca della para resistir a quem vier, e os dous, que restaõ, trabalhando até a acabar. —

A todos pareceo bem o que dizia Roldaõ, e trabalhando na mina Ricarte, e Guarim, se puzerao a defender a entrada Oliveiros, Urgel, e Roldaõ, e naõ contentes com defender a boca da mina, achando era mais acertado defender a porta da cova, para que esta ficasse toda por sua, se puzerao a ella, armados das suas armas. Urgel, que as naõ tinha, tomou huma maça, que achou na cova, e de huma pedra de moinho que havia no entulho fez rodella, que tal era a valentia que tinhao os Pares naquelle tempo.

Chegou em fim a manhã, e tanto que se achárao menos na torre os dous Cavalleiros, entrou a buscar-se tudo, e o mesmo Abderraman em pessoa acompanhado de Brutamonte, e de Salgueiraõ de Lisboaes, e de muitos soldados veio registrar a cova: mas achando á porta da banda de dentro os tres Paladines, que elle conheceo, excepto a Roldaõ, começou com elles a batalhar; mas como elles estavao no estreito da

entrada, dava-se-lhes pouco de toda a sua soldadesca.

Durou toda a manhã a peleija, sem Abderraman ganhar hum palmo da entrada, e já tinha muitos soldados seus mortos á porta: a este tempo acabáraõ os outros dous a mina, e sabindo por baixo do pavimento ao quarto de Angelica, que nelle estava só fechada, lhe fallou Ricarte, a quem ella conhecia, e lhe disse: — Como seu senhor Roldaõ lhe pedia viesse com elle por aquella mina abaixo, para que assim estando na cova com elle, e mais quatro Pares, que tinhaõ chegado, vivesse defendida da furia de seu Pai. —

Obedeceo ella sem responder palavra, e Ricarte para desvelar Abderraman da certeza de estar Angelica com elles dentro na cova, ferio com a sua espada lume, e muito de seu vagar pôz fogo a toda a casa, para que, queimando-se, entendessem ser Angelica morta nas chammas, e cahindo as cinzas, calicça, e telhas na boca da mina, ficasse occulta a fugida de Angelica para a cova, e esta assim muito melhor segura.

Quando se soube do incendio, acudiraõ todos a elle: e Abderraman sabendo era no quarto da sua filha, largou a batalha da cova, e todos se foraõ a acudir-lhe: tomáraõ daqui lugar os Pares para sahir, e entre a confusaõ, que havia, furtáraõ muitos mantimentos do público mercado; e chegando ao mesmo tempo Angelica pela parte de dentro, louváraõ todos a idéa de Ricarte em pôr fogo ao quarto, para maior seguro, e todos õs Pares se puzeraõ a defender a porta.

## CAPITULO XI.

*Como os cinco Pares vivêraõ com Angelica na cova, e furtavãõ os mantimentos da praça.*

Desta sorte começáraõ os cinco Cavalleiros, a saber, Roldaõ, Oliveiros, Ricarte, Urgel, e Guarim a viver na cova com Angelica, até que Carlos Ma-

gno chegasse com o seu exercito; continuamente estava dous á porta armados, e entre tanto descansavaõ os tres em companhia de Angelica, e assim se hiaõ revezando de noite, e de dia.

Abderraman, vendo que não apparecêra Angelica, entendeu que estava morta, e fez notaveis sentimentos; e chamava-se o mais desgraçado Rei do mundo; e ordenou que logo se dêsse huma investida á porta, para que, ou morressem todos os seus soldados, ou os Cavalleiros; mas Salgueiraõ lhe disse: — Senhor, vê que assim he perderes muitos soldados; melhor he que a estes homens aqui encerrados se lhes faça hum cerco, para que sem perda da tua gente os vença a sua fome. —

Fê-lo assim Abderraman; mas os Pares, passados quinze dias, vendo que se lhes acabavaõ os mantimentos, ficando dous á porta, sahiraõ Roldaõ, Oliveiros, e Guarim, e degollando os soldados do cerco, se foraõ a hum armazem de mantimentos, e o arrombáraõ, e tiráraõ delle quanto puderaõ levar: acudiraõ todos os soldados, mas os Paladines por entre os alfanges se recolheraõ com o que apanharaõ.

Dahi a oito dias fizeraõ o proprio, e tantas vezes o faziãõ, que Abderraman se dava aos demonios, e dizia que aquelles homens estavaõ enfeiticados, e nem ainda na sua cama, no seu palacio, cheio de guardas, se dava delles por seguro, e dizia que eraõ capazes de o ir matar á sua camara: e tudo era reite-rar as ordens para que chegassem depressa os soccorros, que já vinhaõ pelo caminho, porque só com todo o seu poder junto fiava vencer os Cavalleiros na cova, e a Carlos Magno na campanha.

## CAPITULO XII.

*Como chegando a Abderraman os seus soccorros, deo forte batalha aos Cavalleiros de Tristefea.*

Assim passavaõ os Cavalleiros os seus dias nada seguros, porque a tardança de Carlos Magno os punha no ultimo risco; nem elles tinhaõ modo de avizal-os. Roldaõ, como estava na companhia de Angelica, hia passando gostoso; até que foraõ chegando a Abderraman os Reis, que tinha mandado vir com os soccorros, e eraõ vinte e dous, com oitocentos mil homens de guerra, e sete mil elefantès de Africa, porque dos outros animaes se naõ quiz Abderraman servir, pelo pouco de que lhe prestaraõ nas batalhas passadas.

Os principaes Reis, eraõ Talamante, Rei de Ethiopia; Clorimel, Rei de Mesopotamia; Franciaõ de Natália, e Artaxus de Nomedía, todos poderosissimos; Chamou-os a todos Abderraman a conselho, sobre o que haviaõ fazer com os Cavalleiros da cova, e todos assentaraõ, que por credito se devia acabar com elles a todo o custo; porque era injúria de Abderraman ter dentro em huma sua fortaleza os seus mesmos inimigos fortificados, e que, vencidos elles, sahiria entaõ com todo o poder sobre Carlos Magno.

Pareceu bem a Abderraman o conselho; e logo comecou a investir pela boca da cova com muita gente de guerra: Puzeraõ-se os cinco Cavalleiros á porta, e por mais de tres horas naõ ganharaõ os inimigos nem hum palmo da entrada: mandou Abderraman que lhes deitassem pedregalhos pela escada da cova abaixo, para os fazerem rodar tambem por ella; mas os Pares, com muita difficuldade, se livraraõ deste genero de batalha: saltando muito ligeiramente deixavaõ passar os pedregalhos por baixo dos pés, e hiaõ fazendo pela escada abaixo tal estrondo, que atroavaõ os ouvidos.

Todo aquelle dia passáraõ os Cavalleiros naquella casta de batalha, e Abderraman se dava aos demonios por taõ grande resistencia; e os Reis, que tinhaõ vindo, todos se pasmavaõ de semelhante valor, e diziaõ que aquelles homens tinhaõ o demonio no corpb, ou estavaõ enfeitigados. Ao outro dia, enfurecido Abderraman continuou a peleija, e mandou vir muitas massas de pez, brêo, enxofre, e alcatraõ, e pondolhe fogo, fez correr huma quantidade muito grande desta materia ardente pelas escadas abaixo, para abraçar assim os Pares; mas elles, quando vinha a enxorxada de fogo afastavaõ-se, e neste tempo por amor della, nem os inimigos podiaõ entrar, e quando se acabava, que elles queriaõ, se lhe offerenciaõ, como de novo, ao encontro, e batalhavaõ como de antes.

Já naõ achava Abderraman modo algum para os vencer, até que mandou por muitas partes fazer covas no chaõ, que fossem dar ás abobadas da cova, e arrombar estas, para que entrando por dentro apanhassem os Pares no meio, e os vencessem. Começou-se a fazer assim, e disto naõ sabiaõ os Pares, porque era a peor cousa que lhes podia succeder; pois entrando os Turcos na cova haviaõ topar Angelica, que tinhaõ por queimada, e havia morrer ás mãos de Abderraman, e até aos Pares por fim haviaõ tomar ás mãos: mas Deos que nunca dessimpara os seus, o dispôz melhor, como se verá no Capitulo seguinte.

### C A P I T U L O XIII.

*Como chegou Carlos Magno com o seu exercito, e da batalha a Abderraman.*

Ao tempo que já as abobadas se hiaõ abrindo para entrarem os soldados, começáraõ os tambores da praça a tocar a rebate com muita pressa, e Salgueiraõ de Lisboaes se chegou a Abderraman, e lhe disse: — Senhor, em que te divertes, que vem sobre

nós Carlos Magno com hum grande poder. — Abderraman, enfadado de que em tão má occasião chegasse o Imperador, que não o deixasse acabar de romper as abobadas, vencer os Paladines, se chegou para Salgueirão, e lhe deu muito grandes pescções, e lhe disse: — Só tu me podias ser correio de tão más novas; — e sahindo da praça com todos os Reis, e toda a sua soldadesca, formou fóra dos muros os seus oitocentos mil homens em muito boa ordenança, com os sete mil elefantes adiante.

Na praça ficáraõ vinte mil homens, e dez mil guardando a boca de Tristefea, para que não sahisses os cinco Paladines. Brutamente ficou governando a praça. Talamarte era General de toda a Cavallaria; a Infantaria se dividio por Artaxus, Franciaõ, Clorimel, cada hum com duzentos mil homens, e Talamarte outros duzentos mil; e a todos era superior Abderraman, assistido de Fredegundes, e Salgusiraõ de Lisboaes.

Chegou Carlos Magno com o seu exercito composto de cem mil homens: quarenta mil Mouros de que era General Galafre, e Bradamante; e sessenta mil Francezes governados pelos Pares: e a todo o exercito governava Carlos Magno. Tanto que avistou os inimigos mandou a Gui de Borgonha que fosse avisar a Abderraman, e dizer-lhe que se rendesse, e lhe entregasse os cinco Cavalleiros, que tinha naquella fortaleza.

Abderraman, tanto que ouviu o recado, disse a Gui de Borgonha: — Dize ao teu Rei, que a sua desgraça o trouxe aqui; porque tenho oitocentos mil homens para o vencer, e sete mil elefantes: e para que veja o pouco caso, que faço d'elle, ahi lhe mando mil elefantes, para que com elles me dê batalha. — Não accitou Carlos Magno os elefantes, e lhos tornou a mandar, e lhe mandou mil espadas que trazia na bagagem, e Abderraman as accitou, e mandou dar aos que as trouxeraõ, a cada hum duas libras de ouro.

Mas sem embargo destes cumprimentos se formá-  
rao em batalha os dous exercitos, e se investírao hum  
ao outro com tanta furia, que em poucas batalhas no  
mundo se vio principio taõ violento: sahio da parte  
de Carlos Magno Gui de Borgonha, e Hoel de Nan-  
tes, cada hum com dez mil homens; e da de Abder-  
raman sahírao dous mil elefantes, e atraz delles logo  
Talamarte com toda a cavallaria; e pareceo-lhe a Abder-  
raman que isto bastava para vencer o Imperador.

Investírao os elefantes com muito estrago dos Ca-  
tholicos; mas, acudindo Galafre com os seus Mou-  
ros, recobrou, e se travou assim a batalha com mui-  
tas mortes de ambas as partes: os Turcos, para que  
os elefantes fizessem sómente mal aos seus contrarios,  
os não investiao em quanto os elefantes batalhavao;  
mas depois de quatro horas de combate ficárao mor-  
tos os dous mil elefantes, e entao os esquadrões, que  
batalhavao com elles, se forao unir com os outros, que  
já andavao misturados com a cavallaria dos Turcos.

Parecia Gui de Borgonha hum raio entre os ini-  
migos: não dava ferida, que não fosse mortal: em-  
parelhou-se com elle hum Rei chamado Turcaz, que  
era o mais gentil homem Turco, que entao havia,  
e Gui de Borgonha de hum golpe lhe deitou a cabe-  
ça fóra, e foi cahir duas varas longe do lugar aon-  
de estava. Sahio Clorimel com a sua infantaria, mas  
Tietri de Dardania com seis mil de cavallo se lhe  
póz diante; e sem embargo de ser o poder taõ des-  
igual, fez cara aos Turcos, e encontrando-se com Clo-  
rimel batalhou com elle, e de huma estocada o varou  
de parte a parte, e deo com elle morto em terra.

Vendo Abderraman que não bastava a gente que  
tinha mettido na batalha, quiz introduzir nella toda a  
sua gente, mas, por ser quasi noite, se passou o resto  
do dia em escaramuças, e se assentárao os dous exerci-  
tos a esperar pela manhã, para continuarem a batalha.



## CAPITULO XIV.

*Como no segundo dia se continuou a batalha com toda a gente e nenhuma das partes teve victoria.*

Pelo meio da noite mandou Abderraman soltar os cinco mil elefantes, que tinhaõ ficado, e os fez lançar contra Carlos Magno. Foi incrível o horror, que causou no arraial taõ inesperado acontecimento: a noite era escurissima, e ainda que havia fogueiras, naõ era a luz que bastava para ver o que convinha; muitos Catholicos morreraõ sem defensiva; e Carlos Magno, vendo o perigo do seu exercito, se pôz de joelhos, e pediu a Deos dêsse esforço aos seus soldados, para vencerem aquelles brutos: e sahindo com a espada na maõ foi animando a todos, e ao mesmo tempo matando elefantes de sorte, que os soldados cobraraõ animo, e antes da manhã naõ havia elefante vivo, ainda que dos soldados ficaraõ mais de quinhentos mortos.

Mal luzio a Aurora, logo Abderraman com todo o seu exercito foi cercando o de Carlos Magno, que estava mui cansado pela batalha da noite, e o Imperador tinha muito pouca esperança de victoria, e no seu coraçãõ se encommendava muito a Deos; mas a todos, pelos animar, dizia que a victoria era sua, e os Pares faziaõ o mesmo.

Formou-se pois o exercito Christaõ em huma fórma, que chamaõ praça vazia, fazendo cara a todos os quatro lados; porque vindo os inimigos em redondo, só deste modo lhes podiaõ fazer resistencia. Rompeo Abderraman huns batalhões de Mouros, que governava Galafre, e com este veio a encontrar-se corpo a corpo: eraõ ambos dos mais valentes, mas Galafre esteve perto de perder a vida de huma cutilada, se Tietri de Dardania a naõ recebêra no seu escudo, e entrãra tambem a combater com Abderraman.

## 84 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,

Pela sua parte assombrava Carlos Magno; e era tal a bravosidade, com que se mettia pelos Turcos, que todos temião chegar-se ao pé delle a acommette-lo: fazia hum claro por onde hia, que muito á sua vontade se revolvía por entre os esquadrões inimigos, dando, matando, e ferindo com o maior valor, que se vio no mundo.

Pelas partes que lhe competião faziaõ os Paladines o proprio, e por todos os lados faziaõ indiziveis damnos. Não havia golpe, que não custasse huma vida: toda a campanha se via alagada em sangue: os montes retumbavaõ com os écos dos golpes, e eratal a confusão, a grita, e alarido, que faria horror a todos, se não andassem, com a ancia de matar, tão esquecidos do seu perigo.

Mas que importava fosse esta a valentia dos Christãos se era tanto o número dos infieis? Por muitos, que matasse Carlos Magno, muitos mais tinha ainda Abderraman; chegava-se a noite do segundo dia, e ainda estava indecisa a victoria; e ambos os Reis se impacientavaõ desta dúvida: Carlos Magno irado, de que o seu valor não bastasse a vencer a Abderraman: e este desesperado, de que a multidão dos seus não bastasse a destruir a Carlos Magno. Assentáraõ segunda vez com a noite os seus arraiaes, e ficou para o terceiro dia o resto da batalha, e o tudo da victoria.

### CAPITULO XV.

*Como sahiraõ os Cavalleiros de Tristefea; e se declarou por Carlos Magno a victoria ao terceiro dia.*

Tanto que anoiteceo, fez Abderraman conselho com os seus, e votáraõ que se chamasse Brutamonte da fortaleza com toda a guarnição, que nella era escusada, e no campo tinha muita serventia; e assim se fez, deixando só dous mil homens de guarnição aos Paladines; e mesmo de noite se tirou logo a gente da praça.

Os Cavalleiros, que de noite, e de dia estavaõ vigiando á porta da cova, tanto que presentiraõ isto, puzeraõ Angelica em hum camarim occulto fechada; e por entre os dous mil homens de guarda sahiraõ matando sem resistencia as sentinellas, e dahi aos mais, que, naõ esperando semelhante acontecimento, estavaõ descuidados: chegáraõ a huma porta da fortaleza, e a escaláraõ, e sahiraõ ao campo, quando já a manhã hia rompendo.

Tocou-se a rebate em ambos os exercitos, e elles buscando por entre os inimigos os seus companheiros, atravessáraõ o exercito de Abderraman com as espadas na mão, e chegáraõ á tenda de Carlos Magno, que assistido dos outros Pares estava montado a cavallo para dar principio á batalha. Naõ se pôde dizer o gosto que causou no arraial taõ repentino successo: espalhou-se a noticia por todo o exercito, e a chegada dos Pares infundio em todos tal brio, e tal alento, que a vozes começáraõ a dizer: — Victoria, Victoria: viva Carlos Magno, viva Roldaõ, vivaõ os Pares de França. —

E todos levados de hum furor guerreiro, sem ordem alguma corrêraõ contra os inimigos taõ furiosos, que os primeiros esquadrões ficáraõ em terra; passáraõ aos segundos, e fizeraõ-lhe o mesmo; e indo contra os terceiros, voltáraõ as costas os Turcos taõ desanimados, que nem todo o poder de Abderraman, e dos mais Reis bastou a dete-los. Os Pares, e Cavalleiros Christãos apertáraõ de sorte a estes mesmos Reis, que até elles perdêraõ o valor, e todos foraõ cahindo mortos ás mãos dos Cavalleiros, de sorte que só Talamarte, Abderraman, Salgueiraõ, e Brutamonte ficáraõ com vida, porque escapáraõ fugindo á redea solta.

Seguiráõ os Christãos aos inimigos por mais de duas legoas, matando infinitos delles, e tanto que o

bem fizeraõ, voltáraõ contra Timorante, que estava sem defença, e Carlos Magno entrou triunfante por elle. Os mortos da parte dos Turcos foraõ quatrocentos e setenta mil; os despojos ficáraõ todos de todos os Reis, quo eraõ riquissimos, e coube a cada soldado de Carlos Magno o valor de quinze mil patacas, fóra o que coube ao de Galafre, e aos Paladines. Em fim esta victoria foi das maiores, que teve o Imperador na sua vida.

## C A P I T U L O XVI.

*Como o Imperador fallou a Angelica, e Abderraman fugio para Etiopia.*

Contáraõ os Pares ao Imperador o que tinhaõ passado em Tristefea, e como nesta cova estava Angelica escondida, e o Imperador a fez conduzir á sua presença, e a estimou, como a sua constancia merecia. Tomou posse dos Thesouros, que tinha Abderraman, que eraõ todos dos seus dilatadissimos Reinos: e com Galafre se hospedou no palacio de Brutamonte; e Carlos Magno estimou muito ouvir o que tinha succedido aos Cavalleiros na cova, e ficou muito admirado do seu esforço.

Logo mandou ordem a todas as Cidades de Abderraman que o reconhecessem por seu Rei, humas o fizeraõ logo, outras naõ, o que se verá adjante: Angelica quiz logo baptizar-se, e o Arcebispo Turpini o fez com todas as ceremonias, e foi seu padrinho Carlos Magno: quiz logo receber-se com Roldaõ, mas este achou ser bem faze-lo acabada de toda a guerra.

Abderraman, vendo seu exercito perdido, e em hum ponto desbaratado o seu Reino, as suas riquezas, e tudo; cuidou em salvar a sua vida fugindo, ainda que bem vingado, porque pela sua maõ tinha morto nos tres dias da batalha oitocentos Catholicos:

ajuntou-se com Talamarte de Etiopia, o qual tinha vindo em huma poderosa armada; e chegando ao porto, se embarcáraõ nella, acompanhados ainda de oitenta mil homens de infantaria. Brutamente com Salgueiraõ de Lisboaes se refugiáraõ no Castello de Pontable.

Fredegundes hia seguindo Abderraman, mas perdeu-se delle; e vendo-se no campo, fez notaveis sentimentos, e foi perigrinando por todas aquellas campinas, desviando-se sempre do caminho, para não ser conhecida de Catholicos, e do successo que teve se dará noticia no terceiro Livro.

---

## LIVRO TERCEIRO.

### CAPITULO I.

*Cimo Carlos Magno partio para Cordova, e a tomou.*

Tanto que o Imperador Carlos Magno se vio senhor da principal Fortaleza de Abderraman, e de todos os seus thesouros, destruida toda a sua soldadesca, e elle mesmo fugido do seu Reino para Etiopia, entendendo que tinhã conseguido o fim, para que viera de França, mandou a todas as Cidades de Abderraman que lhe jurassem obediencia, e recebessem juntamente a Religiaõ Catholica: e poucas foraõ as que logo lhe não obedecêraõ.

Mas Cordova, que era a Côrte de todo o Reino, não assentio neste decreto, e o seu Governador Croscor Alpujurre, cuja descendencia ainda hoje se conserva em Marrocos, respondeo soberbamente a Carlos Magno, e mandou dar garrote a hum dos portadores, que lhe havia mandado com a dita ordem.

Sentio-se muito o Imperador desta insolencia, e formando hum exercito de quarenta mil homens par-

tio contra Cordova, e deixou a Galafre com Bradamante o governo de Timorante. Pôz logo sitio á praça em hum quarto de legoa de distancia, e em oito dias se pôz em estado de dar hum assalto geral á fortaleza; mas antes que o fizesse mandou dizer a Croscor que se rendesse antes do assalto, porque, se esperava por ella, havia pôr tudo a sangue, e fogo.

Respondeo Croscor ao mensageiro; — Dize ao Imperador, que como elle tem no seu exercito os seus Paladines, de cujo valor he tanta a fama, que ha pelo mundo, que mande hum delles a singular batalha comigo; e o que vencer dará a victoria ao seu partido, sem se derramar mais sangue. — Aceitou Carlos Magno o partido, e tirando pôr sortes qual dos Cavalleiros iria á batalha, para que não houvesse contendas, sahio Lamberto de Brucellas, o qual preparado de tudo ao outro dia pelas sete horas foi para o sitio, e mandou recado a Croscor que alli o esperava para batalhar.

Sahio Croscor muito bem montado, e ajustou com Lamberto batalharem com lanças, espadas, e escudos; e virando ao mesmo tempo os cavallos, se investirão, como dous furiosos touros, e no primeiro encontro fizeram as lanças em muitos pedaços: leváráo ao mesmo tempo ambas as espadas da cinta, e começaram a ferir-se desapiedadamente: Lamberto de hum a cutilada partio pelo meio o escudo de Croscor; deu-lhe este hum a com as mãos ambas sobre o elmo, que lhe fez dar com a cabeça na do cavallo.

Despicou-se Lamberto com outra, que cortou certo fôra o pescoço ao cavallo de Croscor, e cahindo no chão, se apeou tambem Lamberto; começaram de pé nova batalha; Croscor de hum a cutilada quebrou a folha da sua espada, e dando lhe ao mesmo tempo outra Lamberro, a falseou, e deu en hum a pedra com tal força, que lhe saltou a folha das guar-

nições. Vieraõ a braços, e o Mouro começou a apertar pela cintura fortissimamente a Lamberto, mas este pegando-lhe com as duas mãos nos dous queixos, lhos escachou de sorte, que ficando-lhe a cara dividida, cahio o Mouro sem vida.

Naõ bastou isto para se renderem os da Cidade, faltando ao que tinhaõ justo: Carlos Magno mandou entaõ dar assalto geral, e em tres horas foi a praça rendida, e toda a guarnição se levou á espada: e entregando-se o riquissimo despojo aos soldados, partio Carlos Magno com os seus Cavalleiros para Timorante.

## CAPITULO II.

*Como foi achada Fredegundes, e da sua morte.*

Hiaõ os Pares adiante de todo o exercito, como era seu costume; e a poucas horas de caminho viraõ aõ longe hum vulto, que se escondo em huma cova: tiveraõ curiosidade de saber o que era, e entrando dentro Roldaõ, e Guarim tiraraõ para fóra huma mulher vestida de pelles, com os cabellos muito crescidos, os quaes lhe cobriaõ a cara, e destapando-lha Guarim, conheceo que era Fredegundes, e dizendo-o aos companheiros, ficáraõ todos admirados.

Roldaõ enraivecido do que ella lhe tinha feito padecer, e á sua Angelica, quiz logo alli com a sua morte tomar della vingança; mas reparando em que era mulher, ainda que traidora, suspendeo a sua colera: e chegando a este tempo Carlos Magno, lha apresentáraõ diante. Naõ quiz Fredegundes ajoelhar ao Imperador, e disse que ella só conhecia por senhor a Abderraman.

Perguntou-lhe o Imperador por que causa viera áquelle estado, e ella respondeo que fugindo na batalha de Timorante, se perdéra de Abderraman; evendo-se só em hum Paiz cheio de Christãos, buscára aquella cova, em que escondêr-se, aonde fazia vida bruta.

Disse Carlos Magno: — Tu merecias que aqui já te mandasse dar a morte, mas como a quem mais offendeste foi á Princeza Angelica, a ella te levaremos, para que te dê o castigo, que quizer. —

Respondeo Fredegundes: — Antes acabarei aqui a vida, que me deixe ver em poder de Angelica, — e dizendo isto lhe saltárao pelos olhos as lagrimas de quatro em quatro; e ella, ainda que tyranna, era formosa, e já a todos mettia compaixaõ a sua vista, ainda que mais raiva mettia a sua soberba. Chegáraõ guardas para leva-la, mas ella com hum pequeno bastaõ, que na maõ tinha, se defendeo de sorte que nenhum lhe podia chegar; mas em fim depois de ter morto dous, a tomáraõ ás mãos, e a prendêraõ.

Vendo se ella assim, pôz-se entaõ de joelhos, e pedio humildemente ao Imperador que antes a matasse logo alli, que leva-la a poder da mulher, a quem só aborrecia: e Carlos Magno naõ lhe differio, e lhe respondeo: — As tuas traicões te fazem indigna dessa piedade; mas vai, que eu te asseguro a vida. —

Fredegundes entrou a tomar tal pena de ver a desgraça, que lhe succedia, de ir estar á obediencia de Angelica, que chegando-lhe a paixãõ bem ao interior da alma, foi entrando em taes ancias, taes desesperações, e agonias, que de braveza, de raiva, e ao mesmo tempo de pena arrebentou, e cahio no campo morta, dizendo estas palavras: — Ah infiel Carlos Magno, injustamente me tiraste a vida. — Ficáraõ todos pasmados de taõ lastimoso successo, e julgando que quem morrêra desesperada naõ merecia sepultura, a deixáraõ sobre a terra, em que cahira, e assim acabou a soberba de Fredegundes, que he em que commummente para toda a soberba.



## CAPITULO III.

*Trata-se dos Gigantes Barrocás, e Parrafús, que escachavaõ pelo meio os soldados de Carlos Magno.*

Deixada pois no campo a desgraçada Fredegundes, foi caminhando Carlos Magno com todo o seu exercito; e quando já se julgava senhor da campanha, e se hia dispondo para voltar de Timorante para França, avistou huma tropa muito grande de cavallaria, seguida ao largo de mais quatro, que por todas fazião o número de cincoenta mil homens; mas o trajo era desconhecido, porque nem era de Turcos, nem de Catholicos. Adiante vinhaõ dous Gigantes a pé, mas taõ corpulentos, que excediaõ a altura dos cavallos, e caminhavaõ tanto como elles.

Estes Gigantes eraõ dous irmãos, Reis poderosissimos na Africa, os quaes partiraõ com aquelle exercito para Hespanha em soccorro de Abderraman; e achando-o já vencido, queriaõ por si sós ganhar victoria de Carlos Magno; as suas forças eraõ taõ desmedidas, que bem podiaõ fiar-se nellas, com cada maõ sustentavaõ pela cauda hum cavallo na carreira, e eraõ taõ ligeiros, que a pé acompanhavaõ sem cansar ao mais ligeiro cavallo: chamava-se hum Barrocás, outro Parrafús.

Chegando á falla, com o exercito de Carlos Magno, disseraõ em vozes altas: — O' vós, pequenas creaturas, entregai logo as armas, se não quereis perdê-las, e as vossas vidas. — O Imperador mandou cem homens contra elles: mas os Gigantes, depois de fazerem morrer ás cutiladas mais de quarenta, correrãõ atraz dos outros, que fugiaõ, e pegando-lhes pelas pernas os escachavaõ até o pescoço com tanta facilidade, como se fossem huns pequenos pintos; desta sorte deixáraõ partidos ao comprido dezoito soldados,

Mandou Carlos Magno duzentos homens, mas succedeo-lhes o mesmo; mandou quatrocentos, e lhes fizeram o proprio; e vendo Carlos Magno isto, não mandou mais homens, e ficou muito pensativo, temeroso de que os Gigantes lhe fizessem no exercito algum desaguizado. Começaraõ elles com muita soberba a escarnecer de Carlos Magno, e disseraõ: — Que he isto, Imperador Christaõ, aonde está o teu valor? Estes são os teus esforçados Cavalleiros? Onde está o atrevimento dos teus Pares, que só agora não vem brigar connosco? Parece que tem medo de se verem escachados: Ora dize-lhes que venhaõ, ou apartados, ou juntos, que como são taõ valentes, não lhes succederá o mesmo. —

Vendo estas liberdades Roldaõ, e Oliveiros, pedirãõ licença a Carlos Magno para ir castigar aquelles atrevimentos; mas o Imperador temendo o muito esforço dos Gigantes, não lha queria dar, antes determinava com todo o exercito investi-los. Disse lhe entãõ Oliveiros: — Senhor, manda todo o exercito contra o exercito destes Gigantes, e a mim, e a Roldaõ contra elles, que assim haveremos victoria. —

Assim o determinou Carlos Magno; e os dous Cavalleiros montados em dous formosissimos cavallos, e armados de lanças, e escudos se adiantaraõ a todo o exercito, e chegados a boa distancia disseraõ aos Gigantes, que elles vinhaõ acceitar o seu desafio. Quando os Gigantes viraõ os dous homens riraõ-se muito escarnecendo delles, e lhes disseraõ que pareciaõ homens doudos em taõ temerario intento; mas os Pares, sem esperarem mais razões, entrãõ com elles em batalha.

## CAPITULO IV.

*Como Barrécás foi morto por Roldão, e Parrafús por Oliveiros, depois de cruelissima batalha.*

Ghegou Oliveiros contra Parrafús, e o investio com a lança a todo o galope do cavallo; mas resistindo o Gigante com as finissimas armas que trazia, se fez a lança em pedaços. Puxou Oliveiros pela espada, e o Gigante desembainhando o seu alfange deo tão desmedido golpe em Oliveiros, que todo o escudo, aonde o recebeu, veio em migalhas a terra; segundou-lhe com outro no alto da cabeça, e lhe fez pôr os joelhos do cavallo em terra: levantou-se com muita ligeireza, ao tempo que hia recebendo terceiro golpe, mas livrou-se d'elle com presteza, e começou com desusada furia a ferir o Gigante.

Deo-lhe huma cutilada em hum hombro, e lho deixou desarmado, deo-lhe segunda ao travez do elmo, e o fez ajoelhar, e se segurou com as mãos, por não cahir. Acudio o Gigante com huma estocada, e empregando-a toda no cavallo de Oliveiros, o fez cahir com seu dono no meio do campo.

Vendo-se Oliveiros a pé, se encommendou muito a Deos, porque era assim muito mais perigosa a sua batalha, mas teve tanta destreza, que indo o Gigante feri-lo, elle se curvou de joelhos, e mettendo-lhe a ponta da espada por entre as pernas, aonde eraõ as armas muito fracas, lha ensopou até os copos, e deo com o Gigante em terra; mas este ainda que tão mal ferido, brigava mesmo do chão, e dava não pouco que entender a Oliveiros.

O qual vendo isto lhe disse: — Parrafús soberbo, bem vês que te defendes debalde: toma o meu conselho, deixa a ira com que estás, e estas poucas horas, que terás de vida passa-as em te fazer Christão, para que possas alcançar o Ceo. — Mas o Gi-

gante respondeo-lhe: — Antes quero morrer ás tuas mãos, que receber a tua Fé: — e Oliveiros vendo esta pertinacia lhe cortou a cabeça.

Entre tanto tinha tambem Roldaõ já dado fim de Barrocás. Investio-o primeiro com a lança, e logo teve a fortuna de o acertar por hum olho, por onde lhe metteo o ferro até lhe sahir pelo toutiço. O Gigante, desesperado da dôr, se abaixou para tomar Roldaõ pelos pés, e lhe fazer o que tinha feito aos mais, que era escacha-lo; mas o destro Cavalleiro, dando hum salto, muito ligeiramente lhe saltou em cima das costas, para lhe metter a espada pelo pescoço.

Sacudio-o o Gigante para fóra, e ainda bem o não tinha lançado, quando já estava a feri-lo, e de tres cutiladas, que lhe deo, o deixou escorrendo em sangue. Despicou-se Roldaõ com huma cutilada, que reparando-a o Gigante nos copos da espada lhos quebrou; pegou elle nella com ambas as mãos, e ferendo os dentes levantou contra Roldaõ tão desmedida pancada, que se o Cavalleiro se não desviára, não fóra muito que de alto abaixo o partira, mas livrou-se, e a espada dando em terra se metteo por ella mais de dous palmos: ficáraõ os braços do Gigante tão atormentados, que por muito tempo não pôde levantá-los: aproveitou-se Roldaõ desta occasiaõ, e lhe descarregou tão desmedido golpe sobre os pulsos, e com tal fortuna, que lhos decepou cerceos fóra, cahindo-lhe as mãos ambas assim fechadas no alfange no meio do campo.

Com a dôr de tão bem empregado golpe foi tal o grito, que deo o Gigante, que atrou todos os campos: e com a desesperaçãõ de tal ferida se abraçou assim mesmo com Roldaõ, mas tambem com tal desgraça sua, que endireitando-lhe Roldaõ a espada, se enfiou por ella, e cahio em terra, dando espantosos bramidos, e fazendo gestos desesperados.

Vencidos assim os Gigantes, foi tal o medo, que entrou em todo o seu exercito, que logo declaradamente se pôz em fugida: e os Christãos o perseguirão de sorte, que poucos soldados ficáraõ vivos: e recolhendo os despojos, entrou o Imperador em Timorante com mais esta victoria, mas não pôde gozar-se muito della, pelo successo, que direi no seguinte Capitulo.

## C A P I T U L O V.

*Como Bradamante fez traição, e junto com Salgueiraõ, e Brutamente partio contra Toledo.*

Já se sabe que Bradamante estava muito namorado da Princeza Galiana, e por amor della fez em Paris as justas, que dissemos no Capitulo quarto do primeiro Livro; mas nunca ella lhe quiz corresponder, porque o aborrecia muito: e depois que Carlos Magno entrou em Toledo, e se namorou tambem della, ficou a Princeza taõ agradada do Imperador, que dalli por diante ainda mais aborrecia a Bradamante.

Muito sentia este tal successo, e por elle foi cobrando tamanha raiva ao Imperador, que logo teve no seu pensamento fazer-lhe traição, ainda que juntamente a fizesse ao seu Rei: e achando boa occasiaõ para o que intentava, na jornada que o Imperador fez contra Cordova, em quanto durava a ausencia, pediu licença a Galafre para sahir com alguns mil homens á campanha fazer alguma preza em Mouros, que ainda houvesse espalhados por ella. Galafre, não cuidando mal de Bradamante, lha concedeo; e elle com quatro mil homens sahio de Timorante, e, em vez de ir fazer alguma preza, partio para Pontable, aonde estava Brutamente.

Quando este vio tropas Christãs cuidou que vinhaõ por mal, e se pôz em termos de se defender; mas Bradamante com huma bandeira branca fez signal

de paz, e lhe mandou hum Trombeta a Brutamonte a dizer-lhe que vinha alli á sua ordem, porque os muitos escandalos, que tinha de Carlos Magno, o obrigavaõ a esta resolução Brutamonte entendendo que aquillo era fingimento em Bradamante, respondeu ao Trombeta: — Dize a Bradamante, que me entregue os homens desarmados: — Bradamante o fez assim, e logo Brutamonte ficou seguro: e entrando com elle no Castello chamando Salgueiraõ de Lisboaes, houveraõ conselho.

E depois de varias razões, que tratáraõ, disse Bradamante: — Senhor, Carlos Magno está em Timorante com Galafre bem descuidado: e a Côrte de Toledo, na fé do seu seguro, está desprevenida: eu sou de parecer que vamos conquista-la, porque nella temos huma praça mui forte para a nossa defesa, e hum despojo muito grande para a nossa cobiça; e eu sobre tudo posso assim conseguir a Galiana. — Pareceo bem a todos o conselho de Bradamante, e logo formáraõ hum exercito de cincoenta mil homens, que se tinhaõ retirado da batalha, e por varios modos se tinhaõ ajuntado com Brutamonte, e foraõ contra Toledo.

Puzeraõ sitio á Cidade, e Bradamante mandou dizer a Galiana, que elle vinha alli para a tomar por esposa, que se o havia por bem, retiraria as tropas, e teria paz; mas que se o recusava fazer, que a praça havia ser levada á escála, a Cidade abrazada com o fogo, a gente passada á espada, e ella gozada por força. Ouviõ Galiana este soberbo recado, e disse ao mensageiro: — Dize a Bradamante que estimo taõ pouco as suas ameaças, como sempre estimei as suas finzas: que elle, o que naõ venceo por amante, naõ o ha de vencer por atrevido, antes por traidor o perderá de todo: e que no assalto, que der, ha de ficar vencido, e castigado. —

Com esta resposta ficou ainda Bradamante mais furioso, e deo hum assalto á Cidade muito grande, mas os de Toledo se defendêraõ bem, e Galiana era a primeira que assistia na muralha com lanças atirando aos inimigos, os quaes se retiráraõ do assalto, ficando mortos delles mais de novecentos. Depois deste, deo Brutamente mais dous, e em todos ficou vencido, até que se resolveo a buscar outra traiçaõ, com que se fazer senhor da Cidade, e de Galiana.

## C A P I T U L O VI.

*Como Salgueiraõ de Lisboaes entrou disfarçado em Toledo, e introduzio Bradamante no quarto de Galiana.*

Nesta resolução chamou Bradamante a Salgueiraõ de Lisboaes, e lhe disse: — Meu grande amigo Salgueiraõ de Lisboaes, eu em ti espero meu remedio; tu tens muitas artes para conseguires o que queres, e agora he occasiaõ para que com ellas me ajudes: eu quero entrar em Toledo, e roubar a Galiana, tu has de me buscar modo para que o consiga; que se o fizeres assim, eu te prometto tudo quanto quizeres. —

Respondeo-lhe Salgueiraõ: — Senhor Bradamante, ainda que a nossa amizade não seja das mais antigas, eu me resolvo a servir-te, e para isto te faço a saber o modo que tenho. Eu irei fingindo-me fugido do teu exercito, e mettido dentro da Cidade, em huma noite, que te avisarei, com tres foguetes que hei de deitar, irei á muralha da parte de que he mais baixa, e matando a sentinella, deitarei huma corda por onde subiraõ acima, e de dentro maquinaremos o que pudermos, e tu avisarás a Brutamente de tudo. —

Fizeraõ-no assim, fugio Salgueiraõ para a praça, e dahi a quatro dias deitou os foguetes, e subio Bradamante pela corda acima, e lá vestio a farda da sentinella, e nessa mesma noite se foraõ ao palacio, onde estava Galiana, que ainda hoje conserva em To-

ledo o nome desta Princesa: e escalando o postigo de hum jardim, se encaminhou á sua camara: mas aquella noite não teve boa occasião, e dahi a duas noites tornaraõ pela mesma parte, e com effeito entraraõ na camara de Galiana, a qual estava ainda levantada, e tinha na mão hum retrato de Carlos Magno, sobre o qual derramava copiosas lagrimas das muitas saudades, que delle tinha.

Estava Galiana taõ formosa, que ainda mais accendeo o amor de Bradamante, o qual ao mesmo tempo estimulado dos ciumes se lhe lançou aos pés para fallar-lhe. Quando a Princesa vio diante de si ao seu maior inimigo, entendeo que a Cidade era tomada por traiçaõ, e ficou mortal, mas valendo-se do seu animoso coraçãõ, disse a Bradamante. — Bradamante, que pretendes de mim, que assim me persegues, e me ultrajas? He esta a fé, que deves ao teu Rei? He este o amor, que me mostravas a mim? Vai-te logo embora, senaõ gritarei á minha guarda, que te prenda. —

Respondeo Bradamante: — Senhora, Sua Alteza não se aggrave, e entenda que os ciumes me fazem grosseiro, e que por força, ou por vontade ha de ser minha; pois se gritar pela sua guarda, antes que abra a boca, com este alfange lhe hei de cortar a cabeça. — Tornou Galiana: — Para que vejas o pouco que valem as tuas atrevidas ameaças, eu te juro que se deres mais hum passo para mim, me hei de atravessar no peito este punhal, para que saiba o Imperador meu esposo, que antes me quero morta, do que tua. —

E dizendo isto, pegou em hum punhal, que tinha no cinto, e o apontou ao peito com tal resoluçaõ, e desembaraço, que firmemente entendeo Bradamante se matava, se a offendia; e pasmado de resoluçaõ tamanha em huma Princesa taõ fragil, ficou parado muito tempo, até que succedeo o que se ve-



rá, porque agora vamos a contar o que passáraõ os Cavalleiros, que deixámos no fim do quarto Capitulo, novamente victoriosos em Timorante.

## CAPITULO VII.

*Como os Cavalleiros partiraõ contra Bradamante, e batalháraõ com as Serpentes de Fredegundes.*

Suceddeo que dos quatro mil homens, que Bradamante tinha trazido, huns poucos, vendo a traiçaõ que elle fazia, tanto que chegáraõ a Toledo desertáraõ do exercito, e vierãõ avisar a Galafre a Timorante. Ficou este muito afflicto daquella traiçaõ, porque via a sua Galiana em termos de ser mulher de Bradamante contra o gosto de Carlos Magno, que a amava. Como o Imperador estava ainda na guerra de Cordova, não tinha Galafre lugar para sahir de Timorante, e soccorrer a filha, e a este tempo he que chegou o Imperador com os Pares triunfante, como dissemos no Capitulo quarto.

Disse logo Galafre a Carlos Magno o successo; e não ha dúvida que esta nova lhe tirou todo o contentamento, no receio de estar Toledo rendido, e Galiana (que este era o negocio) em poder de Bradamante. Chamou logo os Paladines, e lhes disse que a toda a pressa caminhassem para Toledo, porque indo sós andariaõ o caminho em muito menos tempo, e atraz dos Paladines partio logo Carlos Magno com o mesmo exercito, com que tinha vencido Cordova, e destruido o poder dos Gigantes; e logo immediatamente começou a ajuntar outro exercito Galafre com toda a pressã; e deixando em Timorante a defesa, que bastava, partio com Angelica em seguimento do Imperador; e desta sorte com todas as forças, e com maior pressa se soccorreo Galiana, e se teve cuidado de Angelica, que só em Timorante ficava mui desacompanhada.

Caminhavaõ adiantados os Pares com toda a pressa, e em duas horas avançavaõ cinco legoas; e chegando áquelle sitio, aonde tinha cahido morta Fredegundes, como dissemos no Capitulo segundo, virãõ os ossos do seu corpo muito escarnados, e que da caveira sahia huma savandija, que logo foi crescendo, e se fez do tamanho de hum coelho, e fugio a esconder-se em hum bosque muito espesso, que ficava vizinho.

Ficãraõ pasmados os Cavalleiros, mas o seu pasmamento se converteo quasi em susto, quando virãõ que do bosque sahiaõ serpentes do mesmo feitio da savandija, mas cada huma do tamanho de hum touro. Do corpo de Fredegundes se tinhaõ gerado; porque morrendo com a desesperaçãõ, e ficando no campo ao Sol, aquelle sangue inficionado do seu máo animo, e corrupto ao depois pelo tempo foi criando aquelles monstrs, e ainda de alguma carne que havia, os criava.

Tinhaõ azas de basilisco, garras de dragaõ, e feitio de tigre: enristráraõ os Cavalleiros as lanças, e a todo o galope investiraõ as féras, mas ellas sacudindo com huma rebanada das azas as lanças das mãos dos Cavalleiros fóra, os investiraõ com as garras de tal feiçãõ, que alli se deraõ por perdidos: mettéraõ mãõ ás espadas, e os que estavaõ livres outra vez com as lanças; mas as serpentes tinhaõ a pelle impermeavel: Roldaõ agarrado pela cinta devia a sua vida á resistencia das armas: dava golpes desmedidos em a féra, mas dados em huma pedra achiariaõ menos resistencia.

Lamberto de Bruxellas batalhava com a sua; mas a serpente lançando-lhe huma garra ao cavallo, lhe tirou as entranhas, e deo com seu dono em terra: saltou-lhe a serpente em cima, mas acudio-lhe Guarim que estava de fóra; e ás cutiladas procurava a morte

daquelle monstro, mas debalde, porque não entravaõ os golpes: Gui de Borgonha, morto tambem o seu cavallo, estava a pé em o maior perigo; e desta sorte se viaõ os Cavalleiros todos summamente afflictos; e o que mais cuidado lhes dava, era não se rompessem as armas, porque entãõ com as unhas lhes tirariaõ as serpentes as tripas.

Haviaõ outras mais pequenas, que faziaõ menos damno; mas em fim Oliveiros, que ainda se conservava a cavallo, e tinha grande batalha com a sua, se deitou do cavallo abaixo, e se pôz de costas no chaõ: saltou-lhe a serpente em cima, e elle endireitando-lhe a espada, lha ensopou toda pela garganta, que era a unica parte que tinhaõ molle, e com tal fortuna, que deitando espadanas de sangue monstruosas, e dando bramidos horrendos, cahio a serpente morta.

Conhecida a parte fraca das féras, todos começáraõ a fazer diligencias para as ferir por ellas, e com effeito conseguiraõ matar desta sorte todas; mas vendo os cavallos huns mortos, outros summamente cansados, e elles tambem assaz debilitados, e moidos, se puzeraõ a esperar pelo exercito, o qual chegou ao outro dia, e tomando delles bons cavallos, contáraõ brevissimamente ao Imperador o caso, e partiraõ de galope para Toledo.

## C A P I T U L O VIII.

*Como os Cavalleiros destercáraõ Toledo, e como Brutamente morreo ás mãos de Oliveiros.*

Chegáraõ em fim os Cavalleiros a avistar o exercito de Brutamente, o qual, em quanto Bradamente estava dentro, hia apertando fortemente o sitio, e tinha a Cidade em o ultimo aperto, mas os Cavalleiros animados com o gosto de a Cidade não estar ainda rendida, ainda que nestes termos pudessem esperar pelos dous exercitos, quizeraõ dever a si sós o

vencimento, e com as espadas nas mãos a todo o galope dos cavallos se mettéraõ por entre os inimigos, mais furioso cada hum, que o agarrochado touro no meio do campo.

Sentiraõ logo os Turcos o mal, que lhes vinha de taõ valerosos braços; porque cada Cavalleiro, abrindo caminho com a espada, por onde hia, não deixava Turco vivo: mais de duzentos ficáraõ mortos neste primeiro arremesso. Alteráraõ-se todos, e mais que todos se alterou Brutamonte, que conhecendo eraõ aquelles os Paladines, montou a cavallo, e se empenhou com todo o exercito contra elles, desejoso de ser quem houvesse victoria dos Cavalleiros que nunca foraõ vencidos.

Travou-se com inexplicavel furia a desigual batalha: feriaõ fogo as armas feridas das espadas, retumbavaõ nos montes os écos dos golpes: e era tal a confusão, como se fossém dous exercitos iguaes os que contendessem, que tamanho era o respeito, com que os Cavalleiros eraõ estimados entre os Turcos. Incrivel era o destroço, que faziaõ aquelles no exercito: não havia quem os supportasse, porque não davaõ pancada, que não custasse huma vida.

Brutamonte se encontrou com Oliveiros, e fiado nas suas valentias, que na verdade eraõ muitas, entrou com elle em batalha. Investiraõ-se ambos com bizarro continente, e dos primeiros golpes perdero Brutamonte o elmo, e Oliveiros o escudo: segundáraõ as cutiladas, e deraõ as espadas huma na outra com tamanha violencia, que saltáraõ faiscas, e ficáraõ ambos os Cavalleiros com os braços atormentados de tal sorte, que por muito tempo estiveraõ olhando hum para o outro; e nesta suspensãõ disse Brutamonte a Oliveiros:

— Senhor Cavalleiro, que fiado nas tuas obras queres destruir taõ poderoso exercito: olha para ti,

vê que te enganás; e se queres a vida, entrega-te meu prisioneiro de guerra, que te prometto usar contigo, e com os teus toda a cortezia, porque ainda que Turco, bem sabes que sou Príncipe, e Cavalleiro. — Oliveiros lhe respondeo: — Bem sei que és Brutamonte, mas não me movo das tuas razões, nem tão pouco me atemorizaõ os teus soldados; antes te digo, se queres viver em paz, que te faças Catholico; porque se não, aqui te hei de deixar morto, e a teu exercito vencido. —

Tanto que Brutámonte ouviu fallar em ser Christaõ, cheio todo de ira arremessou a Oliveiros com huma cutilada, que se a lograsse, o deixaria sem vida, mas elle se desviou della; e como Brutamonte vinha mui cego, e estava sem elmo, teve lugar de lhe descarregar tamanho golpe sobre os cascos, que lhe dividio a cabeça em duas ametades até o pescoço, e cahio morto Brutamonte do cavallo abaixo.

Este successo desanimou de todo ao exercito, e os Cavalleiros, empenhando entaõ o resto das suas valentias, infundiraõ tamanho horror nos Turcos, (que por se verem sem General já estavaõ descorçoados) que se puzeraõ em declarada, e vergonhosa fugida, deixando no campo mais de dezanove mil mortos, fóra os que no alcance matáraõ os Cavalleiros no caminho.

## C A P I T U L O IX.

*Como os Pares entráraõ no quarto de Galiana, e foi morto Salgueiraõ, e Bradamante.*

Descercada desta sorte a Cidade de Toledo, abríraõ logo os Cidadãos as portas aos Cavalleiros; e estes se encaminháraõ ao Paço a fallar a Gáliana. Estava ainda a Princeza do modo que a deixámos no Capitulo sexto, porque da noite deste dia he que Bradamante tinha com Salgueiraõ entrado na sua camera; e como a Princeza de tempo muito antigo tinha

dado ordem que ninguem entrasse no seu quarto sem sua licença, ou chamado, teve lugar Bradamante de estar alli diante della, e como lhe vio o punhal na mão para se matar, tudo era persuadi-la com razões, que cada vez aproveitavaõ menos com a constancia de tão heroica Princeza.

Mas os Pares, que em toda a batalha não tinhaõ encontrado a Bradamante, logo suspeitáraõ alguma traição, e se foraõ, como está dito, ao quarto da Princeza. Arrombáraõ a porta, e quando viraõ semelhante espectaculo; ficáraõ hum pouco suspensos; mas Roldão irado contra Bradamante, se arremessou a elle: levou Bradamante da cinta o seu alfange, mas Roldão não lhe deo tempo para que o esgrimisse, porque lançando-lhe as mãos ao pescoço, o afogou logo.

O pobre Salgueiraõ de Lisboaes estava tremendo; quiz valer-se da mesma Princeza, para que lhe procurasse a vida, mas ao tempo que se lhe lançava aos seus pés, lhe deo Oliveiros tamanho bofetaõ, que o estirou: feito isto assim, se prostráraõ os Cavalleiros aos pés de Galiana, e com cortezes razões lhe offercêraõ as suas pessoas, e deraõ os parabens de se ver livre de tamanha desgraça.

A formosa Galiana lhes respondeo: — Nobres Cavalleiros, afortunada he quem tem os vossos braços em defesa sua: e assim a mim me dou os parabens, e a vós os agradecimentos desta acção, que só vós poderieis executar; e tomára que não tivesseis já comvosco o premio dos vossos feitos, para poder de alguma sorte premia-los, — e dizendo isto, perguntou pelo Imperador, e os Pares lhe deraõ noticia de como elle vinha, e mais Galafre, cada hum na frente de seu exercito.

Galiana se alvorocou muito, e mandou preparar festejos por toda a Cidade, e armar varios quartos do seu soberbo palacio para os hospedes, que espe-

**E DOS DOZE PARES DE FRANÇA.** 109  
rava: e o que mais gosto lhe fazia, era vir tambem Angelica, de quem estava muito affeiçãoada. Os Pa- res com todos os Senhores de Toledo, sahiraõ a en- contrar no caminho os exercitos, e lhes deraõ a no- ticia do yencimento, pelo que esperou Carlos Magno pelo exercito de Galafre para entrar com elle, e com Angelica em Toledo.

## C A P I T U L O X.

*Como Carlos Magno, e Galafre entráraõ em Toledo; e do mais que passáraõ nesta Corte.*

Esperando assim Carlos Magno com todo o seu ex-ercito pelo de Galafre, chegou este tambem com o seu; e unidos ambos em hum corpo, posto na fren- te delle o Imperador, e Galafre, rodeados dos Pala- dines, levando Angelica no meio ricamente vestida, entráraõ pelas duas horas na Cidade, que toda se des- fazia em vivas, regozijos, e festas para applauso dos Principes, e do Imperador.

Foraõ direitos ao Paço, aonde Galiana rodeada das suas Damas todas os esperava em a primeira sala, e alli foraõ tantos os parabens, tantas as lagrimas de gosto chorádas de parte a parte, que verdadeiramen- te só com esta alegria ficavaõ compensados os sus- tos, trabalhos, e perigos, em que todos se tinhaõ vis- to.

A discreta Galiana, depois de cumprimentar o Im- perador, beijou a maõ a seu Pai, e dahi tomando nos braços a Angelica, estiveraõ mais de hum quasto de horas estas duas formosissimas Princezas abraçadas, co- mo se de muito tempo se houvessem conhecido; tan- to foi o amor, que na outra infundio a formosura, e boa graça de cada huma.

Foraõ-se dalli todos a huma esplendida mesa, cheia de mil especies, e diversas iguarias, aonde coméraõ, e bebéraõ todos muito a seu prazer; e se mandou dar

hum refresco a todo o exercito, com que se deo bem por satisfeito: dahi foraõ passar o resto da tarde passeando pelo amenissimo jardim, que para Galiana tinha Galafre mandado fabricar: e quando Angelica, o vio, disse a Galiana: — Vê tu, Senhora Galiana, as diversas obrigações, que cada huma de nós deve a seu Pai: o teu fez-te hum jardim para te divertir, o meu fez-me huma cova para me enterrar. —

Respondeo-lhe Galiana: — O certo he, Senhora Angelica, que cada huma de nós teve o que não merecia. — Disse entaõ o Imperador: — Pois por isso Galafre, que fez o jardim se vê agora gostoso, alegre, e triunfante: e Abderraman, que tyrannamente fez a cova se vê vencido, desterrado, e talvez morto. — Nestas, e outras práticas se divertiraõ aquella tarde, e todas as outras, havendo tambem muitas festas: e de todos os modos procurava Galafre divertir, e regalar ao Imperador.

Entre tanto hia este continuando o galanteio de Galiana, e Roldaõ o de Angelica, e quando já que-riaõ effectuar os casamentos, que seria para todos o ultimo gosto, não o quiz ainda a fortuna, determinando que o Pontifice se visse perseguido em Italia pelo Soldaõ do Egypto, por nome Aliadús, o qual com huma poderosa armada queria destruir as terras da Igreja; e assim foi preciso ao Imperador ajudar ao Pontifice, que lhe escreveu para isso huma carta, e entrar com Aliadús em nova guerra, a qual se conta no quarto Livro desta Historia.



## LIVRO QUARTO.

## CAPITULO I.

*Como Carlos Magno se partio para Italia a ajudar o Pontifice contra Aliadús.*

Ao tempo que o Imperador Carlos Magno estava em Toledo descansando, e esperava occasião para fazer os seus desposorios com Galiana, lhe chegou aviso que o Soldaõ do Egypto, por nome Aliadús, com huma poderosa armada investia as costas de Italia; e o mesmo Summo Pontifice escreveu ao Imperador, dizendo-lhe o muito que necessitava do seu soccorro, porque se não, os Infeis se fariaõ senhores de todos os Estados da Igreja Romana.

O Nobre Imperador, que sõra dado ao mundo para defenza da Fé, se não escusou, antes lendo a carta a cavallo, estando para ir para a caça, assim mesmo virou a redea, e mandando-se despedir por Ricarte de Galafre, e de Galiana, sem se apear, sahio ao campo, e na frente do seu exercito partio com toda a pressa em ajuda do Pontifice. Acompanháraõ-o os Cavalleiros, e entre todos hja Roldaõ de má vontade, porque deixava a sua Angelica, e já se impacientava de tanta detença, quanta havia para a receber por esposa; mas sempre no seu Catholico peito estava primeiro a causa da Fé, que a esperanza do seu amor.

Marchou o exercito a toda a pressa, e atravessando Hespanha, e França, se lhe foi ajuntando pelo caminho muita soldadesca, de sorte que chegou a Italia em número de sessenta mil homens, com os quaes se pôz o Imperador ao pé dos muros de Pavia; e dal-

li mandou Guarim de Lorena por Embaixador ao Pontífice, dando-lhe parte como tinha chegado com o seu exercito para defende-lo, o que o Papa lhe mandou agradecer muito, e deitou a sua benção a todo o exercito.

Pelo contrario Aliadús, quando soube a chegada do Imperador, lhe mandou dous Reis por Embaixadores, sobrinhos seus, hum chamado Farisca, Rei de Arabia, outro Rei de Tartaria, e se chamava Lucriaõ, os quaes da parte de Aliadús deraõ ao Imperador este recado: — Senhor, o muito poderoso Aliadús, Soldaõ do Egypto, Príncipe do Cairo, e Imperador do mundo, te avisa que elle se acha pondo cerco á Cidade de Gaeta, com oitenta navios por mar, e duzentos mil homens por terra, cujo poder he bastante a destruir-te; e assim que se naõ queres a tua perdição, que te retires para o teu Reino, quando naõ, que terá a guerra comtigo, e te levará ao Egypto por escravo.

Responden o Imperador: — Dizei a Aliadús, que eu sou por officio defensor da minha Fé, e assim que se quer que eu me retire, que deixe de a perseguir, antes a abraçe: mas se o contrario fizer, que o hei de castigar; e para huma, ou outra cousa marchou com o meu exercito para o seu campo. — Foraõ-se os Embaixadores com a resposta: e diz a Historia que Aliadús rio muito com ella, tendo por homem fatuo ao Imperador, que com taõ pouca gente queria destruir-lhe o seu exercito.

## CAPITULO II.

*Como Carlos Magno deo batalha a Aliadús, e fugindo-lhe os soldados, ficáraõ sòs os Cavalleiros.*

Marchou pois o Imperador de Favia para Gaeta, e formando o seu exercito á vista do inimigo, lhe mandou hum recado dizendo, que se queria evitar a

batalha, se fizesse Christão; e Aliadús respondeo que se queria evitar a batalha se fizesse Turco. Com esta resposta investio Carlos Magno aos inimigos com todo o seu exercito repartido em quatro corpos, hum governado por elle, outro por Roldão, outro por Oliveirairos, e outro por Gui de Borgonha.

Recebeo Aliadús a batalha; e deixando ficar contra Gaeta a seu sobrinho Lucriaõ com quarenta mil homens, elle com o resto do exercito se presentou no campo, governando a vanguarda Roxael, que era Rei da Persia, a retaguarda Farisca de Arabia, e elle governava tudo pelo meio da campanha.

Traváraõ-se as primeiras escaramuças sem vantagem de alguma das partes; e pouco a pouco se foi enfurecendo a batalha de sorte, que passada meia hora, já não havia distinguir os infieis dos Christãos, porque todos misturados huns com outros se confundiaõ a si mesmos: por toda a parte o que só apparecia era sangue, o que só se ouvia eraõ vozes, e tanto assim, que Carlos Magno confessou fóra esta humma das batalhas mais crueis, em que se tinha achado.

Os Reis infieis eraõ valentissimos, os Pares já se sabe o que eraõ: Aliadús, como não reservou para si corpo que governar, andava solto pelo campo, e se mettia por entre os Christãos taõ resolutos, que não dava golpe que não fosse mortal: os Persas de Roxael brigavaõ com flexas: os Arabios de Farisca batalhavaõ com fundas; e com humas, e outras armas faziaõ grande damno: Aliadús, levado de hum espirito ardente, se chegou aonde estava o Estandarte Real de Carlos Magno, e matando o Alferes, o ganhou pelas suas mesmas mãos, e o levou de rastos pelo meio do campo.

Muito se desanimáraõ os Christãos com este successo; e Aliadús, que além de valeroso era mui destre, conhecendo o seu desmaio, procurou augmen-

tar-lho, trocando-lho em declarado medo, e fez gritar aos seus soldados: — Victoria por Egypto, vencido he Carlos Magno. — De todo perdêraõ com esta voz o animo os Christãos, e sem reparar nas suas obrigações, deitáraõ a fugir, deixando só no campo aos Pares, e ao Imperador.

Mas estes, que até alli com o cuidado de mandar estavaõ embaraçados para combater, vendo-se agora sós, entráraõ a brigar braço a braço, e corpo a corpo de tal feição, que bem conhecêraõ os inimigos que elles sós bastavaõ a vence-los. Mas como sempre eraõ tantos, e tão valentes, se viaõ os Pares a cada instante embaraçadissimos, cercados, e abafados de inimigos, que vinhaõ sobre elles, como sobre hum javali costumaõ vir em huma montaria os caçadores.

### CAPITULO III.

*Como Lucriaõ deo assalto a Gaeta, e os soldados Christãos a livraraõ, e vencêraõ a batalha.*

Vendo Lucriaõ, que (como dissemos) tinha ficado contra Gaeta com quarenta mil homens, a fugida dos Catholicos, mandou dizer ao Governador da Fortaleza, que era hum Cavalheiro Romano, chamado Marco Curioni, que se rendesse, porque os Catholicos tinhaõ fugido. Respondeo o Governador que não queria render-se, porque sabia, que se tinhaõ fugido os soldados, não o haviaõ de fazer os Cavalheiros; e em quanto elles estivessem vivos não haviaõ triunfar os Turcos.

Irritou-se Lucriaõ desta resposta, e mandou dar hum assalto á Cidade; puzeraõ-se os soldado no muro a defender-se: mas os infieis hiaõ levando a melhor, porque os de dentro sempre estavaõ desanimados com a fugida dos outros; mas estes, que tinhaõ fugido, envergonhados de o haver feito, e sentidos de perderem em Italia a gloria, que adquiriraõ em

Hespanha, e França, se resolvêraõ a sahir dos bosques, aonde estavaõ mettidos, a recuperar a opiniaõ, que perdêraõ com a fugida; e sem General, que os incitasse, todos ao mesmo tempo se uniraõ, e formando por si mesmos os seus corpos, vieraõ como huns raios contra os inimigos.

Viraõ que o maior perigo era o da praça, porque os infieis nõ assalto já a hiaõ por muitas partes entrando; e mettendo-se nas trincheiras dos Turcos, passáraõ dellas adiante, e investiraõ aos infieis pelas costas com tal brio, e tal esforço, que a vantagem, que em quatro horas tinhaõ ganhado contra a praça, a perdêraõ em huma: deitáraõ das escadas de maõ abaixo todos os que subiaõ, e subindo entaõ por ellas lançavaõ fóra os infieis, que já estavaõ dentro: mais de tres mil morrêraõ precipitados do muro abaixo.

Outros batalhando com os que não tinhaõ subido, os degollavaõ, cortando nelles de tal sorte, que não podendo soffrer os Turcos os seus golpes, começáraõ a fugir desatinados: Lucriaõ, que estava ferido por tres partes, queria dete-los, mas os seus mesmos soldados rebellados contra elle, o alanceáraõ, e fugiraõ: seguiraõ-nos os Catholicos, e mais de trinta mil degolláraõ.

Livre desta sorte a Cidade, não parou ainda aqui a resolução dos soldados; viraõ que os Cavalleiros se livravaõ já mui cansados de todo o exercito, e se forraõ com a mesma furia ajuda-los; e mettendo-se outra vez com os Turcos, mas com inais resolução, em meia hora, que restava de dia, os puzeraõ em fugida declarada: e os Turcos valendo-se da noite se embarcáraõ nos seus oitenta navios, e sem embargo do escuro, ainda no embarque forraõ bem perseguidos; e perdendo muita gente, que se afogou no embarque, de-raõ á vela para o Egypto.

## CAPITULO IV.

*Como os Christãos se embarcáraõ, e houveraõ batalha com a Armada de Aliadús.*

Bem pudera Carlos Magno dar-se por satisfeito com fazer retirar Aliadús, porque isso he o que lhe tinha o Pontifice pedido; mas passando a mais o seu Catholico zelo, mandou aprestar todas as náos de guerra, que havia nos portos da Italia, e tanto que teve junta huma boa armada de cincoenta náos grandes, e quasi sessenta barcas, caravelas, e fustas, se embarcou nella com os seus Cavalleiros, e soldados, e navegou em busca de Aliadús.

Depois que correo varios portos, o foi topar no de Chypre, aonde se tinha recolhido a fazer aguada, e já a tinha feito, e queria dar á véla. Tanto que o Imperador o conheceo, formou a sua Armada em batalha, e lhe mandou huma fusta, em que hia embarcado o Duque Nemé, o qual chegando á Capitania de Aliadús lhe disse que entregasse a sua Armada; e o Soldaõ respondeo que se retirasse depressa, porque elle iria dar a Carlos Magno a resposta.

Veio com ella o Duque Nemé, e Aliadús dividio a sua Armada em tres esquadras: huma da Capitania, que governava elle: outra da Almiranta, que tinha Farisca: e a terceira da Fiscal, que governava Roxael. Feito isso assim, começáraõ em ambas as Armadas os clarins, timbales, e trombetas a dar signal da batalha, e logo se investiraõ huma a outra com resoluçãõ taõ desesperada, com tamanha furia, que ferrando-se humas náos a outras com ganchos de ferro, se abordáraõ logo, e começáraõ os soldados a batalhar corpo a corpo com a maior furia, que se vio no mundo.

A não Fiscal, em que hia Roxael, abordou a Capitania, em que hia o Imperador; e Roxael saltan-

de na pôpa da nao investio a Carlos Magno com a espada na mão, desejoso de adquirir no mar a gloria, que perdêra na terra: sahio-lhe ao encontro o Imperador com a sua espada Joiosa feita pelo célebre Gal-lus, e na pôpa do navio traváraõ singular batalha.

Mais de huma hora se combatêraõ sem vantagem, até que Roxael usou de hum estratagemã para prisionar o Imperador. Fingio que fraqueava na batalha, e pouco a pouco se foi retirando, até que saltou outra vez no seu navio: seguio-o logo o valeroso Carlos Magno; e Roxael tanto que o vio dentro, que era o que queria, mandou soltar os ganchos da Capitania contraria, e deo á vela, com animo de levar prisioneiro o Imperador.

Quando este vio o perigo, em que estava, levantou o pensamento ao Ceo, e disse no seu coração: — Deos, e Senhor meu, não permittais que por taõ estranho modo seja prisioneiro este vosso servo: vede que periga a vossa Christandade se se perde a minha vida ainda que conheço a podeis defender sem ella. — Ouvio Deos a petição de Carlos Magno, porque no meio deste grande perigo, huma das naos Christãs abordou a não de Roxael: e contecendo tres Cavalheiros ao Imperador, saltáraõ dentro, e o começáraõ a ajudar com tal fortuna, que matáraõ a guarnição toda, e Roxael, que de joelhos pedio a vida, por piedade do Imperador ficou prisioneiro de guerra.

## C A P I T U L O V.

*Como se continuou a batalha; e sendo prisioneiros Farisca, e Roxael, fugio Aliadis.*

Tanto que o Imperador se vio senhor da não, fez abater a bandeira infiel, e arvorar a Christã: e deo por isso logo alli graças a Deos. Entre tanto a não, em que hia Farisca, tinha abordado a de Roldaõ; e saltando este dentro, tanto que Farisca o soube, se

escondeo de puro medo, que tinha delle: Roldaõ, que o não vio, ameaçou os soldados de queimar a não, se lho não descobrissem: e não quèrendo elles faze-lo, os foi passando á espada, até que lho trouxeraõ acima, e ficou prisioneiro de guerra.

Nas outras náos havia cruelissima peleija: a de Urgel de Danõa nadava em sangue; a de Hoel de Nantes da mesma sorte; e era tanta a multidaõ de cabeças, braços, e pernas cortadas, que havia dentro, que não se podiaõ segurar os soldados. O mesmo mar estava já vermelho, e todo este estrago, acompanhado dos instrumentos bellicos, fazia o mais triste espectáculo do mundo.

As náos de Lamberto de Bruxellas, Tietri de Dardania, e Gui de Borgonha tinhaõ atracado a Capitania de Aliadús, e aqui he que foi toda a força da peleija, porque este barbaro era na verdade valentissimo, e dos infieis só Abderraman lhe podia competir. Estava ao pé do mastro grande da sua não, e dalli batalhava de sorte, que nenhum Christaõ lhe chegava ao pé, porque a todos fazia elle afastar; mas os Catholicos combatendo-se com os soldados lhos matáraõ quasi todos, e Aliadús se vio ao pé do mastro totalmente só.

Nisto olhou para a sua Armada, e vio todos os seus navios, huns com bandeira Christã, outros fuggindo a todo o panno; e entrou o seu coração em tal agonia de desesperado, que de novo se metteo por entre os Francezes, e fez nelles hum cruel destroço, e entre tantos os mortos, que se via cercado, e ora escorregando no sangue, ora tropeçando nos corpos, se dava já por vencido.

Quiz matar-se alli a si mesmo: mas parecendo-lhe desproposito, mandou pôr fogo á Capitania, em que estava; para que os Christãos se não aproveitassem della, que era huma não cõusa estupènda: e elle, co-



mo nadava bem se deitou ao mar, e nadou para outra tambem sua, que o recebeo; e mettendo todo o panno navegou para o seu Reino de Egypto, taõ triste, e taõ pensativo, como quem deixava perdidos seus sobrinhos, a sua Armada, e o seu exercito.

A não queimada pegou o fogo ás tres, que estavaõ com ella, e esteve em termos de arder a Armada Christã toda: Lamberto, Tietri, e Gui de Borgonha se lançáraõ a nado, e se recolhêraõ na não de Carlos Magno: quizeraõ os Christãos seguir os mais navios, mas sobreveio a noite; e como a batalha tinha durado dez horas, estavaõ todos cansados, e julgáraõ melhor contentar-se com o muito que tinhaõ feito, pois dos oitenta navios de Aliadús só escapáraõ quinze, e ficáraõ prisioneiros Farisca, e Roxael.

## C A P I T U L O VI.

*Trata-se da Ilha Cofornia, e de outros pasmosos successos.*

Vencida assim taõ signalada victoria deraõ todos graças a Deos por ella, e Carlos Magno entrou no porto de Chipre com toda a Armada, e ahi esteve tratando do que era preciso para ella, e passados oito dias deo á vèlã para Italia. Tinhaõ navegado dous dias, quando se lhes cerrou o ar com huma taõ espessa nevoa, que em oito dias, que durou, não souberaõ os Pilotos o que haviaõ de fazer; e perdendo o norte não sabiaõ para onde haviaõ navegar.

No fim dos oito dias descobriãõ terra, mas desconhecida: desembarcãraõ nella todos: e era cheia de bosques, e arvoredos: mas todas as praias estavaõ desertas, ainda que havia muitos signaes de ser povoada; porque tinha arvores certadas, casas de palha, e pégadas de gente. Mettêraõ-se os Cavalleiros pela Ilha dentro a descobrir o que era, e a ver se encontravaõ quem lhes dêsse alguma noticia; e andando cousa de

hum legoa pela terra dentro, víraõ as portas de hum grande Templo hum concurso de gente tambem grande.

Chegáraõ-se de perto, e víraõ que o Templo era de madeira, mas taõ bem entalhado por fóra, que era huma maravilha: a gente toda estava sem alguma casta de cobertura, tanto homens, como mulheres; e todos eraõ de cõr parda a modo de mulatos: quizeráõ os Cavalleiros pèrguntar-lhes o que eraõ, mas todos a hum ponto deitáraõ a fugir taõ ligeiros, que os Pares, que hiaõ a pé, e armados, naõ podiaõ alcança-los.

Entráraõ no Templo, e era todo coberto de ouro fino pelas paredes, e tinha vinte alampadas do mesmo metal cousa mui rica: no meio do Templo estava hum altar todo de pedras finissimas, a saber, diamantes, safiras, esmeraldas, &c. em cima delle sentado em hum cadeira estava hum homem com o corpo tambem nú, e só na cabeça tinha hum cucar de plumas de várias aves taõ levantado, que chegava quasi ao tecto da Igreja.

Ao redor do altar assistiaõ quarenta homens com cucares tambem, mui pequenos: os cabellos eraõ taõ compridos, que lhes cobriaõ o corpo, e as barbas rapadas, todos com os olhos no chaõ, e taõ socegados de animo, que os naõ levantáraõ, nèm para ver o reboliço, que com a fugida fez o povo: tinha cada hum na maõ huma campainha de diverso tom, que continuamente tocava: e as quarenta campainhas, tocando sempre, faziaõ hum alarido, que naõ havia quem pudesse soffre-lo; diante do altar havia setenta Aguias degolladas, em grandissimas bandejas, todas de ouro.

Ficáraõ admirados os Cavalleiros de tudo o que víraõ; e perguntando a hum dos quarenta alguimas cousas, nenhum respondia palavra, e continuavaõ com o som das campainhas, até que Oliveiros desesperado já de semelhante harmonia saltou ás bofetadas nos

taes homens, e os fez fugir pelo Templo fóra, como os outros, e muitos delles bem maltratados; e dahi disse ao Idolo do altar, que descesse para baixo, senão que lhe faria o mesmo.

Desceo pontualmente o Idolo; e não só o fez, mas pondo-se de joelhos aos pés dos Paladines, lhes disse em lingua Franceza, que, se queriaõ a vida, se retirassem da Igreja, porque em fazerem o que fize-raõ tinhaõ irritado aquelles quarenta homens, os quaes convocando os da terra haviaõ vir contra elles, e tirar-lhes as vidas. Disse-lhes Oliveiros: — Homem, quem és tu, que fallas taõ bem Francez; e que terra he esta taõ barbara, e taõ bruta? — Elle lhe respondeo: — Senhores, agora he tempo de cuidardes só em defender-vos como puderdes, porque estes homens vem contra vós, e haõ de matar-vos. —

Respondeo Oliveiros: — Homem, tu sabes o que dizes? Nós somos os Pares de França, e como he possível que nos vença huma gente taõ bruta? — Respondeo-lhe o Idolo: — Senhor, daqui hum quarto de legoa he a povoação destes homens taõ grande, que tem mais de dous millhões de pessoas capazes de pegar em armas, porque tanto as esgrimem homens, como mulheres; as que usaõ saõ archas, e pelotas, que jogaõ com tal destreza, que não ha quem lhes resista. — Estando nesta prática viraõ vir ao longe hum grande tropel de gente; e como conheceraõ que eraõ os que vinhaõ para a batalha, fizeraõ os Cavalleiros conduzir da Armada grande número de soldados para ao lhe oppôr, o que se verá no Capitulo seguinte.

## CAPITULO VII.

*Como o Christãos houveraõ batalha com os da Ilha Co-  
fornia, e os vencêraõ.*

O tempo que gastáraõ os barbaros em chegar ao campo, gastáraõ os Catholicos em sahir da Armada: e de huma, e outra parte se começou huma terrivel batalha. Dispararaõ os da Ilha as suas pelotas com pontaria taõ certa, que logo alli ficaraõ mortos sessenta Francezes; chegaraõ mais de perto, e armando segundos tiros, matáraõ cento e quarenta; chegáraõ-se mais, e cahíraõ quatrocentos; largáraõ os primeiros as pelotas, e começáraõ com as archas a dar taõ fortes feridas, que apenas descarregavaõ golpe que não valesse huma vida; e entre tanto os que ficáraõ atráz continuavaõ com as pelotas, e como não errava tiro, era incrível a mortandade, que nos Catholicos faziaõ.

Estes da sua parte tambem não faziaõ pouco, porque além de brigarem com a sua costumada valentia, como os da Ilha estavaõ nús, cortavaõ nelles as espadas sem alguma resistencia: Roldaõ já não dava golpe, que não partisse pelo meio de alto abaixo ao triste, que o levava: a outros os dividia pela cintura, cahindo no campo cada meio corpo para a sua parte: e a este respeito obravaõ os mais Cavalleiros: mas que importava isto, se os da Ilha eraõ tantos, e estavaõ taõ obstinados, que, sem cuidar nos que dos seus morriaõ, só tomavaõ sentido nos que dos Christãos matavaõ.

Taõ sanguinolenta batalha se não vio jámais no mundo, e o mesmo Carlos Magno chegou a desconfiar do vencimento; porque contra dous milhões de homens destros nas suas armas, ainda que despidos, quem lhes faria resistencia? O seu Deos, que estava no altar, tudo era persuadi-los a que se acommodassem, mas elles cada vez mais obstinados, já neste caso nem do seu Deos o faziaõ.

Nestes termos disse o Duque Nemé para Carlos Magno; — Senhor, nós perdemo-nos aqui todos sem remedio; parecia-me a mim que nos fossemos retirando para a Armada, e dessemos á vela; e entaõ de noite tornassemos á praia, e montados nos cavallos, o que agora não fizemos, viessemos contra elles; porque como são taõ barbaros, vendo-nos a cavallo (o que nunca viraõ) cuidáraõ que somos cousa do outro mundo; e quando não, sempre montados lhes resistiremos mais seguros. —

Pareceo bem a Carlos Magno este conselho, e mandando tocar a recolher se foraõ todos para os navios, peseguidos dos barbaros, que tanto que os viraõ embarcados ficaraõ mui contentes, sem repararem em que lhes tinhaõ feito em postas mais de cento e cincoenta mil dos seus. A Armada se fez á véla; mas tanto que anoiteceo tornou na volta da praia, e desembarcando de noite montáraõ todos os regimentos a cavallo, e vieraõ marchando para o Templo.

Amanheceo, e vindo os da Ilha todos á oraçãõ, como era seu costume, e sem armas, por lhes ter prohibido o seu Deos chegar ao Templo com ellas: (e assim estavaõ no dia antecedente, pelo que correraõ a buscá-las) tanto que viraõ aquelles homens a cavallo, ficáraõ espantados, e querendo correr aos seus armazens, mettéraõ os Francezes de galope atraz delles, e muito mais pasmados ficáraõ, quando viraõ que tanto corriaõ, e os Francezes atropellando-os com os cavallos chegáraõ á Cidade; e pondo fogo aos armazens deixáraõ aos pobres da terra sem algum recurso.

Correraõ todos a refugiar-se no Templo: e pegando no seu Idolo ao collo gritavaõ em altas vozes: *Zan-balá garatu poar*, que na sua lingua quer dizer: Deos pede por nós. O Idolo entaõ se pôz de joelhos diante de Carlos Magno, e lhe pedio mandasse aos seus soldados não fizessem mais matança naquelles misera-

veis brutos, e o Imperador o fez assim; e depois disse a Diomar, que assim se chamava o Idolo, lhe contasse tudo, como era, sob pena de lhe custar a vida.

### CAPITULO VIII.

*Em que Diomar dá conta do successo, e da Ilha California.*

Disse então o Idolo Diomar: — Senhor; eu sou de Nação Francez, e teu vassallo, filho da Provincia de Bretanha; aonde tive Pais de claro nascimento, mas mui pobres: querião elles que servisse a hum dos Principes, mas o meu genio altivo o não consentia, e assentei praça de soldado. Achei-me em muitas guerras na Allemanha até que pretendendo huma companhia, porque o meu General ma não quiz dar, eu o matei; e fugindo pelo meio do exercito; andei quatro annos por Allemanha foragido, e feito Capitão de huma tropa de vandidos, vivi do que roubei estes quatro annos.

Perseguido da justiça me embarquei em Marselha, e arribando a náuo ao Egypto, fui escravo do Soldado Aliadús quasi tres annos, e servi nas galés; mas achando modo de fugir em huma embarcação, com que me levantei, me fiz pirata no mar; e quasi sete annos infestei as costas da Europa, e Africa com extraordinarios successos, que por não enfadar-vos não repito.

Em fim, navegando huma vez das costas de Natolia para as de Grecia, me encontrei com huma Armada do Imperador de Constantinopla, a qual perseguindo-me muito, eu fiz pôr fogo ao meu navio, e me salvei na lancha com só outro companheiro; mas como no cabo de tres dias me visse morrer á fome, o matei para comer; e acabando-se este sustento, foi comendo das taboas da lancha pouco a pouco até que me vi só com huma taboa em que poder

segurar-me; e andando mais de hum mez desta sorte perdido me dava já por morto, quando huma ma-  
drugada pegado á dita taboa vim encalhar nas praias desta Ilha.

Estavaõ nellas estes homens, que mais parecem brutos, e tanto que me viraõ chegar, me tomáraõ ao collo, levaraõ-me ao Templo, e me começáraõ a render culto: e tanto que pelo uso lhe entendi a lingua soube que elles adoravaõ o mar; e vendo que eu vinha sustentado (ao que cuidáraõ) sobre elle, meteo-se-lhes em cabeça, que eu era seu filho, e me fizeraõ seu Deos, sem algum remedio: aqui vivo assim ha sete annos

Os homens, e mulheres andaõ nús, como vedes; tem nesta Ilha minas de ouro, e prata; e aqui vivem sem conhecer gente, porque alguma embarcaçaõ, que derrotada chega a estas praias, a destroem, e lhe mataõ a gente; e te confesso, Senhor, que ainda que adorado, vivo taõ enfastiado de huma vida taõ fóra da Lei de Deos, que naõ te peço misericordia para ter a vida, mas sim para ter tempo de ir a Roma deitar-me aos pés do Pontifice, e salvar-me, se acaso depois de huma taõ estragada vida o conseguir a minha fortuna. —

## C A P I T U L O IX.

*Do que mais passou o Imperador em a Ilha até embarcar para Italia.*

Acabou Diomar a sua prática com tantas lagrimas, que todos os circunstantes o acompanháraõ nellas; e o mesmo Carlos Magno, que nunca chorou em sua vida, dizem os Authores que nesta occasiaõ chorára. Perdoou a Diomar, e lhe disse fallasse pela lingua ao seu povo, para que quizesse receber a Religiaõ Christã, e elle esteve tres dias com elles a argumentar, até que no fim delles consentiraõ em a seguir; e

Carlos Magno ficou de lhes mandar de Roma Padres para lha ensinar.

Os barbaros obrigados da clemencia de Carlos Magno, e preocupados já (bem que justamente) do Deos dos Christãos, tiráráo as riquezas do seu Templo todas, e as offerecêráo ao Imperador, para que as levasse ao Summo Pontifice; e importavao em mais de oitenta milhões de ouro: depois disso muitos delles quizeráo ir na Armada, e Carlos Magno o consentio.

Mandou em fim o Imperador fazer huma grande Fortaleza de terra, e barro, porque pedra não a havia; e nella pôz de guarnição seis mil soldados. No Templo mandou pôr a Santa Cruz de Christo, e logo alli instruíráo nos principaes mysterios aquellés povos: e embarcando-se com Diomar na Armada, dêráo á véla para Roma; carregados de ouro, e de riquezas; e o Imperador com o gosto, não só de ter vencido Aliadús, e livrado as terras da Igreja, mas de reduzir ao seu gremio a gente daquella Ilha.

Hiaó prisioneiros na Armada Roxael, e Farisca: e aquelle pedio ao Imperador o quizesse fazer Par, para brigar tambem pela Fé: e o Imperador lhe disse que era necessario primeiro baptizar-se para ser Christão, e que sem isso não podia ser Par, mas que em se baptizando promettia de o fazer; Roxael ficou mui contente, e o disse a seu amigo Farisca; mas este tomou isso muito a mal, e disse que era hum infiel, porque queria atrengar da sua lei: enfadou-se Roxael de que Farisca o tratasse assim, e lhe deo hum murro nos queixos, que lhos deitou fóra.

Saltou Farisca nelle com as mãos ambas, e lhe tirou inteiramente todos os cabellos das barbas: acudio o Imperador, e informandõ-se da causa desta bulha, mandon apartar hum do outro, para lhes evitar a occasião de terem outra pendencia: e foi a Armada continuando a sua navegação para a Italia.



## CAPITULO X.

*Como a Armada do Imperador padecce huma grande tempestade, e aporiáraõ todas as náos a Sicilia.*

Começou a este tempo a embravecer-se o mar alguma cousa, e levantando-se no Ceo hum nevoeiro muito espesso, se foi escurecendo o ar, e ficou como se fôra noite. Veio crescendo o vento, e encapellando-se as ondas com desesperada furia, se declarou huma tempestade medonha. Começou a trovejar, e os relampagos eraõ tantos, que suppriã a luz, que faltava, porque successivamente hum depois de outro faziaõ que sempre o mar se visse claro.

Começaraõ os Pilotos, e marinheiros a usar dos remedios, que ensina a arte de navegar nestes conflictos; mas vendo que eraõ todos em vaõ, porque a todos vencia a tempestade, deixáraõ de todo o governo dos navios; e entregando-se á discriçaõ das ondas, começáraõ a pedir a Deos misericordia.

Carlos Mágnò, como taõ Catholico que era, se pôz de joelhos, mas nem assim podia estar; porque a náò, com os salavancos, que dava, o lançava de huma parte a outra, como se fôra huma levissima péla; encommendou-se a Deos de todo o seu coraçãõ; e lhe encommendava tambem as vidas dos seus soldados, especialmente as dos Cavalleiros, os quaes, cada hum no seu navio, faziaõ o mesmo, e já esperavaõ a morte como fim de tudo.

Durava a tempestade, e cada vez crescia com mais força; e Diomar chorava muita lagrima, pedindo a Deos se lembrasse da sua alma, e o deixasse chegar a tempo de fazer huma verdadeira penitencia. Roldaõ entre tanto perigo se lembrava tambem da sua Angelica, e era inconsolavel a pena, que tinha de a náò chegar a ver esposa sua. Todos os mais pelos seus motivos, principalmente pelo da morte, se viaõ nas

124 HISTORIA DE CARLOS MAGNO ,  
ultimas angustias; só Farisca o que fazia era blasfemar da sua vida, e pedir a Mafoma mettesse a fundo toda a Armada.

Mandou-lhe Carlos Magno dizer que tapasse a boca, e elle respondeo que não queria; e o Imperador quiz tomar delle vingança, mas, para que Deos houvesse com a Armada misericordia, quiz tambem ter clemencia com Farisca: e parece que Deos se agradou tanto desta piedade, que de repente, havendo doze dias que durava a tempestade, começárao a sentar-se as ondas, a descobrir-se os ares, e a diminuir-se os ventos, com que em todos entrou a alegria maior que se pôde imaginar.

Quasi todas as náos tinhao quebrados os mastros, safadas as cordas, e rotas as vélas de tal sorte, que ainda que estavao livres da tempestade não podiao navegar para diante, sem concertar-se: estavao á vista da Ilha Sicilia, e alli tomárao porto para refazer-se de tudo o necessario: desembarcárao em terra os destrogados navegantes; mas apenas o tinhao feito, quando com novo successo se vírao em novo, e maior perigo.

## C A P I T U L O X I.

*Como o monte Ethna deitou chamma, e Farisca, que as foi reconhecer, acabou nellas.*

Ha em Sicilia hum monte altissimo, e bem conhecido, que se chama o monte Ethna; este continuamente deita do seu cume lavaredas, que se divisao de muito longe, e diziao os Gentios que alli era a forja de Vulcano, que tinhao por Deos do ferro, e fogo. Tanto que os Catholicos aportárao na Ilha, começou o monte a deitar maiores chamma, e taes: que subiao ás nuvens, e parecia que se abrazava, não só o monte, mas a Ilha.

A todos causou notavel horror esta novidade; e ainda se augmentou o susto, quando o monte atraç

das lavaredas começou a deitar huma grande enxurrada de betumes ardentes, que despenhando-se por todas as partes do monte vinhão abrazando tudo o que encontravaõ. Perdidos eraõ todos, se a enxurrada vinha pelo sitio aonde estavaõ, porque entãõ forçosamente eraõ levados das chammas, sem algum remedio.

Pôz-se Carlos Magno de joelhos, e todo o seu exercito, e disse; — Senhor Deos, a quem amo sobre todas as cousas, contra esta casta de inimigo só vós podeis ter armas. Naõ permittais, Senhor, que hum exercito taõ Catholico, e que tanto vos tem servido, pereça desta sorte taõ sem proveito: já que quizestes livrar-nos das mãos dos infieis, que portantas vezes nos podiaõ vencer, se vós naõ fosseis, livrai-nos tambem agora deste perigo, de que só vós nos podereis livrar. —

Dito isto para o Ceo, virou para os Cavalleiros, e soldados, e lhes disse em altas vozes: — Filhos, bem vêdes o castigo, que vem sobre nós por vontade de Deos; o que podemos fazer he conformar-nos com ella, e postes aqui todos de joelhos com os rostos em terra pedir-lhe se compadeça das nossas almas, se for servido que estas chammas nos tirem as vidas. —

Respondêraõ todos: — Estamos promptos para abraçar com gosto o que Deos for servido. — Ora este espectaculo por certo que havia ser a cousa mais devota do mundo, vêr huns Principes taõ grandes, huns homens taõ valentes prostrados por terra, taõ resignados na Divina vontade, que nem os olhos levantáraõ para vêr se as chammas vinhaõ: mas entre todos os que estavaõ assim, só Farisca tinha ficado em pé, e como homem doudo, e desesperado, começou a dizer que todos eraõ huns fracos, porque se naõ atreviaõ a fazer caminho áquellas lavaredas para outra parte; e dizendo isto, subio pelo monte acima a encontrar-se com ellas.

Quizeraõ dete-lo os soldados, mas elle correo muito, e elles, naõ querendo ser queimados no fogo, que já vinha muito perto, e por naõ desobedecer ao Imperador, se tornáraõ a pôr de joelhos, como estavaõ. Subio Farisca ao monte, e tanto que a enxurrada lhe hia chegando, lhe disse: — O' fogo, por Mafoma, a quem adoro, que tornes para traz, que em seu nome to mando. — Mas o fogo, naõ fazendo algum caso do preçeito, continuou o seu caminhõ, e apanhando o amigo Farisca o deixou abrazado, e dalli correo ao mar, mas por outro caminho longe do sitio aonde estava o exercito.

Deraõ todos graças a Deos pelos ter livrado de taõ evidente perigo: Carlos Magno, em agradecimento de taõ grande beneficio, mandou edificar naquelle sitio hum grandissimo Templo, e lhe deixou rendas para o Culto Divino se fazer com toda a grandeza.

## C A P I T U L O XII.

*Como Carlos Magno navegou para Roma; e ali se confessou Diomar, e baptizou Roxael.*

Esteve o Imperador em Sicilia toda o tempo preciso para reformar a sua Armada, e tanto que esteve prompta, se embarcou nella com todo o seu exercito, e chegou á costa de Italia. Tanto que o Pontifice o soube, mandou fazer arcos triunfaes por todo o caminho, que hia até Roma, e por elles passou o Imperador em triumpho com os Pares, e todo o seu exercito, e chegando ao palacio do Vaticano beijou o pé ao Pontifice, e o mesmo fizeraõ todos os Cavalleiros.

Feito isto, apresentou o Imperador ao Papa todas as riquezas, que trouxera do Templo de Cofornia, e lhe contou os successos da sua navegação, e lhe pediu mandasse áquella Ilha Padres, que instruissem os naturaes nos mysterios de nossa Santa Fé; e o Pon-

tifice assim lho prometteo. Depois lhe apresentou Roxael, e Diomar, o primeiro para se converter, o segundo para se confessar; e o Papa os recebeu mui benignamente, e pela sua mesma pessoa confessou Diomar, e baptizou Roxael.

Diomar, tanto que se vio confessado, e absolvido, pedio licença a Carlos Magno para ir para a Ilha Cofornia com os Padres, que mandava a ella, tanto para lhes ensinar a lingua, como para fazer nella penitencia: porque queria que na terra, aonde foi mais escandalosa a sua vida, fosse maior a sua penitencia; o Imperador lho concedeo, e elle se embarcou com os Padres, chorando mil lagrimas aos pés do Imperador, e dos Cavalleiros, quando se despedio.

Roxael foi armado Cavalleiro pelo Imperador, e Roldaõ foi seu Padrinho; e foi admittido ao número dos Pares, fazendo primeiro juramento de defender a Fé Catholica até ao ultimo instante da vida, como he costume: e era tal o gosto, que tinha de se ver feito Par, que não cabia em si de contente. O Imperador se preparou para ir a Toledo buscar Galiana para sua mulher, e se despedio do Pontifice, que lhe deo muitas, e grandes Reliquias, e aos Cavalleiros, de que ficáraõ muito satisfeitos: e o Imperador antes de se ausentar sahio em público na Cidade de Roma, e todo o povo concorreo a vê-lo, e dizia em vozes altas: — Viva o nosso Imperador Carlos Magno, e os seus honrados Cavalleiros. —

○ Imperador hia deitando ao povo muito dinheiro de ouro, e prata; e muitos pobres ficáraõ ricos; e rogavaõ a Deos mandasse muitos bens ao Imperador, e lhe chamavaõ seu pai, o que o Imperador estimava muito, que tanta era a sua piedade. O Papa quiz fazer Cardeal o Arcebispo Turpim, mas elle lhe pedio por humildade que o não fizesse, pois queria antes ser só Arcebispo, e acompanhar o Imperador.

## CAPITULO XIII.

*Como Carlos Magno voltou a Hespanha, e em Gascunha destruiu huma tropa de ladrões, que o queriaõ roubar.*

Despedido assim Carlos Magno do Pontífice, partio para França, fazendo por ella caminho para Hespanha: ao passar dos montes Alpes teve o exercito grandissimo trabalho por causa das neves, que continuamente cahem naquelles montes; e muitos soldados ficatãõ enterçados, e mortos do regelo, outros perdiaõ a falla, porque se lhes apertavaõ os dentes de sorte que naõ os podiaõ abrir, nem para comer, e assim morriaõ de fome: em passar estes montes Alpes gastou o exercito quatro mezes, e morreraõ mais de seiscentos soldados, do que o Imperador teve grande sentimento, mas naõ lhes podia dar remedio.

E o Arcebispo Turpim, tanto que chegaraõ á primeira terra de França, fez hum muito altissimo Sermaõ a todos os soldados, dizendo-lhes que vissem o lucrõ, que se tirava das cousas do mundo, que de todo o modo eraõ contrarias aos homens; e trouxe á memoria o fogo do Ethna, e frio dos Alpes, as tormentas do mar, e as batalhas da terra; para que vissem que os mesmos Elementos, que os sustentavaõ, eraõ os maiores inimigos que tinhaõ.

Depois deste Sermaõ despedio o Imperador os soldados para os seus quarteis, e lhes deo muitos thesouros; e mandou que fossem para as suas terras, e nellas vivessem santamente, já que Deos fõra servido dar-lhes depois de tantas victorias este tempo de descanso, e os soldados hum por hum abraçaraõ o Imperador, e choravaõ muitas lagrimas por haver de apartar-se delle, e muitos desejavaõ que houvesse mais guerras, só por andar na sua companhia; e diziaõ que mais queriaõ os trabalhos á sua vista, que o descanso nas suas terras: e Carlos Magno se pasmava muito

deste amor, e chorava tambem com elles, que sempre foi muito amante dos seus soldados.

Os Pares não se quizerão ir, e disserão que que-rião assistir ao seu casamento, e de Roldão, e o Imperador o estimou; e deixando só quatro mil homens para guarda da sua pessoa, foi caminhando com os seus Cavalleiros para Hespanha. Chegou a Gascunha, e anoitecendo-lhe em hum campo, alli mandou armar suas barracas: e como não se receava já de guerra, se deitou a dormir e todos muito a seu salvo.

Pela meia noite chegou áquelle sitio hum famoso ladrao, que era cabeça de huma quadrilha de dous mil, os quaes erao homens malfeitores, que tinhao fugido das cadeas, e andavao foragidos por aquelles montes: quando viraõ taõ boa occasiao de se aproveitar dos thesouros, que trazia o Imperador, puzeraõ-se todos a pé, e se foraõ mettendo pelas barracas; e cada dous se punhaõ com os punhaes nús ao pé dos que dormiaõ, em quanto os outros esquadrinhavaõ os cofres, e as malas, para levar o que achassem.

Entráõ na tenda Imperial, e puzeraõ-se seis com os punhaes á cama do Imperador, e os mais começãõ a revolver a bagagem. A este tempo começãõ fóra a espantar-se os cavallos, que tinhaõ deixado presos: e de sorte se espantãõ, que entre si começãõ a morder-se de modo, que quebrando as rédeas entrãõ á desfilada pelo campo.

Os ladroes, que sempre vivem com medo por conta do seu delicto, vendo aquelle tropel entendãõ que era cavallaria armada, que os vinha matar: largãõ tudo o que faziaõ, e corrãõ a tomar os seus cavallos, ou para se pôrem em resistencia, ou para buscarem fugida: a noite era escurissima, e não achando os cavallos no sitio, andaraõ-os buscando, mas como estavaõ espalhados, impossivel era conhecê-los a todos.

A este rumor despertáraõ os da companhia de Carlos Magno, e vestindo-se, e armando-se a toda a pressa, sahiraõ fóra das tendas, e acháraõ os miseraveis ladrões, que a pé, unidos em hum corpo, queriaõ fazer resistencia, mas saltáraõ nelles, e matando ametade, prendêraõ os outros, que por ordem do Imperador foraõ todos enforcados em número de mil e quinhentos.

#### C A P I T U L O XIV.

*Como Carlos Magno foi ajudar Astolfo de Inglaterra contra Oláo de Dinamarca, e este o desafiou, e Carlos Magno não acceitou o desafio.*

Feito taõ justo castigo, deo o Imperador graças a Deos pelo livrar de perigo tamanho, e foi continuando a jornada para Toledo, e dalli pbr diante, sempre que dormia, tinha sentinellas por todo o campo como se fosse em tempo de inimigos. Chegáraõ a Aragaõ, e em Saragoça lhes fizeraõ grandes festas: e Roxael entrou nas justas, e fez bizarras proezas, com que procurava merecer o nome de Cavalleiro, que tinha: com estas festas se detinha o Imperador contra sua vontade, porque o que só queria era já ver a Galiana: mas por não desgostar os da terra assistio a tudo, que lhe quizeraõ fazer, com muita alegria.

Mas ainda se lhe prolongou mais o seu gosto com huma carta de Astolfo de Inglaterra, pedindo-lhe ajuda contra Oláo de Dinamarca, que com huma poderosa armada, em que hia embarcado hum formidavel exercito, invadia o seu Reino. Era Astolfo hum dos Cavalleiros de Carlos Magno, e o tinha ajudado em muitas guerras, pelo que o Imperador lhe respondeo que faria o que lhe pedia, e com os quatro mil homens, que tinha, e os Cavalleiros marchou na volta de França para dahi, passando o mar com mais soldadesca, chegar a Inglaterra.



Assim o fez, e ajuntou muito brevemente trinta mil homens, e embarcando-se em muitos navios, que tinha nos seus portos, chegou a Londres, aonde estava Astolfo, o qual tinha já perdido muitas Cidades, que Oláo lhe havia conquistado. Tanto que o Dinamarquez soube a vinda do Imperador, não lhe pesou com isso, porque se tinha em conta de muito valeroso, e queria provar as forças com Carlos Magno.

Mandou desafia-lo para singular batalha, e o Imperador accitou o desafio, mas nenhum dos Pares o quiz consentir, e postòs de joelhos diante do Imperador, lhe pedirão por prémio dos seus serviços, que não sahisse ao desafio: porque, ainda que o seu valor era muito, os casos da fortuna eraõ incertos, e na sua pessoa se perdia tudo.

Roldaõ disse de mais: — Senhor, o teu valor he bem conhecido, e em não sahires à este desafio nada perdes do teu credito; antes diminues a tua authoridade em sahir a contender com quem não he Imperador. Não têm sido tão poucas as occasiões, em que tens mostrado o teu esforço, que entenda agora este soberbo deixas de batalhar com elle por temor. — De nenhuma sorte queria Carlos Magno consentir, mas tanto pediu Roldaõ, até que venceu, e o Imperador lhe disse: — Sobrinho, por amor de ti falto ao que quero, mas que resposta havemos de dar a Oláo? — Respondeo Roldaõ: — Deixa isso á minha conta, que verás a que lhe dou, em que por força elle ha de ficar mal. — E dizendo isto, chamou o Trombeta, que tinha trazido o recado de Oláo, e lhe disse: — Dize a teu senhor Oláo de Dinamarca, que o Imperador, meu tio, e meu senhor, não acceita o seu desafio; mas que eu o acceito, e sahirei com elle a campo. — Foi o Trombeta, e trouxe por resposta: Que Oláo não brigava com Roldaõ, porque Roldaõ não era Rei. Entaõ Roldaõ, cheio de gosto

132 HISTÓRIA DE CARLOS MAGNO,  
de lhe vir tanto a ponto o que queria, disse ao Trombeta: — Pois dize ao teu Rei que Carlos Magno não briga com Oláo, porque Oláo não he Imperador: — e todos gabárao a subtileza de Roldão.

## CAPITULO XV.

*Como se deo batalha entre Carlos Magno, e Oláo de Dinamarca, e este fugio.*

Muito se enfadou Oláo desta resposta, e logo formou o seu exercito em batalha, e mandou dizer ao Imperador que mandasse os seus Pares todos a contender com outros tantos Dinamarquezes, e o Imperador o fez assim; mas os Dinamarquezes ficárao todos mortos, sem algum dos Pares ter o minimo perigo. Picou-se muito Oláo, e mandou outros tantos dos seus, mas succedeo-lhes o mesmo: mandou terceiros, e aconteceo-lhes o proprio; até que desesperado moveo contra os Pares todo o seu exercito, que era de sessenta mil homens.

Esperárao os Cavalleiros a pé firme o exercito todo, como se viessem contra elles só outros tantos Cavalleiros; quando Oláo vio esta constancia, rasgou os vestidos, e disse em altas vozes: — Oh afortunado Carlos Magno, que tens por vassallos huns homens taõ valerosos! Só tu és Rei no mundo, porque quem he senhor de taes homens, só he Rei. Mas eu quero vêr se venço com o meu exercito estes monstros de valor: — e dizendo isto, mandou tocar á investir.

Acommetteo-os o exercito todo, e os Cavalleiros esperárao o seu encontro no meio do campo, que por credito seu, nem hum passo só derao atraz a incorporar-se com o de Astolfo, e Carlos Magno, e assim sustentárao firmes o primeiro accommettimento, e passárao-lhes os batalhões por huma, e outra parte, sem elles recuarem nem hum passo, antes deixárao muitos inimigos mortos.

Moveo-se então contra Oláo. o exercito de Carlos Magno, e Astolfo, e se travou huma cruel batalha, que durou todo aquelle dia, e nem com a noite se apartou a peleija; porque estavaõ taõ misturados, taõ enfurecidos huns contra os outros, que pelo mesmo escuro se foraõ degollando: e foi esta huma das cousas maiores, que succedêraõ no mundo; porque muitas vezes os mesmos amigos se matavaõ, sem querer, huns aos outros: e era tal a grita, a confusaõ, e o alarido, que o mesmo inferno naõ podia ser mais medorho.

Os golpes das espadas, o bater das ferraduras, os gritos dos que morriaõ, as raivas dos que matavaõ, faziaõ parecer, que se tornava o mundo em hum abysmo; e o que mais horror mettia, era a certeza de que muitos naturaes haviaõ matar-se huns a outros, e talvez que huns com outros batalhassem os mesmos Cavalleiros; porque, como naõ se via, dava-se por onde se achava.

Em fim, chegou a desejada manhã, e apparecêraõ todos aquelles campos feitos hum poço de sangue, e corpos mortos. Tristissimo espectaculo, e na verdade theatro mais que horrendo! Conhecêraõ-se já huns aos outros: e os soldados de Oláo erãõ já poucos, porque quasi todos tinhaõ ficado mortos: o que visto por Oláo, deo a victoria por perdida, e salvou a sua vida na fuga. Os poucos soldados seus, que ainda duravaõ, puzeraõ as armas em terra, e se lhes perdoáraõ as vidas. Com que de sessenta mil homens, que Oláo trouxe de Dinamarca, nem hum, excepto elle, tornou á sua terra.

A perda de Carlos Magno, e Astolfo foi de tres mil homens; e logo foraõ ambos reconquistar as terras, que Oláo tinha tomado, e todas se rendêraõ logo; e querendo fazer armada, para ir em seguimento de Oláo, acháraõ que era melhor naõ a fazer, por-

que della se havia tirar pouco fructo, e muito gasto, e Oláo hia taõ derrotado, que em toda a sua vida não ficaria capaz deprehender outra guerra: e depois se vio que, cuidando só no governo dos seus Estados, se deixou de batalhas, e passou os seus dias em vida contemplativa.

Carlos Magno esteve muitos dias em Londres, assistido de Astolfo com toda a grandeza, e magestade, como taõ grande senhor que era: foraõ ver as principaes Cidades do Reino, e quando mais embebidos andavaõ nestes divertimentos, chegou hum mensageiro de Toledo com huma carta de Galiana para o Imperador, que dizia só estas palavras:

*Senhor, aonde quer que estás ouve-me, e soccorre-me. Abderraman voltou de Ethiopia com Talamarte; fique o mais ao teu discurso, ao teu amor, e á tua obrigaçãõ.  
Galiana.*

Tanto que o Imperador vio esta carta, sem mais demora montou a cavallo, e chamando o seu exercito, veio embarcar-se, para de França voltar-se a Toledo.

## C A P I T U L O XVI.

*Como Carlos Magno jurou não entrar em Toledo antes de castigar Abderraman: e dos estragos, que este tinha feito em Hespanha.*

Ajuntou Carlos Magno hum poderoso exercito, e em menos de vinte dias chegou á vista de Toledo: sahio a recebe-lo Galafre, e lhe deu parte como Abderraman tinha chegado a Hespanha com novo exercito, que lhe tinha dado Talamarte de Ethiopia, com quem havia fugido; e que tinha conquistado Cordova, Sevilha, Timorante, e Valença.

Ficou Carlos Magno acceso em ira, e jurou pela vida de Galiana de não chegar a vê-la, até não ter morto Abderraman; e logo sem entrar em Toledo, marchou com todo o exercito para Rostile, aonde os

Pares tinhaõ em outro tempo batalhado, com o mesmo Abderraman.

Este barbaro, que, como disseinos no Capitulo lezasseis do Livro segundo, partio de Timorante derrotado para Ethiopia em companhia de Talamarte; tanto que aportou áquella terra, entrou em tal desesperação de haver perdido os seus Reinos de Hespanha, que eraõ a melhor pedra da sua Corõa, que entrou a juntar novo exercito com toda a pressa, para outra vez entrar fortuna.

Achou Talamarte com o mesmo desejo, e ajuntando hum exercito de quatrocentos mil homens, o embarcáraõ em huma poderosissima Armada, e chegando a Cadiz desembarcáraõ nas costas de Hespanha. Como Carlos Magno tinha ido a ajudar o Pontifice contra Aliadús, ficou Abderraman com pouca opposiçõ, e começou a conquistar em Hespanha muitas terras; e tanto que as tomava degollava todos os Christãos, que dentro havia, e ás terras mandava pôr o fogo, excepto a Cordova, Timorante, Sevilha, e Valença, que escolheu para praça de armas.

Todos os bosques entregava ao fogo, o mesmo fazia ás sementeiras: e era tal a raiva, com que vinha tomara sua vingança, que por onde passava não ficava pedra sobre pedra, nem deixava Christão com vida. O seu gosto era por suas mãos tirar as entranhas ac Christãos, que apanhava, e as dava a comer aos seu cães de fila: a outros mandava queimar vivos: em fim as tyrannias eraõ tantas, que Galafre tremendo e que chegasse a Toledo aquelle raio, mandou a Giana escrevesse a Carlos Magno aquella carta, com que cobrigasse a vir á sua defenza.

Já Abderraman com effeito hia marchando contra Toledo, uando Carlos Magno, fazendo o juramento dito, marchou só com os Catholicos para Rostile a sahir-lhe o encontro. Soube Abderraman por suas

capiss que o Imperador era chegado, mandou fazer alto a seu exercito; e houve com Talamarte conselho, sobre qual seria melhor fazer: se sahir logo a encontrar Carlos Magno no caminho, e dar-lhe batalha; ou esperar que elle viesse investi-los, e fortificarem-se naquelle sitio?

Seguiu Talamarte este segundo conselho, como mais seguro, e tornáraõ hum pouco atraz a pôr-se com as costas nos muros de Sevilha: levantáraõ por diante, e pelos lados altissimas trincheiras de terra muito fortes, e se puzeraõ a esperar a Carlos Magno; e antes que elle chegasse lhe mandou Abderraman por hum Trombeta dizer que naõ fosse taõ louco, que quizesse brigar com elle; que se fosse para a sua França, antes que por temerario perdesse a vida.

Carlos Magno disse ao mensageiro: — Dize a Abderraman que naõ necessito dos seus conselhos; e que elle he que podia estar escarmentado para naõ tornar a Hespanha; mas que me espere nas suas trincheiras, que muito brevemente irei tira-lo dellas, e castigar por huma vez tantas insolencias, e tyrannias, como em feito em Hespanha toda. — Foi-se o mensageiro com o recado, e Abderraman se preparou para a baalha muito certo de conseguir desta vez huma afortunada victoria.

## C A P I T U L O XVII.

*Como o Imperador chegou á vista de Abderraman; e como Roxnel o desafiou, e sahio Talamarte ao desfo.*

Foi o Imperador marchando com o seu exercito, e em huma madrugada avistou as trincheiras de Abderraman, e eraõ taõ altas, e fortes, que pareciaõ muralhas de huma grande fortaleza: Roxae da Persia; armado Cavalleiro em Roma, como issemos, querendo mostrar o seu valor contra os inimigos da Fé já que tanto o tinha exercitado contra os seus

amigos, se pôz de joelhos diante do Imperador, e lhe disse :

— Senhor, peço-te me concedas licença para te desafiar Abderraman ao seu campo, e entrar com elle em singular batalha. — O Imperador lha não queria conceder; mas Roxael tanto apertou, que o Imperador lhe disse que sim: e Roxael, beijando-lhe a mão pela mercê, montou em hum bizarro cavallo; e se armou muito bem, e fazendo o signal da Cruz com muita reverencia, partio para o campo contrario, deixando aos outros Cavalleiros com bastante inveja do seu esforço.

Chegou defronte das trincheiras: e disse em voz alta, que se ouvisse dentro dellas: — O' Rei Abderraman, que cheio de medo estás encurrelado dentro desses fortes muros, já que não tens animo para brigar com Carlos Magno peito a peito, vem batalhar comigo corpo a corpo, que para isso te reto, e desafio: — mandou Abderraman huns soldados á trincheira a ver quem era o que o desafiava; e elle lhes respondeo: — Dizei a Abderraman que sou Roxael da Persia, mais nobre, mais valente do que elle; porque ainda que fui vencido por Carlos Magno, subo aproveitar-me dessa desgraça, e abraçar a Religião Catholica com tal fortuna minha, que hoje me vejo Par de França.

Tanto que Talamarte soube quem era, pedio a Abderraman o deixasse ir áquella batalha, o que lhe concedeo; e sahindo Talamarte ao campo, disse a Roxael: — Ainda que não vem o que desafiaste, vem Talamarte de Ethiopia, que bem capaz he de contender com Roxael da Persia. — Disse-lhe Roxael que não tinha nisso dúvida, e virando as redeas aos cavallos, se investia com desusado brío, e desembaraço: quebrárá as lanças nos primeiros encontros, e ambos saltará com a força fóra da sella ás ancas dos cavallos.

Cobrárao outra vez o posto, e levárao, hum da espada, outro do alfange, com que se começárao a dar desapiedados golpes; logo os escudos de ambos se fizeram em pedaços, e agarrárao-se ás armas com as mãos ambas, e sem cuidar em defender-se, só attendiao a ferir-se; deo Roxael em Talamarte hum tal golpe, que lhe quebrou em duas partes o elmo, e o ferio na cabeça, que começou a deitar sangue ás golfadas. Desesperou-se Talamarte de taõ violenta ferida, e deo em Roxael tal cutilada, que lhe desarmou o hombro direito, e descendo abaixo lhe cortou o pescoço do cavallo, que cahio em terra morto.

Apeou-se Talamarte, antes que se levantasse Roxael, e sem perder tempo lhe deo outro golpe no costado, com que o fez pôr em terra debruços muito mal ferido; e sem esperar mais lhe deo outro na cabeça, e logo dous nos braços, com que o deixou atordoadõ, e dahi pegando nelle o atou á cauda do seu cavallo, e montando nelle o andou arrastando pelo campo. Mandou Carlos Magno quarenta homens a soccorre-lo, mas já Talamarte estava dentro das trincheiras do seu exercito com elle pela cauda do cavallo, com taõ grande pena do Imperador, que sem reparar no que fazia correo de galope a investir a porta da trincheira.

Detiverao-o os seus Pares; mas Carlos Magno naõ se dava a conselho com o que via, e quiz mandar logo começar a batalha em vingança da morte de Roxael, a quem estimava muito, e como homem fóra de si disse: — Oh nobre Roxael, quem antes morrera do que tu! Oh infiel Talamarte, por certo que naõ eras mais valente, e que foste barbaro, infiel, e traidor. O' Abderraman, eu te reto, e desafio, para que batalhes comigo; eu te desafio, Talamarte, vem, naõ te excuses, que eu vingarei Roxael com tua morte. —



## CAPITULO XVIII.

*Da morte de Roxael.*

Em quanto o Imperador fazia estas, e semelhantes exclamações, chegou Talamarte com Roxael arrastando-o á tenda de Abderraman; o qual o mandou desatar da causa do cavallo, e virão que ainda estava vivo, do que Abderraman folgou muito, porque queria fazer nelle hum castigo, com que se vingasse, e fizesse horror a Carlos Magno.

O constante Roxael todo esvaído em sangue, com o corpo retalhado das feridas, e moido das pedras estava já nos ultimos da vida, mas cheio de huma sobrenatural constancia, tanto que se vio diante de Abderraman, lhe disse: — Cuidarás que Talamarte me traz aqui, porque me vencesse mui justamente; pois sabe que contra as leis da cavallaria me ferio sem eu me levantar, e contra as leis da Fé me trouxe assim: mas deixa-me, ainda como estou, provar com elle as forças, que eu te prometto vejas que he fraca a sua valentia. —

Abderraman ouvindo fallar assim a Roxael lhe deo hum pontapé, e lhe disse: — Ainda tens boca para fallar? Ora espera que eu ta tirarei, — e mandou que hum soldado lhe cortasse ambos os beiços, o que foi feito logo; e Roxael ainda assim escorrendo-lhe o sangue pela boca disse: — Oh cruel Abderraman! Tu não podes ter sangue Real; porque os Reis não se vingão assim; mas fazes o que deves á tua lei, que outra cousa seria se tu fosses Christão, pois he certo que só estes tem Fé. —

Disse-lhe Abderraman: — Oh atrevido! Fallas aqui na Lei dos Christãos? — Respondeo Roxael: — Falso, porque só essa he a verdadeira Lei; e eu me dou por afortunado em a seguir, e por ella não sinto a morte, que me pretendes dar. — Quando Abderra-

740 HISTORIA DE CARLOS MAGNO ,  
man tal ouvio, cheio de ira, lhe deo com hum bas-  
taõ, que tinha, muitas pancadas nas costas, e man-  
dou que lhe cortassem as mãos, o que se fez logo ;  
e o constante Roxael soffrendo tudo com muita pa-  
ciencia, disse para o Ceo :

— Oh Deos, e Senhor meu ! Tende compaixão de  
mim, perdoai-me, Senhor, os peccados, que tenho  
feito, e accetai em satisfacaõ delles estes tormentos,  
que por vós padeço mui gostoso ; e vós, Virgem Ma-  
ria, advogada dos peccadores, naõ me desampareis ago-  
ra, que me vejo taõ só entre os meus, e vossos ini-  
migos : — e virando-se para Abderraman, lhe disse :  
— Reí, eu te perdõo de muito boa vontade estes  
tormentos ; mas peço-te que te faças Christão, e crêas  
na Lei de Jesu Christo. — Respondeo-lhe Abderra-  
man : — Vivas muitos annos pelo conselho, e espera  
que eu querb pagar-to ; — e pegando em huma lança  
lha metteo pelos olhos, que lhos vazou fóra, e ficou  
cégo.

Nem hum suspiro deo o constante Roxael ; e Ab-  
derraman o mandou pôr naquelle miseravel estado fó-  
ra das trincheiras, para que os Christãos o vissem ; e  
o triste Cavalleiro, cheio de dôres insupportaveis, sem  
mãos, sem olhos, sem sangue, deitado em hum cam-  
po, fóra do Reino, aonde eraõ taõ temido, e taõ ama-  
do, em fim desamparado de todo o mundo, disse pa-  
ra Deos : — Senhor, seja pela vossa bondade taõ affron-  
tosa, e terrivel morte, por vós a padeço mais alegre,  
que se estivera agora no throno do meu Reino, cheio  
das delicias, que logrei nos meus Estados : tudo se tro-  
cou neste infórtunio ; mas afortunado eu, se com a  
morte vos for gozar na bemaventurança. Oh meu Rei-  
no da Persia ! Quem te tirára da cegueira em que vives,  
e te pudera reduzir á Religiaõ Catholica ! Senhor, quei-  
ra-o assim a vossa bondade, e agora valha-me a vossa  
misericordia ; — e dizendo isto expirou.

## CAPITULO XIX.

*Como oitenta Christãos sahiraõ a brigar com oitenta Turcos; e Abderraman lhes fez traizão.*

Tudo o que disse Roxael ouviu Carlos Magno, que estava ao pé da trincheira para começar a batalha, e mandou, cheio de pena, recolher o corpo de Roxael para lhe dar sepultura, e de novo veio formar o seu exercito, para tomar vingança do cruel Turco, que taõ barbaramente tinha tratado hum seu cavalleiro.

Sucedeo que a este tempo huns soldados nobres tiveraõ entre si desavenças, e vieraõ a desafio: deraõ logo conta ao Imperador, e elle, informando-se da razão, soube que o caso era de credito; porque hum tinha dito ao outro que mentia, e este lhe havia dado huma bofetada: para os concertar usou o Imperador de sua prudencia, e disse: — Bem sabeis que os Reis pôdem dar, e tirar honra nos seus Estados: vós he certo que estais offendidos; mas para que hajais o vosso despique, eu vos digo que saiais a desafiar cada hum de vós hum Turco, e aquelle que primeiro matar o seu, ficará mais airoso. —

Pareceo a todos bem, e os dous montando a cavallo sahiraõ logo; hum chamava-se Montesinhos, e outro Beltenebros, e em companhia de cada hum forãõ os seus parentes, e amigos, que para isso pediraõ licença ao Imperador, e por todos eraõ oitenta: chegãõ á trincheira, e desafiãõ outros tantos Turcos, os quaes logo sahiraõ, e começãõ a batalha, e em menos de meia hora não havia Turco vivo, sem ser Christão algum morto

Ao tempo que estes vinhaõ para o exercito, sahia da trincheira huma partida de quatrocentos cavallos, e apanhando-os no meio os levou prisioneiros: mandou Carlos Magno outros quatrocentos a livra-los; mas Abderraman fez sahir-lhes ao encontro a maior par-

te do seu exercito, e combatendo com os quatrocentos do soccorro, lhes ficáraõ nas costas os Cavalleiros Christãos, sem Carlos Magno com todo o seu poder os poder livrar, porque lhe era preciso primeiro destruir toda a parte do exercito, quẽ lhe havia sahido ao encontro.

Tanto que Abderraman teve seguros os oitenta Cavalleiros, mandou de fóra das trincheiras pregar oitenta páos no campo; e em cada hum mandou pendurar seu Cavalleiro; e depois, mandando retirar o pé de exercito, que tinha fóra, lhes lançou o fogo, e ficáraõ os oitenta Christãos a arder á vista do exercito de Carlos Magno, o qual já batalhava com os Turcos; mas como elles se retiráraõ para as trincheiras, por naõ ficarem os Christãos com elles mistúrados da banda de dentro, suspendéraõ os passos, e ficáraõ a ver aquelle espectaculo horrendo.

Incomparavel foi a ira, que teve Carlos Magno, e estava de braveza, como louco; da mesma sorte os Cavalleiros, e todo o exercito, que irado contra as traições dos Turcos gritava a Carlos Magno investisse as trincheiras, porque queriaõ tomar vingança de Abderraman: apenas o Imperador vio que aquella crueldade naõ fazia desmaiar, mas antes enfurecer os seus soldados, mandou tocar a investir.

## C A P I T U L O XX.

*Como o exercito do Imperador investio as trincheiras, e teve grande mortandade.*

Lançáraõ-se todos ás trincheiras, como lebes famintos; e os infantes subindo por ellas, como gatos com as espadas na boca, se punhaõ em cima; mas estavaõ de dentro os Turcos, que muito a seu salvo, tanto que os Catholicos para se segurarem punhaõ em cima da trincheira as mãos, lhas decepavaõ com os alfanges; pegavaõ-se os valerosos Christãos com os co-

tos dos braços, e esses eraõ tambem cortados pelos Turcos: queriaõ muitos agarrar-se com os dentes, e com a barba, mas logo se viaõ sem cascos huns, outros sem pescoço, e cahiaõ mortos das trincheiras abaixo.

Sem repararem neste damno subiaõ encolerizados os outros, mas succedia-lhes o mesmo; porque os Turcos da banda de dentro estavaõ muito a seu salvo, e tanto que viaõ mão, braço, ou cabeça, logo era cortada; e os valerosos infantes, sem olharem para o seu perigo, hiaõ trepando: e eraõ já tantos os mortos que havia ao pé da trincheira, que subiaõ os outros por elles acima, pois lhes serviaõ de escada, pizando assim muitas vezes o pai ao filho, e o amigo ao amigo; mas o desejo de matar os inimigos lhes tirava o horror de verem os amigos mortos.

Alguns soldados Christãos chegáraõ a saltar dentro, e estes sós bastavaõ para vingar a morte dos companheiros; porque quarenta, que primeiro saltáraõ, começáraõ a fazer tal matança entre os outros, que nenhum lhes podia chegar; e em quanto os mais subiaõ, e acabavaõ, elles da parte de dentro tinhaõ armado cruelissima batalha.

Scube Abderraman do destroço, que aquelles quarenta homens faziaõ dentro nas trincheiras; e logo mandou a Terraldo, sobrinho de Talamarte, que fizesse empenhar contra elles a cavallaria toda, e Terraldo assim o fez; mas os quarenta se defendiaõ unidos com incrível constancia, matando, ferindo, e destroçando de tal sorte, que a mesma cavallaria lhes naõ podia chegar de perto.

O que mais sentia o Imperador era naõ poder usar da sua cavallaria, porque por diante havia as trincheiras, que os cavallos naõ podiaõ subir, e por detraz do exercito ficava a Cidade: e para arrombar as portas das trincheiras eraõ mui fortes, e o entrar por ellas

impossivel, por serem estreitas, e os de dentro impedirem o passo. Vendo Carlos Magno este perigo, levantou o pensamento ao Ceo, e por não desanimar os soldados, pediu a Deos dentro no seu coração o soccorresse em tamanho perigo.

E dahi, vendo que era menos mal investir o exercito pelas costas, do que morre sem daquella sorte os soldados nas trincheiras: mandou que a cavallaria toda viesse ao redor, e investisse ao exercito; e entre tanto ficáraõ os infantes subindo pela mesma parte do principio, para que os Turcos não suspeitassem o segundo intento, e só o soubessem quando vissem em cima de si a cavallaria de Carlos Magno.

## C A P I T U L O XXI.

*Como investindo os Christãos o exercito com a cavallaria, o destroçáraõ; e Talamarte foi morto, e Abderraman preso.*

Investio a cavallaria pelos lados das trincheiras, e tanto que se vio com os Turcos cara a cara, entráraõ estes a experimentar a sua valentia: hiaõ adiante Carlos Magno, e os Paladines; e a pezar do infinito número de Turcos, que tinhaõ diante, hiaõ matando infieis com tão desusado esforço, que não havia golpe, que não matasse hum Turco: penetrou hum corpo de cavallaria, que governava Oliveiros, pelo meio do exercito, e chegou a huma das portas da trincheira, e matando as guardas a abriu, e defendeo, para que entrasse a infantaria, e entrando esta, se víraõ inteiramente os dous exercitos em campal batalha.

Montáraõ Abderraman, e Talamarte, e sahíraõ a ajudar os seus; o mesmo fazia Carlos Magno: mas os Catholicos não necessitavaõ disso, porque cada hum se animava a si mesmo: havia soldado, que atravessando-lhe com humma lança o peito, se enfiava por

ella para matar o Turco com quem brigava, e o conseguia: outros com as cabeças abertas, e com os braços decepados, ainda investião com os que os feriaõ: aquelle soldado, a quem se quebrava a espada, pegava com unhas, e dentes no Turco, e o despedaçava: outros vinhaõ a braços, e jogando a luta se esmagavaõ.

Os Cavalleiros faziaõ bravuras, não davaõ golpe, que não deixassem hum Turco em terra, e sobre todos o valente Carlos Magno emparelhando-se contra Abderraman, e conhecendo-se hum ao outro, começaraõ a batalha de mais importancia, que houve em toda esta guerra: braço a braço começaraõ a ferir-se, mas não lhe durou muito, porque vindo Roldaõ em ajuda de Carlos Magno, este matou a Abderraman o cavallo, e cahindo em terra, pelas suas Reaes mãos o fez prisioneiro.

Começaraõ os soldados a gritar victoria por todo o exercito: entre tanto tinha Oliveiros chegado ás tendas de campanha, que eraõ tantas, que parecia humma Cidade, e a pesar dos soldados, que as defendiaõ, lhes pôz o fogo, e começou a arder aquella babilonia de pauno de linho, que parecia hum inferno: entre tanto a grita, que havia na batalha, confusaõ, mortandade, e furia fazia mais medonho este espectáculo, até que os Turcos desanimados com a prisãõ de Abderraman, e morte de Talamarte, que ás mãos de Roldaõ tinha acabado a vida, começaraõ a fraquear na batalha, e a pôr-se em confusa retirada.

Mas agora he que as trincheiras, que tinhaõ sido a sua defenza, eraõ a sua ruina, porque as portas estavam guarnecidas de Catholicos, e os Turcos não tinhaõ por onde fugir, senaõ subindo ás trincheiras, mas nesta fugida perdiaõ todos as vidas; e assim em menos de duas horas se viaõ o campo, sem que houvesse hum Turco vivo, mais do que Abderraman, a quem Carlos Magno quiz levar preso a Toledo.

Vencida assim a batalha, se rendeo logo a Cidade : e mandando o Imperador aviso ás outras tres , que tinha conquistado Abderraman, se rendêraõ logo, e ficou outra vez toda a Hespanha livre deste barbaro, que tanto a opprimio, e desbaratou : e Carlos Magno, depois de dar graças a Deos por taõ assignaladas mercês, mandou dizer muitas Missas pelas almas dos Christãos, que morrêraõ nesta batalha, que foraõ vinte e dous mil ; e dahi partio para Toledo com todo o seu exercito.

## CAPITULO XXII.

*Como o Imperador chegou a Toledo, e Abderraman se não quiz baptizar, e da sua morte.*

Chegou o Imperador a Toledo triunfante, e sahiraõ fóra das portas a espera-lo, tanto os Cavalleiros como o Povo ; e Carlos Magno com Abderraman preso a seu lado entrou em forma de triunfo : subio ao Paço, aonde o esperavaõ Galiana, e Angelica ; e foraõ tantas as lagrimas de alegria, que derramáraõ estas Princezas, que o mesmo Imperador, e todos os circunstantes as acompanháraõ nellas.

Abraçáraõ a todos os Cavalleiros ; e quando Angelica abraçou a Roldaõ, se lhe renovou o pranto de puro gosto, e o Imperador lhe disse : — Senhora Angelica aqui vem vosso pai á vossa obediencia, e eu cumprindo o juramento de não entrar em Toledo sem o trazer, ou preso, ou morto : elle vem vivo ; espero que se faça Catholico, com que, ainda que as suas crueldade o não tem merecido, irá em Africa a gozar os seus Reinos, o que, por ser vosso pai, lhe será concedido. —

Tanto que Angelica vio seu pai vivo, ficou mui contente, e o pai quando a vio viva, ficou muito mais triste, e com os olhos cheios de sangue, ardendo em ira lhe disse : — O, cruel Angelica, como não mor-



reste queimada na torre da Lua, e agora estás aqui tanto a teu gosto na Côrte do meu maior inimigo? Sempre foste tyranna; e agora quizeste ser a minha ruina. —

Angelica lhe respondeo: — Pai, e Senhor, tudo isso importa pouco; porque o ponto he cuidares tu em seguir a Lei de Christo: baptiza-te, como eu hei de fazer, e entaõ irás para os teus Reinos de Africa, que de outra sorte os has de perder, e mais a vida, e, o que he sobre tudo, tambem a alma. — Disse Abderraman: — Primeiro me verás morto, que baptizado; porque se tu pelos teus appetites queres ser falsa á tua lei, eu naõ o hei de ser porque jurei lealdade a Mafoma, e lha hei de guardar toda a minha vida: — e dizendo isto começou a chorar muito, e a todos causava compaixãõ ver em taõ miseravel estado o que tinha sido senhor de quasi todo o mundo.

Mandou Carlos Magno, que o tivessem preso em huma torre com muita decencia, e resguardo; e o triste Abderraman alli lamentava as suas infelicidades, até que de puro desgosto veio a perder a vida, e assim acabou depois de tantas victorias, e tantas desgraças o triunfador de Africa, e de Hespanha; que este he o paradeiro de todas as fortunas desta vida: teve seu corpo em hum campo sepultura, e Angelica se vestio de luto, e pela sua morte se mostrou mui sentida.

## CAPITULO XXIII.

*Como Galafre, Angelica, e Galiana receberam a Lei de Christo; dos casamentos de Roldaõ, e de Carlos Magno, e como estes se recolhêraõ a França.*

Passado a Angelica o sentimento da morte de Abderraman, disse que se queria baptizar, e Galiana tambem; e o mesmo Galafre, vendo as victorias, que os Christãos tinhaõ alcançado, e que só podiaõ ser por ser melhor a sua Lei, disse que se queria baptizar,

do que Carlos Magno ficou tão contente, que de nada o podia ser mais. Preparou-se tudo para o Baptismo, e o Arcebispo Turpim lho deo a todos, e de todos foi Carlos Magno padrinho, excepto de Galiana, porque a queria para esposa, e desta foi padrinho D. Roldão.

Festejou-se grandemente em Toledo este grande acto; e todos os do Reino foram logo Catholicos, pois he certo que a imitação dos Reis se compõe o mundo todo. Consagraram-se a Deos todas as mesquitas de Toledo, e aquelle Reino se fez todo Catholicico em muito pouco tempo. Feito isto pediu Carlos Magno a Galafre lhe dêsse para esposa a Galiana: e elle, que nada desejava mais que isto, lha deo de muito boa vontade; e ella ficou tão contente, como se pôde imaginar.

Roldão pediu a Carlos Magno licença para casar com a sua Angelica, e o Imperador lha concedeo; e no mesmo dia se fizeram os casamentos de ambos: de Angelica foi padrinho Carlos Magno, e Roldão de Galiana, que quiz o Imperador dar-lhe essa honra; quinze dias houve festas por toda a Hespanha em applauso destes casamentos, que tantos trabalhos, e perigos haviaõ custado a todõs.

Em fim, Carlos Magno, os Pares, e as Princezas se despediram de Galafre, que com mil lagrimas levou esta despedida, e todos mui alegres, mui satisfeitos, e mui contentes voltaram para França: chegaram a Paris, e Floripes entregou o governo a Carlos Magno, e recebeu as Princezas com o seu costumado carinho, e com muito mais a seu esposo Gui de Borgonha; fazendo-se em Paris muitos applausos á chegada de todos. E aqui dá o Author fim á Parte segunda da vida de Carlos Magno.

FIM DA PARTE II.

I N D I C E  
D O S C A P I T U L O S .  
D A P A R T E S E G U N D A .

L I V R O I .

**C**APITULO I. *Como o Imperador Carlos Magno, vencidos os Reis de Cordova, e Sevilha, e consagrada a Igreja de Sant-Iago, veio para Paris.* . . . Pag. 5

**C**AP. II. *Das festas, que fizeram os Pares em Paris por obsequio á chegada de Floripes.* . . . . . 6

**C**AP. III. *Como se fizeram as Justas, e de dous Cavalheiros, que entráram na praça desconhecidos, e do que disserão.* . . . . . 9

**C**AP. IV. *Como os dous Cavalheiros se investíram, e batalháram, e da discordia que entre os Pares, e os Principes Cortezãos houve por este motiva.* . . . . . 11

**C**AP. V. *Como o Cavalheiro de Galiana deu a sua embaixada, e entregou ao Imperador huma carta do seu Rei de Toledo; e do que o Imperador lhe disse.* 14

**C**AP. VI. *Como os Cavalheiros da Corte puzeram fogo ao quarto dos Pares, e estes quasi milagrosamente se livraram do incendio.* . . . . . 16

**C**AP. VII. *Como Carlos Magno partio com os Pares para Hespanha.* . . . . . 19

**C**AP. VIII. *Como os Cavalheiros se adiantaram ao exercito, e foram ter com a Barca de Pontable.* . . . 21

**C**AP. IX. *Da Barca de Pontable, e do que passaram os Cavalheiros com o seu Gigante.* . . . . . 23

**C**AP. X. *Como os Cavalheiros passaram a barca de Pontable, e curados os feridos combatêram o Castello.* 27

**C**AP. XI. *Do que aconteceu aos Cavalheiros, quando sahiram do Castello de Pontable.* . . . . . 29

- CAP. XII.** Como Almendrol dá conta das cousas de Abderraman, e da cova Tristefea, aonde estava Angelica. . . . . 32
- CAP. XIII.** Como Roldaõ, e Ricarte se apartáraõ dos mais companheiros, e do que lhes succedeo, até entrarem em Timorante. . . . . 34
- CAP. XIV.** Como Ricarte de Normandia deo traças para Roldaõ entrar na cova Tristefea. . . . . 36
- CAP. XV.** Como Roldaõ mettido no leaõ de ouro entrou na cova Tristefea por arte de Ricarte de Normandia. . . . . 39
- CAP. XVI.** Como os Cavalleiros, apartados de Roldaõ, houveraõ batalha com o exercito de Abderraman. . . . . 40
- CAP. XVII.** Como Abderraman, cercando os Pares com o seu exercito, os não pôde vencer, e por fim se retirou. . . . . 42
- CAP. XVIII.** Como Abderraman com todo o seu exercito encontron o de Galafre, e o destroçou. . . . . 44
- CAP. XIX.** Como chegou Carlos Magno com o seu exercito, e fazendo restaurar o de Galafre, batalhou com Abderraman. . . . . 47
- CAP. XX.** Como os Cavalleiros chegáraõ á Floresta escura, e batalhando com todo o exercito, o vencêraõ. . . . . 50
- CAP. XXI.** Como Carlos Magno, deixando para outro tempo o soccorro de Roldaõ, entrou triunfante em Toledo. . . . . 53

## L I V R O II.

- CAP. I.** Do que passou em Toledo; e como Oliveiros sahio sem licença do Imperador a soccorrer os Cavalleiros de Timorante. . . . . 55
- CAP. II.** Do que mais aconteceu a Oliveiros no caminho. . . . . 57
- CAP. III.** Como Roldaõ passou em Tristefea os primeiros dias, e das práticas que teve com Angelica. . . . . 59
- CAP. IV.** Como por industria de Zalabarda sahio Angelica de Tristefea. . . . . 62

- CAP. V. Do que aconteceu a Ricarte, e Roldão, querendo este sahir da cova. . . . . 65
- CAP. VI. Como se descobrio todo o segredo, e Angelica foi preza na torre da Lua. . . . . 67
- CAP. VII. Como se fez a mina para a torre da Lua, e da batalha, que deo Brutamonte aos dous Cavalleiros. 69
- CAP. VIII. Como Urgel, e Guarim entráráo em Timorante presos, e Abderraman vencido. . . . . 71
- CAP. IX. Como Oliveiros soltou a Guarim de Lorena, e Urgel de Danôa. . . . . 74
- CAP. X. Como Roldão, e Ricarte sahiráo da mina, e a continuárao até o quarto de Angelica na Torre da Lua . . . . . 75
- CAP. XI. Como os cinco Pares vivêráo com Angelica na cova, e furtavao os mantimentos da praça. . . . . 77
- CAP. XII. Como chegando a Abderraman os seus soccorros, deo forte batalha aos Cavalleiros de Tristefea. 79
- CAP. XIII. Como chegou Carlos Magno com o seu exercito, e deo batalha a Abderraman. . . . . 80
- CAP. XIV. Como no segundo dia se continuou a batalha com toda a gente, e nenhuma das partes teve victoria. . . . . 83
- CAP. XV. Como sahiráo os Cavalleiros de Tristefea, e se declarou por Carlos Magno a victoria ao terceiro dia. . . . . 84
- CAP. XVI. Como o Imperador fallou a Angelica, e Abderraman jigio para Etiopia. . . . . 86

## L I V R O III.

- CAP. I. Como Carlos Magno partio contra Cordova, e a tomou. . . . . 87
- CAP. II. Como fô achada Fredegundes, e da sua morte. . . . . 89
- CAP. III. Trata-se dos Gigantes Barrocás, e Parrafús, que escachavao pelo meio os soldados de Carlos Magno. . . . . 91

- CAP. IV.** Como Barrocas foi morto por Roldão, e Parafis por Oliveiros, depois de cruelissima batalha. 93
- CAP. V.** Como Bradamante fez traicão, e junto com Salgueiraõ, e Brutamonte partio contra Toledo. . . . 95
- CAP. VI.** Como Salgueiraõ de Lisboaes entrou disfarçado em Toledo, e introduzio Bradamante no quarto de Galiano. . . . . 97
- CAP. VII.** Como os Cavalleiros partiraõ contra Bradamonte, e batalharaõ com as Serpentes de Fredegundes. . . . . 99
- CAP. VIII.** Como os Cavalleiros descercaraõ Toledo, e como Brutamonte morreo ás mãos de Oliveiros. . . . 101
- CAP. IX.** Como os Pares entraraõ no quarto de Galiana, e foi morto Salgueiraõ, e Bradamante. . . . 103
- CAP. X.** Como Carlos Magno, e Galafre entraraõ em Toledo; e de mais que passaraõ nesta Corte. . . . 105

## LIVRO IV.

- CAP. I.** Como Carlos Magno se partio para Italia a ajudar o Pontifice contra Aliadús. . . . . 107
- CAP. II.** Como Carlos Magno deo batalha a Aliadús, e fugido-lhe os soldados, ficaraõ sós os Cavalleiros. 108
- CAP. III.** Como Lueriaõ deo assalto a Gaeta, e os soldados Christãos a livraraõ, e veneiraõ a batalha. 110
- CAP. IV.** Como os Christãos se embarcaraõ, e houveraõ batalha com a Armada de Aliadús. . . . . 112
- CAP. V.** Como se continuou a batalha; e sendo prisioneiros Farisea, e Roxael, fugio Aliadú. . . . 113
- CAP. VI.** Trata-se da Ilha Cofornia, e de outros passmosos successos. . . . . 115
- CAP. VII.** Como os Christãos houveraõ batalha com os da Ilha Cofornia, e os veneiraõ. . . . . 118
- CAP. VIII.** Em que Diomar dá conta do successo, e da Ilha Cofornia. . . . . 120
- CAP. XI. D.** que mais passou o Imperador em a Ilha até se embarcar para Italia. . . . . 121

- CAP. X. Como a Armada do Imperador padecce huma grande tempestade, e aportáraõ todas as náos a Sicilia. . . 123
- CAP. XI. Como o monte Ethna deitou chammãs, e Farrisca, que as foi reconhecer, acabou nellas. . . 124
- CAP. XII. Como Carlos Magno navegou para Roma; e ahi se confessou Diomar, e baptizou Roxael. . . 126
- CAP. XIII. Como Carlos Magno voltou a Hespanha, e em Gascunha destruiu huma tropa de ladrões, que o queriaõ roubar. . . 128
- CAP. XIV. Como Carlos Magno foi ajudar Astolfo de Inglaterra contra Oláo de Dinamarca, e este o desafiou, e Carlos Magno não acceitou o desafio. . . 130
- CAP. XV. Como se deo batalha entre Carlos Magno, e Oláo de Dinamarca, e este fugio. . . 132
- CAP. XVI. Como Carlos Magno jurou não entrar em Toledo antes de castigar Abderraman; e dos estragos, que este tinha feito em Hespanha. . . 134
- CAP. XVII. Como o Imperador chegou á vista do exercito de Abderraman; e como Roxael o desafiou, e sahio Talamarte ao desafio. . . 136
- CAP. XVIII. Da morte de Roxael. . . 139
- CAP. XIX. Como oitenta Christãos sahiraõ a brigar com oitenta Turcos, e Abderraman fez traiçaõ. . . 141
- CAP. XX. Como o exercito do Imperador investio as trincheiras, e teve grande mortandade. . . 142
- CAP. XXI. Como investindo os Christãos o exercito com a cavallaria, o destroçáraõ; e Talamarte foi morto, e Abderraman preso. . . 144
- CAP. XXII. Como o Imperador chegou a Toledo, e Abderraman se não quiz baptizar, e da sua morte. 146
- CAP. XXIII. Como Galafre, Angelica, e Galiana receberaõ a Lei de Christo; dos casamentos de Roldão, e de Carlos Magno, e como estes se recolhêraõ a França. . . 147





**TERCEIRA PARTE**  
**DA**  
**HISTORIA DO IMPERADOR**  
**CARLOS MAGNO,**

**EM QUE SE ESCREVEM AS GLORIOSAS ACCÖES, E**  
**VICTORIAS**

**DE BERNARDO DEL CARPIO,**  
**E DE COMO VENCEO EM BATALHA AOS DOZE PARES**  
**DE FRANÇA;**

**COM ALGUMAS PARTICULARIDADES**  
**DOS PRINCIPIOS DE HESPAHHA, E SEUS POVOADORES,**  
**E REIS PRIMEIROS:**

**ESCRITA**

**POR ALEXANDRE CAETANO GOMES FLAVIENSE,**  
**PRESBYTERO DO HABITO DE S. PEDRO,**  
**GRADUADO NOS SAGRADOS CANONES,**  
**PROTONOTARIO APOSTOLICO DE SUA SANTIDADE,**  
**E NATURAL DA PRAÇA DE CHAVES.**

**DEDICADA AO SENHOR**  
**ANTONIO LOPES DA COSTA.**



~~~~~

*Ao Senhor Antonio Lopes da Costa, Fidalgo da Casa Real, Contador do Mestrado da Ordem, e Cavallaria de S. Tiago da Espada, Proprietario do Officio de Escrivaõ da Chancellaria-mór do Reino, e Familiar do Santo Officio, &.*

---

**A**s mercês por meu irmaõ recebidas, e os favores por mim alcançados, me constituem na obrigação do devido agradecimento, do qual nem ainda toda a força da ingratitude podia apartar-me; e como as mesmas mercês, e favores sejaõ taõ avultados, que excedem toda a satisfação, naõ posso achar cabal recompensa, mais que huma pública confissão de huns, e outros. Esta faço ao mundo patente, e ao mesmo tempo preciso de V. m. outro favor novo, qual he a protecção desta Obra, que se naõ necessitasse della grande, naõ cansaria a V. m. com este incommodo: tomando-a V. m. por sua conta, fico na certeza de que correrá sem a detracção dos Zoilos, aos quaes o respeito de ser V. m. o meu Mecenaz,

conferá na murmuraçõ, que a mesma Obra  
merece. Deos guarde a V. m. muitos annos  
para amparo meu, e dos mais seus criados.  
Lisboa 8 de Julho de 1745.

Humilde Capellaõ de V. m.

*Alexandre Caetano Gomes.*

## PROLOGO AO LEITOR.

---

**P**ara servir de divertimento, e diversão do somno nas compridas noites do Inverno, me resolvi a expôr-te (benevolo Leitor) pública esta Obra. Succintamente foi copia resumida das grandes acções de Bernardo del Carpio, que a fazer memoria de todas com especialidade, particularizando as diminutas circumstancias de cada huma, seria necessario fazer muitos volumes, que mais causariaõ fastio, que divertimento. Naõ entres curioso a averiguar o contexto della, nem teimes em sustentar sua historia, porque hoje as mais verdadeiras padecem seus contratempos examinadas; sirva-te sómente para recreio, sem te obrigar a argumentos; se te atreveres a imitar as acções deste grande Heróe, farás por isso; aliás contenta-te com as ver escritas, por naõ dares assumpto a novas Obras.

## INTRODUÇÃO DA HISTORIA

**D**e depois da celebrada Historia de Carlos Magno, e seus doze Pares de França, que tem servido de tanto divertimento aos curiosos; e com que se tem passado as penosas horas das prolixas noites de Inverno, nenhuma me pareceo mais a proposito para continuar o passatempo, e divertir os labores nos serões, que a do Grande Bernardo del Carpio, contemporaneo dos mesmos doze Pares de França, e successor de suas admiraveis façanhas: por essa razão pegando na ociosa penna algumas poucas horas, que me permittir de tempo o laborioso dos negocios, que a esta Côrte me conduzem, continuarei a Historia principiada, fazendo Parte terceira com a vida deste Heróe, a quem Hespanha reconheceo filho pelo nascimento; o mundo todo admirou portento pelo triunfo dos encantos, e pelo valor do braço; e agora Portugal conhecerá recreio pelo allivio do trabalho.

## CAPITULO I.

*Memoria da Creação do mundo até o Diluvio universal.*

**D**eos Omnipotente, cujo mais claro conhecimento he não ser cabalmente conhecido, cuja assistencia occupa todo o lugar ideado, que sendo principio, e fim de tudo, nem ha de ter fim, nem teve principio, querendo manifestar seu Nome Santissimo, para que conhecido fosse venerado, fez de nada Ceos, e terra, creando em huns, e outra todas as creaturas espirituaes, e corporaes; e entre estas á sua imagem, e semelhança o homem adornado do espirital, e corporal, dividido em duas distinctas pessoas na existencia, e unidas no amor, chamando a huma Adaõ, e á outra Eva, se esta femea, aquelle macho, para progenitores do genero humano, os quaes collocou no Paraiso Terreal, lugar para elles das delicias, em quanto conservadores da primeira graça, que perdéraõ ingratos a tantos beneficios, peccando contra o preceito Divino, que loucos desprezáraõ por huma enganosa experiencia de vãs promessas da fraudulenta serpe.

Desterrados os dous Atlantes do humano ser, Adaõ, e Eva sua mulher, do Paraiso Terreal pela culpa, vieraõ á Provincia da Syria, Ribeiras Orientaes do mar Mediterraneo, e fazendo habitação no valle de Ebron, procreáraõ seus filhos Caim, e Abel, tão justo este, quanto perverso aquelle, pois chegou por inveja a tirar a seu irmão a vida no campo. Teve mais Adaõ de sua mulher hum terceiro filho, chamado Seth, que lhe succedeo no Principado do mundo, perdido por Caim pela maldição por Deos como a fratrici-

da lançada. Morto Adaõ, ficou Seth conservando sua residencia na Syria, onde lhe nasceo seu primogenito. Enõs, de quem foi filho Caynan, e deste o foi Malalael, de quem o foi Jareth, e de Jareth nasceo Enoch, que por juizos de Deos foi arrebatado vivo, e levado áquelle lugar, onde com Elias o conserva sua Providencia Divina, para no fim do mundo vir prégar desenganos aos inveterados vicios. De Enoch foi filho Mathusalem, cuja vida se conta pela mais prolongada entre os homens, pois chegou a novecentos e sessenta e nove annos solares, que assim lhe chamo para evitar as opiniões de alguns, que querem imaginar os taes annos menores que aquelles, de que hoje usamos, sendo na verdade iguaes no curso dos tempos. Filho de Mathusalem foi Lamech, e deste o foi o Patriarca Noé, a quem Deos escolheo para Restaurador da humana geraçãõ naquella prodigiosa Arca, que tanto tempo navegou sobre as aguas, com que a ira Divina afogou a ingratiçãõ dos homens naquelle Diluvio universal, que cobrio toda a terra até a altura de quinze covados do mais elevado monte.

Lembrado Deos da sua misericordia sem limite, quiz pôr limite ao castigo do mundo, fazendo que aquella Arca, em que se conservavaõ suas reliquias, parasse, e fizesse assento sobre as serras de Ararat, elevado ramo do grande monte Tauro em Armenia, regiãõ da Asia (hoje theatro da guerra entre o célebre Thamaz Kouli-kan, ou Schá-Nadir, Soberano da Persia, e o Imperador de Constantinopla, ou Sultãõ dos Turcos) da qual Arca sahindo o Patriarca Noé, e seus tres filhos Sem, Can, e Jafet, (que nella tinhaõ entrado com suas mulheres) principiou a restauraçãõ, para que foi conservado, fazendo com o decurso dos tempos povoar o despovoado mundo.



## CAPITULO II.

*Da confusão das linguas em Babel, e fundação da Monarquia de Hespanha.*

Entre os filhos, que do terceiro filho de Noé, chamado Jafet, e de sua mulher nascêrao, teve o quinto lugar na ordem do nascimento Tubal, que com outros seus primos habitou os dilatados campos de Sennar, ou Caldéa, onde foi presente ao tempo, que Deos confundio as linguas dos fabricadores daquelle taó celebrada torre de Babel, para castigo da temeridade humana. Com alguns de seus companheiros, e parentes, com seus filhos, e descendentes, atravessou Tubal a Arabia deserta, Iduméa, e Palestina, e veio ao sitio, em que hoje está o porto de Joppe, ou Jaffa, donde embarcado continuou sua viagem costeando as ribeiras do mar Mediterraneo para o Oceano, aonde surgio (se já não he que por terra fez a viagem como logo notaremos) a buscar nas terras Occidentaes lugar, em que fundasse sua Monarquia.

Muitos são de opiniaó que Tubal com sua familia, e companhia fizeraó esta jornada por terra: e se tivermos por certo a famosa esterilidade, e secca geral de Hespanha, que muitos seculos depois se diz succedeo, com a qual se abriu o celebrado, e bem conhecido estreito de Gibraltar, precisamente devemos de seguir esta opiniaó, porque sendo assim, não podia navegar do mar Mediterraneo para o Oceano: salvo se até aquelle estreito, entáo ou naquelle tempo fechado, navegou, e dali por terra continuou sua viagem até Setuval, onde fez seu assento, e deo principio á povoação de Portugal, e Hespanha. Esta opiniaó não he dissonante, antes sim se coaduna ao verosimil, pois dizendo as Historias que fez assento em Setuval, (que por isso se chamou com este nome aquella famosa Villa, primeira povoação de Hespa-

4                    **HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
nha, como *Sedes Tubal*, que he o mesmo, que *Assento de Tubal*, e corrupta a pronuncia *Setubal*) dá a entender que Tubal viajou alguns tempos pela Região, até que fez assento, ou paragem naquelle lugar, que escolheu para sua residencia, e primeira Córte de sua Monarquia.

De Tubal pois quinto filho de Jafet, e neto de Noé, como dito fica, (ou já fizesse sua primeira povoação em Setuval, como he opiniaõ mais verosimil, e escrevem os Portuguezes: ou já a fizesse em Cantabria, hoje Viscaia, como escrevem os Hespanhoes) teve principio a Monarquia de Hespanha, onde o mesmo Tubal reinou como primeiro Rei, e Legislador os tempos de sua vida, por tempo de cento e cincoenta e cinco annos, pois principiou no de 2008 antes do Nascimento de Christo Senhor Nosso, e finalizou no de 1853; antes do mesmo Nascimento, tempo em que morreo.

### C A P I T U L O   I I I .

#### *Da successaõ dos primeiros Reis de Hespanha.*

Succedeo a Tubal no Reino seu filho Ibéro, de quem Hespanha tomou o nome de Iberia, e a este succedeo seu filho Idubeda, que deo o nome aos famosos montes Idubedas ramo dos Pyreneos; e a Idubeda succedeo seu filho Brigo, que foi quarto Rei de Hespanha, a quem muitas Cidades, e povoações desta Região, e de Portugal devem o nome. De Brigo foi filho Tago, que succedeo no Reino para illustrar com seu nome o celebrado rio, que reverente baixa das serras de Albarrazin no Reino de Aragaõ, (onde tem seu nascimento) para beijar-lhe o pé a este portento do Universo, e Rainha de suas Cidades, Lisboa, (na qual no dia vinte e sete de Junho do anno de 1745 isto actualmente escrevo) onde unido com as aguas do Oceano lhe serve de espelho;

que a tanta grandeza sómente hum Oceano unido com hum Tejo podiaõ ministrar crystal para a perspectiva. Sexto Rei de Hespanha foi Beto Turdetano, filho de Tago: deste tomou o nome a Provincia Bética (hoje Andaluzia) e os Turdetanos, povos célebres nas guerras Romanas. De Beto nasceo Geriaõ primeiro, e deste foraõ filhos os tres Geriões, que reináraõ com tal uniaõ entre si, que deraõ causa á fabulizada Historia Grega, quando introduz Hercules vencendo o famoso Ceriaõ ideado monstro de tres corpos. Succedeo aos tres Geriões no Reino Hispalo undecimo Rei, que se dizia filho de hum delles: deste Rei tomou o nome a Cidade de Sevilha, que se diz dever-lhe a fundaçãõ, e se chamou Hispalia, e ainda o conserva entre os Latinos. Foi filho de Hispalo Hispan, que lhe succedeo na Corõa para dar a toda Hespanha o nome de Hispania, que sempre conservou.

Por morte de Hispan herdou o Reino Hercules seu avõ, por naõ deixar filhos, e a Hercules succedeo Hespero, outro neto de Hercules, de quem se denominou Hespanha, Hesperia: a este succedeo tambem Atlas Italo seu irmaõ, que reinava em Italia, e depois de tomar posse do Reino, o deixou a seu filho Sicoro, e voltou para Italia. Succedeo Siccano a seu pai Sicoro, e a este Siceléo, de quem foi filho Luso, decimo-nono Rei de Hespanha, de quem o nosso Portugal tomou o nome de Lusitania. Siculo filho de Luso lhe succedeo na Corõa, e a este, seu filho Testa, a quem succedeo seu filho Romo Platuõ, e a este Licinio, que o depõz do Reino; mas por morte d'elle tornou o mesmo seu pai a empunhar o Sceptro, até que falecendo herdou o Reino seu parente Eritrêo, a quem succedeo Gorgoris, e a este Abidis seu neto, em quem se acabou a Monarquia, porque se dividio entre muitos Regulos, que domináraõ os povos.

## CAPITULO IV.

*Da secca grande, que houve em Hespanha, varias Nações, que a domináraõ, e memoria dos Reis Godos della.*

Succedeo (segundo dizem) nestes tempos, que foi pelos annos de 1010, antes do Nascimento de Christo, aquella celebrada secca referida pelas Historias, com a qual esteve Hespanha quasi despovoadada; e pouco depois houve tal incendio nos montes Pyreneos, que chegáraõ a correr de suas minas copiosos rios de prata. Com a noticia desta riqueza, e de estar despovoadada a Regiaõ, vieraõ muitas Nações Estrangeiras, como foraõ Celtas Bracatos, Celtas Bereos, ou Celtiberos, Gregos, Syros, Chaldeos, e Judeos, (que Nabucodonosor Rei de Babylonia, quando conquistou Judéa, desterroo para as ultimas partes Occidentaes) Fenices, e Carthaginezes, e finalmente Romanos, que domináraõ a Regiaõ muitos seculos até o anno de 411 do Nascimento de Christo, em que entráraõ em Hespanha os Wandalos, Suevos, e Alanos, (povos de Allemanha) passando os Pyreneos, e a domináraõ, ao mesmo tempo que os Godos, baixando de Suecia, conquistavaõ Italia com seus Reis Alarico, e Ataulpho, que por sua morte empunhára o Sceptro.

Foi Ataulpho o primeiro Rei Godo, que dominou Hespanha, onde entrou com o direito da doação feita pelo Imperador Romano Honorio, e melhor com o das armas, e victorias, que elle, e os mais Reis Godos seus successores alcançáraõ dos Wandalos, Alanos, e Suevos. Reináraõ em Hespanha successivamente Segerico, Wallia, Theodorico, Thurismundo, Theodorico II, Eurico, Alarico II., Gesalrico, Theodorico III., Amalarico, Theudio, Theudiselo, Agilla, Athanagildo, Lujva, Leoyigildo, Recaredo, Lujva II, Witerico, Gundemaro, Sisebuto, Recaredo II., Suintilha, Sisnando, Chintilla, Tulga, Sindasuindo,

Flavio Recesuindo, Wamba, Flavio Eringo, Flavio Egíga, Viliza, e Rodrigo ultimo Rei Godo, em cujo tempo invadirão os Mouros o Imperio Gothico, e pissando o estreito de Gibraltar, vencêraõ a celebrada batalha de Xerez de la Frontera, que perdeu, depois de a disputar oito dias continuos, Rodrigo, e com ella a Corôa, ficando Hespanha sujeita ao tyrânico dominio dos Mouros quasi oitocentos annos.

## CAPITULO V.

*Da invasão, que os Mouros fizeram em Hespanha, e principio dos Reis de Oviedo, e Leão.*

Invadida, e senhoreada Hespanha pelos Mouros, se recolhêraõ alguns poucos Christãos, a quem a fuga tinha salvado as vidas, ás asperas serranias de Asturias, onde, fazendo da necessidade virtude, capitaneados pelo valeroso D. Pelaio, tornáraõ a conquistar aos Mouros aquellas terras de Asturias, e Cidade de Oviedo sua Capital, em que D. Pelaio pôz o assento de sua Corôa, fundando nova Monarquia renascida da grandeza dos Godos, e sustentada com o valor de seus vassallos.

Fô pois o primeiro Rei de Oviedo, ou Asturias, de que descendem os da Monarquia Hespanhola, D. Pelaio, e segundo seu filho D. Favila, a quem tirou a vida hum urso andando á caça, não tendo governado mais que dous annos e meio: morreo sem filhos, e por esta causa herdou o Reino sua irmã D. Ormesinda casada com D. Affonso, filho de Pedro Duque de Cantabria, ou Viscaia, que empunhou o Sceptro, e foi o terceiro Rei de Asturias, e Leão. Teve este Rei o cognomento de Catholico (hereditario depois em seus successores) pelas muitas Igrejas, que edificou nas cidades, que conquistou aos Mouros, principalmente em Astorga, Lugo, Tuy, Braga. Porto, Flavia, (hoje Chaves) Miranda, Viseu, e Béja, que

8 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
taõ distantes foraõ suas Conquistas. De D. Affonso Ca-  
tholico foi filho, e successor na Corõa D. Fruela, a quem  
succedeo seu irmaõ D. Aurelio, que morrendo sem fi-  
lhos, entrou a reinar seu cunhado D. Silo, Principe da  
familia collateral de D. Pelato, casado com D. Ofendi,  
irmã dos ditos Reis Fruela, e Aurelio.

Por morte de D. Silo entrou a reger o Reino E-  
rei D. Affonso II., que chamáraõ El Casto, que era  
filho de D. Fruela, por cuja morte naõ tinha succe-  
dido no Reino, por ficar de pouca idade; mas ar-  
tes de completar hum anno de governo, padeceo o  
tyranno catastrophe de Mauregato, irmaõ bastardo dos  
Reis Fruela, e Aurelio, o qual protegido com exercito  
dos Mouros (dos quaes se fez tributario com o feuco  
annual de cem donzellas) depõz do Throno ao dito Af-  
fonso Casto, e reinou os dias de sua vida: por cuja  
morte entrou a reinar D. Bermudo (irmaõ do mesmo  
Affonso) chamado o Diacono, porque na verdade estava  
ordenado de Ordens de Evangelho; mas sendo chamado  
de novo D. Affonso Casto, governou o Reino, con-  
servando Bermudo o titulo, e dignidade de Rei o tem-  
po, que lhe restou de vida, e por morte deste, foi ou-  
tra vez Affonso legitimamente, e com applauso dos po-  
vos, acclamado Rei.

## C A P I T U L O VI.

*Quem eraõ D. Sancho Conde de Saldanha, e a Infanta  
de Leão D. Ximena, e amores, que entre si tiveraõ,  
e nascimento de Bernardo del Carpio.*

Além dos dous filhos Reis Affonso, e Bermudo,  
teve o Rei Fruela huma filha da Rainha sua mulher,  
chamada D. Ximena, cujas prendas, e formosura (pois,  
segundo dizem as Historias, se achavaõ unidos nesta  
Infanta os attributos de Venus, e Minerva, que os  
antigos venerársõ Deosas da formosura, e sabedoria)  
cativáraõ a liberdade do Conde de Saldanha Sancho

Dias de Castro, (ou Sandiás, como as Historias lhe chamaõ) que pela nobreza de seus ascendentes, (era filho do Infante Vimarano, unico irmão do Rei Affonso Catholico, ambos filhos do Duque de Cantabria D. Pedro, descendente por linha recta, e varonil do Rei Godo Recaredo) e pelo valor de seu braço, e gentileza de sua pessoa, se nos campos era conhecido Marte, tambem nos palacios se inculcava Adonis, attributos capazes de attrahir o alvedrio da Venus de seu tempo D. Ximena.

Foraõ aquelles amores, entre o Conde de Saldanha, e a Infanta Ximena, castos, até que o Matrimonio lhes unio os corpos, cujas almas já tinha unido o affecto: mas foj com tal cautella o casamento destes dous amantes Principes, por causa do temor dos Reis Affonso, e Bermudo, irmãos da Infanta, que não foi possível perceber-se delles, ainda que totalmente não se escondia a Affonso a uniaõ das vontades de sua irmã, e do Conde de Saldanha; mas nunca suspeitou haver Matrimonio entre elles, e menos existir já fructo delle, que era o Principe Bernardo, unico objecto desta obra, que com o devido cuidado se criava nas montanhas de Aviles.

Porém como hum suspeito não cuide mais que em averiguar suspeitas, e nada se occulte áquelle, que vigilante Argos investiga os escondidos successos, veio á noticia do Rei Affonso o Casto, assim o casamento do Conde de Saldanha com sua irmã D. Ximena, como tambem o estar affiançado com a prenda do Principe Bernardo: e como os Soberanos não costumão deixar sem castigo as offensas contra suas pessoas commettidas, e esta dos dous amantes era para Affonso de tanta consideraõ, que além do pondonor do Estado, lhe tocava em o do sangue, e o que mais he lhe encontrava o gosto; incitado á vingança, determinjou Côrtes para a Cidade de Leão, ás quaes indo

IO HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
o Conde de Saldanha, como era obrigado, foi nellas  
arrastado, e levado preso ao forte Castello de Luna,  
escura, e apertada prisão, e intrincado labyrintho de  
tão valente Theseo, no qual entrando sem o favo-  
ravel fio de Ariadna, nem encontrando dentro o en-  
genho de Dedalo, lhe servio de perpetuo Minotauro  
de sua vida. Foi tambem a Infanta encerrada por man-  
dado delRei seu irmão na perpetua clausura de hum  
Convento, onde por alguns annos lutou com a mor-  
te, que mal podia viver ausente da prenda amada, quem  
tão devéras amava: e este fim tiverão aquelles dous  
amantes; nem podião permanecer com felicidade affec-  
tos tão bem principiados.

## C A P I T U L O VII.

*Como Bernardo se criou sem saber quem erão seus Pais;  
e como foi por encanto furtado por Orontes.*

Em quanto os mal afortunados amantes progeni-  
tores de Bernardo padecião os castigos, que a via-  
gança de hum Rei offendido lhes déra, passava elle  
nas montanhas de Aviles em Asturias os annos de  
sua puericia nos divertimentos da caça com os filhos  
dos montanhezes seus vizinhos, sem se imaginar mais que  
hum delles, pois ignorava os altos caracteres de sua  
Real prosapia, exercitando os jogos, que ao tempo,  
e á idade mais se apropriavaõ: se bem que muitas ve-  
zes se achava perseguindo o fugitivo cervo, outras aju-  
dando a acommetter o astuto lobo, e muitas atre-  
vendo-se a esperar o voraz urso, que, qual outro Da-  
vid, suffocava valente, e braço a braço despedaça-  
va intrepido.

Neste socego do espirito, e tranquillidade da vi-  
da se achava Bernardo sem cautella aos trabalhos, quan-  
do hum dia seguindo sua venatoria inclinaçõ no mais  
intrincado dos altos penhascos, e serranias, vio que  
rompendo o diafano dos ares hum alado cavallo, qual



outro Pegaso servindo de portatil constellação a hum venerando Belerofonte, para elle dirigia os passos compassados no vôo: assustou-se da novidade, ainda que não temeo o monstro: pois enrestando hum venabro, que na mão trazia, esperou a pé quedo qualquer accommettimento. Tocou o ligeiro bruto com os pés a terra junto ao resolutio mancebo, e abatendo as azas, que fóra da natureza lhe déra o encanto, sahio do enrolado dellas hum esqueleto, se venerando pelo branco de suas prolixas barbas, corrido pelo composto de sua figura, e prostrado aos pés de Bernardo lhe disse estas palavras: — Detem, ó generoso mancebo, o mavorcio furor, pois não te busco para te offender: eu sou Orontes, aquelle sabio portento do encanto, venho mandado pela Maga Allina, para que neste gripho, em que desci, te leve aos grandes palacios de Morgana, poderosa Imperatriz da Magia, para nelles viveres occulto aos enganos, que te fabrica a emulação, criada, e produzida pela inveja de tuas proezas nos maiores Capitães do mundo. Teve Allina noticia que o Mago Melguesi te intentava roubar astuto para evitar o fatal annuncio, que os fados tem prognosticado, achárao em teu braço não sómente os doze Paladines do Imperador Carlos Magno, que com o nome de Pares de França são do mundo espanto; mas ainda muitos Principes, que cultiváo o valor para colher por fructo delle decantadas victorias: sóbe sem pavor comigo neste gripho, que qual outra aguia te levará novo Guanimeses, se não ao Olympo de hum Jupiter, ao menos a Alcaçar de huma Pallas. —

Naõ foraõ necessarias mais instancias, nem persuasões de Orontes, para que Bernardo acceitasse a offerta, pois sempre o animo lhe dictava emprezas mais que ordinarias: e assim depois de alguns cumprimentos de parte a parte, sem mais averiguações, porque essas se dariaõ sómente em sujeitos de mais annos,

mais ponderação, e menos valor; subio sem visos de medo sobre o alado gripho juntamente com seu conductor Orontes, endireitando a viagem para os magicos palacios da grande Morgana: mas estando Melguesi, Magico Francez, revolvendo os encantos de seu obscuro livro, lhe foi manifestado entre elles o roubo, que Orontes fizera do valeroso Principe, e para o atalhar lhe sahio ao encontro pelos ares, e com avernal furia investio o volatil gripho, que servia de aerea barca aos dous navegantes: não permittio porém a sciencia de Orontes que o encanto de Melguesi prevalecesse; antes, usando de encanto contra encanto, fez com seus conjuros que elle ficasse pendurado de huma arvore, ludibrio da Magica, e lástima dos seus Francezes.

### C A P I T U L O VIII.

*Como Bernardo se livrou do encanto de Orontes, e por outro se embarcou.*

Tinha o Rei D. Affonso o Casto convidado com a successão da Corôa de seu Reino ao grande Carlos Magno, Imperador que ao depois foi, e naquelle tempo era Rei de França, e Allemanha; a qual offerta lhe fizera, por não ter filhos, e desejar ver expulsados de Hespanha os Mouros, que nella se achavaõ taõ poderosos; fundava-se bem este desejo de Affonso, pois tinha Carlos Magno com seus doze Pares destruido os copiosos exercitos do Almirante Balaõ, e provado suas armas contra o poder dos Imperadores dos Mouros, que residiaõ em Cordova; e no tempo da offerta se achava com poderoso exercito no Principado de Catalunha contra o valente Marsilio Rei Mouro de Saragoça, e de Aragaõ. Aceitou Carlos Magno a offerta, e se preparava a entrar armado a tomar posse do novo Reino, quando lhe chegou a noticia de que ElRei Affonso arrependido revogára a doação; se bem que elle lhe segurou em segredo do cum-

primento della; mas por condescender com o animo de seus vassallos, foi preciso fazer a reclamação em público.

Noticiado Bernardo por seu Conductor Orontes de que Carlos Magno se achava em Girona Cidade de Catalunha, lhe rogou o levasse á sua Côrte, porque tinha vontade de ser armado Cavalleiro por hum Monarca, e Capitaõ taõ valente: mas Orontes, que outra cousa não procurava, mais que livra-lo da communicação Franceza, o dissuadio do intento com razões sufficientes a mover outra vontade, que não fosse a de hum Principe rapaz inclinado ao que se lhe contradizia: e como não soaõ bem nos ouvidos dos Principes os conselhos contra seu gosto; antes estes o movaõ mais á execucao d'elle, esquecido Bernardo de que sobre aquelle gripho hia nos ares sujeito ao encanto de Orontes, temeraria, mas valerosamente, com impaciencia lhe lançou a maõ á mal penteada barba, e suffocado entre a colera, e o respeito, lhe disse estas palavras: — Ainda que nesta regiaõ do ar me vejo sujeito ao teu encanto, não has de triunfar de mim, como fizeste do Magico Melguesi, porque vale mais o meu valor, que os seus livros: logo, logo me põe seguro na terra, sobre que vamos, aliás saberei tirar-te a vida entre meus braços, e governar este gripho até terra firme. — Bem vio Orontes que a acção temeraria de Bernardo era filha mais do alento, que da prudencia: e agradecido com mostras de queixoso, guiou para terra os vãos do gripho, e pondo nella seguro a Bernardo, se ausentou sem lhe dizer palavra, deixando-o sobre as montanhas dos Pyreneos, donde caminhando só a pé para a parte do mar Mediterraneo, que lhe ficava perto, e cujas aguas elle muito bem divisava, caminhou a buscar acerto á sua-derrota. Orontes, que não se offendeo da atrevida accaõ de Bernardo, (porque saõ as de valor mais crédoras de affecto, que dignas de

castigo, posto que pareçãõ offensa) usando de sua magica arte lhe pôz prompto hum bem ajaezado cavallo, que hum laçao no meio do caminho ao pé de hum envelhecido, e copado freixo tinha pela redea. Chegou Bernardo a buscar a sombra do freixo, e nella a fresca prata, que despregada de hum penhasco liquida corria a satisfazer vontades sequiosas, quando ouvio ao laçao estas palavra: — Orontes meu Senhor envia a V. Senhoria este cavallo, para que menos cansado desça o escabroso desta montanha até ás ribeiras do mar, que tem á vista, e esta espada, de que possa usar em qualquer perigo: — e dizendo isto, lhe entregou huma bem polida espada com seu bordado tahali, conforme o uso daquelles tempos, o qual logo Bernardo accommodou ao hombro direito para prender do esquerdo a mesma espada; e montando com os brios costumados no cavallo, desceo pelo caminho, que achou mais commodo, a procurar a praia.

### CAPITULO IX.

*Das representações, que teve Bernardo em sonhos, que depois achou verdadeiros por encanto, e se embarcou com effeito.*

Caminhou Bernardo, o que lhe restava do dia, por meio de hum intrincado bosque, no qual o achou ainda o negro manto da escura noite, com a qual algumas vezes perdeu o caminho; e cansado de andar procurando sahida, que muito se lhe difficultava, se resolveo a aprear-se, como o fez, a esperar que a luz do dia lhe servisse de norte á sua jornada: apeado pois, se lançou na terra dura sobre o feno nativo da serra, e o laçao, que lhe servia de unico companheiro, tirando a sella ao cavallo lha accommodou em fórma, que pudesse servir-lhe seu brando coxim de travesseiro, e passando a pensar o bruto com abundancia de feno, que pisava, deixou só ao nosso Bernardo, que

por ser de poucos annos, (apenas contava quatorze de idade) e cansado do caminho, se deixou render do somno, universal ladrao dos sentidos, se benevollo dispensador do socego. A poucas horas, que o de- tinha o repouso, lhe pareceo entre sonhos que ouvia dolorosas, e sentidas vozes de huma mulher, que afflicta se queixava: despertou alterado, e levantando-se resolutto, como nada visse, perguntou ao lacaio se ouvira alguma cousa, que causasse novidade? Mas assegurado de que nada havia, resolveo ser fantasia da idea representada no sonho; e tornando a deitar-se, tornou a dormir. Repetio a fantasia as mesmas vozes, e logo lhe pareceo que via huma bem trajada, quanto formosa donzella, que em lastimosos choros se queixava de ser mal correspondido seu amor de hum amante, que lhe tinha violentado a liberdade, e pedia soccorro entre afflictos soluços contra hum inimigo amigo.

A novidade fantasmal o despertou entre sobresaltado resolutto, e posto a pé, metteo maõ á fatal espada, e sem reparar para onde o furor lhe guiava os passos, partio a buscar a causa d'elle, publicando a vozes alteradas estas balbucientes palavras: — Espera Angelico figurado objecto, que, quando aggravado te mostras, nesta espada achará remedio tua afflicção. — Porém vendo que nada se lhe representava visivel, continuou cuidadoso: — Aonde, sonhada Deidade, mandas te busque? Aonde queres te siga, quem já sómente deseja, mais que favorecer-te, servir-te? — A estas vozes não achou mais resposta, que as ultimas dicções dellas, que lhe tornavaõ em ecos as concavidades das oppostas brenhas; e sómente lhe serviraõ para despertar o lacaio, que conhecendo que a Aurora se avizinjava já ás portas dos horizontes, e já com seus reflexos se hia divisando a praia, que perto estava, adereçou o cavallo, em que

Iogo subio Bernardo, e confuso com as especies da imaginativa visãõ, remettendo ao silencio seu discurso, caminhou á vista da célebre Cidade de Colivre no Condado de Ruisselhon, situada entre os ramos despenhados dos Pyreneos, e foi parar á areosa praia do mar Mediterraneo, junto aonde o rio Teche lhe paga em tributo toda a prata, que os mesmos Pyreneos lhe communicãõ.

Naquelle praia achou Bernardo hum bem esquipado hiate, sem mais chusma para o governo, que o bom adorno, e como Bernardo era rapaz, e lhe assistia o desejo de cousas grandes, e acções heroicas, entregando o cavallo ao laçao com recado de agradecimento para seu Senhor, se resolveo a embarcar-se, e fazer jornada naquelle velado coche, até onde os fados o guiassem. Quantos lerem esta acção de Bernardo, a julgarãõ chimerica, e mais cheia de louca fantasia, que de considerada resoluçãõ: e na verdade á primeira apparencia se pôde comparar com a surtida da barca encantada, em que o celebrado D. Quixote de la Mancha com seu Escudeiro Sancho Pança navegou além da linha ideada da sua loucura: mas como em Bernardo fossem poucos os annos, não chegavaõ estes a dictar-lhe discurso tão forte, que venceisse os estímulos de seu appetite; se bem que a primeira resoluçãõ, que o subio sobre o gripho de Orontes, e com elle o levou pelos ares, e depois lhe ministrou o cavallo, que deixava, o fez certo de que suas acções se governavaõ pelos fados, e sómente da sua parte estava executalas: o que mais lhe segürou o achar no mesmo hiate humas armas brancas douradas, e polidas com todo o primor, as quaes provando, achou se lhe ajustavaõ tanto, que parecia foraõ fabricadas pela medida de seu corpo.

## CAPITULO X.

*Como Bernardo foi ter a huma Armada por encanto, e de como foi armado Cavalleiro pelo Imperador da Persia.*

Armado já Bernardo com tão lustrosas armas, que lhe accrescentavaõ o garbo ae bem polido de seu membrudo corpo, depois de refazer com algum sustento, do que no hiate achou, o incentivo natural, que ajuda a sustentar a humana vida, pôz na cabeça hum capacete coroadado de finas plumas, cuja variedade de côres inculcava hum florido jardim na primavera, e descendo a viseira, ficou com o rosto descuberto representando hum aspecto tão senhoril, como bello, que se o visse o mesmo Paris Trojano, juraria que em nada se differençaava da formosa Pallas, quando no monte Ida se lhe apresentou a juizo sobre a maçã da discordia. Pouco crystal tinha o mar Mediterraneo servindó de espelho a tanta gentileza, pois não causou que Bernardo, qual outro Narciso namorado de sua formosura, se precipitasse a buscar sepulcro em suas aguas: se já não fosse que a idéa da sonhada Deidade tinha occupado nelle todo o affecto, deixando-o incapacitado de seguir outro amoroso objecto.

Navegou airoso o nosso Bernardo feito Capitão, Piloto, e marinheiro da embarcação em que hia passageiro, e surcando as crespas ondas, sem mais sciencia da nautica que o norte da fortuna, a que incauto se entregava; porém como por conta desta corria leva-lo a porto seguro, pouco tinha elle navegado, a seu parecer, quando se achou abordado a hum forte galeão, que servia de Capitânia a huma empavezada armada: quiz subir a bordo, quando vio que armados o esperavaõ, resolutos a todo o lance, dous bem postos soldados, que nos seus trajos pareciaõ pessoas principaes. Podia o nosso Bernardo alterar-se á vista de resolução tão opposta; mas julgou temeridade sobre a

agua acommetter em partido tão desigual, e uzando de prudencia não esperada em annos tão verdes, lhes disse: — Eu, valerosos soldados, venho guiado dos fados buscar esta armada; da pouca comitiva, que vedes no hiate, que me conduz, podeis conjecturar o pacifico de meu animo, pois nada mais procura que servir-vos, e presentar-me ao Capitão de tão importante armada. — A estas comedidas palavras respondeo hum dos oppostos: (depois que ambos, dando-lhe cortezmente as mãos, o subiraõ a bordo) — Sa-be, galhardo estrangeiro, que o General desta armada, e que tem ao presente sua morada nesta grande não, he não menos que o grande Orimandro, Imperador de toda Asia, e Rei de Persia; caminha com a mesma para Syria, acompanhado da grande Angelica, Imperatriz do Catay, ou Grã-Tartaria, adorado idolo da veneração do Imperador, e singular portento da formosura, e para que melhor te informes de huma, e outra cousa, e de ti tome tambem informação o Imperador, pódes seguir-nos, que para que lhe beijes a mão, te espera na sua Imperial Camara. —

Levado no meio dos dous nobres Persas o nosso Bernardo, foi apresentado ao Imperador Orimandro, que admirado de sua gentileza de rosto, e bom talhe de corpo, o recebeu junto a huma cadeira, em que assentado estava, formada de fino ouro, e marchetada de finissimos diamantes, graciosas esmeraldas, e abrazados rubins. Depois que Bernardo lhe fez as devidas reverencias, e genuflexões costumadas, com o capacete na mão esquerda, postos de joelhos diante do Imperial Solio, lhe beijou submisso a mão, e sendo mandado levantar, fez de pé ao Imperador esta supplica com as seguintes palavras: — Eu, Augustissimo Monarca, sou hum Hespanhol com tal altivez de animo, que por ella me considero bem nascido, ainda que não tenho noticia de meus progenitores: nem tua



grandeza me assombra, que he aonde posso chegar com o encarecimento: naquelle baxel pequeno surquei o grosso destes mares, sem mais Piloto que o destino dos fados, até chegar a esta grande armada, aonde logro a dita de tua presença. Se aos Principes mais agrada quem pede, que quem serve, pois o serviço se lhes deve, e o pedir lhes dá lugar a mostrar-se Principes: eu por te agradar te peço me armes Cavalleiro, que para meu brio não o seria de outra mão, que não fosse a de hum Monarca tão excelso; não desmereço o favor, nem tua mão se dedignará da obra. — Ficou tão agradado o Imperador Orimandro da petição do galhardo mancebo, que risonho lhe disse com mostras de agradecido estas palavras: — Os poucos annos, que representas, bello Hespanhol, não se accommodaõ á tua pretençaõ; mas a grandeza de teu animo facilita a dispensa de qualquer falta, — E chamando a si os principaes Cabos de sua Côte, e os Magnates de seu Conselho, arrou Cavalleiro ao nosso Bernardo assistido de tanta Nobreza, e com apparato tão esplendido, que não cedeo ao luzimento da maior Côte do Universo.

Convidou Orimandro para este effeito a formosa Angelica, adorado emprego de seus mais puros affectos em outro tempo, quanto naquelle presente objecto de seus descuidos. (Não he novo no mundo ser sempre o amor gigante quando pretende; mas lograda a prenda, que se diz amada, produz logo estimulos, que quando não sejaõ de aborrecimento declarado, são sempre de hum descuido affectado.) Foi a funcçaõ feita na mesma Camara Imperial, onde assentado o Imperador em sua aurea cadeira, e a Imperatriz Angelica em outra de não menos valor, se deo principio ao acto, pondo-se Bernardo de joelhos perante a Imperatriz, e beijando a espada, lha deo com estas palavras: — Para me considerar hum Marte, preciso os favores da

20 HISTORIA DE CARLOS MAGNO ,  
melhor Venus; seja a primeira (fortissima Impera-  
triz) cingir da vossa mão a espada para a seu tem-  
po a empregar com razão em serviço vosso. — An-  
gelica, entre agradecida, e inclinada, recebendo a es-  
pada com huma acção quasi risonha, a metteo no ta-  
hali, e bainha, despedindo do intimo de seu peito  
hum sentidissimo suspiro, que suffocou entre o crys-  
tallino de seus dentes, e nacarado de seus beijos, mais  
abrazados no vaporoso fogo, o qual, ainda que pas-  
sou por tanta neve, sempre se percebeo Vesuvio, que  
abrazou com differentes effeitos os corações de Bernar-  
do, e Orimandro; se o deste em azulados zelos, o  
daquelle em candido amor. Disfarçou porém o Impe-  
rador o que zeloso conheceo em Angelica, e Bernar-  
do, por não dar a entender aos circumstantes a offen-  
sa concebida, e continuando o principiado acto, elle  
por sua mão calçou as esporas ao novo Cavalleiro, aju-  
dando os principaes de sua Côrte a vestir-lhe as armas.

## C A P I T U L O XI.

*Como o Imperador Orimandro teve zelos de Bernardo por  
amor de Angelica, e do desafio, que lhe fez Bernardo.*

Conheceo Bernardo que Angelica era a mulher af-  
flicta, que em sonhos se lhe tinha representado no bos-  
que, pedindo favor contra hum amante desagradeci-  
do; e conheceo o Imperador que Bernardo, e Ange-  
lica tinhaõ unido os corações passados do peito de hum  
ao do outro em reciproco troco pela primeira vista:  
e não podendo supportar os zelos, (que muito foi em  
hum Soberano pode-los disfarçar) despedidos os prin-  
cipaes Magnates de sua Côrte, ficando só elle com  
a Imperatriz, Bernardo, e alguns domesticos assisten-  
tes, disse estas palavras encaminhadas a ambos: — Pos-  
sivel he (atrevido rapaz) que não imagines que sou  
eu o Imperador de Persia! Que he a Dama, que es-  
tá presente, a grande Angelica, Imperatriz do Catay,

Grã Tartaria, e China, unica Venus destes tempos, singular modelo da formosura, e idolatrado idolo da minha veneraçã! Possivel he que não repares que estas na minha Côrte sujeito ao castigo, que pôde dar-te o meu agigantado poder! Possivel he que não consideres que hum Soberano zeloso reconhece maior offensa o mais leve ciúme, e que qualquer offensa a hum Soberano feita se castiga com o mais avultado rigor! Pois como te atreves ainda a meus olhos pôr com inclinaçã os teus na Deidade, que amo; muito mais havendo a differença sem medida, que devias reconhecer? —

Poderiã estas palavras, ditas em tal tempo, em tal lugar, e com taes circumstancias, não sómente assustar, mas logo deixar sepultado no cáos horroroso da morte a qualquer homem de animo menos agigantado que o de Bernardo; porém como este fosse sem medida, e nunca conhecesse a cara ao medo, respondeo com socego não esperado por este modo: — Se tu (ó grande Orimandro) não querias que eu amasse a formosa Angelica, era preciso que não a puzesses patente á minha vista; pois faria a maior affronta á sua formosura meu animo livre, se, vendo-a, lhe não rendesse logo a vontade, devida victima a tanto Simulacro: não pôdes culpar-me de atrevido pelas considerad as causas, que oppuzeste na differença das pessoas; porque considerando-me amante, escusada he a desigualdade imaginada, quando o amor, que iguala os corações, iguala tambem as qualidades. Demais me pões á vista os meditados castigos, quando he certo que quem muito ama nada teme; a tudo se atreve o amor por gigante, e nada pondéra por meninos: antes por esta causa te reconvenho de tibio amante desta Deidade; e agora reconheço certa huma representaçã, que a fantasia de hum sonho me fez duvidosa. Nelle vi a formosa Angelica, que afflicta me pe-

dia soccorro contra teu pouco amor, contra a tyrannia, com que a detens, e contra a sem razaõ, com que a desterras de seu Imperio; por isso, sem que me julgue o mundo por ingrato ao proximo recebido favor, te desafio formalmente para corpo a corpo em singular conflicto mostrar que nunca tiveste o amor devido a quem por te querer, e seguir, deitou taõ grandes Imperios; e que faltaste á palavra dada a quem por ti não temeo viver em desterro. Sirvaõ de Cartel para este desafio estas palavras, o campo seja tua Côte, que não appeteco mais segurança que a minha espada: se por amante da melhor Venus não me mostrar na campanha Marte, sempre as lagrimas, que vejo verter a Angelica, me publicarão favorecido Adonis. —

Entre picado, e corrido se suffocou o respeito do Imperador Orimandro, e esquecido da offensa, que Bernardo fazia á sua grandeza, se lembrou sómente de que amante o excedia á vista da prenda amada; e como se prezasse das bizarrias de Cavalleiro, quiz esta vez usar dellas com deixação da soberania; e entre zelos, e furor, disse a Bernardo estas palavras: — Ainda que seria facil desfazer esta affronta com hum só mandato, quero que esse bello monstro da ingratitude reconheça a temeridade commettida no manifesto desprezo, que faz do meu carinho: Aceito o desafio, e para campo do conflicto no meio do convez deste galeão; para armas, espadas, e escudos; e para premio do vencedor, o credito do vencimento sómente. — Calou, e sem mais razões sahio da sua Imperial Camara para o tombadilho da não, mandando a Bernardo o seguisse; o que elle fez, sem que lhe servisse de impedimento Angelica, que entre soluços, e lagrimas lhe pedia se não arriscasse. No tombadilho da não puxou Orimandro da espada, e com ella fez signal a Bernardo, que tirando tambem a sua da bai-

nha, embraçados os escudos, se investirão. Era Orimandro de corpo agigantado, e excedia muito em altura a Bernardo, a quem seus poucos annos não tinham ainda dado o complemento de membros, que a natureza lhe promettia, e por isso ficava quasi descuberto aos golpes de Orimandro; mas evitava-os de outro, cobrindo-se por alto com o escudo: foram grandes os talhos, que sem piedade se tiráram hum hora que durou a contenda: mas Bernardo vendo-se sem escudo, porque Orimandro lho fez de hum golpe em dous pedaços, picado de que tanto lhe durasse seu inimigo diante, lhe tirou ao alto da cabeça hum talho, que sem dúvida seria o ultimo, se Orimandro não o reparasse destramente com o escudo; ficou porém este partido ao meio; e cortando ainda a espada pelo capacete, chegou a encarnar-se em huma gorra de multiplicadas dobras de setim, em que se embotáram os fios. Livre Orimandro deste golpe, cuidou em desfazer-se de inimigo tão valente, tirando-lhe varios talhos, e revezes, que amiudava, por não lhe dar lugar a que se refizesse para outro premeditado golpe; mas Bernardo, percebendo a destreza do contrario, lhe tirou recuzado hum talho á cabeça, que resvalando lhe levou o capacete, e ainda chegou a ferir no braço esquerdo, cortando o duro das armas; e continuando a decadencia, lhe levou fóra a manopla, e com ella parte da mão esquerda; e para não lhe dar lugar a refazer-se, lhe segundou outro golpe á cabeça, parte do qual evitou Orimandro, lançando-se com todo o corpo por terra; mas não pôde escusar que ainda o alcançasse parte do golpe.

Prostrado em terra Orimandro aos pés de Bernardo, lhe pôz junto delles a espada, dizendo: — Aqui tens (ó mancebo o mais valente destas idades) a teus pés rendida a melhor espada, prostrada da Asia a soberba, e vencido o terror do mundo: em Ori-

mandro tens tudo, pois Orimandro se jactava de ser unico: tema de hoje em diante o mesmo Marte os golpes de teu braço, pois se atrevêrao ao Olympo da minha grandeza: sou teu prisioneiro, e estou prompto a receber como tal, e vencido, as leis, que como vencedor quizeres pôr-me. — Bernardo entre a vangloria de victorioso, e piedade de ver prostrado, e vencido o maior Monarca, lhe lançou os braços, depondo a espada; e levantando-o da terra a elle, não pôde proferir palavra, porque os soluços, e admiração do spectaculo impensado, lhe impediraõ os órgãos da voz; e usando do silencio por rhetorica do sentimento, levou o Imperador á sua Imperial Camara, para nella das feridas ser curado.

## C A P I T U L O XII.

*Como Angelica foi por encanto arrebatada em hum carro de fogo; e depois achada, foi livre por Bernardo de hum dragão, que a queria trazer.*

Já a este tempo os Capitães das diversas náos da armada, que em torno navegavaõ, vendo seu Soberano medir as armas com hum estrangeiro, ignorantes da causa, se avançaõ á Capitania para soccorrer a oppressão, e castigar o que julgavaõ traição; mas deteve-os a certeza, que lhe deraõ os Cortezãos, de que fôra voluntario desafio, que já se achava finalizado, e seu Imperador, posto que vencido, satisfeito: assiim se preparavaõ a retirar-se ao largo, quando os suspendeo huma repentina visão: pareceo que os Ceos se abriaõ, e da regiaõ do fogo sahia hum carro do mesmo elemento fabricado, e baixando precipitado sobre a não Capitania, levou della arrebatada a formosa Angelica, que, amortecida com hum accidente, se reclinára sobre o regaço de huma sua donzella, no primeiro instante do conflicto dos dous famosos contendores. Deo-se logo esta noticia a Ori-

mandro, que no seu leito assistido de Bernardo se achava, e causou neste incentivos de desesperação a repentina saudade, e naquelle os de reconcentrado odio; e a ambos cegaraõ os desejos da vingança, e juráraõ solemneamente procurar os authores daquelle, ao seu parecer, sacrilego furto, declarando Bernardo a Orimandro ser feito por encanto, ou causado do odio de Melguesi, ou do affecto de Orontes.

Mandou Orimandro que a armada proseguisse sua derrota ávante, entregando o governa della a Bernardo, em quanto se detinha na cama curando as feridas; mas como estas se aggravassem cada dia mais com os humidos vapores do mar, foi preciso se procurasse terra, em que surgir, para dar remedio a ellas, e reparar huma vida taõ preciosa. Navegou-se alguns dias pelo mar Jónio em demanda de alguma Ilha do mar de Sapienza, quando inesperadamente divisou Bernardo (que no convés do galeaõ se divertia) huma, que divisada muito se alongava; mas com a esperanza de que fosse commoda a seus desejos, communicando com o Piloto, se tomou a altura pelo astrolabio, e acháraõ estar entre Creta, e Moréa, e julgáraõ ser alguma das Ilhas do mar Egéo: puzeraõ as prôas á terra, e lançando o esquife, depois de amainadas as vélas, saltou á praia Bernardo em companhia de Glauro, famoso Geografo do Imperador, e em sua companhia tambem alguns soldados para averiguar o trato da terra: acháraõ a pouco espaço andando huma cabana ao parecer de pescadores, para a qual caminhando, viraõ que sahia della hum rustico, e mal vestido vulto, que pelo intonso de sua emmaranhada barba, e comprido cabello, mais parecia urso, que homem. Temeroso Glauro se retirava, se animado da espada de Bernardo não tomasse de novo a respiração perdida do susto: Quiz Bernardo investir a que se lhe representava féra no aspecto, e encantamento no trajo; mas

ella, por evitar o perigo, se lhe lançou aos pés, e em lingua Hespanhola lhe pediu suspendesse a ira, segurando-o ser hum pouco afortunado Leonez, que sahindo da sua patria, e embarcando-se em companhia de outros seus nacionaes, depois de alguns mezes de navegação lhe sobreviera huma tormenta, que déra com a não entre os penhascos daquella praia, nos quaes fazendo-se em pedaços, servira de tumba, e sepulcro a todos, excepto elle, e outro companheiro, com o qual vivêra algum tempo naquella cabana, que para abrigo dos temporaes fabricáraõ; e por haver pouco tempo, que o companheiro morrêra, se achava elle esperando por horas semelhante acontecimento. Informou-se Bernardo de seu nome, que lhe declarou ser Gundemaro; e do trato da terra, e naturaes da Ilha, achou serem brutos, e totalmente ignorantes da policia, e que feitos salvagens viviaõ nos campos com seus gados.

Tornou Bernardo, e os mais, levando consigo a Gundemaro para o seu esquife, que na praia deixáraõ, quando já nella acháraõ o Imperador Orimandro, que desejoso da frescura da terra se tinha mandado levar nos braços, e sobre a arêa se tinha assentado seu rico leito debaixo de hum pavelhaõ de vistoso brocado: estava porém taõ perto da morte, que não conheceo os exploradores mandados, tendo sido causa de tanto damno desatarem-se as ligaduras das feridas com o movimento, e abalo, e correr dellas tanto sangue, que o deixou chegado aos ultimos parocismos da vida: sobresaltou-se Bernardo, porque era aquella, a que mais estimava, e indeciso no remedio de tanto mal, lho deparou a fortuna, por ser Gundemaro hum experimentado Chimico, que logo resoluto entrou a ligar-lhe conforme a arte as feridas, e deixando-o assim ligado, havida licença, se metteo pelo bosque visinho, donde em pouco espaço voltou com certas her-



vas delle sómente conhecidas, e machucando-as as applicou sobre as mesmas feridas com novas ligaduras, em quanto seus Medicos lhe applicáraõ fomentações ao estomago, e algumas bebidas, com que tornou a cobrar alentos. Mandou Orimandro formar seu campo por modo de arraial de huma, e outra banda de hum fresco ribeiro, que das serras da Ilha descia á praia, para se esconder no ondeado chamalote do mar, e ficou taõ bem formado, que parecia huma das mais populosas Cidades do mundo, em que não faltava o necessario para o sustento, e regalo da vida humana: e ahi entre divertimentos, e cortejos passou Bernardo alguns dias, que durou a molestia do Imperador.

Hum delles, que achou mais apto, partio Bernardo com alguns Magnates da Corte, acompanhados de muitos criados, e monteiros, a divertir-se no exercicio da caça, a que era muito inclinado, por se ter criado nas serras: succedeo que andando duvidoso a seguir as feras, se achou empenhado no seguimento de hum grande veado, que cuidadoso, e pratico das veredas do bosque se mostrava com mais que a natural ligeireza; e causou que, perdido da vista de Bernardo, e este da mais companhia, vagasse por entre as brenhas algum tempo para achar sahida de hum intrincado arvoredado. Afflicto, e cuidadoso andava de huma parte para outra, quando na entrada de huma horrosa brenha ouviu lastimosas vozes de mulher, que aos Ceos se queixava da sua desgraça: applicou o sentido, e dirigio os passos do cavallo para aquella parte, donde lhe vinha a queixa, e, a poucos andados, vio que hum horrivel dragão tinha entre as garras huma bem trajada mulher, e a levava para o centro da gruta, por mais que ella forcejasse na renitencia, ou se queixasse afflicta; servindo-lhe sómente a queixa de incitativo da ira, e a renitencia de augmento da força: arremetteo Bernardo á féra com a espada prom-

pta ao golpe; mas ella, vomitando fogo pelos olhos, deixou a mulher, como segura preza, e dando espantosos assobios investio o Cavalleiro, talvez com animo de castigar nelle o atrevimento. Custou muito a Bernardo socegar seu cavallo, para mais a seu salvo resistir cara a cara á furia do dragão; mas nunca o segurou em fórma, que deixasse de recusar affrontar-se com elle, pois só sua vista lhe causava tal pavor, que não dava por freio, nem obediência a espora.

Dava Bernardo os golpes com incerteza, por lhe variar em corcovos o cavallo, e por isso resvalava a espada nas conchas, de que armára a natureza a cabeça, e comprido pescoço do dragão; e picado de se ver por causa do medo desobedecido de seu cavallo, apertando-o com ira entre as pernas, e com raiava os dentes, arremetteo para atropellar o opposto bruto: mas achou-se em terra, porque a força do apertado arrebrandando o cavallo rendeo o alento, que lhe sahio por duas bocas abertas a confessar seu erro na renitencia. Temeo com razão Bernardo ver-se a pé á vista de inimigo tão forte: porém o que lhe pareceo perigo lhe augmentou o animo; porque lançando-se sobre elle o dragão com toda a furia, deo lugar a que esperando-o Bernardo com a espada refeita para hum revés, o empegasse no peito do dragão, ferindo o com tanta força, que lhe lançou á terra muita parte das nativas conchas, ainda que com a infelicidade de lhe quebrar a espada; incidente capaz para que outro qualquer, que Bernardo não fosse, perdesse a vida de susto, primeiro que as garras da fera lha tirassem do corpo; mas por evitar que o dragão se refizesse, se lançou braço a braço a elle, e qual outro fabulizado Herules com Antheo, ou Theseo com o Minotauro, entre o forte do abraço rendeo o peçonhento espirito. Passou logo Bernardo a buscar a mulher,

que tinha sido infeliz preza de tão pestifero raptó, e a achou rendida ao parocismo de hum accidente entendida em terra, e chegando a levanta-la, vio que era a infeliz, quanto formosa, Angelica, Imperatriz do Catay, aquella que arrebatada fóra da Capitânia de Orimandro pelo carró de fogo: cuidou em fazer que resuscitasse a accidentada Deidade; mas não lhe era possível tornar-lhe o ser, ao parecer perdido, por mais que, qual outro leão, com bramidos, e suspiros procurasse infundir alma naquelle corpo, que imaginava morto: e como lhe sentisse seguros os alentos pela palpitação das arterias, tratou sómente de ver se qual outro piedoso Eneas levava sobre seus hombros aquelle Anchises, que se naturalmente lhe não déra o ser, ao menos lhe dispensava os termos da vida, porque sem Angelica desde a primeira vista não vivia: accommodou-a meia defunta a seus hombros, e com tão gostosa carga partio a buscar os companheiros, quando ouvio que do centro da horrenda cova huma tremula voz o chamava por seu nome.

### C A P I T U L O XIII.

*Como Bernardo soube quem eraõ seus Pais.*

Admirou-se da novidade não esperada; e como não tinha medido seu valor, nem em tempo algum se encarava com o irado, assim carregado com aquelle para seu gosto o mais estimado thesouro, voltou com o rosto logo os passos a buscar intrepido quem em terras tão desconhecidas lhe sabia o nome, e entrando pela cova, achou franqueado o caminho até huma aprazivel estancia, em que com meia luz (pois como furtada lhe dava claridade mediana) vio o esperava hum venerando velho, que encostado a hum nodoso cajado o convidou a que, depondo a preciosa carga, tomasse assento de alguns, que a arte sobre o duro sabro da terra fabricára. Aceitou Bernardo a

offerta, mais para ver se achava commoda restauração ao accidente, que mais a elle que a Angelica matava, que para descansar do trabalho, pois nenhum tal carga lhe causava: accrescia a appetencia de inquirir a novidade, por que seu nome era em terras tão desconhecidas conhecido. O velho, que sabia claramente o enleio, em que Bernardo se achava, lhe disse logo estas palavras: — Sabe, ó grande Heróe, que eu sou aquelle fabulizado Protheo, cujas fórmas se achão em varias apparencias nas Historias: com meu dom profetico te reconheço, e a causa por que conduzes essa Dama: a ella poderei logo dar remedio, e a ti alguns desenganos, por onde conheças quem és, pois ainda o ignoras. — Socego Bernardo, e se lhe abriu hum novo Ceo na esperança do que ouvia: e mudo a tanta offerta, não deo outro agradecimento mais que, depondo a leve carga, tomar socego, procurando hum pucaro de fresca agua, a que Protheo acudio com algumas hebibidas, que forão nectares celestiaes, que logo tornaraõ a seu ser a Deidade de Angelica, por ter gostado daquillo, que mais se lhe devia para o sustento. Agradecido ficou Bernardo, e entre o gosto do alcançado, e esperanças do promettido, que era saber quem era, como tanto desejava, quiz; depois de reciprocos amores, e queixas com Angelica pelo passado, reconvir a Protheo pela promessa; mas elle, por evitar prolixidade nos cumprimentos, tomando assento fallou com a seguinte rhetorica.

— Talvez, valeroso Bernardo, que não te seja occulta a prolongada prosapia dos Reis Godos, donde descendes; conta desde o grande Alarico destruidor de Roma, e Ataulpho, que primeiro reinou nas Hespanhas, até o grande Recaredo, de quem por linha recta, desceude tua varonia: a Pedro Duque de Cantabria, tronco donde brotaraõ as duas ramas de teus nobres progenitores; tanto o famoso Sancho Dias de

Castro, Conde de Saldanha, como a Infanta D. Ximena, irmã dos dous Reis Bermudo Diacono, já fallecido, e Affonso o Casto reinante em Oviedo, e Leão, nenhum destes, que te deraõ o ser, poderás ver vivos, pois em vida os sepultou o mal afortunado de seus amores, e a ira de hum Rei vingativo. —

Mais queria dizer Protheo; mas foi impedido pelo grande estrepito de huma tropa de cavallos, que á porta da gruta se ouviu; porque imaginando Bernardo ser alguma nova aventura, sahio fóra, e achou serem soldados do Imperador Orimandro, que cuidadoso na sua falta mandou busca-lo pelos bosques: e com a tropa huma portatil liteira de mão, para que sendo achado o levassem com descanso, imaginando ter-lhe succedido algum despenho, ou outro fatal infortunio, daquelles a que a caça está sujeita. Agradeceo Bernardo a Protheo os recebidos favores, e despedido delle fez que Angelica entrasse na preparada liteira, e elle montado em hum dos cavallos da tropa partio com todos gostoso a buscar a praia, ou arraial do Imperador, de quem foi recebido com o gosto de esperado, e melhor quando soube Orimandro que trazia em sua companhia a Imperatriz Angelica livre de tão conhecido perigo: que o salvamento delles se estima ainda pelos mais fortes inimigos, se os acompanha a qualidade de Nobres.

#### C A P I T U L O XIV.

*Como huns piratas, ou corsarios roubáraõ Angelica andando á caça, e Bernardo partio em huma armada para a buscar..*

Passou alguns dias Bernardo entre as festas, que a Côte de Orimandro fez pelo feliz successo de Angelica, gloriosas victorias de Bernardo, e restabelecimento da saude de seu Imperador, e em quanto se fortalecia este mais nella, sahio muitas vezes a formo-

sa Imperatriz á caça, á qual não acompanhava Bernardo, por não dar causa a novos zelos ao Imperador, que conservava sempre o primeiro amor: (que este sempre existe no sujeito, que devéras amou, por mais que procurem offensas, e zelos offuscá-lo) fatal politica, e inal succedido empenho foi aquelle de Bernardo; pois em hum infausto dia que sahio, como em outros, a Imperatriz a lograr do divertimento da caça ao redor da praia sobre hum Persiano cavallo alongando-se mais do que devia da caterva de seus monteiros, se achou sorprendida de huns corsarios, que, sem attenção ás suas doloridas vozes, a transportarão a huma píranteante fragata, e talvez por conhecerem ser pessoa de grande porte, pelo bem ornado dos vestidos, se fizeram ao mar alçadas as vélas. Navegai muito embora, atrevidos Troianos, levando de Grecia roubada a melhor Helena, que logo hum mais valente Achilles vos tirará com as vidas a prenda roubada, e fará abrazado estrago, o que agora tentastes atrevidos. Chegou á noticia do Imperador Orimandro, e Bernardo o atrevimento dos corsarios a tempo, que já lhe servia mais de estímulo da vingança, que de meio para o remedio do damno; pois ainda que em seguimento dos corsarios mandou o Imperador huma esquadra de galés, não trouxe o Capitão della outra noticia mais, que a certeza de que nem com a vista pudera alcança-los; que foi causa de que, tanto Orimandro, como Bernardo, se abrazassem entre o fogo dos zelos, e vingança desejada.

Naõ pôde socegar hum, e outro, em quanto não preparavaõ huma esquadra de dez bem equipadas náos; mas sendo postas de verga de alto, sahio com ellas Bernardo a procurar os corsarios, não tanto para castigar sua audacia, quanto para restaurar a joia furtada. Surcou o mar Jónio com vento prospero, e a poucos dias de viagem houve vista da armada dos cor-

sarios, que a vélas estendidas buscava o porto de Corcyra: (Ilha, que, com immortal fama das suas, e Portuguezas armas, conservaõ os Venezianos para baluarte de seus dominios contra o Turco) mandou Bernardo seguir os corsarios, largando ao vento todo o panno; e elles, que contáraõ o número das vélas inferior ao seu, julgando o valor pela multidaõ, esperáraõ confiados da victoria: miseraveis, que não conheciaõ o valor de quem os procurava; mas que cedo se desenganáraõ, reconhecendo temeridade o que tinhaõ imaginado vencimento; pois aferrando-se ás náos, (costume daquelle tempo, em que ainda os baziscos de bronze não vomitavaõ as ferreas balas, que pela boca concebem) saltou Bernardo logo na Capitania, e com o escudo embraçado, e a espada núa fez tal estrago nos offensores corsarios, que a não servio de cemiterios de corpos mortos, pois cada golpe era perda de huma vida: não se descuidavaõ os Capitães Persas das outras náos, aonde Bernardo, saltando sobre as lançadas pranchas, já em huma, já em outra, parecia raio de Marte, animando com as vozes, e melhor com o exemplo: muito fez a sua espada: mas não fez menos o terror de seu braço, seu exemplo para os Capitães, e soldados, e suas ordens para a boa direcção dos acommettimentos; em tal fórma, que depois de duas horas de combate, nas quaes Bernardo não teve os braços, e lingua hum instante ociosos, foi preciso ás náos dos corsarios, que aferradas não estavaõ, fazer-se ao largo; e retirar-se com fuga conhecida, deixando dez, que, por prezas, e já sem chusma, nem guarnições, fugir não puderaõ.

Entre os despojos de tão grande victoria se achou o unico premio della, que era a bella Angelica, e unica remora da furia de Bernardo para salvamento dos corsarios fugitivos: á vista della se prostrou Bernardo rendendo-lhe os devidos obsequios, e as armas,

tanto vencidas, como vencedoras, e recebo della os agradecimentos com os carinhos, que lhe dictou o amor, que lhe tinha: porém como Bernardo hia mandado por Orimandro, e ás suas ordens com sua armada recobrou a liberdade de Angelica, antepôz o pundonor de leal Capitão ao abrazador fogo, em que seu peito ardia, e por isso tratou a Angelica, com cortejo devido á sua grandeza, servindo-a mais vassallo, que amante, até que chegando á presença de Orimandro pudesse como livre empregar os affectos amorosos no unico objecto de seu amor. Famoso Heróe, que pôde vencer-se a si mesmo em huma batalha, onde peleja com armas domesticas o amor, triunfador preconisado, e cantado antes, e depois do conflicto, de quem não sómente se viraõ despojos os maiores Capitães, e mais sabios Filósofos do mundo, mas ainda as fabulizadas deidades dos antigos, pois tudo vence o amor!

### CAPITULO XV.

*Como depois que Bernardo alcançou os corsarios, e os venceu em batalha, restaurando a Angelica, a sua náó se perdeu em huma tormenta.*

Navegava Bernardo com dobrada frota a procurar a Ilha, em que a Côrte de Orimandro ficára, fazendo que Angelica governasse a armada na Capitânia, em que se embarcára, e elle como Almirante seguia a retaguarda; quando Melguesi, aquelle encantador, e Mágico Francez, não se esquecendo do entranhavel odio, que contra Bernardo concebêra, e mais se lhe augmentára com o escarneo, que Orontes lhe fizera, quando o deixou suspenso de huma arvore, invocando com seus conjuros as potestades infernaes, alterou de tal fórma os mares, que parecia que offendidos dos termos, postos na praia, intentavaõ quebrantá-los, e passar a sobverter o mundo. Principiá-



raõ os Pilotos a seguir os lemes, os marinheiros não socegavaõ a amainar as vélas; tudo era confusãõ, tudo gritaria, tudo lamentos; a noite tenebrosa, os ventos rijamente soprando alteravaõ as ondas com tal furia agitadas, que algumas vezes chegavaõ as náos ás nuvens; outras se viaõ tocando as áreas no centro das aguas. Parecia que os Ceos se armáraõ contra o mar, e talvez porque este com suas aguas borrifava as Estrellas, lhe arrojavaõ flammantes raios, e o ameaçavaõ com vorazes chammias de tremulos coriscos, pondo-lhe o medo com rancos de estrondosos trovões. Crescia a confusãõ com o negro manto da noite, que não dava outra luz mais que a ministrada pelos raios, para se verem os estragos da tormenta. Dispostas as náos, tiveraõ a fortuna de seguir seu rumo, cessando com a noite a tormenta; porque Melguesi, como sómente perseguia ao nosso Bernardo, incitou as furias Avernaes, para que, deixando navegar a Capitânia, em que Angelica hia, com as mais náos, que a seguiãõ, até á estancia, onde Orimandro esperava, sómente perseguissem a Almiranta, onde Bernardo se embarcára, para que assim com a perda da dama, que amava, tivesse tambem o sentimento de que esta se apresentava para possuida de seu contendor Orimandro, e como elle se perdia com sua náõ: e com effeito assim succedeo, pois dando a travez em hum penhasco na praia, se fez em pedaços, cuidando cada hum dos naufragantes em salvar a vida: o que tambem fez Bernardo, valendo-se de huma taboa, que violentamente arrancou com suas mãos do costado da náõ, já a tempo, que a soçobravaõ as aguas, e sobre ella foi contrastando a fortuna, até que as aguas proprias o arrojáraõ na areosa praia de Achaia, junto aonde se acha a Cidade de Lepanto, famosa pela grande batalha, que o celebrado D. João de Austria, filho do Imperador Carlos V., venceu contra os Turcos.

## CAPITULO XVI.

*Como Bernardo escapou da tormenta, e livrou huma mulher de ser morta por hum leão, e com ella partio para Delphos.*

Sahio Bernardo a pizar a appetecida arêa; e depois de dar a Deos as graças devidas por favor tão grande, foi caminhando penosamente com o peso das armas, de que hia vestido, até hum monte, (seguro já do impeto das aguas) onde assentado para tomar respiração do passado naufragio, olhando para os mares entre soluços movidos com a lembrança da perda de Angelica, e lagrimas, que lhe causava a vista de alguma parte dos mastarêos da despedaçada não, proferio estas palavras: — Entre os limos desse penhasco, servindo-vos de sepulcro esse bolicoso crystal, tereis, infelices companheiros, eterna morada: desgraçados vos fez a minha desgraça, que hum Capitão com ella não podia dar felicidades a seus soldados. E tu, Angelica, doce objecto de meus affectos, se padeceres a miseria, que contemplo, pouco lucraste na victoria, que ultimamente te offereci amante; maior fortuna talvez terias cativa de corsarios, da que lograste livre delles por meu braço: mas se ella por acaso piedosa te conceder que chegues a surgir no porto, que buscas, permittaõ os Fados que gozes os amorosos carinhos, que mereces; ainda que chore eu em eterna saudade tua ausencia. — Mais quizera dizer, se esta ultima palavra não lhe embargasse as vozes; porém o que nellas havia de sahir organizado, sahio em ardentes suspiros, que desretêraõ no peito hum chuveiro de lagrimas.

Dando termo a ellas, pudêraõ ver seus olhos que o mar arrojava á terra huma mulher, que fôra sua companheira no naufragio; e descendo logo para a buscar, e dar-lhe soccorro, se della necessitasse; foi tanto a

tempo, que a pôde livrar de hum feroz leão, que encrespado de frente, com a côla em arco, seguro na preza, contente arremettia para a devorar. O susto do naufragio hia sahindo do corpo da misera mulher com o logro da desejada terra, quando encontrando-se com o que de novo lhe entrava com a vista da féra, unidos ambos a suffocáraõ, e fizeraõ cahir em terra nas apparencias morta: não usou o leão da sua natural clemencia com os rendidos, porque a fome o obrigava a não guardar politica da Magestade, nem usar das prendas, de que a natureza o dotára: antes valendo-se da licença, que a necessidade de sustentar-se lhe offerecia, abertos os braços, e a boca, intentou que elles passassem a esta o semimorto cadaver, que olhava presente, se tyrannos aquelles por crueis ministros de huma morte, piedosa esta por sepultura de hum morto. No meio da acção intentada o suspendeo hum brado de Bernardo, que até sua voz fazia tremer o bruto mais forte: e o Rei da ferocidade, vendo-se ao seu parecer impedido, voltou todo o seu armado furor para o empregar em quem, conforme julgava, atrevido ousava encontrar-lhe a vontade: mas Bernardo, que estava, qual outro David, nos bosques costumado a matar ursos, e leões, recebeu o accommettimento daquelle; e entre resolutos e vingativo, pegando-lhe com o costumado valor nos cabelludos braços, puxou por elles com tal violencia para os lados, que lhos separou das espadoas, abrindo-lhe duas portas, por onde despedio sem alento a vida, ao mesmo tempo que por ellas entrou a vista de Bernardo a registrar-lhe nas entranhas a causa, por que tinha intentado a féra taõ desusada acção contra a fragilidade de huma mulher, mais que rendida, morta.

Segura a amortecida mulher, e livre de taõ conhecido perigo, achou nos braços de Bernardo o des-

canso, a tempo que já tornava a recuperar os viciaes alentos, e entre agradecida, e chorosa, foi seguindo ao alto do monte os passos de Bernardo, e sentados ambos para tomar descanso dos passados perigos, relatou a mesma mulher ser natural de huma Cidade daquella Província, que chamavaõ Delphos (celebre em outro tempo pelo Oraculo de Apollo, que em huma gruta por boca de seus Sacerdotes dava ambiguaes respostas a douradas perguntas) e que seguira com seu marido aquella derrota, e este fôra victima do furor de Bernardo, sendo hum dos Capitães corsarios daquella vencida armada. Resolveo-se Bernardo a acompanhar a mulher até Delphos para a entregar a seus pais, que ella dizia serem vivos, e dos mais ricos da Cidade; mas a falta de meios para a jornada (pois se achava a pé, e sem mais traste que suas diamantinas armas) o punha em huma inconsolavel consternação de espirito; o que conhecendo a mulher (que Gualdina se chamava) lhe offerceo huma grossa caedêa de ouro, que enlaçava em hum braço, para que, fazendo-a vender pudessem comprar sustento, e buscar cavalgadas, em que fizessem com menos trabalho a jornada.

Melhor succedeo do que imagináraõ; porque acudindo de hum lugar vizinho alguns rusticos moradores á praia para socorrerem, se necessario fosse, algumas pessoas, que escapassem do naufragio, (louvavel costume naquellas circumferencias) se offerceã a servir aos dous naufragantes no que prestassem, admirando-se dos successos contados por Bernardo, e muito mais do valor, com que despedaçara o leão, que á vista tinhaõ. Partiraõ gostosos Bernardo, e Gualdina na companhia dos Aldeãos para a sua Aldêa, onde foraõ recebidos com admiração, e tratados com muitas festas, a seu rustico uso, alguns dias que estiveraõ provendo-se do necessario para a jornada, á

qual se entregaraõ em huma sege de caminho, que em huma vizinha Villa alugáraõ, deixando chorosos de sua partida os Aldeãos, que benevolos os tinhaõ hospedado. A poucas jornadas se acharaõ na Cidade de Delphos, onde foraõ recebidos dos pais, e irmãos de Gualdina com mostras de affecto, que se reconhecêraõ verdadeiras; e foi Bernardo tratado com grandeza igual ao devido agradecimento dos favores por Gualdina recebidos.

## CAPITULO XVII.

*Como Bernardo foi ás festas de Thebas, e nellas venceu em singular desafio a Orlando sobrinho de Carlos Magno.*

Entre os irmãos desta se contava hum bem disposto mancebo com o nome de Tritemio, a quem tinha a natureza adornado de valor, e gentileza, e a criação, e trato de policia, e sciencia, que na Universidade de Athenas alguns annos aprendêra. Desejava Tritemio ir a humas festas, que a fama fazia públicas, e se celebravaõ em Thebas (capital Cidade de Acaya, e famosa no tempo dos Gregos) em obsequio das victorias, que Irene, Imperatriz de Constantino-  
pla tinha alcançado contra seu filho, o Imperador Constantino VI., a quem vingativa do máo tratamento que lhe fizera, tirou, depois do Imperio, os olhos. Offereceo-se Bernardo a acompanhá-lo, e havida licença de seus Pais, despedidos delles, se puzeraõ a caminho, montados em dous formosos cavalloos com alguns criados, que os acompanháraõ. Chegáraõ a Thebas em tempo, que já as festas hiaõ em mais que mediana carreira, e tiveraõ o gosto de ver algumas justas, e torneios muito usados naquelles tempos, e que naquella occasiaõ se celebravaõ pela flor dos Cavalleiros do Imperio Grego, que ás festas tinhaõ con-

Entre os muitos, e bem luzidos, que se tinham apresentado, e nas carreiras, justas, e circos tinham experimentado seu valor, e destreza, se achava hum desconhecido mancebo, que levado do Imperio Occidental, ou Reino de França, a buscar fama pelo Oriente, se tinha distinguido em valor, e destreza de todos; os que tinham corrido; e como o reconhecer-se por singular em qualquer acção costuma produzir soberba no sujeito realçado, chegou a do Francez mancebo a fixar hum Cartel tão vanglorioso, como soberbo, pois continha estas palavras: — Orlando, Principe de Anglante, sobrinho do nunca vencido Carlos Magno, Imperador dos Romanos, Rei de Allemanha, e França, e hum de seus famosos Paladines, ou Pares, que tem sido assombro do mundo, declara que em todo elle não ha braco mais valente que o seu, e o sustentará em singular desafio a quem quer que o duvidar, e pata esse effeito o desafia logo como a fementido. —

Causou geral escandalo tão atrevido Cartel, e qualquer dos presentes Cavalleiros sahiria á vingança, se não os detivesse o receio de serem vencidos, porque a fama de Orlando enchêra já o vago do Oriente, e se achava experimentada nas justas passadas: mas Bernardo, que não pôde tolerar a soberba do Francez, no mesmo dia, que se fixou o Cartel, escreveu logo com sua propria mão por baixo delle estas palavras: — Mente; e o sustento em campo. — Novidade geral foi naquelle concurso o atrevimento de Bernardo, e cada hum quizera ser Author daquella, que julgavaõ temeridade: muito se admiravaõ, quando a pouco espaço viraõ no meio da praça Bernardo, montado em hum cavallo, sem mais companhia que sua espada, e lanca, se bem que a escusava quem se acompanhava de seu valor.

Corrido se achou Orlando, quando vio em camin-

pô seu contendor, e soube o descomposto da subscripção do Cartel; e quizera evitar a contenda na dúvida de alguma armada farça, ou de ser pessoa de pouca estofa, quem tão repentinamente se offerecia a hum conhecida temeridade; porém vendo que decahiria de credito, sahio a cavallo só, deixando na estacada a seu Padrinho, (Reinaldo de Montalvan era) e outros Cavalleiros de sua comitiva; e chegando a encarar-se com Bernardo, vio que elle, tomando o campo á sua vontade, se pôz com a lança de enriste, embraçado na esquerda o escudo, accões, que fez com tanto garbo, que logo Orlando reconheceo havia de peleijar com outro braço de mais valor, que os experimentados até aquelle dia. Fez tambem as mesmas ceremonias, e cállando ambos as viseiras dos capacetes, arremetterão a todo o tróte dos cavallos, e encontrando-se as lanças nos escudos, foi com tal valentia, que ambas se fizeraõ em pedaços; puxáraõ briosamente pelas espadas, e proçutou Orlando pelo lado esquerdo a Bernardo, que de proposito como por descuido se mostrava daquella parte descuberto para ser acommetido pelo contrario: tirou Orlando o golpe a Bernardo, e este com hum desvio do corpo o evitou; e logo sobre o descuberto de Orlando destarregou furioso outro, que recebido por elle em seu escudo, lho fez em pedaços, sem lhe valer o bem temperado aço, de que era formado. Picou-se Orlando de valor tão desusado, e empunhando com ira a espada, tirou outro golpe a Bernardo, imaginando alcança-lo pelo alto da cabeça; mas reparado com o escudo ficou frustrado de seu intento, e castigada sua audacia: porque ficando descuberto, e quasi de lado, deo lugar a que Bernardo lhe tirasse hum revez tambem á cabeça, ao qual destra, e ligeiramente acudio Orlando, reparando-o com a espada, da qual resvalando a de Bernardo, cahio sobre o pescoço do cavallo de Or-

lando, indo tão bem ajudada do braço de Bernardo, que cortando toda a defensão, com que se armava, lhe levou também o pescoço cerceo, saltando-lhe a cabeça ao campo, e despedida a vida se precipitou em terra, e nesta lançou descomposto a Orlando; mas como sua ligeireza fosse igual a seu esforço, se levantou colerico para investir a desjarretar o cavallo de Bernardo, e causar-lhe semelhante queda: achou porém já a Bernardo a pé, e que arrojando o escudo caminhava para elle com a espada feita, dizendo-lhe estas palavras: — Bernardo, sobrinho do Rei de Leão, não peleija com mais vantajosas armas com Orlando, sobrinho do Rei de França, porque seu valor he a arma mais vantajosa. — Detey-se Orlando, e socegado hum pouco da furia, com que hia, foi com passos mais lentos, e com a espada baixa em direitura a Bernardo, e posto com hum joelho em terra, lançando-lhe aos pés a espada, lhe disse: — Sómente ao nome de tão grande Cavalleiro se rende de Orlando a espada; sou teu prisioneiro, podes dar-me o castigo, que merece a culpa de não te exceptuar no Cartel posto. — Bernardo o levantou nos braços, dizendo-lhe: — Por agora, valente Orlando, só estes são castigo de tanto valor, até que o possa ser em campo mais largo; não podes ser prisioneiro, porque não podes contar-te vencido, quando eu sou o vencedor; e se deves obedecer aos meus preceitos, hoje te mando partas para fóra da estacada, para que nella não sirvas de espectáculo da murmuração, que hum vencido em parte nenhuma está bem visto. —



## CAPITULO XVIII.

*Como Bernardo, vencido Orlando, foi ás festas de Corintho, e venceu muitos Cavalleiros do Imperio Oriental correndo a argolinha.*

Ditas por Bernardo estas palavras, partio a montar no seu cavallo, que talvez admirado do que via, (o valor demasiado até ao irracional admira) se esteve socegado sem movimento; e em quanto Orlando se retirou a buscar seu Padrinho, e companheiros, andou elle volteando pelo campo a cavallo com tanto ar, tanta bizzarria, e tanta gentileza, que servio aos circunstantes de indizivel gosto, aclamando-o todos Adonis tendo-o admirado Marte: e entre hum sem número de aclamações, chegou á estancia, onde o esperava Tritemio, com o qual antes de ser conhecido se ausentou da Cidade. Partirão ambos acompanhados de seus moços para a Cidade de Corintho, onde pela mesma occasião que os de Thebas, faziaõ os Corinthios semelhantes festas: e depois que gastarão alguns dias no caminho, divertidos com a ponderação do valor de Orlando, e do atrevimento, com que fixára Cartel taõ soberbo, chegarão a avistar as altas torres de Corintho, e entrando na Cidade, a achirão envolta em sumptuosas festas, sendo as principaes os circos, e justas, accões em que os Cavalleiros mostravaõ seu valor, e destreza, que por successão se tinha derivado da primitiva Grecia aos Romanos, e destes outra vez áquelle Oriental Imperio. Aquarteláraõ-se Bernardo, e Tritemio em huma alugada estancia até hum dia signalado, para o qual hum famoso Cartel promettia grandes premios aos vencedores da carreira, que hoje em Hespanha chamaõ Sortiga, e no nosso Portugal lhe damos o mesmo nome, ou o de Argolinha.

Ainda que ao parecer tarde, (porque tarda sem-

pre o que com ancia se espera) chegou o esperado dia, que a Cidade appetecia por espectáculo do maior festejo: appareceu a praça adornada de ricos razes, vistosas portadas, e melhor coroadas suas janellas de formosas Damas, e os theatros de bem vestidos Cidadãos: e logo assentados os Juizes em lustrosas cadeiras se apresentou por mantenedor hum galhárdo mancebo, cujo garbo o inculcava sem opposição, e o escusava de Padrinho: sendo que como tal o acompanhava hum venerando velho, cujos annos ao parecer de sessenta, se o inculcavaõ para a veneração idoso, o mostravaõ na bizarria mancebo: Correo o mantenedor o campo com as ceremonias, que as artes de Cavallaria naquelle tempo dispensavaõ, e depois correo tres lanças com tanto ar, que deixou em admiração os circunstantes; e posto na téla, (lugar costumado para assistencia do mantenedor) esperou oppositor para o realce. Não havia quem á vista de tanta experiencia da arte se atrevesse a medir a lança, e esteve algum tempo suspenso o festejo, até que vendo Bernardo o lugar vago, posto a cavallo, e levando por Padrinho a Tritemio, entrou na praça com tal garbo, e bizarria, que não ficou lugar ao povo para se notar o muito que vinha decahido do esplendor da riqueza, com que o mantenedor entrára, e todos o publicavaõ por vencedor; so menos tinha a fortuna de mais bem visto, e o que mais he, lograva com a voz do povo seu applauso.

Passada a praça, chegou diante do theatro dos Juizes, aonde com as devidas reverencias, pediu Tritemio como Padrinho, licença para a competencia: e sendo-lhe concedida, foi Bernardo á téla, onde o mantenedor estava, e com garbo bizarro, e valeroso o desafiou formalmente, usando de palavras, que se estavaõ cheias de aspero de provocativas, se revestiaõ do doce de comedidas, com que conciliou no pro-

vocado mais affecto de estimaçãõ, do que estimulos da má vontade. Respondeo benevolo o mantenedor, significando que accitava gostoso o desafio, por ser com tanta attençaõ desafiado: e feitas as reciprocas cortezias, se despedio Bernardo a dar parte a seu Padrinho Tritemio, de que se achava pela acceitaçaõ do desafio obrigado a contender. Partio logo Tritemio a buscar a tæla, e ahi mutuamente cortejado propõz ao Padrinho do mantenedor, se era contente seu afilhado de correr outras tres lanças; ou se queria, que Bernardo corresse primeiro, e depois o mantenedor: foi porém este, e seu Padrinho de opiniaõ, que sobre as tres já corridas devia consistir a competencia, e que assim podia Bernardo correr. Havida a resposta, partiraõ os dous Padrinhos até diante do theatro dos Juizes, aonde os fizeraõ certos, de que se davaõ por satisfeitos das tres lanças corridas; e Tritemio pediu licença para Bernardo correr outras tres: foi concedido pelos Juizes, e tomando o Padrinho do mantenedor seu devido lugar para observar os defeitos de Bernardo, e os poder accusar a seu tempo; partio Bernardo com a lança na maõ a medir a carreira, acompanhado do seu Padrinho até o lugar de seu principio donde voltando correo a primeira carreira até sua méta, e com as devidas cortezias correo na mesma fórma segunda, e terceira, no fim da qual se achou diante dos Juizes com seu contendor ao lado, que a altas vozes pedia se julgasse a Bernardo o premio, e lhe pedia a elle fosse occupar a tæla, que, na fórma que ricamente adornada se achava, lhe deixou contente: e Bernardo, havida licença dos Juizes, a foi occupar, mandando que Tritemio, acompanhado de muitos boazes, clarins, e timbales, levasse o premio vencido a huma das Damas, que se achavaõ presentes no espectáculo.

Posto Bernardo mantenedor, vieraõ muitos famo-

sos Cavalleiros com seus Padrinhos contender com elle, publicando todos que vinhaõ sõmente por obsequio, e para tomar lições de taõ grande lidador; mas totalmente despidos da esperança do vencimento, o que o tempo mostrou verificado; pois no decurso do dia logrou Bernardo vinte e dous premios com outros tantos competidores, tendo a fortuna de deixar igual número de Damas contentes, por se verem favorecidas, e suas formosuras manifestadas. Foi no fim da gostosa justa levado Bernardo, e Tritemio a hospedar a casa do mantenedor, acompanhado de todos os Cavalleiros, que tinhaõ corrido, e outros muitos, que para lustre da festa tinhaõ montado, feitas primelro as devidas cortezias aos Juizes, e ás Damas da praça. Foraõ servidos com abundancia, e regalo, que a riqueza do dono da casa (que era muita, por ser hum principal Titulo daquelle Imperio) permittio os dias, que o resto dos festejos durou: ito fim dos quaes, vendo ser precisa a ausencia, despedidos dos Cavalleiros, a quem deviaõ visitas, partirãõ ambos com os seus criados a Delphos, onde foraõ bem recebidos na casa de Tritemio por seus Pais, e irmã, contando-lhes o mesmo Tritemio as façanhas de Bernardo, com o qual passáraõ alguns dias de divertimento.

### C A P I T U L O   X I X .

*Como Bernardo partio para Hespanha, e em Catalunha matou tres Capitães Francezes, que o queriaõ prender.*

Era tempo de que Bernardo partisse para Hespanha, como desejava, para lograr na Patria os triunfos, que lhe promettia haver dos Mouros vizinhos seu valor; e para executar seus desejos se despedio dos hospedes com mutuos cumprimentos de affecto, e agradecimento; e montado em hum cavallo, e hum laçao de Tritemio em outro, caminháraõ até Lepanto, onde pretendiaõ achar embarcaçaõ, como para Italia acháraõ.

Embarcados, partirão daquelle porto; e passados vinte dias da trabalhosa navegação, chegarão a dar fundo no de Genova (célebre Cidade, e famoso emporio do commercio do mar Ligustico.) Daqui lhe fugio pela terra dentro o laçao com o cavallo, em que caminhava; e Bernardo se vio precisado a fazer sua jornada só embarcando-se em outra não, que cultivando o trafico para Palamos, célebre porto de Catalunha, navegava. Surgio no desejado porto a não, e Bernardo sahio a terra, e detendo-se dous dias na Cidade para se refazer do necessario, partio a cavallo (naõ só, pois hia com seu valor) endireitando suas jornadas á Cidade de Saragoça de Aragoã, Corte naquelle tempo de hum poderoso Rei Mouro, chamado Marsilio.

Duas jornadas hia prefazendo em seu caminho Bernardo, quando na segunda pelas duas horas depois de meio dia, caminhando á vista de Centelhas, (nobre Villa de Catalunha, que dá o appellido a huma nobilissima familia de Hespanha) se vio accommettido de tres bem luzidos Cavalleiros Francezes, que separados do exercito de Carlos Magno (que naquelle tempo no Condado de Cerdania junto aos Pyreneos contra o Rei Marsilio se achava) andavaõ em companhia de Orlando, e outros Capitães, correndo a terra a buscar Mouros, em que exercitar seu valor: quizerão os tres Francezes levar prezo a Bernardo para o apresentarem a seu General Orlando, que a pouca distancia com huma tropa de Aventureiros ficára; e por mais que Bernardo lhes assegurou que de paz fazia sua jornada, voltando do Oriente para a Corte delRei de Leão, de quem era vassallo, naõ foi possivel demove-los do primeiro intento, accrescentando com palavras injuriosas que o matariaõ, se resistia. Os peitos nobres naõ toleraõ facilmente atrevimentos demasiados: por esta razão, vendo Bernardo que a petu-

lancia dos Francezes queria passar das palavras ás obras, enfurecido contra elles, tirou da espada, e arremettendo ao primeiro, que abraçado o escudo o buscava com a sua para emprego do golpe, lhe deo Bernardo tal revez no descuberto do corpo, que lho partio em dous por baixo do braço direito até a cinta da parte esquerda, sem que lhe servisse de impedimento o peito, e espaldar de aço, de que armado vinha: tal era a boa tempera da espada, e tal o valor do braço, que a maneava: ficárao os dous em dúvidas, entre acometter, ou fugir, á vista de golpe tão desusado, e nesta perplexidade achou a espada de Bernardo o segundo, a quem com semelhante valentia abriu com hum golpe a cabeça até os dentes; e logo foi sobre o terceiro, que na retirada pretendia salvar a vida, e alcançando-o com outro golpe, o abriu pelas costas do hombro direito para o lado esquerdo, ficando assim no breve espaço de hum quarto de hora victorioso com sómente tres golpes de tres soberbos inimigos, cujas vidas escusára o mundo.

## CAPITULO XX.

*Como Bernardo venceo segunda vez em singular contenda a Orlando.*

Levárao os cavallos dos Francezes mortos em seus amos despedaçados a noticia a Orlando, que caminhando em companhia de Dudon, soberano Conde de Fox, buscava a estrada de Centelhas; e entre a admiração de ponderar tres golpes tão grandes, e o desejo da vingança delles, correo a todo o trote de seu cavallo para a parte, donde os fugitivos cavallos vinhaõ, e a poucos passos achou assentado á sombra de hum verde salgueiro (onde atára o cavallo) o nosso Bernardo, que por não dar lugar a que a sua opiniaõ se diminuisse, não quiz retirar-se logo do campo, em que commettera tão louvavel delicto, mostrando que

naõ fugia a qualquer acontecimento, que do passado se originasse. Perguntou Orlando todo cheio de ira a Bernardo, se sabia quem daquella fórma se atrevêra a provocar Orlando, Principe de Angolante, sobrinho do Rei de França, e hum de seus Pares, matando-lhe taõ sem piedade seus companheiros? Bernardo para lhe responder se levantou em pé, e segurando-lhe que sómente a cavallo, e com a espada na mão sabia responder a quem da mesma fórma lhe perguntava, saltando ligeiramente a cavallo, sem pôr pé no estribo, e sem que o pezo das armas lhe servisse de impedimento, tirando a espada, posto frente a frente com Orlando, já a tempo, que a seu lado estava da mesma sorte Dudon, lhe respondeo: — Eu, ó valente Principe de Anglante, fui quem castigou a barbaridade, que teus que dizes companheiros querião usar comigo, levando-me preso, ou morto á tua presença; certificando-lhes eu ser hum Cavalleiro Leonéz, que do Imperio Oriental caminhava para a Corte de meu Rei, fiado no salvo conducto das gentes, ou, por melhor dizer, no que concede o valor de meu braço: tu, como taõ grande Capitaõ, acharás que o castigo de seu atrevimento foi muito a tempo ministrado, e me louvarás a acção, por te escusar de que justiceiro lho mandasses dar: e se (como naõ espero) culpares a minha conducta, e quizeres tomar vingança, em campo estamos, e com armas iguaes; advertindo porém que naõ será a primeira vez que Bernardo, sobrinho de Affonso, Rei de Leão, vença a Orlando, sobrinho de Carlos, Rei de França. —

Perplexo com esta resposta ficou Orlando, e picado da passada victoria, como da presente jactancia de Bernardo, lhe disse; — Seja, soberbo Leonéz, decisivo daquella contenda este campo, em que, commettendo hum taõ atroz delicto, fazes ostentação da tua arrogancia, sem que o favor recebido tenha pre-

ço, por se achar riscado do agradecimento com huma patente offensa. — Ditas estas palavras, arremetteo com a espada na mão a Bernardo, que resolutivo a todo o lance o esperava: e entre ambos se deo huma singular batalha á vista do Conde de Fox, que, absorto da destreza dos dous contendores, não sabia deliberar-se a qual delles concedesse das armas a primazia: porém Bernardo, por não perder a posse de vencedor, apertou com Orlando de sorte, que suffocado da cólera, e picado do pundonor, já sem as regras da milicia, a todo o trance tirava os golpes, e dando hum na cabeça do cavallo de Bernardo, ao tempo que lha lançou cortada do pescoço á terra, quebrou a espada: saltou Bernardo dos estribos a terra, antes que seu cavallo nella cahise, e avançando-se para Orlando, tirou hum golpe de espada ás pernas do cavallo, em que ainda se conservava, e levando-lhas todas, com elle cahio o bruto, já quando Orlando saltava a terra: largou Bernardo a espada, porque Orlando se achava sem ella, e chegando-se ambos braço a braço, teve Bernardo occasião de usar da grande força, de que a natureza lhe dotára os membros, pois, pegando em Orlando, ao primeiro movimento o fez perder terra, e restituindo-o logo a ella precipitado, e indo sobre elle, segurando-lhe com a mão esquerda a direita, posto sobre seu peito com o joelho, lhe pôz á vista hum agudo punhal, signal do vencimento, já a tempo, que tinha Dudon saltado do seu cavallo, e com toda a ligeireza correo a impedir o golpe. Bernardo, que se vio com hum novo inimigo em campo, voltou para elle resolutivo; mas segurado por Dudon de que aquella accão se encaminhava sómente a conservar a vida de Orlando, sem offensa do vencedor, socegou o animo; e depois de levantar-se Orlando, e dar as graças a Bernardo pelo segundo favor, em que segunda vez recebia das suas



mãos a vida, pedindo-lhe perdão do passado arrojo, e depois de gastarem algum pouco tempo em reciprocas attentões, se resolveo Dudon a dar a Bernardo o seu cavallo para fazer jornada, como fez, ficando os dous Paladines a pé; e como estavaõ perto de sua companhia, della lhes vierão logo cavallos, em que partirão, deixando o campo, e victoria.

## CAPITULO XXI.

*Como Bernardo chegou á Corte de Oviedo, e partio com huma armada para Italia a defender Roma, e muitos singulares combates, que venceo, com morte de muitos valentes Longobardos.*

Partio Bernardo para Saragoça, onde chegou depois de algumas jornadas, sem que no caminho lhe succedesse cousa memoravel; e detendo-se naquella Corte, sem outro trato mais que o de commum passageiro, tendo notado a grandeza della, se partio para o Reino de Leão; nelle entrou com o mesmo disfarce, e tambem na Cidade de Oviedo, sua Corte, havendo quatro annos que daquelle Reino se ausentára; e sendo recebido de todos os Cortezãos com o carinho, que mereciaõ suas gloriosas acções, seu alto nascimento, e sua gentileza mereceo, e logrou delRei seu tio semelhante agazalho, mandando-lhe pôr casa, e dar tratamento, como a parente seu.

Achava-se Affonso Casto com empenho de socorrer ao Pontifice Adriano (que governava naquelle tempo a Igreja Romana) contra o soberbo Desiderio, Rei dos Longobardos, que lhe fazia guerra, com animo de o lançar fóra de Roma, e de extinguir em Italia o nome Christão. Devia Carlos Magno tomar á sua conta a defenza da Igreja, por ser o principal Principe della, e ter recebido dos Vigarios de Christo grandes mercês; e como tivesse arrogado a si o titulo de Imperador dos Romanos, que fortemente lhe dispu-

52           **HISTORIA DE CARLOS MAGNO,**  
tavaõ os do Imperio Oriental, cuja Cõrte sustentavaõ em Constantinopla, estava obrigado a sustentar a Cabeça do mesmo Imperio Romano, e o Pontifice, que por seu respeito era desamparado daquelles Imperadores. Por esta causa se achava já em Italia com poderoso exercito de Allemães, e Francezes, com bons Capitães, seus famosos Pares, e outros de igual nobreza, e valor. Inigo Arista, Rei de Navarra, tinha tambem por terra concorrido com hum soccorro de quatro mil soldados de escolhidas tropas: e Affonso de Leaõ tinha equipado no porto de Santander, ou Santo André das Asturias de Santilhana, hum armada de dezoito vélas das maiores, que naquelles tẽmpos se usavaõ, com tres mil soldados veteranos para desembarque; e fiado no valor de Bernardo seu sobrinho, lhe deo o bastaõ de General com universal applauso de toda a Cõrte, e contentamento dos Cabos, e soldados da armada, na qual embarcado partio para Italia, e costeando os mares de Galliza, e Portugal; entrou pelo estreito de Gibraltar; seguindo a derrota pelas costas de Hespanha, e França no golfo de Leaõ, mar Ligustico, e Tirreno nas de Italia, sempre terra a terra, porque naquelles tẽmpos se não inventára ainda o miraculoso uso da agulha de marear: e chegando ás praias do Agro Latino, que hoje chamaõ Patrimonio de S. Pedro, deo fundo a frota já dentro da boca do Tibre na Cidade de Ostia Tiberina, onde entrou este navegante Eneas, se não para conquistar Italia, ao menos para a defender. Antes de sahir Bernardo a terra com seu exercito, se achou postado Lamissio, valente Longobardo, General do Rei Desiderio, nas ribeiras do rio com hum exercito de seis mil cavallos, e quatro mil infantas, para impedir o desembarque das tropas Hespanholas. Sahio com tudo Bernardo a terra com alguma escolta, e teve com muitos Longobardos, dos mais

arriscados, singulares desafios, e batalhas, prov occa-  
do-os para esse effeito de maneira, que contendeo com  
vinte e seis dos mais valentes, corpo a corpo, no  
espaço de quatro dias, sempre com o vencimento, até  
que Lamissio quiz experimentar fortuna, e a achou  
taõ adversa, que, depois de duas horas de bem de-  
batida batalha, deixou a vida nas mãos de Bernardo;  
na mesma fórma, que fizeraõ seus Capitães: e ven-  
do os do exercito seu General morto, desamparáraõ  
o campo em bem concertada retirada, e deraõ tem-  
po a que Bernardo fizesse muito a seu salvo o des-  
embarque de suas tropas com o socego, que de sua  
boa conducta se esperava.

## C A P I T U L O XXII.

*Como Bernardo chegou ao sitio de Roma, esta se livrou,  
e Bernardo voltou a Cviado.*

Marchou com effeito Bernardo com seu exercito,  
sempre formado em batalha, para evitar alguma em-  
boscada dos inimigos, que senhores do campo em di-  
versas patrulhas o corriaõ com frequencia; e depois  
de tres dias de bem regulada marcha, em que muitas  
vezes lhe foi necessario sustentar varias sortidas, e  
chõques dos inimigos, de que sempre o desembaraça-  
va a victoria; chegou á vista da antiquissima Cidade  
de Roma, Cabeça do mundo, berço, e centro da Re-  
ligiaõ Cathõlica; e logo foi recebido por huma par-  
tida de Allemães, capitaneada pelo Duque de Bavie-  
ra, que por mandado do Imperador vinha para o con-  
duzir, e a seu auxiliar exercito, até se unir com o  
Imperial. Neste foi Bernardo recebido com os corte-  
jos devidos á sua pessoa, e pelo Imperador com ca-  
rinho, e benevolencia, assignando-lhe sitio para acam-  
par. Por ser esta acção do cerco de Roma pertencen-  
te aos Francezes, em cujas historias anda bem por  
extenso, e por doutas pennas escrita, não faço re-

lação de suas particularidades; sómente com confiança digo, que foi Bernardo com seus soldados o principal instrumento do cerco de Roma, da victoria alcançada, da extinção do Reino dos Longobardos, que por mais de duzentos annos tinhaõ sido terror de Italia; e finalmente foi Bernardo total segurança da Igreja, e Fé Catholica. No tempo, que durou o cerco, houve accões particulares, em que muito se distinguio Bernardo, vencendo trinta e sete contendas corpo a corpo com outros tantos valentes Longobardos, e muitas sortidas, e choques do exercito infiel. E como as grandes facanhas sejaõ mais faceis de invejar, que de imitar; deaõ as de Bernardo occasião a que os Pares de França, e mais Generaes do Imperador, cobrassem contra elle hum entranhavel odio, que a inveja lhes produzia nos animos, do qual foraõ parto, ou tiveraõ principio as desgraças futuras succedidas na fatal batalha dos Pyreneos. Acabada a guerra com a prizaõ do soberbo Rei Desiderio, e total ruina de seu exercito, logrou Carlos Magno a confirmação do Imperio, e Bernardo a gloria de taõ illustres vencimentos. Cheio della, mais que de despojos, (que estes desprezou sua generosidade) se despedio do Imperador, e mais Cabos: e havida a benção do Pontifice, e com ella alguns privilegios para os Reis, e Reino de Leão, sahio de Roma com seus soldados, e a jornadas mais largas chegou a embarcar-se na foz do Tibre; e feita a frota á vela, deo fundo em Santander depois de quarenta dias de navegação.

Sahindo á terra Bernardo, endireitou seu caminho para Ovi-do, onde beijou a maõ a El-Rei seu tio, que, depois de o receber com affecto de Pai, lhe confirmou o cargo de Capitão General das tropas de seu Reino, mandando que os grandes delle, e todos os Militares como tal o reconhecessem, o que huns, e outros fizeraõ contentes, promettendo-se feliz fortu-

na no governo de hum General, em quem competia o valor com a generosidade, a gentileza com a affabilidade, a pericia da arte Militar com a prudencia.

### CAPITULO XXIII.

*Da causa por que Carlos Magno, e seus Pares investiram com guerra a Hespanha, e conselho, que se fez nas Côrtes de Leão para a defenza.*

Carlos Magno com a confirmação do titulo de Imperador dos Romanos partio para França, onde instigado por seus Capitães, e por seus celebrados Pares de França, resolveo passar a Hespanha, e castigar em Affonso Casto Rei de Leão, e seus Grandes, a reclamação, que tinha feito da doação de seus Reinos: e para esse effeito juntou hum poderoso exercito com intento de conquistar aquelle Reino, e dá-lo em feudo a seu filho Pepino, que intitulava Rei de Italia, ficando algum tempo em Hespanha fazendo guerra aos Mouros della. Chegou a noticia do intento de Carlos Magno á Côrte de Oviedo, e sobresaltados seus Grandes do receio de serem conquistados, porque as victorias de Carlos Magno, e seus doze Pares, eraõ naquelle tempo o objecto da Fama; procuravaõ pelos meios da accommodação socegar o animo da Carlos Magno com hum feudo annual, para ver se desistia da invasão intentada: e para isso convocando ElRei Affonso Côrtes na Cidade de Leão, se propôz nellas mandar humia solemne Embaixada ao Imperador com poderes de o reconhecer Affonso por Soberano, por meio do annual feudo. Não pôde porém a altivez de Bernardo tolerar que sua Nação fosse sujeita a outra estrangeira; e cheio de colera com palavras mal concertadas, como partos da paixão, que lhe occupava o animo, havida licença delRei para fallar, posto em pé no meio do Congresso, disse: — Se alguns ha neste Adjunto, a quem sirva de exemplo para a sa-

gurança do Estado a sordida politica de Mauregato, deve entender que com as mudanças dos tempos se mudaõ os animos: não me persuado que falte nos de tanta nobreza valor para empresas maiores, que a defenza; quanto está da minha parte me acho envergonhado de que Carlos Magno se atrevesse a provocarme. Se houver quem me siga, nesta espada tenho prompta a moeda para pagar o feudo a França: e se houver quem duvide seguir-me, (o que não cuido de tão grandes Capitães) fique-se no descanso da Patria, em quanto eu vou segurar-lhe a liberdade. — Foraõ ditas com tanta efficacia estas razões, que não houve hum só no Congresso, que não se levantasse resolutto a seguir a opiniaõ de Bernardo; mas ElRei fazendo signal para que socegados se assentassem, disse para Bernardo: — Muitas vezes os poucos annos produzem hum imprudente valor, que he ruina dos Imperios: tal poderá ser o vosso; porém confiado na experiencia, que tendes, me deixo esta vez enganar da fortuna, consentindo em que, pois somos accommettidos, nos defendamos: advertindo porém, que vos entrego o exercito, que levantareis á vossa vontade, e que confio mo tornareis victorioso. — Ditas estas palavras, se levantou despedindo as Côrtes, e se ausentou para Oviedo dando as ordens necessarias a Bernardo para o levantamento do exercito.

#### C A P I T U L O XXIV.

*Como Bernardo foi feito General de Hespanha, e levantou exercito, com que foi oppôr-se a Carlos Magno.*

Mandou Bernardo levantar huma bandeira, e tocar caixas na Cidade, para que sentassem praça aquelles, que voluntariamente quizessem; e foi tanta a multidaõ, que se ajuntou a alistar-se, que foi preciso escolher entre ella os que julgou mais desembaraçados dos negocios, e cultura de seus campos, fazendo

com os escolhidos hum exercito de dezoito mil homens. Partio logo na testa d'elle em direitura á Cidade de Frias, onde esperou a ElRei, que com sua Côrte, e guardas Reaes tinha partido de Oviedo. Juntos com outras bandeiras, que á fama de ser Bernardo o General da empreza se unirão pelo caminho, passáráo ao Reino de Navarra, onde forão recebidos por alguns Enviados de seu Rei Inigo Arista, valente Capitão daquelle seculo, que, por ser alliado de Carlos Magno, não se unio ao exercito de Affonso Casto. Consistia a commissão dos Enviados em cumprimentar da parte delRei de Navarra seu amo ao de Leão, e dizer-lhe que elle não podia olhar com os olhos pacificos aquelle acto, que julgava como infracção violenta da união, que entre as duas Corôas se cultivava: mas que por se não achar em estado de impedir a força com a força, protestava de que a seu tempo se despicaria, sem lhe imputarem as más consequencias, que resultassem. Satisfez Affonso com palavras neutraes ás queixas dos Enviados, e passou adiante até Salvaterra de Alava, onde o esperavaõ huns Embaixadores de Marsilio, Rei Mouro de Saragoça, a pedirem licença da parte delRei, seu amo, para se juntar com elle seu exercito, que marchava pelas faldas dos Pyreneos. Affonso Casto respondeo grato á offerta; porque ainda que era Mouro quem por aliado se lhe offerencia, precisava d'elle ao menos para divertir as forças do Rei de Navarra, se intentasse cortar-lhe a retirada.

Em Salvaterra ficou Affonso, entregando todo o exercito a Bernardo, que copstava de vinte e dous mil homens, a quem passou mostra, deixando ficar de reserva, prevenidos a qualquer infausto successo, cinco mil homens, que ElRei teve consigo. Marchou Bernardo em direitura a Roncesvalhes, célebre passagem dos Pyreneos para França, e já á vista daquel-

Ja Villa se encontrou com o exercito de Marsilio, que o mesmo Rei em pessoa governava. Compunha-se este de trinta mil combatentes, número que motivou a Bernardo alguma desconfiança, porque sendo maior que o dos seus soldados, e governado por hum Soberano, poderia causar duvida a certeza do governo de todo o exercito; mas Marsilio, que nada intentava mais que a destruição de Carlos Magno, a quem reputava inimigo commum, prevenido qualquer estorvo sobre o ceremonial do tratamento; foi primeiro a buscar Bernardo, segurando-lhe, que depositas as vantagens da maioria do exercito, e do character de Soberano, não queria usar de mais perogativas, que as de simples auxiliar. Correspondeo Bernardo com offerecimentos, que o mouro lhe escusou; e havido Conselho de Guerra, se resolveo nelle acommettessem o exercito Francez nas montanhas, onde seria mais facil aos soldados de huma, e outra Nação o vencimento, (por serem acostumados a viver nas de Asturias, e Aragoão) que achariaõ duvidoso nas planicies de Navarra, se os soldados Francezes costumados a ellas estendessem a grandeza de seu exercito.

### C A P I T U L O XXV.

*Da celebrado, e deploravel batalha de Roncesvalhes, em que ficaraõ vencidos, e mortos os Pares de França.*

Marchava da Villa de S. João de Piedepuerto, na baixa Navarra, Carlos Magno com seu formidavel exercito, e tinha entrado já nas serranias pela estrada real de Roncesvalhes: mas tendo noticia de que os inimigos se achavaõ em fórma de batalha na mesma serra, repartio, como sabio General, todo o campo em tres batalhas, dando a primeira, que se compunha de Francezes, ao Grande Reynaldos de Montalvan, Principe, e Par de França; a segunda composta de Gascões a Dudon, Conde Soberano de Fox,



Par também de França; e a terceira, que se formava de Allemaes, e Italianos, com a principal Nobreza de França, Allemanha, e Italia, a seu sobrinho Orlando, Principe de Anglante, Par de França: compondo os outros nove Pares, ou Paladines, huma companhia franca, em que hiaõ também muitos Principes do Imperio; cada hum dos tres Generaes contava na sua batalha quarenta mil combatentes; e ficou o Imperador com o corpo da reserva, composto de vinte mil soldados das tres Nações. Tinha a soberba do vencimento de tantas anteriores batalhas produzido nos doze Pares huns espiritos taõ altivos, que causavaõ odio a muitos Cortezãos da Corte do Imperador, e a outros Capitães, que não se lhes julgavaõ inferiores, tanto no valor, como no sangue. Entre estes se achava mais empenhado na sua destruição, como mais ferido da inveja, Galalon, Conde Soberano de Moguncia, Compadre, e valido do Imperador, e seu cunhado, por estar casado com huma sua irmã. Marsilio, Rei Mouro de Saragoça, que tinha de Estadista tanto, como de valente, e conservava intelligencias nas Côrtes dos Reis vizinhos, tinha, por meios de seus confidentes, convindo com Galalon, que na occasião da batalha entretivesse o Imperador, e seu exercito em fôrma, que os Pares na força do conflicto se vissem mettidos sem soccorro no periga, donde não pudessem escapar de mortos, ou presos.

Na testa do exercito Leonez marchava Bernardo, quando se topou com Reynaldos, e affrontando-se de parte a parte, foraõ os Francezes rotos, e postos em precipitada fuga, sem que lhes valessem os brados de seu General, que valente, e cuidadoso cuidava com elles, e com o exemplo reduzi-los outra vez á peleija: tinha Bernardo com sua boa direccão posto dous batalhões pelo alto da montanha de huma, e outra banda do campo do conflicto, governados por Erui-

gio, Conde de Alva, e Munio Nunes, Conde do Património (que era o mesmo que Mordomo Mór): erão estes Capitães valentes, e destros na caça dos Mouros, quando com elles em montuosas paragens contendiaõ; por essa razão fizeraõ tal matança nos miseraveis Francezes, que com a fuga escapavaõ dos golpes de Bernardo para o alto da serra, que naõ foi possível escapar hum, que pudesse avizar ao Imperador da derrota, que padecia seu exercito. Dudon, Conde de Fox, que se seguia com seu corpo de Gascões, teve igual fortuna no conflicto, mas peor que a de Reynaldos: porque podendo este retirar-se a salvo, naõ pôde aquelle escapar de ser morto, encontrando-se com a lança de Bernardo, que o chorou conhecido, se antes de o conhecer o matára. Deo lugar sua morte a que seus soldados acommettessem a montanha, onde quando esperavaõ achar as vidas conservadas na segurança, se viraõ sujeitos ao ferro dos emboscados Leonezes. Tinha Marsilio com seu exercito penetrado a serra por huma estrada, que como pratico sabia, e dando pela retaguarda do batalhaõ de Orlando, ao tempo que este se affrontava com Bernardo pela vanguarda, fez nelle huma horrorosa matança. Orlando unido já com a companhia franca dos Pares, e Principes, investio furiosamente a Bernardo, a quem achou armado de seu valor, e destreza, experimentada já em dous conflictos; e como Orlando estivesse preocupado da paixãõ de se ver vendido por Galalon, e acommettido na retaguarda pelo perfido Mouro comprador Marsilio, deixando as regras militares, que observar devia, teve o infortunio de que a espada de Bernardo fizesse nelle o que deixára de fazer outras vezes, e ficou rendida a morte aquella vida, que a fama tinha inculcado immortal. A mesma fatalidade padecêraõ oito dos Pares, e muitos Generaes famosos, de quem foi mais estimada a morte

naquelle occasião, que a retirada: e naquelles penhascos se sepultou a immortal fama de Heróes valentissimos, dignos de que se depositasse em laminas de bronze, ficando pyramides de sua memoria as mesmas elevadas penhas daquella serra, e perpetuo choro de suas lastimosas mortes as crystallinas lymphas, que em claras fontes delles se despenhaõ. Vós, ó Atlantes do Imperio Occidental, terror dos inimigos da Fé, e columnas da Igreja, podeis consolar-vos neste conflicto, em que deixastes as inestimaveis vidas, que não podiaõ estas render-se a outra espada, que não fosse a de Bernardo; nem por outro successo, que huma traição perpetrada entre hum invejoso companheiro, e hum fementido Mouro.

Ficou em fim com a morte de tão grandes Capitães derrotado inteiramente o exercito Imperial; e o Imperador, que, sem ser sabedor da batalha, era detido pelo traidor Galalon com o jogo de tábolas, (segundo dizem) ouvida a fama da derrota, que publicavaõ os fugitivos, alterado se preparou para acudir aos seus: mas certificado, de que já não tinha remedio perda tão sem igual, muito mais quando seus Capitães, e valentes Pares se achavaõ mortos, se pôz em retirada, que logo seguiraõ suas Imperiaes guardas, sem querer experimentar os golpes, que publicavaõ os vencidos. Ficou em fim Bernardo vencedor de huma batalha tão memoranda, que ficou por exemplo de fatalidades grandes; pois quando queremos encarecer huma notavel destruição, costumamos dizer: — Foi huma de Roncesvalhes. — Chorou Bernardo toda a noite o fatal successo dos grandes Paladines; e foi tal o sentimento, que teve, que não lhe deo lugar a que seguisse o alcance dos fugitivos para complemento da victoria, que o fez Marsilio com destruição dos pobres vencidos; mas com tanto escandalo de Bernardo, que não pôde conter-se, e dei-

xar de lhe estranhar a infame conducta da traição, seguindo-lhe, que se fosse sabedor della, antes consentiria ser vencido, que vencedor tão sordidamente: foi com tudo celebrada a victoria pelos mais Cabos do exercito com fogos accezos sobre as mais altas penhas, com toques de clarins, timbales, caixas de guerra, para contentamento dos soldados; e no campo de Marsilio se festejou com muitos divertimentos a seu uso.

No dia seguinte se fez resenha das tropas, para ver os soldados, que faltavaõ, e no campo se examináraõ os mortos, que em prolongadas vallas foraõ sepultados, e se achou faltarem no exercito de Bernardo quinhentos e dezoito homens, em que entráraõ alguns Officiaes de inferior plana; e no de Marsilio, Rei de Saragoça, faltaraõ tres mil e duzentos homens: tão pequeno número se commutou por mais de sessenta mil, que morrêraõ no exercito Imperial, entre elles, além de Orlando, Principe de Anglante, Roldão, Soberano Conde de Bretanha, tambem sobrinho do Imperador; Dudon, Conde de Fox; Oliiveiros, Marquez de Dreux, e seu Pai o Duque de Nismes, e os Duques de Borgonha, Baviera, e Brabancia, outros Generaes de fama, e tantas pessoas de conhecida distincção, que excedêraõ o número de cento e cincoenta. Ficou toda a bagagem, e trem do exercito para saciar a cobiça dos vencedores em tanta copia, e abundancia, quanta se pôde considerar conduziriaõ pessoas de tanta qualidade.

## CAPITULO XXVI.

*Como Bernardo veneco ao Rei Mouro Marsilio, que tinha sido causa da traição, por que os Pares de França se perderão.*

Congratulou-se pela razão de Estado Bernardo com o Rei Mouro Marsilio, (ainda que no coração reconcentrava a mágoa da traição deste) e se deraõ os pa-

rabens de victoria tão signalada ; e louvando cada hum delles com reciprocos cumprimentos o valor , e destreza , com que no conflicto se houveraõ , despedidos para os seus quarteis generaes , mandáraõ dar principio ao despojo do arraial. Mas o Mouro , que se entumecêra com a victoria , arrogando á sua conducta o bom successo da batalha , não pôde tolerar que os soldados de Bernardo entrassem igualmente ao saque : para o que , pondo em boa ordem alguns piquetes de suas tropas , fez com elles segurar o campo , mandando dizer a Bernardo que aquella victoria fôra ganha por sua direcção , e valor de seus soldados ; pois tomando o campo contrario pela retaguarda , obrigára os inimigos a fuga , sustentando todo o peso do conflicto ; e que pois ninguem lhe podia tirar a gloria do vencimento , não queria se lhe atrevessem a perturba-lo no fructo d'elle : que pedia mandasse Bernardo , como bom alliado , retirar seus soldados do campo , para não ser elle precisado a fazer que suas tropas segunda vez ganhassem o que era seu.

Admirado Bernardo de tão petulante proposta , na qual conhecia quão pouco ha que fiar na perfidia de hum Mouro , por mais que o adornasse o caracter de Principe , lhe mandou dizer que quanto respeitava ao saque do campo , de boa mente cederia d'elle , porque seus soldados não vieraõ a vencer por conveniencia , mas somente por gloria , e servir a seu Rei , de quem recebiaõ soldo ; mas que já ao presente tempo não podia deixar de seguir o principiado , por não dar motivo a que se dissesse desistiaõ por medo , e perdiaõ pusillanimes , e fracos , o que era seu , quando o podiaõ sustentar valentes. O mais que respeitava ao pundonor da victoria , ninguem lha poderia sem temeridade disputar : que esperava conviesse ElRei nisto , que principiado estava , quando tinha á vista hum exemplo do valor de seus soldados , que eraõ melho-

res para alliados, que para inimigos: e que qualquer movimento em contrario teria por hum rompimento manifesto da amizade até áquella hora cultivada.

Imaginava Marsilio em sua fantazia que a victoria passada fôra unicamente parto da sua boa direcção, e do valor de seus soldados, a tanto o tinha elevado a soberba de vencedor! E continuando nesta, mandou formar todo seu exercito, e na testa delly se avançou ao campo, dizendo a seus Generaes: — Verá esse louco Christão se as victorias se alcançam sómenté com palavras. — Bernardo, que não esperava resoluçãõ tão altiva, e foi de repente surprehendido com ella, mandou a toda a pressa pôr promptos os piquetes, e guardas, que se achavaõ de reserva, e com elles sahio ao encontro ao perfido Mouro, por ver se lhe detinha o orgulho; porém Marsilio, que no pequeno número das formadas tropas de Bernardo fundou a confiança da victoria, mandou tocar a avançada no seu campo, com huma grita, e furia barbara, a seu costume, e se lançou sobre os Christãos: recebêraõ estes constantes o primeiro impeto, e refazendo-se do susto, que o primeiro acommettimento infunde, ainda nos mais valentes peitos, souberaõ tão bem desembaraçar as mãos com o exemplo, que em Bernardo seu General viaõ, que antes de duas horas de combate já não acháraõ quem lhes resistisse; porque Marsilio, vendo que fôra temeridade o que julgava valor, quiz salvar com precipitada fuga algumas reliquias de seus soldados, a que ainda tinha perdoado o ferro Christão, e deixou por castigo de sua soberba dobrada victoria, e dobrado despojo a hum General, e a hum exercito, a quem pouco havia tinha negado singelo.

## CAPITULO XXVII.

*Como Bernardo vence em batalha à Ibrahim, General do Imperador dos Mouros, e o prendeo.*

Triunfante Bernardo de dous Soberanos, hum ambicioso de Estados, e outro de fazendas, passou no campo das victorias os dias do pundonor, no fim dos quaes mandou queimar os despojos, que poderiaõ servir de empedimento á marcha, e repartir por seus soldados o mais rico dos mais, sem reservar para si mais que igual parte á de qualquer outro Capitaõ, a qual ainda repartio por aquelles, que julgou com signalado valor nas batalhas, com o que deixou todos contentes, louvando tanto o seu esforço, como a sua prudencia. Desceo logo a Navarra, e marchou por junto a Pamplona, Côte de seus Reis; e mandando cumprimentar a Inigo Arista, o regalou com hum presente, ainda que pequeno para mandado a hum Rei, capaz de ser recebido por hum amigo: mandou logo ElRei offerer-se com todo o carinho a Bernardo, e com o parabem das victórias, o regalou com refrescos para a sua pessoa, e Cabos, e ainda para todo o exercito com abundancia de viveres. Deteve-se dous dias Bernardo a duas legoas distante de Pamplona, e nas duas noites foi incognitamente visitado por ElRei Inigo, tratando-se com a antiga amizade, que seu valor lhe conciliara no cerco de Roma, e se ajustaraõ entre ambos emprezas, que no futuro tempo tiveraõ effeito.

Chegando á Cidade de Victoria Bernardo, (que á victoria devia chegar quem tinha logrado duas taõ signaladas) foi ahí recebido por ElRei seu tio com muitas mostras de affecto, e pelos Grandes da Côte com a veneraçãõ, que mereciaõ suas acções: e todos a grandes jornadas partiraõ para Oviedo, onde se solemnizaraõ suas victorias com as festas, que a since-

ridade daquelles tempos costumava. No meio destas solemnidades chegou a Côrte a infausta noticia de que os povos de Galliza se achavaõ tyrannizados por dous copiosos exercitos de Mouros, que Ali-Hatan, supremo Monarca delles em Hespanha, cuja Côrte residia em Cordova, mandara correr a terra, fiado na pouca resistencia, que achariaõ, em quanto a força das tropas Christãs se detinha com a empreza dos Pyreneos. Tinha entrado o primeiro exercito por terras de Sayago, e passando pela Puebla de Senabria, se achava pondo sitio a Vianna del Bolo, praça naquelle tempo de grande consideraçãõ. Compunha-se de dez mil cavallos, e quinze mil infantes, a quem com o character de General (Alcaide lhe costumãõ os Mouros chamar) governava Ibrahim, famoso Capitaõ, por nascimento Africano, e por linhagem descendente dos grandes Califas do Cayroã em Numidia. El-Rei de Leãõ Affonso Casto, que em Bernardo seu sobrinho tinha a confiança de boa fortuna de suas armas, o mandou logo com tres mil cavallos, e dez mil infantes soccorrer os afflictos Gallegos: marchou elle pela passagem de Ponferrada a jornadas grandes, até se avistar com os inimigos, que entrincheirados o esperavaõ. Teve Bernardo por descredito da fama alcançada medir com iguaes estratagemas suas armas com as do Mouro; e vendo que Ibrahim o esperava nas trincheiras, tomou por principio da victoria aquelle primeiro receio do inimigo; e com huma resoluçãõ inaudita mandou que seus soldados com a espada na maõ acommettersen as trincheiras: assim o fizeram os valentes Leonezes, fiados no valor de seu Capitaõ: e com esta valerosa acçãõ puzeraõ tal terror a seus inimigos, que ás espadas Christãs topavaõ já sem alento as gargantas dos Mouros, e os braços taõ decahidos do medo, concebido em seus peitos, que nem sómente se atreviaõ a defender-se; e custou mais a



Bernardo, e a seus soldados a victoria, que o acomettimento; porque foi preciso cansar os braços com o grande número de seus golpes, pois nem fugir podia os Mouros. Ficou Ibrahim preso, e com elle mais de tres mil de seus Capitães, e melhores soldados, que servirão depois para trocar por Christãos cativos: e deixando os ataques cheios de corpos mortos, em que se contáráo mais de dez mil dos Mouros, e não mais que sessenta e quatro Christãos, fugirão os mais pelas asperezas da serra de Senabria, onde poucos se salváráo de perecer á fome, e mortes, que a bravura dos Christãos habitantes das montanhaa lhes derao.

## CAPITULO XXVIII.

*Como hum General Moura destruiu a Cidade de Flavia, e depois foi vencido em Galliza por Bernardo.*

Remontou Bernardo com boas cavallos a sua cavallaria, e montou da sua infantaria muita parte, em fórma, que fez o número de oito mil cavallos, os mais delles famosos Andaluzes: e com algumas bandeiras, que voluntarias se lhe juntáráo, prefez o número de outros tantos infantes para a peleija: deixando bem guarnecida Vianna, e nella os prisioneiros, e bagagens, partio em seguimento do outro exercito dos Mouros. Compunha-se este de seis mil cavallos, e vinte e cinco mil infantes, que nos territorios de Vizeo, Lamego, e Traz-os-Montes, que os Mouros tinham já restaurado, se levantáráo por Ali-Alcama, valente Capitaõ do mesmo Imperador de Cordova, que com o nome tinha herdado o valor de seu avò Alcama, aquelle, que capitaneando os primeiros Mouros, no tempo que invadirão Hespanha, seguiu o Rei D. Pelayo até Covadonga. Tinha o Rei D. Affonso Magno conquistado entre outras terras a Cidade de Flavia, antiquissima povoação, que de muitos seculos antes da entrada dos Romanos em Hespanha conser-

vava sua grandeza nas ribeiras Occidentaes do rio Tamega, onde hoje se vê a Villa de Chaves, renascida de suas ruinas; mas a continuacão dos tempos, a distancia da Córte de Oviêdo, e vizinhança dos Mouros, e a jornada de Roncesvalhes tinhaõ deixado taõ importante praça na fronteira do Reino com huma pequena guarniçaõ de nacionaes, quasi sem muros, por ter o perverso Witiza, penultimo Rei dos Godos, mandado demoli-los com os mais de Hespanha.

Ali-Alcama tomou por objecto de sua invasão a conquista de Flavia, que lhe foi bem facil, porque os Christãos, atemorizados á fama do exercito Mouro, (que para metter maior pavor tudo hia queimando) se retiráraõ a salvar seus melhores moveis, e suas mulheres, e filhos no alto da serra do Laroucõ, que para a parte de Galliza em distancia de quatro legoas se lhe avizinha. Conquistou pois Ali-Alcama a Cidade sem resistencia; e picado de lhe fugir das mãos o saque, a que aspirava, vingou nas pedras a concebida ira, mandando arrazar os fracos muros, e queimar as casas, com o que ficou qual outra Troia conhecida pela ruita em seus estendidos campos. Passou Ali-Alcama com seu exercito aquella prolongada campina até a ponte de Villaça, que sobre o rio chamado de Alvarelhos serve de passagem para o valle de Monte-Rei; mas achando presidiada sua torre, se lhe impedio a passagem por algumas bandeiras de Flavieneses, que tinhaõ descido a vingar (se pudessem) os incendios de suas casas: intentou o Mouro ganhar a ponte, mas sempre rechaçado pelo valor dos Christãos em muitos assaltos, que deo, perdendo na mesma ponte muita gente, e sobre o rio aquelles, que se atreviaõ a vadea-lo; e vendo que ainda que ganhasse o passo, seria com grande perda de seu exercito, contramarchou para a parte Occidental, subindo com bastante trabalho até a Villa de Ginzo: não deixá-

raõ os Christãos, como práticos do terreno, de perseguir os Mouros pelo alto das serras, formando muitas emboscadas, e sortidas repentinas; mas o sábio Capitão Mouro caminhou com marcha regular, fazendo observar huma exacta disciplina a seus soldados sempre em fôrma de batalha até chegar ás planicies da Limia.

Marchava Bernardo com seu exercito a grandes jornadas por se encontrar com os Mouros, o que fez confrontando-se com elles em Aguas Santas, perto donde hoje se venera milagroso o Corpo da gloriosa Santa Marianna Virgem, e Martyr. Formáraõ-se os exercitos em batalha, e reparou Bernardo, no modo da disposiçaõ dos Mouros, que tinha de contender com Capitão de experiencia; por essa razão para animar seus soldados, e admoestá-los, que fiados na victoria passada não desprezassem o conflicto presente, lhes disse: — A' vista tendes (valerosos companheiros) hum numeroso exercito de Mouros capitaneados por hum General famoso, e esperto, não vos acobarde a multidão de suas tropas; porém deveis reparar no bem disciplinado dellas; esta circumstancia vos lembre, para que se una a prudencia com o valor: nenhum se adiante, por mais que o espirito o anime; siga cada qual seu official maior. — Mais queria dizer, quando lhe interrompêraõ a prática os alaridos, e gritarias dos Mouros, que com elles deraõ principio á batalha. Deo-se esta por ambas as partes disputada por espaço de quatro horas; e já os Mouros hiaõ perdendo conhecidamente o terreno, quando de repente descêraõ dos montes vizinhos algumas formadas bandeiras de Flavienses, e Gallegos, que a grandes vozes pediaõ vingança, e unindo-se no campo razo, deraõ no exercito Mouro pela retaguarda. Podia este incidente tornar de vencedor vencido hum exercito mais animado, quanto mais aquelle, que por instantes queria já

ceder victoria , e campo ; e causáraõ tal decadencia de animo , e confusaõ os poucos soldados daquellas tropas , que os Mouros se deixavaõ matar sem acordo ; e alguns , que intentavaõ a fugida , eraõ logo mortos a sangue frio pelos Gallegos , e Flavienses , que nesta occasiaõ ficáraõ bem vingados da destruiçaõ de suas casas. Venceo Bernardo a batalha com morte do General Mouro , e de seus principaes Capitães , a quem se não dava quartel ; e com a victoria ficou senhor do campo , em que ainda os Flavienses , e Gallegos do valle de Monte Rei acháraõ muitas de suas fazendas. Foi copioso o despojo para compensar o trabalho , que causou abrir vallas naquella campanha , em que se sepultáraõ mais de vinte e cinco mil Mouros , que nella deixáraõ as vidas. Dos Christãos faltáraõ treze , e os vinte , os feridos foraõ mais em número.

### C A P I T U L O XXIX.

*Como Bernardo venceo em batalha o Rei Mouro de Lamego , que estava sitiando Bragança.*

Não pôde deter-se muito Bernardo a descansar com seu exercito , porque lhe chegou noticia que Ores , Rei de Mérida , marchava pelo Reino de Toledo com hum copioso exercito de Mouros contra o Reino de Leão ; por isso despedindo as tropas Gallegas contentes com os despojos , que lhes repartira , marchou até o valle de Monte-Rei , já sómente com exercito de cavallaria ; por ter montado a infantaria com os cavalios tomados na batalha antecedente. Contava nelle doze mil cavallos , com os quaes a largas jornadas passou á vista das ruinas de Flavia até Bragança , Cidade , que fundada por Brego , quarto Rei de Hespanha , conservou o nome de seu Fundador , para no tempo das delicias de seu fundado Reino de Portugal lhe guardar Real Rama de inclitos Monarcas. Tinha o Rei Mouro de Lamego , associado com alguns Capitães do de Bada-

joz, posto sitio a Bragança, e pretendiaõ ganha-la por assalto, quando lhes chegou a noticia da vizinhança de Bernardo: e como o exercito deste se compunha só de cavallaria, formáraõ esperanças do vencimento, se o atacassem em terra aspera, em que a cavallaria fizesse pouca operaçãõ: para logrem o que meditaõ, deixando o sitio com algumas tropas, que servissem de guardar as bagagens, subiraõ á serra de Nogueira, e no alto della se affrontáraõ furiosamente com a cavallaria de Bernardo, já formada em batalha com as noticias, que suas guardas avançadas lhe tinhaõ dado.

Naõ esperou Bernardo ser acomettido, antes com a espada na maõ mandou avançar contra os Mouros. Sustentaraõ estes os primeiros golpes; porém vendo que perdiaõ gente sem número, principiáraõ a perder a fórma para se guarnecerem dos penhascos, e matos da serra, e podereim mais a seu salvo ferir os Christãos com pedras, e armas de arremesso, como principiáraõ a fazer; mas com a retirada deaõ lugar a que Bernardo, que reconheceo o intento, fizesse desmontar dous mil soldados ligeiramente armados, entregando os cavallos a outros, que pelas rédeas os tivessem de reserva, e unidos em quatro batalhões fez acometer nos penhascos, e matos, os que cuidavaõ em salvar-se, e offender; açãõ, que fez decahir de animo o Rei Mouro, e cortado do medo, para naõ o ser tambem do ferro, fugio precipitadamente pela serra abaixo, seguido de muitos dos seus vassallos, exemplo, que abraçaraõ outros Capitães Mouros. Bernardo, que observou a retirada, desceo da serra, e nos valles das faldas della perseguio os Mouros, até os fazer passar o rio Sabor em varias partes, servindo a muitos suas aguas de perpetua sepultura.

Já na serra naõ appareciaõ inimigos vivos, quando Bernardo mandou que as tropas da reserva, e mais soldados apeados, recolhendo os mortos, e feridos do

seus, descessem para Bragança. Tinha chegado a noticia da derrota aos que guardavaõ as barracas; e lançando fogo ao trem cuidáraõ em salvar as vidas com a fuga; mas foraõ encontrados de algumas partidas de Bernardo, que andavaõ á caça dos Mouros, como se fossem feras, e padeceraõ igual infortunio ao de seus nacionaes padecido na serra. Chegou Bernardo a todo o trote, seguido de algumas tropas, e teve a fortuna de salvar ainda a maior parte dos ricos despojos do inimigo, os quaes repartio pelos vencedores, que foraõ chegando ao campo, dando tambem parte delles aos Brigantinos com o louvor da vigorosa resistencia, que a tanta multidãõ de Mouros tinhaõ feito; e deixando naquella praca os doentes, e feridos para se curarem, recommendou se celebrassem alguns Officios, e suffragios pelos defuntos, que nas batalhas tinhaõ falecido, e se pôz em marcha com o exercito.

### CAPITULO XXX.

*Como Ores, Rei Mouro de Mérida, pôz sitio a Benavente, e foi vencido, e morto em batalha por Bernardo.*

Já tinha o Rei Mouro Ores posto sitio sobre a célebre Villa de Benavente (que nas ribeiras do rio Es-la em Tierra de Campos no Reino de Leão cá antigo titulo aos Chefes da nobilissima familia de Pimentel) com hum exercito de Mouros Estremenhos, em que contava doze mil cavallos, e trinta mil infantes. O Rei de Leão Affonso Casto tinha tumultuariamente juntado dous mil cavallos, e dez mil infantes, e com elles partio em pessoa para Benavente; mas tão pequeno exercito mais podia servir de testemunha do valor, com que os Mouros assaltavaõ a praca, do que de auxiliares della; a tempo porém chegou Bernardo com o seu victorioso exercito, que servisse de salvamento aos afflictos Benaventanos. Não esperou o mesmo Bernardo tempo para formar seus

soldados; porque tendo dado aviso de sua chegada a ElRei seu tio, lhe mandou pedir que tanto que avisasse seus estandartes, acommettesse logo em fórma de batalha os Mouros, para os obrigar a saber das trincheiras: assim o fez ElRei Affonso; e achando Bernardo sem reparo das paliçadas o exercito Mouro, deo sobre elle com a espada na mão, a tempo, que pela parte delRei se lhe fazia vigorosa diversão. Acudia o Rei Mouro a huma, e outra parte, dando as ordens necessarias para a batalha, e animando seus soldados, como valente, e destro Capitaõ; mas topando-se com Bernardo, e sendo deste conhecido pela distincção dos vestidos, foi investido por elle com resolução de acabar com sua morte o duvidoso da victoria, que mais de tres horas havia se disputava. Deo Bernardo tal cutilada no escudo do Rei Mouro, que fazendo-lho em pedaços, lhe levou cerceo o braço esquerdo, posto que bem armado estava, e ainda o ferio em o lado: ficou aturdido o Mouro com a dor; mas ainda com os alentos vitaes tirou hum golpe a Bernardo com tanta furia, que tambem lhe partio o escudo em dous; mas teve a desgraça de que Bernardo ao mesmo tempo lhe segundasse outro golpe sobre o capacete, que lhe cortou, e abrio a cabeça até os dentes, e quasi cahido o levou desenfreado o cavallo pelo meio do exercito. que conhecendo seu Rei morto, desanimados os soldados, se puzeraõ em conhecida fuga, a tempo que Bernardo no meio delles, tendo já embraçado hum escudo, que tirára com a vida a outro Cavalleiro dos principaes Mouros, enchia de terror com seus golpes a quantos o viaõ feito hum ministro da morte. Seguiu-se o alcance do fugitivo exercito, o que durou o dia, morrendo mais Mouros na retirada, do que no campo da batalha; e chegada a noite, recolheu Bernardo o exercito em Villalpando, onde mandou accender hum facho para

norte dos que no seguimento se perdessem. Naquella Villa se deteve o dia seguinte, que foi necessario para se juntarem os seus dispersos soldados; e logo na madrugada do outro partio para Benavente, onde, beijando a mão a ElRei seu tio, foi por elle recebido nos braços com o carinho, que mereciaõ suas gloriosas acções, e serviços tão elevados.

### C A P I T U L O XXXI.

*De alguns progressos, que Bernardo fez contra os Mouros, e venceo em batalha o Alcaide de Toledo.*

O descanso, que Bernardo achou de tantas campanhas, foi a disposiçaõ para outras novas; porque a Benavente, onde se achavaõ, chegou a ElRei noticia, de que Alcama, Rei Mouro de Badajoz, vinha com poderoso exercito contra elle: e porque se julgou mais commodo sustentar a guerra no Paiz dos inimigos, que no proprio, mandou ElRei que Bernardo com dez mil cavallos, e outros tantos infantes marchasse para as partes de Segovia, onde chegaraõ noticias esperava o exercito dos Mouros se lhe juntasse hum soccorro, que lhe mandava o Alcaide, ou Governador do Reino de Toledo. Chegou Bernardo á Villa de Olmedo, conquistando, e destruindo as terras dos Mouros por onde passava, e ahi achou noticia que o Rei de Badajoz marchava pela Estremadura de Leão em direitura á Cidade de Samora; mas que o Alcaide de Toledo vinha com doze mil cavallos, e trinta e cinco mil infantes, mandado pelo Imperador de Cordova para fazer huma diversaõ pela parte de Valhadolid, e Palencia; em quanto Alcama, tomando Samora, investia Benavente, e juntos depois ambos, acabassem de huma vez com o nome Christaõ em Hespanha.

Resolveo-se Bernardo a esperar o Alcaide Tolodano, que já tinha passado os portos de Guadarraman



e entrado na Comarca de Segovia; e como estava em paiz dos inimigos, rodeou seu exercito com linhas de circunvallação, e contravallação, ao uso daquelles tempos, e daquella fórma acampado á vista de Olmedo esperou os Mouros. Vinhaõ estes soberbos na confiança da multidaõ, e a grandes gritos, e alaridos investiraõ as linhas dos Christãos, de quem foraõ bem recebidos em quatro continuos assaltos, que deraõ, com innumeravel perda de gente: vendo Bernardo os Mouros já fatigados, e perdida nelles a primeira furia, sahio das linhas, e formando fóra dellas seu campo, deo com boa ordem sobre os Mouros, que apenas supportáraõ constantes os primeiros golpes, e logo occupados do medo, que lhes causara o valor de Bernardo, e seus soldados, cuidáraõ sómente em salvar as vidas depois de cinco horas de batalha. Seguiu Bernardo o alcance com a cavallaria hum legoa, e se recolheu ao arraial, onde celebrou a victoria. Os Mouros, tendo perdido seu General, (a quem na retirada tinha hum simples soldado Christão tirado a vida) muitos de seus Capitães não se julgáraõ seguros, em quanto não repassáraõ os portos de Guadarrama, deixando no campo, e caminho mais de vinte mil mortos, e para premio dos vencedores toda a bagagem do exercito. Fez Bernardo queimar o que podia servir-lhe de impedimento á jornada; e como precisasse soccorrer a ElRei seu tio, não cuidando no pundonor de sustentar os tres dias o campo da batalha, se pôz em marcha com os feridos, e passando á vista de Medina del Campo se endireitou á Cidade de Samora.

HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
CAPITULO XXXII.

*Como Bernardo venceo em batalha a Alcama, Rei Mouro de Badajoz, que tinha sitiada Samora, e fez levantar o sitio.*

Alcama, Rei de Badajoz, tinha posto apertado sitio á Cidade; mas já em precaução El Rei Affonso Casto se mettêra dentro com tres mil escolhidos soldados, e munições capazes a sustentar dous annos o assedio, e deixára fóra hum corpo valente de dous mil ligeiros cavállos, e em Toro, distante quatro legoas, se sustentava hum exercito de outros dous mil cavállos, e oito mil infantes. Porfiava com effeito Alcama no sitio de Samora, composto de oito mil cavállos, e quarenta mil infantes, quando lhe chegou noticia que Bernardo o procurava. Era Alcama desvanecido, e, por ser pouco versado na campanha, imaginou que sempre o número dos contendores dava a victoria nas batalhas: por essa razão esperou intrepido qualquer acommettimento, sem se valer de linhas, nem paliçadas para segurança de seu exercito. Chegou Bernardo com o seu formado em batalha a affrontar-se com elle; e depois de alguns combates, que igualmente sustentárao de parte a parte, pareceo a Bernardo que seus soldados se achavao fatigados, por entrarem na batalha sem primeiro tomarem descanso; e para enganar o inimigo, deo mostras de querer retirar-se, e com effeito fez algumas contramarchas para ganhar terreno. Ensoberbeceo-se o Mouro, vendo-se ao seu parecer temido, e para que não se lhe fosse de entre as mãos hum victoria, que já contava segura mandou que seu exercito se formasse em hum só linha (constando até este tempo de duas) com intento de circunvallar os Christãos: mostrárao estes sempre querer retirar-se a salvo, até que vendo mais penetraveis as fileiras contrarias, arremetteo Bernardo

ao quartel Real de Alcama, acclamando a grandes vozes: — Victoria, victoria: — o mesmo repetirão quasi todos os do exercito; e ElRei de Leão, que das muralhas da praça estava em alguma afflicção, por ver a retirada, que julgava verdadeira, a acclamou com as mesmas vozes, que retumbavao no campo, e se entoarao na Cidade, e logo solemnizarao com repiques de sinos. Vião os Mouros ainda em tanta dúbida a victoria cantada pelos nossos, como os que se julgavao senhores della; mas na incerteza do successo cuidarao que seu exercito se achava já roto; e foi tal o pavor, que concebêrao, que não procuravao mais que salvar as vidas na retirada, mudando-se esta com a perseguição, e golpes dos Christãos em declarada fuga.

Deixou Alcama repentinamente o sitio, e campo da batalha, cuidando sómente em segurar a vida: esqueceo-se perpetuamente de mais de vinte e dois mil soldados seus, que deixou recommendados aos soldados de Bernardo para lhes darem sepultura, além de muitos, que feridos na batalha, e alcance morrêrao depois; e bizarro pagou a resolução de Bernardo com todo o trem, e bagagens, que no campo tinha, porque não podia reserva-las com a grande pressa, que se deo na retirada; e melhor, quando vio que os Christãos, não contentes com a victoria, e despojos, lhe seguiao o alcance, anciosos de usurpar-lhe tambem a vida, como a muitos de seus officiaes, e soldados faziao. Sahio Affonso Casto da Cidade, e recebeu nos braços a seu sobrinho Bernardo, com o qual se deveve alguns dias solemnizando tantas victorias,

## CAPITULO XXXIII.

*Da entrada, que D. Buesso, Duque Soberano de Guiena, fez em Hespanha, e foi vencido, e morto por Bernardo.*

Dominava os Estados de Guiena, e Gascunha, da outra parte dos Pyreneos, com o titulo de Duque Soberano, (ainda que feudatario ao Imperador) D. Buesso, valente Francez, e vanglorioso Principe. Concebeo este no entendimento vingar a dertota de Roncesvalhes; e para ter effeito sua determinação mandou levantar tropas nos seus domínios; mas deteve o rápido de sua soberba humna perigosa doença, que o teve em humma cama mais de hum anno, porém tanto que della melhorou, não socegou em quanto não vio em Bayona de França junto hum exército de sessenta mil Gascões, tropas escolhidas, em que contava vinte mil cavallos, e quarenta mil infantes. Partio de Bordeaux sua Côte, e pondo-se em marcha contra Hespanha, chegou á fatal passagem dos Pyreneos em Roncesvalhes, onde lhe fantaziou o desejo da vingança, que aquelles penhascos, borrifados com o esclarecido sangue dos Pares, e mais Capitães Francezes, lhe estavaõ a mudas vozes declarando os golpes recebidos por Bernardo, e a perfidia, e traição de Marsilio consummada por Galalon; e jurou de não tornar a seus Estados sem as cabeças dos aggressores: e devendo, tanto que pizou terras de Hespanha, endireitar os passos para Aragaõ a vingar em Marsilio a offensa, (pois só elle o offendeo, porque, sem ser acommittido, se declarou inimigo, e só elle se valeo da perfidia, comprando com dinheiro a traição) seguiu sua estrada a Pamplona, Côte do Rei de Navarra seu confederado, com o intento de o empenhar na guerra contra Affonso Casto: mas o Navarro, além de escusar-se com o pretexto de que sendo Catholi-

co não podia inquietar hum Rei vizinho, que se via por todas as partes accommettido dos Mouros inimigos perpetuos do nome Christão; persuadio com efficacia a D. Buesso, que, deposto o rancor, que contra o Reino de Leão levava, fizessem liga todos tres para na occasião presente expulsar de Hespanha os Mouros, que a affligião: forão porém debalde suas persuasões, porque D. Buesso despedido delle entrou por Castella a Velha, passando o rio Ebro em Logronho, e pôz logo sitio a esta Cidade, que em poucos dias se lhe rendeo.

Logo que D. Affonso teve noticia que D. Buesso partio de Bayona com exercito tão numeroso, mandou a seu sobrinho Bernardo que com as tropas, que julgasse convenientes, lhe sahisse ao encontro para impedir-lhe o passo do Ebro, e entrada em seus Estados; mas não pôde fazer-se a jornada com tanta pressa, que já não estivesse D. Buesso em Orcejon, quando Bernardo se avistou com elle, capitaneando oito mil cavallos, e dezassete mil infantes. Affrontára-se os exercitos de parte a parte, e peleijárao com igual fortuna oito horas, que durou huma porfiada batalha, até que a noite os separou: morrêrao da parte dos Hespanhoes mais de dous mil, e forão feridos em maior número; porém da parte de França excedêrao os mortos mais de dez mil, e feridos tambem em número muito mais excessivo: passárao os Francezes a noite com tanta inquietação de animo, que para evitar D. Buesso a total deserção de seu exercito, lhe foi preciso andar em pessoa fallando a todos os Cabos, e rondar toda a noite as estancias, fazendo guardar o arraial por dobrados piquetes; não pôde porém conseguir de seus soldados, que se aventurassem no seguinte dia a nova disputa: (tanto terror lhe tinhao causado os golpes dos Hespanhoes) pelo que movido de desesperação mandou dizer a Bernardo, que por

evitar a effusão de sangue Christão, e para conservar humas vidas, que melhor se podiaõ empregar dando morte aos vizinhos Mouros, determinava fazer em campo singular batalha, que para elle o desafiava, e nelle o esperava só á vista de ambos os exercitos.

Não era novo em Bernardo contender corpo a corpo em singular conflicto, e por isso gosto o accitou o desafio; e logo posto a cavallo sahio ao campo, onde achou já prompto a D. Buesso: saudaraõ-se reciprocamente, e com mutuas cortezias estiveraõ louvando cada hum o valor do seu contrario; e logo separando-se tomaraõ do campo á sua vontade o necessatio para a carreira: esta commettéraõ hum contra outro a toda a furia dos cavalloõs com as lanças em risete, que não lhe serviraõ mais que para o primeiro accommettimento, porque ambas se fizeraõ em pedaços nos escudos: tiraraõ com igual brio das espadas, e se acommettéraõ furiosos: tropeçou o cavallo de Bernardo, e foi de focinhos a terra, a tempo que já elle tinha saltado ligeiramente dos estribos, e com inaudita promptidaõ arremetteo a desjarretar o cavallo de D. Buesso, e o fez a tempo, que já elle saltava em terra. Investiraõ-se ambos com os escudos embracados, e as espadas nas mãos, e assim se deraõ grandes golpes, que faziaõ impenetraveis as diamantinas armas, principalmente as de D. Buesso, onde se quebrou em dous pedaços a espada de Bernardo. Vendo-se este sem ella, recebeu, e reparou alguns golpes no escudo; e fiado na fortaleza de seus braços, costumados a despedaçar leões, e serpentes, largando o escudo, e parte da espada que ainda sustentava, pegou acceleradamente em D. Buesso, e levantando-o ao ar o lançou em terra, e logo tirando de hum punhal, posto sobre o peito de D. Buesso o joelho esquerdo, lhe deu com tanta furia duas punhaladas por entre as ligaduras das armas, que atravessando-lhe o coração

derão lugar a que a alma sahisse por ellas do corpo: posto Bernardo em pé, tomou hum bellico cordahaz pequeno, de que se servia para os avizos, o qual foi ao mesmo tempo signal para os Francezes da morte de seu General, e para os Hespanhoes da victoria.

D. Froylado, Conde de Carrion, que, como Tenente General de Bernardo, estava diante do exercito observando o fim da batalha, mandou logo a seu General hum cavallo, que prompto tinha, para que montasse; e dando signal ao exercito, mandou que a cavallaria com a espada na mão a todo o trote dos cavallos arremettesse aos Gascões: estavaõ estes tão cortados do ferro, como do medo, augmentado com a morte de seu Principe, e General, que o mesmo mandamento do Conde de Carrion para accommetter, interpretáraõ elles insinuado a si para retirar, e virando caras á retaguarda fugirão declaradamente a buscar em Navarra o refugio para passagem dos Pyreneos; mas como Bernardo quizesse acabar de huma vez com elles, mandou fossem seguidos lentamente por todo o exercito: porque bem advertio que a passagem do Hebro os deteria, como succedeo, e alcançando-os nas ribeiras do mesmo rio, procurando em algumas barcas o transito, fez nelles fatal estrago o ferro; muitos para salvarem as vidas escolhêraõ as aguas por asylo, que a poucos foi favoravel. Este foi o fim, que teve a soberba, e mal ponderada irrupção de D. Buesso, da qual vendo já Bernardo livre Hespanha, dando conta a ElRei seu tio do bom successo, se avisitou com o Rei de Navarra Inigo Arista na Cidade de Tudella, que abi estava com hum exercito de observação (conforme elle publicava) composto de cinco mil cavallos, e quatorze mil infantes.

Depois das primeiras saudações, e cumprimentos, fez Bernardo presente ao Rei de Navarra do corpo de D. Buesso embalsamado, e mettido em hum cai-

naõ primorosamente lavrado, e cuberto de terciopelo negro com bordaduras de brocado, o qual depois o Rei mandou ao Imperador seu alliado, celebrando-se primeiro suas exequias com grande pompa na mesma Cidade de Tudella com assistencia do mesmo Rei de Navarra, e de Bernardo, com os principaes Cabos dos dous exercitos, e funebres descargas de corridos, e anal soantes sinos em lugar da artelharia, que hoje se usa, e naquelle tempo ainda naõ nascera ao mundo.

### CAPITULO XXXIV.

*Como Bernardo alliado com Inigo Arista Rei de Navarra conquistou o Reino de Aragoõ, vencendo quatro batalhas decisivas ao Rei Mouro Marsilio, e matou a este,*

Solemnizadas as exequias de D. Buesso, marchou o Rei de Navarra associado com Bernardo, e ambos os exercitos contra o Reino de Aragoõ, em que reinava o valente Marsilio, de quem acima fizemos menção na de Roncesvalhes: deste Rei Mouro estava queixoso o de Navarra, e Bernardo pouco satisfeito, e já nas vistas de Pamplona tinhaõ determinado contra elle a guerra, que naõ tivera mais cedo effeito pelas occupações de Bernardo acima escritas. Naõ se escondiaõ a Marsilio (como cauteloso Principe) os tratados de Inigo, e Bernardo, e por essa razão, vendo que seu vizinho se armava, cuidou tambem em levantar tropas, principalmente quando vio que D. Buesso passava os Pyreneos, suspeitando quizesse vingar-se da perpetrada traição de Galalon; razões por que ao primeiro movimento dos exercitos Chritãos se pôz o Rei Mouro na testa de vinte mil cavallos, e quarenta e cinco mil infantes, e com elles sahio ao encontro aos alliados, com os quaes se topou em Borja, Cidade já de seu Reino. Investiraõ-se os exercitos com intrepida resolução, como se esperava de taõ grandes Generaes; mas foi preciso cedesse Marsilio ao



valor de dous Martes do seu tempo, perdendo a batalha depois de disputada largas quatro horas: e deixando com o trem, e bagagens no campo mais de dezoito mil mortos, se retirou a refugiar-se na sua Corte de Saragoça, procurando refazer-se desta primeira derrota para novos conflictos.

Marcháraõ os Christãos sobre Saragoça, aonde chegáraõ com dez dias de pequenas jornadas, e lhe puzeraõ sitio; mas Marsilio deixando-a bem presidiada, e por seu Governador hum valente Mouro, chamado Murato, sahio a levantar novas tropas para o despique. Vinte e seis dias havia que os Christãos bloqueavaõ a Cidade, quando se pôz á vista delles Marsilio com hum exercito mais numeroso; porém não teve melhor fortuna que o primeiro, chegando a segunda batalha, que igualmente perdeu, e com ella tambem a Cidade, que immediatamente foi escalada, tanto que Marsilio se retirou vencido. Feitos os alliados senhores da Cidade, a entregáraõ a Aznar, ou Arnal, sobrinho de Inigo Arista, e filho de Eudon Magno, Mordomo-Mór, que tinha sido do Imperador Carlos Magno, com presidio sufficiente para sua defenza; e passando o rio Hebro em seguimento de Marsilio, o encontráraõ no territorio da Cidade de Huesca (famosa, e a mais antiga Universidade de Hespanha) que caminhava com tumultuario exercito a dar-lhe batalha: foi esta tambem bastantemente disputada; mas ganhando-a os alliados, tornou Marsilio na retirada a salvar a vida. Seguitaõ os Christãos ao fugitivo Rei Mouro, para lhe não darem lugar a que se refizesse: não lhes succedeo porém como imagináraõ; porque o Alcaide de Lérida tinha levantado hum exercito de mais de quarenta mil Mouros nos Estados de Catalunha, e Reino de Valença, e com elle veio soccorrer a Marsilio seu Soberano, a quem se unio entre Monçon, e Balbastro, ribeiras do rio Cinza; não seria muito facil aos al-

hados desembaraçar-se desta quarta batalha, porque constava o exercito dos Mouros de mais de setenta mil combatentes, se não fossem ajudados por D. Garcia de Sobarbe, que de entre as brenhas dos Pyreneos, onde conservava seu pequeno dominio, sahio com tres mil soldados, práticos do terreno, e do modo de pelejar com os Mouros daquellas partes, com os quaes tinha continuadas escaramuças. Unidos os tres Principes Christãos, deraõ taõ fortemente sobre o exercito Mouro, que a poucas horas de combate o destrocáraõ, tendo seu Rei Marsilio o infortunio de se topar com Bernardo na batalha, para lhe entregar a vida nos fios de sua espada.

### CAPITULO XXXV.

*Como Bernardo vence em batalha a Erif-Atan Mouro, General do Imperador de Cordova.*

Ricos da fama, e gloria Inigo Arista, e Bernardo, partiraõ para seus Reinos, deixando a D. Garcia, que governasse o conquistado do Hebro até os Pyreneos, e a Arnal (genro que era do mesmo D. Garcia) do mesmo rio até ás raias do Reino de Toledo, e serras de Albarrazin, e Cuenca; e retirando-se para Pamplona sua Côte o Rei de Navarra, foi Bernardo para Oviedo, onde o recebeu El Rei seu tio com algum desabrimento, por se unir com o Rei de Navarra sem sua determinação. Como a boa fortuna sempre foi objecto da inveja, muito mais alcançada por merecimentos de acções inimitaveis, tinha a de Bernardo gerado nos Cortezãos do Rei de Leão hum odio contra o mesmo Bernardo, que não ousavaõ declarar: mas sempre os estimulava para o malquistar com El Rei, como tinhaõ feito em sua ausencia, dizendo; que de seu poder ninguem estava no Reino seguro, e que aspirava a Soberano, no que já se ensaiara quando, sem consultar El Rei, e seu Conselho, contrahi-

as alianças com Principes estrangeiros e estas costumad  
ser as pagas dos mais vultuosos serviços.

Retirou-se pouco satisfeito do desabrimento del-  
Rei para Aviles Bernardo a descansar das passadas cam-  
panhas, onde estava, quando lhe chegou recado de  
ElRei seu tio, que a Côrte o chamava: obedeceo lo-  
go, e chegando a Oviedo lhe ordenou Affonso Casto  
que partisse á Cidade de Leão, e ahi levantasse ex-  
ercito, com que fosse a Galliza socegar huma rebel-  
lião, e castigar os authors della. Por morte de Oros,  
Rei de Mérida (de quem já acima contámos a der-  
rota, que padeceo em Benavente) ficou hum filho por  
nome Mahoma: quiz este com as armas recuperar o  
throno de seu Pai; porque Abderrahmen, Imperador  
dos Mouros em Hespanha, successor na Corôa a seu  
defunto Pai Ali-Atan, unio á sua Monarquia, e Es-  
tados o Reino do defunto Oros pelo direito de rever-  
saõ, por ser o mesmo Reino, como os mais de Hes-  
panha, feudatario ao dito Imperador: para Mahoma  
conseguir a recuperaçã da Corôa, a que aspirava, se  
declarou vassallo dos Reis de Leão, obrigando-os com  
hum annual feudo a que lhe ministrassem soccorros:  
porém como os poderosos não esperem tempo para  
a vingança, se a tem prompta, mandou Abderraha-  
men hum grande exercito contra Mahoma, antes que  
pudesse ser protegido por ElRei de Leão; e atacan-  
do-o na campanha, foi nella vencido o pertenso Rei  
que apenas pôde com a fuga salvar a vida nos Esta-  
dos de Leão, em companhia de muitos Cavalleiros  
principaes de sua desfeita Côrte. Foi em Oviedo bem  
recebido de Affonso Casto, que para sua subsisten-  
cia lhe deo em Galliza os valles de Monte-Rei, Sa-  
las, e Frieiras, com obrigaçã de fazer habitaçõ pelos  
seus lugares desertos, e cultivar as terras incul-  
tas, e de seguir a Ley Catholica Romana, a que pou-  
co a pouco nãa reduzindo seus vassallos. Então dia

toma com muitos Mouros refugiados no valle de Monte-Rei: e como sempre no coração fosse verdadeiro Mouro, e fingido Christão, e não perdesse a perfidia, que como tal lhe era natural, tratou por vias occultas de se congraçar com o Imperador Abderrahmen, promettendo-lhe conquistar o Reino de Galliza, se o ajudava com tropas, que podião pouco a pouco ir-se juntar com elle, com o pretexto de mal contentes de seu Soberano: assim como se premeditou, se fez; porque antes de hum anno já Mahoma se achava com mais de cem mil Mouros, com os quaes á descoberta se rebellou contra o Rei de Leão, proclamando-se Rei de Galliza, pondo sua Côrte em Monte-Rei, que delle tomou o nome, fundando aquella fortaleza para reparo de qualquer invasão dos Christãos. Esta foi a causa do levantamento de Mahoma, e tambem porque ElRei de Leão mandou a seu sobrinho partir com o exercito para Galliza.

Pedia a necessidade, e progressos, que Mahoma fazia contra os Christãos, hum remedio promptissimo; e como se precisasse tambem de grande exercito; mandou Bernardo levantar bandeiras nas Cidades de Astorga, Benavente, Samora, Miranda, e Bragança, com ordem, que o seguissem, assim como se fossem alistando: e elle com quatro mil cavallos, e dez mil infantes marchou a grandes jornadas até Lobian, lugar no territorio da Puebla de Sanabria, onde se lhe juntaraõ outros dez mil infantes de Astorga, Samora, e Benavente: e em Vianna de Bolo selhe juntaraõ tres mil de Bragança, e Miraada. Com exercito taõ desigual e muito mais por ser composto de soldados bisnuhos, chegou Bernardo a Frieiras, onde o esperava Erif-Atan Tenente General daquella empreza, com quarenta mil Mouros: affrontou-se com elle Bernardo, e dentro de duas horas de poifiado combate chegou a derrotar os Mouros; e seu General Erif,

que vio batalhada a fórma de suas linhas, se julgou perdido, mas segurou a vida na fuga; e como esta seja mais facil de imitar, que a resistencia, achou mais de vinte mil no seu exercito, que o seguirão, passando a serra, que corre do Cabreiro para Castrello: não puderaõ seguir o exemplo de seu General mais de dezassete mil Mouros; porque os Christãos, que a niinguem davaõ quartel, os obrigaraõ a ficar mortos naquelles valles, e montanhas, em castigo de sua temeridade.

### CAPITULO XXXVI.

*Da grande victoria, que Bernardo alcançou de Mahoma; e livrou o Reino de Galliza da oppressão dos Mouros, com morte do mesmo Mahoma.*

Não esperou Bernardo sobre o campo da batalha mais que o resto do dia, para tomar descanso, e cuidar dos feridos: e logo ao seguinte marchou com seu exercito até o alto da serra, donde avistou aquella planicie, que por espaço de seis legoas grandes se estende de Norte a Sul das faldãs da serra de Sana brja, onde o rio Tamega toma socegado caminho em Galliza, até o monte da Conceição em terra de Chaves de Portugal. Algum receio teve Bernardo em descer a serra, porque na planicie podia facilmente ser vencido por huns soldados costumados a militar nos campos de Guadiana; quando os Christãos sómente costumavaõ viver nas montanhas; mas instigado das vozes de seus soldados, que lhe pediaõ os levasse aos inimigos, baixou com boa conducta a serra, e já na campina formou seu exercito. Tiuha Mahoma mandado a Erif, que com seus fugitivos, e outros mais, que lhe deo, em número todos de trinta e cinco mil, se postasse na faldã da serra no sitio, em que hoje estaõ as Villas de Mouraços, e Tamaguellos, da parte Oriental das ribeiras do Tamega, e ficou o mesmo

Mahoma com o hum copioso exercito de sessenta mil Mouros formado em batallias na Beira; que hoje cobria a mão de Paços, do rio, com bater de S. Lazaro de Verim até ás ribeiras do rio de Alvarelhos, servindo-lhe de linha de contravallação pela vanguarda, e do lado esquerdo o rio Tamega, e pelo direito o de Alvarelhos, até onde se mette no Tamega, ficando-lhe na retaguarda a costa, e monte, onde está a capital praça de Monte-Rei.

Parecia a Bernardo temeridade grande acommetter o inimigo em sitio tão forte, e muito mais quando o excedia em mais de dobro o número dos combatentes: mas por não esfriar o ardor, com que estava seus soldados entumecidos da passada victoria, se avançou contra o exercito dos Mouros com huma intrepida resolução, dizendo sómente a seus soldados: — Se todos me seguirem, já a victoria he nossa. — Resistio Mahoma, quanto pôde, á passagem do Tamega, que ainda não tinha a ponte, nem Villa de Verim fundada, e sobre as aguas foi a maior disputa, mas foraõ tantos os Mouros mortos, que serviram de ponte, sobre que os soldados Christãos passaram a pé enxuto: vencida a passagem do rio, se turbou de tal fórma o exercito dos Mouros, que não houve hum só, que se atrevesse a esperar na planicie: todos investirão á costa, para se salvarem na montanha; e nem a cavallaria se animou a fazer cara, sendo em número de mais de dez mil os contendores. Com esta confusão entraraõ os Christãos a matar a ferro frio, sem perdoar a vida alguma: e ainda os mesmos Mouros se matavaõ huns aos outros, sobre qual havia de subir primeiro o monte. Animava Mahoma os seus á que tornassem a virar caras, fazendo-lhes facil a victoria, e em quanto andava combatendo entre elles, se topou com Bernardo, que o tirou do trabalho, dando-lhe hum golpe com a espada sobre a

cabeça, que lhe partio ametade com o capacete, e tudo; e logo sem vida cahio sobre o arção dianteiro: o cavallo foi correndo desenfreado por entre os Mouros, fazendo-lhes certo estar já sem vida seu intruso Rei: á vista do que alguns, que já tornavaõ a refazer-se, desmaiáraõ totalmente, e quizerãõ iterar a fúgida; mas foi fóra de tempo, porque os Christãos se tinhaõ apoderado dos passos, por onde ella lhes era mais facil, e ficáraõ os tristes Mouros victimas do furor Christão, padecendo tal matança, que cobgáraõ os mortos a cincoenta mil. Acabou-se a mortandade com o dia, encobriendo a noite com seu negro manto alguns poucos, que escapáraõ da morte no campo; muitos porém perdéraõ ainda as vidas ás mãos dos montañezes Christãos daquelles contornos, e alguns se refugiáraõ no exercito de Eriç.

— Este, que tinha sido mandado postar de reserya, ou para dar na retaguarda dos Christãos, se não atreveo a executar-lo, considerando o valor, de que estavaõ armados, e favorecido da noite contramarchou pelas ribeiras até Portugal; mas não tanto a seu tempo, e salvo, que não tolerasse, como tolerou, varios choques, e sortidas, que os Flavienses unidos em tropas a modo de caçadores lhe davaõ, sabindo sobre elle dos cabeços dos montes, por onde caminhava: com tudo foi com muito trabalho, e necessidades marchando até o rio Douro, onde foi transportado a Lainego a amparar-se do Rei daquella Cidade, que era vassallo do Imperador seu amo: de tão numeroso exercito não appareceo em Cordova com mais de doze mil homens rotos, e descalços, que os mais lhe consumio o trabalho, fomes, e as armas dos Flavienses nas montanhas; tal proveito tirou o Imperador Mouro de expedição tão grande.

## CAPITULO XXXVII.

*Como Bernardo não pôde alcançar a liberdade de seu Pai, e se desnaturalizou de vassallo dos Reis de Leão, fazendo seu assento no Castello del Carpio, donde tomou o appellido.*

Bernardo, depois de compôr as cousas de Galliza, partio para Oviedo despedindo os soldados da Villa de Monforte de Lemos para suas casas; ricos de gloria, e despojôs, e contentes de tão bem acertada conducta. Achou a ElRei seu tio gravemente enfermo, e sem esperança de melhora; pediu-lhe Bernardo por unica satisfação de seus grandes serviços lhe mandasse entregar seu Pai o Conde de Saldanha, que ainda conservava em prizaõ; mas não parecêraõ condignos serviços taes para se comparar com a cólera, e paixão de Affonso Casto, nem a este lhe pareceo mereciaõ a liberdade de hum homem, que lhe tinha offendido o crédito: e ainda que a Rainha D. Berta intercedeo pelo Conde, apoiando com instancias a petiçaõ de Bernardo, não teve este outro despacho mais que huma total escusa. Morreo em fin Affonso Casto, nomeando para lhe succeder na Corõa seu sobrinho Ramiro, filho do Rei D. Bernudo, Diácono, seu irmão; e Bernardo, depois de assistir á acclamaçaõ do novo Rei, e beijar-lhe a maõ, partio para Saldanha, onde se deteve dous mezes, chorando a desgraça do Conde seu Pai, e a pouca fortuna de não poder alcançar sciencia certa do lugar de sua prizaõ, que o Rei defunto não quiz descobrir passando-lhe o odio além da morte.

Veio Bernardo á Côrte, e entrou com ElRei Ramiro seu primo na pertençaõ de alcançar o que se lhe negára no Reinado antecedente; mas como este novo Rei se deixasse governar pelos Cortezãos, estes o persuadiraõ a que nunca consentisse na soltura do



Conde de Saldanha, dando por escusa não se saber lugar certo de sua prizaõ. Exasperou-se Bernardo em tal fórma com esta negativa, que ficou com alguma variedade de juizo; e sem ponderar o que fazia, se desnaturalisou do Reino de Leão, tirando-se de vassallo de seu Rei: accitou Ramiro mal aconselhado o desnaturalisamento de Bernardo; e este com alguns Cavalleiros de sua casa, e outros mais, que o seguirão em seu destino, por número trezentos e trinta e quatro, despedido de seus parentes, e amigos, partito da Côte, e chegando a entrar em terra de Mouros, passando ao territorio de Medina del Campo, observou que o Castello del Carpio era muito accomodado para d'elle exercitar sua vingança; e para ter effeito, mandou dizer ao Alcaide Mouro, que Bernardo, General do Rei de Leão, necessitava daquelle Castello para a sua assistencia: que pedía lho cedesse, e se retirasse, se não queria experimentar sua indignação. Sahio logo o Alcaide, e com as devidas ceremonias entregou a Bernardo as chaves do Castello (tanto valia seu nome, que ouvido rendia sem mais armas as praças) e entre mutuos cumprimentos, e reciprocas cortezias se despedio, e com seus soldados partio para Toledo. Entrou Bernardo no Castello, que nos tempos successivos lhe deo o appellido, e nelle achou bastantes provimentos; e como o fim da sua retirada fosse a tomar vingança da tyrannia dos Reis de Leão, mandou logo intimar aos Governadores de Salamanca, Zamora, Toro, Valhadolid, que a sem ração da Côte de Oviedo o obrigava a declarar guerra contra seu Rei; que assim a declarava a elles Governadores, para que estivessem na certeza de que havia de fazer naquellas Comarcas todas as hostilidades, que lhe parecesse, e assim o tivessem entendido para cuidarem em defender-se.

*De algamas cavalgadas, que Bernardo fez em terras do Rei de Leão, e de como os soldados deste não quizerão pelejar contra elle.*

Sahio Bernardo del Carpio a correr aquelles campos, em que executou muitas hostilidades até junto ás portas de Salamanca: todos os dias se lhe juntavao tropas, que á fama de suas grandes acções querião huns ser companheiros dellas; outros procuravao enriquecer com os despojos, e saques dos povos, em que a ira de Bernardo se exercitou por tempo de hum anno. Chegavao as queixas das destruições daquellas Comarcas todos os dias á Côrte, e faziao huma grande impressaõ no animo delRei, e de alguns bem intencionados; porém mais exasperada a inveja dos Conselheiros inimigos do Conde de Saldanha, e de seu filho Bernardo, incitavao a ElRei remediasse com a força aquelles disturbios, sem embargo de elle se inclinar á melhor parte, que era dar a Bernardo seu desejado Pai. Armou-se hum exercito de dous mil cavallos, e doze mil infantes, e com elles sahio por General o Conde de Pernia D. Munio Ordones a encontrar-se com Bernardo: topárao-se entre as Villas de Rueda, e Tordesilhas, capitaneando Bernardo somente seiscentos cavallos, e mil infantes. Deo o Conde de Pernia signal para seus soldados accometterem os de Bernardo, que em fórma de batalha os esperavao: mas elles com huma repentina resoluçaõ puzerao no chaõ as armas, e a grandes vozes publicárao que não pelejavao contra hum General taõ famoso, allegando que no conflicto não saberiaõ distinguir as bandeiras; pois como as de ambos os campos tivessem por divisa hum Leão, não era justo que pelejassem Leões contra Leões. Não foi possivel ao Conde, e a outros Cabos reduzir os soldados á peleija;

antes todos a altas vozes diziaõ: — Entregue ElRei o Conde de Saldanha a seu filho, e se acaba a guerra. — Bernardo, que vio a renitencia dos soldados contrarios, mandou logo dizer ao Conde de Pernia, que antes de outra cousa compuzesse por boas palavras os soldados amotinados, e se retirasse á Corte, se não queria experimentar as terriveis consequencias de huma total rebelliao, que já via.

### C A P I T U L O XXXIX.

*Como Bernardo pôz sitio a Penharanda, venceo o Alcaide de Toledo em batalha, e conquistou outras muitas praças dos Mouros.*

Tomou o Conde de Pernia o parecer de Bernardo, e levantou o campo; depois de reprehender asperamente a desobediencia de seus soldados; se retirou com alguns poucos, que o quizerão seguir para a Corte, onde deo parte a ElRei do que lhe succedera. Os mais soldados, e muitos Cabos, que no exercito ficáraõ, acclamáraõ por seu General a Bernardo del Carpio, pedindo-lhe se servisse delles, como fez. E vendo-se com exercito tão luzido á sua ordem, e de que não devia dar conta a outrem, concebeo no animo deixar a guerra, que fazia até aquelle tempo contra Christãos, e voltando-a contra os Mouros, conquistar algumas terras vizinhas. Foi o primeiro objecto de sua resolucao a Villa de Penharanda, célebre, e que já foi cabeça de Ducado, na Estremadura de Leão; e por ser naquelle tempo praça fronteira, a presidiavaõ os Mouros com seis mil soldados. Chegou Bernardo a formar o sitio, e lhe custou dezoito dias tolerar a resistencia dos valentes Mouros, favoreados por hum exercito de cinco mil cavallos, e dezasseis mil infantes, com que o Alcaide de Toledo corria o campo, pertendendo introduzir soccorro na praça. Muitos foraõ os choques entre o Alcaide, e Bernardo, sem

pre com vantagem da parte deste; até que hum dia se empenharaõ tanto, que foi preciso envolver todo o exercito, declarando-se batalha decisiva, o que principiára choque. Bernardo, por não perder a posse de vencedor, trabalhou em a sustentar com a victoria, que se declarou por elle com a fugida do Alcaide de Toledo, e outros, que tiveraõ a fortuna de o seguir, deixando o campo, e nelle mais de doze mil mortos. Foi premio desta victoria, além do despojo, e trem do vencido exercito, o rendimento da praça de Penharanda, que sem esperar mais persuasões se entregou ao vencedor.

Deixando Bernardo bom presidio em Penharanda, passou a guerra até Avila, Cidade antiquissima de Hespanha que se achava com hum sufficiente presidio de Mouros; mas tanto que Bernardo assentou o arraial, logo o Alcaide sahio a entregar-lhe as chaves da Cidade, da qual Bernardo tomou posse, deixando sair os Mouros sem damno. Presidiada Avila, passou á Cidade de Sepulveda, que na mesma fórma se rendeo, capitulando a segurança do presidio até os portos de Guadarrama. Determinava Bernardo partir para Segovia, importantissima praça dos Mouros; mas estes nem o quizerãõ ver armado contra sua Cidade, mandando-lhe logo seu Alcaide as chaves della; e quando chegou com seu exercito para tomar posse da praça, a achou em huma total solidão, desamparada do presidio, e habitadores. Seguirãõ o exemplo destas praças outras de menor condiçãõ, como eraõ Cuelhar, Pedraça, Nieva, Olmedo, e Arevalo. A causa, por que estas praças se renderãõ, sem esperar serem acomettidas, foi, além da fama do valor de Bernardo, estarem com presidios compostos de tropas milicianas (que he o mesmo, que os de auxiliares no nosso Reino) em razãõ de ter tirado o Alcaide de Toledo os presidios para soccorrer Penharanda; e co-

mo perdeu a batalha, não pararam os soldados vencidos até passarem os portos de Guadarrama para o Reino de Toledo: tanto lhes doia as feridas, que as espadas Christãs lhes fizeraõ, e a tanto os obrigou o pavor concebido do nome de Bernardo del Carpio.

## CAPITULO XL

*Como Bernardo seguiu a guerra contra os Mouros, e conquistou a Cidade de Rodrigo, e no assalto esteve quasi morto.*

Guarnecidas aquellas praças, deo Bernardo volta ao Castello del Carpio, deixando por Capitão General do paiz conquistado, com residencia em Segovia, a hum valente Cavalleiro, chamado D. Ordonho Ossorio seu parente; e depois de estar descansando dous mezes com os soldados, sahio daquelle Castello, deixando nelle por Governador, e Fronteiro a Suer Tello, Senhor de Menezes em Asturias, Cavalleiro nobilissimo por nascimento, e valente por armas. Constatava o exercito de Bernardo de seis mil cavallos, e dez mil infantes; e pudera ser maior em número, se quizesse listar os soldados, que se lhe offerenciaõ; mas como o valor consiste no vencimento, e não na multidão, mandou para os presidios aquelles novos, e bizonhos soldados para se irem disciplinando na milicia com o exercicio della. Foi primeira empreza desta campanha a Cidade de Rodrigo, que se conservava com huma guarnição de dez mil Mouros, como praça fronteira do Rei de Badajoz: assentou Bernardo o arraial junto á Cidade, e a principiou a bater com os arietes, ou vaivens, e outras maquinas, que naquelles tempos se usavaõ; chegou a fazer arrumar as escadas aos muros: e sendo dos primeiros, que subiraõ, (que seu orgulhoso valor não lhe dava lugar a contentar-se com a disposição) teve o infortunio de que huma grande pedra arrojada do muro lhe dêsse com tanta vio-

lencia na cabeça, que abatido o capacete, ficou bastante ferido, e quasi sem sentidos cahio da escada abaixo. Accrescentando-se-lhe o desacôrdo com a queda, poderia ser este incidente causa de se perder a empreza, se D. Alonso Nunes, senhor da Torre de Gusman, valente Cavalleiro, e nobilissimo Fidalgo, não gritasse a altas vozes: — Victoria, victoria, que he ganhada a praça: — infundirão os ecos destas palavras contrários effeitos nos Mouros, e Christãos: se nestes animo para montar o muro, naquelles desmaio para largarem a defensa; e quando Bernardo acordou do parocismo, viu que os seus hjaõ de vencida: e pezaroso de não ser elle o primeiro instrumento da victoria, mal convalescido se levantou, e foi ao lugar do conflicto animar os soldados, e com effeito montou tambem com a espada na mão o muro. Entrada a praça, foi sua guarnição, e habitantes passados á espada, sem excepção de sexo, e pessoa, para castigo do primeiro contratempo de Bernardo, e terror dos mais, que se atrevessem a resistir. Perdeo Bernardo de seus soldados no assalto da praça seiscentos e quatorze, e estes dos mais arriscados, ficando feridos muitos mais em número; o que o incitou de tal forma á vingança, que passou furiosa contra o insensível, mandando queimar as casas, e arrazar os muros, e julgou engano sustentar a guerra com as conquistas de praças, que lhe gastavaõ gente nos assaltos, e presidios, escolhendo por mais acertado continuar a guerra na campanha: mandou levar os doentes, e feridos para Penharanda com a escolta de quinhentos cavallos: e elle com o resto do exercito se pôz em marcha em direitura a Badajoz.

## CAPITULO XLII.

Como Bernardo venceu hum valente Mouro, chamado Dubdú, Alcaide de Placencia; e em segunda batalha ao mesmo, e no Alcaide de Toledo.

No porto de Torna las Vaccas, o esperava para disputar-lhe o passo hum valente Mouro, chamado Dubdú, Alcaide de Placencia, com seis mil cavallos, e vinte mil infantes. Teve Bernardo por offensa o embaraço, e acommettendo o exercito Mouro, ganhou a passagem, disputada seis horas, com morte de mais de quinze mil Mouros, e fugida dos mais com seu General. Esteve Bernardo os tres dias do estylo sustentando o campo; e passados elles, marchou em seguimento de Dubdú, para lhe dar segunda derrota, antes que se juntasse com o Alcaide de Toledo, vencido em Penharanda, que com cinco mil cavallos, e vinte e cinco mil infantes vinha em seu soccorro.

Junto a Quacos se achavaõ já unidos os dous exercitos, em que hoje se acha o Convento de S. Jeronymo de Yuste, (célebre pelo recolhimento, e morte do Imperador Carlos V.) Deo-se batalha entre os Mouros, e Christãos; e como muitos feridos em Penharanda, e Torna las Vaccas experimentassem serem ainda os golpes de Bernardo, e seus valerosos soldados os mesmos, que já tinhaõ soffrido, se puzeraõ em desordenada fugida, dando exemplo aos mais: foi maior a derrota no alcance, do que tinha sido no campo, ficando nelle mortos mais de vinte mil Mouros, entrando tambem os mortos no alcance, sendo dos primeiros o valente Dubdú, Alcaide de Placencia, quando o Alcaide de Toledo logrou segunda vez a fortuna de salvar a vida na retirada.

Posto em marcha Bernardo com seu exercito, passou o Tejo em Almaraz, tendo a gloria de ser elle o primeiro Capitão Christão, que depois da invasão

dos Mouros succedida havia mais de cem annos, chegou armado ás suas ribeiras: passou a Cáceres (notavel povoação da Estremadura de Castella) e ahí achou que Alcama, Rei de Badajoz, o esperava com dez mil cavallos, e quarenta mil infantes: não duvidou Bernardo acometer intrepido tão grande chusma; e seus soldados, seguindo o valor do Capitão, parecêraõ aos Mouros leões famintos, que das serras do Atlante descião a despedaçá-los: tal matança fizerão nos pusillanimes Mouros, que em quatro horas de combate se achava o campo cuberto de corpos mortos, cujo número se achou depois por rezenha passar de trinta mil. Eraõ soldados bizonhos os Mouros, mas ficáraõ desta vez bem disciplinados; e se Alcama com a cavallaria não tomasse o caminho de Badajoz á redea solta, talvez se esquecesse da vida, como fez do credito: mas não fazendo caso deste, nem da victoria, e menos da fazenda, tudo deixou aos vencedores. Contentes de salvar as vidas leváraõ porém seus fugitivos soldados bem que curar nas recebidas feridas; e se Bernardo tivesse exercito capaz de fazer hum sitio, qual Badajoz requeria, certamente se faria senhor daquella capital, e com ella de todo o Reino: porque o medo de Alcama, e seus Capitães, eraõ materia apta para se introduzir em maiores empresas. Festejou Bernardo quinze dias continuos no campo da victoria fortuna tão grande, mais estimada por ser o vencimento de hum Soberano; e todo este tempo lhe foi preciso para curar os seus feridos, e fazer enterrar todos os mortos.



## CAPITULO XLII

De huma grande batalha, que venceu Bernardo ao soberbo Imperador dos Mouros Abderrahamen sobre o rio Guadiana.

Abderrahamen, Imperador dos Mouros, que ao principio fizera pouca conta das victorias de Bernardo del Carpio, julgando-as como de hum foragido sem subsistencia, principiou a recear a destruição de seu Imperio, vendo já tão entrado nelle hum inimigo tão valente, e afortunado; e para ver se acabava de huma vez, com elle, mandou convocar suas tropas, e com ellas sahio de Cordova, sua Côrte, recebendo pelo caminho as bandeiras, que se lhe juntavaõ.

Tanta era a soberba deste Imperador Mouro, que no mesmo tempo, que temia a fortuna, e valor de Bernardo, quiz mostrar ao público que de tal não fazia caso; e chegando as margens meridionaes do rio Guadiana, mandou formar o acampamento de seu exercito, em que contava vinte e cinco mil cavallos, e infantaria sem número; pois dizem que excedia o número de duzentos mil homens, incrível, mas possível computo: e chamando á sua Imperial tenda do campo os seus Cabos maiores, lhes disse estas soberbas palavras: — O desejo de me divertir em huma caçada nestes bosques, e ao mesmo tempo em huma pesca neste rio, me obrigou a convocar-vos para me assistirdes a este divertimento, mandando seguir-me por esses poucos criados, que me sirvaõ de monteiros, e pescadores; dizem-me porém que dessa banda contraria do rio anda hum salteador Christão, foragido da Côrte do chamado Rei de Leão, que louco se atreveo a entrar com armas em meus invenciveis dominios: dizem que para sustentar-se, e á companhia de bandoleiros, que consigo tráz, dos trabalhos de meus vassallos Estremenhos: não me per-

suadi ao principio que houvesse quem a tal se atrevesse; mas agora que vejo sua tropa, que he aquella, que vós estais vendo, creio que ainda ha insensatos no mundo. Pela manhã determino dar principio á minha caçada, e pescas geraes; vós fareis estar promptos todos esses monteitos para bater o mato, e tambem lançareis sobre o rio essa ponte de barcas, que ahi está fabricada, servindo as mais, que estão de vago, para se encherem de gente, que passe de huma a outra ribeira: e porque será factivel que a loucura desse tolete Christão se atreva a chegar-se a espantar-me a caça, ou a pesca, já que outra cousa não pôde fazer, vos dou licença para que amarrado de pés, e mãos, o sepulteis nas aguas desse rio para refrescar o calor, que na cabeça lhe formenta tão aéreos fumos: deixareis porém ir livres seus miseraveis companheiros, que não he bem que na presença de hum Imperador de Cordova se castigue gente tão vil. —

No seguinte dia se principiou a lançar sobre o rio a ponte de barcas, e amanhecêrao as mais cheias de tropas, vogando para tomar pé em terra da parte opposta: nella se achava postado Bernardo del Carpio com quatro mil cavallos, e oito mil infantes: (que a tão pequeno número tinhao as passadas emprezas reduzido seu exercito) e para não dar lugar a que o Imperador passando o rio estendesse seu exercito naquella dilatada campina, pois assim suffocaria com a multidão o valor de seus soldados, se resolveo a disputar-lhe a passagem sobre o rio: apenas abordavao as barcas á contraria ribeira, e saltavao os soldados em terra, achavao logo o recebimento nas lanças dos Christãos. Animavao os Cabos com ameaças, e promettimentos a seus soldados: mas nem assim logravao a fortuna de se formar em modo de resistir. Não pôde impedir Bernardo que a ponte levadiça se acabasse, por mais que algumas vezes lhe cortasse as amar-

ras, e destruiu muitas das barcas, afogando-se innumeravel cavallaria, que temerariamente se arrojava a passar; e firmada bem a ponte, foi sustentada por hum grande corpo de tropas regulares; mas nenhum progresso faziaõ; porque Bernardo com os melhores de seus soldados naquelle sitio fazia o esforço da contenda, obrigando a retróceder seus desapiedados golpes os mais arriscados Mouros com tanta mortandade, que se não fosse rápida a corrente daquelle grande rio, poderia já o Imperador Mouro fazer a passagem sobre larga ponte dos corpos mortos de seus soldados.

Continuavaõ os mandatos do Soberano, ameaçando com huma espada núa os que recusavaõ passar a ponte; porém se a milhares a passavaõ seus soldados, a milhares multiplicavaõ as victorias do furor Christaõ. Durou esta primeira disputa mais de oito horas, sem que fizessem os Christãos outra cousa mais que matar Mouros, em tal fórma, que já visivelmente se conhecia muita falta naquelle grande exercito, e os Mouros cortados, mais do medo, que do ferro, principiaraõ a recusar a passagem, desobedecendo aos mandatos do mesmo Imperador: impaciente este de ver abatida sua grandeza, andava pelo campo como furioso, incitando os duvidosos á peleija, castigando em alguns a desobediencia com a morte, que irado lhes dava. Pôde Bernardo seguir sobre a ponte os inimigos, ganhando-a palmo a palmo; e posto que se aventurou a muito na passagem, o furor de sua valentia lhe facilitou a resolução, que seus soldados acompanharaõ: crescia o número dos Mouros, que se oppunhaõ, e no rio o dos corpos mortos, até que Bernardo firmou pé em terra na margem meridional do rio; e formando hum batalhaõ de infantaria, foi dando sobre os medrosos Mouros, e deo lugar a que a maior parte de sua cavallaria passasse tambem sem opposi-

ção ficando o resto da outra banda impedindo o desembarque: acháraõ as espadas dos Christãos cansados, e desmaiados os pobres Mouros, que já nem podião levantar os braços, e fizeraõ nelles tal destruição, que não punhaõ já os pés em terra firme, e sómente sobre corpos mortos.

Chegou a noite, e com ella se pôz fim á peleja; porque os Mouros, tanto que viraõ que seu Monarca não os via fugir, se puzeraõ em precipitada fuga á redea solta, e ainda os infantes largaraõ o campo, sendo precisado Abderrahamen a retirar-se na mesma noite, a todo o trote de cavallo, ribeiras do rio abaixo até Mérida, passando o rio para a Cidade, que, por forte, e presidiada com mais de vinte mil escolhidos soldados, julgou seguro a ylo de hum vencido. Tal fim teve a sua divertida caça: se vinha a correr as féras, foi dellas corrido; e se cuidou de pescar a Bernardo, e seus soldados, imaginando-os peixinhos de Santo Antonio, achou nelles fortes barhos, que trincando-lhe a sedella, o tiveraõ quasi pescado: elle he que foi o caçado do medo de tanto valor, e para não se ver outra vez taõ enredado, se foi pôr de molho muito a salvo, sendo que hia assado por arder em cólera, cozido da paixão de se ver vencido, e frito no desejo da vingança.

Sustentou Bernardo toda a noite armado ambas as ribeiras de huma, e outra banda do rio, sem poder descansar hum instantè, porque a incerteza do paiz, e do caminho, que tomáraõ os fugitivos, lhe fez passar a noite com cautèla, até que a manhã lhe mostrou cheia de mortos infinitos aquella dilatada campina, e que os vivos se tinhaõ retirado. Repassou Bernardo logo a ponte, que fez destruir, depois de aproveitado o precioso do saque; e recontando os soldados achou que lhe faltavaõ dous mil e seiscentos, que deixava mortos, além dos muitos feridos; e to-

dos tão cansados, que não poderiam fazer jornada, se não lhes valesse a multidão de cavallos, de que puderão aproveitar-se todos os que a pé estavam. Não se deteve mais tempo nos dous campos, que o necessario para fazer queimar todos os despojos, que não puderão levar, e partidos do sitio em que colhêraõ tantos triunfos, teve o atrevimento de salir ao encontro ao Rei de Badajoz, que vinha com exercito em soccorro do Imperador, e a fortuna de Bernardo consistio toda na resolução de acommetter o exercito Imperial sobre o rio; porque se esperasse alguns dias, se acharia entre dous exercitos, e sem a menor dúvida se perderia.

### CAPITULO XLIII.

*Como Bernardo passou por estratagem a Tejo, depois que fez tregoas com dous Soberanos Mouros, e venceo os Alcaldes de Coria, e Toledo, com morte deste.*

Marchou Bernardo com suas tropas todas compostas de cavallaria, pelas ribeiras do Guadiana abaixo, fazendo tocar os instrumentos bellicos para solemnizar victoria tão grande, até chegar á vista de Mérida, onde Abderrahmen se detinha com Alcama, que junto á praça acampara; mas o Imperador, considerando que seus soldados tinhaõ ainda abertas as feridas alcançadas na batalha, e os animos cortados do medo, que communicavaõ aos soldados de Alcama com as historias, que do successo da batalha lhes contavaõ, não quiz arriscar-se a segundo lance, em que punha em balança a reputação; e usando do refugio da negociação, (unico remedio dos Estados afflictos) mandou em seu nome, e do Rei Alcama dous Enviados, que assentassem tregoas com Bernardo, a quem regalou com hum precioso presente. Reconheceo este muito bem que aquella acção obrada por dous Soberanos tão soberbos era parto do medo, que seus soldados

tinhaõ concebido ; mas achava-se com taõ poucas tropas , e essas taõ estropeadas , que foi preciso aceitar a amizade , que se lhe offerecia , taõ honrosa para elle , quanto era ver-se temido de dous Monarcas , com quem se igualava no contrato , sem lograr o caracter de Soberano : por estas razões , despedindo com mostras de muito amor , e cõrtezia os Enviados , marchou com seu ligeiro exercito buscar o Tejo.

Tinhaõ os Mouros desfeito algumas pontes , que sobre este rio havia , e queimado as barcas , que hoje chamaõ de Arbella , com o que se vio Bernardo impossibilitado para a passagem. O convenio das treguas , que os dous fraudulentos Monarcas tinhaõ feito , naõ durou em seus animos mais que em quanto tiveraõ á vista o exercito de Bernardo , por isso tinhaõ mandado aos Alcaldes de Toledo , e Coria , que , juntando soldados nas suas Comarcas , sahisses a esperar unidos os Christãos , em quanto elles pela retaguarda os atacavaõ. Naõ se escondia a Bernardo esta infidelidade dos Mouros ; e para que estes naõ o achassem antes da passagem do Tejo , mandou fazer hum universal pecoreamento , ou saque de gados , que juntos serviraõ suas carnes de alimento aos soldados , e seus couros , cheios de palha com pello para dentro , serviraõ de levadiças pontes sobre as aguas , atapdo-os com cordas a modo de jangadas , sobre que passaraõ os soldados com os cavallos nadando pelas redeas. Deteve-se Bernardo neste transporte oito dias : e vendo-se seguro já da outra banda , marchou a largas jornadas até a conhecida passagem do Torna das Vaccas.

Os dous Alcaldes de Coria , e Toledo o esperavaõ naquelle passo com quinze mil cavallos , e trinta e dous mil infantès ; mas Bernardo , que hia resolutõ a ganhar o posto a todo o risco , foi o primeiro no acõmetteer : e fez tães bravezas , e seus fortes soldados , que sustentaraõ a posse de vencer segunda ba-

talha naquella mesmo campo, onde já tinhaõ vencido primeira; sendo a mesma campanha theatro, em que se representou segunda jornada da victoriosa comedia: ficou no campo morto o Alcaide de Toledo, que algumas vezes tinha salvado a vida com a fuga; o de Coria teve a fortuna de escapar-se com ella da morte; a que deixou entregues mais de vinte mil Mouros de todo o exercito; e com elles toda a bagagem, de que se carregãõ tres mil cavallo, tomados na batalha, que os soldados Christãos levãõ da redea.

## CAPITULO XLIV.

*Como Bernardo livrou o Castello del Carpio de cerco, que lhe tinhaõ posto os Reis de Leaõ, e venceo a estes em batalha, e pazes que fizeraõ, e engano que se lhe fez com seu Pai defunto.*

Nesta fórma chegou Bernardo a Penharanda, onde teve noticia que ElRei Ramiro de Leaõ, e seu irmão D. Garcia, que igualmente reinava com elle, tinhaõ com exercito posto sitio ao Castello del Carpio, defendido pelo valeroso Suer Tello mais de hum anno; não podia socegar o animo de Bernardo; e formando em Penharanda hum exercito de oito mil cavallo, e quatro mil infantes, marchou para el Carpio; e ande chegando, logo provocou a batalha aos dous Reis seus primos; não puderaõ estes escusa-la; e depois de duas horas de conflicto, se declarou a victoria por Bernardo, retirando-se os Reis com seu exercito para Salamanca. Não quiz Bernardo seguir o alcance, por não derramar sangue Christão de parentes, e amigos; e mandando tocar a recolher, ao tempo que os Reis se retirãõ, mandou tambem segurar o campo como piquetes; e guardas avançadas, e pias sobre ao Castello del Carpio, onde deo a Suer Tello as graças por taõ vigorosa defenza, segurando-lhe im-

vejava mais a gloria della, que de quantas victorias alcançára na Estremadura; abraçárao-se os Capitães, e soldados com reciprocos carinhos, e Bernardo repartio com mão larga pelos defensores, e das riquezas, que nos saques dos Mouros gozára.

Ainda que Bernardo como vencedor devia esperar o rogassem os Reis vencidos para a composição, não pôde conter-se o affecto, que como a parentes tão chegados lhes devia, para que não cortasse pelo seu pundonor; e assim juntando todas as bagagens, que no campo tinhaõ perdido, lhas remetteo com todos os prisioneiros, e huma embaixada, em que lhes dizia: — Que não obstante o não ser já seu vassallo, e poder fazer-se Soberano das largas terras, que suas armas tinhaõ conquistado, e poderiaõ conquistar aos Mouros, não era sua ambição tão grande, como imaginavaõ (ou por melhor dizer maliciavaõ) os Cortezãos, que a elles Reis aconselhavaõ; que elle Bernardo se compadecia de que pela ridicula teima de não entregar hum homem, a quem sustentava huma dura prizaõ, mais havia de trinta annos, sem mais crime que humas sonhadas culpas de fino amante, quizessem elles Reis ver vertido tanto sangue Christaõ, e perder tantas vidas, que deviaõ reservar-se para dar morte aos Mouros communs inimigos: que elle Bernardo entregaria quantas Cidades, e Villas dominava, em troco da unica pessoa do Conde de Saldanha seu Pai; que lhe parecia ser a offerta digna de aceitar-se; sendo que elle, se fosse senhor do mundo todo, teria em pouco entrega-lo por alcançar a liberdade de quem lhe dera o ser; pois maiores lhe pareciaõ as obrigações de filho. —

Recebida pelos Reis esta embaixada, commovidos a lastima do sentimento, que imagináraõ em seu primo Bernardo, e reconhecendo perversidade a teima, a que os Cortezãos mal affectos os induziaõ, inves-



tigárao com toda a exacção saber onde se occultava prezo o Conde de Saldanha, (com tanta cautela, e segredo o tinha sepultado em vida a raiva de Affonso Casto, que nem aos Reis seus sobrinhos o deixou manifestado) e achárao que elle estava prezo no horrivel, e escuro Castello de Luna; mas que era fallecido alguns annos havia, e se conservava seu corpo embalsamado com todas as apparencias de vivo. Passárao logo os Reis hum Decreto, para que o Alcaide do Castello de Luna entregasse a pessoa do Conde defunto, assim cadaver como estava, a quem aquelle papel lhe dêsse: e mandando o Conde de Pramia para lo conduzir, mandárao tambem convidar a Bernardo para que fosse a Salamanca seguro de sua pretensão: recebida por elle a embaixada, ou recado dos Reis seus primos, partio gostoso para aquella Cidade, aonde entrou acompanhado dos mesinos Reis, e de sua Côrte, que a huma legoa fóra da Cidade o esperavao: foi recebido com a distincção de pessoa, e honras devidas a hum Soberano, e pelos Reis com muitas mostras de affecto, segurando-lhe terem mandado buscar o prezo Conde seu Pai para lho entregarem; e em quanto não chegavao o detiverao com solemnes festas.

Compridos, e prolongados se faziao a Bernardo os dias, que esperou ver a seu Pai solto; mas como o tempo não pára, lhe trouxe o que tanto desejava. Tinhao os Reis mandado trazer o cadaver do defunto Conde sobre hum bem ajazado cavallo, segurado na sella pelos lados com huns páos em fórma, que parecesse vivo: e sahindo ambos com toda sua Côrte, e Bernardo a esperar o Conde huma legoa fóra de Salamanca, Bernardo ancioso de juntar os braços com os daquelle, a quem devia o ser, saltou do cavallo, em que hia montado, e correndo para o que trazia o Conde, foi a pegar-lhe na mão direita para beijar-lha; mas conhecendo defunto, quem tanto suspirava

ver vivo, não pôde todo seu valor escusar-lhe o render-se a hum accidente, que o prostrou em terra. Foi levado para a Cidade incho morto, e tornando em si á força de muitos remedios, que lhe fizeraõ, fez taes extremos de sentimento, que são mais para considerados, que para escritos; que não pôde com pena, á penna escrever o lastimoso de suas ancias, o triste de suas queixas, e o copioso de suas lagrimas, sem que as acompanhe com algumas, que, cahindo sobre o papel, impedem se escrevaõ por extenso; e como he preciso passar adiante com a História, deixemos á ponderação do Leitor o lamentavel deste successo.

### CAPITULO XLV.

*Da partida, que Bernardo fez para França, e victorias, que alcança contra os inimigos daquella Monarquia.*

Fizeraõ-se notaveis suffragios, e exequias sumptuosas no funeral do Conde, a que os Reis, e toda a Côrte assistiraõ vestidos de xerga, que era o rigoroso luto daquelles tempos. Bernardo que sentia sem medida o tyranno fim de seu Pai, e o modo, com que se lhe entregou, já sem remedio a tanto damno, se despedio dos Reis, e parentes, com animo de viver eternamente desterrado da patria: e acompanhado de duzentos Cavalleiros de sua casa hem armados, se passou a França pelo fatal transito de Roncesvalles, onde a memoria das victorias passadas lhe dobrou o sentimento presente; e fez que se accrescentassem com a agua dos seus olhos as correntes dos crystallinos regatos, que do alto da serra se despenhaõ. Passados a Gascunha, Guiena, e Beocia, dilatadas Provincias de França, chegou a Blez, onde a Côrte Imperial se achava. Era falecido muitos annos havia o Imperador Carlos Magno na Cidade de Gritti nas fronteiras do Ducado de Brabante, e lhe succedera nos grandes domínios de Allemanha, França, Italia, seu filho Luiz,

que no número dos Imperadores Romanos foi o primeiro do nome, com o cognomento de Pio. Tinha este ao tempo que Bernardo del Carpió chegou á sua Côrte, guerra com os Reis de Dania, e Inglaterra, e por esta causa estimou infinitamente a chegada de Bernardo, a quem logo deo o Bastaõ de General, e entregou o exercito, que tinha levantado. Era tão grande a fama das victorias de Bernardo, e de seu valor, e destreza, que os Principes, e Grandes da Côrte do Imperador com o desejo de alcançar fama, militando debaixo do bastaõ de General tão famoso, se offerenciaõ a guerra, e muitos chegãõ a sentar praça de simples soldados. Sómente os dous Reis aliados foraõ inimigos da gloria de Bernardo; porque tendo noticia que elle hia por General de exercito tão luzido, evitãõ a campanha, mandando propôr pazes ao Imperador, sujeitando-se ás condições, que elle lhe quiz pôr: e acabou sómente a fama de Bernardo hum guerra, que, muitos annos havia, fatigava o Imperio.

Naõ seguirãõ os Bretões (povos da Bretanha baixa no Reino de França) o exemplo daquelles prudentes Reis; porque escandalizados das exacções, com que alguns Ministros do Imperador se tinhaõ havido na cobrança dos tributos, se levantãõ tomando as armas contra seu Soberano, capitaneados por alguns Capitães mal contentes. Naõ se tinha totalmente desfeito o exercito Imperial, e com elle foi Bernardo mandado pelo Imperador castigar aquella rebelliãõ. Chegou este á Bretanha, e com alguns choques, e batalhas pequenas foi reduzindo a Provincia á obediencia de seu natural Senhor. Havia no meio da Provincia hum penhasco, que a natureza levantára no meio de hum estendida campina, e a arte polira para asylo dos naturaes; achou Bernardo que os Bretões em número de dez mil escolhidos soldados, sustentavaõ aquelle

110 HISTORIA DE CARLOS MAGNO,  
la Fortaleza, donde, ao seu parecer inconquistaveis,  
affrontaraõ de palavras injuriasas a Bernardo, e seus  
Capitaes, sem reservar ainda o sagrado da pessoa do  
Imperador. (Sempre as dos Soberanos se devem co-  
mo taes respeitar, para naõ serem, nem ainda com  
a voz tocadas, mais que para as supplicas, e applausos.)  
Esta insolencia dos Bretões accendeo mais o animo  
de Bernardo para o desejo da vingança; mas era  
impraticavel a conquista pela altura, e desguaçado do  
penhasco: naõ faltava aos defensores o necessario pa-  
ra sustentar a vida, pois se tinhaõ provido de vive-  
res, e tudo o mais, que de commodidade lhes po-  
deria servir para tempo de tres annos: tendo na pla-  
nicie daquella altura muitas nativas fontes, que lhes  
davaõ agua em tanta abundancia, que servia a desper-  
diçada do regato a todo o exercito de Bernardo.

Huma pedra semelhante a esta deteve mais de se-  
te mezes a carreira das victorias do primeiro Herõe da  
Fama, Alexandre Magno, até que venceu a paciencia  
a mesma natureza. Naõ se julgava Bernardo inferior ao  
mesmo Alexandre, e por isso computando esta em-  
preza com aquella, teimou no rendimento da pedra,  
naõ pelo prego de oitenta talentos, e com o enga-  
no, como Alexandre; mas com o valor, e astucia  
militar, como Bernardo. Mandou á força de ferro fa-  
zer na viva penha pela parte, onde achou mais com-  
moda a subida, muitos furos, em que fazia encarnar  
com chumbo fortes argolas de ferro, alcançando de  
humas a outras grossos calabres; e para cobrir os tra-  
balhadores, fez sustentar muitas mantas de acommet-  
ter, em que davaõ as pedras dos sitiados sem con-  
sideravel damno; porque elle com expeditos tiradores  
de funda incommodava os que por aquella parte im-  
pediaõ do alto a obra com o arrojõ das pedras. Custou  
mais de quarenta dias esta fabrica, em que se es-  
gotou a paciencia, e soffrimento; até que travadas

humas grossas vigas com taboas, e cordas, forão fazendo altissimo terraplano para o accommettimento. Era preciso para se haver de subir levarem os accommetedores cada hum seu feixe de mato para impedir os arrojadiços instrumentos, que os sitiados atiravaõ; e com a mesma mão, com que sustentavaõ o feixe, se deviaõ segurar nas cordas para poderem com a outra brandir a espada. Foi Bernardo o primeiro, que accommetteo a montar a maquina, a quem logo seguiraõ os Hespanhces, e outros valerosos Capitães, e escolhidos soldados Francezes em número de quatro mil: não cessavaõ os sitiados de arrojar pedras, e menos cessavaõ de despenhar-se, os que subiaõ; damno, que seria irreparavel, se a providencia de Bernardo não tivera premeditado o remedio, mandando, que nas estadas, e no plano estivessem muitos soldados cobertos com mantas pequenas de accommetter, recebendo os cahidos em cobertores, sustentando cada hum delles quatro soldados, em fórma, que se escapavaõ de ser recebidos em huns, o eraõ em outros mais abaixo; e logo entregavaõ o seu feixe a outros, que subiaõ, se elle lhes não tinha primeiro cahido. Titubiavaõ ás vezes com toda esta precauçaõ os animos dos que subiaõ, julgando temeridade sem exemplo a empreza, e a deixariaõ por impraticavel, se Bernardo não os alentasse com as vozes, e com o exemplo, e dous valentes Generaes (Wolforgo, Duque de Argentina, e Berengario, Conde de Flandres) não os obrigassem na retaguarda, ameaçando tirar as vidas aos que mudassem pé atraz. Durou a subida tres horas, no fim das quaes se achou Bernardo já peito a peito com os Bretões; e largando logo o feixe, embraçou o escudo, que nas costas levava pendurado, (acçaõ que executáraõ os soldados, que tinhaõ montado as obras) e deo com furia tanta sobre os Bretões no alto da penha, que dentro de huma hora fi-

cáraõ todos passados a ferro já frio, tirando lhes as vidas, primeiro que as espadas, o pavor, e admiração de huma taõ impraticavel subida. Para memoria desta acção, para imitar-se incapaz, e sempre para admiração prompta, fundou Bernardo huma Villa no alto da pedra, que até o dia de hoje conserva a memoria de seu fundador, chamando-se *Rocca Bernarda*.

### C A P I T U L O XLVI.

*Como Bernardo del Carpio restaurou Italia tyrannizada de outro Bernardo, sobrinho de Carlos Magno.*

Acabada a guerra de Bretanha com tanta gloria de Bernardo, e seus Capitães, e muito a satisfação do Imperador Luiz Pio, foi Bernardo precizado passar a Italia com exercito. Tinha Carlos Magno hum irmão, chamado Carlomano, e deste nasceo hum filho por nome Pipino, (que alguns dizem ser filho de Carlos Magno, equivocando-se nos nomes de Carlomano, e Carlos Magno) de Pipino era filho outro Principe, chamado Bernardo. Pipino tinha governado em vida do Imperador Carlos Magno, seu tio, o Reino de Lombardia com o titulo de Rei de Italia em seu do Imperio, e no titulo, e governo feudatario lhe tinha succedido seu filho Bernardo. Este, naõ se contentando com o que pacifico possuia, fiado no número de suas tropas, na riqueza de seus thescuros, e no impenetravel dos grandes montes Alpes, que dividem Italia de França, se rebellou, negando o feudo ao Imperador; e arrogando-se o titulo de Imperador de Italia, se constituiu absoluto.

A castigar a soberba daquelle Italiano Bernardo partio o Hespanhol, que nomeamos del Carpio, e chegando aos Alpes, achou o exercito Italiano, que se lhe oppóz a passagem: governava aquelle Italiano exercito hum experimentado Capitão da familia dos Condes de Angleria, a quem os Visenotis, Duques de Mi-

laõ, devêraõ ao depois a descendencia. He a passagem daquelles montes impraticavel, se se defende por opposiçaõ sufficiente, como succedeo ao grande Annibal Carthaginez, flagello de Roma; e no tempo presente tem succedido ao Serenissimo Infante de Hespanha D. Philippe de Borbon Farnesi: porém Bernardo del Carpio, por se desenvolver daquella primeira opposiçaõ, julgando que no principio das campanhas se adquire com a fama o vencimento, acommetteo intrepido a passagem com a espada na maõ, e a logrou com fortuna; que não podia esta faltar a quem janos Pyreneos, e na referida pedra de Bretanha tinha assistido como obrigada. Perdeo o General Italiano huma disputada batalha sobre aquelles penhascos dos Alpes, onde com a victoria deixou todo o trem, bagagens, e mais de seis mil mortos.

Passou Bernardo del Carpio até á Cidade de Navarra, em cujo territorio o esperava o Rei rebelde com hum exercito muito superior ao seu, e affrontando-se de parte a parte, se deo entre ambos huma porfiada batalha, que durou mais de seis horas, até que para se mostrar ao mundo quanto hia de Bernardo a Bernardo, foi preciso ao coroado Rei ceder o campo, e victoria nas mãos do Hespanhol, como divida, que por parte da fortuna se pagava a seu valor. Morrêraõ no conflicto mais de quinze mil Italianos, e entre elles os mais arriscados no valor. Não se deteve Bernardo del Carpio no campo da batalha os dias, que chamavaõ naquelles tempos do pundonor; porque lhe foi preciso seguir o vencido Rei, para não lhe dar lugar a refazer-se, e por isso lhe foi no alcance sobre a retirada até á mesma Cidade de Milaõ sua Côrte. Pôz sitio a Cidade, e por mais que se esforçou a combater seus muros, como fossem estes mui fortes, e a guarniçaõ excedesse o número dos soldados do exercito, e a multidão dos meradores (que sobre as mu-

ralhas osão soldados mais valerosos, que os veteranos) fosse quasi sem número, foi preciso a Bernardo del Carpio deter-se no poñado cerco quatorze mezes, tempo em que não estiverão quietas as armas, sustentando innumeraveis choques dos exercitos volantes, que pretendião fazer levantar o assedio, assaltando porfiadamente por muitas vezes a praça, e rechaçando, por outras, muitas furiosas sahidas dos sitiados. Foi por fim entrada a Cidade á escala vista, e sua guarnição passada á espada, castigo, que evitáráo os moradores della, por implorarem a clemencia do Imperador: o Rei Bernardo foi prezo, com o qual Bernardo del Carpio, socegadas as cousas de Italia, e posta esta Região na obediencia do Imperador, repassou os Alpes, e a compassadas jornadas chegou á Cidade de Metz em Lorena, onde pouco depois foi o rebelde Rei degollado.

### C A P I T U L O XLVII.

*Como os filhos do Imperador Luiz Pio depuzeraõ do Throno ao dito seu Pai, e foi restituído por Bernardo del Carpio.*

No tempo, que Bernardo del Carpio se achava ausente, se levantáráo contra o Imperador Luiz Pio seus filhos Lothario, e Luiz, sendo causa de sua sobrelevação favorecer seu Pai ao filho terceiro, chamado Carlos, que em segundas nupcias houvera: e como ao Imperador faltava o apoio de Bernardo, foi facil aos dous Principes o apoderar-se das forças do Imperio, e prendendo ao Imperador seu pai em hum Mosteiro, se fizeraõ acclamar Soberanos, cabendo na repartição entre ambos feita, a Lothario a França, e Italia, com o titulo de Imperador, e a Luiz Allemanha com o de Rei. Neste abatimento achou Bernardo del Carpio ao Imperador Luiz Pio, privado do Throno, e da liberdade por seus filhos: e como seu animo foi sempre favorecer a par-



te menos poderosa, e se considerasse obrigado a defender o Imperador deposto, cujo era o exercito, que governava; por mais que pelos rebeldes Principes foi procurado com offertas, se resolveo a restituir o deposto Imperador ao Throno, como fez, tirando-o do Mosteiro, em que fôra recluso.

Resultou desta acção de Bernardo huma civil guerra, em que houve varios lances da fortuna sempre favoraveis ás armas do Imperador; mas que muito, se eraõ governadas por Bernardo del Carpio! A composição, que por meio do mesmo Bernardo se celebrou entre o Imperador, e seus filhos, pôz fim a guerra, e com ella a tantas penurias, roubos, e destruições, quantas trazem por consequencia humas civis discordias, restabelecendo-se huma paz sólida, ficando Lothario conservando o titulo de Imperador, que usurpara e com o governo do Reino Arelatense, que eraõ os Estados de Provença, Delphinado, e Borgonha, e tambem com os Estados de Italia; e Luiz com Allemanha alta com titulo de Rei: e o terceiro filho Carlos com o titulo de Rei de Aquitania, que são os Estados de Guiena, e Gascunha, e com expectativa de succeder nos mais de França, e baixa Allemanha a seu Pai, que em sua vida reservou estes Estados para dominar com titulo de Imperador. Sómente Bernardo ficou privado de occasiões, em que mostrasse seu valor, e destreza das armas; se bem que logrou a vangloria de ser quem repartira os dominios do Imperio Romano; mas que muito o fosse, quem soube defende-lo, e conserva-lo. Dous annos logrou Luiz Pio os fructos desta paz, e porque no fim delles faleceo, deixou recommendado a Bernardo del Carpio os Estados, e pessoa de Carlos seu filho, para que governando-os os defendesse de algumas insidias de seus irmãos; mas a inveja das gloriosas accções deste Heróe incitou os animos dos Principes, e Grandes da Corte do Rei Car-

los com mil suggestões contra a lealdade de Bernardo, e principiou o mal aconselhado Rei a fazer menos estimaçõ que a merecida de sua pessoa: chegando porém a noticia destas cousas á Corte do Imperador Lothario, convidou este com fortes instancias ao nosso Bernardo para lograr nos seus Estados as atenções, que naquelles de seu irmaõ se lhe escaceavaõ. Por estes offercimentos deixou Bernardo a Corte de Paris, e se foi viver á de Arles, onde foi do Imperador Lothario bem recebido, e conforme merecia estimado. Era já a este tempo casado Bernardo com hum Senhora da Casa dos antigos Principes de Venaisin, chamada Madama Galinda, de quem tinha hum filho por nome Galin Galindos: e como o Principe seguia a Corte do Imperador Lothario, por licarem seus Estados nos limites de sua repartiçã, aceitou Bernardo prompto as offeras do Imperador, e dellas gozou dous annos gostoso com socego na sua Corte.

### CAPITULO XLVIII.

*Como Bernardo, depois que deixou a Corte de Paris; e foi para a de Arles, vence em tres batalhas cam-  
paeas Abderrahmen, Imperador dos Mouros, e conquistou Cotalunha, e partio para Hespanha.*

Mas como seu animo guerreiro aspirasse sempre a marciaes empresas, por ter sido criado nas campanhas, sem o politico das Côrtes, em que sómente reina a lisonja, e astucia, alcançou do Imperador hum exercito de dez mil cavallos, e doze mil infantes, e com elle partio de Arles a fazer guerra aos Mouros. Tinhaõ estes passado os pyreneos, e levado suas victoriosas bandeiras quasi á vista de Arles, fazendo na Provincia de Languedocia insolentes destruições de Cidades, e incendios de Mosteiros, e profanaraõ quantas Igrejas havia, fazendo-as cavallariças de seus cavallos, padecendo a Religiaõ Catholica nesta tyran-

nica invasão muito detrimento; se bem que o Ceo ganhou immensidade de almas, cujos corpos padecerão na terra inauditos martyrios. Soberbo com estas, ao seu parecer, victorias, marchava o grande Abderrahamen Imperador de Cordova (de quem já acima fizemos menção) a conquistar toda a Monarquia Fran- ceza, conforme tinha conceituado em sua idéa; quan- do se topou com Bernardo del Carpio a tempo, que passava hum rio no territorio da Cidade de Pezenas. Podia lembrar-lhe ao soberbo Mouro quanto lhe eraõ fataes as passagens dos rios á vista de Bernardo: mas esquecido dos golpes recebidos sobre Guadiana, e lem- brado sómente de sua arrogancia, mandou acommet- ter o exercito Christão, que o rio separava do seu. Cuidou muito Bernardo em que seus soldados pare- cessem a Abderrahamen semelhantes aos Castelhanos; e valendo-se do valor, e boa direcção, soube tão bem desembaraçar as mãos, e á sua imitação seus solda- dos, que dentro de cinco horas se fez senhor da vi- ctoria, que os Mouros no tempo dellas lhe tinhaõ dis- putado. Retirou-se colérico, e cheio de paixão Ab- derrahamen, deixando sobre o rio, e campo mais de vinte mil Mouros mortos.

Naõ quiz Bernardo deter-se; e deixando a rique- za das bagagens pelos Mouros perdidas, para os mo- radores daquelle territorio compensarem os estragos, (com obrigação porém de darem sepultura aos mortos) foi em seguimento do vencido Monarca, a quem to- pou reforçado junto a outro rio, que corre na Co- marca da Cidade de Beziere. Resolveo-se Abderraha- men a dar batalha a Bernardo, com o intento de que vencendo tornava a recuperar o perdido; e se ven- cido fosse, tinha lugar de repassar a seu salvo o rio; porém a furia, com que Bernardo arremetteo contra elle com seus valerosos Christãos, intimidou de tal fó rma os Mouros, já medrosos da passada derrota,

que depois de duas horas de resistencia principiaraõ a repassar precipitadamente o rio, com tanta furia, que huns a outros se matavaõ, sobre qual primeiro passaria; e por mais que as vozes dos seus Soberanos os chamavaõ a sustentar o brio, cuidavaõ elles somente na conservaçãõ das vidas; sendo que miseravelmente as perdiaõ, ou afogados nas correntes das aguas, ou cortados do ferro Christaõ. Fugio totalmente o exercito, e com elle por necessidade seu General, deixando para satisfaçãõ das commettidas insolencias mais de vinte e dous mil mortos.

Foi preciso a Bernardo deter-se para curar os feridos de huma, e outra batalha, e esperar alguns socorros, que o Imperador Lothario lhe mandou. Constaõ estes de seis mil infantes de tropas regulares, os quaes Bernardo lhe agradeceo com muitas bandeiras, das que os Mouros tinhaõ largado, que penduradas dos Templos de Arles, serviraõ de testemunhas das victorias, e de padrões levantados á fama de Bernardo. Marchou este com seu victorioso exercito em seguimento dos fugitivos, sem que achasse alguma noticia delles até os Pyreneos, onde, no sitio, em que ao presente tempo se acha fundada a praça de Belleguarde, se achava formado o exercito Mouro, reforçado com tropas de refresco, levantadas no Principado de Catalunha. Deo-se batalha com todo o valor de ambas as partes disputada; mas como Bernardo estivesse na posse de vencer, e os Mouros fossem huns cortados já do ferro, e medo, outros tumultuariamente levantados, e com pouca disciplina militar conduzidos á peleija, se declarou a victoria, cedendo ao valor a multidaõ, e se vio precisado Abderrahamen a retirar-se, ficando aquella serra cheia de mortos, que excederaõ o número de trinta mil, e bem vingados os Christãos das destruições passadas.

Seguiu Bernardo ao vencido Monarca; mas este vendo-se destituído de tropas, pois os soccorros, de que se valera, eraõ tirados dos presidios das praças de Catalunha, caminhou a largas jornadas por metter terra entre meio, e não se julgou seguro até Cordova, sua Côrte. Entrou Bernardo em Catalunha, que já tinha sido theatro de suas victorias, quando na volta do Oriente em singular batalha contendêra com Orlando: e em todo o territorio daquelle grande Principado não achou occasião de empregar seu valor, porque as praças se lhe rendiaõ á porfia, julgando-se por afortunados aquelles que primeiro lhe entregavaõ as chaves de sua Cidade; e não achando já quem até a foz do rio Hebro lhe resistisse, intentava passar a guerra no Reino de Valencia, quando lhe chegou a noticia, de que o Imperador Lothario, renunciando as fantasticas grandezas do mundo, se recolhêra a huma Religião, deixando os Estados, e Corõa Imperial a seu irmão Carlos, que no Catalogo dos Imperadores Romanos se denomina com o cognomento de Calvo. Partio Bernardo a largas jornadas para Arles, onde compostas as cousas de sua casa em companhia de seu filho Galin Galindos, por ser já morta Madama Galinda, sua mulher, partio para Hespanha, e com alguns mezes de jornada chegou á Cidade de Oviedo, sua patria, contando de sua idade cincoenta annos, dos quaes tinha gastado trinta e seis em huma perpetua campanha.

## CAPITULO XLIX.

*Como por morte de Abderrahamen, Imperador dos Mouros, lhe succedeo seu filho Mahoma, que mandou dous grandes exercitos contra o Reino de Leão; crueldades, que os Mouros fizeram, e foram vencidos por Bernardo.*

Reinava naquelle tempo nos Reinos de Leão, e Castella velha Affonso III., (que pela grandeza de suas acções, e animo foi chamado Magno) e ainda que de idade de quinze annos somente, era muito inclinado á guerra, (inclinação, que acompanhava os Principes até idade de trinta e cinco annos, excepto algum, que vencendo com singular prudencia, e superior politica este geral incommodo dos seus Estados, sustentava a seus vassallos em perpetua paz, por mais que a compre a preço da communi murmuração dos sediciosos, e laborioso estudo de precauções, com que se escapa dos belligerantes vizinhos, para que seus vassallos, posto que sem conhecerem o bom fructo della, a logrem ditosos com fortuna inestimavel.) Levado o mesmo Rei Affonso de seu impulso guerreiro, estimou, como devia, a vinda de seu tio Bernardo del Carpio, a quem por fama venerava, e o recebeu com todo o carinho, mandando-lhe restituir seus paternaes Estados de Saldanha para sustentação de sua casa. Tempos ha, como aquelles, em que os Ministros de Marte são o unico remedio, e esteio dos Reinos: e outros ha, como o presente, em que somente Mercurio revestido dos attributos de Minerva, são a total conservação delles: felices os que lograõ esta não conhecida fortuna!

Abderrahamen, Imperador de Cordova, consumido com a pena de ter sido vencido por Bernardo, morreu naquella Cidade, e com sua morte respirarão algum pouco tempo os Christãos de Hespanha; porém

seu filho Mahoma, que lhe succedeo nos Estados, o desejo de beber todo o sangue Christão, preparou dous grandes exercitos de valentes Mouros, cada hum de seis mil cavallos, e vinte e cinco mil infantes, que vinhão a ser entre todos sessenta e dous mil homens, e os entregou a dous experimentados Generaes, chamados hum Alcama, e outro Immundar. Entrarão estes pela terra de Christãos queimando lugares, destruindo Villas, e arrazando ambos Cidades: Alcama pelas Comarcas de Salamanca, e Medina del Campo, e Immundar pelas de Segovia, Valladolid, e Toro: e deixando aquelles territorios fumegando dos incendios, e regados com sangue Christão, se juntarão ambos sobre a Cidade de Samora, que a poucos dias entrarão; e foi tão grande a destruição, e barbaridade dos Mouros, que passarão a espada moços, velhos, e meninos, não perdoando seu furor ás mais tenras donzellas, pois roubando-lhes suas honras; ainda pelas mesmas ruas, fazendo gala da deshonestidade, logo no mesmo lugar, em que lhes servião de ludibrio ao appetite, ficavaõ victimas de sua crueldade, degollando cada hum aquella, que desflorava: ingrata gente, que conhecendo serem as mulheres criadas para augmento do mundo, e delicia dos homens, se esqueciaõ de que como taes merecem a estimação, que sem preço se lhes tributa; mas não ha que espantar obrasse assim a insolencia, pois muitas vezes faz o mesino, o que principiou affecto. Não parou aqui a ira dos barbaros, pois chegou a executar-se no insensivel, não deixando pedra sobre pedra; ficou Samora feita hum theatro de crueldade, e os Mouros passaraõ executando as mesmas barbaridades, incendios, e roubos pelos territorios de Benavente, Astorga, Rio-secco, e Palencia, até se ajuntarem outra vez sobre a Cidade de Leão, com intento de que seguisse a mesma fortuna que Samora.

Huma paz desarmada he total destruição dos Imperios; tal era neste tempo a confiança de Affonso Magno na tranquillidade, e socego, que muito havia tynha logrado nas fronteiras dos Mouros, que quando quiz oppôr-se a tão repentina irrupção, se achava sem soldados promptos, e disciplinados, para ao menos fazer cara a inimigos tão poderosos. Bernardo del Carpio, que em Saldanha se achava compondo, e restabelecendo os negocios da sua antiga casa, á primeira noticia da invasão dos Mouros passou a Oviedo, onde alcançou ordem para levantar exercito, cuja massa se formava em Carrion, concorrendo áquella Villa as bandeiras, e pendões de Viscaja, e Astúrias; mas com tanta lentidão, que tiverão os Mouros tempo de executar as hostilidades referidas. Achavaõ-se juntos já dous mil e quinhentos cavallos, e quinze mil infantes, número desigual a tanta multidão, e incapaz de oppôr-se aos Mouros soberbos com as victorias passadas, e já experimentados nos choques, e assaltos; sendo os Christãos quasi todos bisonhos. Não achou Bernardo ser prudencia sahir tumultuariamente ao encontro aos Mouros, por não arriscar a que o valor se rendesse ao número; por essa razão se demorou algum tempo fazendo exercitar os soldados em representadas batalhas, e accomettimentos de Fortes, que á sua custa mandava pelos mesmos fabricar. Chegou ElRei D. Affonso Magno com sua Corte a Carrion acompanhado de quinhentos cavallos, a tempo que chegava a noticia de que já unidos os dous exercitos dos Mouros na Villa de Mansilha, caminhavaõ a pôr sitio á Cidade de Leaõ. Com este aviso abalou o exercito capitaneado por Bernardo del Carpio, ainda que ElRei se achava nelle, e marchando a compassadas marchas, chegou a avistar-se com os Mouros, que em fórma de batalha vieraõ até junto á Villa de Ardon esperar os Christãos: deo Bernardo as or-



dens necessarias para o accommettimento, e affrontando-se os exercitos de parte a parte, logo no modo, e destreza dos soldados conhecêraõ os Generaes Mouros a differença que havia no contender com exercito commandado por Capitão experimentado, ou com elle bisonho, e talvez que lhes pezassem terem sido Authores da contenda; cuidáraõ porém em desembaraçar as mãos: mas como Bernardo, e seu filho Galindos, ElRei, e outros Capitães, a quem o valor acompanhava com as obrigações do sangue, tivessem as suas promptas á vingança, depois de oito horas de porfiado combate ficou a victoria pelos Christãos, deixando-os os Capitães Mouros como em testamento (ainda que não ultima vontade) herdeiros de todo o seu trem, e bagagens, talvez que para se desonerarem em morte do muito que tinhaõ roubado em vida; e por pagarem as muitas, que tinhaõ tirado, entregáraõ tambem ao ferro dos Christãos as suas proprias, e de seus Capitães, e soldados; porque sómente no campo se contaõ mais de cincoenta mil Mouros mortos, e o pequeno resto pereceo ás mãos dos moradores daquelles territorios: pequena vingança dos recebidos damnos.

## C A P I T U L O L.

*Como o Rei de Leão em companhia de Bernardo sitiou, e ganhou a Cidade de Toledo, e Bernardo venceo o Imperador Mouro sobre o Tejo.*

Picou-se o animo do Rei Affonso Magno com a invasão passada, e não se satisfazendo com a total derrota dos executores della, quiz mostrar ao Imperador Mouro seu Author, que tinha soldados capazes de invadir, e que não se satisfaziaõ sómente com defender; por essa causa marchou com o seu exercito accrescentado com os cavallos inimigos, em fórma, que chegava ao número de vinte e dous mil combatentes, doze mil dos quaes era cavallaria; e entrando

pela terra dos Mouros, foi pondo a ferro, e fogo todas suas povoações até á Cidade de Toledo. (Famosa sempre, e muito mais, por ter sido cabeça do Imperio Gothico em Hespanha.) Não achou o exercito muita resistencia, porque a fama de ser governado por Bernardo del Carpio o escusava das opposições. (Fatalidade, que acompanhou este Heróe na sua vida, roubando-lhe a fama de seu nome dobradas victorias, das que alcançou o valor de seu braço.) Pôz Bernardo sitio á Cidade de Toledo, cuja guarnição o sustentou mais de seis mezes com valor, porque constava de vinte mil infantes, e no campo doze mil cavallos de observação, que fatigavao muito o exercito Christão, principalmente com accommettimentos furtivos, e impedindo-lhe as forragens, e cortando os comboios com bom successo, que lhes facilitava o militarein em paiz proprio, onde as emboscadas lhes sortiaõ todo o effeito premeditado.

O Imperador dos Mouros Mahoma irritado de que a primeira empreza contra os Christãos lhe sahisse tão mal succedida; e que, não contentes com a derrota de seus dous poderosos exercitos, passassem a invadir-lhe suas terras, e com atrevimento inaudito puzessem sitio á maior Cidade, que naquelles tempos tinha Hespanha: mandou ao primeiro aviso da entrada dos Christãos em suas terras convocar por todo seu Imperio as bandeiras dos territorios, mandando aos Reis seus vassallos lhe acudissem com as tropas, que pudessem; e pedindo ao Califa de Africa, successor dos grandes Estados do Almirante Balaõ, hum soccorro contra o inimigo, que reputavaõ commum. Fazia-se a massa do exercito dos Mouros em Hespanha entre as Cidades de Calatrava, e Ciudad Real (que naquelle tempo era huma pequena Villa) e naquella dilatada campanha, ribeiras do rio Guadiana, acampavaõ as tropas em ricas barracas; passáraõ de Africa dez mil

cavallos, e vinte mil infantes, soldados veteranos, e experimentados nas guerras do Oriente, que contra o Imperador de Constantinopla Theofilo tinhaõ na Asia menor; ElRei de Badajoz veio em pessoa com seis mil cavallos, e quarenta mil infantes; o de Lamego trouxe tres mil cavallos, e seis mil infantes; o de Valencia chegou com dez mil cavallos, e vinte e cinco mil infantes; o de Leiria com oito mil cavallos, e doze mil infantes; e juntos todos, e as tropas Imperiaes, que constavaõ de vinte mil cavallos, e cento e vinte mil infantes, fizeraõ todos o número de cincoenta e sete mil cavallos, e duzentos e vinte e tres mil infantes. Com taõ formidavel exercito, governados por valerosos Capitães, passou Mahoma o Guadiana, para de huma vez (como elle determinava) acabar com o nome Christaõ em Hespanha; e a jornadas vagarosas, quaes requeria maquina taõ grande, marchou para Toledo.

Tinhaõ os Christaõs sustentado muitas sabidas dos sitiados, e rebates do exercito volante, com o qual os mais dos dias vinhaõ ás mãos; porque Bernardo del Carpio, deixando o governo do sitio a ElRei, se oppôz aos Mouros partidarios com cinco mil cavallos e tres mil infantes; mas os mesmos Mouros, engrosados todos os dias com novas tropas, faziaõ reputar-se campaes batalhas os acommittimentos, que se deviaõ contar por choques. Destes venceo, disputados com valor de parte a parte, Bernardo mais de duzentos e cincoenta, no tempo, que o sitio durou, e foi aquella a maior de suas acções; porque qual outra h'dra Lerna que se fabuliza de cincoenta cabeças, e que cada huma, dobradas se multiplicavaõ outras cincoenta; os vencidos Mouros se achavaõ depois de vencidos com multiplicadas forças de dobradas tropas, perdendo no decurso, que durou o sitio mais de cem mil homens nas pequenas batalhas, que

Bernardo lhes venceo; e se não tivessem a opposição deste grande Heróe, escusava o Imperador Mahoma ter o trabalho de juntar exercito; porque somente os que se armárao para fazer levantar o sitio de Toledo, erao capazes de destruir exercito dobrado.

Tanto que os sitiados tiverao noticia que o Imperador em pessoa vinha em seu soccorro com exercito tao formidavel, resolvêrao huma sabida universal para ver se, ganhando os ataques, e forçando os Christãos a levantar o sitio, ganhavao a victoria, e escusavao a seu Monarca do empenho em que vinha metido: e para esse effeito convidarao os do exercito volante, com quem se communicavao, a que dessem no mesmo tempo sobre o arraial dos Christãos, e assim colhidos entre dous combates fossem facilmente rotos, e destruidos. Sahiraõ pois os Mouros da Cidade com boa ordem, e ao mesmo tempo atacárao os do campo a retaguarda, tudo com igual valor e resolução; peleijou-se de parte a parte com intrepidez de animo, e depois de dez horas de contenda se retirárao os sitiados a Cidade, e os volantes á campanha, deixando de huns, e outros mais de quinze mil mortos, e com elles novo trabalho aos Christãos para lhes abrirem sepulturas, por evitarem o contagio. Custou muito aos Christãos esta gloriosa acção; porque ElRei foi ferido com quatro feridas, que ao principio parecêrao mortaes, sendo que depois se conhecêrao sem perigo: Bernardo del Carpio foi atravessado pelo lado direito com huma lança quasi de parte a parte, e com huma seta ferido no rosto a tempo que o descobrio para respirar do trabalho da peleija; seu filho Galindos se achou com cinco feridas penetrantes, e outros Capitães de fama se achárao incapazes de contender tao cedo, por causa das muitas recebidas feridas, o que os obrigou a lançarem-se nas camas para as curarem.

Chegou o Monarca Mouro com o seu exercito á

vista dos Christãos, acampando-se naquelles estendidos campos do Tejo, a tempo que Bernardo, e os mais Cabos se achavaõ com as feridas abertas impossibilitados para a resistencia; mas por não dar lugar a que os soldados se intimidassem com a multidão, saltou Bernardo del Carpio da cama, em que as feridas o detinhaõ, e montando a cavallo mal convalescido, principiou a correr as linhas para formar o exercito. Obedeceraõ todos promptos as vozes de seu General, e com grandes gritos pediraõ que os levasse á contenda: aproveitou-se Bernardo deste ardor militar; e fazendo esforço do que era necessidade, com inaudita resolução, ainda sem dar parte a ElRei, investio o grande exercito dos Mouros, que se andava formando em batalha. Gritáraõ os Generaes Mouros ao seu modo, e com grandes alaridos avançaõ desordenadamente a esperar os Christãos; mas foi tal a braveza de seu valor, taes os golpes desesperados destes, tal o exemplo de Bernardo, e outros Generaes Hespanhoes, que a doze horas de andado combate se declarou a victoria por Bernardo. A noite foi fim da batalha, e não obstante o grande trabalho, que os Christãos tiveraõ no dia, foi preciso ficarem armados sustentando o campo, até que a manhã lhes trouxe a clareza do vencimento; pois viraõ desamparado o lugar da batalha de toda a sorte de inimigos, coberto porém de mortos, que excederaõ o número de cento e sessenta mil. Custou tanto sepultar esta multidão, como vencê-la; porém saboreou-se o trabalho com o lucro do despojo, que foi tão excessivo, quanto se pôde considerar de exercito tão rico. Sahio ElRei, e os mais Cabos a congratular-se com Bernardo del Carpio, que a alegria do vencimento os fez pôr a pé, quasi sãos; sómente Bernardo, aggravando-se-lhe as feridas com o trabalho, e fraco com a abundancia de sangue, que dellas lhe sahia, esteve em ter-

mos de não possuir tempo para celebrar a victoria; por essa causa não pôde conseguir a gloria do rendimento da Cidade, fazendo pública ostentação do seu valor nas trincheiras: pois sómente com sua direcção ajudou o acomettimento, posto de parte, donde governou, e dispôz o assalto, que ElRei deu em pessoa, Rendeo-se em fim a Cidade as armas Christãs ao quinto dia depois da grande batalha do Tejo: e mandando ElRei das Comarcas Christãs vir algumas famílias, que com a guarnição a habitassem, se recolheu com seu exercito em companhia de Bernardo del Carpio, e mais Capitães cheios de gloria, e ricos de despojos.

Quebrados os Mouros com esta passada derrota, socegarão contendo-se nos termos dos seus limites: e também o Rei Affonso Magno de Leão se não atreveo a fazer nova entrada em suas terras; porque da anterior tinha salvado sómente oito mil soldados, e esses tão cortados do ferro, e estropeados dos trabalhos, que não ficáram capazes de novas empresas. Bernardo del Carpio, cujo animo não socejava, vendo possuidas pelos Mouros as terras, que em outro tempo foraõ de Christãos, passou com descanso do corpo dous annos na Villa de Saldanha, mas sem quietação do espirito; e sem embargo de se achar com idade de sessenta e quatro annos, lhe parecia que para o trabalho da campanha sómente contava vinte e cinco: tal era o ardor do espirito deste grande Heróe.

## C A P I T U L O L I.

*Como Bernardo convidado pelos Catalães para seu Soberano, partio a defende-los dos Mouros.*

Com este desgosto da vida se achava, quando lhe chegou huma Deputação dos Estados de Catalunha, composta de quatro Cavalleiros daquelle Principado, offerecendo-lhe em nome de todo elle a obediên-

cia, como a seu legitimo Soberano, trazendo-lhe hum Imperial Diploma, ou Decreto, pelo qual o Imperador Luiz II. lhe cedia perpetuamente aquella Soberania com o titulo de Marquez das Hespanhas, e Conde de Barcellona: foi o caso: Vendo-se os povos Francezes (que com o mesmo Bernardo del Carpio tinha conquistado toda Catalunha, quando com o exercito do Imperador Lothario passou contra Abderrahmen, Imperador de Cordova, os Pyreneos) perseguidos dos Mouros do Reino de Valença; porque Ibrahim, seu Rei, com exercitos poderosos os tinha vencido em frequentes batalhas, e seduzido quasi a seu dominio todo o Principado, fizerao juntos na Cidade de Puycerda eleiçao solemne de sua pessoa para Soberano, confirmando-a pelo Imperador na forma declarada; no que convierao os filhos de seu morto Soberano, por se acharem reduzidos a miseria de sustentat suas vidas sobre as penhas dos Pyreneos, sem que o Imperador lhe concedesse os soccorros, que devia, e muitas vezes lhe tinhao pedido; esta foi a causa de elegerem os Catalães para seus dominios a Bernardo del Carpio, chamado para sustentat-lhes em paz as terras aquelle mesmo, que em guerra as soubera conquistar.

Bernardo del Carpio, naõ tanto com a ancia, e desvela de reinar, como com o desejo de empregarse contra os communs inimigos do nome Christao, depois de communicar com ElRei Affonso Magno, seu sobrinho, este negocio, havida d'elle licenca, e despedido dos parentes, e amigos, partio para Catalunha acompanhado de seiscentos Cavalleiros de seus Estados de Saldanha, que quizerao merecer nome pela guerra, e servir a Religiao contra seus inimigos. Chegou a Cidade de Huesca, que naquelles tempos era Corte dos Condes Soberanos de Aragoa, e ali cumprimentou a Arnal o Antigo, e com elle fez huma Alliança offensiva, e defensiva de hum, e outro Prin-

cipado; e o mesmo Conde de Aragoã lhe entregou logo mil cavallos, e cinco mil infantes, para com elles principiar a restauraçã de quanto os Mouros tinham tomado, que vinha a ser toda Catalunha, e de Aragoã tudo quanto fica áquem do rio Hebro com a Cidade de Saragoça tambem: não foi em pessoa a guerra o Conde Arnal por se achar tão avançado em annos, que contava mais de noventa de sua idade, e sobre tudo impossibilitado da gotta, e mais achaques, proprios de idades tão avançadas.

## CAPITULO LII.

*Como Bernardo del Carpio conquistou para o Conde de Aragoã, seu alliado, as terras, que os Mouros lhe tinham usurpado, e venceo o Alcaide de Saragoça.*

De Huesca partio Bernardo del Carpio em direitura á Cidade de Balbastro, onde o esperavaõ as tropas Aragonizas unidas com oitocentos cavallos, e seis mil infantes Catalães, que pelo Condado de Cerdania tinhaõ marchado ao longo das montanhas, governados por Solomon, Conde de Cerdania, filho de Wifredo, ultimo Conde de Barcellona, e por seu irmão Seniofredo, Conde de Urgel. Foi a primeira empreza de Bernardo a Cidade de Lérida, (bem conhecida por sua florente Universidade) a qual se rendeo logo sem esperar o rigor da guerra, capitulando os Mouros entrega em troco das vidas, e liberdade, o que lhes foi religiosamente guardado. Conquistou logo, sem opposiçaõ, Fraga, e Aytona, e passando a Maquinenza, que estava ainda pelo Conde de Aragoã, seu Soberano, passou o Hebro em humas pontes levadiças, que se tinhaõ preparado; mas não sem opposiçaõ dos Mouros, que com Mulei-Adar, Alcaide, ou Governador de Saragoça, lhe disputaraõ a passagem com dez mil cavallos, e doze mil infantes. Vencida esta difficuldade, que pôde contar-se por huma



famosa batalha, seguiu Bernadô os fugitivos Mouros até Hija, onde entinchirados com as aguas de huintio, que ali corre, (cujas aguas fizeraõ sair de sua corrente para ficar o exercito em forma de Ilha) o esperavaõ mais em número, porque se diminuirã a cavallaria no passado encontro, e aquelle tempo contaõ sómente oito mil cavallos, e lhe acrescentou a infantaria até o número de vinte e seis mil infantes, governados pelo mesmo vencido General. Naõ mettêraõ medo aos soldados os fossos de agua, nem Bernardo duvidou investir o inimigo com elles circunvallado; porque acomettendo intrepidos os fossos pelexãtaõ com agua até os peitos, e as vezes nadando os cavallos até que tomaraõ terra, e nella se fizeraõ senhores da victoria com total destruiçaõ do exercito dos Mouros, que atemorizados com resoluçaõ taõ desusada, e naõ vista por elles, imaginãraõ que os Christãos eraõ mais que homens: a muitos matou o ferro, e aos mais recebeu a agua; com que aquellas val-las, que os Mouros tinhaõ aberto, lhes serviraõ de sepultura, e de pedra sepulcral as aguas, de que estaõ cheias; poucos escapãraõ daquella fatalidade, o mesmo General foi achado entre os mortos, que talvez naõ quizesse sobreviver a tanta miseria.

Marchou logo Bernar'o del Carpio em direitura a largas jornadas para a Cidade de Saragoça, por naõ dar lugar a que se refizesse de guarniçaõ, e por dar sobre ella de repente ao tempo que se achava occupada do susto da passada derrota: succedeo-lhe felizmente o projecto; porque tanto que apparecêraõ suas victoriosas bandeiras a vista da Cidade, logo esta lhe mandou entregar as chaves por dous Deputados, contratando salvar as vilas, fazendas, e liberdades. Em Saragoça esperou Bernardo ao Conde de Aragaõ, que de Huesca partio, e avistando-se, se tratãraõ com as ceremonias correspondentes a Soberanos, e com ali-

feitos dignos de grande amizade, entre ambos muitos tempos havia cultivada; passaram em Saragoça quatro mezes em grandes festas, principalmente na dedicação, e purificação da Igreja de Nossa Senhora do Pilar, tão celebrada pelos milagres desta Senhora, e por ser a primeira Igreja, que em Hespanha se erigiu pelo Apostolo Sant-Iago Padroeiro desta Região; solemnizou-se esta purificação da mesma Igreja com assistencia de seu Bispo D. Heleça, que para esse effeito tinha vindo da Corte de Oviedo, onde se achava. No tempo, que as festas duráram, se não contederão as armas de Bernardo del Carpio contra os Mouros, peleijou sua fama; porque á porfia chegavão Deputados das Villas, e Cidades circunvizinhas a entregar-lhe as chaves das fortalezas, que deixavão evacuadas das guarnições; e foi este modo de conquista tanto mais suave para os soldados, que nelle évitavao derramar sangue, e os mais trabalhos, que consigo traz huma campanha, quanto mais glorioso para Bernardo, que, sem desembaihar a espada, fazia guerra tão proveitosa para o Conde de Aragoão seu aliado: forão as principaes praças, que por esta suave conquista se renderão, Tarazona, Borja, Ariza, Calataiud, Daroca, e Belchite, com outras de menos importancia. Não quizerão seguir o mesmo exemplo as Cidades de Teruel, e Albarrazin, confiadas na grandeza de suas guarnições, e na vizinhança da Corte de Valencia, donde seu Rei lhes podia mandar promptos soccorros.

### CAPITULO LIII.

*Como Bernardo conquistou Alharrazin, e Teruel, e partio a conquistar Catalunha.*

A conquista destas praças, e outras vizinhas, partio Bernardo del Carpio de Saragoça com hum exercito de quatro mil cavallos, e quinze mil infantes;

e fazendo ordinarias marchas, chegou a por sitio a Cidade de Albarazin: presidiava-se esta com dez mil soldados, e o que mais era, com altos, e torreados muros, conforme o modo de fortificar daquelle tempo: he o terreno montuoso, que dava lugar a que os Mouros em patrulhas incommodassem o exercito, e principalmente por ser necessario ir buscar faxinas, e outros materiaes para levantar parapetos, e torrees, com que em igual paralelo se combatesse; usança daquelle idade, em que não tinhaõ ainda lugar os inventados basiliscos de bronze, que contra os muros vomitaõ por ceruleas bocas ferreos venenos: mas a constancia de Bernardo del Carpio venceu todas as difficuldades: e depois de muitas sortidas da guarnição, rechaçadas sempre com valor, e de muitos choques, e alpradas de hum valente exercito, desvanecidas com cautela, se pôz em forma para o assalto, que se deu valerosamente, porque foi a resistencia vigorosa: e como Bernardo era quem mandava aquelle exercito, e igualasse as obras com as palavras nos mandamentos, foi entrada a praça a ferro, e fogo, e rendida depois de cinco horas de porñada defensa. Não perdeu Bernardo a sexo, nem idade, contra o que lhe dictava seu piedoso genio; mas foi preciso essa vez usar de rigor para exemplo dos mais, que temerariamente quizessem resistir; o que se comprovou logo com o rendimento da Cidade de Teruel, que, experimentando a fatalidade na cabeça de Albarazin sua vizinha, nem ajuda se atreveo a pôr as barbas de molho, vendo arder as daquella; mas sem se aproveitar do rifaõ, usou da prudencia, mandando logo capitular a entrega com as condições de salvar as vidas, e fazendas: com que visto este rigor usado em Albarazin, e por facto a conquista de Teruel. A Guarnecidas estas praças com tropas Araguezas, e contrariou Bernardo com as suas, e ajudas alque

mar de Aragoã, a buscar outra vez as correntes do Hebro, onde chegou ao depois de largas jornadas. Em Mequenza o esperava o velho Conde de Aragoã, tão avançado em annos, como em virtudes, e com elle se deteve quinze dias para dar descanso ás tropas, cansadas das campanhas, e marchas passadas, no fim dos quaes com algumas tropas de soccorro partio para Lérida: nesta Cidade o esperavaõ os Estados daquelle Principado em acto de Cortes, e nellas foi solemnemente aclamado Soberano com o titulo de Conde de Barcellona, Marquez das Hespanhas, e Principe de Catalunha, e como a tal lhe beijaraõ a mão. Pareceo a Bernardo que teriaõ por ludibrio de sua fama as Nações arrogar-se hum titulo sem posse; por isso detendo-se sómente em Lérida o tempo necessario para preparar os aprestos da campanha, sahio daquella Cidade a dar principio á conquista de seus dominios, pondo sitio á Cidade de Belaguer. Estavaõ os Mouros aterrados do medo, que a fama das batalhas vencidas, e praças conquistadas, tinha espalhado pelo mundo; por essa causa levantando logo bandeira branca nos muros da Cidade, pediraõ capitulaçaõ de liberdade das vidas, e fazendas. Concedeo Bernardo a das vidas; mas como os Mouros tinhaõ roubado a seus vassallos na invasaõ passada, não quiz conceder-lhes as fazendas, para que com estas pagassem os dâmnos feitos: determinaçãõ hem acertada; porque de outra sorte ficariaõ seus vassallos pobres, e nada vingados das recebidas oppressões.

Evacuada Belaguer pelos Mouros, marchou Bernardo a conquistar Agramonte, e Tarrega, que se lhe renderaõ com as condições de Belaguer; e com as mesmas se fez Senhor de outras Villas menores; em Tarrega recebeu hum soccorro de montanhezes, (que hoje chamaõ naquelle Principado Miquitetes) em que se contavaõ dous mil cavallos ligeiramente armados, e

oitto mil infantes, e com elles, e os mais Castelhanos, Aragonезes, e Catalães, passou as ribeiras do Hebro á conquista da grande Cidade de Tortosa: rendeo-se esta sem esperar o rigor das armas, e a seu exemplo fez o mesmo a Cidade de Amposta, da qual fez Bernardo doação a huma companhia de Aventureiros de varias Nações, que seguião seu campo; e desejosos de passar ainda em serviço de Deus contra seus inimigos, fizeram naquella Cidade seu assento de baixo da protecção dos Condes de Barcellona, constituindo huma fórma de regra de viver em commum, e seguir as armas. Deixou-lhes Bernardo hum pé de exercito, que constava de seiscentos cavallos, e tres mil infantes, para fronteiros de Catalunha da parte d'aquem do Hebro.

Imagiou Bernardo que o Rei Mouro de Valença sahia com exercito a fazer-lhe opposição, ao menos nos confins de seu Reino; mas elle, valendo-se da prudencia, que as victorias de Bernardo lhe aconselhavaõ, não quiz expôr-se a experimentar semelhante fatalidade a que seu General em Hajar experimentára, e vendo Bernardo que o Rei Mouro não sahia de seu Reino a perturbá-lo nas conquistas do proprio, julgou sem razão acommettê-lo, quando elle se contentára com huma guerra defensiva: por estas razões, e por não procurar conquistas no alheio, quando não possuia ainda o proprio, destacou seu exercito costeando as ribeiras do mar Mediterraneo, por onde se lhe hiaõ rendendo as praças, e entregando as povoações; nesta fórma chegou á Cidade de Tarragona, Celeberrima em outros tempos com a assistencia do Imperador Romano Augusto Cesar, que nella decretou, e assignou o famoso Edicto, pelo qual mandou matricular o mundo todo no tempo de sua maior felicidade, que logrou no Nascimento do Imperador dos Imperadores Christo bem nosso em Bethlem de Ju-

deão) Rendeu-se logo esta Cidade, passando pela capitulação das mãos, e heila entrou Bernardo com o seu tentado de triumpho, e por se achar senhor de humã Cidade, que no tempo antigo fora Capital da Hespanha, Taragonense, a quem dera o nome, posto que muito diminuta das grandezas, que no tempo dos Romanos lograra. Aqui convocou Bernardo os Estados para dedicação da Igreja Cathedral, e tornar a restituir-lhe a preeminencia de Metropolitana, que com o dominio dos Mouros tinha quasi perdido, e somente em titulo conservava.

### CAPITULO LIV

*Como Bernardo se exercitou em obras de piedade nos Mosteiros de Poblete, e Monserate, e escreveu Leis aos Catalões.*

Passou depois a piedade de Bernardo a render as graças pelos favores recebidos ao Mosteiro de Poblete, que entre a barbaridade Mahometana se tinha conservado com Monges Catholicos, seminario de virtudes, e jardim de santidade. Em obras de ardente caridade, e asperimas penitencias, e humildes actos de Religião, varrendo os claustros, e Igreja, se exercitou Bernardo oito mezes, que naquella Mosteiro se deteve, mandando entre tanto seu filho Galindo com exercito receber o rendimento de Barcellona, Mantese, Solsona, Cardona, Vich, Ostalric, Palamoz, Girona, e outras Cidades, que os Mouros tinham desamparado estes, formando todos hum exercito, se retirárao com passaporte pedido, e benignamente concedido por Bernardo, para o Reino de Valença, deixando toda Catalunha livre.

De Poblete partio Bernardo em romaria ao celebre Sanctuario de Nossa Senhora de Monserate, fazendo a pé, e descalço com humã corda ao pescoço, e vestido de sacco, aquelle caminho de quasi dez

legoas. (Tal era a piedade dos Principes daquelle tempo, e tal a virtude do nosso Heróe Bernardo del Carpio.) No Mosteiro de Monserate, implorando a protecção de Maria Santissima sua Padroeira, escreveu Bernardo del Carpio por sua propria mão hum livro, em que recopilou as Leis, que devião observar-se em seus Estados; e posto que fulto do culto das detras, (que naquella idade se sabia mais afixar a espada, que a penna) foraõ com tal prudencia, e erudição dicitadas, com tal religião escritas, e com tanto acerto explanadas, que por muitos tempos foraõ a baze, em que se fundou o governo daquelle Principado. Se o rustico da criação de Bernardo del Carpio, e o continuado exercicio das campanhas podião dar sómente expectativa de barbaridade em suas Leis; pois o falso Masoma, e seu observante Othomano, fundadores da grandes Mouarquias dos Mouros, e Turcos, como criados sem a cultivacão das escolas, e sómente entre os horrores da guerra, escrevendo Leis a seus vassallos, e successores, não puderaõ sahir do engolfado da barbaridade, em que seus entendimentos se tinhaõ submergido, tinhaõ elles contra si o pouco temor de Deos para os illuminar; mas o nosso Bernardo del Carpio, cujas normas de vida foraõ sempre a Religião Catholica, temor de Deos, caridade, e piedade, ainda que o horrido das batalhas, o rustico das campanhas, e a barbaridade das destruições, e incendios lhe dictassem a composiçãõ da vida, não lhe offuscaraõ a luz da justiça, para que qual outro Julio Cesar, usasse tanto da espada, como da penna.

## CAPITULO LV.

De como Bernardo del Carpio renunciou a Soberania de Catalunha, e se recolheu no Mosteiro de Santa Maria de Aguilar del Campo, e nelle faleceo.

Até este tempo tinha a fortuna acompanhado sempre ao nosso Herde Bernardo del Carpio por espaço de oitenta e dous annos, que contava de idade, quando lhe chegou noticia, que seu filho Galin Galindos falecera na Cidade de Girona. Tolerou Bernardo este golpe com a constancia, que podia esperar-se de sua prudencia, e religião, e passando a Barcellona, mandou que o corpo de seu filho embalado fuisse levado áquella Cidade, onde se lhe fizeraõ as exequias, e suffragios correspondentes a tão grande Principe, com assistencia do mesmo Bernardo seu Pai, e dos Condes de Urgel, e Cerdania, e de Myro famoso General, irmão dos Condes. Convocou logo os Estados daquelle Principado, e em presença de todos, por mostrar que sabia conquistar Reinos, e desprezar a Soberania delles, renunciou solemnemente a Corõa, e governo de Catalunha na pessoa do dito Myro, que era filho, como os dous Condes seus irmãos, de Wifredo, Conde de Barcellona, a quem os Mouros tinham tirado a vida na invasão passada, e neto de outro Bernardo sobrinho do Imperador Carlos Magno. Deste Myro descenderaõ os Condes de Barcellona, (que ao depois foraõ) até que se unio Catalunha á Corõa de Aragão, por casar o ultimo Conde com a Rainha D. Petronilha, proprietaria daquelle Reino.

Acompanhado dos tres Condes irmãos foi Bernardo del Carpio acompanhando o cadaver de seu filho Galin Galindos até o Mosteiro de Poblete, que daquelle tempo em diante foi sempre o Pantheão dos Principes daquelles Reinos; e depositando-o na Igreja do Mosteiro, se despedio dos Condes, e partio pa-



ra o Reino de Leão, recolhendo-se no Mosteiro de Aguilar del Campo, Villa sua no Condado de Saldanha, e nelle passou em actos de caridade, vestida a cogula de Monge, quatorze annos, que ainda teve de vida: no fim destes, porque conhecesse o mundo que era homem mortal, visitado da mão de Deos com humma maligna, passou desta a melhor vida ao setimo dia da doença, e foi seu corpo sepultado na Igreja de Santa Maria da mesma Villa de Aguilar del Campo, onde hoje se reconhece seu sepulcro.

Aquelle Heróe, que parecia immortal, cuja vida por espaço de oitenta e dous annos foi humma perpetua batalha, cujo descanso foraõ as duras campanhas; cujas galas foraõ sempre compostas do aço duro das pezadas armas; in que venceu setenta e cinco singulares batalhas, batalhando corpo a corpo com outros Heróes dos mais valentes de seu tempo; o que ganhou cincoenta e duas fortissimas praças, alem de outras sem número, que a fama de seu nome conquistou; a quem cincoenta e tres batalhas decisivas, e outras setenta e quatro menores serviraõ com a victoria; o que sahia victorioso de trezentos e dezoito disputados choques; a quem Roma vio valente, o Imperio Oriental admirou airoso, e destro nas justas, e festejos: França reconheceo invencivel, e Italia obedeceo vencida; a quem o Imperio de Alemanha deve a segurança nos seus principios; o Reino de Aragoã o fundamento, e conquista; o de Leão a liberdade, e augmento; o de Galizia os socorros nas afflicções; Catalunha a restauração dobrada, e as Leis do governo: aquelle a quem dous Imperadores Mouros, seis Reis dos mesmos, e seus valentes Alcades, e Generaes tantas vezes experimentaraõ raio de Marte, destruição de sua maldicta seta, açoute, e castigo de suas insolencias, forte escudo da Religião Catholica, e baluarte fortissimo; em que se defendeo toda Hespanha, se

rendeo a huma maligna febre, que, deixando-lhe o corpo mettido em uma sepulchral, fez que a alma passasse a lograr o premio de suas heroicas acções, e virtudes, deixando escrita na eterna memoria dos homens, como em ideada Chronica, a fama de suas valentias.

Esta he a Historia de Bernardo del Carpio, o maior Heróe das idades, superior sem dũvida aos nove da Fama, que talvez não o conta entre elles, porque não podiaõ igualar-se-lhe. Parecerá diversa muito da que contaõ as Chronicas de Hespanha, e famosos Historiadores daquella Monarquia: mas não admire, que tambem entre elles ha bastantes diversidades. Na verdade foraõ tantas suas gloriosas acções, que a alguns parecêraõ fabulosas para contadas, e a outros excessivas para escritas. Quanto a mim só posso dizer a dou á luz para divertimento dos curiosos, e passatempo dos afeiçãoados. Se he verdadeira, ou não, dispute o muito embora o Doutor João de Ferreiras, famoso Historiador dos nossos tempos, no seu tomo decimo-sexto da Historia Geral de Hespanha; que a mim me basta se lhe dê tanto credito como ao primeiro, e segundo tomo da Historia de Carlos Magno, e seus doze Pa-rês de França, dos quaes esta Obra he terceira parte. Toda ella sujeito primeiramente a correccão da Santa Madre Igreja, e á censura de suas determinações, com o protexto, de que não quero tenha mais validade o que escrevo, que quanto a mesma censura determinar; e de que uso das ficções somente em quanto servem para recrear, e nunca para credito.

F I M.

# INDICE DOS CAPITULOS.

## DA PARTE TERCEIRA.

|                                                                                                                                                                          |        |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| CAPITULO I. Memoria da Creação do mundo até o<br>Divisio universal. . . . .                                                                                              | Pag. 1 |
| CAP. II. Da confusão das línguas em Babel, e funda-<br>ção da Monarquia de Hespanha. . . . .                                                                             | 3      |
| CAP. III. Da successão dos primeiros Reis de Hespa-<br>nha. . . . .                                                                                                      | 4      |
| CAP. IV. Da sêcca grande, que houve em Hespanha, va-<br>rias Nações, que a dominarão, e memoria dos Reis Go-<br>dos della. . . . .                                       | 6      |
| CAP. V. Da invasão, que os Mouros fizeram em Hespa-<br>nha, e principio dos Reis de Oviedo, e Leão. . . . .                                                              | 7      |
| CAP. VI. Quem eraõ D. Sancho Conde de Saldanha, e<br>a Infanta de Leão D. Ximena, e amores, que en-<br>tre si tiveram, e nascimento de Bernardo del Car-<br>pio. . . . . | 8      |
| CAP. VII. Como Bernardo se criou sem saber quem eraõ<br>seus Pais, e como foi por encanto furtado por Oron-<br>tes. . . . .                                              | 10     |
| CAP. VIII. Como Bernardo se livrou do encanto de Oron-<br>tes, e por outro se embarcou. . . . .                                                                          | 12     |
| CAP. IX. Das representações, que teve Bernardo em so-<br>nhos, que depois achou verdadeiras por encanto, e se<br>embarcou com effeito. . . . .                           | 14     |
| CAP. X. Como Bernardo foi ter a huma Armada por en-<br>canto, e de como foi armado Cavalleiro pelo Impera-<br>dôr da Persia. . . . .                                     | 17     |
| CAP. XI. Como o Imperador Orimandro teve zelos de<br>Bernardo por amor de Aigelca, e do desafio, que lhe<br>fez Bernardo. . . . .                                        | 20     |

- CAP. XII. Como Angelica foi por encanto arrebatada em hum carro de fogo; e depois achada, foi livre por Bernardo de hum dragão, que a queria tragar. . . . . 24
- CAP. XIII. Como Bernardo soube quem eraõ seus Pais. . . . . 29
- CAP. XIV. Como hums piratas, ou corsarios raiubarão Angelica andando à caça, e Bernardo partiu em huma armada para a buscar. . . . . 31
- CAP. XV. Como depois que Bernarde alcançou os corsarios, e os venceu em batalha; restaurando a Angelica, a sua não se perdeu em huma tormenta. . . . . 34
- CAP. XVI. Como Bernardo escapou da tormenta, e livrou huma mulher de ser morta por hum leão, e com ella partio para Delphos. . . . . 36
- CAP. XVII. Como Bernardo foi às festas de Thebas, e nellas venceu em singular desafio a Orlando sobrinho de Carlos Magno. . . . . 39
- CAP. XVIII. Como Bernardo, vencido Orlando, foi às festas de Corintho, e venceu muitos Cavalleiros do Imperio Oriental correndo a argolisha. . . . . 43
- CAP. XIX. Como Bernardo partio para Hespanha, e em Catalunha matou tres Capitães Franceses, que o querião prender. . . . . 46
- CAP. XX. Como Bernardo venceu segunda vez em singular contenda a Orlando. . . . . 48
- CAP. XXI. Como Bernardo chegou à Corte de Oviedo, e partio com huma armada para Italia a defender Roma, e muitos singulares combates, que venceu, com morte de muitos valentes Longobardos. . . . . 51
- CAP. XXII. Como Bernardo chegou ao sitio de Roma, esta se livrou, e Bernardo voltou a Oviedo. . . . . 53
- CAP. XXIII. Da causa por que Carlos Magno, e seus Pares investirão com guerra a Hespanha, e conselho, que se fez nas Cortes de Leão para a defença. . . . . 55
- CAP. XXIV. Como Bernardo foi feito General de Hespanha, e levantou exercito; cam que foi oppor-se a Carlos Magno. . . . . 56

- CAP. XXV. Da celebrada, e deploravel batalha de Rancesvalhes, em que ficaram vencidos, e mortos os Pares de França. . . . . 58
- CAP. XVI. Como Bernardo venceu ao Rei Mouro Marsilio, que tinha sido causa da traição, por que os Pares de França se perderão. . . . . 62
- CAP. XVII. Como Bernardo venceu em batalha a Ibrahim, General do Imperador dos Mouros, e o prendeo. . . . . 65
- CAP. XXVIII. Como ham General Mouro destruiu a Cidade de Flavia, e depois foi vencido em Galliza por Bernardo. . . . . 67
- CAP. XXIX. Como Bernardo venceu em batalha o Rei Mouro de Lamego, que estava sitiando Bragança. 70
- CAP. XXX. Como Ores, Rei Mouro de Merida, pôz sitio a Benavente, e foi vencido, e morto em batalha por Bernardo. . . . . 72
- CAP. XXXI. De alguns progressos, que Bernardo fez contra os Mouros, e venceu em batalha o Alcaide de Tolcáo. . . . . 74
- CAP. XXXII. Como Bernardo venceu em batalha a Alcaima, Rei Mouro de Badajoz, que tinha sitiada Samorra, e fez levantar o sitio. . . . . 76
- CAP. XXXIII. Da entrada, que D. Buesso, Duque Soberrano de Guicna, fez em Hespanha, e foi vencido, e morto por Bernardo. . . . . 78
- CAP. XXXIV. Como Bernardo alliado com Inigo Arista Rei de Navarra conquistou o Reino de Aragoão, vencendo quatro batalhas decisivas ao Rei Mouro Marsilio, e matou a este. . . . . 82
- CAP. XXXV. Como Bernardo venceu em batalha a Eristan Mouro, General do Imperador de Cordova. 84
- CAP. XXXVI. Da grande victoria, que Bernardo alcançou de Mahoma; e livrou o Reino de Galliza da oppressão dos Mouros, com morte do mesmo Mahoma. . . . . 87

- CAP. XXXVII. Como Bernardo não pôde alcançar a liberdade de seu Pai, e se desnaturalizou de vassallo dos Reis de Leão, fazendo seu assento no Castello del Carpio, donde tomou o appellido. . . . . 90
- CAP. XXXVIII. De algumas cavalgadas, que Bernardo fez em terras do Rei de Leão, e de como os soldados deste não quizerão pelejar contra elle. . . . . 92
- CAP. XXXIX. Como Bernardo pôz sitio a Penharanda, venceu o Alcaide de Toledo em batalha, e conquistou outras muitas praças dos Mouros. . . . . 93
- CAP. XL. Como Bernardo seguiu a guerra contra os Mouros, e conquistou a Cidade de Rodrigo, e no assalto esteve quasi morto. . . . . 95
- CAP. XLI. Como Bernardo venceu hum valente Mouro, chamado Dubdú, Alcaide de Placencia; e em segunda batalha ao mesmo, e ao Alcaide de Toledo. . . . . 97
- CAP. XLII. De huma grande batalha, que venceu Bernardo ao soberbo Imperador dos Mouros Abderrahamen sobre o rio Guadiana. . . . . 99
- CAP. XLIII. Como Bernardo passou por estratagem a Tejo, depois que fez treguas com dois Soberanos Mouros, e venceu os Alcaldes de Coria, e Toledo, com morte deste. . . . . 103
- CAP. XLIV. Como Bernardo livrou o Castello del Carpio ao cerco, que lhe tinhaõ posto os Reis de Leão, e venceu a estes em batalha, e pazes que fizeram, e engano que se lhe fez com seu Pai defunto. . . . . 105
- CAP. XLV. De partida, que Bernardo fez para França, e victorias, que alcançou contra os inimigos daquela Monarquia. . . . . 108
- CAP. XLVI. Como Bernardo del Carpio restaurou Italia tyrannizada de outro Bernardo, sobrinho de Carlos Magno. . . . . 112
- CAP. XLVII. Como os filhos do Imperador Luis Pio depuzeram do Throna ao dila seu Pai, e foi restituído por Bernardo del Carpio. . . . . 114







*Livros que se vendem em Casa de Rolland,  
Rua Nova dos Martyres, N.º 3.*

- Abridgment of Murray's English Grammar, a  
new edition, em 8.*
- Adagios, Proverbios, Rifãos e Anexins da Lingua  
Portugueza, em 4.*
- Afflicção Confortada, dirigida á Virtude da Pa-  
ciencia, em 8.*
- Aforismos Moraes, e Instructivos, Sentenças,  
Pensamentos, Bons Ditos, etc., em 8.*
- Agricultura simplificada segundo as Regras dos  
Antigos, em 8.*
- Amigo do Principe, ou o Bom Cidadão, em 8.*
- André, ou a Pedra de Toque, em 8. 2 Vol.*
- Apolôgos, e Contos Orientaes, huns para rir, e  
outros para chorar, em 8.*
- Arrependimento, e Confissão Pública de Voltaire,  
em 8.*
- Arte de Agradar na Conversação, seguida de Ma-  
ximas moraes, para reger-nos sisudamente no  
Mundo, em 8.*
- Arte de Brilhantes Vernizes e das Tinturas, em 12.*
- Arte de Conhecer os Homens, em 8. 2 Vol.*
- Arte da Grammatica da Lingua Portugueza, em 8.*
- Arte da Guerra, Poema do Grande Frederico,  
Rei de Prussia, em 8.*
- Arte Poetica de Boileau, em 8.*
- Arte Poetica de Horacio, em 8.*

- Arte de Surgrar**, em 8.
- Atlas Moderno**, para uso da **Mocidade Portugueza**, em 8.
- Aventuras de Telemaco**, **Filho de Ulysses**, por **M. Fenelon**, em 8.
- Barco do Pescador**, **Obra approvada pelo Arcebispo de Paris**, em 8.
- Belizario**, por **Marmontel**, **traduzido em vulgar**, em 8.
- Boa Lavradora**, ou a **Caseira economica**, em 8.
- Bom Lavrador**, ou o **Apaixonado da Lavcura**, em 8. 2 Vol.
- Caracteres da Amizade**, por **Caraccioli**, em 8.
- Carlos Seymour**, ou o **Amor Filial**, seguido do **Joven Passarinheiro**, **Obra approvada pelo Arcebispo de Paris**, em 8.
- Cartas sobre a Educaçao do Bello Sexo**, em 8.
- Cartas sobre as Modas**, em 8.
- Choupana Irlandeza**, **Obra approvada pelo Arcebispo de Paris**, em 8.
- Class-Book: or 365 Reading Lessons, adapted to the use of Schools*, em 8. 4 Vol.
- Collecção de Historias**, para **instrucção da Mocidade**, em 8. 3 Vol.
- Collecção de Peças importantes**, em 8. 2 Vol.
- Compendio de Arithmetica**, para **uso das Primeiras Escolas**, em 8.
- Compendio de Arithmetica**, para **uso da Mocidade**, em 8.
- Compendio das Epocas**, e **Successos mais illustres da Historia Geral**, em 8.
- Compendio da Grammatica Portugueza**, em 8.
- Compendio Historico dos Magistrados Romanos**, em 8.

- Compendio de Historia Antiga, e particularmente da Grega, em 8.
- Compendio de Historia Moderna, em 8.
- Compendio da Historia Romana, em 8.
- Compendio das Metamorfoses de Ovidio, em 8.
- Compendio Elementar de Economia Politica, em 8.
- Compendio Historico, Universal de todas as Sciencias e Artes, em 8.
- Condecinha de Flores, Obra approvada pelo Arcebispo de Paris, em 8.
- Conselhos a minha Filha, em 8. 2 Vol.
- Conselhos, e Avisos de huma Mãe a seus filhos, em 8.
- Conselhos de Pai para Filho em qualquer estado da Vida, em 8.
- Contos Filosoficos para Instrucção, e recreio da Mocidade, em 8. 2 Vol.
- Contos Moraes para entretenimento, e instrucção das Pessoas curiosas, em 8.
- Contos a minha Filha, em 8. 2 Vol.
- Cordeirinha, Obra auctorizada pela Universidade de Paris, em 8.
- Corographia Cabo-Verdiana, em 8. 2 Vol.
- Cruz de Páo, seguida do Menino Perdido, e da Capella da Floresta, Obra approvada pelo Arcebispo de Paris, em 8.
- Cuidados Faceis para o Aceio da Bocca, e Conservação dos Dentes, em 8.
- Descripção das Enfermidades dos Exercitos, em 12.
- Despedidas (As ultimas) da Marechal de \*\*\* a seus filhos, em 8.
- Desvarios da Razão, ou Correspondencia do Marquez de Valmont com o Conde, e Condessa seus filhos, em 8. 4 Vol.

- Deveres do Homem, ou Cathecismo Moral, em 8.**  
**Dialogos Francezes, e Portuguezes, em 8.**  
**Diccionario Inglez-Portuguez, e Portuguez Inglez, em 4. 2 Vol.**  
**Diccionario Portatil Inglez-Portuguez, e Portuguez-Inglez, 2 tom. em 1 Vol.**  
**Diccionario Portatil Inglez e Portuguez, resumo do de Antonio Vieira, 1 Vol.**  
**Diccionario (Novo) da Lingua Portugueza, em 4.**  
**Diccionario Portuguez das Plantas, Arbustos, Matas, Arvores, Animaes quadrupedes, e reptis, Aves, Peixes, Mariscos, Insectos, Gomas, Metaes, Pedras, Terras, Mineraes, &c. em 8. 2 Vol.**  
**Diccionario para uso do vulgo, em 8.**  
**Diccionario de Synonymos Portuguezes, em 4.**  
**Discurso acerca de Horacio e suas Obras, por Filinto Elysio, em 16.**  
**Discurso sobre a Historia Universal, por Bossuet, em 8. 2 tom. em 1 Vol.**  
**Elementos da Civilidade, e da Decencia, em 8.**  
**Elementos da Poetica, em 8.**  
**Escola Fundamental, em 8.**  
**Escola de Politica, ou Tratado Pratico de Civilidade Portugueza, em 8.**  
**Fabulas de Lafontaine, traduzidas por Filinto Elysio, em 16. 2 Vol.**  
**Fabulas Litterarias de Dom Thomaz Yriarte, em 8.**  
**Familia Oswald, Obra approvada pelo Arcebispo de Paris, em 8.**  
**Fernando, Historia de hum Joven Hespanhol, Obra approvada pelo Arcebispo de Paris, em 8.**  
**Geneveva de Brabante, Obra approvada pelo Arcebispo de Paris, em 8.**

- Georgicas de P. Virgilio Marão, em 8.
- Grammatica (Nova) para aprender a traduzir, fallar, e escrever a Lingua Franceza com perfeição, e brevidade, em 8.
- Grammatica Portugueza, e Ingleza de Antonio Vieira, em 8.
- Henrique d'Eichensels, Obra approvada pelo Arcebispo de Paris, em 8.
- Historia Abbreviada da Descoberta, e Conquista das Indias pelos Portuguezes, em 8.
- Historia dos dous Irmãos Estevão e Valentim, em 8.
- Historia Romana, desde a fundação de Roma até a decadencia do Imperio do Occidente, em 8.  
2 Vol.
- Hyrlauda, Condessa de Bretanha, Obra approvada pelo Arcebispo de Paris, em 8.
- Indice Chronologico das Navegações, Viagens, Descobrimentos, e Conquistas dos Portuguezes nos Paizes ultramarinos desde o principio do Seculo XV, em 8.
- Instrucção sobre a Logica, ou Dialogos sobre a Filosofia Racional, pelo Padre Manoel Alva-  
res, em 8.
- Lições de Boa Moral, de Virtude, e de Urbanidade, em 8.
- Lições Elementares de Eloquencia Nacional, em 8.
- Lições Elementares de Poetica Nacional, seguidas de hum breve Ensaio sobre a Critica litteraria, em 8.
- Livro dos Meninos, ou Idéas geraes, e definições das cousas, que os Meninos devem saber, em 8.
- Ludovico, ou o Pequeno Emigrado, Obra approvada pelo Arcebispo de Paris, em 8.
- Magnum Lexicon Latinum & Lusitanum*, em 4.

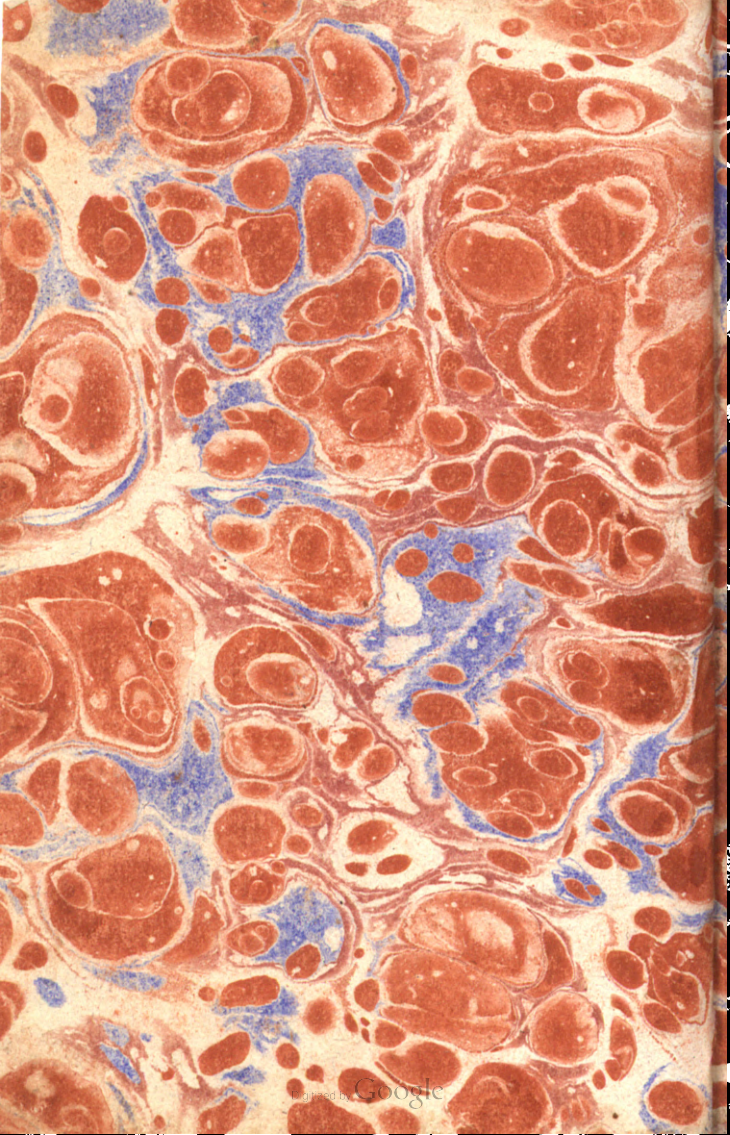
- Maria, ou a Festa das Rosas, obra approvada pelo Arcebispo de París, em 8.
- Methodo Grammatical Resumido da Lingua Portugueza, composto por Joaquim Casimiro, em 8.
- Noticia da Mythologia, onde se contém em fórma de Dialogo a Historia do Paganismo, para a intelligencia dos antigos Poetas, Pinturas, Esculturas, &c. &c., em 8.
- Nova Guia da Conversação, em Inglez, e Portuguez, por G. Hamonière, augmentada com o Resumo da Grammatica Ingleza de Murray, em 8.
- Nova Guia da Conversação, em Portuguez, e Francez, por G. Hamonière, em 8.
- Nova Guia da Conversação, em Italiano, e Portuguez, por Hamonière, em 8.
- Observações sobre as Virtudes da Boa Latinidade, em 8.
- Odes de Horacio, em Latim e Portuguez, traduzidas litteralmente por José Antonio da Matha, nova edição, em 8.
- Orthographia Portugueza por Madureira, em 8.
- Pequeno Falcoeiro, obra approvada pelo Arcebispo de París, em 8.
- Pequeno Jack, Obra approvada pelo Arcebispo de París, em 8.
- Pequeno Proprietario Francez, pelo Barão Carlos Dupin, em 8.
- Perfeito Pedagogo na Arte de Educar a Mocidade, em 12.
- Plutarco da Mocidade, nova edição augmentada, e ornada de 32 Retratos, em 8.
- Conde de Monte-Christo, por Alexandre Dumas, em 8. 4. Vol.











UNIVERSITY OF MICHIGAN



3 9015 05514 9515

